USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

SABLE SORENSEN



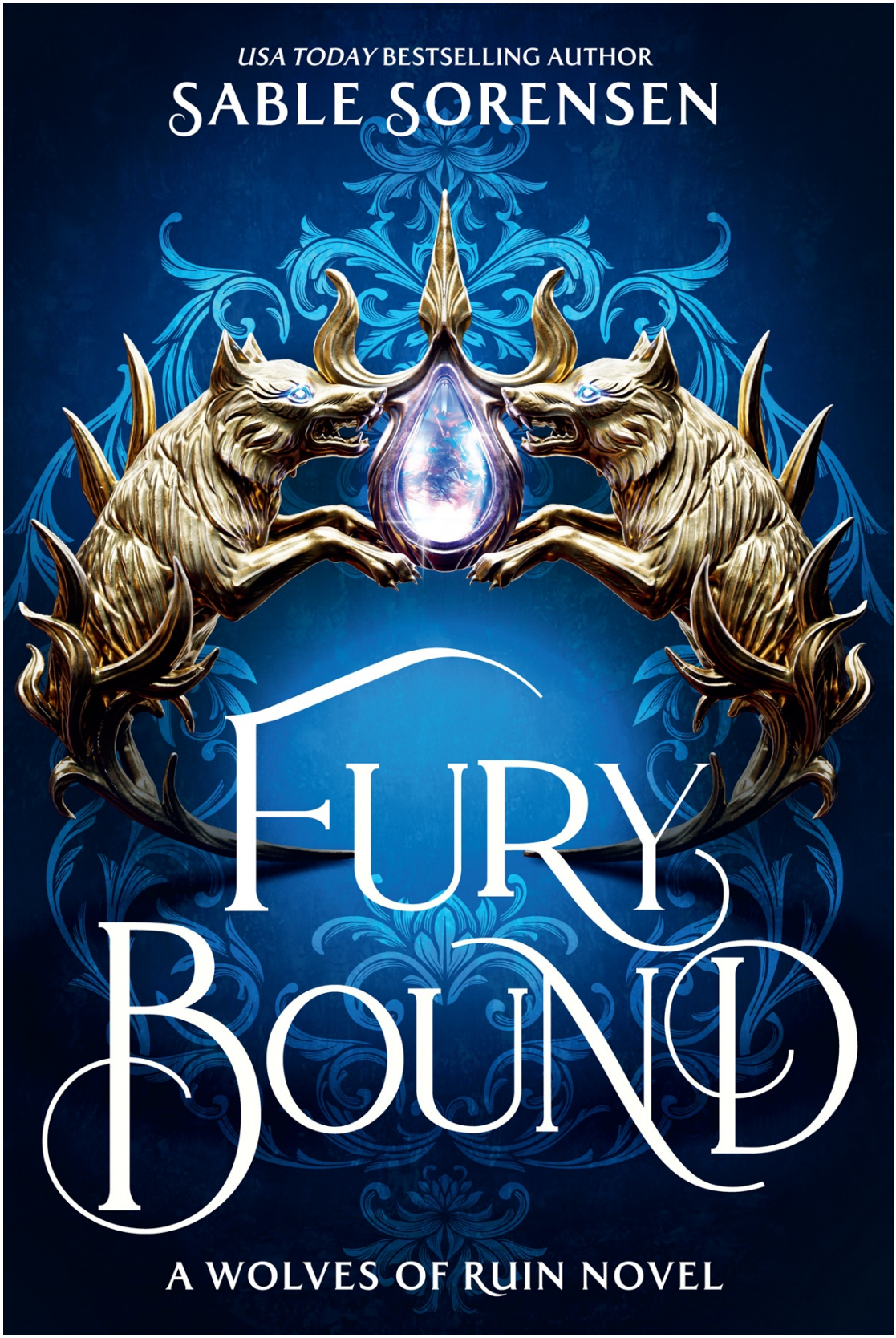
FURY BOUND

A WOLVES OF RUIN NOVEL

Índice

Capa
Página de Título
Direitos autorais
Dedicatória
Mapa
1 Meryn
2 Meryn
3 Meryn
4 Forte
5 Meryn
6 Meryn
7 Meryn
8 Strong
9 Meryn
10 Meryn
11 Meryn
12 Strong
13 Meryn
14 Strong
15 Meryn
16 Meryn
17 Meryn
18 Meryn
19 Strong
20 Meryn
21 Strong
22 Meryn
23 Meryn
24 Meryn
25 Meryn
26 Meryn
27 Strong
28 Meryn
29 Meryn
30 Meryn
31 Strong
32 Meryn
33 Meryn
34 Meryn
35 Strong
36 Meryn
37 Meryn

38 Meryn
39 Strong
40 Meryn
41 Meryn
42 Meryn
43 Meryn
44 Meryn
45 Meryn
46 Meryn
47 Fortes
48 Meryn
49 Meryn
50 Meryn
51 Meryn
52 Meryn
53 Meryn
54 Meryn
55 Meryn
56 Meryn
57 Meryn
58 Meryn
59 Meryn
60 Meryn
61 Strong
Agradecimentos
Descubra mais
Por Sable Sorensen
Um Guia das Matilhas Ligadas de Nocturna
Glossário de Termos
Guia de Personagens
Playlist "Fury Bound"


USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
SABLE SORENSEN
FURY BOUND
A WOLVES OF RUIN NOVEL

FURY BOUND

THE WOLVES OF RUIN



SABLE SORENSEN

REQUITED
New York Boston

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência.

Direitos autorais © 2026 por Sable Sorensen
Mapa com direitos autorais © 2025 por Andrés Aguirre Jurado

Arte © da capa 2026 por Sasha Vinogradova. Letras por David Coulson. Design original da série por Ivy Beautiful Books. Capa com direitos autorais © 2026 por Hachette Book Group, Inc.

O Hachette Book Group apoia o direito à livre expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzirem as obras criativas que enriquecem nossa cultura.

A digitalização, upload e distribuição deste livro sem permissão constitui roubo da propriedade intelectual do autor. Se você deseja permissão para usar material do livro (exceto para fins de resenha), entre em contato com permissions@hbgusa.com. Obrigado pelo seu apoio aos direitos do autor.

Correspondido
Grupo de Livros Hachette
1290 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10104
Requited.com

Primeira Edição: maio de 2026

Requited™ é um selo da Hachette Book Group, Inc.

A editora não se responsabiliza por sites (ou seu conteúdo) que não pertencem à editora.

Livros correspondidos podem ser adquiridos em grande quantidade para uso comercial, educacional ou promocional. Para informações, entre em contato com seu livreiro local ou com o Departamento de Mercados Especiais do Hachette Book Group no special.markets@hbgusa.com.

Dados de Catalogação em Publicação da Biblioteca do Congresso estão disponíveis.

ISBNs: 978-0-316-60141-2 (capa dura de luxo), 978-0-316-60159-7 (capa dura padrão), 978-0-316-60143-6 (ebook), 978-0-316-60809-1 (internacional), 978-0-316-60993-7 (edição deluxe assinada), 978-0-316-61030-8 (edição Target)

E3-20260402-JV-NF-ORI

Conteúdo

Capa
Página de Título
Direitos autorais
Dedicatória
Mapa

1 Meryn
2 Meryn
3 Meryn
4 Forte
5 Meryn
6 Meryn
7 Meryn
8 Strong
9 Meryn
10 Meryn
11 Meryn
12 Strong
13 Meryn
14 Strong
15 Meryn
16 Meryn
17 Meryn
18 Meryn
19 Strong
20 Meryn
21 Strong
22 Meryn

23 Meryn
24 Meryn
25 Meryn
26 Meryn
27 Strong
28 Meryn
29 Meryn
30 Meryn
31 Strong
32 Meryn
33 Meryn
34 Meryn
35 Strong
36 Meryn
37 Meryn
38 Meryn
39 Strong
40 Meryn
41 Meryn
42 Meryn
43 Meryn
44 Meryn
45 Meryn
46 Meryn
47 Fortes
48 Meryn
49 Meryn
50 Meryn
51 Meryn
52 Meryn
53 Meryn
54 Meryn
55 Meryn

56 Meryn
57 Meryn
58 Meryn
59 Meryn
60 Meryn
61 Strong

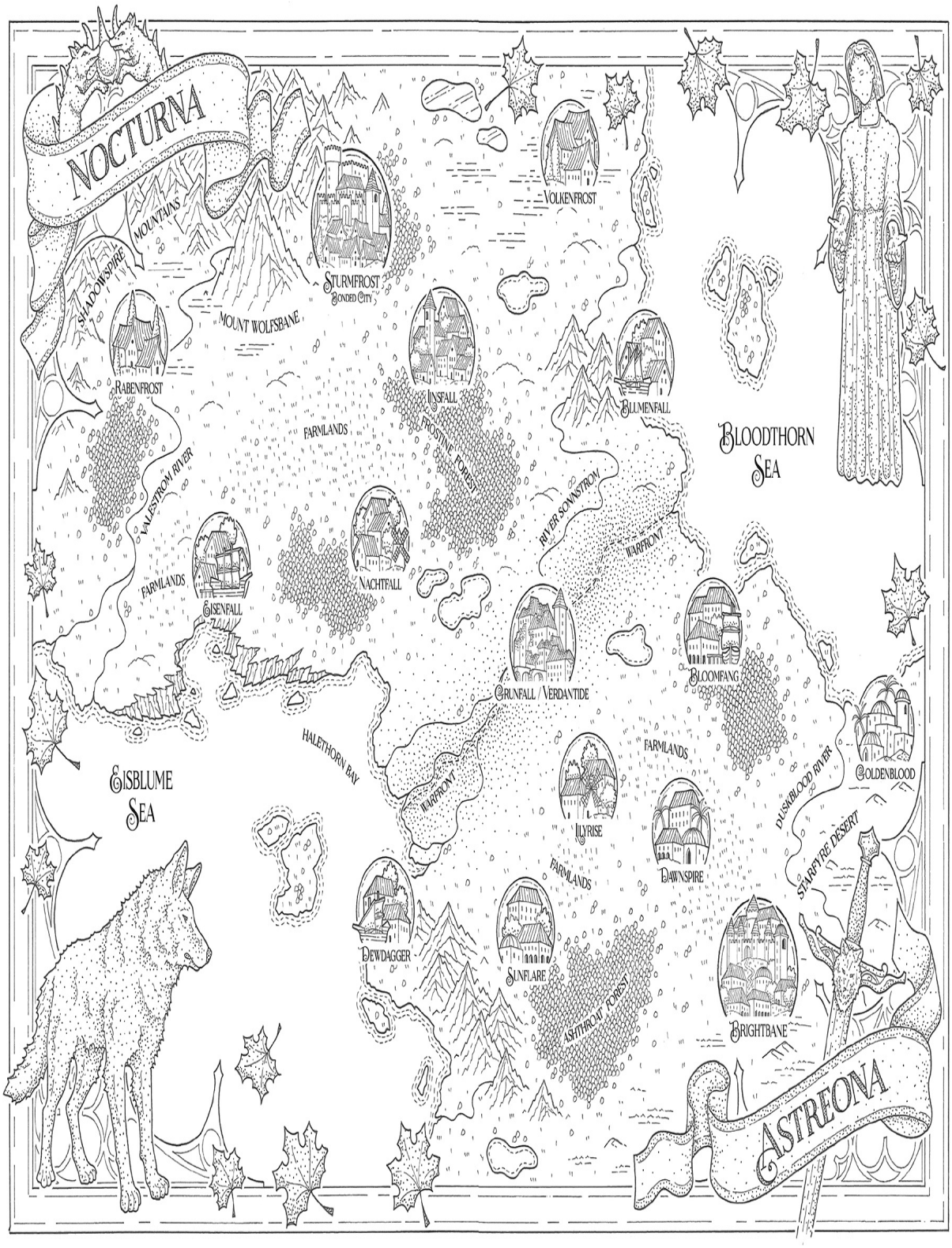
Agradecimentos
Descubra mais
Por Sable Sorensen
Um Guia das Matilhas Ligadas de Nocturna
Glossário de Termos
Guia de Personagens
Fury Bound Playlist

Para todos cuja força está na sobrevivência.
Já chega.

Explore sorteios de livros, prévias, promoções e muito mais.

Clique aqui para saber mais.




NOCTURNA
SHADOWSPIRE MOUNTAINS
STURMFROST
Bonded City
VOLKENFROST
MOUNT WOLFSBANE
RABENFROST
VALESTROM RIVER
FARMLANDS
FROSTINE FOREST
UNSFALL
BLUMENFALL
BLOODTHORN SEA
RIVER SONNSTROM
WARFRONT
NACHTFALL
EISENFALL
FARMLANDS
GRUNFALL / VERDANTIDE
BLOOMFANG
EISBLUME SEA
HALETHORN BAY
WARFRONT
FARMLANDS
DUSKBLOOD RIVER
GOLDENBLOOD
LILYRISE
DAWNSPIRE
STARFYRE DESERT
FARMLANDS
DEWDAGGER
SUNFLARE
ASHTHROAT FOREST
BRIGHTBANE
ASTREONA

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro contém temas maduros e explícitos que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo violência nas páginas, situações adultas, automutilação e discussões sobre agressão sexual e abuso infantil. Para uma lista completa de flags e clichês de conteúdo, por favor visite o site do autor: sablesorensen.com

GUIAS E MATERIAIS ADICIONAIS

Para uma análise dos quatro pacotes Bonded de Nocturna, um glossário de termos usados, uma lista de personagens com pronúncias e uma playlist, consulte os materiais adicionais no final do livro. Note que pode haver pequenos spoilers!

1



MERYN

Trespira fundo, Meryn.
A escuridão se contorce ao meu redor, movendo-se de maneiras impossíveis. Ela se abre em batimentos de coração, revelando imagens que me destroem.
Sangue, em um respingo escarlate viscoso.
Respire.
Riscos vermelhos violentos pelo chão de pedra cinza.
Respire.
Sobre o rosto rosnado da minha irmãzinha Saela — seus lábios e seus... presas.
Meryn, respira fundo.
Meu peito dói dolorosamente, e as sombras se contraem novamente, deixando o quarto na escuridão total mais uma vez. Enquanto faziam isso, braços fortes e reconfortantes apertam minha cintura.
Mas eu não posso, eu não posso, eu não posso—
"Respira fundo, Meryn!"
Ofego, a respiração falhando. A voz rosnante na minha cabeça não é minha, percebo, mas sim a do meu lobo gigante vinculado, Anassa. A enorme loba prateada encosta o nariz no meu lado enquanto o ar inunda meus pulmões, e eu volto totalmente para o meu corpo.
As sombras se abrem novamente. É um poder novo e estranho, mas tenho algum nível de controle sobre ele. Claramente, ela responde às minhas emoções.
Para meu choque. Para minha fúria.
Passei os últimos quatro meses treinando para me tornar um dos Vinculados, tudo na esperança de chegar à linha de frente da guerra para encontrar Saela. Ela foi sequestrada da nossa casa, roubada à noite para alimentar os Sifões em nosso país vizinho, Astreona.
Ou pelo menos era o que eu pensava.
Saela se contrai no chão à minha frente, sangue pingando do queixo. Estremeco ao ver suas novas presas. Depois de tudo que passei para encontrá-la, para salvá-la... Minha irmãzinha foi transformada em uma delas. Uma Sifão ela mesma.
Com a sede de sangue incontrolável para provar isso.
Helene, membro da matilha Daemos, está ao lado do escritório de Stark. Seus

olhos atônitos estão arregalados, e ela segura a mão sobre o pescoço ensanguentado—mas está segura. O vínculo dela com seu lobo gigante já curou a ferida que Saela causou.
Helene está bem, mas minha irmã, meu tudo...
Eu avanço em direção à Saela, desesperada para chegar até ela, ajudá-la, pará-la, de alguma forma mudar o que está acontecendo.
Mas esses braços ao meu redor me seguram forte.
"Me solta, Stark!" Eu cuspo. As sombras avançam em nossa direção, respondendo ao meu acontentamento.
Antes que eu possa me libertar, o enorme lobo gigante negro de Stark, Cratos, avança contra Saela com um rosnado violento.
Meu estômago despenca, e luto desesperadamente contra o forte aperto de Stark. "Não!"
Cratos vai matá-la. Minha doce menina, minha linda irmã. Ele vai arrancar a garganta dela porque ela é perigosa agora.
Lágrimas escorrem pelo meu rosto em filetes quentes.
"Parem ele", imploro tanto a Stark quanto a Anassa. "Cratos, pare!"
Ele pula nela, e eu grito. O quarto fica escuro novamente.
Anassa encosta o nariz no meu lado, mais forte dessa vez. "Meryn, ele não vai matá-la. Ele está prendendo ela para sua proteção e para a de todos os outros. Respire mais uma vez."
Faço o que me mandam. As sombras se abrem novamente.
Cratos segura Saela, duas patas enormes pressionando suas costas, empurrando-a contra o chão. Mesmo assim, ela se arqueia de volta, quase derrubando-o de cima dela.
Quase derrubando um lobo gigante pelo menos três vezes maior que ela com a flexionar da coluna.
Minha boca se abre e sinto a cor sumir do meu rosto. Toda aquela força no corpo de uma menina de onze anos.
Saela nunca foi forte fisicamente. Ela era a criança esperta nos livros. Eu era o forte. Ela se adaptou bem ao treinamento de autodefesa, mas mesmo assim — sempre lutou com palavras, não com músculos.
Seus olhos cor de avelã se aguçam, e ela move o corpo repetidamente, balançando Cratos para cima e para baixo. Anassa encontra meu olhar com o dourado, e consigo perceber o que ela está pensando sem que ela sequer se comunique.
Cratos sozinho não vai mantê-la no chão. Anassa corre até sua companheira, colocando as patas nas costas de Saela.
Meu sangue esquenta de medo. Não só para minha irmã... mas dela.
Passamos as aulas aqui aprendendo sobre Sifons, estudando-os, mas ainda há tanta coisa que eu não sei. Os Sifões mantêm algum pouco de quem eram antes de mudarem? Quão humanos eles ainda são, depois das presas?
Quero correr até ela, segurá-la nos meus braços como fiz momentos atrás. Ela estava sorrindo e segura.
Ela estava segura.
Ela ainda está lá dentro? Ou será que ela vai ficar tipo... Isso? Para sempre?
Saela grita, um grito arrepiante que ecoa pela sala. Isso está machucando ela.

Meu cotovelo bate no lado de Stark, e eu escorrego para soltar. Mas só por um momento. A mão dele se fecha no meu pulso e me puxa para trás com tanta força que meu ombro quase se solta.
"Sifões recém-transformados são mais perigosos," Stark sussurra no meu ouvido. Ele me segura contra o peito, os braços como amarras de ferro. O toque dele queima em mim, e eu odeio isso. Eu odeio isso e também me agarro a ele.
"Eu vi isso na frente. Muitas vezes. É um jogo que os astreonanos gostam de jogar. Por favor, escute."
Ainda assim, momentaneamente surpresa do pânico pela urgência na voz dele. Por favor, ele disse.
"Eles transformam nossos soldados em Sifões e os colocam contra nossas forças. Quando a transformação acontece pela primeira vez, novos Sifões são consumidos pela sede de sangue e matam tudo que vierem. Ela não te conhece agora, e pode te matar", diz Stark baixinho.
Ela pode te matar. Saela, a garotinha que chorava se eu amarrasse suas tranças muito apertadas. Que trancava nossa porta e deitava a cabeça no meu colo nas noites em que nossa mãe ficava violenta. Que uma vez pegou um rato em nossa casa e, em vez de matá-lo ou levá-lo para fora, criou uma cama para ele dentro de uma caixa de fósforos e o chamou de Felix.
Como isso é real? Mas ele está certo. Surpreendentemente, assustadoramente certo. Minha doce irmãzinha é... sumiu.
Minha mente gira enquanto tento pensar no que fazer a seguir e ignoro os pensamentos vingativos e turbulentos sobre por que estamos nessa situação. Do homem — não, do monstro — que fez isso com minha irmã.
Meu noivo.
A fúria me corta por dentro, fazendo minhas veias queimarem — e com ela, as sombras se projetam em direção ao teto em uma onda implacável.
Mais uma respiração, e as sombras deslizam pelas paredes.
É isso que ele queria: eu, distraída e fraca demais para lidar com a crise que está diante.
Ele não pode mais manipular minhas ações. Saela precisa que eu esteja calma e equilibrada.
Ela vem primeiro.
"Cratos e eu não podemos continuar segurando ela assim para sempre", diz Anassa, percebendo meu raciocínio.
"Ok," digo, a mente clareando. "Precisamos contê-la."
Eu me encosto em Stark, e ele deve perceber que não vou correr em direção a Saela de novo, porque afrouxa o aperto em mim.
"E então temos que levá-la para um lugar seguro", digo a Stark. "Um lugar onde ela não possa se machucar ou machucar os outros enquanto decidimos o que fazer."
Piscando para clarear a visão, limpo a bochecha com a mão trêmula. A solução veio até mim, e eu odeio isso.
"Não acredito que estou dizendo isso, mas acho que vamos precisar levá-la de volta para as masmorras."
A sugestão tem gosto estranho e horrível na minha língua. Colocando minha irmã de volta naquele lugar escuro e de pesadelo. Mas que outra escolha temos?

Virando-me, olho para Helene e Grigore. A cor voltou às bochechas de Helene, mas Grigore ainda paira sobre ela preocupado, uma mão em seu ombro.
"Vocês dois vão manter isso em segredo. Você não deve contar a absolutamente ninguém o que presenciou aqui."
Finalmente, ao ouvir o tom gelado da minha voz, Stark me libera completamente, e a perda do toque dele é momentaneamente chocante. Suas pernas longas o levam pelo quarto em poucos passos, e eu assisto atordoado enquanto ele abre um baú e remexe nele procurando algo. Ele volta rápido ao meu lado, mas passa por mim para alcançar Saela.
Stark arrasta a mão pelo lado de Cratos antes de se ajoelhar e agarrar as pernas da minha irmã, juntando-as para amarrá-las firmemente. Correntes de prata, percebo, fortes o suficiente para contê-la. E um pano para usar como mordaça.
Ele segura seus cabelos escuros para prender a mordaça entre as presas. A cena me enfurece, meus dedos se mexendo com a vontade de bater nele. Anassa também se irrita, um rosnado baixo ecoando por ela. Mas Cratos se inclina para frente e encosta o nariz no dela para ajudá-la a passar pela emoção.
Mesmo quando estou irritado, também sou grato, porque precisa ser feito e Deus sabe que eu nunca teria conseguido fazer isso sozinho.
Ainda não consigo admitir totalmente para mim mesmo que isso está realmente acontecendo. Que estou prestes a trancar minha irmã atrás das grades como se ela fosse inimiga.
Que, na verdade, ela se tornou uma inimiga.
Ela me mataria. Saela me mataria se aquelas correntes não estivessem nos membros dela.
Stark acena para Grigore, e os dois a levantam juntos. Ela se contorce nos braços deles, manchada de sangue e lutando, mas as correntes a prendem firmemente. Desvio o olhar, a garganta apertada.
Não consigo observá-la assim, então faço a única coisa que posso: colocar um pé na frente do outro e levar todo mundo para as masmorras. Eu os levo para os primários, não para o lugar escondido onde Saela e as outras crianças estavam mantidas.
Parece que foi há apenas algumas horas que Venna me levou para o ventre do castelo e descobriu minha irmã em cativeiro. Há poucas horas estávamos planejando tirá-la de lá. Nunca imaginei que a prenderia de novo.
Nos movemos silenciosamente, rápido, evitando qualquer notação. Meu entorno é uma cruel imitação do meu estado mental enquanto afundamos cada vez mais na escuridão e no abandono.
Os corredores que levam às masmorras são úmidos e sombrios, rachaduras atravessando as pedras, água de degelo entrando aqui e ali. Os arandelas nas paredes são cada vez menos frequentes. Finalmente, chegamos a uma fileira de células relativamente secas e bem iluminadas.
O primeiro tem espinhos bárbaros e suportes na parede, e passamos rapidamente por ele. Stark e Grigore param duas portas adiante, espiando o espaço. Eu pairo atrás deles, meus olhos se ajustando lentamente à escuridão cada vez maior.
Stark me olha para a decisão, e eu assinto, quase imperceptivelmente. Aprovando a prisão da minha irmã. Reprisão.
"Helene," digo roucamente. Ela olha para mim, olhos arregalados. "Vá encontrar

o Líder Aldrich e envie-o até nós."
O Líder Aldrich é o Vinculado mais velho do castelo e o líder mais experiente. Ele era responsável pelos nossos Testes de Ligação.
Ele vai ter alguma ideia de como nos ajudar. Como resolver isso. Ele precisa.
Tardiamente, percebo que poderia alcançar Aldrich na minha mente se quisesse. Anassa disse que agora poderíamos alcançar todos os Vinculados—e ele é da matilha do Stratego, de qualquer forma; Eu sou o Alfa dele. Mas não confio em mim mesmo para me comunicar exatamente neste momento.
Helene se curva rapidamente e se vira, correndo para longe das masmorras. Observo ela ir embora, sem saber se é a ordem minha, o medo da minha irmã ou o ambiente sombrio que a dá tanta velocidade.
Grigore diz algo para Stark. Ele assente, se prepara e solta Saela. Minha irmã bate com os punhos amarrados no peito de Stark, mas ele apenas faz uma careta e a movimenta para que ela não consiga se apoiar.
Grigore puxa a porta da cela com um rangido, e Stark entra, baixando Saela em um catre. Ele a deixa lá, ainda amarrada, porque tirar as correntes dela colocaria vidas em risco.
Stark sai da cela, olhos cautelosamente fixos em Saela enquanto se move. Assim que sai, Grigore bate a porta da cela novamente, pegando a chave de um anel montado na parede oposta.
O som da chave batendo o parafuso ecoa nos meus ouvidos.
Saela se levanta e cambaleia até as grades. Grigore pula para longe enquanto Saela joga seu pequeno corpo contra eles. Metal geme e tilta.
Ela se joga contra as grades repetidas vezes, e o som arranca meu coração do peito. Gostaria de poder segurá-la como fazia quando estava na prisão do rei.
Mas se eu alcançasse, ela rasgaria meu braço e drenaria o sangue das minhas veias.
"Pare," imploro fracamente, dando meio passo à frente. "Você vai se machucar."
Os olhos de Saela estão selvagens e frenéticos, indo de um lado para o outro. Nunca conheci a minha, nem reconheceu que falei com ela.
A garota que eu amo não está lá de jeito nenhum.
O calor de Anassa está atrás de mim, e me permito me apoiar nela. O calor dela se instala sobre mim. Ela me mantém em pé quando minhas pernas ficam fracas.
Quando Aldrich finalmente aparece, me sinto separado de mim mesmo.
O homem mais velho observa a cena à sua frente, sua mandíbula barbuda caindo momentaneamente em choque antes de se recompor. Que visão devemos ser.
Especialmente eu, ainda usando um vestido ridículo, uma coroa na cabeça.
Aldrich abre a boca para falar, mas eu avanço, estendendo a mão para detê-lo. Anassa me ajuda a recuperar a energia que me resta.
"Como eu faço isso?" Pergunto rápido. De alguma forma, ela já tinha sido quem compartilhou as memórias com Helene e Grigore antes, mas eu sei que preciso fazer isso agora.
"Encontre o rio em sua mente que te conecta aos Vinculados e procure por ele entre a matilha do Strategos. Formem a conexão apenas com Aldrich, e certifiquem-se de focar nele, depois empurrem suas memórias para ele, como se as colocassem em um barco na corrente."
Faço o que ela manda e, ao mesmo tempo, estendo a mão novamente,

colocando-a no antebraço envelhecido dele. Os olhos preocupados dele encontram os meus, e preciso desviar o olhar para não desabar. O contato com a pele ajuda a solidificar nossa conexão mental. Então foco e mando minhas memórias para ele.
Minha cabeça dói instantaneamente, e o suor começa a formar gotas no couro cabeludo por causa do esforço.
Mas funciona.
Concedo a ele conhecimento da minha realeza, da maldição, do que foi feito conosco. Como Alistair Brightbane roubou o trono dos meus ancestrais, como ele usou sua linhagem para se manter no controle todos esses séculos. Como uma maldição de sangue Sifão trancava a verdade. Como Stark me ajudou a descobrir tudo, e como Killian fugiu.
O líder Aldrich cai de joelhos. As mãos dele tremem enquanto ele me alcança em silêncio, pegando minha mão e pressionando-a contra a testa.
Engulo em seco. "Por favor, levante-se. Por favor." As palavras saem de mim, suplicantes e patéticas. "Aldrich... Esta é minha irmã na cela. Temos que ajudá-la."
A compreensão surge em seu rosto, e sua boca se contorce numa mistura de pena e nojo. Preciso desviar o olhar.
"Certamente deve haver algo que possamos fazer." Até eu consigo ouvir o quanto estou desesperado. "Alguma forma de consertar isso, de reverter."
Me tornei Vinculada, virei rainha para resgatá-la dos Nabbers — ou de Killian e seu pai, como se viu. Eu faço qualquer coisa por ela.
Não pode ter sido tudo em vão.
Aldrich não responde imediatamente. Em vez disso, seus olhos se voltam para Stark. Eles permanecem ali, e não estou tão perdido no meu luto para entender o que aquele olhar significa.
Eu sei o que os dois estão pensando: eles não acreditam que podemos reverter isso.
"Por favor," imploro novamente. "Me diga o que fazer."
Aldrich engole em seco. Ele junta as mãos, com simpatia nos olhos. "O principal que ajudaria Saela é sangue humano. O máximo possível. Ela tem uma sede insaciável, e se ela não for satisfeita logo, isso a matará."
"Tudo bem," digo, cerrando os dentes. "Então ela vai beber de mim."
Stark estala a língua irritado. "De jeito nenhum. Não se pode confiar em Saela nesse estado para não te drenar."
E mais uma vez, ódio e gratidão desorientadora se misturam dentro de mim.
"Talvez", diz Aldrich timidamente, "um animal grande bastasse."
Assento, desesperado por qualquer coisa que possamos tentar.
"Cratos e eu vamos caçar. Vamos trazer um alce para a Saela", Anassa me diz, e eu estremeço de alívio.
"Vamos tentar isso," respondo. Os lobos se viram e correm de volta pelo caminho por onde viemos, desaparecendo na esquina.
E agora? Minha mente gira por fios de lógica para tecer um plano. Quais passos preciso tomar para encontrar uma saída para isso?
Como Strategos, minha mente deveria conseguir tecer estratégias facilmente. Afinal, é um dos poderes da nossa matilha. Mas agora, estou tão desorientado

que nem consigo alcançar essa parte de mim.
Ainda assim, sei que controlar a narrativa será importante.
Encontro o olhar do Líder Aldrich. "Alguém já sabe que Killian foi embora?"
Ele balança a cabeça. "Depois que você matou o Rei Cyril, todos os nobres fugiram de volta para seus feudos, mas os Vinculados ainda estão aqui. Eles aguardam suas ordens para a linha de frente. Só o novo governante pode emitir essas ordens, e eles esperavam ouvir do jovem Valtiere pela manhã."
Bom dia. Oh deusa. Logo será de manhã.
Meu corpo tem funcionado só com adrenalina, e o lembrete repentino de que tanto tempo passou me envolve com um pesado manto de exaustão. Esfrego os olhos, lutando para mantê-los abertos.
"Eu vou..." Parei, tentando lembrar o que ia dizer. "Vou falar com todo mundo de manhã, então. Você deveria descansar um pouco."
Não percebo que estou inclinado até que meu pé enrosca na pedra numa tentativa desajeitada e inútil de me segurar. Eu bati no peito de Stark, suas mãos calejadas e tatuadas se fechando em volta dos meus braços.
O toque dele me traz de volta ao despertar momentâneo, e eu o empurro para longe, piscando rapidamente.
"Vá dormir", ele diz com voz rouca.
"De jeito nenhum." Estou cansado demais para sequer encarar de novo. "Não vou sair do lado da Saela."
Stark resmunga e passa a mão pelo cabelo. Ele passa por mim, Aldrich e Helene o seguindo, e resmunga algo que soa muito como "Mulher teimosa."
Saela se acalmou um pouco. Ela ainda se bate repetidamente contra as grades, mas agora faz isso fraco, a têmpora mal batendo no ferro. Seus olhos se fixam no nada, não veem nada.
Alguns minutos depois, um som alto de arranhão me tira do meu sofrimento. Stark coloca um colchão de dormir no chão da masmorra. Ele passa a mão sobre ele para tirar um pouco de poeira, depois dá tapinhas como se quisesse me convencer de que será confortável.
Caí nela sem discutir, cansada demais para tentar achar algo para brigar com ele. Mas estou determinado a ficar acordado para vigiar Saela, então me deito de lado enquanto Stark se acomoda ao meu lado, encostado na parede de pedra.
Mas não consigo evitar. Meus olhos estão pesados demais, e por mais que eu resista, eles se fecham.
A sensação familiar de cair em um sonho me atinge. Abro os olhos para tentar ficar acordado.
Mas não estou mais nas masmorras.
Estou em algum lugar escuro, um quarto de cinzas e sombras sem fim, sem pisos, paredes ou tetos. As sombras giram ao redor dos meus pés como névoa.
É real demais para ser um sonho, e minha respiração prende em pânico.
Virando, olho em todas as direções, mas não há nada além da imensa imensão.
"Você finalmente chegou, meu filho", diz uma voz masculina profunda, ecoante e assustadora—a mesma voz que sempre falou comigo. A voz que me mandou pegar a coroa. De quem é a voz?
E de onde ela vem? Meu estômago revira; Algo está muito errado.
Me viro rapidamente, procurando a origem, mas ainda assim não há nada lá. As

sombras sobem como fumaça. Eles pingam para baixo como estalactites. Começo a tremer.
Onde estou, abro a boca para perguntar, mas nenhum som sai.
"Você está aqui, mas deixou uma porta abrir que não pode fechar... E por isso ele também está aqui", a voz me diz.
Ele está bravo comigo, eu percebo — seja lá quem for. Um tremor de medo percorre meu corpo.
As sombras começam a girar violentamente, girando ao meu redor, se fechando. O funil de escuridão aperta e aperta, até começar a envolver minha garganta e me sufocar.
Grito dormindo e acordei com um suspiro ofegante. Minhas unhas cravam no catre. Não sei quanto tempo fiquei desacordado, mas Anassa e Cratos devem ter voltado e ido embora de novo porque há um alce morto na cela da Saela.
E um mar horrível de sangue manchando as pedras.
Minha irmã está dormindo em uma bola no chão, com o rosto e os braços inteiros até os cotovelos encharcados de sangue.
Engolo os soluços enquanto me sento. Stark ainda está dormindo, encostado na parede, a cabeça apoiada na pedra. Não deve ser confortável lá.
Me movendo para o lado, ajoelho ao lado dele. Seus cílios grossos e escuros se contraem enquanto sonha. Estendo a mão para tocá-lo. Só para acordá-lo, digo a mim mesma.
Mas antes que eu consiga, uma dor disparou na minha cabeça. Estremeço, minha mão voando até o ponto de agonia. É invasivo, como se alguém estivesse pressionando uma agulha lentamente na minha têmpora, cada vez mais fundo, centímetro por centímetro.
E quando está alojado fundo o suficiente, eu ouço.
Ele.
"Bom dia, Vinculado", diz Killian.
Eu reconheceria a voz dele em qualquer lugar. Uma vez, sussurrou pelo espaço delicado de um travesseiro. Agora está distorcido, mas ainda é suave e bonito.
De alguma forma, mesmo não sendo Vinculado, ele está acessando nosso rio silencioso de comunicação. Ele está se comunicando comigo telepaticamente. Que porra é essa?
Os olhos de Stark se abrem imediatamente. O alarme no rosto dele me diz que ele também consegue ouvir.
A voz de Killian fala novamente em nossas cabeças.
"Há um usurpador entre vocês."

2



MERYN

I É quase impossível alcançar todos os Vinculados ao mesmo tempo.
Apenas duas pessoas têm o poder, pelo que sei: o Soberano Alfa, Siegrid Therion... E, aparentemente, eu. Mas enquanto Killian fala, a certeza se forma nos meus ossos: Ele está alcançando todos os Vinculados durante toda Nocturna.
Meus olhos descem até a pulseira de noivado que ele prendeu no meu pulso; O rubi ainda gira com sombras escuras. Está assim desde que ele recorreu à minha magia nos aposentos dele. E há aquele estranho que ainda persiste.
Parte do meu poder está cortada de mim, presa em qualquer feitiço distorcido que esteja tecido nessa pulseira.
Seja lá o que ele esteja fazendo—ele está fazendo isso usando meus poderes, roubando minha magia.
"A Deusa Sem Rosto me abençoou com a habilidade de me comunicar através dos vínculos do lobo como recompensa pela minha fidelidade aos Ligados e ao reino", diz Killian com naturalidade.
Não consigo evitar—rio.
Que besteira absoluta. E tão totalmente previsível. Ele vai mentir para todos os Vinculados do mesmo jeito que mentiu para mim.
Meu rosto cora de calor furioso e eu arranho a pulseira no meu pulso. Mas mais uma vez aperta contra minha pele, fazendo-me estremecer de dor. Nesse momento, imagens pulsam na minha mente.
Com um sobressalto chocado, percebo que ele está compartilhando memórias pelo vínculo, exatamente como Anassa me ensinou.
Lá estou eu, meu cabelo prateado brilhando, meu rosto coberto de sangue da batalha na formatura. Anassa paira atrás de mim enquanto eu pego a Lâmina Dire, a espada de lobo do rei que impulsiona os lobos gigantes. Com o rosto torcido em uma carranca assustadora, descer a espada em um golpe impiedoso na garganta do rei.
Meu verdadeiro eu sentia adrenalina e orgulho bombeando naquele momento, mas agora esses sentimentos estão ofuscados pelos de Killian — ou, pelo menos, pelo que ele quer que acreditemos que ele viveu.
Um horror frio percorre seu corpo. Dor, desgosto e terror.
A visão se transforma na próxima memória. Estamos no quarto do Killian. Eu o

tenho imobilizado, montado nele enquanto ele se contorce embaixo de mim, desconfortável e apavorado. Meus olhos cor de avelã estão arregalados e selvagens, e mais uma vez levanto a espada do pomo do lobo. Pressiono no pescoço dele.
Killian projeta uma lembrança de dor ardente enquanto a lâmina corta a pele delicada em sua garganta. Seu coração bate forte de medo enquanto ele encara a mulher monstruosa à sua frente, uma mulher em quem ele cometeu o erro de confiar.
Uma mulher que não era de forma alguma quem parecia, que finalmente revelou seu verdadeiro e feio eu. É como se ele tivesse pegado minha própria perspectiva sobre ele e virado isso contra mim.
Em ambas as memórias, sou um vilão indiscutível.
Eu também me odiaria, se esse fosse todo o contexto que eu tivesse.
A visão termina, e eu pisco de volta para as masmorras. Stark chama minha atenção. Seu olhar é assassino, suas mãos tatuadas fechadas em punhos cerrados que exigem ação.
"Meryn Cooper me expulsou de Sturmfrost e tomou o trono", continua Killian.
Meu sangue ferve. Ele sabe a verdade tão bem quanto eu: eu não sou o Cooper. Sou uma Rainha Sturmfrost. E eu vou reivindicar o direito de nascença que a família dele roubou da minha.
"Ela é perigosa, instável e inimiga de Nocturna. Esse plebeu delirante não é confiável."
Um engasgo estrangulado escapa de mim. Quero acreditar que ninguém poderia ouvi-lo, mas eu acreditei nele, uma vez. E não posso fugir do elemento verdade dessas memórias.
Eu fazia essas coisas, e eu ficava assustador fazendo-as.
Mas ele é um maldito Sifão.
"Estou estabelecendo uma fortaleza no oeste e reunirei forças para retomar meu trono. Incentivo qualquer pessoa que acredite na verdade e na justiça a se juntar a mim. Juntos, devolveremos Nocturna à sua glória legítima."
Com isso, a conexão termina, com uma reviravolta mental que encerra violentamente o canal que ele abriu.
"Verdade e justiça?!" Eu grito, minhas palavras ecoando nas masmorras quase vazias. Desdobrando os punhos, percebo que minhas unhas têm marcas em lua crescente nas palmas das mãos, praticamente fazendo sangrar.
Minha mente está intimamente conectada ao fluxo de emoções vinculadas. As reações deles chegam de toda Nocturna em uma torrente de choque, descrença e confusão.
Foder.
Cruzo o olhar com Stark novamente. "Preciso falar com eles. Agora."
"Sim," ele diz simplesmente.
"Mas eu..." Olho para mim mesmo. Ainda estou com aquele vestido idiota que o Killian me colocou. A mesma que estava na memória que ele acabou de mostrar para todos.
É o uniforme de uma mulher instável e delirante. Não quero alimentar essa mentira.
"Você parece—" Stark diz, então para de repente, pressionando os lábios cheios

em uma linha tensa. Emoções giram por trás dos olhos dele, sombrias e indecifráveis, enquanto ele me observa.
Levanto a cabeça. "O quê?"
"Você está apresentável o suficiente," ele diz rigidamente. Ele deve ter entendido o motivo da minha hesitação. "Esperar mais vai deixar espaço para dúvidas."
Engolo em seco e assinto. Então forço uma respiração profunda para dentro e para fora dos pulmões. Só preciso me lembrar que a verdade está do meu lado, não do Killian. E eu também tenho algumas lembranças condenatórias para mostrar.
"Anassa," falo mentalmente para meu lobo gigante. "Você consegue alcançar todos os lobos que estão aqui no castelo e garantir que seus cavaleiros cheguem à arena? Deixe claro que terei respostas para eles."
Isso é algo que eu provavelmente conseguiria fazer. Mas não sei como simplesmente alcançar as pessoas que estão fisicamente aqui em Sturmfrost — e se eu estendesse a mão longe demais, será que Killian me ouviria?
Há um momento de silêncio, e então Anassa responde: "Está feito."
Meu olhar demora no corpo adormecido e ensanguentado de Saela. Ela parece tão pequena e indefesa, mesmo com a verdade de sua existência espalhada pela cela. Deixá-la por um momento é como uma punhalada no meu estômago. Está errado.
E pela segunda vez, Stark parece ler minha mente. "Helene e Grigore vão cuidar dela enquanto você estiver fora. Nada vai acontecer com ela. Eu prometo."
Sua voz é curta e profissional, mas suas palavras são tão gentis. Tudo que posso fazer é dar um aceno tenso.
Dói sair do lado da Saela, mas se eu não for, o Killian vai corromper o resto do meu mundo também.



A arena está silenciosa, mas meu coração está disparado. Juro que as reverberações estão sacudindo as paredes a cada bombeamento do meu sangue.
Stark está à minha esquerda, parado resolutamente como se os centenas de olhos olhando para cima para nós não o incomodassem nem um pouco. Anassa e Cratos nos flanqueiam, observando as pessoas reunidas abaixo.
Os Vinculados estão entrando, e eu preciso piscar para afastar a imagem do abate final que o Rei Cyril ordenou. Pedido da própria plataforma onde estou agora. O sangue escorrendo das mordidas, enquanto os Rawbonds se voltavam uns contra os outros. Irritado, vermelho e errado.
Meu estômago revira. "Quero acabar com qualquer assassinato desnecessário," penso meio para mim mesmo, meio para Anassa. O reconhecimento dela é um zumbido tranquilizador no fundo da minha cabeça.
Aqui são principalmente Rawbonds recém-formados, embora alguns Bonded que vieram para a formatura tenham se juntado à multidão. Esses soldados experientes ficam em formação, mas os jovens guerreiros circulam em grupos, com grupos em grande parte juntos.
Pelo canto do olho, vejo o cabelo escuro de Jonah com mechas vermelhas onde

ele está com alguns de seus amigos de rosto de doninha, agrupados e conversando entre si em voz baixa. Cada um deles tem uma mão apoiada no punho de uma espada ou no cabo de uma adaga.
Ele olha para cima, e há um brilho afiado em seu olhar que me deixa desconfortável. Estamos em conflito desde a manhã da Ascensão, quando ele atacou Izabel, e nunca recusou a chance de tentar me machucar.
Anassa também percebeu o grupo dele, e seus lados começam a vibrar com um rosnado baixo, mas nenhum deles se move em nossa direção.
Ao redor do perímetro da arena, servos do castelo ficam nervosos, inquietos. Stark ordenou que todos os servos do castelo se reunissem — garantindo o máximo de testemunhas para o que quer que esteja prestes a acontecer — mas alguns ainda entram pelas portas da arena.
É difícil esperar aqui no estrado. Me sinto um impostor. Como eu não faria isso?
Achei que era plebeu há apenas alguns meses. Ainda sou plebeu em muitos aspectos. Meu vestido está sujo das masmorras, meu cabelo é um emaranhado prateado-branco, meus olhos provavelmente estão vermelhos de privação de sono e choro interminável.
Parte plebeu, parte Ligada, parte rainha, mas uma bagunça o tempo todo.
Mas eu estou aqui. Eu preciso estar aqui. Tenho que ser mais do que sou.
"Você precisa, então vai," Anassa me diz, lembrando-me do que ela disse no dia em que inesperadamente me tornei Alfa da matilha Strategos.
"Preciso, então vou sim," concordo.
Stark avança e me entrega um amplificador em forma de cone, e eu o pego com a mão apenas levemente trêmula.
Na meia hora desde que saí das masmorras, Anassa tem me orientado sobre como alcançar todos os Vinculados. Preciso enviar uma mensagem complexa — incluindo memórias — para milhares por toda Nocturna. Estou preparado para ser cansativo, mas sei que consigo.
Porque se Killian conseguiu alcançar todos com minha magia, eu também posso.
Amargor é um combustível potente, ao que parece.
Depois de várias respirações lentas, fecho os olhos e empurro minha consciência para fora. Minha mente passa primeiro por fluxos familiares. Anassa. Minha mochila. Meu povo. Duro, confusamente.
Os canais que usei antes estão abertos, livres. Consigo sentir mais mentes além deles, como se através de uma névoa baixa que paira sobre a água. Aperto os olhos com mais força e pressiono. Então, após um breve momento de resistência, eu avanço.
Eu fluo para as mentes dos outros Vinculados abaixo de mim, depois transbordo além das paredes da arena. Se Killian está em algum lugar por aqui nessa conexão... Não consigo senti-lo.
É quase fácil demais. Há um vasto mar de magia dentro de mim, e cada mente Vinculada é um rio que flui de sua fonte. Só preciso focar na minha magia e seguir a corrente natural até eles.
Fácil fazer a conexão, é isso — mas incrivelmente avassalador de manter isso, especialmente quando tudo começa a voltar para mim, me afogando em conexão. É vertiginoso, e assim como quando enviei minhas memórias para Aldrich, o suor começa a formar gotas na minha testa.

Então vêm as mentes dos Vinculados a uma distância maior, veteranos endurecidos pela batalha na linha de frente, cansados, irritados e impacientes. Cambaleio um pouco, tentando manter os canais abertos.
Mas instantaneamente, uma mão encontra minhas costas—me firmando, me empurrando para ficar ereta.
Forte.
Engolo em seco e alargo minha postura para evitar mais encontros com a gravidade. Quando abro os olhos e levanto o amplificador para falar, a mente de Anassa avança, encontrando a minha. Palavras se acumulam em minha consciência, e a influência de Anassa as impulsiona a se espalhar como navios navegando por cada tributário Vinculado.
Esse é o tipo de líder que eu quero ser. Direto. Sério.
"Quero falar sobre o que vocês ouviram do Killian mais cedo. Vocês merecem saber a verdade, todos vocês. Sim, eu matei o Rei Cyril", digo a eles, falando em voz alta para que os servos possam ouvir enquanto ecoo as palavras em minha mente, projetando-as para todos os Vinculados.
Imediatamente, os Vinculados que não estavam na cerimônia de formatura respondem com ainda mais choque e confusão, suas reações voltando por mim.
"Eu o matei, mas tive motivos justos. Ele não era o homem que pensávamos. Na verdade, ele não era um homem. Minhas ações não foram motivadas pela insanidade, mas pela minha consciência."
Reúno as imagens que sei que vão me provar honesto. Ao contrário do Killian, não preciso distorcê-los e alterá-los para enfatizar meu ponto. A verdade é suficiente.
Eu mostro tudo para eles.
As crianças atrás das grades, apavoradas e negligenciadas. Saela, chorando e estendendo a mão para mim da cela dela. A confissão de Killian sobre sua verdadeira natureza e de seu pai como Sifons, recipientes para Alistair Brightbane. O jeito que as presas de Killian brilhavam por trás do sorriso nauseante.
A memória da magia sombria se contorcendo ao nosso redor, se curvando em minha direção e voltando para ele enquanto usava minha magia para escapar.
O efeito é imediato. Suspiros e exclamações ecoam pela arena. Os Ligados mais velhos entram em movimento, quebrando a formação para se reunir em pequenos grupos ou ir até seus lobos. Guerreiros e lobos se afastam para seus cantos da arena para processar e conversar.
Os sentimentos delas explodem na minha mente enquanto mantenho a conexão mental. Raiva. Incredulidade. Horror. Luto.
Os servos do castelo, incapazes de ver o que estou mostrando ao resto, olham ao redor confusos diante do caos. Falo rápido porque prometi respostas.
"Meu nome é Meryn Sturmfrost. Sou descendente das Rainhas de Sturmfrost, as governantes originais de Nocturna. Minha família foi destituída de seu lugar legítimo no trono por um Sifão chamado Alistair Brightbane."
Mais memórias. A coroa antiga, que agora repousa sobre minha cabeça. O livro da coleção Stark, detalhando a linhagem real. Os diários da minha mãe, com seus desenhos enigmáticos.
"Alistair Brightbane tem saltado de corpo por gerações de reis, usando magia de

sangue para manter seu governo e apagando a memória da verdadeira linhagem real. Cyril e seu filho, Killian, são descendentes e seus recipientes, cúmplices em servi-lo."
Com isso, a arena volta ao silêncio. Dentro da minha cabeça só tem barulho. O que os Vinculados estão sentindo... É um caos. Mesmo enquanto processam minhas memórias e minhas palavras, mais de um resiste.
Meu controle sobre os canais de comunicação vacila e falha enquanto algumas mentes se rebelam contra mim, contra meu domínio em suas mentes. Barreiras surgem quando alguns Ligados instintivamente tentam me afastar, assim como eu fazia com Anassa.
Ofego, me esforço contra ele. Consigo manter a conexão, embora em alguns pontos ela seja reduzida, como um fio minúsculo. Pessoas unidas por todo o reino estão lutando contra mim, rejeitando a terrível verdade.
Posso culpá-los? Será que eu acreditaria em qualquer parte disso se não tivesse visto tudo com meus próprios olhos? Meu olhar se volta para Anassa, e ela envia um pulso de segurança pelo nosso vínculo.
"Não se preocupe. Estou apoiando suas alegações sobre os lobos", ela diz.
Cerro os dentes e foco intensamente no rio de comunicação dentro de mim. Minhas têmporas começam a latejar de novo com o esforço.
Tirando o máximo de força possível do suporte de Anassa, tento uma tática diferente. Algo que os ajude a entender que eu não sou a louca que Killian está me pintando.
"Podemos ter uma Nocturna melhor", digo em voz alta enquanto penso isso para todos que estão ouvindo. "Não precisamos lidar com tanta morte nas Provas de Ligação. As pessoas podem ter comida suficiente, podem alimentar suas famílias. Eu quero... Quero consertar tudo isso."
As palavras saem embaralhadas, sem prática. Ninguém nunca disse que eu era bom em fazer discursos.
"Quero ser uma rainha justa, alguém de quem você possa se orgulhar de servir. Eu vou... Vou ouvir o que as pessoas precisam. E farei o meu melhor para fazer o certo por todos vocês." Cada palavra soa mais constrangedora que a anterior, ecoando no silêncio tenso.
"Me dê uma chance, e eu provarei que sou leal a Nocturna. Deixe-me tentar ser o líder que nosso país merece."
Exausto e sem ideias, libero minha conexão com o Vinculado com um puxão mental terrível, como uma corda se desfazendo que de repente se solta. É exaustivo e chocante. Os outros Vinculados recuam diante do uso pouco elegante dos meus poderes, e eu estremeco e espero para ver qual será a resposta.
Silêncio. Então murmúrios baixos, Vinculado a Vinculado, humano a humano.
"Para deixar claro," vem a voz severa do Soberano Alfa Siegrid, alcançando todos os Vinculados do mesmo jeito que eu fiz de algum lugar distante, "minha família e eu somos os protetores juramentados da coroa, e reconhecemos Meryn Sturmfrost como a herdeira legítima do trono. Como seu Alfa Soberano, espero ver essa mesma lealdade de todos os verdadeiros Vinculados."
Isso me tira o ar do peito.
Ela está lá na frente, mas suas palavras terão peso para todos os Vinculados ali e ali. E como Alfa Soberana, ela e seu lobo poderiam teoricamente comandar

todos os Vinculados a seguir seu exemplo.
Acredito que eu também poderia, em teoria. O Rei Cyril certamente poderia, usando a Lâmina Dire.
Mas ao colocar isso como um incentivo e não como um comando direto, Siegrid está dando ao nosso povo algo que eles não têm há tempo demais. Algo que eu também quero que eles tenham: livre-arbítrio.
Só posso torcer para que seja suficiente.
Por um longo e constrangedor momento, ninguém na arena se mexe. O som da minha própria respiração pesada parece alto e patético enquanto olho ao redor, sem saber o que esperar a seguir.
O Líder Aldrich avança primeiro, se afastando de um grupo de Vinculados mais velhos, caminhando devagar, cabeça erguida até o momento em que a curva. Ficando afastado da multidão, ele se ajoelha. Sua loba o segue, abaixando a cabeça e fechando os olhos.
Então Aldrich diz: "Juro minha lealdade a você, Rainha Meryn."
Lágrimas brotam nos meus olhos com o reconhecimento, e pisco para contê-las. Ouvir suas palavras ditas em voz alta, me chamando de rainha... o momento congela cristalino na minha mente, e sei que nunca vou esquecê-lo.
Minhas amigas Izabel e Venna avançam em seguida, seus lobos flanqueando os gêmeos. Mordo o lábio inferior, com força, para evitar que as lágrimas voltem. Ambos me saudam e então se ajoelham ao lado de Aldrich, seus lobos abaixando a cabeça em respeito. Tomison, Nevah e seus lobos se juntam a eles.
É estranho, no começo, vê-los assim. Eles me ensinaram a lutar. Eu fiquei bêbado com eles. Sobrevivemos juntos. E eles estão se curvando para mim.
A fé deles em mim se expande no meu peito, dolorosa e reconfortante ao mesmo tempo.
A tensão na arena é densa enquanto todos esperam para ver o que os outros farão. O rosnado de Anassa começa de novo, e sinto sua mente focando, lutando contra algo—tendo sua própria comunicação mental com os lobos, presumo.
Então o restante da classe Strategos Rawbond avança, um ou dois pares por vez. Lobos prateados se ajoelham, seus cavaleiros se curvando ou ajoelhando-se ao lado deles.
O apoio massivo deles me faz sentir um calor atravessado. Até Anassa se endireita um pouco enquanto observamos a fila de lobos e cavaleiros do Stratego, todos reconhecendo uma verdade que eu mesmo mal assimilei.
Sou o líder legítimo dos Vinculados, e de todos os Nocturna.
Depois disso, o restante dos instrutores de Trials sobe à frente, assim como alguns Kryptos, seguidos por alguns cavaleiros Daemos e Phylax.
Mas percebo que não é a maioria dos Vinculados. Grupos de cavaleiros Vinculados mais velhos ainda se mantêm separados, falando entre si em voz baixa ou comunicando-se silenciosamente com seus lobos.
Os funcionários do castelo se agrupam todos perto das saídas da arena, observando a cena com olhos cautelosos ou se afastando silenciosamente. Não posso culpá-los por não quererem se aproximar dessa enorme reunião de lobos gigantes e cavaleiros, independentemente de suas lealdades.
Vários Rawbonds também hesitam. Muitos deles são pessoas que já vi uma dúzia de vezes, até lutei ao lado nesta mesma arena, mas nunca conversei ou tive

uma interação real com eles.
Maldito Killian. Passei tanto tempo com aquele mentiroso e menos tempo do que poderia ter conhecido meus colegas Rawbonds. Agora vou ter que me esforçar ainda mais para conseguir eles do meu lado.
"Agora que você decidiu que eles valem a pena ter do seu lado," Anassa repreende suavemente, e percebo que estive pensando nela.
"Você tem razão," respondo, suspirando. "Mas, em minha defesa, talvez eu tivesse prestado mais atenção em conquistar apoio se soubesse um pouco mais sobre o que estava por vir."
Anassa solta um resmungo régio e não responde.
"Por favor, levantem-se," chamo, percebendo que alguns dos Vinculados ainda estão se curvando. "Eu sei que a verdade sobre a linhagem Valtiere é chocante. E tudo isso é muito novo. Para ser honesto, ainda estou tentando entender exatamente o que tudo isso significa. Espero poder contar com sua ajuda para garantir que essa transição seja pacífica."
Há um movimento repentino à minha direita, e eu giro a tempo de ver Jonah atravessar um grupo de meus apoiadores de Kryptos, sentados montados em seu lobo.
"Você deveria montar", Anassa avisa, mas eu balanço a cabeça.
"Não quero escalar nada," insisto. "Não precisa haver briga aqui hoje."
A cauda de Anassa balança, mas ela a deixa descansar.
"Você não passa de um mentiroso nascido da sarjeta," rosna Jonah.
Abro a boca para me defender, mas ele se vira para a multidão, um valentão com plateia.
"Vocês realmente vão deixar esse matador de reis roubar o trono de Nocturna? E quanto à nossa missão sagrada como Vinculados para proteger o rei e o país?"
Jonah e seu lobo andam de um lado para o outro, sabendo que todos os olhos estão grudados nele, claramente aproveitando o momento.
"Ela afirma que nosso príncipe é um Sifão. Que seu pai, o Rei Cyril, também era um. Se isso fosse verdade, por que eles teriam investido tudo para eliminar a ameaça dos Sifões ao nosso sul? Estamos em guerra com Astreona há séculos, com o total apoio dos reis!"
Jonah se vira para me encarar diretamente, sua expressão dura e feia.
"Não. O que faz mais sentido é que essa vadia novata queria ser rainha, viver uma vida de luxo em vez de lutar pelo país. Mas o Príncipe Killian não quis tê-la depois que ela perdeu a cabeça e matou nosso rei. Como a vadia rancorosa que é, agora está fazendo o possível para roubar o que é legitimamente do Príncipe Killian. Do Rei Killian."
Meu fôlego sai do corpo ao ver pessoas ouvindo ele—acreditando nele, ou escolhendo acreditar nele. Ele se intrometeu em uma situação que não o diz respeito, criou um discurso conveniente para ele, e para quê?
Porque ele é um narcisista vingativo.
Olho ao meu redor com frustração, agarrando-me a algo, qualquer coisa, que eu possa fazer para fazer essas pessoas acreditarem na verdade.
Que peso minhas palavras ou ações poderiam ter agora, se todos acham que sou mentiroso e traidor? Se eles estão mais convencidos pelos homens que têm o poder aqui há séculos — e não estão dispostos a ouvir uma mulher das favelas?

Com um chiado de metal contra metal, Jonah habilmente saca sua espada da bainha, erguendo-a bem alto.
Meu sangue esquenta de pânico quando ele abre a boca e direciona meu povo contra mim.
"Verdadeiros Nocturnos, para mim! Morte ao usurpador!"

3



MERYN

Milhões de coisas acontecem ao mesmo tempo.

Instintivamente, faço punhos no pelo da Anassa, me puxando para as costas dela. Meus amigos se aproximam. Izabel, Tomison e o restante dos Strategos se unem automaticamente em uma formação defensiva ao redor da plataforma.

Venna se afasta e circula em um arco apertado. Sua loba, Skaia, se junta em seus ancas para saltar na plataforma ao meu lado.

"Alfa Stark!" Venna grita, gesticulando animadamente em direção a algo atrás de mim.

Stark e eu mudamos de ideia.

Uma mulher Kryptos mais velha e seu lobo se materializaram atrás de nós. Seu lobo cinza rosnante avança, e eu rapidamente desembainho a Lâmina Dire, me preparando para um golpe.

Mas em vez de me enfrentar em batalha, o lobo e o cavaleiro avançam baixo e forte. A cabeça do lobo gigante bate nas patas dianteiras de Anassa, nos derrubando.

Eu me solto das costas de Anassa enquanto descemos para não me ver esmagado sob meu lobo. A plataforma bate contra mim com um estalo que tira o fôlego, e o mundo gira, minha mão soltando a espada. Protejo meu rosto com os braços enquanto caio uma, duas vezes.

E então não há nada debaixo de mim. Caio no ar, caio da plataforma e caio de cara na terra. Com um gemido, me empurro para cima e de costas.

Minha cabeça está leve, girando. Eu procuro aquelas sombras escuras que respondem à minha raiva, mas não passam de um sussurro. Essa queda me enfraqueceu.

O céu escurece, e eu pisco, lutando contra a inconsciência. Então o mar de negro se materializa em pelos escuros e rosnantes e violência encarnada: Cratos e Stark.

Cratos pousa bem à minha frente, os dois protegendo minha frente.

Anassa ainda está na plataforma, agachado defensivamente, uma pata possuidamente no cabo da Lâmina Dire.

Perdi a coroa de Sturmfrost na minha queda, percebo atordoado, mão na têmpora —

"Ali!" O rosnado mental de Anassa corta o pensamento.
A mulher Kryptos e seu lobo se materializam na frente de Stark e alguns passos à direita. Ela usa seu poder Kryptos para ocultá-los enquanto se movem.
O controle dela é impressionante — não entendo como ela permanece tão completamente escondida em um lugar tão luminoso. O que está acontecendo? É só porque ela é mais velha?
Ou será que algo aconteceu para tornar a magia... mais forte?
Pegando minha espada, assumo uma postura de combate.
Mais uma vez, porém, a dupla Kryptos faz algo inesperado. Em vez de virem para cima de mim, eles balançam largo. A mulher saca uma lança curta e crava algo que brilha na terra.
Então eles fogem correndo.
Minha coroa, percebo, estômago caindo. Foder. Há uma escuridão sussurrante nas minhas veias, mas, mais uma vez, é só um sussurro.
Stark e eu nos olhamos, e eu assinto, respondendo à pergunta no olhar dele. "Recupere."
"Minha rainha", ele diz. Ele e Cratos avançam tão rápido que mal os vejo se mover.
Anassa salta da plataforma, e eu monto novamente, conectando-me com o resto do Strategos para avaliar a situação. Ainda estou enfraquecida pela queda e me afasto do esforço de tentar alcançar quem está fora da minha matilha novamente.
"Jonah tinha várias equipes plantadas ao redor do perímetro", diz Nevah. "Veja ali, ali e ali." Ela gesticula com a adaga enquanto também compartilha fotos mentalmente. "Eles estão guardando as entradas e saídas."
A compreensão do grupo sobre a área se consolida, ideias e atualizações fluindo de uma dúzia de mentes diferentes.
"Esse grupo está vindo direto para nós," Izabel grita mentalmente, e todos nós vemos o grupo de lobos indo em direção a Jonah: principalmente ex-Rawbonds que o seguiram durante o treinamento. De forma perturbadora, alguns Vinculados mais velhos também estão no grupo.
"E pela esquerda!" Nevah acrescenta, liderando um grupo por aquele lado da plataforma. Todos nós usamos a estrutura de madeira atrás de nós como uma defesa extra.
"Formem-se!" Eu chamo, voltando ao modo batalha. Nosso grupo é um pouco maior que o do Jonah, mas não muito.
Que porra é essa? Como essa é uma batalha quase equilibrada?
Muitos dos Vinculados na arena ainda estão para trás, percebo. Possivelmente esperando para ver o resultado dessa briga antes de tomar partido.
Minha boca se contorce.
Há uma tensão familiar no ar, o zumbido doentio da energia que acontece pouco antes do derramamento de sangue. De onde estou sentado nas costas de Anassa, observo enquanto os servos do castelo também percebem o relógio. Seus olhos saltam entre as duas facções separadas dos Vinculados. Eles sabem o que vai acontecer aqui.
Eles rapidamente correm de volta para o castelo, longe da bagunça que está se formando. As forças de Jonah os deixaram passar pelas saídas sem problemas. Bom. Ninguém mais precisa testemunhar essa insanidade.

Os cavaleiros do Strategos e outros leais Bonded se unem ao meu redor. Meu olhar busca Stark e Cratos. Eles quase alcançaram a mulher Kryptos, mas ela ainda está um pouco à frente deles e se preparando para uma saída vigiada pelo pessoal de Jonah.
Stark está indo direto para a fila de espera do inimigo.
"Não se preocupe com eles", Anassa me responde com firmeza. "Eles fazem isso desde que você era filhote. Espada para cima!"
O primeiro grupo de atacantes nos atinge, vários armados com lanças longas que devem ter trazido consigo, antecipando que isso aconteceria. Idiotas. Quebramos um pouco as fileiras para evitar as armas ferozes que perfuram nossos lobos.
Anassa avança e morde uma das lanças, lançando farpas voando enquanto ela balança o focinho. O cavaleiro sabiamente solta, mas saca sua espada.
Acho que não.
Balancei a Lâmina Direta em direção a ele. Metal bate em metal, e eu cerro os dentes enquanto avanço, forçando-o a recuar centímetro a centímetro.
Então Anassa fecha as mandíbulas com força e sai com um pedaço de pelo entre os dentes. Tem um buraco onde estava a orelha esquerda do lobo dele.
O sangue nos jorra e o chão, a ferida aberta pulsando. Uma satisfação feroz percorre Anassa.
O controle da espada do cavaleiro vacila quando a dor do lobo gigante o atinge. Cortei sob sua guarda, marcando um longo ferimento ao longo do seu lado.
Ele grita de dor e recua, mas outro lobo e cavaleiro tomam seu lugar tão rápido quanto antes.
Izabel aparece ao meu lado, e avançamos juntos contra o par inimigo. Nossas espadas brilham intensamente enquanto nos aproximamos, tentando acertar um golpe.
O cavaleiro é um Daemos que reconheço das Provas, mais jovem que eu. Suas mãos sobem para lançar uma rajada de poder Daemos em nossa direção. Izabel e seu lobo, Asteio, desviam para o lado, escapando do impacto.
Ele me atinge de frente, como uma parede de pedra, mais forte do que deveria ser possível.
Mas, estranhamente, também parece se recuperar, como se o poder tivesse um reflexo igual sobre quem o utiliza. Isso derruba o garoto Daemos de seu lobo, deixando-o caído no chão.
"O que foi isso?" Pergunto à minha loba, os músculos gritando enquanto luto para ficar em suas costas. Nunca vi a energia falhar desse jeito.
Mas não temos tempo para discutir isso.
Outro cavaleiro de Daemos deu a volta rapidamente. Ele quase derruba Izabel com sua adaga. Então ele pula — sobre o lobo de Izabel atrás dela.
Procuro uma brecha. Anassa nos gira até ficarmos bem ao lado de Izabel e Asteio—e do atacante Daemos. Eu me inclino para frente, mas ele está perto demais para eu trazer minha espada sem ferir Iz. Ele envolveu um braço em volta do pescoço dela, e ela não consegue se apoiar com a espada a essa distância.
Ela friamente saca uma adaga de uma bainha de coxa, mesmo enquanto está ofegante, e a crava na perna dele.
Ele grita e se inclina para o lado. Seu peso os leva ao chão.

Eu pulo ao lado deles e cortei o homem com força. Seu pescoço explode em uma fonte de sangue, e a luta se apaga em seu lobo. Eles desmoronam enquanto a vida se esvai de ambos. Anassa rosna de prazer com minha ação, mas eu não sinto o mesmo, vendo essa criatura linda desistir. É um desperdício total.
Asteio se inclina com um rosnado e arranca a garganta da loba de Daemos, seu focinho prateado-branco banhado de vermelho.
Ofego e circulo para antecipar o próximo ataque, mas Nevah, Tomison e o resto dos Strategos Bonded afastaram a maior parte da luta corpo a corpo.
"Obrigada," Izabel ofega, esfregando a garganta machucada antes de montar novamente.
"Você teria tido ele em pedaços em mais um ou dois minutos," respondo com um sorriso contido, tentando disfarçar o quanto isso me assustou, vendo Iz numa posição tão vulnerável.
Brevemente protegido da luta, tenho um vislumbre rápido das batalhas acontecendo pela arena. Meu estômago revira. Tudo isso está tão errado. Esse foi nosso momento de união, e aqui estamos, nos destruindo.
Meu olhar cai para a Lâmina Terrível na minha mão.
O rei Cyril usou isso para nos controlar. Controle nossos lobos. Eu o vi fazer isso, vi ele criar violência com um simples gesto.
Eu me pergunto...
"Sim," Anassa insiste ao meu lado.
"Me cubra mais um minuto," ordeno a Izabel, sem esperar a resposta dela.
Numa mistura enjoada de passado e presente, levanto a Lâmina Terrível acima da minha cabeça, assim como vi o rei morto fazer em cada uma de nossas Provações. Eu não queria que chegasse a esse ponto; Eu não estava pensando no quanto nosso povo merece livre-arbítrio e a capacidade de fazer suas próprias escolhas?
Mas não podemos nos voltar uns contra os outros.
Respirando fundo, uso as duas mãos para mergulhá-lo na terra abaixo.
"PARE COM ISSO. DEIQUEM ÀS ARMAS." Meu grito mental ecoa e reverbera pelo vínculo, o poder ricocheteando e dobrando até meus ouvidos latejarem.
A arena parece parar, o som recuando. Posso sentir o peso das mentes de cem lobos enquanto a magia antiga começa a se instalar.
Está funcionando. Graças à deusa. Os lobos vão parar seus cavaleiros, vão atender ao chamado.
Vamos superar isso — juntos, como Vinculados.
E então a pulseira no meu pulso esquenta, começa a queimar. O rubi vermelho sangue se torce com sombras escuras.
De repente, eu sei. Eu simplesmente sei.
Seja lá qual for a magia usada para compelir os lobos gigantes através dessa espada antes — seja lá qual for a magia que nos liga — tudo foi corrompido. Contaminado. Infiltrado. Consigo sentir isso, como uma doença espreitando nas bordas da minha mente. Meu estômago revira.
Meus poderes não são meus; Ele cortou parte dela. E ele fez isso com sua magia de sangue insidiosa.
O Sifão que já governou ainda mantém suas presas ferozes profundamente

dentro deste reino.
Não vai ser suficiente.
No momento em que penso nisso, o calor da pulseira sobe do meu pulso, pelos meus dedos...
E dentro da própria espada.
Faixas vermelhas correm pela Lâmina Dire.
Com uma nota aguda e ressonante, a lâmina se estilhaça em mil pedaços prateados brilhantes.
Não.
Olho para os fragmentos em choque.
Aquela espada... aquela coisa antiga e incrível que ajudava a ligar os humanos e os lobos gigantes, que permitia o controle...
Simplesmente desapareceu.
"Mexa-se, Meryn", Anassa incentiva, e como se o tempo tivesse desacelerado, imagens ao meu redor se unem e se unem.
Guerreiros Daemos estão se aproximando.
Fragmentos da Lâmina Terrível estão por toda parte, opacos e inúteis na terra.
Asteio se ergue para cortar com garras afiadas como navalhas no rosto de um guerreiro vinculado que se aproxima a pé. Seu rosto está uma polpa ensanguentada enquanto ele cai para trás.
Meus dedos ainda estão firmemente enrolados no cabo da Lâmina Dire, mas a arma está inutilizável, terminando agora em um toco de ferro esfarrapado a poucos centímetros da guarda.
Um rugido doloroso escapa da minha garganta. Tudo isso é culpa dele.
Eu pulo nas costas de Anassa, a mente clareando enquanto guardo o cabo que resta. A lembrança da onda de poder que a coroa me deu é aguda.
Se quisermos ter uma chance de ganhar isso, preciso dessa coroa.
"Vamos," digo para Anassa, e ela não precisa perguntar — ela apenas corre em direção a Stark, Cratos e aquela vadia Kryptos.
O Daemos Alpha e seu lobo estão do outro lado da arena, no centro de um círculo de lobos. Segurando todos eles sozinhos.
Seus movimentos são tão rápidos que são difíceis de acompanhar. Ele apara e ataca, fazendo de alguma forma cinco atacantes Vinculados e seus lobos lutarem por suas vidas.
A luta deles impede a mulher Kryptos de chegar à saída. Vejo sua forma cintilante enquanto ela continua a se misturar às sombras, segurando firme seu prêmio: minha coroa. O símbolo da minha autoridade legítima.
A raiva ferve dentro de mim, e mais uma vez busco a magia das sombras que correu tão facilmente pelas minhas veias antes. Mas a magia é escorregadia e elusiva, escapando do meu alcance.
Eu grito de frustração. Estamos quase chegando a Stark quando Anassa de repente sai da corrida, parando de repente.
"O que—" começo, e então vejo Jonah e um grupo de seguidores cortando meu caminho.
"Maldita seja a Deusa, Jonah," murmuro, e saco duas das minhas facas arremessáveis, mirando com cuidado.
A que era para a garganta de Jonah bate em uma parede de sua magia Daemos. A

adaga cai inutilmente no chão enquanto Anassa e eu nos firmamos contra o impulso brutal da magia.
Tento desviar, afastar o poder, e nada acontece.
Estalo a língua irritado. O que está acontecendo aqui? Stark tentou usar seus poderes Daemos contra Killian na outra noite, e Killian conseguiu desviá-los; ele disse que era porque os poderes Daemos eram alugados dos meus.
Então, como o Jonah consegue me atacar com eles? E por que o poder dele é tão forte? É porque não estou usando minha coroa e minha própria magia parece... diminuído?
Minha raiva cresce, e mesmo assim, não tiro nada das sombras. Eles seriam bem úteis agora.
Lanço minha segunda adaga, e ela acerta em cheio, enterrando-se com um som nauseante na caixa torácica da mulher à esquerda de Jonah. Ela cai do lobo e é pisoteada pelo cavaleiro atrás dela, seus gritos agudos e agonizantes.
Um orgulho brutal me invade por Anassa, mas eu ignoro—tudo isso é um desperdício.
Jonah diminui o passo, olhando para trás para seu companheiro caído, e então avança em minha direção novamente, os olhos brilhando.
"Mal posso esperar para finalmente quebrar seu pescoço magro," ele cospe.
Eu rio, sacando outra adaga. "Venha experimentar." Ignoro o tremor dos meus músculos; O cansaço está chegando. Jonah está ladeado por mais três Bonded, e eles se espalham, aproximando-se da minha posição.
"Precisamos terminar isso," penso para Anassa com um olhar sombrio, e ela uiva em resposta.
"Segure firme, Meryn", vem a voz de Izabel com um tom de desespero. Tenho um flash mental da posição dela—ainda lutando contra outro grupo. Mesmo que eu tenha sorte, ainda vai levar vários minutos até ela poder me apoiar.
O homem à direita de Jonah avança, seu lobo mordendo o flanco de Anassa enquanto ele ataca com a espada. Eu o bloqueio por pouco, o giro seguro de Anassa nos afasta e salva meus braços cansados de ceder.
Então ela se joga para o lado, e eu me inclino para manter meu assento. O som de uma flecha passa bem atrás de mim, tão perto que seu cabo roça meu cabelo.
Anassa vira à esquerda e circula, me dando um segundo para me recuperar antes de reengajarmos. Cavo fundo, tentando novamente invocar minha nova magia das sombras, mas dessa vez nada vem, nem um fio sequer.
Uma palma enorme! chama toda a nossa atenção para a luta de Stark.
Exceto... Ele não está lá. Ou eu não consigo vê-lo. Um vergonho de pânico me invade.
Uma nuvem de poeira explode de onde ele estivera pela última vez. A areia se estilhaça pela arena, caindo sobre nós, fazendo meus olhos lacrimejar.
Com os ouvidos zumbindo, eu aperto os olhos para tentar enxergar através da nuvem. Por favor, esteja lá, por favor, por favor...
Então ela se dissipa, e eu ofego. Stark de alguma forma usou seu poder Daemos para destruir todo o arco da porta, derrubando-o sobre seus oponentes restantes. Eles mal são visíveis sob os escombros.
Eu sabia que ele era poderoso, mas isso... ?
A luta por toda a arena parou momentaneamente, todos ficando boquiabertos

com a cena.
A pele castanha clara de Stark está pálida pelo esforço de tanto poder, e ainda assim ele já está se movendo novamente, perseguindo a mulher Kryptos. Ela está totalmente visível agora, perdendo o controle sobre sua magia em seu terror.
Só dá duas respirações, e então ele a derruba, seu corpo quebrado caindo no chão com um baque molhado. Stark sai de Cratos atrás dela e agarra a coroa de lobo que ainda segurava.
"Meryn!" ele chama, e eu levanto minha adaga para que ele possa me encontrar. "Pegue!"
Ele lança a coroa girando no ar, a opala no centro brilhando em minha direção enquanto faz um arco em minha direção.
Anassa e eu pulamos, as patas dela se esticando e se esticando. Por um momento, uma sensação desorientadora de déjà vu me atravessa, me levando de volta ao Julgamento da Voz e ao nosso primeiro salto de fé juntos.
O quanto avançamos.
Estendo a mão livre e pego a coroa no ar, colocando-a na minha cabeça sem pensar.
A magia percorre meu corpo num piscar de olhos, trazendo a escuridão junto. Minha visão pisca.
O mundo perde toda a cor, manchas de sangue ficam negras.
E ao meu redor, sombras acordam.
A arena escurece como se uma tempestade estivesse passando por cima. Cada sombra no vasto espaço começa a se esticar e distorcer, alcançando a mim. Eles se movem em minha direção de maneiras estranhas, rastejando dentro de mim, se enrolando e envolvendo meus braços como cipós.
"Cuidado," Anassa aconselha. "Esse poder—você não sabe como controlá-lo. Você não sabe onde começa. Ou onde isso termina."
A profundidade da minha escuridão é ilimitada. Eu sinto isso.
Ou poderia ser, se eu tivesse coragem de abraçá-la. Mas agora...
Agora, eu sei exatamente onde isso termina. Há um ponto exato onde minha magia é sufocada e sufocada pela influência do Killian. Ainda assim, o que tenho acesso é mais do que jamais imaginei.
Estendendo uma mão coberta de sombras, olho brevemente para ela fascinado. Há um pulso no meu peito, como se a magia me impulsionasse a usá-lo, a agarrá-lo e libertá-lo.
"Cuidado!" alguém grita. Olho para cima bem a tempo de ver três companheiros de Jonah avançando diretamente contra mim.
"Use seu poder, Meryn!" Stark brada.
A raiva me invade, e pela primeira vez desde que minha coroa foi tirada, as sombras respondem.
Levanto as mãos instintivamente, protetoramente.
Pare, eu acho.
Pare, eu ordeno.
Força explode das minhas palmas — uma enorme e em movimento onda de sombra. A onda passa por cima dos dois cavaleiros à minha frente e então desvia em grandes arcos em laço, alcançando mais aliados de Jonah por toda a arena. Me lembra as explosões de Daemos no começo, ar tornado sólido, mas em

escala maior e visível de forma sombria.
Eu aproveito isso, a escuridão dentro de mim agora subindo violentamente à superfície.
Parem-nos, eu ordeno as sombras novamente. Eles se movem sob minha instrução, mas por vontade própria — de mim, mas de alguma forma também fora de mim.
As sombras se enrolam nos lobos e seus cavaleiros. Seus corpos começam a se contorcer e se elevar no ar.
Gritos ecoam pela arena, e eu saio do meu torpor satisfeito.
Não. Isso não sou eu. Eu preciso parar com isso—
Há uma pressão sufocante no meu peito enquanto as sombras se apertam cada vez mais ao redor de todos. Em volta do pescoço. As sombras deslizam para dentro de suas bocas abertas, abafando gritos de misericórdia.
Para, para, PARA!
Então um estalo alto e ecoante.
Os cavaleiros e seus lobos caem mortos no chão da arena. Não só os três investindo por mim, mas muitos dos aliados deles também.
Pelo menos uma dúzia. Morto.
As sombras recuam, e a realidade disso me invade, revirando meu estômago. Vou vomitar.
Minhas mãos começam a tremer contra o pelo de Anassa diante do horror—do horror do que fiz.
A arena fica imóvel. Todo combate cessa enquanto todos olham chocados para os restos mutilados dos lobos e seus cavaleiros. Observo os cadáveres como se esperasse que eles se levantassem novamente. Seus membros retorcidos os fazem parecer pequenos e vulneráveis na vastidão do chão da arena.
A escuridão ainda desliza pelos meus braços, fresca contra minha pele, um lembrete visceral do que sou capaz de fazer.
Eu matei todos esses Vinculados. Com um movimento do pulso.
Eles talvez não estivessem prontos para me aceitar como sua rainha, mas eram meu próprio povo.
"Veja quem ela é!" A voz de Jonah viola o silêncio.
Eu me assusto. De todos que matei, por que ele teve que sobreviver? Anassa ronca sob mim.
Ele lança um dedo em minha direção, a respiração ofegante. "Foi sobre isso que Killian nos alertou — um mal incontrolável que vai destruir todos nós!"
Jonah gira seu lobo rapidamente, indo para uma saída da arena. Seus seguidores restantes fogem com ele.
Algumas pessoas do meu lado começam a me perseguir, mas a ideia de mais violência me deixa tonto. Sobre os vínculos, ordeno que eles sejam liberados.
Não era assim que eu queria persuadir as pessoas a se juntarem ao meu lado, a depositarem sua fé em mim como líder.
Não por meio da violência e do medo.
As sombras começam a recuar, voltando para onde pertencem. O choque frio toma conta do meu corpo, esfriando a fúria que os tirou de lá.
Através do nosso vínculo, Anassa projeta uma energia calmante. Um zumbido suave se instala lentamente sobre meus nervos desgastados. Todo mundo está me

observando; Não posso deixar que me vejam desmoronar.
Stark e Cratos se aproximam de mim. Cratos cutuca Anassa brevemente com o nariz antes de se erguer e se erguer de forma ameaçadora.
"Phylax, ajude a mover os corpos dos lobos", ordena Stark. Meus olhos demoram nos corpos das pessoas que matei.
Reconheço a jovem mais próxima de mim. Ela geralmente usava o cabelo loiro-morango em uma trança em espiral.
"Meryn," Anassa insiste. "Siga o exemplo do Stark. Eles esperam sua ordem."
"Certo." Engulo em seco.
"Juro que Jonas e seus seguidores responderão por sua traição", digo, minha voz contendo uma força que não sinto.
Um homem está deitado perto dela, com olhos surpreendentemente azuis que agora olham para frente, sem enxergar.
"O que mais?" Minha mente está em branco.
"Eles estavam prestes a receber suas primeiras ordens como Vinculados", Anassa me provoca.
Eu tosso, boca seca como giz. "Enquanto isso, ainda temos nosso dever para com o resto do país. Você receberá suas ordens sobre o desdobramento para a linha de frente amanhã, depois de... depois de consultar a liderança militar."
Assisto atordoado enquanto os Vinculados se curvam, então me viro nas costas de Anassa para sair da arena. Eles me ouviram, claro, e se curvaram, mas o medo deles transparece pelos laços da matilha.
Um medo de mim.
Do poder devastador que saltou das minhas veias.
Anassa e eu saímos da arena, tantos olhos em mim. Mantenho a cabeça erguida, mas no momento em que sei que as pessoas não podem me ver, minha visão fica turva. Deixei as lágrimas caírem. Nem sei para onde ela está nos levando, e não me importo—só preciso me afastar.
Longe de todas aquelas pessoas que decepcionei e aterrorizei.
Longe daqueles cujas vidas eu tirei.
"Você não deveria estar sozinha", Anassa me avisa. "Não quando há pessoas querendo sua coroa, e certamente não na sua condição atual."
Me assusto ao perceber que ela me levou até o escritório do Stark. Escorregando das costas dela, entrei sozinho. Este é um lugar tão bom o suficiente para desmoronar quanto qualquer outro.
Só quando estamos dentro, a porta se fecha atrás de nós, é que me deixo despedaçar completamente.
Caio de joelhos bruscamente, as palmas batendo no chão frio. A coroa escorrega da minha cabeça e bate contra a pedra. Todo o peso do que acabou de acontecer, do que eu fiz, desabava sobre mim.
Matei uma dúzia de pessoas sem nem tocá-las. Com um poder estranho que eu não entendo.
Será que estou me tornando exatamente aquilo que Killian me acusou de ser? Perigoso, instável e não é confiável?
Não consigo parar de chorar. E isso continua sem parar. E quanto mais dura, pior fica.
Cada inspiração irregular e dolorosa que consigo puxar deixa meus pulmões em

soluços que soam como gritos. Tenho uma vaga noção de que estou perdendo mais ar do que estou inspirando. Vou sufocar com isso.
Anassa tenta ajudar. O cuidado insistente dela me cutuca na borda da mente. Ela está tentando me acalmar de novo. Quando o nariz dela se aproxima, fico brevemente tentado a me agarrar a ela e deixar o cantarolar baixo me embalar.
Mas então o horror me atinge de novo. Sou suja só de querer conforto. Eu não mereço.
A transformação de Saela. A traição de Killian. As vidas que acabei de tirar. Todas essas coisas são meus fracassos. É uma dor que eu poderia ter evitado se eu fosse melhor.
A espiral me suga para baixo e para o escuro, e eu afasto Anassa. Com força.
Ela rosna, sua preocupação aumentando. Tento ignorar. Eu não quero.
O espiral cresce dentro de mim, e meu punho se estende, os nós dos dedos estalando contra o chão de pedra. A dor física toma conta imediatamente dos meus sentidos, apagando o pânico.
Me aliviando.
Soco de novo, deliberadamente, mais forte dessa vez. Minha pele racha.
De novo, e eu deixo uma mancha sangrenta no chão.
A dor abre caminhos no meu cérebro, me libertando dos pensamentos que me invadem de fora. Isso me ancora, me trazendo de volta a mim mesma, ao meu corpo, a este momento — e a uma espécie de nitidão.
É horrível, mas menos horrível do que a dor torcida da minha própria mente.
Eu bato no chão de novo e de novo até que tudo o que resta sou eu e a dor.
Ele me consome tanto que nem ouço a porta quando ela se abre com força.

4

FORTE

Ah, isso foi um desastre do caralho.

A arena fica silenciosa depois que Meryn sai, as pessoas a olhando em silêncio chocado. Deixei eles boquiabertos por um momento, dois.

Aí eu me canso de olhar para as caras ignorantes e confusas deles. Será que eles não entenderam as instruções?

"Você ouviu sua rainha," eu disparo alto, minha voz ecoando pela multidão de onde ainda estou montado em Cratos. "Phlyax, pegue os lobos perecidos. Daemos, ajude os servos com os corpos. Qualquer graduado recente das Provas ainda vai partir amanhã, então Strategos e Kryptos, vão se preparar. Se você não é recém-formado—"

Olhando rapidamente a multidão, identifico vários Bonded mais velhos que estavam ali para as cerimônias, fazendo contato visual com eles.

"Cai fora daqui. Instrutores ligados, para mim."

As pessoas se assustam com seus lobos e entram em movimento. De tudo isso vêm os três instrutores que supervisionaram as Provas comigo e Aldrich: Elinor Gardiner, Phylax Gamma; Samson Whyte, Kryptos Gama; e Daegan Prak, Strategos Gamma.

Sansão chega primeiro a mim e a Cratos, montado em seu elegante lobo cinza salpicado. Daegan e Elinor estão logo atrás dele.

"Que maneira de encerrar os Trials este ano." Ele levanta uma sobrancelha pálida para mim, sem se importar. Que Kryptos dele. Nunca gostei muito desse babaca esperto.

"Vocês precisam manter as matilhas sob controle", digo aos três, minha voz um rosnado baixo. "Tudo o que ela te mostrou era real."

"Eu acredito," Daegan responde imediatamente. "Alpha Meryn é muitas coisas, mas mentiroso não é uma delas."

"Rainha Meryn," o corrijo secamente.

Os lábios de Elinor estão tensos enquanto a mulher mais velha observa a arena. "Alfa Stark, eu acredito em você — e na Rainha Meryn — mas..." Ela se interrompe, suspira, e então me olha com apreensão. "Não quero desrespeitar, mas como você espera que mantenhamos nossas matilhas sob controle?"

"Ela está preocupada. Ela é só uma Gama, e nem você e eu conseguiríamos controlar Daemos", Cratos intervém. Ele mostra os dentes, e Elinor se encolhe um pouco, mas sei que ele não está direcionando isso para ela.

Ele está furioso com os membros da matilha que ousaram nos desobedecer. No

passado, mesmo que um humano e eu não concordássemos, Cratos sempre conseguiu controlar seu lobo. Isso faz parte do poder que temos como par Alfa.
Pelo menos deveria ser.
"O que foi isso, Cratos?" Pergunto, com uma raiva vingativa queimando nas veias. "Quando caçarmos esses desgraçados — e vamos — vou deixar você comer os cavaleiros devagar."
Cratos balança sua grande cabeça lupina. "Eu não sei. Ninguém deveria conseguir resistir ao seu Alfa. Talvez seja por causa da corrupção nos vínculos de comunicação do Sifão, ou talvez tenha algo a ver com a Lâmina Dire..."
Isso certamente era preocupante, ver aquela arma poderosa se quebrar como vidro.
Mas mesmo antes de eu ser feito Alfa, Cratos nunca teve lobos desobedecendo-o; Eles sabiam que deviam seguir suas ordens. Ele era poderoso demais — sempre o maior, o mais cruel. O fato de alguns lobos quererem desafiá-lo é perturbador.
"Faça o seu melhor", digo a Elinor. "Deixe claro que, se não seguirem suas ordens, terão que responder a mim."
Cratos uiva um latido rosnado, e os lobos dos outros três instrutores recuam. De toda a arena, os olhares assustados dos recém-formados se voltam para nós.
Bom. Claramente não tiveram terror suficiente nos últimos quatro meses.
Quando os três instrutores se viram para supervisionar suas mochilas, Cratos fica parado embaixo de mim, as orelhas se puxando para trás.
"Meryn não está bem", ele diz. "Anassa a levou para seu escritório."
Merda.
"Mostre-me."
Pedi para Cratos manter uma parede presente desde que Anassa se vinculou a ela. Nunca me incomodou antes, Cratos ter um companheiro. Seu desejo e desejo por ela apareciam, mas pareciam inteiramente dele.
Mas então Anassa levou Meryn.
Antes, eu podia apreciar o brilho feroz em seus olhos cor de avelã de longe. Eu podia admirar o inchaço dos quadris dela enquanto também lembrava que eu a odiava pra caramba. Isso ajudou a amenizar a atração dolorida, me lembrando que minha vida estava ligada à dela e que ela estava agindo como uma idiota.
Aquele primeiro dia foi torturante.
Cratos não tinha escudo levantado. Chegamos ao topo do cume, e no momento em que vi Meryn ao lado de Anassa, seu cabelo ficou daquele prateado brilhante, algo animal se desencadeou dentro de mim.
Eu queria jogá-la no ombro e carregá-la de volta montanha abaixo eu mesmo.
Não—eu queria encontrar uma caverna próxima e arrancar as roupas dela com os dentes, ensinando como a pele quente pode manter a gente no frio.
Cratos teve que se virar para que eu pudesse me jogar na neve, congelando o desejo pulsante e irracional que tomava conta de cada pensamento. Era doloroso, e era uma dor que não podia ter fim.
Ela tinha um amante. Ela me odiava. E eu também a odiava — sua falta de controle indisciplinada e caótica me deixava louco, mesmo assim. Cratos sentiu simpatia por mim e ergueu um muro sobre sua conexão de companheiro com Anassa.

Ele ficou no ar. As emoções mais fortes dela ainda aparecem de vez em quando, mas eu mantive minha mente totalmente só minha.
Ainda assim, carrego o conhecimento de que isso... sentindo... está a uma barreira fina de distância.
Ajudou o fato de que eu sempre quis matá-la metade do tempo.
Agora, a dor me invade, tão intensa que quase me dobro em Cratos — um torção profunda no estômago e no peito.
Seguido de dor física. Choques de angústia intercalados com breves momentos de alívio.
E eu percebo o que ela está fazendo.
Não enquanto eu estiver de olho.
"Vai," ordeno. Cratos não precisa ouvir duas vezes; ele sai correndo da arena sem se importar com as pessoas que ainda circulam, quase pisoteando vários Vinculados.
Em instantes, estou no meu escritório e, num piscar de olhos, deslizo das costas largas de Cratos e bato a porta. O estalo da madeira contra a parede não esconde o som de Meryn batendo o punho no chão de pedra.
Sua coroa dourada — a coroa que lutamos tanto para encontrar novamente — está descartada no chão, esquecida. Meryn é um monte de tecido daquele vestido idiota que ainda está usando.
Seus nós dos dedos estão rachados, e o sangue escorre pelo pulso enquanto ela levanta a mão novamente.
Uma frustração e impotência irrompem do meu peito, exatamente como naquela estalagem em Linsfall, quando vi as cicatrizes prateadas cruzadas nas coxas dela. As cicatrizes que ela mesma havia causado.
"Para com isso. Agora," eu disparo. A compulsão de protegê-la está tão enraizada—seja por anos de treinamento para isso, seja por causa desse maldito vínculo de companheiro.
Ela me encara do chão com os olhos cheios de lágrimas e rosna, "Ou o quê? Você vai me obrigar?"
Tenho que fazer um esforço enorme para não rosnar de volta para ela. Ela é irritante.
Estou acostumado a estar no comando. Eu digo a alguém o que fazer, e essa pessoa me escuta. E essa mulher teimosa e cruel pode ter mais patente que eu, mas nunca deixei o posto atrapalhar o que é certo.
"Sim," digo, entrando na sala.
Ao me aproximar de Meryn, o doce cheiro dela me envolve tão forte que quase tropeço. Minha cabeça gira, e percebo que as barreiras entre nós ainda estão caídas.
É preciso toda a minha força de controle para não me jogar ao lado dela, prendê-la debaixo de mim e lamber o sangue de suas feridas.
"Cratos," sussurra, fechando os olhos diante de outra onda quente de desejo e proteção. "Você está me matando aqui."
"Desculpa, desculpa." Há um toque de diversão no tom dele, e eu me pergunto o quanto ele realmente sente muito. Mas a parede volta a erguer, e eu consigo respirar de novo.
Abrindo os olhos, lanço outro olhar fulminante para Meryn. "É minha

responsabilidade protegê-lo do mal, mesmo que você seja sua causa."
"Vai se foder!" ela grita comigo, batendo o punho no chão de pedra novamente. Algo em sua mão estala alto.
Pelo amor de Deus.
Dois passos à frente e eu a alcanço. Ela ousa levantar a mão de novo, mas eu seguro seu pulso. É tão pequeno na minha mão, mas há força por trás dele enquanto ela tenta se afastar.
"Pare!" Peço de novo, puxando-a para ficar de pé. Ela reage contra mim, a boca fechada em uma linha focada e petulante. Meryn está tão obcecada em causar dor a si mesma que acho que nem consigo chegar até ela.
Meu aperto só se intensifica ainda mais. Se ela está tão determinada a machucar algo, tudo bem.
"Quer bater em alguma coisa? Machucou alguém?" Eu fervo de raiva. Eu a puxo para mais perto, e ela tropeça em mim. Então pego a mão dela — aquela que não está ensanguentada — e a bato no meu peito. "Me bate. Me machucar. Eu aguento."
Sua boca se abre e a luta se esvai dos músculos. É como se ela finalmente tivesse sido tirada do próprio cérebro e de volta para o corpo. Ela relaxa contra mim, sua mão surpreendentemente macia ainda presa sob a minha mão muito maior.
O calor queima bem no meu coração. Ela consegue sentir o quanto está batendo forte?
Meu aperto afrouxa, mas não a solto, preocupado que ela desmaie de novo. Meryn respira com dificuldade, a tempestade de emoções nela diminuindo gradualmente.
Olho para a mão ensanguentada e em carne crua dela e observo enquanto ela cicatriza. Anassa usou sua magia em Meryn.
Meus olhos se voltam rapidamente para os lobos amarelo-dourados e conhecedores.
"Não faça isso de novo", digo por cima do nó irritado na garganta. "Se ela tentar se machucar. Ela não deveria pensar que sua magia de cura torna tudo aceitável."
Meryn resmunga e finalmente tira o braço do meu aperto, um rubor manchado alto nas maçãs do rosto.
"Estou aqui se quiser me dizer algo", ela diz, estreitando os olhos cor de avelã. "Você não precisa dar instruções para a Anassa como se eu fosse uma criança pequena que precisa ser cuidada."
"Então não aja como um. Já parou de se lamentar?" Rosno, e o olhar dela se aprofunda. Bom. Ela está fazendo exatamente o que precisa — está ficando brava de novo. O fogo dela voltou. "Você tem um país para liderar."
"Cansei", ela diz, limpando a mão ensanguentada no vestido.
Eu a observo atentamente por um momento, certificando-me de que ela fala sério.
Então Meryn endireita a postura e pressiona os lábios de um jeito que parece um pouco constrangido.
"O que fazemos agora?" Ela amoleceu um pouco. A luta ainda está dentro dela, mas ela sabe que não precisa direcionar isso para mim.
Solto a respiração e passo a mão pelo cabelo. Que pergunta carregada. Por onde começamos? "Vamos precisar descobrir sua coroação."

Ela pisca, confusa.
"Você não pode simplesmente dizer que é rainha," eu digo, um pouco exasperado. "Você precisa ser coroada."
Uma risada quase amarga escapa de Meryn. "E quem vai me coroar? Eu arranquei essa coroa de uma maldita sarjeta." Ela aponta para onde ele repousa na pedra, de cabeça para baixo. "O rei de quem tirei o poder não está mais vivo."
Me abaixo para pegar a coroa, então a coloco cuidadosamente na mesa ao nosso lado, sobre uma pilha de livros.
Isso, pelo menos, eu tenho uma resposta. A Siegrid entrou em contato comigo ontem à noite quando percebeu turbulência nos laços.
"A Mãe Sacerdotisa da ordem da Deusa Sem Rosto presidirá a cerimônia."
Meryn resmunga. "Achei que você considerava a Deusa Sem Rosto 'bobagem de plebeia'", ela diz, me lembrando das minhas palavras em Linsfall quando visitamos a famosa estátua da deusa.
Ela está certa, eu tenho. Se realmente existisse alguma deusa benevolente, por que nosso mundo seria tão ruim? Não, os únicos deuses lá em cima são aqueles que se alegram em ver seus brinquedos humanos se matarem.
Mas não dá para culpar ninguém por esperar algo melhor.
Eu dou de ombros. "Não importa o que eu pense. Trata-se de tornar sua coroação legítima para o povo comum, e o chefe da ordem supervisionou todas as cerimônias de cada novo membro da realeza ao longo da história. A Soberana Alfa está subindo da frente para a coroação, e ela vai escoltar a Mãe Sacerdotisa até aqui."
A testa de Meryn se franze. "Desculpe, o Alfa Soberano? Você quer dizer, sua mãe?"
Um pequeno músculo se contrai no meu maxilar. "Claro."
Cratos ri na minha mente, mas eu o ignoro.
"Vamos precisar de nobres presentes para tornar a coroação legítima", continuo. "Será difícil convencê-los a vir. Talvez não consigamos todos os feudos a bordo, e você precisará se preparar para essa possibilidade."
Felizmente, Siegrid está trazendo Noemi com ela da linha de frente, que deve ser útil. Meu peito se aquece só de pensar. Faz meses que não vejo a Noemi, não a segurei nos meus braços.
Meryn acena com a cabeça, rígida. "E devo me preocupar com os outros Vinculados depois do que aconteceu na arena? Com... Jonah?"
Aquele pedaço de merda podre.
Eu deveria tê-lo eliminado durante os Julgamentos quando tive a chance. É mal visto que instrutores matam os Rawbonds, mas se um cavaleiro não é adequado para estar em uma matilha, alguém precisa agir. Nunca vou me perdoar por isso.
Quando eu finalmente terminar com ele, vou com calma. Cratos pode comer suas entranhas enquanto rombos-cinzentas bicam seus olhos. Vamos deixar o pau dele para os ratos.
"Não tenho certeza", respondo honestamente. "O que aconteceu na arena..."
"A Lâmina Terrível." Meryn se senta novamente no chão e segura a cabeça entre as mãos. "Eu estava com isso por um dia inteiro antes de quebrar. Ninguém vai acreditar que sou legítimo agora."
Ela levanta o rosto sujo e ensanguentado em minha direção, e a devastação nele

me atinge no estômago. Ela rapidamente explica o que aconteceu quando ele se estilhaçou, a forma como sentia seu poder corrompido e estrangulado.
"É a pulseira", ela diz baixinho. "Seja lá qual for o tipo de magia de sangue de Sifão que está nele... Está ferrando tudo. Alguém vai ouvir meus comandos sem a Lâmina Terrível?"
Eu dou de ombros. "Sabemos que a Lâmina Terrível existia durante o reinado das Rainhas do Sturmfrost, mas não sabemos como ela era usada. De qualquer forma, o povo vai seguir seu exemplo porque vai aceitar que você é o regente legítimo."
A boca dela se contorce em ceticismo, e eu não a culpo.
"As coisas estarão sob controle quando o Soberano Alfa chegar," continuo. "Ninguém pode negar o poder que você detém, e ninguém ousaria agir contra Siegrid. Ela é muito respeitada e temida pelos Vinculados."
"Ok." Meryn olha para o vestido arruinado que ainda está vestindo. "Aff, preciso me arrumar e arrumar outra coisa para vestir."
Suspiro e estendo a mão para guiá-la para cima. "Conheço alguém que pode nos ajudar com isso."



Cratos e Anassa partem para lidar com o resto dos lobos, e eu conduzo Meryn pelas entranhas retorcidas do castelo. Eventualmente, chegamos a uma enorme porta de madeira, e eu bati na porta.
"Entre," diz uma voz envelhecida e elegante.
Entramos em um escritório que tem vista para os jardins frontais cobertos de neve através de uma parede de janelas ornamentadas. É ricamente decorado, mas não ostensivo, e no centro da sala há uma escrivaninha de madeira lindamente entalhada. Uma mulher mais velha, com um coque cinza apertado e um olhar perspicaz, está atrás dela.
"Vossa Alteza", diz a mulher a Meryn, curvando-se profundamente.
"Esta é a Matrona do Castelo, Alienor Bernard," digo a Meryn, fazendo um gesto para que ela tome uma das poltronas azul-cobalto em frente à mesa.
Ninguém sabe exatamente quantos anos a Matrona Alienor tem; Ela está no comando há tempo suficiente para estar na casa dos oitenta anos, mas parece ter pouco mais de sessenta. Conheço ela de forma periférica desde criança.
Ela nunca foi calorosa, mas sempre é gentil.
Meryn olha para cima, um pouco perplexa. "Castle... Enfermeira?"
A Matrona Alienor inclina a cabeça. "Sim. Sou o chefe de equipe e instalações aqui."
Eu resmungo, sentando a cadeira ao lado da de Meryn e fazendo um gesto para Alienor se sentar também. "Essa é uma descrição bem básica do que você faz. Ela é responsável por tudo o que acontece dentro deste lugar, desde supervisionar os servos do castelo até os reparos e manter a realeza e nobres sob controle."
"E agora sirvo à sua vontade", ela diz suavemente a Meryn. Ela pode ter sido a mão direita dos Valtieres por décadas, mas Alienor é perspicaz o suficiente para

saber como manter seu emprego e sua cabeça.
Rapidamente explico a Alienor as necessidades de Meryn: quartos, roupas, atendentes.
"Você já considerou seu Conselho?" A Matrona Alienor pergunta a Meryn.
Meryn balança a cabeça. "Desculpe; Não sei o que isso significa."
O olhar de Alienor para mim é tão rápido que espero que Meryn tenha perdido. Naquele milissegundo silencioso, ela disse tudo o que eu sei ser verdade: Essa mulher será rainha, e ela não sabe nada sobre o papel. Nem mesmo o básico.
Uma coisa é ser chamada pela coroa. Ou montar o lobo gigante mais poderoso em séculos. Ou ter linhagem real correndo nas veias.
É outra coisa totalmente diferente governar.
Todos nós temos muito trabalho pela frente, especialmente a Meryn. Eu realmente espero que ela esteja pronta para aprender dessa vez.
"Os Palast do Conselho são seus conselheiros reais", diz a Matrona Alienor suavemente, sem traço de julgamento no tom. "O antigo Conselho do Rei Cyril era composto por mim, o Conselheiro de Sturmfrost, o Soberano Alfa Siegrid Therion e depois vários de seus parentes."
A testa de Meryn se franze. "Qual era o propósito dos parentes?"
"Eles aconselhavam sobre as relações com os plebeus, relações com os Ligados e supervisionavam o planejamento de quaisquer grandes eventos ou cerimônias no castelo."
"Ok," Meryn diz. Ela se cala, e fica claro — pelo menos para mim — que está recebendo conselhos da Anassa. "Vou manter você e o Soberano Alfa no Conselho. O Conselheiro de Sturmfrost... bem, acho que devo ficar com ele também. Livrar-se dos parentes Valtiere; Vou substituí-los por conselheiros interinos."
A Matrona Alienor cruza as mãos à frente de si sobre a mesa. "Qual método você prefere? Decapitação? Prisão? Desmembramento por lobos?"
Meryn empalidece. "Deusa, não. Eu só quis dizer—tirem eles daqui. Mande-os de volta para o feudo de onde vieram. Eu sei como Cyril lidou com as coisas, Matrona Alienor, mas eu sou diferente."
Um pequeno sorriso surge no rosto da Matrona. "Entendido."
"Falando nisso," Meryn continua, essa conversa finalmente a trazendo de volta à vida, "os servos. Deixe claro que qualquer um que quiser sair é bem-vindo. Eles não são obrigados a trabalhar para alguém que não apoiam ou de quem possam ter medo. Quem decidir pedir demissão pode receber um mês de salário e uma referência forte. Há muitas pessoas em Sturmfrost dispostas a aceitar seus empregos; não faz sentido forçar quem não está disposto."
A declaração afrouxa algo no meu peito. Depois daquela apresentação na arena, uma parte de mim ficou preocupada que tivéssemos liberado outro tirano em formação.
Mas parece que Meryn realmente quer ser um tipo diferente de regente.
Se eu for ficar ao lado de alguém e me oferecer para ser a arma dessa pessoa, preciso saber que não vou estar mirando na direção errada.
Meus pensamentos seguem para a forma como Meryn deixou Jonah e os outros saírem quando outro governante — Cyril, certamente, ou até mesmo o Soberano Alfa — exigiria suas execuções imediatas. Com seu próprio horror pelas mortes

que causou; um horror tão vasto que se manifestou em se machucar.
Uma regente que realmente sofre quando seu povo é ferido...
Meu coração bate dolorosamente no peito ao olhar para ela agora, olhos cor de avelã brilhando com um fervor justo, rosado alto nas maçãs do rosto.
Se ela tem pessoas ao seu lado que possam incentivar essa empatia, se ela não for corrompida pelo poder que exerce... o que isso poderia significar para Nocturna?
"Avisarei imediatamente," responde a Matrona Alienor, anotando um bilhete para si mesma. "Dos servos dispostos, escolheremos um para ser seu assistente principal. Ela e os outros vão preparar os aposentos do regente para você."
O rosto de Meryn empalidece. "Os aposentos do Rei Cyril?"
A Matrona Alienor ergue uma única sobrancelha cinza. "Claro. São câmaras reais tradicionais."
"Não," Meryn diz firmemente. "Ficarei do lado real do castelo se isso enviar uma mensagem necessária, mas não lá. Agora não. É cedo demais."
"Que tal os aposentos do Soberano Alfa?" Eu intervinho, e Alienor assente. Virando-me para Meryn, explico: "O Soberano Alfa designou aposentos desse lado do castelo para mantê-la próxima à família real."
"Por que você não a leva até lá agora?" Sugere a Matrona Alienor. "Vou mandar alguém preparar um banho e roupas imediatamente."
Todos nós nos levantamos, e os lábios da Matrona Alienor se franzem em pensamento. Ela abre a boca como se fosse dizer algo, mas se interrompe, balançando a cabeça.
"O quê?" Pergunto. "Não é hora de cerimônias, Matrona."
Ela me dá um aceno firme e se vira para Meryn. "Vossa Alteza, espero que isso seja tomado como uma gentileza, pois é para ser. Parece que pode haver algum... lacunas em seu conhecimento sobre responsabilidades e procedimentos reais."
Meryn começa a rir e não consegue parar. Ela se dobra, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto risadinhas continuam a sair dela.
A Matrona Alienor me lança um olhar alarmado, e eu agarro o braço de Meryn, minhas pontas dos dedos formigando onde nossos corpos se tocam.
"Se controla," murmuro. "Vossa Alteza."
Meryn se levanta, enxugando as lágrimas do rosto. "Perdoe-me, Matrona Alienor. Essa foi a forma mais educada que alguém já me disse que sou um idiota que não sabe nada, e isso me disseram muito nos últimos meses."
O rosto de Alienor fica vermelho. "Não quis ofender, de verdade—"
Essa pobre mulher. Eu não sabia que ela podia ficar tão nervosa. Mas Meryn Sturmfrost parece despertar o inesperado em todos.
Meryn acena com a mão, interrompendo-a. "Sem ofensa levada. É verdade, as lacunas no meu conhecimento são tão grandes que poderiam ser chamadas de cânions. Aceitarei com gratidão qualquer instrução que me deram, e se tiver algum livro que eu deva ler enquanto isso, por favor, entregue-o."
Com um pequeno sorriso no rosto, a Matrona Alienor caminha rapidamente até a estante que cobre uma parede inteira e tira alguns volumes encadernados em couro dela. Então ela entrega a pilha de livros para Meryn e nos vê sair pela porta, fechando-a firmemente atrás de nós.
Sem dúvida muito feliz por ter sobrevivido àquela reunião com a cabeça intacta.

De volta ao corredor, conduzo Meryn silenciosamente até os aposentos do Soberano Alfa, depois me curvo e me viro para partir.
Ela solta um "Para" estrangulado.
Eu congelo, mas não me viro.
"Obrigada", ela diz. "Por tudo."
Minhas mãos se flexionam com as palavras. Puxo os ombros um pouco para trás, levanto a cabeça e olho para ela.
As lágrimas de sua risada deixaram novos rastros na terra em suas bochechas, mas seus ombros estão erguidos. Ela segura os livros com força contra o peito, empurrando os seios para fora do topo do vestido. Ela está arruinada e régia ao mesmo tempo.
O calor me atinge, urgente e inflexível.
Consigo imaginar, novamente, o tipo de governante que ela poderia ser. Sem medo de fazer o necessário para pessoas em qualquer nível. Confiante e justo. Exigindo justiça quando necessário, mas nunca de forma cruel. Ela poderia ser tudo isso, e mais.
O pensamento surge rápido, totalmente indesejado: Ela pertence a um trono. Ela merece ser adorada.
E tão rápido quanto acontece a consciência de que preciso manter distância, mesmo enquanto a observo atentamente, protegendo-a. Porque eu sei o que aconteceu naquela arena hoje. Ela viu seu próprio poder, tinha medo dele, e estava prestes a deixá-lo de lado.
Até que eu a incentivei a agarrar a escuridão.
O sangue está tanto nas minhas mãos quanto nas dela.
"Eu estava falando sério o que disse," digo, minha voz um rosnado que espero que esconda minha necessidade dolorosa. "Da próxima vez que for demais, você me encontre. Vamos encontrar outro escape para sua dor."
Então me viro de costas e caminho rapidamente pelo corredor, tentando muito não imaginar que tipo de escape poderíamos encontrar.

5



MERYN

Os aposentos do Soberano Alfa são práticos, com ornamentação mínima e portas largas que ocupam uma das paredes e levam diretamente aos jardins.

Quanto menos ornamentação, menos provável é que um vaso ou um lustre seja quebrado pelo rabo de um lobo. E as portas largas dão fácil acesso para Anassa.

Há alguns luxos, porém.

O primeiro é um quarto ao lado da sala de estar, com uma cama enorme quase grande o suficiente para Anassa se esticar. A segunda, uma linda lareira com os quatro símbolos de matilha entalhados acima, cercada por poltronas bem acolchoadas. A terceira, uma banheira gigante com banheira rebaixada onde passei uma eternidade antes de trocar para roupas limpas. Finalmente, uma enorme mesa de madeira com uma matilha de lobos correndo esculpida ao longo da borda em detalhes requintados.

Passo a ponta do dedo pelas decavidades da madeira enquanto me sento para estudar os livros que a Matrona Alienor me deu.

Antes que eu consiga entender muito o que estou vendo, um som de batidas vindo do lado de fora me faz levantar a cabeça e esfregar os olhos. É Anassa; Consigo perceber sem precisar olhar.

Deslizando o ferrolho pesado para a esquerda, empurro as portas com um grunhido. Eles se estendem amplamente em direção ao gramado além e revelam meu lobo gigante.

Anassa não perde tempo e entra. O rabo dela balança, roçando em mim enquanto ela entra com alguns estalos das unhas na pedra.

Meu peito aperta de ansiedade, mesmo quando meus ombros caem aliviados ao vê-la. Tanta coisa aconteceu em tão pouco tempo, e ainda não tivemos a chance de admitir isso um para o outro.

Ainda assim, ao vê-la, posso respirar fundo. É assim desde que a verdade veio à tona.

Uma brisa fresca desliza pelas portas abertas, mexendo seu pelo e meu cabelo, ambos prateados, mas refletindo tons de cobre à luz do fogo.

É hora. Precisamos colocar tudo isso para fora. "Eu sei que muito do que aconteceu nos últimos quatro meses foi culpa minha", digo a ela, dando o

primeiro passo.
Eu falo as palavras em voz alta, não apenas pelo nosso vínculo mental. Isso os torna mais permanentes; Eles não podem ser ignorados como um pensamento. Tenho que provar o peso de cada um deles na minha língua.
Os olhos dourados de Anassa se arregalam. Ela abaixa a cabeça para poder olhar mais diretamente para mim.
Às vezes é difícil falar com ela assim. Suas expressões são tão sutis, perdidas atrás do pelo e dos traços caninos. Se ela não estiver disposta a me contar suas emoções pelo vínculo, as indicações sutis nos olhos ou nos ouvidos dela podem significar qualquer coisa, desde surpresa até raiva.
Engoli o nervosismo e continue. "Demorei demais para aceitar nosso vínculo e ainda mais para descobrir como me comunicar com você direito. E talvez eu ainda não aconteça..." Balanço a cabeça e mudo de ideia. "Cometi erros, não sendo honesto comigo mesmo e com os outros. Então vou parar com isso. De agora em diante, total honestidade entre você e eu, Anassa."
Seus olhos se estreitaram. Foder. Apenas continue.
"E com isso, preciso te dizer..." Engulo em seco. Isso é difícil. Mas honestidade, honestidade. "Estou realmente muito magoado por você ter me tratado do jeito que me tratou. Sei que você não pôde me contar nada por causa da maldição de sangue, mas muitas vezes senti que você estava trabalhando contra mim. E eu não entendo por que você agiu assim."
Há um longo momento de silêncio. A lareira estala, espalhando um pequeno carvão pelas pedras. Vejo o cabelo se transformar lentamente em fuligem até sentir o movimento de Anassa.
Ela se aproxima e então se senta no chão aos meus pés. Ela se abaixa bem no meu nível, e juro que há algo solene nos olhos dela.
Talvez ela não seja tão difícil de ler quanto eu pensava.
"Estou sozinha há muito tempo, Meryn", me diz Anassa.
As palavras penetram na minha alma.
Sozinha.
Lembro do que os outros recrutas disseram quando chegamos ao auge da Ascensão. Anassa estava no topo daquela montanha há anos e anos. E quando a vi pela primeira vez, ela estava separada do resto dos lobos gigantes.
Ela tinha um parceiro, mas esse companheiro estava longe dela, indo na frente com seu cavaleiro.
"Minha mãe era a loba gigante ligada à Rainha Chiara Sturmfrost", Anassa me conta.
Meus lábios se entreabrem. Mãe de Anassa, ligada à última verdadeira rainha de Nocturna. Algo puxa meu peito. Algo familiar, pesado e frio.
Luto—aquele corte profundo que desaparece, mas nunca realmente cura.
Meu coração se abre para Anassa como uma flor negligenciada tendo seu primeiro vislumbre de luz do sol.
"Lobos gigantes têm vidas notavelmente longas, como você aprendeu. Podemos viver até mil anos enquanto procuramos o cavaleiro certo. Só escolhemos uma vez, e atramos nossas vidas ao nosso escolhido, então devemos escolher corretamente. E eu..." Ela pisca devagar. "Esperei séculos por você."
Para mim.

Séculos sozinha, esperando por alguém que nem tinha certeza se algum dia viria. Eu costumava achar que Anassa era impaciente, mas ela suportou anos e anos de saudade só para que pudéssemos nos encontrar.
"Havia outros lobos gigantes esperando?" Pergunto. "Algum lobo da sua idade ou mais velho?"
"Não."
Minha garganta aperta. Quão solitário aquilo deve ter sido.
Uma onda fria de vergonha me invade. Eu poderia ter sabido qualquer coisa disso sobre ela se tivesse perguntado antes. Se eu tivesse me interessado mais pela história dos lobos gigantes, se eu tivesse feito um esforço maior para conhecer o ser ao qual eu amarrei minha vida.
É difícil deixar espaço para curiosidade ou questionamento quando cada momento é uma batalha pela sobrevivência, mas isso não é desculpa.
De agora em diante, preciso fazer melhor—não só com Anassa, com tudo.
"Stark e Cratos me informaram que você viria, então eu estava preparado para me aproximar de você. Mas depois de esperar todo esse tempo, me vi apegado a um cavaleiro ressentido."
Mais um fracasso. Stark disse algo parecido. Ele passou a vida inteira esperando que a realeza de Sturmfrost se aproximasse, e ele me pegou, que bagunça eu sou.
"A dor que me causou, Meryn..." Anassa deita o focinho no chão e fecha os olhos, soltando um suspiro quente em um suspiro. "Meus instintos tomaram conta. Eu teria feito qualquer coisa para parar a agonia do seu ressentimento e rejeição. Eu precisava manter distância ou teria arrancado sua garganta."
Meus olhos começam a arder, e estendo a mão, coçando o pelo atrás das orelhas dela. "Obrigado por não me matar," digo suavemente. "Mesmo que eu provavelmente merecesse."
"Somos parecidos", Anassa me diz. E eu quero discutir com ela. Não sei como ela poderia comparar seus séculos de sabedoria ao meu patético debate. Mas então ela diz: "Somos ambos impulsivos e determinados, qualidades que cada um precisa melhorar."
Deixei meu sorriso tomar conta. "Nem sempre é uma ótima combinação."
"É uma combinação poderosa. Mas para funcionar, sim, nós dois precisamos nos comunicar melhor", ela responde. Ela aproxima a cabeça de mim, se inclinando para meus carinhos nos ouvidos. "Desculpe se minhas ações lhe causaram dor."
"Eu também sinto muito. Tenho sorte de ter você. Sempre fui."
Anassa se aproxima ainda mais, e eu me inclino para encostar meu rosto em sua testa, respirando o cheiro familiar de seu pelo.
Meu lobo gigante.
Eu me afasto suavemente e então digo, um pouco relutante, "Sobre Stark e Cratos." Não quero ter essa parte da conversa, mas preciso saber. "O que senti nas masmorras, quando você derrubou todos os seus escudos—"
"Meu amor por Cratos", ela diz. "O vínculo de companheiro é forte. Vou continuar protegendo vocês disso. Nós, lobos gigantes, sabemos que o vínculo de companheiro pode causar confusão para nossos cavaleiros, especialmente se os próprios cavaleiros não estiverem envolvidos romanticamente."
Engulo em seco. "E... Stark? Cratos protege seu amor por você também para que Stark não seja afetado?"

Minha suposição, quando fui atingido pela primeira vez pelo vínculo de companheiro da Anassa, era que Stark estava lutando com essa sensação o tempo todo em que eu estava ligado a ela.
Seria um alívio saber que ele não está.
Ainda não sei o que pensar dele. Obviamente, ele não é um inimigo como eu tão erroneamente acreditei, mas mal o conheço — além da profunda intimidade que tenho com suas carrancas e suas ordens mandonas.
Não quero que Stark fique secretamente suspirando por mim. Eu nem gosto dele. Ele é meio que um babaca do caralho.
Por outro lado, ajudaria certos momentos entre nós a fazerem sentido se ele fosse.
Como a fome nua que vi nos olhos dele quando ele lambeu minhas tatuagens, ou o calor ardente que senti entre nós esta tarde no escritório dele, quando ele segurou minha mão contra o peito.
Calor que agora se acumula líquido na minha barriga só de pensar no toque dele.
Anassa resmunga, seu hálito pungente de lobo batendo no meu rosto. "Eu não ousaria bisbilhotar sobre o relacionamento de Stark e Cratos. O vínculo entre um lobo gigante e seu cavaleiro é privado, mesmo para casais acasalados. Se quiser saber a resposta, pode perguntar ao próprio Stark."
Sim, isso seria bem recebido, tenho certeza.
Ei Stark, só por curiosidade, você sente uma atração profunda, interminável e avassaladora por mim o tempo todo? Você está tão apaixonado por mim que mal consegue funcionar?
Talvez explique por que ele fala principalmente em grunhidos, porém.
"Como funciona em nível técnico?" Pergunto, ignorando o calor no meu rosto. "Stark e eu conseguimos nos comunicar mentalmente?"
Anassa faz um aceno lupino. "Sim, você pode alcançar Stark, e ele pode alcançar você. Vocês podem se conectar mentalmente como quiserem."
Isso pode ser útil, eu acho. Se eu precisar de conselhos imediatos sobre a melhor forma de eviscerar alguém.
"E quanto a conversar com os lobos um do outro, já que vocês são acasalados? Você consegue falar com o Stark? Posso alcançar Cratos?"
Os lábios de Anassa se afastam das presas — ela está descontente. "Tecnicamente, sim, mas eu não faria isso! Como eu disse, o vínculo cavaleiro-lobo é sagrado. Falar diretamente com o cavaleiro vinculado de outro lobo... Isso é uma violação. Lobos alfa podem procurar os cavaleiros de sua matilha, mas somente se absolutamente necessário."
Minhas sobrancelhas se franzem. "Mas você procurou Helene e Grigore, quando precisávamos mostrar que eu era o verdadeiro governante."
"Essa foi uma situação grave. Você ainda não tinha tentado compartilhar memórias entre as linhas da matilha e não sabia como fazer isso sozinha, e eles precisavam ser informados imediatamente. Não vou mais procurar outros cavaleiros assim, e já pedi desculpas aos lobos gigantes deles. No entanto, sim, você e eu teoricamente podemos alcançar qualquer cavaleiro ou lobo, já que somos o casal real."
Quase tenho medo de perguntar, mas... "E os sentimentos de Stark? Seus pensamentos e emoções? Esses vão me alcançar do jeito que os seus?"

Anassa balança a cabeça. "Não do mesmo jeito. Não é um fluxo fácil, como nossa conexão, e você não pode ouvir os pensamentos dele fora de uma comunicação intencional, nem ele pode ouvir os seus. Emoções mais intensas podem te alcançar ocasionalmente. A natureza do vínculo torna todas as nossas conexões porosas."
Me aconchego novamente contra o pelo dela enquanto penso nisso. Pelo menos isso responde minha pergunta sobre se ele conseguiu ler meus pensamentos nos últimos momentos. Ele deve ser capaz de adivinhar o que estou pensando.
Francamente, isso é quase tão perturbador quanto. Será que sou tão fácil de ler assim? Ou... será que ele me conhece melhor do que eu imaginava?
Meus olhos começam a se fechar. Que dia longo foi. O primeiro dia completo como rainha, e um desastre total do começo ao fim.
"Anassa," digo baixinho. "Já que sua mãe foi a loba gigante da última rainha, você tem alguma sabedoria herdada para mim? O que eu preciso saber sobre ser rainha?"
Anassa solta um resmungo pelo nariz. "Eu era só um filhote quando a Rainha Chiara morreu. Não sei nada sobre governar. Teremos que descobrir juntos."
Suspiro e arranho meus dedos pelo pelo grosso dela. "Você e eu, né?"
As orelhas de Anassa se mexem, e ela se anima. Seus olhos pousam na porta. "Seus amigos estão se aproximando."
"Ah, finalmente," digo levemente, e vou até a porta. Liguei para eles há horas. Ouço Anassa se levantar, se sacudir e depois voltar para fora.
Abro a porta justamente quando alguém bate e quase sou derrubado pela força da Izabel se jogando em mim.
"Já levei pancadas suficientes hoje, Iz", digo rindo, me soltando dela com delicadeza.
Me afastando, observo minha melhor amiga, certificando-me de que ela está segura depois do desastre de antes. Seu longo cabelo preto está preso em um rabo de cavalo apertado, expondo a linha elegante do pescoço — sem um arranhão. Ela estreita os olhos castanhos profundos, claramente fazendo o mesmo que eu.
"Você está bem?" perguntamos ao mesmo tempo.
"Uau, vocês são como gêmeos", diz Tomison com um sorriso brincalhão ao entrar na sala. Ele passa um braço pelos ombros de Izabel, que ela rapidamente ignora, lançando um olhar irritado para ele.
Venna se aproxima, revirando os olhos. "Ha, ha." Ela é a verdadeira irmã gêmea de Izabel—uma imagem idêntica no espelho, exceto que o cabelo liso de Venna é cortado em um bob curto e com mechas azul escuro, marcando-a como membro dos Kryptos, diferente de nós, membros da matilha Strategos.
"Aqui," diz Nevah, atravessando o limiar e empurrando uma garrafa de vinho de brasa em minha direção. "Achei que todos nós poderíamos usar isso depois de hoje." Ela olha ao redor do meu quarto e solta um assobio baixo. "Eles só continuam te atualizando, né, Cooper?"
Peguei a garrafa dela e levo meus amigos para a área principal de estar do quarto. Enquanto eles admiram barulhentos meus novos aposentos, eu desrolho a garrafa e sirvo copos para todos. Depois sentamos no tapete perto da lareira.
No momento em que me acomodo, Izabel segura meus ombros, olha nos meus

olhos e diz: "Vou executar o Killian pelo que ele fez." Meus olhos se arregalam. "Estou falando sério. Sangue por toda parte. Eles não vão encontrar o corpo dele."
"Você não quer enviar uma mensagem com ele?" Tomison brinca.
"Ok, eles só vão encontrar a cabeça dele", diz Izabel, com uma expressão perturbadora no rosto.
Talvez eu não devesse me sentir tão acolhida com uma oferta de assassinato brutal, mas estou. "Você vai ter que entrar na fila", digo com meio sorriso.
Ela revira os olhos. "Tudo bem, mas pelo menos me deixe algo para esfaquear."
"Anotado, guarde partes do corpo dele para prática de tiro."
Nevah cruza os braços, o rosto preocupado. "Como ele conseguiu sair daqui, afinal?"
Eu conto a todos o que aconteceu entre nós em seus aposentos, tomando cuidado para encarar Venna — que é deficiente auditiva — para que ela não perca uma palavra. Então lembro da memória que compartilhei com todos os Vinculados dele desaparecendo em um redemoinho de sombra.
Venna inclina a cabeça, o cabelo apenas roçando seu ombro. "Parece quase um rifting. Sabe, como nós, Kryptos, manipulamos luz e sombra para mascarar nossas localizações e nos escondermos."
Ela está certa—exatamente como na arena, quando a mulher mais velha de Kryptos estava desaparecendo e reaparecendo. "É assim que se chama, rifting? Mas isso é só uma fachada, né? Você não pode desaparecer e reaparecer em outro lugar?"
"Não," diz Venna, com tom contemplativo.
"Killian disse..." O nome dele tem gosto horrível na minha língua. Sacudindo isso, continuei: "Ele disse que os poderes da matilha eram 'rasgados dos meus'. Será que essa habilidade é como uma versão extrema e intensificada do que Kryptos pode fazer."
Venna concorda. "Faz sentido."
"Só há um jeito de descobrir", diz Tomison. "Tenta lá!"
Izabel o bate no peito. "Seu idiota. Como ela pode usar um poder que nem entende?"
"Concordo com a Iz", diz Nevah. Ela morde o lábio preocupada e continua, "Depois do que aconteceu na arena, Mer—"
Levanto a mão, interrompendo-a enquanto fico tonto com a lembrança. Todo esse poder, empunhado com tanta naturalidade. Todas essas mortes nas minhas mãos. Mal me permiti pensar nisso desde que Stark me encontrou no escritório dele esta manhã.
Imagens dos corpos deles surgem diante dos meus olhos, e esfaço as mãos no rosto, tentando afastar o pânico que logo se segue.
"Eu sei", digo, meu pulso disparado. "Meu poder—minha força—é perigoso. Fatal, até. E eu ainda não tenho controle sobre isso. Não devo tentar nada muito além do que sabemos que as matilhas podem fazer. Eu possivelmente arriscaria minha própria vida e a dos outros."
Nevah me lança um sorriso tenso e conciliador. "Você vai conseguir."
"Falando nisso," Tomison intervém. "Mais alguém percebeu os poderes da matilha agindo um pouco... engraçado hoje?"

Izabel e Nevah parecem reflexivas. Venna concorda. "Foi mais fácil romper do que o normal. Não tinha certeza se era só adrenalina ou algo assim, ou todo o tempo que passei praticando?"
"Um dos cavaleiros de Daemos lançou uma rajada de poder em minha direção e na Iz, e quase parecia que ela quicava nele de alguma forma," acrescento. "Ele foi derrubado do lobo. Não sei, talvez seja o poder da coroa, amplificando e mudando a magia dos Vinculados ou algo assim?"
Há uma pausa constrangedora, e acho que não sou o único a lembrar quantas pessoas foram mortas ao mesmo tempo pelos meus próprios poderes aumentados. Pigarrei. "Olha, preciso falar com vocês sobre uma coisa."
Tomison me faz uma continência brincalhona. "Sim, ah, rainha?"
"Deusa, cale a boca," resmunga, mas isso me faz sorrir.
Eles ainda me tratam como eu, e isso só reforça minha decisão de falar sobre isso com eles. Isso apaga meu nervosismo? Não totalmente.
"Escute, a maioria dos ex-Rawbonds vai partir para a linha de frente amanhã." Fala logo. "Mas eu gostaria que vocês quatro ficassem comigo. No castelo. Se você estiver disposto."
Todos estão em silêncio, olhos arregalados.
O vomito de palavras sobe pela minha garganta. "Você não precisa. Isso não é uma ordem. Mas eu realmente preciso de amigos em quem eu possa confiar por perto agora. Desesperadamente, na verdade. E confio em vocês quatro com tudo que eu—"
"Sim", diz Izabel. "Não te deixaríamos lidar com toda essa merda real sozinha." Que jeito de Izabel dizer.
"Obviamente, sim," acrescenta Tomison.
Nevah assente. "Não há lugar onde eu preferiria estar."
Venna não tem uma resposta imediata, mas mesmo assim, meus ombros relaxam. "Ah, que bom. Aparentemente, tenho um grupo de conselheiros chamado Council Palast que devo preencher. O Rei Cyril o protegia com seus parentes, então pensei que talvez vocês pudessem me ajudar — pelo menos como apoio provisório, por enquanto, até encontrarmos conselheiros adequados."
"Parece muito importante", diz Izabel. "Diga, que tipo de aconselhamento você vai precisar?" Ela levanta a taça de vinho de brasa, tomando um grande gole.
"Bem, aparentemente uma das funções do Conselho é organizar eventos e cerimônias no castelo."
Izabel engasga com a bebida. "Com licença, planejamento de festas? Você está nos segurando para a frente para planejar festas? Ter uma rainha como amiga é realmente incrível."
Tomison e Nevah riem, e meu olhar se volta para Venna, que ficou completamente em silêncio o tempo todo. Ela observa cada um de nós enquanto conversamos, a expressão indecifrável.
"Ven?" Pergunto, batendo meu ombro no dela. "O que você está pensando?"
Ela se vira para mim e sorri levemente. Não chega aos olhos. "Vai ser ótimo, Meryn. Mas eu queria te perguntar, como está a Saela?"
A preocupação dela me atinge. Meu maxilar se contrai. Não sei como responder, mas claro que ela perguntaria. Ela ajudou Stark a resgatar Saela das masmorras.
A verdade é avassaladora. E pior, é perigoso.

Confio nos meus amigos, mas o estado atual da Saela é informação sensível.
Se o conhecimento de que minha irmã é uma Sifão vazasse, mesmo que acidentalmente, poderia colocar a vida dela em perigo. As pessoas pediriam a cabeça dela, sem falar no dano que isso causaria à minha reputação como rainha em oposição aos Sifons, a Killian.
Hesito, me sentindo trêmula. "Saela está descansando, e provavelmente vai demorar um pouco até ela estar pronta para estar perto de pessoas. O... o trauma do cativeiro a afetou, e ela precisa de tempo para se recuperar." Espero que isso não tenha soado muito calculado.
Venna faz uma careta. "Desculpa. Avise se houver algo que possamos fazer para ajudar."
"O que você precisar," Nevah intervém. E tudo que posso fazer é assentir.
O clima fica abalado depois disso, e nem me surpreendo quando Tomison—normalmente quem mantém a festa acontecendo—diz: "Está ficando tarde. Provavelmente deveríamos deixar nossa regente aqui dormir para a beleza."
Todos nos abraçamos para nos despedir, mas enquanto todos saíam pela porta, agarrei o cotovelo da Venna e a segurei para longe. Quando ela se virou para mim de frente, pergunto: "Podemos conversar a sós um minuto?"
Ela assente, fechando a porta atrás de Izabel.
Isso é um pouco constrangedor.
Izabel e eu somos amigas mais próximas, em parte porque estamos na mesma matilha. Venna sempre passou tempo com nós, Strategos, mas ela tem seus companheiros de matilha Kryptos. Seus próprios amigos e mentores — sem falar em amantes. Sei que ela ganhou bastante reputação lá durante os Julgamentos. É possível que ela esteja apegada a alguém, alguém indo para a frente.
Venna e Izabel são agrupadas com frequência por serem gêmeas, e isso não é justo para nenhuma das duas.
Izabel é um livro aberto, mas Venna não. Ela nunca foi.
E a verdade é que eu não sei o que ela quer.
Respirando fundo, digo: "Venna, se quiser ir com todo mundo para a frente, eu entendo. Sei que agora está meio difícil dizer não para mim. Então, tem certeza de que quer ficar?"
Venna mexe na barra da camisa, sem olhar nos meus olhos. "Quero sim. Honestamente, a ideia de ficar longe da Izabel é horrível, mesmo que eu tenha certeza de que é inevitável. Mas vocês quatro estão todos em Strategos, todos líderes naturais. Eu realmente vou ser útil para você como Kryptos, ou você só está me atrasando porque sou gêmea da Izabel?"
Alívio percorre meu corpo. "Eu pedi para você ficar porque eu te quero. Claro que você vai ajudar. Você é de longe a mais inteligente de todos nós. Vou garantir que você tenha coisas para fazer que não sejam só planejamento de eventos."
Ela ri. "Obrigado. Encarar um batalhão de Sifões parece preferível a ser arrastado por Izabel enquanto ela resolve os assentos ou algo assim."
"Na verdade," digo, pensando em voz alta, "você pode me ajudar imediatamente." Levanto meu pulso e a pulseira mortal brilhando nela. "Preciso descobrir como tirar isso. Tem algum tipo de magia nisso, e eu não consigo removê-la."

Venna concorda. "Estou cuidando disso. Além disso... Fico feliz em passar um tempo com a Saela quando ela melhorar. Posso ajudar a mantê-la ocupada? Talvez, sei lá, ensinar linguagem de sinais ou algo assim?"
Minha garganta aperta. Não sei quão rápido vou aceitar essa oferta. "Parece bom. Eu—eu aviso quando ela estiver pronta."
Nos abraçamos e dizemos boa noite, e prometo usar esse tempo extra com meus amigos para conhecê-los melhor, agora que não estamos todos enfrentando quase a morte certa diariamente como nos Julgamentos.
Deixando meus próprios pensamentos, é impossível evitar o peso pesado do luto que volta a me invadir. Minhas câmaras estão densas com ele, como se eu estivesse respirando como se fosse ar.
Minha mente está com a Saela até que estou entrando na cama e começando a me submeter ao pesado arrastar do sono.
No momento em que fecho os olhos, a inconsciência me toma como um apagão rolante. Não é natural. Gelo passa pelo meu cérebro.
Abro os olhos, o pânico correndo por mim.
Minha respiração prende ao perceber que não estou mais nos aposentos do Soberano Alfa. Estou no mesmo cenário sombrio que continua me tomando. O mundo é indistinto, mas imediato, indefinível, mas me pressionando com um aperto que reconheço.
Olho ao redor, cauteloso. A qualquer momento, a voz profunda e sem corpo que já ouvi antes vai dizer algo. Vou ouvir sua voz aterrorizante ecoando na escuridão.
Mas outra voz vem em seu lugar, uma tão familiar.
"Olá, gatinha."
Meu sangue gela. A náusea sobe pela minha garganta.
Killian emerge das sombras, seu rosto tão friamente belo quanto sempre.
Seus cabelos dourados estão empurrados para fora do rosto, mostrando suas maçãs do rosto altas e seus olhos agora anormalmente brilhantes — uma cor que eles adquiriram quando seu ancestral, Alistair Brightbane, passou para o corpo de Killian por meio de uma magia de transferência corporal de Sifão.
Seus lábios cheios se curvam em um sorriso amoroso, revelando as pontas de suas novas presas. Ele abre os braços para um abraço.
Uma vez, eu teria ido até ele, caído em seus braços, implorado para que ele me abraçasse.
Finalmente aprendi minha porra da lição.
"Senti sua falta," ele ronrona.

6



MERYN

Té um sonho," sussurro para mim mesma, olhando com horror crescente para o homem que me traiu tão completamente.

Que roubou meu trono.

Destruiu minha irmã.

Sem contar tudo que ele fez comigo...

Meus ombros começam a tremer de raiva.

Só um sonho. As pessoas acordam de sonhos.

Os lábios de Killian se curvam em um sorriso perigosamente familiar, seus dentes à mostra. "Se isso é um sonho, por que eu também estou tendo isso?"

Meus músculos estão tão tensos que minhas articulações doem.

Killian dá um passo e desaparece nas sombras. Ele reaparece a poucos metros de onde desapareceu, os olhos me seguindo enquanto caminha suavemente pela névoa negra e girando.

Puxo a respiração bruscamente, cambaleando para trás, o nojo inundando minhas veias.

Acorde. Eu grito as palavras na minha cabeça. Se a força fosse suficiente, eu estaria livre.

Killian pausa. Finalmente, os olhos dele me deixam. Eles correm pelo espaço sombrio que habitamos. Ele inclina a cabeça, ficando imóvel de forma anormal. E então ele se vira para me olhar.

"Estamos sozinhos."

Não sei o que isso significa. Ele quer dizer a voz que ouvi neste lugar? Agora ele está em silêncio, mas—

Killian suspira aliviado, parte da tensão predatória deixando seu corpo. "Onde quer que estejamos, Alistair não está aqui."

Ah. Killian está sozinho em sua mente.

Ele atravessa as sombras e reaparece mais perto de mim. Seu olhar é suave e suplicante. Ele se parece tanto com o homem que eu achava que conhecia. O homem que cuidava de mim depois das minhas brigas, que cuidava da minha mãe.

O homem que conquistou meu coração. Que a manteve e depois a quebrou além do reparo.

Eu odeio ele. Racionalmente, eu sei que o odeio. Mas estar tão perto de sua presença intoxicante—de seu rosto lindo, daqueles lábios que traçaram cada curva do meu corpo...
Minha cabeça está girando.
"Me escute, Mer, por favor," ele implora, estendendo a mão em minha direção.
Eu afasto com um tapa. "Vai se foder," eu resmungo de raiva.
Eu caí nessa merda uma vez antes. De novo não. Especialmente agora.
Ele levanta as mãos em sinal de derrota. "Eu não vou te tocar. Só preciso que você saiba—o que aconteceu hoje, com a comunicação da matilha. Não fui eu. Era Alistair. Ele é tão forte, tão poderoso em sua magia de sangue, e tem milênios de conhecimento sobre os poderes da linhagem Sturmfrost. Ele conhecia seus ancestrais. O controle dele sobre sua magia é incompreensível."
Levanto o pulso, o rosto ardendo, e balanço a pulseira de noivado para ele. "Então é isso que é, né? Ele está tirando meus poderes através disso, corrompendo a magia dos Vinculados."
Killian se aproxima devagar. "Sim. Não está funcionando exatamente como ele esperava, mas ainda assim. Você nunca conseguirá derrotá-lo."
Meu estômago se revira. Posso estar doente.
"Mas agora que estamos a sós, posso dizer que estou do seu lado. Se ao menos você voltasse para mim, me desse uma chance."
É uma repetição absurda de uma conversa que já tivemos. Quantas vezes ele espera que eu caia nessa? Quantas vezes ele acredita que eu vou perdoá-lo?
Killian confunde meu nojo com contemplação e se aproxima novamente. "Eu não tive escolha nisso. Fui criado para esse papel."
Meu coração bate forte nos ouvidos. Não posso perdoá-lo, mas—esse, um papel indesejado... Se ele for sincero, eu consigo simpatizar com isso.
"Juntos podemos destruí-lo, gatinha."
O apelido me faz voltar a mim mesmo.
Não. Não tenho simpatia.
Eu o empurro com força, e ele cambaleia para trás. "Para de me chamar assim, seu pedaço de merda nojento."
Killian pisca para mim, confuso.
As sombras ao meu redor começam a se contorcer, deslizando sobre minhas pernas, meus braços. É exatamente como era na arena. A escuridão ouve os gritos silenciosos que normalmente guardo bem fundo no peito, e isso os faz sair.
Dá poder a eles.
"Seja como for que você nos trouxe até aqui, pare," ordeno. Cada sílaba faz sombras se contorcerem e chicoteiam, mas Killian permanece intocado.
O canto dos lábios se levanta.
E lá está ele de novo. O Killian que veio até minha cama, meus dedos traçando sua maçã do rosto, seus lábios se erguendo assim. E eu beijei aquele pequeno puxão de diversão. Está esculpindo um espaço vazio no meu peito que acho que nunca vou preencher.
Poucos dias atrás, ele era o meu mundo inteiro. Dói; Dói.
Quero enfiar minha mão na caixa torácica dele, arrancar o coração pulsante dele e dar para a Anassa.
"Eu não sou responsável por este reino das sombras", ele diz finalmente. "Um

efeito colateral não intencional da sua linda pulseira de noivado, eu acho. Presumi que você estava me atraindo para esse espaço de propósito."
A repulsa arrepia os pelos dos meus braços.
Seu sorriso se aprofunda, se tornando cruel. "Talvez seu subconsciente esteja dizendo que você também sente minha falta."
É como se uma mão gelada estivesse acariciando minha coluna, envolvendo meu pescoço por trás. Abro a boca para gritar com ele, mas não consigo.
Não sei que palavras eu poderia usar.
Não posso admitir o que aconteceu.
Ele era todo o meu futuro. Tudo parecia tão real. Engoli cada mentira com ganância, desesperadamente. As coisas que ele fez comigo.
As coisas que eu... implorou para ele fazer comigo.
Minhas mãos começam a tremer. É um aviso de que preciso parar. Não posso deixar esses pensamentos se livrarem.
Não consigo pensar em como a traição dele realmente vai, correndo como canais de podridão pelos meus ossos. Se eu deixar se espalhar, talvez nunca me recupere.
Pare, eu ordeno.
E mais uma vez, as sombras respondem. Eles se erguem como uma torre de escuridão, depois avançam furiosamente contra Killian.
Por um momento, estou triunfante. Eu não queria isso na arena, mas aqui—ótimo, certo. Um adversário digno. Se eu o estrangular com sombra, que assim seja.
Então Killian levanta a mão, segura a torrente de escuridão e a afasta com força. Ele faz isso tão facilmente, mal olhando para ela. Seus olhos estão ocupados demais me engolindo e me afogando em um mar de azul cortante.
Calafrios percorrem minha espinha. É horrível. A escuridão é meu poder—minha raiva encarnada, ao que parece—e ele a manipula com pouco esforço.
Mas ele sempre me manipulou com maestria, não foi?
O sorriso de Killian se alarga, e ele se aproxima. "Eu entendo que você está chateada comigo agora, Meryn, mas isso vai passar, tenho certeza. Você vai voltar para mim. Você acha que poderia ser rainha sem eu governar ao seu lado? Você nunca vai conseguir liderar um país inteiro."
O braço de Killian avança assustadoramente rápido. Ele agarra meu queixo com a mesma crueldade fácil que usava para segurar minha magia.
Tento me afastar dele, e seus dedos longos apertam, apertando dolorosamente.
O rosto dele está tão perto de mim agora, os lábios a um suspiro de distância enquanto diz: "Você é meu. Vou lutar por nós, para sempre. E eu nunca vou te deixar ir."
Mais uma vez, o empurro violentamente para longe, e então me viro, correndo para a escuridão. As sombras se juntam ao meu redor, apertando-se.
Estou girando.
Minha cabeça bate violentamente contra algo e vejo preto.
Quando abro os olhos novamente, o mundo dos sonhos desapareceu. Estou de volta ao meu quarto, de volta à minha cama, enrolada sem esperança nos lençóis. Luto contra eles, me torcendo, meu coração batendo tão rápido que não consigo recuperar o fôlego. E então eu olho para cima e quase grito.

Alguém está em pé sobre mim, banhado em sombras.
"Meryn", Stark diz de forma rouca. Sua expressão está tensa. Preocupada, acho — lábios em uma linha fina.
Meu rosto está molhado e gosto de sal. Estou chorando. Deusa, por que eu estou sempre chorando ultimamente? Quando meu coração começa a se acalmar, percebo que estou encharcado de suor frio.
"O que você está fazendo aqui?" Pergunto, sem saber como deveria me sentir. Meu estômago está um caos revoltado por causa daquele encontro com Killian, e ainda assim algo na presença severa de Stark no meu quarto me acalma. Instantaneamente.
Depois de tudo que passamos juntos nos últimos dias, meu corpo parece reconhecer algo que minha cabeça luta para entender: Stark me faz sentir seguro.
"Anassa sentiu medo através do vínculo de vocês, mas não conseguiu chegar até você. Ela contou para Cratos", ele diz rigidamente.
Será que foi só isso. Se talvez minhas emoções fossem fortes o suficiente para vazar até ele também.
Engolindo em seco, deslizo a mão pelo cabelo. Ele também está respirando pesado.
"E você veio." Eu olho para ele e levanto uma sobrancelha. "Fugindo?"
Ele muda o peso para o outro lado. Suas mãos estão em punhos cerrados. "Você está bem?"
"Foi só um pesadelo," respondo instantaneamente, sem querer falar sobre isso ou revivê-lo. Mesmo assim, meu sangue esquenta. Ele percebe que estou mentindo? Ele consegue sentir isso pelo vínculo?
Ele está tão perto que seu cheiro âmbar almiscarado preenche meus sentidos, lavando a dor nauseante da memória de Killian da minha mente. Tenho o impulso mais estranho — talvez meu próprio, talvez do vínculo dos nossos lobos — de me inclinar para ele, envolvê-lo com meus braços e aceitar sua força, sua proteção.
Ele está aqui, e Killian não.
Stark se endireita. Seus punhos não se desfaçam, porém. Ele claramente não acredita em mim.
"Entendi," ele finalmente diz. Ele desvia o olhar, olhando ao redor do quarto escuro, e eu vejo isso pelos olhos dele. Esse tem sido meu espaço por no máximo doze horas, mas as superfícies já estão cobertas de roupas descartadas, mapas, diários.
Não trouxe muita coisa dos alojamentos dos Rawbond, mas o que tenho parece ter explodido em uma bagunça por toda parte.
Vou limpar de manhã. Ou não vou. Tanto faz.
As narinas de Stark se dilatam em óbvia desaprovação, e meu carinho momentâneo por ele evapora. Ele seria um fanático da limpeza.
Ele pigarreia e diz: "Peço desculpas por perturbar seu sono. Você deveria tentar descansar mais."
De repente, percebo que meu braço está quente. Há uma sensação de sensibilidade persistente. Acho que Stark me tocou para me acordar.
"Certo," eu digo distraída. "Bem... boa noite?"
Não há emoção em resposta no rosto dele. Ele simplesmente vira nos

calcanhares e vai embora rápido, como se não pudesse esperar para fugir do meu poço caótico.
O quarto parece estranhamente vazio sem ele lá.
Depois que ele se foi, eu fico ali, sentada na cama e olhando. Fico olhando até meu suor esfriar e ficar pegajoso. Eu fico olhando até a presença de Stark desaparecer e a de Killian voltar, se aproximando pela beirada da minha cama e se acumulando nas sombras nos cantos do meu quarto.
Esfaço o braço e deito de novo, mas me recuso a me deixar dormir de novo.
Nunca mais quero me encontrar preso naquele espaço estranho com Killian, vulnerável às provocações dele e incapaz de escapar.
Nunca.



O resto da noite passa de forma irregular. Toda vez que o sono começa a me arrastar para baixo, eu me assusto para acordar. Eventualmente, decido que minha cama é problemática — muito tentadora — e saio dela completamente.
Depois me visto com meus couros e ando de um lado para o outro. Sente-se à mesa, estude alguns mapas. Olhar pela janela, esperando o nascer do sol.
Ainda estou olhando pela janela quando Anassa se aproxima das grandes portas de vidro, então a deixo entrar. Já contei para ela esta manhã o que aconteceu com o Killian, o sonho bizarro que não foi.
Agora ela olha para mim e encosta o nariz de forma significativa no meu lado.
"Ai." Eu a espanto. "Nada de me agredir antes do café da manhã."
"Eu sinto suas emoções. Não deixe o medo dominar sua raiva. Lembre-se da sua raiva, do seu desejo de destruí-lo. A complacência é como o mal vence."
Assinto, sabendo que ela está certa. Ainda assim, a falta de sono e a visão persistente de Killian se infiltraram na minha pele.
"Ele disse algo que não consigo parar de pensar — que não posso ser rainha sem ele e que nunca vou conseguir liderar um país. E logicamente sei que ele estava tentando me deixar insegura e fraca, e que eu não deveria deixar ele me afetar."
Olho para os olhos dourados dela, as palavras saindo de mim agora.
"Mas ele não está certo, pelo menos um pouco? Eu não treinei para isso. Não sei como supervisionar uma nação inteira. Minha única qualificação real é que uma ancestral minha de quinhentos anos atrás foi a rainha. Sempre ressenti as classes altas por terem tudo entregue por sua linhagem, e aqui estou eu, fazendo exatamente a mesma coisa."
Anassa encosta a cabeça mais perto de mim, dessa vez com delicadeza. Estendo a mão, encontrando conforto em seu pelo.
"Sim", ela me diz diretamente. "É hipócrita."
Eu rio.
"No entanto, você não pode negar a magia que agora pulsa em suas veias", ela continua. "Quem deveria liderar o país em vez disso? Killian, que é totalmente incapaz? Um dos nobres, que foram cúmplices dos crimes da família real? Você pode conquistar sua coroa aprendendo a merece-la. Afaste-o e foque em se tornar um bom líder."

"Ok", eu digo a ela. "Eu posso fazer isso. E você pode, por favor, não contar isso para o Cratos? Não estou pronto para que outros saibam dessa conexão mental que Killian e eu aparentemente temos. É muito... fresco."
"Tudo bem," diz Anassa. "Não vou compartilhar essa informação por enquanto. Mas—" Ela se interrompe e se anima, ouvindo como se pudesse ouvir algo que eu não consigo.
"O que foi?"
"Saela está acordada."

7



MERYN

W como a Saela vai estar agora? A criatura selvagem que arrancou a garganta da Helene ou a garota que eu conheço? A garota que eu sempre conheci.

Quando chego às masmorras, o Líder Aldrich já está esperando. Sua loba, Daphne, foi quem alertou Anassa. Depois da cena na arena ontem, Aldrich pegou alguns dos textos históricos que tinha sobre Sifones e desceu para as masmorras para observar Saela.

Parece que ele nunca foi embora.

"Ela está acordada", digo quando chego até ele. Ele sabe que não é uma pergunta e não responde.

Me aproximo da cela dela com cuidado. Não tenho medo de que ela me machuque, embora talvez eu devesse ter. Certamente a visão dela, desumana e estranha, vai.

Saela está encolhida no pequeno catre lá dentro, os joelhos puxados contra o peito, braços ao redor deles como se tentasse se tornar pequena o suficiente para desaparecer.

Minha respiração prende na garganta. Ela não vai se sentir confortada se eu ficar boquiaberto com a aparência dela. Mas...

Ela parece tão pequena e frágil, mas ainda há sangue e vísceres manchando suas roupas e pele, embaraçados em seus cabelos escuros. E os olhos dela são grandes e cheios de lágrimas, mas as pontas das presas dela aparecem e se escondem de novo quando ela me vê.

Ela é doce e inteligente.

Meu mundo se inclina um pouco, e eu luto para continuar em pé.

O futuro que eu imaginei, pelo qual lutei tanto — ele se foi. Arrancado de nós, retornado distorcido e distorcido. Como tinta que teve água derramada sobre ela, espalhando-se até ficar quase irreconhecível.

Mas os soluços dela soam exatamente iguais, e isso me tira do transe. Agora, isso é tudo que importa para mim. Ela é diferente, mas ainda é minha irmã naquela cela.

"Meryn," ela grita, a voz falhando.

"Me deixe entrar," digo apressada, pressionando meu corpo contra as grades. Quando olho para Aldrich, que tem as chaves, seu maxilar está tenso.

"Não sei se é uma boa ideia—"
"Me deixe entrar agora!" Eu surto.
Seus lábios se comprimem em uma linha fina sob a barba, e ele balança a cabeça. Ainda assim, ele encaixa a chave na fechadura.
"Sae," eu engasgo. "Desculpa. Eu queria vir antes, mas eu—"
Minha irmã levanta as mãos ensanguentadas antes que eu consiga alcançá-la. "Pare! Pare." Ela implora entre lágrimas. "Ele está certo. Você não deveria estar perto de mim. Eu sou má."
Ela está tremendo violentamente. Seus dentes aparecem, desaparecem.
Balanço a cabeça e tento ir até ela, mas ela cai para trás e corre para trás do berço de cama.
"Você n-precisa me matar, Meryn", ela diz, e lágrimas brotam nos meus olhos. "P-por favor."
Ela está falando sério, e as palavras dela me penetram mais fundo do que eu jamais imaginei, quebrando uma parte escondida de mim que ainda estava inteira.
"Eu sou perigoso. Eu mordi aquela mulher!" Ela está respirando errada. Ela está pálida e se contraindo tanto que seu crânio bate na parede de pedra. "E-eu a matei? Eu a matei?!"
Agora me aproximo mais devagar dela, com medo de assustá-la ou piorar a situação. Algo estranho e doloroso percorre meu corpo, como se mãos invisíveis estivessem me despedaçando lentamente em mil direções e eu não pudesse fazer nada para impedi-las.
É medo, percebo—medo verdadeiro, como nunca senti até este momento, com minha irmã pendurada na beira. Uma ameaça a ela de fora? Tudo bem, eu vou descobrir.
Mas isso, isso—
Ela é tão frágil, e está séria. Ela quer morrer; Consigo ver isso na inclinação da boca dela. Mais do que isso—ela espera que eu a ajude. É uma luta para continuar respirando, mas não posso deixar ela ver isso.
E se eu cometer um movimento errado, aquelas mãos invisíveis vão nos despedaçar aos dois.
"Helene está bem, Saela." Minhas palavras são urgentes, mas gentis. Talvez, se eu falar com cuidado, consiga acalmá-la, nos afastar desse ponto de ruptura traiçoeiro. "Ela foi curada pelo seu lobo. Ninguém se machuca."
Saela parece não me ouvir quando digo que não machucou ninguém. Talvez a culpa seja forte demais. Sentei devagar ao lado dela, e ela não saiu correndo.
"Me mate." Ela implora com os olhos, e meu coração se parte novamente com essas palavras. "Preciso ir. Eu não deveria p-ser..."
"Por favor," sussurro. Minha voz se perde sob seus lamentos.
"Prefiro morrer a ser isso!" Saela soluça. "Nosso inimigo. Seu inimigo."
E o pior é que eu entendo. É tudo o que sabemos: que os Sifões são maus. Eles mataram nosso pai. Mas se Killian, Cyril e todos os reis antes deles puderam viver sem serem detectados como Sifons por séculos, deve haver uma maneira de ela viver segura entre nós.
Não vou deixar a morte vir atrás dela. Vamos encontrar uma forma de reverter isso, e até lá, farei o que sempre fiz: protegê-la.

Eu agarro o braço fino dela. Seus olhos se arregalam.
"De jeito nenhum, Saela," eu repreendo, minha voz dura e firme. Ela precisa saber com total confiança que eu não vou deixar nada acontecer com ela.
Pela primeira vez, ela se acalma enquanto voltamos aos nossos papéis. Eu, a irmã mais velha que cuida dela. Saela, a filha mais nova que me conhece como sua única figura de autoridade confiável.
"Vamos encontrar uma forma de consertar isso. Juntos", eu digo a ela. Aponto de volta para Aldrich. "Este é o Líder Aldrich. Ele é a pessoa mais inteligente do castelo, e está me ajudando a descobrir tudo o que há para saber sobre Sifones. Você também pode confiar nele."
Saela olha por cima do meu ombro para ele e depois abaixa a cabeça, assentindo timidamente. Então ela solta um suspiro fraco. Outra lágrima escorre pelo sangue em sua bochecha. E ela desmorona. Saela cai nos meus braços.
O alívio me inunda. Eu a puxo para perto e a envolvo. Eu a puxo até metade do meu colo, balançando, beijando seu cabelo.
Ela chora nos meus braços. Desta vez, não é maníaco e apavorado. É mais macio. É o som de uma garota pedindo conforto. Eu entrego para ela, acariciando seu cabelo, sussurrando que a amo. Eu a amaria de qualquer jeito.
Meu bolso está pesado, e eu me lembro—do colar de opala da nossa mãe. Chamou minha atenção ao sair dos meus aposentos, e parecia certo trazê-lo para cá. Pescando, desengancho o colar e o prendo no pescoço pequeno da Saela.
Meu cansaço parece me pressionar um pouco mais quando entrego o colar. Interessante... Talvez estivesse aumentando meu poder, como a coroa faz? As opalas parecem tão parecidas. Guardo isso para pensar.
A joia brilha contra o peito de Saela, suas cores arco-íris apagadas na escuridão das masmorras. Ainda assim, está quente contra minha mão enquanto pressiono a palma da mão contra ela.
"Essa era da mãe", digo baixinho. "Foi passada pelas mulheres da nossa família desde a Rainha Chiara. Ela disse que era para proteção. Ela ficaria feliz em saber que isso está te protegendo agora."
Saela assente, os dedos indo até a joia. "Obrigado. É como guardar uma parte dela comigo."
Agarro a outra mão dela. "Sae, como isso aconteceu?"
"Não me lembro." Ela fungou e me abraçou forte. "Eu estava nas masmorras, e então Stark e Venna me resgataram. Algo deve ter acontecido, mas..." Ela balança a cabeça. "Quando tento pensar nisso, é só escuridão."
Eu olho para Aldrich. "Já ouvi falar de algum nível de manipulação mental, mas Sifons podem apagar memórias?"
Aldrich acaricia a barba, parecendo pensativo. "Quanto mais velhos eles são, mais poderosos se tornam. Não sabemos do que os Sifões mais antigos são capazes porque raramente os encontramos. Então, sim, é possível. Qualquer coisa é."
Bem, isso é reconfortante. Me esforço muito para não fazer uma careta para que Saela não veja o quanto as palavras dele me deixam preocupado.
Baixinho, pergunto: "Ela vai conseguir viver de sangue animal?"
"Sim, teoricamente." Aldrich se vira e pega um de seus livros empoeirados do chão. "Encontrei aqui um registro de um prisioneiro Sifão que nossas forças

mantiveram sob observação há vários séculos. Eles o alimentavam exclusivamente com sangue animal, e ele permaneceu vivo por anos, embora nunca tenha recuperado totalmente sua força de Sifão e parecesse envelhecer, diferente da maioria dos Sifons."
Interessante. Mas uma versão mais fraca e envelhecida de Saela está bem— enquanto ela estiver viva.
Respiro fundo que cheira a sangue e pedra úmida. "Gostaria de tirá-la das celas. Ela não deveria estar aqui depois de meses de prisão."
Aldrich se tensa. "Eu aconselharia cautela. Não devemos arriscar proximidade com outros humanos." Eu ouço as palavras não ditas... Caso ela perca o controle. "E tem mais uma coisa que você deveria saber."
Levanto uma sobrancelha para ele. Aldrich parece desconfortável.
"Li que existe algo chamado vínculo de sire", ele diz, fazendo uma careta. "Não ensinamos sobre isso porque não afeta como lutamos contra eles. Novos Sifões têm um vínculo com quem os transformou."
Um suspiro curto e ofendido escapa de mim. "Como um vínculo de laço? Semelhante aos nossos laços com nossos lobos ou entre nós?"
A careta de Aldrich aprofunda as linhas em seu rosto. "Sim, parece parecido. Há um nível de conexão mental que permite que os dois Sifões ligados se comuniquem. Parece que pode haver alguma habilidade de compulsão presente também. Assim como um soldado de infantaria vinculado não pode desobedecer seu Alfa, um Sifão deve seguir as ordens de seu pai quando compulso."
Quero chorar, mas me mantenho firme. Não bastava que Killian pudesse entrar na minha cabeça — ele tem que estar na dela também. Não sabemos ao certo se ele a transformou, mas parece provável.
Virando-me para Saela, pergunto: "Você o sente? Killian? Ou de mais alguém? Você sente uma conexão com alguém?"
Ela aperta os olhos, como se procurasse algo. "Não. Nada."
Meus dedos se entrelaçam com os dela novamente. "Tem certeza? Isso é muito importante, Sae."
Os dedos de Saela tremem contra os meus. "Eu juro, Meryn. Eu não sinto nada."
Será que ela saberia o que procurar? Ela está sendo compelida agora e forçada a mentir sobre isso?
Pela minha própria sanidade, preciso acreditar que, não, ele não tem controle sobre ela. Ele não consegue alcançá-la e nunca conseguirá.
"Veja," Aldrich interrompe. "Não são só outros humanos em risco na presença de um Sifão." O jeito que ele fala dela é tão clínico que estou começando a ficar vermelho. As sombras nas masmorras começam a se mexer. "Você está em risco único, Alteza. Se ele conseguir entrar na mente dela, compelê-la enquanto está na sua presença—"
"Chega," eu disparo, sombras se batendo no chão com o tom da minha voz. Mesmo agora, sem minha coroa, eles estão respondendo a mim — mas de um jeito totalmente fora do meu controle.
Aldrich se assusta com a cena, e a culpa se retorce. Eu entendo por que ele está dizendo tudo isso, claro. Mas é muito mais pessoal do que ele parece entender.
Estamos falando da Saela, não de algum experimento de Sifão.
Saela, que eu preciso proteger. Saela, que eu preciso curar.

A culpa é minha que ela seja assim desde o começo.
Suavizando o tom e acalmando as sombras, continuo: "Obrigado pelo seu conselho, Líder Aldrich, e por descobrir todas essas informações. Ao contrário do que você pensa, acho melhor que Saela fique o mais perto possível de mim, onde possa estar sob supervisão constante e onde possamos ser alertados imediatamente caso sinta que Killian está planejando algo."
Aldrich acena firmemente com a cabeça, depois se curva. "Eu entendo, Vossa Alteza. Se for esse o caso, então ela precisa estar em algum lugar que limite suas interações com os outros e onde possamos ficar de olho nela."
Anassa fala na minha mente. "Tragam Saela para nossos aposentos. Há um quarto adicional anexo, e eu vou cuidar dela. Você pode segurar Helene e Grigore na linha de frente, pois eles sabem da condição dela, e realocá-los como vigia. Cratos vai falar com Stark sobre isso."
Com esse plano, Anassa pode me alertar imediatamente se o controle de Saela falhar novamente. E além disso, ela pode mantê-la alimentada quando a fome voltar.
Tem algo mais aí também. Algo quente e gentil. Anassa quer cuidar de Saela.
Somos família, nós três.
Digo ao líder Aldrich o plano e então digo: "Por favor, continue pesquisando. Sou muito grato por tudo que você fez por nós até agora. Eu só... Preciso de uma cura. Precisamos encontrá-lo."
Ele me dá um sorriso triste e então se curva, saindo das masmorras.
"Saela," digo suavemente. Ela não olha para mim. "Você gostaria de ficar nos meus aposentos?"
O olhar de Saela está vazio. Vazio. As olheiras escurecem quando ela levanta os ombros em um encolher de ombros. Ela está arrancando meu coração, mas eu não mostro. Não quero que a Saela saiba o quanto eu tenho medo.
Vou ser forte por nós dois. Sempre fui.



Minha mente volta a Saela repetidas vezes ao longo do dia. Ela está comigo em cada tarefa, um zumbido incessante.
Venna me leva para ver o ferreiro do palácio enquanto Saela se acomoda nos meus aposentos. Ele olha para minha pulseira de noivado e tenta tirá-la, mas ela aperta dolorosamente meu pulso novamente, cortando minha circulação. O ferreiro balança a cabeça, dizendo que não conhece magia como ela.
E a Lâmina Terrível? "Este não é um metal forjado por humanos que eu já vi." Ameaçador e totalmente inútil.
Pelo menos o ferreiro me dá uma nova espada para usar no lugar dela. Nada tão chamativo quanto a Lâmina Dire, claro, ou tão carregado de significado... mas é do tamanho perfeito para minha estrutura e tem melhor equilíbrio do que minha espada de treino das Provas.
Venna promete investigar algumas conexões com Kryptos e continuar procurando respostas.
E eu acho que—pesquisa, a Saela adoraria isso.

Mas, claro, minha irmã não pode ajudar.
Depois, Stark me leva até o pátio para me despedir das forças recém-Vinculadas que estão sendo enviadas para a frente de guerra. Dou a eles um discurso completamente insípido, quase sem inspiração, sobre bravura, guerra e dever.
E eu acho que—a Saela poderia ter me ajudado a descobrir o que dizer.
Ela sempre foi melhor com as palavras do que eu. Será que ela vai usar essas habilidades de novo? Será que ela vai conseguir terminar a educação que tanto merece?
Eventualmente, acabo voltando para meus novos aposentos. Grigore e seu grande lobo gigante preto estão posicionados do lado de fora dos quartos, um pequeno consolo. Ele e Helene vão dividir os dias, com Anassa, Cratos e Stark substituindo quando puderem.
Os atendentes em meus aposentos serão instruídos a se manterem longe da porta dela. A desculpa oficial é que Saela está doente por meses em cativeiro.
Murmuro um cumprimento para Grigore e então passo pela minha sala até o quarto da Saela. Já está abastecido com livros — será que Stark fez isso? A lareira está ardendo. E ela está enrolada em cobertores na cama, de costas para a porta.
Ela não se mexe quando eu me sento na cama. Ou ela está dormindo ou só fingindo. Meu coração se aperta só de pensar. Estendo a mão hesitante e acaricio seu longo cabelo castanho — tão parecido com o meu costumava ser.
Tudo mudou desde que meu cabelo ficou assim.
E ainda assim—isso é o que mais importa.
"Eu vou te consertar, Sae," eu sussurro.
Qual de nós estou tentando convencer?

8

FORTE

Se alguém me dissesse que um dia eu perderia o sono para manter um Sifão seguro, eu teria rido na cara deles. E provavelmente quebrou o pescoço deles só porque eram burros demais para viver.

E ainda assim, aqui estou eu, sentado no desconfortável piso de pedra do corredor, fazendo exatamente isso.

Faz apenas um quarto de hora desde que dispensei Grigore de sua guarda, tomando seu lugar fora dos aposentos de Meryn para garantir que ninguém indesejado entre... e que Saela não sai para um lanche à meia-noite.

Cratos está encolhido ao meu lado, sua pose preguiçosa, mas seus olhos verdes atentos e prontos para agir. Ele e eu temos revisado mentalmente os eventos do dia, conversando sobre o que deve ser feito pela manhã — especificamente, as coisas em que teremos que ajudar antes da coroação.

Com os recém-Ligados finalmente partindo para a frente, amanhã estará silencioso por aqui.

Era estranho vê-los partir e não ir junto. Estou longe da linha de frente — e do resto da matilha Daemos — por tempo demais. Felizmente, meu Beta é experiente e mantém comunicação constante.

Mas, de alguma forma, mesmo tendo passado os últimos quatro meses esperando impacientemente para Meryn se reorganizar e recuperar sua coroa, sempre achei que voltaria para o serviço ativo.

Abaixando a cabeça, respiro fundo e estalo o pescoço. Uma coceira cresce dentro de mim. Não me dou bem com ficar parado ou com a sensação de que não estou no comando, e os últimos meses foram demais dos dois.

É o suficiente para fazer um homem perder o controle.

Uma tosse suave e feminina vem de algum lugar dentro do quarto atrás de mim, e eu cerro o maxilar. Se ela não tomar cuidado, posso perder o controle dela.

Ontem à noite, quando ela teve aquele sonho, o Cratos se abriu de novo para mim, aquele idiota. Senti a agonia dela como se estivesse acontecendo comigo também, e nunca tinha passado pelos corredores tão rápido, desesperada para simplesmente acabar.

E então lá estava ela.

Com uma maldita camisola de seda subindo até os quadris, os mamilos duros através do tecido fino, e aquele laço horrível de companheiro em plena força. Deslizei a mão pelo braço dela para acordá-la e quase perdi o controle, maravilhado com a sensação da pele macia dela.

Ela soltou um gemido choroso ao meu toque, e precisei de todo meu controle para não continuar, para ver que outros sons eu conseguiria dedilhar com as mãos.
Felizmente, ela abriu os olhos e mentiu na minha cara. O que quer que estivesse acontecendo, era muito mais do que um pesadelo, e eu podia perceber. A mentira era um respingo de água gelada em um dia congelante.
Quando Cratos desceu o escudo, consegui observar bem o verdadeiro chiqueiro que ela criou em seu quarto em poucas horas.
Quem vive assim?
Meu nojo me tirou de qualquer última atração insensível e persistente.
Não sei o que vou fazer com a Meryn Sturmfrost. Mas como arrancar a roupa dela e incliná-la sobre a mesa do café da manhã não é uma opção viável, talvez eu jogue a bunda irritante dela pela janela da próxima vez que ela tentar minha paciência.
Minha cabeça se ergue rapidamente ao ouvir o clique de botas se aproximando pelo corredor. A hora já é tarde o suficiente para que qualquer pessoa que não esteja de plantão deva estar na cama. Cratos pula para as patas, pronto para qualquer coisa.
Então a pessoa vira a esquina e aparece à vista. Gemo internamente quando o rosto dela entra em foco — a Soberana Alfa. Siegrid.
Minha mãe.
O grupo de viagem devia ter acabado de chegar.
Ela está tão impecavelmente arranjada quanto sempre, o cabelo castanho grisalho preso para trás em um nó no topo do pescoço que é ao mesmo tempo elegante e prático. Ela veste seu uniforme formal, e seus couros ornamentados são polidos e reluzentes desde as almofadas nos ombros até as pontas das botas.
A pele de Siegrid é quase do mesmo tom de marrom que a minha, castanho claro, e apenas um leve toque de rugas de preocupação marca sua testa apesar dos muitos anos no comando, como se pudesse ordenar que até sua própria pele permanecesse em boa forma.
Seus olhos brilham em reconhecimento enquanto se aproxima. "Alfa", ela diz friamente, colocando as malas no corredor. Seu lobo gigante preto e elegante, Genicos, se aproxima de Cratos, e os dois se cheiram em saudação.
Eu retribui a cabeça. "Soberano Alfa."
"Cuidado agora, toda essa ternura vai te deixar mole," brinca Cratos, e eu tento não franzir a testa.
"Sai da minha cabeça e cala a boca," retruco irritado, e ouço a versão lobo de uma risadinha abafada.
Siegrid levanta a mão para apontar para a porta atrás de mim. "Tem algum motivo para você estar acampado na frente dos meus aposentos a essa hora? Algo que você precisava me contar pessoalmente?"
Claro — ela acabou de chegar e não sabe da mudança nos arranjos para dormir.
"A Rainha Meryn dorme nesta suíte agora," digo brevemente, depois acrescento a contragosto alguma explicação: "Ela se sentiu desconfortável em assumir os aposentos do Rei Cyril, dado tudo o que aconteceu entre ela e sua família. Tenho certeza de que você entende."
"Hmm," responde Siegrid, seu tom neutro tão bom quanto uma condenação alta.

"A rainha deveria estar em aposentos dignos de uma rainha. Isso envia uma mensagem para que ela assuma seu lugar de direito. Mas não importa. Se Meryn não quiser esses quartos, eu os tomo."
Siegrid pega suas malas e gira nos calcanhares, indo em direção à antiga suíte do rei com Genicos atrás antes que eu tenha chance de responder.
Vendo ela se afastar, sinto um aperto no peito. Ela pode estar certa. Talvez fosse melhor para Meryn assumir os aposentos do rei, confortável ou não.
De qualquer forma, imediatamente gostaria que tivéssemos pensado em outro lugar para Siegrid ir, em vez de instalar o Soberano Alfa em uma posição tão poderosa.
Ela já é poderosa o suficiente.
Antes de virar a esquina, Siegrid se vira e me olha esperando. "Alfa? Pode muito bem vir junto. Vou ouvir seu relatório sobre os eventos da última semana. Já que você está aqui de qualquer jeito."
Ela está mais bem patenteada que eu. Ela sempre teve uma posição mais alta do que eu. Ainda me deixa irritado o jeito que ela espera obediência imediata de todos ao redor — mas especialmente de mim.
"Existe algo mais emocionante do que o amor de uma mãe?" A diversão de Cratos transforma minha irritação em aceitação resignada. Ele se acomoda novamente em frente à porta.
"Não, eu deveria ficar de guarda com você aqui."
"Acho que consigo lidar com um bebê sugador de sangue rebelde sozinho. Vai."
Suspirando, me levanto e corro pelo corredor atrás de Siegrid.
Obrigado pelo apoio, Cratos.



Siegrid anda de um lado para o outro pelos aposentos exuberantes do rei enquanto eu conto a ela os acontecimentos desde a morte de Cyril. Ela está tirando retratos das paredes e empilhando-os no chão, rearranjando os móveis ao seu gosto.
É típico, Siegrid agindo como se fosse dona do lugar, e um ressentimento familiar e antigo contra ela começa a crescer no meu peito. O mundo não é dela para controlar.
"Os servos podem cuidar disso pela manhã", ela observa sobre a pilha de pinturas do rei morto enquanto termino meu relatório.
Ela claramente está assumindo que eu farei os arranjos necessários. Meus dentes começam a ranger.
"Qual é a sua perspectiva pessoal sobre nossa nova rainha, já que você passou um tempo treinando-a?" Siegrid se acomoda em uma poltrona vermelha escura perto da lareira, finalmente descansando. Ela colocou uma das bolsas de viagem na cadeira bem em frente e não faz nenhum movimento para que eu possa sentar também.
De algum jeito consigo não rosnar de frustração.
Clássico movimento do Siegrid, me fazendo procurar uma forma de nos colocar em pé de igualdade. Arrasto uma das cadeiras finas de madeira da sala de jantar

para sentar de frente para ela.
Ela é tática o tempo todo. Frequentemente, tenho a impressão de que ela vê outras pessoas — especialmente a mim — como nada mais do que peças para mover em um tabuleiro de estratégias. Ela teria sido uma excelente Estratego, se sua brutalidade impressionante não a identificasse tão claramente como Daemos.
"Rainha Meryn..." Penso no que compartilhar. Preciso ser honesto, mas também não quero dar muito para ela. Siegrid é difícil de confiar. "Ela é bruta, cruel. Ela tem uma língua afiada e apenas um mínimo de autocontrole."
E apesar disso, ela tem potencial para ser uma governante justa e equitativa, se eu conseguir mantê-la longe de você.
Siegrid estreita os olhos, inclinando a cabeça para trás. "Eu conheço o tipo."
Se eu sou cruel e rude, é só porque foi isso que ela fez de mim. Mas ignoro a provocação barata.
Ela estende os braços acima da cabeça, os nós dos dedos estalando enquanto se inclina para o alongamento. "Hmm. Acho que ela é jovem. Ainda assim..."
Ela pausa, pensando em algo. Parece que ela está se comunicando com Genicos, embora ele esteja sentado em frente à lareira, de olhos fechados.
"Talvez seja melhor se livrar dela e treinar a irmã mais nova? Poderíamos fazer isso se quiséssemos. Quanto mais jovens forem, mais você pode moldá-los. Além disso, o mais novo tem estado menos em evidência. Seria mais provável que criássemos uma persona do zero, algo que agradaria ao povo."
Descartar ela? A violência me rasga com a sugestão, e me levanto tão rápido que minha cadeira cai no chão. Antes que eu possa dar sequer um passo em sua direção, porém, a porta de seus aposentos se abre de repente, madeira se estilhaçando pelo chão.
Cratos está agachado em posição de ataque, com as presas à mostra e saliva pingando. Ele solta um latido feroz e rosnado para Siegrid, que recua, assustado. Acho que nunca a vi tão surpresa antes.
Bom.
Genicos salta para as patas, rosna de volta e investe em direção a Cratos. Os dois começam a lutar, pelo preto voando enquanto eles se mordem. Eles batem em uma mesa de chá, quebrando-a em pedaços. Genicos é mais alto que Cratos, mas meu lobo gigante é mais grosso, mais musculoso.
Cratos prende Genicos, olhos selvagens, e prende o queixo no pescoço do outro lobo. Então ele olha para Siegrid e solta outro rosnado baixo de advertência.
"Qual é o significado disso?" Siegrid grita agudamente. "Cratos, o que você está fazendo!"
Sua aparência desleixada e chocada é encantadora. "Você sugeriu casualmente matar o cavaleiro do parceiro dele. Ele não aprova."
Se possível, suas sobrancelhas se erguem ainda mais e sua mandíbula cai por um momento. Então ela fecha a boca, sacode os ombros e se endireita novamente.
"Minhas desculpas, Cratos", ela diz diretamente ao meu lobo. "Eu não sabia, e vou mudar de estratégia. Seu companheiro não será ferido."
Cratos se solta suavemente de Genicos, que rapidamente o dá uma tapa na cabeça e rosna, depois recua para o outro lado da sala. Ainda assim, eu zombou.
Mude estratégias. Porque é só isso que ela vê em Meryn: uma estratégia.
O calor sobe pelo meu pescoço. Eu sei muito bem o que acontece com aqueles

que Siegrid vê como uma ferramenta, e não como uma pessoa. Afinal, sou seu instrumento mais cuidadosamente habilidoso.
Eu poderia estar preocupado com minha própria influência sobre Meryn, mas o Alfa Soberano seria muito pior.
Siegrid desliza suavemente de volta para a cadeira, e eu endireita a minha, sentando-me também. "Então Cratos é acasalado com o lobo gigante de Meryn, hmm? Que interessante você ter deixado de me contar essa informação."
Cratos se deita ao meu lado, seus olhos ainda fixos em Siegrid como se esperasse por outra ameaça. Claramente, isso é mais importante para ele agora do que proteger Saela, e eu não o culpo.
"Grigore," penso, estendendo a mão para meu companheiro de matilha. "Cratos teve que deixar seu posto, por favor, volte imediatamente à guarda em frente aos aposentos da rainha."
Então passo a mão pelas costas de Cratos, tentando acalmá-lo. "Perdoe-me por pensar que a mulher ligada ao companheiro de Cratos merecia saber disso antes de qualquer outra pessoa. Desde quando você se interessa pela minha vida, afinal?"
O rosto de Siegrid se contorce em uma carranca, e por um segundo, é como olhar no espelho, o que só me deixa ainda mais tenso.
"Você sabe que isso é maior do que só você," ela responde com irritação. "Ela é a rainha, Stark. Você sabia que, historicamente, os lobos das Rainhas do Sturmfrost sempre tiveram parceiros? E que os cavaleiros normalmente se envolvem entre si?"
Um calafrio percorre meu corpo. "Não, eu não sabia disso, já que você guarda tanta informação para si, Soberano Alfa."
Ela não pisca com meu tom duro. "Isso é um desenvolvimento excelente. Você deveria conquistá-la."
"Concordo", diz Cratos.
Meu estômago despenca. A última coisa que preciso é passar mais tempo perto da Meryn.
"De jeito nenhum," rosno. "Você está louco?"
Siegrid levanta o ombro casualmente, como se sugerisse uma cor de tinta e não um parceiro romântico. "Por quê? Seus lobos são acasalados. Você tem uma reputação infame por suas escapadas na linha de frente, então sei muito bem que você não está ocupado com outras coisas. Ela é poderosa e relativamente atraente. Você poderia fazer pior."
As longas pernas tonificadas de Meryn expostas à luz do luar. O formato completo dos seios dela sob aquela camisa. Sua boca firme que solta palavras ácidas, mas parece que teria um gosto tão doce.
Infelizmente, não há nada de relativo na aparência da Meryn.
"Sabe, você provavelmente a veria nua," Cratos intervém prestativamente.
"Mais uma palavra sua e eu te deixo na caixa," eu respondo.
Por mais atraente que a rainha seja, é um limite que nunca vou cruzar.
O que aconteceu na arena com ela matando aqueles Vinculados... Fui eu que causei isso. Vi o momento em que ela pensou se deveria usar seus poderes, e o caos dentro de mim falou, incentivando-a, incentivando-a.
Quando ela tirou aquelas vidas, um arrepio sombrio iluminou minhas veias—

tanto poder bruto e sem verniz. Ela deveria ter todos os homens rastejando aos seus pés.
Nosso país precisa dela como líder constante, e eu só a corromperia. As partes depravadas de mim anseiam por isso.
Siegrid apenas cruza as mãos no colo e me olha com cara fechada como se eu estivesse sendo a irracional. "Faz sentido, e isso aproximaria ainda mais nossa família do controle."
E lá vem aquele lembrete novamente: tudo gira em torno de controle com a Siegrid.
Posso ser uma má influência para a Meryn, mas preciso manter o Siegrid longe dela a todo custo. Sou um registro vivo dos danos que o Soberano Alfa pode causar a uma pessoa em nome de buscar e manter o poder. Se ela tocar sequer um dedo na rainha...
Levanto abruptamente e me afasto, andando de um lado para o outro pelo quarto. Se meu corpo parar de se mover por um momento, vou arrancar a expressão de autossatisfação dessa mulher, e realmente acho que não devo bater na pessoa que me deu à luz.
"Primeiro de tudo," rosno enquanto passo de um lado para o outro, "não estou interessado em cortejá-la. Ela deixou muito claro que não gosta de mim, e posso garantir que é mútuo. Ela me enlouquece, e passar mais tempo do que o estritamente necessário na presença dela soa como tortura."
"Você não precisa gostar de alguém para estar com essa pessoa", retruca Siegrid. Inacreditável.
"Segundo," continuo em voz alta, "mesmo que eu estivesse interessado, você está falando de uma mulher que teve o coração brutalmente arrancado há poucos dias. Ela está um caco completo."
Siegrid cheira. "Corações curam. Ela eventualmente terá que se casar. Você quer sofrer pelo vínculo de companheiro do seu lobo enquanto ela se casa com outro? O futuro casamento da rainha é um assunto de Estado. Quer você tenha interesse ou não, nossa família vai ajudá-la a tomar essas decisões."
Não digo nada, furioso demais para falar.
"Continue pensando nisso, é só isso que peço, Alfa Stark." Ela consegue fazer o título soar como um insulto; A voz dela é afiada como uma faca, mas ela não consegue me perfurar completamente, não depois de todos esses anos construindo minha armadura.
Não aguento mais essa maldita dança com ela hoje à noite. Olhando para Cratos, eu digo: "Hora de voltarmos à guarda."
Ele se levanta, mostrando os dentes mais uma vez para Siegrid em um rosnado. Então ele chicoteia o rabo para ela ao se virar, dando um tapa na perna dela e sai pela porta meio estilhaçada.
"A propósito," digo, parando no batente da porta e olhando casualmente por cima do ombro para o Alfa Soberano. "A irmã da Meryn foi transformada em um Sifão. A rainha está mantendo Saela em seus aposentos, e se você lançar um olhar desagradável para qualquer um deles, eu tirarei esses olhos ardilosos da sua cabeça."
Bati o que restou da porta dela atrás de mim ao sair.

9



MERYN

Estou tenso. A Soberana Alfa chegou ontem à noite com seu grupo de viagem, e devo recebê-los no castelo com um jantar esta noite. O que significa que passei a última hora me arrumar com minha nova assistente principal, Brionna, que mal consegue olhar nos meus olhos.

Aparentemente, a Matrona do Castelo e eu temos opiniões diferentes sobre como é um "servo disposto".

Talvez ela não consiga reconhecer o verdadeiro consentimento depois de tantos anos servindo os Valtières.

Depois que Brionna quase deixa cair o pincel dourado pela quarta vez, me viro para encará-la diretamente, e ela pula.

"Você e os outros funcionários do castelo não têm nada a temer, seja lá o que tenham ouvido," eu digo a ela. "Até os últimos meses, passei toda a minha vida no Bairro Oriental. Meu objetivo é melhorar a vida do povo comum."

Brionna abaixa a cabeça. "Eu tinha ouvido isso, Alteza."

Fazendo uma careta, eu digo: "Alteza, hein? Não sou uma Alteza. Por favor, só me chame de Meryn."

Seus ombros relaxam. Ela pisca, relaxando um pouco. "Ok... Meryn."

Sorrio aliviado. "Isso é menos constrangedor, não é?"

Brionna assente e fica um pouco corada. Finalmente, ela está relaxando.

Conversamos enquanto ela cuida do meu cabelo. Ela me disse que é do Central Quarter. Descobrimos que Brionna estudou na mesma escola que Saela, cerca de uma década antes, o que me deixa feliz e também me deixa com uma dor aguda.

Saela nunca mais voltará para essa escola e muito provavelmente não para outra.

O peso esmagador me atinge de novo: a vida que eu imaginava para nós dois desaparecendo no ar. No fim das contas, nada além de devaneios.

A Saela nem está falando comigo. Faz apenas um dia — um dia trancado naquele quarto, não uma cela de masmorra, mas uma prisão mesmo assim. Ainda assim, a dor disso está em toda parte.

E odeio olhar para ela e me perguntar... se Killian também está em sua cabeça.

Aldrich e eu passamos a manhã toda pesquisando reversões de sifão e não encontramos nada que mostrar. Ainda assim, não posso perder a esperança.

Quando meu cabelo está pronto—duas tranças elegantes se enrolando na base do

meu crânio, o mais próximo possível de um apanhado no meu comprimento— Brionna já relaxou. Ela não se assusta mais. E ela coloca a coroa de lobos na minha cabeça com algo próximo da reverência.
O poder inunda minhas veias, e tento não estremecer com a onda desconhecida.
Vou me acostumar logo, digo para mim mesmo. A tudo isso: à magia e a tudo mais.
Uma batida na porta nos alerta que meus amigos chegaram. Disse que eles também precisavam comparecer ao jantar, como membros interinos do meu Conselho Palast. Sua primeira responsabilidade: me proteger de qualquer estranha batalha de poder que eu esteja prestes a travar com o Soberano Alfa.
Os olhos de Izabel brilham ao ver a túnica prateada-azulada e as calças de camurça escura que estou vestindo, uma roupa que Brionna escolheu para mim. "Ooh, linda. Elegante, mas não suave. Uma escolha perfeita."
Tomison sorri para Brionna, expondo sua linha de dentes perfeitamente retos. "Ótimo trabalho, garota nova."
O rosto dela fica vermelho por completo. Tento imaginar Tomison pela perspectiva dela — o cabelo castanho-avermelhado rico, a estatura alta e tonificada, o olhar confiante nos olhos dele. Ele seduz as pessoas sem nem tentar.
Izabel resmunga um pouco demais. "Você precisa flertar com toda mulher que vê?"
"Rude," Tomison retruca imediatamente. "Não posso elogiar as pessoas?"
Izabel cruza os braços sobre o peito e o encara com um olhar cortante. "Se ao menos eu acreditasse que suas intenções são tão puras."
Nevah geme, se aproximando de mim. Ela está com um vestido de cetim amarelo vívido. "Esses dois já podem transar? As discussões estão ficando cansativas."
"Izabel adora preliminares longas e raivosas", brinca Venna. Sua irmã se vira para ela, gaguejando de indignação, mas Venna continua, "Está na hora de ir ou vamos nos atrasar."
"Tudo bem," Izabel diz secamente, passando por Venna e entrelaçando seu braço com o meu. Ela me puxa para fora da porta, e eu aceno para a Brionna. "O que devemos esperar dessa reunião real tão importante, afinal?"
Seguimos pelos corredores ecoantes do castelo, e eu mesmo me pergunto isso.
A primeira vez que conheci Siegrid Therion, no dia em que ela me disse que eu fui escolhido como Alfa do Estratego, eu estava um caos suado e nervoso. Ela me fazia sentir tão pequeno. Como se eu fosse uma criança desajeitada que tropeçou em algo que não entendia.
Era verdade, de certa forma, mas ainda assim...
Ela sabia. Mesmo antes de eu saber. Ela sabia quem eu realmente era, e parecia que me achava insuficiente.
Puxo os ombros para trás, canalizando a energia que traria para minhas lutas de boxes. Nossos papéis mudaram.
Não vou deixar que ela me veja como fraco ou incerto.
"Não tenho certeza", respondo honestamente. "A Matrona Alienor disse que isso era apenas uma refeição de boas-vindas para a Soberana Alfa e seu grupo. Mas sabe, eu não cresci exatamente indo a jantares chiques. Se eu estiver quebrando

algum tipo de protocolo de Vinculados ou da corte em algum momento, você poderia me avisar?"
Venna me dá tapinhas nas costas enquanto caminhamos. "Estamos cuidando disso."
Quando meus amigos e eu entramos na sala de jantar formal, cinco pessoas já estavam sentadas. Todos se levantam em deferência quando me veem. Só há cavaleiros aqui esta noite; Anassa levou os lobos do grupo de viagem para uma caçada acolhedora.
Nada diz "que bom te ver" como despedaçar presas violentamente juntas.
A Soberana Alfa é a última a se levantar, claro, e o faz com um estrondo alto da cadeira que ecoa pela sala.
Ela usa uma jaqueta formal verde escura perfeitamente ajustada com calças combinando. Seu cabelo castanho grisalho, com a mecha vermelha sangue, está preso em um coque apertado, e sua expressão é severa—embora provavelmente sempre seja.
Tal mãe, tal filho.
Sua aparência declara a todos: Sou poderosa e estou no comando aqui.
De repente, percebo que a Soberana Alfa Siegrid se sentou à cabeceira da mesa. Talvez nós, pilotos, também enfrentemos um pouco de violência hoje à noite.
Engolo minha faísca imediata de ressentimento e digo: "Sejam todos bem-vindos."
Os olhos de Siegrid se voltam para a coroa que eu uso. Ao vê-lo, escondido há tanto tempo, suas narinas se dilatam e seus olhos ficam levemente vidrados. Tenho a sensação de que isso é uma demonstração notável de emoção vinda dela.
Então Siegrid franze os lábios e inclina a cabeça.
"Rainha Sturmfrost", ela diz. "Viemos o mais rápido possível." Ela se vira, segurando a palma da mão para quem a acompanha. "Sua Alfa Kryptos, Hannelore Woodward."
À esquerda de Siegrid está uma mulher mais velha de olhos duros e uma mecha azul no cabelo. Ela é mais baixa que Siegrid, mas iguala sua severidade.
"Seu Phylax Alpha, Tormun Belrose." Ele está do outro lado de Hannelore, um homem corpulento de traços arredondados, sobrancelhas proeminentes e um traço castanho.
"E, claro, você conhece Egith." Meu Strategos Beta, Egith, está à direita de Siegrid. Ela tem pele marrom escura e cabelo escuro raspado com um leve traço prateado.
Um calor me preenche ao ver a mulher. Egith foi duro comigo como instrutor, mas nunca de forma irracional. Na verdade, dado o quanto eu era resistente a me vincular e aceitar Anassa, ela tinha uma paciência notável. Nossos gammas da matilha estão no comando na frente enquanto Egith está aqui, mas nós dois manteremos contato com eles.
"Fico muito feliz que você pôde vir", eu digo a ela.
Ela assente, seus olhos escuros brilhando de divertimento. "Claro, tive que testemunhar a incrível transformação do meu plebeu desajustado Rawbond em nossa rainha há muito perdida."
Ao lado de Egith está uma mulher que não reconheço, e sua presença me

paralisa brevemente.
Ela provavelmente é a pessoa mais linda e deslumbrante que já vi.
A mulher tem pele de porcelana e cabelos cacheados, espessos e vibrantemente vermelhos. É uma cor que nunca vi na natureza, e parece quase brilhar à luz das velas do ambiente. Seu nariz é firme, emoldurado por olhos verde-esmeralda brilhantes, e seus lábios são cheios.
Mesmo parecendo mais baixa que eu, as proporções dela são selvagens e impressionantes. Tudo nela é longo. As pernas dela. Seus cílios. Seu pescoço esguio. Nunca vi a palavra elegante incorporada de forma tão completa em uma pessoa antes.
Meus olhos se fixam na mecha castanha no cabelo dela. Phylax, então. Fico me perguntando por que ela está aqui. Ela é uma Beta?
Quem quer que ela seja, é hipnotizante.
Como se lesse meus pensamentos, Siegrid continua: "Esta é Noemi, filha de Lorde Eisenfall."
"Ah, você é nobre?" Minha testa se franze em confusão. Eu não sabia que nobres deixavam seus filhos se tornarem Vinculados.
"Meio nobre", Noemi corrige com um sorriso educado. "Minha mãe foi vinculada."
Isso explica a altura, então — ela não é tão alta quanto a média das mulheres Vinculadas.
"Noemi atuará como sua enviada diplomática," continua Siegrid, "e fará contato com os feudos para incentivar os nobres a comparecer."
A ameaça em sua voz é óbvia. Noemi não vai visitar para entregar convites educados. O incentivo dela não vai deixar espaço para recusa.
Apontei para meus amigos. "Egith conhece esses quatro, mas eu mantive Izabel e Venna Brooks, Tomison Thorne e Nevah Rivenson. Eles servirão como membros interinos do meu Conselho Palast até que eu esteja totalmente estabelecido em meu papel aqui e selecionemos membros permanentes adequados."
Siegrid faz um som de 'hmm' difícil de entender. Desaprovação, eu diria. "E ouvi dizer que seu outro membro interino do Conselho é plebeu?"
Isso vai ser um problema? "Sim, Igor. Ele era meu vizinho no Bairro Leste e é como família. Confio nele mais do que em qualquer outra pessoa que eu conheça."
Siegrid me encara por um longo instante, e sei que ela ouviu os tons subjacentes dessa afirmação. Eu confio mais nele do que em você, então não questione a nomeação dele.
"Entendido, Alteza. É bom ter um Conselho cujos conselhos você vai seguir." É dito em um tom agradável, mas também há uma provocação.
Porque todos sabemos que você é ruim em seguir conselhos.
Nós cinco nos mudamos para cadeiras vazias, e eu assumo o assento do poder, bem em frente ao Siegrid.
Quando todos se sentam, a porta da sala de jantar se escancar. Me assusto e levanto o olhar.
Stark entra, seu passo familiar e poderoso envolto em roupas formais, e todo o ar da sala parece evaporar.

Ele está de jaqueta escura, porque claro que está. O tecido macio faz seus olhos escuros parecerem mais duros, mais afiados. A longa coluna de seu pescoço dourado-marrom está descoberta, expondo suas muitas marcas de morte.
E dois pensamentos surgem instantaneamente: Perigoso. Delicioso.
Minha respiração falha. Audivelmente. Em uma sala cheia de pessoas importantes.
Que porra há de errado comigo?
Eu reprimo minha reação, cobrindo, focando intensamente nos músculos do rosto para que não traíssem o que está acontecendo no meu cérebro fora de controle para o resto da sala.
Noemi não tem tais limitações. Ela se vira, o vê, ofega e pula de pé.
"Valstark!" ela grita.
Ela se joga nele, nos braços dele, e eu instintivamente recuo. Quem é ela? Um amigo? A… Amada?
Só de pensar me sinto estranhamente desconfortável.
Flashes repentinos de memória me atingiram: a língua do Stark no meu pescoço. Os dentes dele no meu braço. O calor do corpo dele ao meu lado na cama em Linsfall.
Infelizmente, é muito fácil imaginá-lo na posição de amante de alguém, e a deusa sabe que os Vinculados são casuais em relação ao sexo.
Engulo em seco, tentando não corar.
Os braços de Stark sobem e se fecham ao redor de Noemi, e parece quase protetor. Então os olhos dele encontram os meus por cima do ombro dela.
Eu apoio um cotovelo na mesa e na boca, Valstark?
Ele me encarou com cara feia, se afastando dela suavemente. Ele coloca um daqueles longos, lindos e brilhantes fios de cabelo atrás da orelha dela. É íntimo o suficiente para que eu desvie o olhar, sentindo-me um intruso.
Sim, provavelmente são amantes. Pessoas tão lindas pertencem juntas.
Consigo controlar meus músculos faciais, mas falhei em controlar meu sangue. Minhas bochechas estão quentes.
"Oi, Mimi," Stark diz a ela, sua voz um ronco baixo e rouco. Há um afeto genuíno ali, do tipo que acho que só senti nele quando está com Cratos. "Senti sua falta."
Então. Isso é charmoso. Eles têm apelidos carinhosos um para o outro.
Realmente não entendo por que isso está me incomodando tanto. É Stark. Não somos nada um para o outro além de protetores e rainhas.
Tem algo a ver com o vínculo de companheiro? Talvez a conexão entre Anassa e Cratos sempre signifique desconfortável ver Stark com outra mulher, pensar nele como íntimo de alguém.
Anassa deve ter ouvido meu nome pensar, porque sua presença se ilumina na minha mente. "Não", ela diz divertida. "Eu te disse; Estou te protegendo totalmente do meu amor por Cratos. Esse ciúme mesquinho é tudo culpa de vocês."
É difícil não franzir a testa. "Quem é ela?"
E Anassa, a vadia, só responde: "Alguém importante para ele."
"Engasgue com um osso de alce."
Stark dobra seu corpo enorme — juro que as costuras da jaqueta quase estouram

quando ele puxa o assento — na cadeira ao lado da de Noemi. Imediatamente, Noemi se inclina mais perto dele, seus braços graciosos apoiados no apoio de braço. Ele também se inclina.
Enquanto os criados trazem o primeiro prato, suas cabeças permanecem curvadas juntas em uma conversa silenciosa que não consigo ouvir direito.
Ignoro o estranho nó na garganta e me concentro em conversar com Nevah e Izabel.
Ciúmes, disse Anassa. Por mais irracional que seja, acho que ela pode estar certa.
Mas é tão... Idiota. Acabei de escapar de um relacionamento desastroso. Não tenho espaço para pensar em outros homens. A última coisa que preciso é desenvolver algo para uma pessoa cujo lobo por acaso é acasalado com o meu.
Alguém de quem eu nem gosto.
Além disso, acho que nunca confiaria que meus sentimentos são realmente meus e não apenas minha mente acomodando o entrelaçamento dos nossos lobos.
Laços se enrolando e me manipulando do mesmo jeito...
Só que, de novo, não.
Quase me enganei acreditando nisso, e então Noemi toca o braço de Stark. Ela diz algo baixinho, e ele sorri.
Ah, merda, ele sorri. É um sorriso de verdade. Um sorriso desinibido, de cortar o rosto e sorrir sem reservas que o faz parecer mais jovem. Nunca o vi sorrir assim. Eu não sabia que ele conseguia sorrir assim.
Siegrid pigarreia de forma significativa, e o sorriso desaparece do rosto de Stark enquanto ele olha para a mãe.
"Temos muito a discutir, então me perdoe por ir direto ao assunto sério", diz Siegrid. "Tenho discutido a situação de Killian Valtiere com meus Alfas."
Eu me irrito. Eu sou um dos Alfas. E eu sou a rainha. Então, por que eu não participei da conversa?
Ela não confia no meu julgamento quando se trata dele?
Siegrid continua, "Foi decidido que Phylax Alpha Tormun será encarregada de liderar um grupo de caça especializado para rastrear o ex-príncipe e erradicá-lo. Eles vão partir o mais rápido possível."
Tenho tantas perguntas.
"Já recebemos informações sugerindo que Killian está estabelecendo uma base em um feudo ocidental. Ainda não—"
"Se você vai atrás dele, eu vou junto," intervinho, as palavras saindo da minha boca antes que eu possa pensar demais nelas.
Ele é meu. Minha para caçar. Minha para matar. Não vou deixar ninguém tirar isso de mim.
Siegrid toma um gole casual do vinho de brasa dela. "De jeito nenhum."
"Com todo respeito," digo, "Killian é diferente de qualquer ameaça que você já enfrentou. Ele tem acesso à minha magia. Você já experimentou por si mesmo que ele pode acessar as comunicações da nossa matilha. Alistair Brightbane, um Sifão antigo e incognoscivelmente poderoso, está habitando seu corpo. E, como você sabe, isso é pessoal para mim. Preciso fazer isso sozinho. Além disso, você precisa de mim—sou o único cujos poderes podem igualar os dele."
"Com todo respeito," Siegrid retruca para mim, "Vossa Alteza, estamos lidando

com um único Sifão, não com um exército. Eu venho lutando contra Sifões desde antes de você nascer, e você é rainha há menos de uma semana. Você nem está vinculado há meio ano."
"Você está subestimando ele, e é um erro," eu respondo com firmeza.
"Você está errado, pois sabe muito pouco sobre guerra", ela resmunga. "E neste momento, você tem um trabalho e um trabalho sozinho — comparecer à sua própria coroação e ser oficialmente nomeada rainha de Nocturna. Se você falha em algo tão simples assim, não merece o título."
As palavras dela me atingiram como um tapa e me deixaram ardendo.
A mesa inteira fica em silêncio enquanto nos encaramos com raiva.
"Vossa Alteza," diz o Alfa Tormun com muito menos condescendência, finalmente quebrando o impasse. "Eu vou fazer o trabalho." Seu sorriso é caloroso enquanto ele levanta seus braços enormes e tatuados e se flexiona acima da mesa. "Matei mais Sifões do que quase qualquer guerreiro Vinculado na história."
Stark solta um pequeno resmungo, e tenho a sensação de que esse é um elogio sobre o qual ele e Tormun discutem.
Tormun parece gentil, mas está apoiando Siegrid. Ignorando minhas preocupações. Me dispensar.
As sombras ao redor da sala começam a se agitar, e eu vejo Siegrid perceber isso pelo canto do olho. Seus lábios finos.
A única coisa em que sempre fui bom foi agir. Ficar para trás é horrível.
É assim que vai ser daqui pra frente? Vou me tornar uma figura decorativa? Isolado no palácio, seguindo ordens do meu Soberano Alfa?
"Há um tempo e um lugar para você se envolver", diz Siegrid, a voz mais suave, tentando me convencer a um lugar mais calmo. Eu sei o que ela está fazendo; Ela quer evitar uma explosão incontrolável do meu poder. "Mas isso não pode acontecer até que você seja coroado."
Respirando fundo, conecto a alguns desses instintos de Stratego. Use minha capacidade de pensar em vez da minha capacidade de reagir.
Não quero ceder tão facilmente. Ele é meu. Não vou ficar tranquilo até saber o quão vermelho o sangue dele pode ficar.
Mas eu sou a rainha deles. Não preciso aceitar isso sem concessões.
"Muito bem." Mantenho a coluna reta e a cabeça erguida. "Deixo a sua especialidade, Soberano Alfa. No entanto, conheço Killian e suas habilidades melhor do que ninguém, então vou informar Alpha Tormun antes que ele parta. E eu gostaria que ele fosse trazido aqui para poder executá-lo pessoalmente."
Siegrid aceita com um leve aceno de aprovação.
Compromisso. Que coisa linda.
"Vamos em frente", diz Siegrid firmemente. "Os preparativos começarão imediatamente para sua iminente coroação. Proponho que aconteça em três semanas."
Tento não deixar o garfo cair de surpresa. Isso parece muito rápido, embora eu tenha certeza de que quanto antes reivindicarmos, melhor. "Três semanas? Podemos... fazer isso?"
Siegrid se endireita, como se se ofendesse por eu questionar sua capacidade de fazer algo. "Obviamente."

"Ok, então. Vamos começar a coroar!" Meu tom de brincadeira não combina com essa plateia. Pigarreio e então faço um gesto para a Izabel, que vive para essa merda. "Gostaria que Izabel estivesse envolvido no planejamento."
O sorriso dela se espalha de orelha a orelha, e imediatamente me pergunto se vou me arrepender dessa escolha. "Sim, por favor. Me coloque para trabalhar, Alfa Soberano!"
Siegrid dá de ombros. "Tudo bem." Seus olhos deslizam para Venna. "Você também?"
A boca de Venna se curva para baixo, e ela estreita os olhos. "Eu vou passar."
"Venna está ocupada com outras tarefas", acrescento. Como descobrir como tirar essa maldita algema do meu pulso para que minha magia não seja mais manipulada.
"A Mãe Sacerdotisa da Seita da Deusa Sem Rosto viajou conosco até Sturmfrost", continua Siegrid. "Você precisará encontrá-la uma ou duas vezes antes da cerimônia para se preparar. Ela está ficando com a ordem no lado comum da cidade, mas virá ao castelo para suas reuniões."
Eu assinto. "Mais alguma coisa que precisamos preparar?"
"Os nobres. A coroação não pode acontecer sem a presença da maioria deles. Afinal, se ninguém comparecer à cerimônia, será que ela é legítima? Como mencionado, Noemi viajará pelos sete feudos nas próximas três semanas e garantirá a presença nobre. Como ela mesma é uma deles, os nobres devem aceitar suas investidas."
Noemi sorri com isso, corando lindamente. Tudo o que ela faz é bonito. Stark mal tirou os olhos dela desde que se sentou, então certamente está ciente.
E aquela semente feia de ciúmes voltou, acompanhada de uma voz rancorosa que diz: Bom, cai fora da minha cidade. Será que estou com ciúmes do relacionamento dele com ela ou só... ela? Sua aparência, sua graça e sua facilidade?
Posso estar usando a coroa, mas ela parece mais do papel.
"Stark acompanhará Noemi nesta missão diplomática", continua Siegrid.
E meu estômago despenca no chão.
Bem, isso responde essa pergunta pelo menos. Definitivamente tenho inveja do relacionamento deles. A ideia dos dois juntos na estrada, dormindo sob as estrelas...
A cabeça de Stark se ergue rapidamente para a mãe, seu olhar arde o suficiente para queimar. "Não me informaram disso."
Siegrid dá de ombros. "Já está decidido", ela diz friamente. "Você é um componente necessário dessa estratégia."
Os dois se encaram tão ferozmente que começo a ficar desconfortável. Certamente isso é pior do que o par de Siegrid e o meu. Eu sei que o Alfa Soberano também é seu superior, mas será que é assim mesmo o relacionamento dele com a mãe?
A geada entre eles morde tão forte quanto o pior do inverno.
Eventualmente, Siegrid desvia a atenção dele para mim, como se decidisse que suas opiniões sobre isso não importam.
"A reputação de Stark o torna particularmente persuasivo nesses assuntos. Certos nobres podem hesitar em jurar lealdade a uma nova rainha, mas nenhum ousaria

recusar o Daemos Alpha... convite."
Olho para ele, apenas para descobrir que Noemi colocou a mão no braço dele e o acariciou levemente, como se tentasse acalmá-lo. Parece estar funcionando; Ele se recostou na cadeira, esfaqueando brutalmente a carne no prato, mas não matando mais a mãe com os olhos.
"Se ele puder ser poupado aqui," digo, "então—"
"Ele pode," Siegrid interrompe, seu tom não admitindo espaço para discussão. "Como eu disse, está decidido."
Passo o resto do jantar vivendo com a sensação inquietante de que, apesar de ser rainha, definitivamente não estou no comando de nada.



Depois que a refeição termina, encontro Anassa em meus aposentos, encolhida em frente à porta de Saela. "Ela já se alimentou de novo?" Pergunto baixinho.
"Ainda não precisa", responde Anassa.
Abro a porta silenciosamente e enfio a cabeça para dentro. O quarto está escuro. Saela está profundamente adormecida, encolhida de lado em uma bolinha pequena, como costumava fazer quando era criança menor.
Dormindo, ela parece quase ela mesma—uma garota normal de onze anos sem o peso de um trauma inimaginável sobre os ombros.
Ajoelho ao lado da cama dela e lentamente afasto uma mecha de cabelo do rosto dela, tomando cuidado para não acordá-la. Quando ela abrir os olhos, o peso vai cair sobre ela novamente. Eu sei disso. Mas, por enquanto, seu rosto está relaxado e sua expressão pacífica.
Esperançosamente, essa expressão pacífica significa que ela não está presa em algum reino das sombras com Killian enquanto dorme, ou sendo manipulada por seu sifone.
Suspiro e apoio o queixo na beirada do colchão. Observo ela respirar devagar. Quando os dedos de Saela se mexem durante o sono, eu luto para não chorar.
Uma batida suave na porta externa me faz sentar. "Anassa?"
Ela responde sem palavras; Ela foi para a floresta de novo e não sabe quem está na minha porta. Olho para Saela por mais um longo momento, absorvendo o silêncio, então me levanto, saio do quarto de Saela e a tranco lá dentro.
A batida volta momentos antes de eu atender.
E quando eu a abri, Valstark está ali.
Ele ainda está vestindo suas roupas formais, exceto que parece que um pouco de sua selvageria está começando a se soltar dela. Sua jaqueta está desabotoada, assim como os botões superiores da camisa, revelando mais tinta rúnica. As algemas dele estão desabotoadas. Seu cabelo, antes arrumado de forma arrumada, parece que ele já passou os dedos por ele algumas vezes.
Ou talvez Noemi tenha feito, diz aquela voz miserável e ciumenta.
Antes que eu possa questionar por que meu coração está batendo tão alto ou se ele pode ouvir, Stark levanta a mão para me mostrar a caneta de tatuagem que está carregando.
"Você precisa das suas marcas para o Vinculado que matou na arena", ele diz

simplesmente.
As palavras dele me atingiram como um respingo de água gelada no rosto. Foder.
Não é que eu tenha esquecido o que fiz.
Como perdi completamente o controle na frente de todos, como matei sem esforço tantos dos Vinculados que acabaram de se formar nas Provas. Mas entre a chegada de Saela, a Soberana Alfa, e meus pesadelos, tem sido fácil ignorar meus próprios erros cruéis e destrutivos.
Eu tirei essas vidas, e é meu trabalho lembrar delas.
Eu me afasto. Stark não me olha ao entrar nos meus aposentos. Escuto o leve toque do tinteiro enquanto ele o coloca na mesa baixa ao lado da chaise. Meus aposentos ainda estão escuros. Silêncio.
E nós dois estamos dolorosamente sozinhos.

10



MERYN

Preciso desesperadamente mover meu corpo para não desmoronar pensando nos Vinculados que matei. Ou a tatuagem que estou prestes a receber — e a sensação da minha pele quando Stark a lambe.

Meu rosto cora. A última vez que ele me tatuou, quando estávamos no acampamento de guerra em Grunfall... algo quase aconteceu entre nós, mesmo eu estando com Killian, mesmo tendo certeza de que odiava Stark. E isso foi quando estávamos em uma tenda, com outros soldados do outro lado da tela fina.

Ocupada, pego um fósforo e acendo velas e abajures a óleo pela sala até que haja luz suficiente para nós dois vermos claramente.

"Onde está Anassa?" Stark pergunta, ainda sem olhar para mim.

"Na floresta."

Ele acena em direção ao quarto de Saela. "E—"

"Ela está dormindo."

Stark gesticula para a sala à sua frente, agora óbvia em sua desordem. Seu lábio superior se curva em nojo. "O que é isso?"

Não é só meu quarto que parece que uma avalanche de coisas desmoronou nele. A sala de estar está coberta de bagunça.

Todas as roupas que a Brionna me pediu para experimentar estão espalhadas pelos móveis. Copos usados de água ficam em pelo menos quatro superfícies. Há um prato de frutas pela metade na mesa de jantar daquela manhã que está exalando um cheiro doce um pouco podre. Uma pilha de livros no chão deve ter tombado em algum momento e agora está simplesmente... uma bagunça de livros, acho que chamaríamos isso.

"Como assim?" Pergunto inocentemente.

Ele se aproxima de mim, uma raiva perigosa e silenciosa iluminando seu olhar. "Notei isso no seu quarto na outra noite também. Os criados estão se recusando a te atender? Isso não é aceitável. Vou falar com a Matrona Alienor imediatamente e—"

Estendo a mão. "Pare. Agradeço toda a, uh, energia raivosa que você está disposto a jogar por mim, mas agora tenho um atendente principal."

Ele olha para a sala confuso. "Ela precisa ser substituída, então."

"Eu disse para ela deixar as coisas", eu digo a ele. "É um desastre e eu causei,

então é estranho ela limpar tudo. Eu mesma faço. Eventualmente."
Stark resmunga, uma rajada feroz de ar. "Esse é o trabalho dela, Meryn. Ela é paga para limpar. Você realmente se sente confortável vivendo assim?"
Eu dou de ombros. "Não estou acostumado a ter tantas coisas. É meio legal."
"Desculpe, mas isso é nojento." Ele me encarou com uma careta profunda, e percebi que ele está acostumado a conseguir o que quer com esse olhar. É o estrondo de aviso do trovão antes do céu se partir violentamente. "Limpe sua porra de bagunça, princesa."
"O que aconteceu com 'minha rainha'?" Pergunto, irritado pelo tom autoritário dele.
"Aja como uma princesinha imunda e seja tratada como tal, Alteza."
Meus olhos se arregalam, e o calor, carente e insistente, pulsa por mim. Tosso e desvio o olhar, torcendo para que ele não tenha visto o efeito absolutamente ridículo que suas palavras mandonas tiveram em mim.
"Vou lembrar disso," digo calmamente, uma curiosidade mais do que casual começando a crescer. Como Alpha Stark trataria uma princesinha imunda? Noemi provavelmente poderia me contar. Deusa, não é nisso que eu deveria focar. Tem um motivo para ele estar aqui. "Enfim, as tatuagens?"
"Não há muito precedente para esse tipo de marca", ele me diz, e aponta para a tinta. Graças a Deus, ele está me deixando esquecer que tudo isso aconteceu. "Ligados raramente matam os seus fora do treinamento, então você pode escolher onde quer que eles fiquem."
As palavras me fazem voltar à gravidade da situação.
Ligados não deveriam matar os seus próprios fora do treinamento. Não é o que fazemos.
Só alguém horrível mataria um dos seus—quanto mais uma dúzia.
"Pode ser em qualquer lugar", ele diz, interrompendo minha culpa crescente como se tivesse visto isso acontecendo na minha cabeça e falado para me calar.
Engolo em seco, pensando. "Minhas costelas, então."
Perto do meu coração. Assim, se alguém me matasse do jeito que matei Henrey, teria que empurrar a lâmina pelos desenhos. Será um lembrete permanente da dor que causei e de como preciso controlar meu poder.
Stark não se mexe, e percebo que ele está me esperando.
De forma brusca, levanto a mão para desamarrar os nós de seda nos quadris, depois puxo minha túnica dos ombros. A camiseta por baixo não traz muito calor, e o ar frio morde minha pele nua.
Stark tira a jaqueta e arregaça as mangas da camisa, expondo seus antebraços musculosos. As veias sob suas tatuagens se flexionam conforme ele se move, e de repente é como se estivéssemos nos despir um para o outro.
Eu desvio o olhar.
Indo até a chaise, empurro algumas roupas para o chão, ignorando o jeito desaprovador como seus olhos acompanham o movimento. Então sento e enrolo os dedos sob o tecido fino da minha camiseta.
Eu puxo até logo abaixo dos seios, expondo a área onde quero a agulha. Quando olho para cima, Stark ainda está ali, imóvel, me encarando.
"Stark," eu digo. Pareço calmo, mas o ar no quarto de repente fica mais ralo.
Ele se vira e pega a tinta. "Suas roupas podem irritar", ele me diz com voz

neutra. "Quando terminarmos, mantenha enfaixado até cicatrizar."
Quando seus olhos escuros pousam em mim, formigamentos percorrem meus braços e meu lado exposto. Ele se ajoelha ao meu lado, o olhar inflexível. "Deite-se. Vai ser mais fácil assim."
"Aposto que você fala isso para todas as garotas," eu quebro, e então minha mente traiçoeira vai instantaneamente para Noemi e imagina as duas enroladas em todo tipo de posição.
Ele não responde, e percebo que seus olhos estão fixos na minha pele exposta.
Depois disso, não encontro palavras. Ou talvez eu pudesse, e eu simplesmente não quero.
Suas tatuagens se flexionam ao redor dos dedos enquanto ele prepara a caneta metodicamente.
Uma das mãos calejadas dele desliza para frente sobre minha barriga, e eu paro de respirar completamente. O calor da palma dele me pressiona, me mantendo firme. Não sou tocada assim, pele com pele, desde o Killian. Achei que acharia a sensação repulsiva depois de tudo.
Em vez disso, isso me acalma. Cura algo profundo por dentro.
Encontro seus olhos, e parece um raio atravessar meu corpo. Rapidamente, desvio o olhar, desesperado para impedir o rubor que se espalha pelas minhas bochechas.
Stark me liberta dessa tortura pressionando a agulha na minha pele.
A mordida é um alívio bem-vindo da turbulência na minha cabeça, o lembrete do motivo pelo qual estou fazendo essas tatuagens em primeiro lugar. Normalmente, eu me inclinaria para isso, deixaria a dor física me ancorar no corpo. Me liberte do caos que floresce dentro da minha cabeça.
Mas então lembro das palavras dele do outro dia. "Me bate. Me machuque."
E eu sei que usar um tipo de dor para lidar com outro provavelmente não é a solução.
Então respiro fundo e tento me permitir experimentar... Tudo isso. A ardência da tatuagem. A culpa esmagadora. Essa atração bizarra e indesejada por Stark e o ciúme que isso provoca, e meu coração ainda partido, e minha confusão retorcida.
A tempestade de sentimentos ruge em mim, e eu a abraço. Dói dentro de mim, pressionando meu coração, meus pulmões. Sua presença é esmagadora em sua intensidade.
Eu respiro através dele.
Eventualmente, minha frequência cardíaca diminui.
"Quando você vai embora?" Pergunto baixinho. Eu tento ser casual, mas ele está tão próximo de mim. Sai trêmulo.
Stark pausa e limpa o trabalho com um pano limpo, então a agulha começa novamente. "O Soberano Alfa quer que partamos amanhã de manhã." Sua mandíbula se tensa sob a barba escura, e por um momento, acho que ele vai dizer algo mais. Mas ele não faz.
É enlouquecedor. Tudo isso é enlouquecedor.
Eu não quero que ele vá, eu sei. E não é só por causa desse desorientador... Tanto faz. A presença dele me faz sentir mais segura.
Ultimamente, é como se eu estivesse em um lago congelado, apenas esperando o

gelo ceder. Stark é uma mão que se oferece para me puxar de volta à margem.
"Pare de se mexer", ele diz com a voz levemente rouca. Eu tento, mas meu peito dói quase tanto quanto minhas costelas.
Enquanto ele foca no que está fazendo, eu foco nele.
O movimento dos cílios enquanto seu olhar percorre seu trabalho. A linha forte do maxilar coberto de barba por fazer e a cicatriz escondida que vejo por um segundo quando ele vira a cabeça. O leve enrugado nos cantos dos olhos enquanto ele aperta os olhos para traçar as linhas mais finas.
As mãos dele são gentis apesar do tamanho e da força — apesar do que fizeram — e não consigo me livrar da ideia de que há profundidades nele que nunca vi. Que talvez ninguém tenha visto.
Bem, ninguém, exceto talvez a Noemi.
O toque do tinteiro voltando para a mesa me tira dos meus pensamentos. Ele acabou. Por um longo momento, penso em pedir para ele continuar, só para manter as mãos perto da minha pele.
Estou perdendo a cabeça.
Pisco rápido e giro um pouco para ver o que ele fez.
É uma linda série de runas entrelaçadas, incorporando um pouco de cada um dos quatro símbolos de baralho. Sem contar, sei que haverá doze linhas, uma para cada uma das vidas que tirei. É injusto que ele tenha feito algo horrível parecer tão bonito no meu corpo.
A mão de Stark está de repente na curva da minha cintura, e meu estômago revira. Os dedos dele pressionam levemente minha pele, picadas de calor abrasador. Ele me segura imóvel e se inclina para frente.
Adeus à minha batida cardíaca reduzida.
Então ele inclina a cabeça e abre a boca. O hálito dele aquece minha pele, hipersensível pela agulha.
E a língua dele está em mim. Sobre minhas costelas, abaixo do meu coração, tão perto dos meus seios agora doloridos. Ele a arrasta por longos caminhos sobre as marcas, e eu prendo a respiração para conter minha reação audível.
Justo quando acho que ele vai parar, ele traça tudo de novo. A língua dele me pressiona com mais força dessa vez, como se estivesse me devorando. Como se ele estivesse faminto pelo sabor.
Quando ele finalmente se senta, estou meio delirando. Seus olhos se abrem e encontram os meus.
Não consigo me mexer por um bom momento. Ou respirar. Ou piscar. A sala inteira se afasta. Não existe nenhum Killian. Não há coroação. Não há rebelião.
Só existe o Stark.
Minha mão se move sozinha até a borda do maxilar dele. Traço a raspagem da barba por fazer, depois aliso o tecido cicatricial escondido ali. Meus lábios se entreabrem.
Ele também está respirando pesadamente agora.
Não estou no controle enquanto meus dedos deslizam pela lateral do rosto dele até a maçã do rosto, a têmpora. Eles afundam em seus cabelos grossos e escuros.
Meu corpo se ilumina com a sensação. O cabelo dele é macio, e a respiração dele está no interior do meu pulso enquanto meus dedos brincam com os fios.
Aperto ainda mais o cabelo dele. Ele se inclina quase imperceptivelmente para

mais perto de mim.
Cada centímetro que resta entre nós é algo vivo e elétrico. Consigo sentir o menor espasmo nos músculos dele, ver as menores mudanças no rosto.
Seus olhos se fixam nos meus, e há uma estranha queimação em suas profundezas, como um fogo que arde há eras. A respiração dele para, e meus olhos vão para a boca dele.
A excitação me atravessa.
Parece que cada um de nós está desafiando o outro a diminuir a distância. Será que eu tenho coragem para fazer isso?

11



MERYN

Bantes que eu consiga convencer meu cérebro a decidir de um jeito ou de outro, Stark se afasta de mim e se levanta. A eletricidade se apaga. Minha mão escorrega do cabelo dele enquanto ele vai.

Dói. Mais do que deveria, honestamente. Se isso tivesse ido além, teria sido um erro.

Não tenho mais coração para dar, e Stark não parece do tipo que se contenta com pedaços de uma pessoa. Ele é controlado e exigente. Ele iria querer tudo.

Além disso, parece muito provável que ele já tenha alguém.

Sento-me, fazendo uma careta. O corpo dele está rígido, de costas para mim enquanto puxo minha camisa sobre minhas tatuagens recém-tocadas. Fica silêncio entre nós de novo. Ele levanta a mão e passa a mão pelo cabelo, bem onde eu o toquei, como se quisesse apagar as evidências.

Eu mordo o lábio. Será que imaginei aquela luz nos olhos dele? Estou vendo coisas agora, com a mente confusa pelo vínculo de companheiro entre Anassa e Cratos?

"Se cuide", digo para a parede. "Em suas viagens... com Noemi."

A última parte sai mais mordaz do que eu pretendia. Agora não é o momento certo para questioná-lo sobre o relacionamento deles, mas a curiosidade está me consumindo.

Stark se vira metade do caminho para mim, seu rosto uma máscara indecifrável. "Se eu pudesse evitar ir embora, eu partiria. É..." Ele solta um grunhido frustrado.

"O quê?" Eu pressiono.

Seus olhos se erguem para os meus, e há dor em seu olhar escuro. "Meu dever é protegê-la, Meryn. É uma merda te deixar aqui. Mas fazer os nobres concordarem em vir legitimar sua reivindicação, isso também é uma forma de te proteger."

Pisco, um pouco surpresa que nosso relacionamento pudesse causar algo além de exasperação e irritação para ele. Minha boca fica seca enquanto nos encaramos por um momento longo demais, estranhamente intenso. Consigo ouvir meu coração batendo forte nos ouvidos.

Ele quebra dizendo: "Cuidado com o Alfa Soberano, tá bom? Ela está sempre a

serviço dos próprios fins."
Sério, qual é o problema deles? Parece que ele detesta a mãe. Mas não temos tempo para falar sobre traumas de infância hoje à noite, nem acho que ele aceitaria abertamente, então só assento.
Ele se vira e, por cima do ombro, diz: "Tenha uma boa noite."
Me lanço de volta na chaise. O som da porta se fechando ecoa nos meus ouvidos. Tem algo errado com você, meu cérebro sibila.
Eu procuro Anassa, para me distrair com essa proximidade que estamos começando a cultivar. "Onde você está?"
Nossas mentes se conectam por alguns instantes antes de eu me afastar de vergonha. Claro, ela e Cratos se despediriam, com ele também saindo pela manhã.
Mas, querida deusa, não preciso ver isso.
Eu reforço a barreira emocional entre nós que usamos para manter o vínculo de parceiro afastado. Talvez o tempo privado deles estivesse vazando. Talvez seja por isso que não consigo me livrar da sensação fantasma da língua quente do Stark traçando minhas costelas.
Se ao menos eu acreditasse nisso com alguma convicção.



Pela manhã, conto a Phylax Alpha Tormun tudo que sei sobre os poderes de Killian e Alistair antes de partir para sua caçada. Então o Siegrid me convoca.
Convocação. Para os aposentos reais, onde ela se acomodou. Como se ela fosse a rainha.
Tento não me incomodar com isso; afinal, eu roubei os quartos dela primeiro, e não quero nada com esses. Mas quando levanto a mão e bato na porta, mais uma vez sinto que não estou realmente no comando aqui.
Ela abre a porta rapidamente. "Entre."
Siegrid sai da porta. Entro e fecho a porta atrás de mim, observando-a atravessar o cômodo. Ela realmente se move como se fosse dona do ar ao seu redor.
Então, pela primeira vez, eu observo o que deveriam ser meus quartos.
Os aposentos reais são horríveis. Claro, algumas pessoas podem usar outras palavras para descrevê-los. Elegante. Opulento. Brilhante. Régia. Mas, aos meus olhos, são um extravagância desnecessária.
Metais preciosos estão por toda parte. Os móveis são todos finos e delicados. Quem fabricou as cadeiras ao longo da mesa redonda à minha direita claramente sacrificou o conforto pelo estilo. A cama que encontrei no outro cômodo é enorme e com dossel, grande o suficiente para dez pessoas.
A pior parte são as paredes. Cabeças de animais são montadas. Troféus. Principalmente cervos e alces, mas também tem uma raposa. Todos eles foram taxidermizados com joias nos olhos.
"Que desperdício," eu rosno, minha cabeça zumbindo com a injustiça disso. Enquanto os plebeus de Nocturna lutavam para se alimentar, o rei colocava pedras preciosas nos corpos de animais mortos e as pendurava como arte.
Siegrid olha para a taxidermia. "Concordo", ela diz, "sem falar em como eles são

horrivelmente feios. O que você quer fazer a respeito?"
Me assusto com as palavras dela. Ela está realmente me perguntando o que eu quero fazer, em vez de me contar o plano dela?
"Venda tudo", eu digo a ela. "Comece com qualquer coisa desnecessária nessas câmaras, e depois vamos cômodo por cômodo por todo o castelo. Certamente alguns nobres e mercadores podem pagar pelos restos do rei morto. Vamos reinvestir os lucros nas comunidades que precisarem, começando aqui em Sturmfrost."
Siegrid concorda com a cabeça. "Vou informar a Matrona Alienor." Ela se senta à mesa, que está carregada de comida, e então faz um gesto para o seu lado. "Sente-se."
E voltei a receber ordens.
Ainda assim, faço o que ela manda. Siegrid apoia o antebraço na mesa. O olhar que ela me lança é severo, mas não cruel.
"Temos três semanas até o castelo estar cheio de nobres. Três semanas para te moldar. Precisamos começar imediatamente. Alienor continuará a instruir você sobre etiqueta no tribunal, enquanto eu treino seus novos poderes. Como está seu acesso aos canais de comunicação vinculados?"
Minha cabeça gira com o que ela acabou de dizer. "Ah... Não é ótimo. Consigo alcançar todos, como você viu quando informei minha identidade, mas foi uma quantidade enorme de energia. E ainda não sei como alcançar pessoas fora da minha matilha."
Siegrid pega uma uva e mastica, pensando.
Eventualmente, ela diz: "É preciso treinamento para entender como manipular o novo fluxo de conversa e conexão. A conexão de uma matilha é um rio. Como Alfa deles, você pode falar rio abaixo, e sua voz alcançará toda a sua matilha. Acho que você já entende isso."
Eu assinto.
"Como rainha, ou como Alfa Soberana, você e eu temos acesso a um verdadeiro mar de conexões. Você pode alcançar todo mundo. Você pode alcançar os rios dos grupos separados. Você pode alcançar os afluentes que representam cada indivíduo vinculado."
"Em teoria," resmunga.
"Ah, é complicado, claro. A distância é um obstáculo, embora a magia que você possui possa superar qualquer distância com foco suficiente, como você já sabe. Além disso, embora você possa alcançar qualquer Vinculado, eles não podem te alcançar a menos que você inicie o contato primeiro. Só você pode abrir o canal, e só você pode fechá-lo."
"A exceção é o vínculo de companheiro", eu reflito.
Siegrid me lança um olhar longo e indecifrável. "Sim," ela diz finalmente, com um tom incomumente encorajador. "Talvez Anassa já tenha te informado disso. Se seu lobo tem um vínculo de parceiro, que parece que o seu tem, você pode alcançar o cavaleiro do parceiro e ele pode te alcançar também. Você deve aproveitar bastante essa conexão incomum."
Há uma faísca nos olhos dela que me deixa inquieto.
Antes que eu possa entender, Siegrid engole outra uva e se recosta na cadeira. "A vontade individual também pode ser um obstáculo. Se alguém não quiser falar

com você, é capaz de erguer barreiras mentais assim como você faria com seu lobo gigante. Embora, talvez você consiga superar tais limites."
"Eu não faria isso," digo baixinho.
Sigried não responde a isso. "A única coisa que vai te ajudar a aprender a navegar pelas águas da comunicação é a prática. Devoção a ele. Não é culpa sua que você não consiga administrar os laços do jeito que está. Você é fraco."
Que lembrete bonito de que essa mulher é mãe de Stark.
"Mas você acha que eu posso mudar isso." Espero?
"Qualquer músculo pode ser fortalecido. Vamos trabalhar nisso em nossas sessões juntos. Você também precisa praticar seus poderes, pois agora pode canalizar a magia de qualquer matilha."
Pisco surpreso. "Posso? Tem certeza?"
Siegrid aperta os lábios, como se frustrada com o quão pouco eu sei. "Claro. Pelo que sabemos das Rainhas do Sturmfrost, você é o canal de todos os poderes da matilha Vinculada. Você percebeu que todos fortaleceram os poderes agora que você recuperou seu lugar?"
Ficou evidente durante a batalha na arena — o jeito que aquela mulher Kryptos ficou totalmente invisível, a força incomum do garoto Daemos, o jeito que Stark derrubou um arco inteiro — mas eu não percebi por que isso estava acontecendo até agora.
Soltei um suspiro trêmulo. "Ok, então, o que significa ser o condutor?"
Ela levanta um ombro. "Você tem as mesmas habilidades de cada uma das matilhas, mas mais do que qualquer outra pessoa é capaz. Você já sabe usar os poderes básicos de premonição e estratégia do Estratego, mas agora pode estender essa visão e enxergar mais para o futuro. É uma habilidade única para você como rainha."
Surpreso, rio. "Eu consigo ver o futuro?"
"Mais ou menos," diz Siegrid. "Quando você está no campo de batalha e a matilha trabalha junta, a previsão é sempre precisa — muitas mentes olhando para eventos próximos. Sozinho, você pode estender períodos mais longos. Mas o futuro não está escrito em pedra. Você pode não ter uma visão clara para um caminho claro. E mesmo assim, o futuro que você vê pode mudar. É uma ferramenta útil, mas também um poder impreciso, então você não deve depender dela com frequência."
Isso teria sido útil alguns meses atrás.
Siegrid continua, "Agora, vocês vão aprender a acessar todos os outros poderes da matilha e ver até onde podem levá-los. Existe o rifting, a arte Kryptos de ocultação. Escudo, a manobra defensiva Phylax. Impulsionando, a força que os Daemos empunham."
Minha garganta fica seca de repente. Tomo um gole de água gelada. Isso é... Muito a aprender. Mal dominei meus poderes do Strategos, e isso me levou quatro meses. "E como exatamente vou aprender tudo isso?"
"A Alfa Kryptos Hannelore vai te ensinar a rifting, e vamos trazer uma Phylax aposentada da Cidade Vinculada para ajudar com os escudos. Quanto ao impulso, Stark partiu com Noemi ao amanhecer, então vou te ensinar eu mesmo."
Quase cuspi o cubo de gelo que eu estava chupando. "Ele fez?"

Minha cabeça está girando inutilmente, e eu não sei por quê. Eu sabia que ele ia embora. Não importa que ele não tenha se despedido. Nunca esperei isso dele antes. Por que isso está me atingindo tanto?
Siegrid ou ignora minha reação boquiaberta ou não dá importância, porque ela passa por isso e diz: "Não importa. Com certeza você sabe que eu fui Daemos Alpha antes do Stark. Vamos começar amanhã cedo."
Ótimo. Mal posso esperar. Exceto que há um poder que ainda não discutimos, e é aquele que eu mais preciso controlar.
"E as sombras?"
Um sorriso cúmplice surge no rosto de Siegrid. Ela levanta a mão e curva um dedo.
E sombras deslizam pelas paredes, escuras e rastejantes.
Meu ar sai do corpo inteiro. "C-como você está fazendo isso?"
Ela abaixa a mão, e as sombras voltam ao chão, desaparecendo. "Chama-se dobra de sombra, e é uma habilidade única do Alfa Soberano e da rainha. Meus poderes não são nem um décimo dos seus, porém."
Levanto o pulso, o rubi escurecido brilhando na pulseira de noivado. "Infelizmente, não somos os únicos com essa habilidade, como acho que você sabe. Alistair Brightbane tem algum controle sobre minha dobra de sombra através dessa pulseira."
Siegrid fecha os dedos. "Sim, eu sei. Consigo sentir um acelerador na potência — na minha capacidade de impulsionar também, na verdade. Sua presença está corrompendo e distorcendo a magia para todos os Vinculados."
Alarme disparou no meu peito. "Então precisamos fazer algo. Imediatamente. Ainda não encontrei ninguém que consiga tirar a pulseira, mas vou cortar minha mão se for preciso."
As sobrancelhas dela se erguem. "Você gostaria, não teria? Você se machucaria pelo bem dos outros." Sua voz é contemplativa, surpresa. "Que nobre. No entanto, não há necessidade de tomar uma medida tão drástica. Tormun conseguirá capturar Killian e o trará de volta para cá. Vamos obrigá-lo a tirar a pulseira."
Meus ombros relaxam um pouco. "Então você vai me ensinar a dobrar sombras? No momento, só consigo acessá-lo em momentos de alta emoção, e mesmo assim, não tenho controle sobre isso. Eu penso no que quero, e ele reage, mas de forma extrema."
Siegrid suspira, pegando outra uva. "Tudo se resume à disciplina, Alteza. Para dobrar as sombras com sucesso, você precisa esvaziar sua mente. A emoção pode aumentar a força deles, sem dúvida, mas você não deve ser possuído pelo seu... sentimentos." Ela cospe a palavra com desgosto virulento, como se tivesse mordido sua fruta e a achasse podre. "Vamos arrancar essas histrionizações de você rapidinho."
Percebo que ela está tentando ajudar, então não estendo a mão para estrangulá-la, por mais que eu queira.
Anassa rosna na minha mente. "Você não é histriônica. Você é apaixonado e sente as coisas muito. Há uma diferença."
"Há um último assunto que desejo discutir com você", diz Siegrid antes que eu possa correr para a porta.

Me endireita e aceno para ela continuar.
"Agora que você descobriu sua verdadeira identidade e reivindicou a coroa, não faz mais sentido você ser o Alfa de Strategos. Meu lobo gigante, Genicos, acredita que você e Anassa deveriam se retirar e deixar os lobos escolherem outra pessoa."
A surpresa me atinge primeiro e depois a dor.
Alpha. Eu sou um Alfa. Eles são minha matilha. Mesmo que o que ela está dizendo faça sentido, eu não quero deixar ir. É um papel que eu estava começando a abraçar. Mesmo não sendo Alfa há muito tempo, é algo familiar — algo em que eu começava a me sentir confiante, diferente da minha posição como rainha.
Não quero que isso seja mais uma coisa que eu tenha a perder.
"Você nunca vai perder sua matilha", diz Anassa suavemente. "Você sempre será Estratego, mesmo que agora seja mais."
"Você apoia isso?" Eu quero tanto que ela diga não, que lute.
Ela fica em silêncio por um momento, e isso diz tudo. Quantas vezes um coração pode se partir antes de não sobrar nada para remontar?
Finalmente, ela continua, "Se continuarmos servindo como a dupla Alpha do Strategos, nossa lealdade será para com eles. Isso faria um desserviço ao nosso reino. Agora servimos a todos. Todos os lobos, todas as pessoas, não importa a matilha ou o posto."
Ela está certa, eu sei que ela está certa. Strategos merece um Alfa que lhes pertença, que não tenha prioridade maior do que seu bem-estar e força.
E meu povo—todo o meu povo—merece um líder sem interesses divididos.
"Você sabe por que ela está sugerindo isso," eu digo. É tão transparente. Siegrid gostaria de um novo Strategos Alpha que fosse completamente obediente.
"Quero, mas eu mesmo ia sugerir isso para você."
"Eu entendo", digo a Siegrid, e ela parece satisfeita. Completamente satisfeito, confirmando minha suspeita. "Vou me retirar e deixar os lobos escolherem."
"Será Sofos, o lobo gigante ligado a Egith", diz Anassa. "Tenho influência sobre a decisão. Sofos e Egith serão leais a nós acima de qualquer outro."
Se Anassa acredita que isso é verdade, eu confio nela.
"Faça uma pausa e encontre Hannelore na área de treinamento de Kryptos depois do almoço para continuar seu trabalho", diz Siegrid. "Vou avisá-la que é necessária."
Parece perigosamente uma ordem, mas deixei passar. Eu só quero sair daqui.
Volto para meus quartos para checar Saela. O que encontro não me surpreende. Ela claramente levantou da cama, se limpou e se vestiu, e depois se enfiou de novo debaixo das cobertas.
"Ei, Sae," digo, suspirando. Me abaixei para pegar os sapatos que ela tinha deixado e os coloquei bem ao lado da cama. "Tudo bem?"
Ela não responde.
"Por favor, fale comigo," eu imploro. Se eu conseguisse arrancar um sorriso dela...
Nada.
"Eu sei que isso tem sido difícil para você, mas parte meu coração te ver assim. Precisa sair para tomar um pouco de ar fresco?"

Saela resmunga. Ela não olha para mim, mas eu não preciso ver o rosto dela para saber que ela está brava. "Eu não seria um perigo para mim mesma e para os outros? Me deixa em paz, Meryn."
Abro a boca para responder, mas antes que eu consiga, sinto um puxão penetrante no meu cérebro. Um suspiro escapa dos meus lábios. Saela se vira rapidamente, o som a assusta.
Meus joelhos cederam, e eu me sento rapidamente na cama dela.
Essa sensação...
É ele de novo.
"Ligados", diz Killian — ou Alistair, se for para acreditar nele — do outro lado dos rios. "Você teve vários dias para considerar suas lealdades. O feudo de Rabenfrost me recebeu de braços abertos, e eles também recebem você."
Aqueles traidores. Minhas mãos apertam as cobertas de Saela, e meus olhos pousam na pulseira de noivado presa no meu pulso. Está mais apertado do que nunca, e o rubi mais uma vez gira com sombras escuras.
"Meryn?" Saela pergunta desconfortável.
Meus ombros começam a tremer de raiva. Eu preciso parar com isso. Tenho que cortar relações com ele de alguma forma—ele não pode tratar meu povo como se fosse dele.
"Você acha que eu consigo erguer um muro contra ele?" Pergunto a Anassa com urgência.
"Experimente. Rápido."
Fechando os olhos, busco o oceano de comunicação na minha mente. Sua energia imunda também está ali, como uma nuvem escura pairando sobre todos os riachos que se ramificam para as matilhas. Respiro fundo e então...
Eu pressiono.
O muro que eu ergo é mais forte do que qualquer coisa que Anassa e eu já jogamos um contra o outro. É ferro, e se estica e se estica e se estica, estendendo-se, protegendo todos os Vinculados de sua influência. Ela também joga seu poder contra ele.
Na hora, comecei a suar e minha cabeça começou a latejar. É como se algo estivesse apertando meu cérebro de forma brusca, espremendo como uma fruta. Mas ignoro a dor.
Eu suportaria qualquer dor para mantê-lo fora. E está funcionando—sua influência distorcida está se esvaindo.
"Meryn!" Os dedos da Saela estão no meu pulso, puxando, mas mantenho os olhos bem fechados.
"Mais", diz Anassa. "Já é quase suficiente."
Um grito escapa do meu peito enquanto continuo mentalmente empurrando a parede contra ele. Finalmente, algo se encaixa. Ele está fora; Ele está totalmente afastado dos canais de comunicação da matilha. Eu sinto isso.
"Vai ficar? Você acha que isso vai mantê-lo afastado para sempre?"
Há uma pausa antes de Anassa responder. "Talvez tenhamos que continuar reforçando. Mas... Parece que está funcionando por enquanto."
Meus olhos se abrem lentamente, e Saela está boquiaberta para mim, preocupada. Eu quase ficaria satisfeito que algo tenha chegado até ela, se eu não estivesse prestes a me curvar por causa da dor de cabeça insuportável.

O terror ricochetea no meu peito. Eu agarro os ombros dela, e ela gagueja. "Q-o quê—?"
"Você está ouvindo ele?" Eu exijo.
Ela se solta do meu aperto, atravessando a cama e se aproximando da parede. "Mer, do que você está falando? Você está bem?"
"Killian," insisto. "Você consegue ouvi-lo? Você está ouvindo ele agora?"
Seus olhos estão arregalados. Com medo. Ela balança a cabeça. "Eu—não. Não, eu te disse. Ninguém está me alcançando nem nada."
Ela parece tão sincera. Posso acreditar nela? Posso confiar na minha própria irmã?
Eu tenho que ir. Porque se eu não der minha confiança nela, quem vai?
Abrindo os braços, a chamo para um abraço. Ela goza, seu pequeno corpo pressionando contra o meu, e eu a envolvo apertado.
"Você me assustou", ela murmura.
Encosto a cabeça no cabelo dela e respiro fundo.
Ela também me assusta.
Alguém em Nocturna vai confiar em mim se descobrir que estou abrigando um Sifão?

12



FORTE

Ficar com força no meu lobo gigante é o único lugar onde encontro paz. Cratos corre quase tão rápido quanto uma nevasca, e consigo clarear a mente. Tudo o que existe é o enorme lobo negro sob mim e o movimento de nossos corpos juntos, o vento batendo contra nossa pele e pelo.

É um alívio de tudo. A responsabilidade da minha delegacia. O pico de preocupação que senti mais cedo esta tarde quando Killian procurou as matilhas.

E pensamentos de... ela.

Como o gosto dela quando lambi a tatuagem dela ontem à noite, doce como açúcar fiado. Foram precisas décadas de autocontrole bem desenvolvido para não segurá-la e continuar até que ambos estivéssemos satisfeitos.

Balanço a cabeça, tentando afastar a imagem para não ficar meio duro de novo.

Claramente, faz tempo demais que não fico com uma mulher.

Lembre-se onde você estava, eu digo a mim mesmo. Ajoelhada sobre uma pilha de roupas sujas e descartadas.

Pronto, isso ajuda.

Meryn Sturmfrost é uma má ideia, independentemente do seu sabor. Especialmente agora que Siegrid sabe do vínculo de companheiro dos nossos lobos e quer usá-lo contra Meryn.

A bela mulher ao meu lado me encara do topo de sua esguia lobo gigante marrom, Ephyse. A pele pálida de Noemi é tão branca quanto a paisagem nevada ao nosso redor, mas seu cabelo é um corte flamejante contra a paisagem que passa rapidamente.

Felizmente, estamos pedalando rápido e forte demais para falar em voz alta. Como Noemi é uma Filax, nossos lobos não conseguem falar entre si de mente a mente.

Fico feliz pelo silêncio. Noemi sempre foi muito intrometida.

Quando paramos para dormir para montar o acampamento, Noemi claramente está transbordando de conversas presas. Faço ela esperar, explorando com Cratos na estrada só para ter certeza de que não teremos companhia indesejada. Noemi monta nossas tendas simples e acendeu o fogo.

De volta ao local, ela me entrega um pedaço de carne curada e coloca um coelho que Ephyse matou sobre o fogo. Minha bunda mal toca o chão antes de Noemi se virar, olhos esmeralda brilhando de travessura, e se encaixar direto.

"Então Cratos tem um companheiro", ela diz delicadamente, mas seu olhar para mim é afiado e divertido.

"Ele quer," digo secamente, encerrando a conversa.
"Como foi tudo isso para você?" Parece que Noemi está determinada a forçar isso. Típico. "Com, sabe, o cavaleiro."
"Complicado."
Os lábios cheios de Noemi se curvam em um sorriso brincalhão, e ela cutuca minha bota com a dela. "Complicado, né? Você e eu certamente sabemos algo sobre isso."
Bati meu pé forte contra o dela, e ela quase cai de tanto rir.
"Tudo bem", ela diz. "Vou parar de perguntar sobre isso. Por enquanto."
Sinistro.
Suspiro, sentindo a culpa se instalar. Faz tanto tempo que não nos vemos, e eu sei que estou sendo um babaca carrancudo. Ela não merece isso.
"Olha, não há muito o que contar," digo, cedendo. "Não está acontecendo nada entre mim e a rainha, se é isso que você está tentando evitar."
Minha língua em sua pele macia. Seus olhos cor de avelã encontrando os meus, arregalados e vidrados com uma expressão que eu queria interpretar demais. As mãos dela, entrelaçando-se no meu cabelo, me puxando para perto dela...
Sua bagunça. Porra. Quartos.
Não está acontecendo nada, e nunca vai acontecer.
Minha mente volta ao poder que ela demonstrava, as sombras chicoteando ao redor dela como um redemoinho violento e glorioso. O terror que ela infligiu nos outros e a fascinação que isso despertou em mim. Até agora, a lembrança faz meu sangue esquentar.
Meus instintos ferozes encontrando sua total falta de controle... É uma faísca que encontra o fósforo que pode incendiar o reino.
"Uhum." As sobrancelhas de Noemi estão arqueadas, sua expressão incrédula. Ela se vira e cutuca o fogo novamente.
Ela me conhece muito bem.
Crescemos juntos na casa da minha tia-avó. Siegrid me largou com a tia Gertrude assim que seu corpo ficou curado o suficiente desde o nascimento para voltar para a frente. O soldado Phylax que me gerou estava morto antes de eu nascer.
Gertie colecionava proteções, e Noemi foi uma das várias que entraram e saíram da casa ao longo dos anos — mas ela foi a única que ficou para sempre. Seu pai não a queria, e sua mãe já era uma vítima da guerra quando ela tinha seis anos.
Ela estava perdida e frágil, e tão bonita, mesmo naquela época. O tipo de criança que pode atrair o tipo errado de atenção. Desde o primeiro momento em que a vi, me designei como seu protetor.
Embora, claro, eu tenha falhado com ela no final.
Noemi senta-se ao meu lado, a luz do fogo tremeluzindo em sua pele pálida e criando sombras profundas. Linhas de preocupação marcam o rosto dela.
"Quando foi a última vez que você os viu?" Pergunto, e vejo um flash refletido de irritação — consigo lê-la tão facilmente quanto ela me lê; Ela sempre odiou isso.
Seu olhar fica pensativo enquanto ela tira o coelho do fogo, cortando um pouco de carne para cada um de nós e depois se senta novamente.
"Provavelmente..." Ela morde o lábio inferior, um mau hábito que ela

praticamente perdeu ao longo dos anos. "Cerimônia de formatura vinculada, deve ser. Quer dizer, basicamente estou na linha de frente desde então."
Sua expressão se fecha então, e eu gostaria de poder executar todos os membros da Casa de Eisenfall, que se dane a campanha de apoio nobre de Meryn.
"Vou estar lá o tempo todo," digo, estendendo a mão dela e apertando-a. "Ninguém vai fazer nada com você."
Noemi olha para cima e encontra meus olhos, um raro momento de vulnerabilidade para ela. Então um tronco na lareira estala, e nós dois nos viramos para olhar para as chamas.
O obturador volta a cobrir seu olhar. "Eu não sou mais aquela garotinha, Valstark. Eu posso me proteger."
"Eu sei que você pode. Mas você não está enfrentando isso sozinho. Só lembre disso."
"Me dê cinco minutos com qualquer um deles se tentar algo," rosna Cratos na minha mente. "Eu imploro."
Dou uma risada sombria e transmiti a mensagem dele para Noemi, que solta uma risadinha fraca.
"Provavelmente teriam gosto de podre, Cratos", ela diz a ele.
Termino minha refeição, depois me deito, apoiando-me no cotovelo, olhando para o céu. É uma noite nublada e não consigo ver uma única estrela.
"Vai descontar sua agressividade em um cervo ou algo assim," digo para Cratos, falando em voz alta para o bem de Noemi. "Traga um lanche para a Ephyse enquanto está nisso."
"Vou deixar ainda mais sangrento", vem sua resposta sarcástica.
Ouço Noemi se mexer e então sinto seu calor enquanto ela se acomoda ao meu lado. Ela pega minha mão e aperta, mas não há calor ali, só amizade.
"Obrigada", ela diz, soando mais como ela mesma. Ficamos em silêncio confortável por mais alguns minutos, até que ela suspira e se levanta, se espreguiçando, com as mãos na parte inferior das costas.
"Vou dormir", ela diz. "A limpeza é com você; Eu cozinhei."
"Por favor, Ephyse fez todo o trabalho," digo, zombando mais por hábito do que por qualquer outra coisa. Eu me levanto para juntar nossas coisas, e os movimentos familiares e bem-vindos de limpeza me acalmam até que eu quase —quase—não quero mais matar todos os membros da família de Noemi.
Quando finalmente arrumei meu saco de dormir, minha mente continua vagando para uma certa rainha de olhos cor de avelã e o que poderia ter acontecido na noite passada se ambos tivéssemos decidido pensar um pouco menos.
É profundamente irritante que minha mente continue voltando para ela, repetidas vezes, como um falcão voltando para a mão do dono.
Só há uma explicação clara.
"Para com isso," eu resmungo para Cratos, que ainda está na floresta.
"Parar o quê?" ele responde. "Caçando? Achei que o objetivo era extravasar um pouco de agressividade."
Soltei um chiado de irritação. "Você sabe do que estou falando. Coloque seus malditos escudos de volta no vínculo de parceiro. Eu sei que você odeia ficar longe da Anassa, mas já falamos sobre isso mil malditas vezes—eu não quero sentir isso."

"Os escudos estão tão fortes quanto sempre, poderoso Alfa." Consigo imaginar o sorriso lupino dele. "Pensando nela, hein?"
Ignorando sua diversão, tento voltar a focar em adormecer. Esvaziar a mente. Respirando o ar frio.
Qualquer coisa além desse aperto frustrante no peito e da mulher frustrante que aparentemente é a causa.



A cidade de Eisenfall parece saída de um conto de fadas—casas em cores coloridas e vibrantes, fileiras de pinheiros bem cuidadas, largas avenidas pavimentadas. É bonito e idílico. Dificilmente o lugar dos pesadelos que eu imaginava quando Noemi falava sobre isso.
Mas eu sei tão bem quanto qualquer um que a beleza pode ajudar o mal a se esconder à vista de todos.
Noemi me pega olhando ao redor e sorri de forma fraca. "O pai gosta que as coisas fiquem bonitas", ela diz como explicação.
Ela é poupada de ouvir minha resposta rude quando chegamos aos portões do castelo, onde somos recebidos por dois servos com aparência apressada. Enviamos aviso por pomba cinzenta para que nos esperassem, e os servos prepararam a hospedagem dos lobos.
"Bifes crus estão sendo enviados imediatamente, Alfa Stark", diz um dos servos, fazendo uma reverência. Nenhum dos dois olha para Noemi em busca de orientação ou aprovação. Meu humor escurece.
O Castelo de Eisenfall é grosseiramente ostensivo: tapeçarias decoram cada centímetro das paredes com cores berrantes; Carpetes grossos se sobrepõem sob nossos pés, sem deixar frestas de pedra fria; até as arandelas de parede são ornamentadas.
Nossos quartos de hóspedes, no entanto, são básicos. Levanto as sobrancelhas para Noemi depois que somos deixados neles. "Eles não guardam um quarto dedicado para você como filha do senhor?"
Ela resmunga. "Por favor. Tivemos sorte de não nos colocarem nos aposentos dos servos. Você sabe que o clã Eisenfall não me vê como família." Ela se vira bruscamente e vai para seu próprio quarto se lavar.
Finalmente, após uma longa e monótona espera, um servo nos informa que fomos convocados para assistir a uma apresentação de menestréis no grande salão.
Noemi explica que essas apresentações musicais são comuns na corte de seu pai. "Ele não tem muito para ocupar seu tempo, já que delega todas as tarefas de supervisionar o feudo a vários primos que querem agradar", ela explica. "Então, entretenimento como esse e festas de caça elaboradas são suas duas atividades favoritas. Mas seu gosto musical... digamos apenas que não é o que eu escolheria."
Não me surpreende que o pai chorão dela tenha gosto horrível. A decoração da casa dele já mostrava isso.
O salão está lotado quando chegamos, o ar enevoado de fumaça e a umidade de

corpos demais em um espaço muito pequeno. Os menestréis estão montados em um pequeno palco no canto mais distante da sala, dedilhando instrumentos de cordas de vários tamanhos.
"Quem são todas essas pessoas?" Pergunto a Noemi, olhando ao redor para a coleção heterogênea de cortesãos, a maioria já em algum estado de embriaguez.
"Primos, primos de segundo grau, primos de terceiro grau, primos de primos..." Catálogos Noemi, olhando ao redor. "Esposas de primos, ex-esposas de primos, filhos e filhas de primos..."
"Eu entendo," a interrompi.
"Qualquer um que seja vagamente parente aparece nessas coisas", diz Noemi. "Eles sabem que o pai valoriza a música dele, e querem pelo menos parecer que gostam das coisas que ele gosta..."
"Aha." Eu me esquivo de grupos de primos, tentando não fazer uma careta com as harmonias levemente desafinadas que flutuam pelo quarto.

Doçura da vida personificada
Minha senhora amor, tão maravilhosa e bela
O nó de casamento que nós dois casamos
Minha esposa, que tinha o olhar curioso

Noemi fecha os olhos com força como se isso fosse abafar a voz trêmula. "Essa de novo não. Ele adora essa merda misógina."
Tenho dificuldade em entender as palavras, e minha boca se contorce de desgosto enquanto a música continua.

… A boca do meu irmão na coxa dela
Os dedos dela se enroscaram no cabelo dele
Minha esposa mentira só gemeu e suspirou
Minha esposa, que tinha o olhar curioso
Irmão, este é nosso último adeus
Minha esposa com você Eu não vou compartilhar
Tranque-a no alto da torre
Minha esposa, que tinha o olhar curioso
Sete lágrimas que aquela mulher chorou
Ri ao ver seu profundo desespero
Mas nunca pediu desculpas
Minha esposa, que tinha o olhar curioso

Consigo silenciar as palavras, focando em estudar as pessoas na multidão, memorizando seus rostos para depois avaliar quantos deles comparecem à coroação.
Um alívio abençoado finalmente chega quando a música sensacionalista termina e a plateia reunida explode em aplausos.
Me levanto, ignorando os olhares confusos que se transformam em olhares assustados quando as pessoas me reconhecem e sussurros começam a passar pelo meu caminho.
"Quer eles tenham terminado de tocar ou não, eu cansei de ouvir," rosno, sem me preocupar em baixar a voz. "Precisamos entregar nossa mensagem e voltar à estrada."
Noemi revira os olhos, mas se levanta para me seguir. Seguimos pela multidão em direção a onde o pai dela está sentado. Ele é um homem magro e magro e

magro na casa dos cinquenta anos, com cabelos grisalhos e salpicados. Seu rosto está manchado e vermelho de tanto exagerar nos luxos.
Sentada ao lado dele está sua atual esposa — esposa número oito, se não me engano. Os primeiros sete não lhe deram filhos, então ele mandou matá-los. A moça tem mais ou menos a idade de Noemi, é rechonchuda e loira. Ela parece ao mesmo tempo entediada e nervosa.
Deixei Noemi passar na minha frente e tomar a dianteira.
"Ah, Noemi, ouvimos que você estava visitando", diz Lorde Eisenfall distraído quando finalmente nos reconhece. Ele não nos oferece um assento nem comida. "Você viajou longe?"
"Não, meu senhor." A voz de Noemi é impressionantemente calma. "Mal foi um dia de cavalgada em lobo."
"Confio que seus lobos foram bem cuidados?" Sua preocupação com os lobos gigantes parece superar a de sua própria filha. "Como está sua mãe, aliás?"
"Ainda morta", diz Noemi.
Meus punhos ficam tão apertados que os nós dos dedos estalam, e eu engolo palavras das quais talvez me arrependa depois. Filho da puta desrespeitoso.
Lorde Eisenfall está me ignorando firmemente, olhando para a filha e balançando seu vinho de brasa no copo.
"Sim, sim, claro. Bem, a que devemos essa visita?"
"Precisamos da sua confirmação de que você vai participar da coroação da Rainha Meryn Sturmfrost", diz Noemi, com a voz ainda firme.
"Bem, não tenho tanta certeza disso," diz Lord Eisenfall lentamente, então franze os lábios. "Afinal, os Eisenfalls são leais aos Valtieres desde que se lembra."
Avanço com passos largos. "Cyril Valtiere foi decapitado por seus crimes, e Killian Valtiere fugiu. A Rainha Meryn Sturmfrost é a herdeira da verdadeira e original linhagem real de Nocturna. Nosso país precisa de um líder, e nós temos um. Ela usa a verdadeira e antiga coroa e empunha um poder impressionante."
A jovem Lady Eisenfall me encara, de boca aberta. Lorde Eisenfall apenas balança a cabeça, tomando seu tempo para cortar uma mordida e mastigar antes de responder.
"Recebi notícias de Rabenfrost de que estão abrigando o Rei Killian do usurpador e estão procurando outros para se juntar à causa deles. É um argumento convincente."
Suas palavras ecoam a proclamação de Killian feita ontem sobre os laços. Espero que mais Bonded não estejam desertando para aquele filho da puta sem coidado...
Com a Lâmina Direa ainda quebrada, porém, os lobos parecem estar em desordem, sem leme. Meus dentes rangem juntos.
"Você correria para um pretendente de Sifão em vez de apoiar a verdadeira rainha de Nocturna?"
Lorde Eisenfall dá outra mordida na comida, então puxa um pedaço de cartilagem da boca. Nojento.
"Sim, ouvi a acusação da garota de que os governantes eram secretamente Sifons esse tempo todo," ele diz, despedaçando um pedaço de pão e mergulhando-o em molho até ficar encharcado. "Um pouco dramático. Mas as mulheres costumam ter fantasias. O que sua rainha novata pode me oferecer que Valtiere não possa?"

Minha mão voa até o punho da espada, mas um movimento atrás do senhor me faz parar. Um jovem bêbado, com bochechas vermelhas e rosto de doninha vem cambaleando de sua cadeira a uma dúzia de cadeiras adiante, seu olhar vidrado voltado para Noemi.
"Primo," ele fala arrastado, "o que você vai fazer agora que o rei está morto?"
Noemi apenas o olha, com o rosto pétreo.
"Você pode abrir as pernas para essa nova rainha também? Ouvi dizer que você gosta disso, mas será que ela gosta? Você já provou ela?"
A boca do homem se abre para dizer mais, mas quaisquer palavras vis que ele pretendia a seguir são silenciadas para sempre com um movimento raivoso da minha mão.
Às vezes é preciso esforço para empurrar, mas o poder vem até mim agora, sem pensar, batendo nele como uma parede de tijolos.
Ele é empurrado para cima e para trás, e a tapeçaria luxuosa atrás dele não é suficiente para amortecer o golpe enquanto sua cabeça bate na parede e se abre como fruta madura demais.
Lorde Eisenfall e sua corte observam, atônitos, enquanto meu poder o libera. Seu corpo desaba sobre a mesa de serviço abaixo, deslocando vários copos cheios de vinho que derramam e caem no chão. Um largo corte vermelho e um respingo marcam o ponto onde sua cabeça encontra a tapeçaria.
Aponto para a mancha. "Espero que isso não seja uma relíquia de família."
Lorde Eisenfall engole em seco. Olho para Noemi, e ela me dá um leve aceno de cabeça.
Mantenho a voz plana e firme, sabendo que tenho todos os ouvidos deste salão. "O que vou te oferecer é sua vida e sua liberdade, e se não se alinhar, terá toda a força dos Vinculados pressionando seu feudo. Estamos entendidos?"
O silêncio é profundo, até que finalmente o senhor apenas acena com a cabeça. "Estamos livres. Eu estarei lá, Alfa Stark."
Virando-me, conduzo Noemi pela multidão chocada e silenciosa. E então uma conexão elétrica zumbindo se desenrola na minha cabeça, uma represa que foi aberta de par em par.
Nunca aconteceu antes, e mesmo assim, eu sei o que é na hora.
Foder.
"Stark?" A voz da Meryn chama na minha mente. "O que está acontecendo? Você está bem? I… senti algo."
Noemi e eu saímos pelas portas do grande salão. "Vai arrumar as coisas," eu digo a ela. "Já vou descer aí."
Ela me olha confusa, mas dá de ombros e vai para nossos quartos de hóspedes. No corredor agora vazio, concentro minha mente de volta na conexão crescente que Meryn abriu entre nós dois.
Nossa conexão vive dentro de mim desde o momento em que ela e Anassa se aproximaram, mas com as barreiras de Cratos erguidas, tem sido fácil ignorá-la. Nunca procurei ou tentei usá-lo.
Tem sido como o sol: um fato da minha vida ao qual não preciso prestar atenção porque simplesmente é.
Agora minha visão foi direcionada para ele, e não consigo mais evitá-lo porque estou sendo cegado pelo calor dela.

Com a voz de Meryn vem um vazamento lento de seus sentimentos também—algo do qual ela deveria poder me proteger se ao menos fosse melhor nisso. Meryn e Anassa ainda estão trabalhando nas habilidades mais refinadas da comunicação mental depois de se bloquearem durante grande parte das Provações.
Ela está nervosa, preocupada.
Preocupado comigo.
"Não se preocupe com isso," digo rapidamente. "Não é nada."
A frustração dela transborda pela conexão. "Essa foi uma resposta descaradamente suspeita. Você estava bravo com alguma coisa, bravo o suficiente para chegar até mim. Me diga."
Isso não é bom. Vou precisar fazer um trabalho melhor para mantê-la afastada, ou pelo menos para controlar meu temperamento.
"Eisenfall está se recusando a ir à coroação?" ela pergunta, inquieta.
"Eles vão vir", eu digo. "Fiquei irritado porque a família da Noemi está agindo de forma previsível com ela."
Meryn pode ser toda fanfarronada por fora, mas eu já vi a mulher por trás disso agora. A preocupação incessante com os outros—agora se estendia a um reino inteiro. A forma como ela guarda tudo de ruim que acontece com ela, tranca tudo, até que comece a consumi-la viva. E do jeito que ela permitiria, repetidas vezes, se isso significasse poupar as pessoas de quem gosta.
Seria admirável se não fosse profundamente prejudicial.
Até as coisas mais difíceis podem quebrar com pressão suficiente. Não tenho pressa de empurrá-la para esse limite.
"Ok," ela diz devagar, e eu percebo que ela está tentando entender o que isso significa. "Eu só fiquei preocupado por um segundo que você estivesse fazendo algo imprudente como matar pessoas lá fora."
Droga. Adeus poupar ela.
Não sei o que dizer, então apenas balanço a cabeça e sigo na mesma direção que Noemi. Quando entro no meu quarto, Meryn intervém novamente, interpretando com precisão meu silêncio.
"Stark, você não está matando ninguém, né? Tipo, as pessoas que estamos tentando desesperadamente convencer de que minha reivindicação ao trono é legítima?"
"Eu te disse para não se preocupar," digo, jogando minhas poucas coisas desempacotadas na bolsa.
"Forte!"
"Meryn."
Paro, irritado. Ela pode não querer sangue nas mãos, mas intimidar os nobres a comparecer por qualquer meio necessário é o motivo pelo qual estou aqui. Você não pode concordar em usar uma arma e depois ficar bravo quando ela corta. Ela está sendo muito obtusa.
"Quer que os nobres compareçam ou não? Eu não matei ninguém importante. Apenas um primo insignificante. Os nobres de Eisenfall estarão na coroação, e estamos partindo para Nachtfall agora."
"Então, qual é o plano?" Ela está ficando agitada. "Uma turnê de assassinatos relâmpago? Nobres mortos em todos os feudos, mas pelo menos vamos assustar

todos para que apareçam?"
Para alguém com um lado cruel, ela é realmente ingênua às vezes. "Sim, possivelmente. Isso é um problema?"
"Não é isso que eu quero, Stark. Eles deveriam vir porque acreditam na minha reivindicação, não porque meu executor brutal os preocupou com suas vidas."
Já ouvi pessoas me chamarem de coisas piores. Já acreditei em coisa pior, na verdade. As palavras não deveriam magoar.
Mas eles se infiltram, se infiltrando na minha pele, descascando a frágil aliança que nós dois começamos a construir.
"Tudo que esses nobres ouviram sobre você é uma história de terror," eu fervo. "Ninguém vai vir a não ser por autopreservação. Você não quer governar pelo medo? Ótimo. Prove isso para eles quando chegarem para sua coroação. Enquanto isso, me deixa em paz para fazer meu maldito trabalho de levá-los até lá em primeiro lugar."
Alguém bate no batente da minha porta. Noemi está no corredor, a mochila no ombro. "Pronto?"
"Vamos sair desse buraco de merda," respondo.
Fecho minha conexão mental com Meryn — reconstruindo a represa, desviando o olhar da luz e torcendo para que isso a mantenha afastada para sempre.

13



MERYN

Ficar parado nos portões do palácio, olhando para uma mancha de sombra no chão e desejando que ela se mova.

Estique. Faça alguma coisa. Me dá um high-five.

Anassa se mexe de onde está encolhida do meu lado esquerdo. "É possível que você esteja piorando nisso? Parece que você fez progresso retrocedente."

Suspirando, me encosto nela, minhas pernas doendo. Aperto os olhos para a estrada à frente, que desce até o Bairro do Norte e a cidade que eu chamava de lar recentemente. Devemos cumprimentar a Mãe Sacerdotisa quando ela chegar ao castelo, mas aparentemente a Deusa Sem Rosto não acompanha o horário porque está extremamente atrasada.

A coroa na minha cabeça está começando a fazer minhas têmporas latejarem. Embora, hoje em dia, tudo faz minhas têmporas latejarem. Tenho reforçado continuamente a barreira de comunicação contra Killian e quase me acostumei com a dor de cabeça quase constante.

"Nenhum conselho sábio sobre como usar esse poder, então?"

Já foram duas semanas de prática constante, e os poderes da matilha vieram surpreendentemente fácil — talvez por causa da força pura de Anassa.

É preciso pouco esforço para chamar um escudo ou lançar um disparo de impulso. Já superei o rifting comum e agora consigo usar uma máscara em uma grande área de superfície. Ainda estamos expandindo nossa capacidade de usar a previsão, e agora consigo ver fragmentos de um dia pela frente, às vezes dois — mas, como Siegrid alertou, os vislumbres nem sempre são claros.

Mas dobra de sombra? Isso é outra coisa completamente diferente. As sombras ainda não vêm quando eu chamo. Não consigo manejá-los de forma coesa. E Siegrid fica cada vez mais frustrado com isso a cada dia.

"Quando quero dirigir algo, rosno para ele ou mostro os dentes, e isso geralmente basta."

Experimentalmente, soltei um rosnado baixo para o pedaço de sombra. Nunca se sabe.

A atendente do castelo que espera pela Mãe Sacerdotisa praticamente pula no ar ao ouvir o som, e eu lhe lanço um sorriso conciliador.

"Desculpa", eu digo. "É uma coisa de Vinculado."

"Não conte mentiras para a pobre criança. Você nunca deveria tentar isso de novo", diz Anassa com um suspiro. "Você parecia mais fraco que um filhote."
Sou poupado de ter que responder quando a carruagem da sacerdotisa finalmente chega aos portões internos do castelo. É ladeado por guardas femininas em vestes esvoaçantes montando cavalos elegantes e salpicados. Aparentemente, ela está chegando em cerimônia.
A Mãe Sacerdotisa chegou a Sturmfrost com Siegrid, mas ela está hospedada na Seita da Deusa Sem Rosto na cidade. Agora, com minha coroação a apenas uma semana, ela vai se mudar para uma suíte de hóspedes no castelo. Matrona Alienor trouxe alguns ícones religiosos da cidade para pendurá-los nas paredes e recebê-la.
Todos eles são assustadores, se quer saber. Mas, para ser justo, provavelmente é difícil representar uma entidade sem rosto de uma forma nada assustadora.
Preparar a chegada dela me deixa inquieto. É importante que eu demonstre respeito para que possamos contar os adoradores de deusas entre meus apoiadores. Minha família nunca foi particularmente observadora, porém, e tenho medo de ofendê-la de alguma forma.
Anassa permanece sentada enquanto a delegação chega, por educação. Os cavalos frequentemente se assustam ao serem confrontados por lobos gigantes que poderiam comê-los como lanche.
"Você não precisa ficar nervosa", insiste Anassa. "Estes são seguidores dos velhos costumes, então devem ser seus apoiadores mais devotos, determinados a ver a antiga linhagem de rainhas ser retornada."
Acomodo os ombros e avanço, consciente da pesada coroa que pesa sobre minha testa. Parece formal demais para o dia, mas a Matrona Alienor insistiu que era apropriado para cumprimentar alguém dessa estatura.
"Mãe Sacerdotisa," digo com, espero, o nível certo de respeito.
"Rainha", ela diz brevemente ao descer da carruagem. A princípio, ela dá a impressão de fragilidade. Ela é baixa e enrugada, com mãos enrugadas e manchadas de idade e longos cabelos brancos trançados elaboradamente ao redor da cabeça. Ela se move devagar, como se tivesse medo de cair.
Mas então ela se endireita, e vejo a luz fervorosa nos olhos verdes dela. Ela fica mais afiada enquanto arrasta meu rosto e se fixa na coroa equilibrada na minha cabeça.
Não... Essa mulher está longe de ser frágil.
Ela se aproxima de mim com uma velocidade surpreendente, e sua mão retorcida alcança a coroa.
Cambaleio para trás, quase tropeçando em Anassa, que salta para as patas e solta um rosnado baixo de aviso na direção da sacerdotisa.
A Mãe Sacerdotisa fica imóvel, a raiva passando por seu rosto tão rápido que eu quase acredito que imaginei. Então ela levanta as mãos e diz: "Minhas desculpas, Alteza. Fiquei surpreso ao ver uma Lágrima."
"Tear?" Pergunto, confuso.
Ela aponta para minha coroa e diz: "Posso?"
Procuro orientação em Anassa. Algo nisso simplesmente parece... errado.
"Se ela tentar fugir com ele, eu a partirei ao meio. É seguro deixá-la dar uma olhada, se quiser."

Estendendo a mão, desembaraço a pesada coroa dourada do meu cabelo e a passo delicadamente para a sacerdotisa. Ela arranca as minhas mãos com avidez, com um toque de avareza no olhar. Um dedo traça a opala no centro da coroa.
"Isto é uma Lágrima da Deusa", ela diz reverentemente. "Diziam que uma Lágrima estava na coroa antiga, mas eu pensei que ela tivesse sido perdida para os Sifons."
Minha testa se franze. Ela quer dizer em Astreona? Ou será que ela sabia de alguma forma que a família do Killian era toda Sifão antes de eu revelar essa informação?
Os olhos dela pousam em mim de novo, e não consigo fazer nenhuma pergunta. "Diga-me, Meryn Sturmfrost. Você é um verdadeiro crente?" Ela acaricia a coroa com carinho.
Eu me assusto por dentro. No melhor dos casos, questionei a existência da Deusa Sem Rosto, e neguei no pior. E essa intromissão parece pesada, intencional — como se o julgamento dela sobre mim e meu governo dependesse da minha resposta.
Mas certamente eu não deveria mentir para o chefe da religião?
"Encontrei conforto em rezar para a Deusa Sem Rosto em tempos de necessidade", respondo sinceramente, esperando que seja suficiente.
Ela me enxerga de imediato. "Mas você não foi criado assistindo aos cultos do templo? Você não formou uma relação pessoal profunda com a deusa ou com nenhum de seus administradores? Você não deixa sua graça guiar sua vida em todos os assuntos?"
Meu estômago se revira. Meu primeiro contato com a mulher que deveria supervisionar minha coroação, e estou reprovando em um teste para o qual não me preparei.
"Não," eu digo, com a boca seca. "Mas espero que minha falta de um relacionamento passado com a Seita da Deusa Sem Rosto não atrapalhe meu futuro. Tenho a mente aberta."
"Hmm." As mãos da Mãe Sacerdotisa apertam a coroa, e sinto uma vontade repentina de puxá-la para longe dela.
Em vez disso, estendo a palma da mão. Ela pensa por um momento e então lentamente devolve. Coloquei de novo na minha cabeça.
A Mãe Sacerdotisa passa por mim, caminhando rapidamente em direção ao castelo com seus guardas atrás dela. A atendente do castelo me olha surpresa e então corre atrás dela, gritando: "Deixe-me te mostrar seus aposentos, Madre Sacerdotisa!"
Soltei um suspiro tenso. "Que porra foi essa?"
"Um fanático", responde Anassa. "Um dos tipos de humanos mais perigosos que existem. Precisamos ficar de olho nela."
Eu assinto. Voltando para o castelo, penso com pesar na boa primeira impressão que eu esperava causar.
Algum dos líderes em Nocturna é minimamente normal?



No dia seguinte, Venna e eu temos um compromisso com um contato que ela encontrou na Cidade Vinculada. Ele é um colecionador; Alguém que possa nos contar sobre a pulseira no meu pulso.
Siegrid continua insistindo que a pulseira de noivado não é um problema. Quando Tormun capturar Killian, podemos removê-lo e a estranheza que vinha corrompendo a magia da matilha vai desaparecer.
E ele não poderá mais alcançar nenhum dos Vinculados pela comunicação da nossa matilha — embora até agora, a barreira mental que Anassa e eu erguimos tenha se mantido firme.
A forma como ela conta faz parecer tão arrumado e arrumado.
Ainda assim, preciso fazer alguma coisa. Mal estou dormindo, tão preocupado que vou acabar de volta naquele reino das sombras, preso com o Killian. Toda vez que meu olhar se fixa no rubi escurecido, ele me lembra dos erros ruinosos que cometi com ele.
Um fragmento doloroso de dor, envolto em uma mentira requintada.
Se conseguirmos descobrir o que é a pulseira — ou, melhor ainda, como removê-la imediatamente — podemos garantir que algo assim nunca mais será usado.
Venna e eu nos encontramos no pátio dos fundos que dá para a Cidade Vinculada. Izabel, Tomison e Nevah se juntam a nós. Quando percebi para onde estávamos indo, insisti que todos viessem junto. Faz tempo demais desde que meus amigos tiveram uma pausa ou viram suas famílias.
É uma viagem rápida até a Cidade Vinculada. Izabel e Tomison lideram o caminho em seus lobos gigantes, discutindo de um jeito claramente flertando, como de costume. Mas Asteio e Filikos estão próximos, suas caudas se balançando de vez em quando.
E então... Tomison segura a mão de Izabel, entrelaçando os dedos dela com os dele.
Bem, isso não é normal.
Olho para Venna e Nevah em choque e faço um sinal para esconder a pergunta dos ouvidos de Izabel e Tomison.
"Eles estão..." Não tenho o vocabulário de língua de sinais para o que quero dizer. Como não pedi para a Venna um curso intensivo de termos sexuais? “… juntos agora?"
"Por pelo menos uma semana," Venna responde com sinais, sobrancelhas erguidas.
"E eles estão sendo nojentos," Nevah grita pelas costas deles.
Izabel vira a cabeça rapidamente por cima do ombro, com uma expressão irritada no rosto. "Você está falando de nós? Sabe, você está sendo meio chata para alguém que ficava implorando pra gente 'só transar logo'."
Nevah joga as mãos para o alto. "Sim, achei que vocês dois iam tirar isso do sistema e seguir em frente. Mas não! É Izzy isso e Tomtom aquilo e sexo por toda parte! Estou tão cansada de ver seus peitos, Izabel!"
Eu caí na risada. "Izzy? Tomtom?"
Tomison sorri de forma maroto, embora seu rosto esteja tão vermelho quanto seu cabelo. Ele estende o braço, chamando-a. "Ah, Nev. Desculpe se estamos te deixando desconfortável."

Nevah e Agmatta avançam em direção a eles, e Nevah lhe dá um empurrão brincalhão. Tomison quase cai de Filikos. "Fico feliz por vocês dois, juro, mas seria bom se a festa de amor de vocês fosse um pouco menos evidente o tempo todo."
Venna e eu vamos atrás deles, e minha cabeça fica rodando. Pelo menos uma semana, e eu não fazia ideia.
A Izabel é supostamente minha melhor amiga. Pedi para esses quatro ficarem para mim, e agora mal os vejo, exceto quando estão fazendo coisas por mim.
"Ei," chamo meus amigos das costas de Anassa enquanto nos aproximamos da Cidade Vinculada. "Venna e eu precisamos resolver essa tarefa, mas e se eu fosse com vocês ver suas famílias?"
Seria bom poder ver de onde todos eles vêm.
Podemos ter um dia que não seja sobre mim, pela primeira vez.
Izabel grita, e até a reservada Venna dá um largo sorriso com a sugestão. "O pai adoraria isso", diz Venna.
Olho para Nevah e Tomison, e sou recebido com expressões conflituosas.
"Talvez seja melhor pular minha casa por enquanto," Nevah diz devagar. Sua expressão está tensa, e Agmatta diminui o passo. "Meus irmãos podem estar ocupados, e eu sei que minha tia está em casa, mas..."
Ela não completa o pensamento, e eu me viro para Tomison. "E então?"
Ele balança a cabeça, mas não diz nada.
"O que estou perdendo aqui?" Pergunto, confuso. Talvez eles só queiram um tempo sozinho, e eu estaria atrapalhando.
Nevah tosse, depois fala novamente. "Minha família... Eles estão tendo dificuldades com as mudanças. Eles ainda não declararam totalmente por você. Estou trabalhando neles, e acho que vão mudar de ideia. Mas acho que eles não estão prontos para te receber em casa deles."
Meu peito aperta. A família do meu próprio amigo?
Tomison assente, recusando-se a olhar nos meus olhos. "É pior com minha família. Minha mãe e minha avó estão ficando na Cidade Vinculada por enquanto, mas não são solidárias. Eles acham que você pode ser uma fraude. Eles estão... eles estão falando em ir para Rabenfrost." Seu tom é leve, mas também há uma nota de defensiva.
"Mas Killian é um Sifão", exclamo. "Eu mostrei isso para todo mundo. Como poderiam considerar apoiar um Sifão?"
Ele finalmente encontra meu olhar, a boca em uma linha fina. "Eles não acreditam em você, Meryn", ele diz simplesmente, e isso me atinge no estômago. "É sua palavra, suas memórias, contra as dele. E eles acham que os seus são... bem, falso. Mesmo quando tentei dizer o contrário, eles se recusam a ouvir o bom senso."
Com a cabeça girando, estendo a mão para Anassa. "Você sabia que era tão ruim assim? Achei que o Siegrid conseguiria convencer todo mundo."
Mas ela não responde; sua mente se transformou em uma tempestade agressiva. Ela avança em direção a Tomison e Filikos, orelhas para trás, e começa a circular ao redor deles.
Os lábios de Filikos se afastam das presas, um rosnado baixo começa.
"Anassa, não," digo impotente, mas seus instintos tomaram conta. "Nossos

amigos não são inimigos."
Ela me ignora — seja por escolha ou por instinto.
E pula em cima de Filikos.
"Meryn, pare ela!" Izabel grita.
Minhas mãos estão fechadas no pelo de Anassa, puxando e puxando enquanto sou jogado de costas em suas costas, mas a fúria dela não tem fim. Seus dentes se fecham na nuca de Filikos, tremendo.
"Meryn!" Tomison grita, os olhos brilhando de medo.
"ANASSA! Eu ordeno—pare!"
Os lobos se separam, e Anassa dá dois passos tensos para trás, ainda rosnando.
"Eles não conseguem controlar o que as famílias sentem", digo severamente. "Isso não é culpa de Tomison ou Nevah, e atacá-los por algo que eles não podem controlar só vai nos dividir ainda mais."
"Matilha é matilha", responde Anassa, sua raiva transparecendo pelo vínculo. "Lealdade deve ser absoluta, de todos. Ou de que adianta isso?"
"Nós não somos os fanáticos, lembra? Essa é a sacerdotisa esquisita e seu rebanho. Sei que os lobos têm suas próprias dinâmicas, mas não podemos atacar as nossas por terem perguntas. Isso só vai afastá-los."
Anassa deixa pra lá, mas fica emburrada o resto do caminho até a Cidade Vinculada. A conversa fica silenciosa depois disso, e fico aliviado quando Venna e eu nos separamos dos outros para fazer nossa tarefa.
Achei que manter meus amigos aqui seria uma fonte de conforto.
Talvez as rainhas não tenham esse luxo.



Minhas botas começaram a beliscar meus dedos, e eu as tiro quando entro no meu quarto. Eles caem em uma pilha de sapatos descartados que eu sei que deveria guardar, mas não consigo me dar ao trabalho de usar.
Estou desmoronando em uma poltrona quando Saela sai para me cumprimentar. Me enereito, de repente alerta novamente.
Fico feliz em vê-la acordada. Temos deixado a porta da Saela destrancada ultimamente; Anassa a manteve alimentada com sangue animal, e Saela não deu sinais de atacar ninguém sem pensar, então estamos razoavelmente confiantes de que ela não representa perigo para nós. Helene e Grigore ainda estão na rotação de armadores, claro.
Dizemos à Saela que é para manter os outros fora, não para mantê-la presa. Não sei se ela acredita na gente.
"Já voltou? Como foi?" Saela não demonstrou interesse por muito desde... já que Killian fez o que fez. Mas ela tem ficado fascinada pela pulseira de noivado.
Talvez sua remoção seja uma pequena vitória sobre o idiota que arruinou a vida dela.
Espero que não seja mais; que não é alguma parte do vínculo de sire dela vazando. Será que Killian está em sua mente, direcionando-a para prestar atenção na pulseira? Não consigo começar a pensar assim, ou nunca vou conseguir relaxar na presença dela.

Chamei ela para o assento ao lado do meu, e ela junta a pilha de roupas na almofada e a leva para o meu quarto antes de se sentar.
"Pode jogar isso no chão," eu digo.
Saela revira os olhos.
"Bem, ele confirmou que parece magia feita por Sifão, que basicamente já sabíamos." Suspiro e encaro a pulseira, estendendo o braço para que possamos olhar para o brilho ameaçador do rubi. "Ele não fazia ideia de como tirar isso, e disse que eu não deveria fazer nada drástico como cortar a mão, porque a magia poderia dar errado e me matar."
Saela franze a boca, pensando sobre isso. Seus pés sobem para se encolher sob o corpo. Seguro um sorriso. É bom vê-la envolvida em algo.
Até algo tão grotesco.
"E quanto à espada?" Saela também ficou fascinada com minhas histórias sobre a Lâmina Dire, pedindo a Aldrich que lhe trouxesse qualquer lenda que pudesse encontrar sobre ela. Ela está convencida de que isso será importante para o meu governo.
Todos esperávamos encontrar alguém para reforjar a lâmina a partir dos fragmentos que restavam. No entanto, assim como com minha pulseira, todos os ferreiros locais nos recusaram, intrigados. Agora os cacos ficam em um saco empoeirado embaixo da minha cama.
"Esse colecionador, Jorgen, disse que não parece metal forjado por humanos." Mordo o lábio, olhando para a janela e para a vista dos pinheiros além. "Parece que não sabemos muito sobre nada mais, para ser honesto. Muito conhecimento foi perdido por causa da maldição de sangue."
Saela mexe em um fio solto no braço da poltrona, achatando-o só para ele voltar quando ela move o dedo. O rosto dela, esperançoso quando achava que eu estava trazendo novas informações, agora tem uma expressão distante que começa a ser familiar demais.
Franzo a testa, desejando poder fazer mais para tirá-la de volta da concha. Ela tem estado tão focada quando tem algum problema para pensar, como descobrir mais sobre a Lâmina Dire.
Meus olhos caem no colar da mãe no pescoço dela. A gema parece ter um brilho suave mesmo quando a luz não a atinge.
Assim como a opala na minha coroa...
Será que é o mesmo tipo de opala?
Uma Lágrima da Deusa, como a Mãe Sacerdotisa chamava.
Não consegui obter mais informações dela sobre o que isso significa. Na verdade, mal nos reunimos para revisar os rituais da coroação. Tenho a sensação clara de que a sacerdotisa está me evitando porque não atendo aos padrões dela de "verdadeira crente".
Eu estudo o rosto da Saela. Talvez outra área onde a pesquisa possa ajudar?
Não faz mal. Eu faria praticamente qualquer coisa para tirar Saela de sua dor e depressão.
"Saela... Preciso da sua ajuda com uma coisa."

14

FORTE

Pelos olhares petulantes de Lord e Lady Volkenfrost, você pensaria que eu os arrastava para Sturmfrost para um funeral, não para uma festa enorme.

Quando chegamos às bordas da cidade, Cratos acelera para cavalgar ao lado de Ephyse e Noemi. Estamos viajando mais devagar do que os lobos gigantes se sentem confortáveis nos últimos dias, tudo porque os nobres têm que montar cavalos lentos.

"Mal posso esperar para me livrar desses desgraçados," digo a ela, inclinando a cabeça para trás de nós para o grande grupo Volkenfrost.

Ela olha para trás, depois ergue as sobrancelhas para mim, com os lábios apertados.

"O quê?" Eu rosno. "Eles ficaram em silêncio o dia todo."

Noemi segura uma risada. "Provavelmente é difícil pensar em algo para dizer quando o grande e mau Daemos Alpha e seu lobo gigante estão te encarando o tempo todo."

Eu zombou. "É assim que meu rosto está. Você sabe disso."

"Se você diz, rabugento", ela diz. "Olha, estamos basicamente na residência empoeirada e pouco utilizada deles, Sturmfrost. Vou vê-los até lá. Por que você não volta para o castelo?"

Ela não precisa me dizer duas vezes. Cratos e eu partimos rapidamente nessa direção. Em poucos minutos, o castelo está no horizonte. Desmonto e entro nela enquanto Cratos se afasta para encontrar Anassa.

A primeira prioridade é reportar à Siegrid. Quando a porta dela se abre, percebo que o projeto de redecoração dela acelerou. Desapareceram os troféus de caça ridículos das paredes, junto com os móveis magros e chamativos preferidos pelos Valtières.

Em seu lugar, Siegrid parece ter se mudado totalmente para os aposentos do regente. Uma tapeçaria da casa dela com nosso selo familiar está em uma parede, e cortinas grossas nas cores Therion, escarlate e branco, estão em cada janela.

Eles não têm nenhum significado sentimental para mim. Posso contar nos dedos das mãos as vezes que estive na casa dela na Cidade Vinculada.

"Ouvi dizer que a delegação de Volkenfrost é tão numerosa quanto esperávamos", diz Siegrid em vez de ser recebido.

"Sim," eu respondo. "Entregue pessoalmente a você, todas as partes do corpo ainda intactas, conforme ordenado."

Pelo menos partes do corpo humano.
Ontem à noite, no acampamento, ouvi Lord Erlyn Volkenfrost discutindo tradições de coroação com alguns de seus cortesãos homens.
Aparentemente, o novo monarca normalmente se despe, nu, na frente de toda a congregação para se humilhar diante da Deusa Sem Rosto. Enquanto estão nuas, a Mãe Sacerdotisa as unge com óleos sagrados.
"Cyril Valtiere não era um homem feio, posso dizer isso", Erlyn se gabou. "Mas espere até que nossa jovem e firme rainha esteja exposta diante de nós, esfregada em óleo para nosso prazer. Quão humilhante e delicioso será."
Eu não precisava atuar; Cratos cuidou disso.
Antes que eu pudesse detê-lo, Cratos arrastou a montaria reserva do Lorde Volkenfrost para a luz do fogo. Então, quando o rosto de Erlyn empalideceu de choque, Cratos comeu o cavalo.
Foi brutal e cruel, mas nem eu consigo parar os instintos de lobo.
"Meu lobo gigante não gosta da ideia de nossa nova rainha ser humilhada", disse levemente enquanto Erlyn vomitava no fogo. "Recomendo que você tenha isso em mente antes de contar qualquer outra tradição que gostaria de ver reencenada."
Agora, olho para o Alfa Soberano. Ela está sentada à mesa de jantar em meio a uma pilha de pergaminhos e um café da manhã pela metade de pão e frutas. Apesar da hora cedo, ela está perfeitamente arrumada e já com seu uniforme militar.
Será que ela dorme nele. Siegrid nunca deixaria alguém vê-la vestida casualmente; Ela não permite vulnerabilidades. Nem mesmo para o filho dela.
"Como estão os preparativos para a coroação?" Pergunto, curioso se Cratos tentará comer mais cavalos nobres antes que isso acabe.
Siegrid suspira. "Na maior parte do tempo está bem, embora a rainha tenha rejeitado várias das tradições habituais. Ela concordou em ser ungida em óleo"—ainda assim, meu sangue começando a esquentar—"mas ela se recusa a se despir por isso, e a Mãe Sacerdotisa fica muito ofendida. Ainda assim, vamos passar o dia."
Siegrid não levanta o olhar, ainda focado nos papéis à sua frente. Ela assina a ordem que estava escrevendo, então pega outro papel e começa a passar os olhos enquanto fala.
"Alguém te deu trabalho nos outros feudos?"
"Não mais do que esperávamos," respondo, sentando-me em frente a ela e servindo-me de um café morno. "Eisenfall ainda é um babaca grosseiro. Mas ele está vindo. Blumenfall está jogando de forma discreta, como sempre. O resto estará lá. Vai ser um quarto cheio, como você queria."
"O resto", ela reflete. "Mas não Rabenfrost. Você ouviu dizer que a filha mais velha do senhor deles está pessoalmente esperando o Killian? Ele realmente as deixa comendo da mão dele. O Alfa Tormun está esperando o momento certo para atacar, mas logo será resolvido."
A voz dela é distante, avaliadora. Ela toma delicadamente um gole do chá, depois coloca a xícara de volta no pires.
Se ela se incomoda com a ideia da filha de doze anos de Lorde Rabenfrost esperando o novo anfitrião Sifão de Alistair Brightbane, que sempre teve uma

queda por meninas ao longo dos anos, ela não mostra sinais disso.
Preciso de foco para não controlar a raiva, então o próximo comentário dela me pega de surpresa.
"Stark, antes de você ir, tem mais uma coisa. Decidi que você vai se casar com a rainha."
Por um segundo, o quarto fica tão silencioso que podemos ouvir o gotejar lento da água enquanto os pingentes de gelo da noite anterior no parapeito da janela derretem lentamente ao sol.
"Como é?" Minha voz sai baixa e mortal.
Ela faz contato visual comigo, desafiando. "Você me ouviu. Você vai se casar com a rainha."
Mal preciso chamar minha força, ela vem tão livremente. Com um movimento da mão, disparo um disparo de impulso — direcionado a ela, mas não a ponto de tombar sobre a mesa. Seu prato de café da manhã se desfaz no chão, cacos se espalhando em todas as direções.
Qualquer outra pessoa se encolheria de medo diante da violência que tenho vivendo dentro de mim, tão perto da superfície a qualquer momento.
Siegrid apenas parece entediado.
"Achei que minha posição estava perfeitamente clara da última vez que você tocou nisso," rosno. "Não estou interessado."
Mentiroso, uma voz sombria se desliza na minha mente. Você mente.
Com um movimento dos dedos de Siegrid, sombras descem sobre a sala, ajeitando a mesa. É uma mensagem clara: Por mais forte que eu seja, a Soberana Alfa é mais forte, com um tipo de magia que só saberei quando realizarmos seus rituais fúnebres.
"Sim," ela diz calmamente. "Fiquei decepcionado com sua reação. Agora que tive mais tempo para trabalhar com a rainha, formei minha própria opinião. Ela é impossivelmente poderosa e totalmente sem polimento. Ela não governará bem sem uma mão firme guiando-a. Se você for o marido dela, podemos governar o trono por procuração."
Nojo e horror sobem em mim com tanta força que quase estou tremendo. Ela não quer moldar Meryn à sua imagem. Ela quer assumir completamente o trono da rainha.
"Você a julga mal", digo entre dentes cerrados. Ela vai decidir impecavelmente se eu conseguir manter a "mão firme" da Siegrid longe dela. Se eu conseguir manter distância suficiente para que a violência da própria Meryn fique afastada.
Siegrid estreita os olhos. "Talvez. Mas, como administradores de Nocturna, não podemos correr esse risco. Podemos convencê-la mostrando seus registros históricos, apontando que as antigas Rainhas Sturmfrost sempre se casavam com o cavaleiro acasalado. Ela pode protestar no início, mas vai mudar de ideia."
"E eu?" Eu rosno.
Siegrid pode ter esquecido isso na pressa de tomar o trono de Meryn, mas passou quase trinta anos me transformando em um pesadelo acordado.
Um vilão não tem lugar ao lado de uma rainha.
"Você precisa parar de ser teimoso", ela diz secamente. "Isso não é sobre seus sentimentos sobre o assunto. Recebemos uma oportunidade que não podemos deixar passar. Vamos organizar um casamento rápido, e você deve deixar a

Meryn grávida o mais rápido possível."
A pele dela debaixo da minha língua. Seus sons suaves de prazer.
Foder.
Me controlando, lembro a mim mesma que Meryn não está em posição de se casar com ninguém, muito menos com alguém que ela odeia.
Alguém que gosta de invocar a escuridão dentro dela, que a empurraria para a pior versão de si mesma.
Siegrid para e olha pela janela, considerando suas próximas palavras. "Uma criança nascida com os poderes tanto das linhagens Therion quanto das Sturmfrost..."
A expressão no rosto dela me dá um estômago de volta. Como se ela estivesse morrendo de fome e tivesse acabado de receber um banquete opulento.
Eu sei, então, tudo o que ela está planejando. Quando uma criança nasce — seu neto, um bebê sobre o qual ela pode ter total controle e moldar à sua imagem — ela fará exatamente o que ameaçou desde o começo.
Ela vai se livrar da rainha.
Eu vou matá-la. Eu tenho que matá-la. É a única forma de manter Meryn — e Nocturna — seguras.
Minha mão desce lentamente em direção à adaga presa à minha coxa. Se Cratos não estivesse agora... noivos... com Anassa, sei que ele estaria aqui imediatamente, arrancando a garganta dela ele mesmo.
O Alfa Soberano se vira para mim e diz levemente: "Isso vai ajudar a legitimar a reivindicação dela, sabe. Com meu filho ao lado dela, os Vinculados terão que aceitá-la."
Sua fome por poder a deixou delirante.
Comigo ao lado dela, os Vinculados poderiam aceitar Meryn, mas o povo comum e os nobres fugiriam em massa para Killian. Eles já estão desconfiados dela o suficiente. Eles não precisam do açougueiro do exército de Nocturna sentado no trono do rei consorte, aumentando o medo à cautela.
Ainda assim, suas palavras me fazem parar, esfriando o calor que passou pela minha visão.
Se eu matar Siegrid agora, a coroação vai desmoronar. O Alfa Soberano tem mais poder e influência sobre os Vinculados do que qualquer outra pessoa em todo o país.
Se as coisas quiserem sequer correr bem, ela precisa continuar no comando de nossas forças e ser uma aliada para Meryn.
Por enquanto, pelo menos.
"Vamos discutir isso quando a coroação acabar," digo, com a voz neutra.
"Sim", ela diz, sorrindo satisfeita diante da minha aparente aquiescência. "Vamos fazer exatamente isso. Vou começar a marcar a data da cerimônia."
Me curvo e me retiro rapidamente, minha raiva mal contida. Chego até metade do corredor antes de perder o controle e bater o punho na parede, quebrando o gesso.
O estrondo reverbera por todo o salão vazio e ecoante.
Uma porta se abre de repente... E lá está ela.
Merda.
Meryn parece surpresa e segura uma adaga pronta. Quando ela me vê, ela o

embainha, revirando os olhos cor de avelã. As mãos dela vão até os quadris com irritação.
"Agora está intimidando paredes, né? O que isso fez, olhou para você do jeito errado?"
Dou dois passos em direção a ela, absorvendo sua aparência alarmado. Há olheiras escuras e machucadas sob seus olhos, e sua pele está pálida. Ela perdeu peso nas últimas três semanas. Seu rosto é oco e fantasmagórico.
O que tem acontecido enquanto eu estive fora?
Eu poderia ter mantido contato com ela, poderia ter reaberto aquele rio perigoso entre nós. Em vez disso, confiei nos relatórios de Grigore, Helene e do Soberano Alfa, satisfeito em saber que não estava perdendo nada importante.
Contente em mantê-la à distância pelo bem da minha própria sanidade.
Claramente, isso foi um erro no meu julgamento.
Minha mão coça para acariciar a bochecha dela, traçar os círculos com a ponta do polegar. Eu afasto essa ideia. Tocar seu rosto é uma ladeira escorregadia para Siegrid conseguir exatamente o que quer.
De arrastar Meryn para a escuridão comigo.
As palavras simplesmente escapam. "Você está com uma cara horrível."
Ela solta uma gargalhada. "Primeiro, o muro, e agora eu? Bem, foi ótimo te ver também, Alfa Stark. Bem-vindo de volta."
Meryn volta para o quarto, indo rapidamente fechar a porta.
Enfio o pé no batente da porta, parando, desesperado para mantê-la no meu campo de visão — desesperado para medir cada parte dela até conseguir desvendar o que deu errado.
"Você não quer ouvir como foi a viagem?" Eu digo. "Você não está curioso se seu brutal executor matou mais alguns pobres nobres desavisados?"
Ela cora e desvia o olhar, a culpa passando pelo rosto. Acho que ela também não esqueceu essas palavras. "Tudo bem. Quer entrar?"
Meryn se vira e me leva para a sala de estar, mas não passo muito além da porta antes de parar no meio do caminho.
Já se passaram três semanas, e aparentemente ela ainda não deixa os atendentes arrumarem o quarto.
Os móveis nem são visíveis neste ponto; Se você não soubesse melhor, pensaria que a chaise e as cadeiras eram feitas de um tecido espalhado e retallado. A mesa de jantar desapareceu completamente sob os mapas.
"Alguém pelo menos levanta suas pilhas de caos e limpa embaixo delas?" Eu me esforço. "Ou devemos esperar que roedores estejam fazendo suas casas aqui? Quanto tempo até precisarmos chamar o exterminador do palácio?"
Meryn solta um som ofendido. "Eu entendo. Sou um sapo horrível, e meu quarto é um poço miserável. Quer conversar ou não?"
Meus olhos cortam para ela. Ela parece estar passando por uma fase difícil, mas mesmo agora, há um fogo familiar e desafiador em sua postura. "Você não é um sapo horrível."
"Percebo que você não nega que acha que eu moro em um buraco. Então, como você me descreveria? Uma porca feia?"
Estamos começando a andar numa linha perigosa aqui. "Procurando elogios, Alteza?" Eu desvio.

"Bem, quando um homem atraente diz que eu estou um lixo, eu costumo acreditar nele."
Meu pulso dispara com as palavras dela, mas a bravata dela não disfarça o fato de que eu a machuquei. Foder. "Peço desculpas pela minha franqueza. Você não parece um lixo. Você só parece que não está dormindo."
Meryn quase faz uma careta e pressiona os lábios. O que ela está escondendo? "Foram algumas semanas muito cansativas. Mas estou bem. Então, os nobres?"
"Todos vieram, exceto Rabenfrost. Acabei de chegar com o contingente de Volkenfrost. Você vai gostar de saber que me comportei pelo resto da viagem. Nenhum primo foi mais sacrificado."
"Obrigado." O rosto de Meryn fica um pouco corado ao fazer a próxima pergunta. "Você... Você precisa da tatuagem? Por aquele, hum, primo, quero dizer? Posso ajudar com isso?"
A cor traz um pouco de vida de volta ao rosto dela, e um calor desconfortável cresce no meu estômago. Porra, ela é bonita quando está envergonhada.
Algo primitivo começa a romper meu controle apertado. Quão baixo esse blush pode se estender? Chega até a tatuagem logo abaixo dos seios?
Cedo à minha fome, querendo ver o quanto consigo deixá-la vermelha.
"Ansiosa para me lamber, princesa?"
Os olhos de Meryn se voltam para os meus agora, arregalados e sem piscar. Nem acho que ela percebe que está fazendo isso, mas a língua rosada dela passa pelos lábios. Encaro a umidade cintilante, meu sangue esquentando enquanto imagino os lábios e a língua dela em mim, lambendo onde ela me causou dor, descendo até o meu—
"Meryn!" vem uma voz jovem. A porta de Saela range ao se abrir, e a menina de onze anos entra na sala de estar. "Ah, oi, Alfa Stark."
Respiro fundo e me curvo, aproveitando o momento para clarear a mente. Que porra eu estava fazendo? "Princesa Saela", digo para o tapete sujo. Respire mais uma vez. E então endireitar. "É bom te ver tão bem."
Diferente da Meryn, a garota parece muito mais saudável do que da última vez que a vi. O tom de pele voltou ao rubor típico. Ela parece ter descoberto como manipular suas presas, porque ela as mantém escondidas.
Não há sinais óbvios de que ela seja algo além de uma criança normal.
Meryn pigarreia. "Sim, Anassa tem mantido Saela alimentada regularmente. Ainda não encontramos uma cura, mas Aldrich continua sua pesquisa."
Saela parece um pouco envergonhada com isso e vai até a chaise. Ela empurra algumas roupas de Meryn para o lado e se acomoda nelas, puxando os joelhos para o peito.
Meryn observa a irmã atentamente, a tristeza pairando. "Saela tem feito algumas pesquisas por conta própria", ela diz com um tom forçado. Saela apenas acena com a cabeça. "Conte para o Alfa Stark, Sae."
Suspirando, a garota me admira. "Você já ouviu falar de uma Lágrima da Deusa?"
Eu balanço a cabeça. "Não me diz nada. O que foi?"
Meryn atravessa o quarto e senta-se ao lado da irmã. "Não temos certeza. Mas a Mãe Sacerdotisa chamou a opala na minha coroa de Lágrima da Deusa e parecia muito animada ao vê-la. Ela disse que achava que havia sido perdido para os

Sifons."
Saela tira um colar da túnica, um que reconheço imediatamente. A herança real que foi passada de geração em geração da família deles. A gema é considerável, aninhada em uma delicada montagem dourada, e parece emitir uma luz tênue vinda das profundezas.
"Se a opala na coroa de Meryn é uma Lágrima de Deusa, talvez esta também seja," diz Saela baixinho. "Tenho tentado entender de onde veio o termo. Talvez isso nos ajude a aprender mais sobre a história da nossa família."
"Você não pode perguntar à Madre Sacerdotisa?" Pergunto, franzindo a testa.
A boca de Meryn se contorce em desgosto. "Ela não tem dado mais informações, não. Digamos apenas que a Madre Sacerdotisa e eu não estamos exatamente de acordo na última semana."
"Fico chocado em saber que você não está se dando bem com alguém," digo suavemente.
Meryn pega um sapato descartado e o joga na minha direção, e eu desvio, sorrindo de lado.
"Vou investigar também," digo a ambos, depois me curvo novamente. "E Meryn, aquela coisa que estávamos falando? Noemi já cuidou disso."
O rubor voltou, descendo pelo pescoço. "Ah, claro que ela disse."
"Mas agora que sei que você tem interesse em prestar esses serviços, pode fazer o próximo. Onde você quiser."
Eu me viro antes de ver a reação dela, mas ela engasga e começa a tossir. Quando fecho a porta dos aposentos dela atrás de mim, ouço Saela dizer: "Você está bem?"
Digo a mim mesmo que disse isso só para provocá-la.
Eu quase acredito nisso também.

15



MERYN

TO dia finalmente chegou.
Minha coroação.
E minha irmã é um completo desastre.
Saela está encolhida ao lado de Anassa em seu quarto, chorando baixinho. Ainda não deixamos os empregados ficarem perto dela, então Helene a ajudou a se vestir com um elegante vestido azul-gelo. Seu rosto está manchado, e ela parece delicada e de boneca enquanto chora no pelo de Anassa.
Meu coração aperta. Ela ainda é tão jovem.
Siegrid e eu decidimos que Saela precisava comparecer à coroação, apesar dos riscos. Seriam perguntas demais caso contrário. Não acho que a aparência dela tenha mudado muito desde que se tornou uma Sifão, mas ela aprendeu a retrair as presas.
Caminhei até ela e sentei suavemente ao lado dela. Saela olha para cima. O choro dela imediatamente diminui um pouco, mas ela não consegue conter as lágrimas. "M-Meryn."
"Sae," digo, e aliso minha mão no cabelo dela. "O que foi?"
"Eu não quero ir. Vai ter muita gente lá. Eu vou machucar alguém de novo", ela engasga, estendendo a mão para mim.
Pego a mão dela e balanço a cabeça. "Você vai ficar bem, Saela."
Anassa a procurou mais cedo hoje, então ela se alimentou recentemente. Demorou um pouco para lavar toda a carne de sangue embaraçada no cabelo dela. O sangue animal deve manter a fome sob controle por alguns dias.
"O d-deer não foi suficiente," ela chora, mesmo sabendo que isso não é verdade. "Eu não quero machucar ninguém."
"Tomamos precauções. Eu prometo. Anassa ou eu permaneceremos próximos durante toda a cerimônia e recepção. E se algo parecer errado, basta sinalizar e será escoltado imediatamente para fora."
Os dedos de Saela se enroscam no pelo de Anassa. O apoio de Anassa sempre a acalma. Helene, Grigore e Siegrid também vão ficar em alerta máximo.
Gentilmente, acrescento: "Mas você tem que comparecer. Você é uma princesa do reino, e pouquíssimas pessoas sabem de outra coisa. Se você não estiver na cerimônia, vai causar confusão."

Em nossas reuniões semanais do Conselho Palast, Igor me disse que os plebeus estavam fazendo perguntas sobre a princesa. Eu não era particularmente querida no Bairro Oriental, mas Saela era; a criança precoce e inteligente que certamente superaria suas circunstâncias.
Agora, eles a veem como uma heroína: alguém que suportou um sequestro horrível, ajudou a libertar outras crianças e se tornou uma princesa. Está claro que ela vai se tornar o símbolo querido da nossa nação — e também vai fortalecer minha própria reputação.
Desde que possamos manter a verdade sobre a condição dela em segredo. Desde que possamos encontrar uma forma de curá-la.
A cabeça de Saela cai contra o lado de Anassa. Meu lobo gigante curva o pescoço e cutuca Saela com o nariz. Os lábios de Saela se curvam em um sorriso. As lágrimas dela estão secando.
"Você consegue", eu digo a ela. "Eu prometo. Você consegue."
Ela respira fundo, trêmula. Ela claramente ainda está nervosa, mas aperta minha mão e diz: "Somos filhas da mãe."
Tive mais tempo para sentar a morte da mãe do que a Saela. Tem sido difícil para ela, além de tudo. Mas estamos marcando um horário para visitar o túmulo dela juntos quando a coroação acabar.
Meu peito se inflama de dor. O que a mãe pensaria, vendo esse dia? Deveria ter sido ela ali, reivindicando seu trono, escolhendo governar.
Por um segundo, quase consigo imaginar como teria sido essa vida: uma mãe amorosa, forte e sã. Uma irmã protegida de toda a dor e sofrimento desses últimos meses. Uma infância em que eu não ia dormir com fome pelo menos uma vez por semana.
A lista de coisas que Killian e sua família roubaram de nós teria mil páginas.
Engolindo o nó na garganta, beijo a cabeça dela. "Filhas da mãe."
Alguém bate na porta da sala de estar. Então ouço a voz alegre de Izabel. "Oh, grande e poderosa rainha! Estamos aqui para te atender com diligência!"
"Você está pronto?" Pergunto para Saela.
Ela assente, com cautela no olhar.
Nas últimas semanas, ela viu meus amigos de vez em quando—só o suficiente para que eles não fiquem muito preocupados. Ela vê Venna com mais frequência para aulas de linguagem de sinais, algo que tira Saela do sofrimento por uns bons dez minutos de cada vez.
Mesmo assim, mantemos as sessões breves. Eles ainda não sabem o que aconteceu com ela.
Segurando sua mão, conduzo Saela para fora do quarto.
Solto o ar no momento em que vejo Izabel, Venna e Nevah. Os gêmeos usam o mesmo vestido, mas em cores diferentes. O topo do corpete é franzido, caindo em mangas caídas nos ombros, e o corpo do vestido é um tecido liso e brilhante que parece escorrer pelo corpo como água. O de Izabel é de um laranja polido, e o cabelo está artisticamente arrumado sobre um ombro. O vestido de Venna é de um roxo claro, e seu cabelo mais curto é preso em ondas suaves.
Nevah está com um vestido prateado escuro que combina com a mecha prateada dos cachos escuros. Ele tem alças finas e uma fenda alta em um dos lados, e strass bordados caem do corpete do vestido até a fenda. Strass combinando estão

entrelaçados em seu cabelo, fazendo-a brilhar da cabeça aos pés.
Se eu fingo ser uma rainha, eles parecem exatamente os membros importantes da minha corte.
"Graças à deusa que você está aqui," eu digo. Venna dá um abraço pequeno em Saela, e minha irmã começa a se aquecer.
"Cadê o vestido?" Nevah pergunta animada. Até Nevah e Venna entraram na empolgação do dia à medida que ele se aproximava. A energia de Izabel é contagiante.
Brionna e minhas outras atendentes chegaram mais cedo para fazer meu cabelo e maquiagem. Guardei para colocar o vestido de coroação para meus amigos.
"Por aqui," digo, e os levo até onde está embrulhado para proteção. "Pode falar."
Venna pega primeiro, e Izabel observa animada enquanto sua irmã cuidadosamente remove a criação de suas embalagens. A mão da Izabel imediatamente se fecha ao redor do meu braço quando ela vê. Descanso minha mão sobre a dela e deixo meus olhos percorrerem a peça.
É um vestido de rainha, sem dúvida. Uma obra-prima de alfaiataria e costura.
É de um azul profundo, bordado em uma filigrana de milhares de pequenos cristais dourados que captam a luz como estrelas quando Venna o levanta. O decote abaixa como uma faca e baixo, quase ousado. As mangas longas deixam o vestido modesto, e felizmente vão esconder minha maldita pulseira de noivado.
Duas fendas de comprimento total esticam o comprimento das minhas coxas, mas são adições práticas que me permitirão pedalar no Anassa sem restrições, caso eu precise.
"Ah," Nevah sussurra enquanto passa as pontas dos dedos pela longa capa e sua cauda. Esse elemento do meu conjunto é branco, mas está entrelaçado por bordados dourados de lobos correndo, pulando, quase dançando.
"Você é uma rainha", Saela diz maravilhada, como se ver esse vestido finalmente o tornasse real para ela.
"Vamos garantir que todo mundo saiba disso, tá?" Eu digo brincando.
"Vamos?" Izabel diz, apontando para o vestido, e eu assinto.
É uma arte delicada me colocar no vestido sem mexer no meu cabelo cuidadosamente arrumado, mas com a ajuda dos meus amigos, conseguimos.
Quando levanto a cabeça para me avaliar no espelho mais uma vez, a força se instala no meu sangue de Sturmfrost. Posso não me reconhecer, mas quando olho para meu reflexo, vejo uma rainha.
Vejo a Rainha Chiara em seu próprio vestido de coroação como se estivesse ao meu lado, mão no meu ombro.
Agarro-me firme a essa imagem de mim mesmo enquanto me aproximo da sala do trono, minha irmã e meu lobo gigante ambos seguindo atrás. Mesmo ao entrar e apreciar as decorações elaboradas, não deixo minha visão vacilar.
Esta é a mesma sala do trono onde vi a Rainha Chiara quando coloquei a coroa pela primeira vez. E agora está enfeitada para um show luxuoso.
O cômodo está inundado de flores das estufas. Milhares de flores vermelho-sangue foram artisticamente dispostas para parecer crescer pelas paredes, se enrolando sobre o trono dourado e até pingando do teto alto.
Dá a impressão de uma ameaça bela. Requintado, com um toque de potencial de

violência.
Pedi algo que não gritasse visualmente, estou meio perturbado e posso matar todos vocês a qualquer momento!
Infelizmente, a Matrona Alienor disse que os Valtieres sempre tinham flores escarlates em suas coroações e que os nobres não esperariam menos.
O ar está intoxicante com o perfume natural das flores. É tão rico que quase consigo sentir o sabor, floral e pegajoso na minha língua.
Minha cabeça dói de dor, um lembrete do escudo contra Killian que continuo reforçando. Anassa e eu jogamos mais poder contra ele hoje. A última coisa que precisamos é que o Killian entre em contato com todos os Vinculados no meio da cerimônia.
Só posso torcer para que seja suficiente.
Girando, olho para trás para Saela para ter certeza de que ela ainda está bem. Os olhos dela estão arregalados, mas ela me dá um aceno e um sorriso trêmulo.
"Arruma minhas saias se elas se enrolarem, tá?" Eu sussurro. "Acho que cair de cara no chão estragaria o efeito."
Saela me recompensa com uma risadinha leve.
A sala é cortada por um corredor carpetado. De cada lado há fileiras e mais fileiras de cadeiras. O povo comum está sentado nos fundos, vestindo as roupas mais elegantes que possuem.
Igor faz contato visual comigo de onde está sentado com sua esposa, Prina, e assente. Ao lado dele estão as mulheres da lavanderia, as velhas amigas da minha mãe. Eles estão vestidos de forma mais formal do que eu já os vi, tanto que mal os reconheço. Sorrio para Mae, cujo cabelo está cuidadosamente arrumado e adornado com flores brancas.
O calor queima atrás dos meus olhos, e aquela sensação de injustiça retorna. Se ao menos minha mãe tivesse estado aqui.
A próxima seção está cheia de Bondados de alta patente, todos vestidos com suas roupas mais caras. Alguns deles eu reconheço, como a Alfa de Kryptos, Hannelore, que está ao lado de Egith. Muitos deles eu não tenho.
Meu rosto cora quando vejo Stark, uma fileira à frente deles e ao lado do Alfa Soberano.
Ele veste novamente um terno escuro, desta vez com detalhes em um vermelho Daemos profundo, da cor do sangue. Seus ombros largos, as tatuagens malvadas no pescoço e nas mãos realçam as linhas nítidas do terno de um jeito quase perverso.
Como se me sentisse — sempre me sentindo — ele levanta a cabeça. Quando nossos olhos se encontram, seu rosto suaviza por um breve momento. O olhar dele se move sobre mim como uma pena deslizando contra minha pele. Meu rubor se estende em um calor quente até o peito.
Me forço a desviar o olhar dele, meu pulso acelerado com algo além do nervosismo.
O estrado na extremidade oposta abriga o trono que o Rei Cirilo ocupou pouco mais de um mês atrás. Uma trombeta anuncia, anunciando minha presença enquanto avanço pelo corredor, meu trem me seguindo.
Saela caminha para a minha direita, um pouco atrás de mim. Anassa acompanha o meu outro lado.

Fileira por fileira, a assembleia reunida se levanta e permanece de pé mesmo depois que eu passo. Centenas de rostos se viram para acompanhar meu progresso pelo longo corredor central.
Minha jornada ao trono.
Não sei o que é mais intimidador: os nobres cujos rostos mostram hostilidade mal disfarçada, as sobrancelhas franzidas e os lábios curvados, ou as pessoas que observam com expressões genuínas de admiração.
Eu supero tudo isso e foco na Mãe Sacerdotisa, uma pessoa em quem eu mal tinha pensado antes desta semana, mas que agora tem sido um espinho interminável no meu lado.
A Mãe Sacerdotisa está no estrado com vestes douradas ornamentadas, seus cabelos brancos novamente enrolados em tranças elaboradas ao redor da cabeça. Suas mãos retorcidas seguram um frasco filigranado de óleo sagrado. Os olhos verdes e relutantes da sacerdotisa podem fazê-la parecer fraca, mas eu vejo a dureza neles, mesmo que ninguém mais veja.
Ao seu lado, em um pedestal, está a coroa dourada de Sturmfrost com seus lobos saltitantes.
Ela não escondeu — pelo menos para mim — que me considera inadequado para o trono. Cada escolha que fiz sobre esta coroação — desde recusar despir a se despir diante de uma multidão até insistir que não precisávamos correr em uma serpente marinha abatida para alimentar os nobres — foi recebida com uma carranca de desaprovação.
As rugas condenatórias ao redor da boca dela e eu somos melhores amigos, neste ponto.
Ainda assim, ela está aqui.
Quando chego ao estrado, viro-me para encarar a congregação reunida. Saela se senta na primeira fila, e Anassa vai atrás de mim para sentar ao lado do trono.
"Meryn Sturmfrost, herdeira do trono de Sturmfrost, você busca ser rainha da sagrada nação de Nocturna," a Mãe Sacerdotisa brada, sua voz muito mais forte do que seu corpo sugeriria.
"Aceito", digo, seguindo o roteiro que repetimos várias vezes.
"Humilhe-se diante do povo que deseja servir. Humilhe-se diante da própria Deusa Sem Rosto," ela grita.
Os nobres se endireitam em seus assentos, esticando o pescoço. Mais de alguns dos homens têm um olhar lascivo nos olhos.
Desculpa, seus malditos esquisitos, não vou ficar nu só pra prazer de vocês.
Em vez disso, ajoelho — uma tarefa difícil com esse vestido pesado e dourado. Murmúrios decepcionados me chegam da multidão.
Então coloco minha cabeça no chão. "Me humilho diante do povo e da própria deusa. Peço que ela me avalie e me dê a devida aprovação." As palavras quase me fazem estremecer. Nunca vou esquecer a forma como Cyril Valtiere disse essa frase quando nos conhecemos.
Como se se considerasse um deus.
Fico nessa posição prostrada por um minuto inteiro. Teoricamente, se a deusa estivesse lá em cima vigiando isso, agora seria o momento em que ela me derrubaria.
É assim que sei que essa cerimônia é uma besteira.

Que tipo de deusa teria deixado os Valtieres passarem?
"Você pode se levantar, Meryn Sturmfrost", anuncia finalmente a Mãe Sacerdotisa.
Levanto o peito, mas continuo ajoelhado e inclino meu corpo em direção a ela. A Madre Sacerdotisa destampa seu óleo sagrado. O cheiro pungente e amargo dela paira sobre mim, e tento não engasgar.
E foi aí que percebi. No polegar dela está um grande anel de sinete. E no centro disso... uma opala em forma de gota.
Igual ao que está na minha coroa. Igual ao que está no pescoço da Saela.
Meu sangue começa a zuir. É outro Tear?
A Madre Sacerdotisa mergulha o polegar no líquido escuro, atraindo meu olhar de volta para o rosto dela. "Com seu poder, você governará por todos?"
"Com meu poder, governarei por todos", ecoo.
Ela passa óleo na minha testa — uma, duas, em um X.
"Com persuasão, você vai falar por todos?"
"Com persuasão, falarei por todos." O polegar dela mergulha de volta no óleo, e ela espalha uma linha verticalmente pela minha boca. Mantenho os lábios cerrados para que o sabor acre não toque minha língua.
"Você vai manter seu povo em primeiro lugar ao criar e destruir?"
Estendo as mãos para ela, palmas para cima. "Vou manter meu povo em primeiro lugar enquanto crio e destruo."
Ela passa uma linha grossa em cada palma.
"Seu coração vai buscar proteger em vez de ferir?" ela pergunta.
"Meu coração vai buscar proteger, não ferir."
Ela desenha outro X—um golpe, dois golpes—pelo meu esterno.
Então ela se dirige ao pedestal que segura a coroa. Ela está de costas para a multidão.
Ninguém mais consegue ver o brilho cobiçoso em seus olhos ou o jeito como seus dedos apertam o centro da coroa, sobre a opala. Por um momento, fiquei preocupado que ela não vá me dar.
Anassa rosna baixo na garganta, tão baixo que eu torce para ser a única pessoa a ouvir.
Será que a Mãe Sacerdotisa acredita que essas joias estão realmente ligadas à Deusa Sem Rosto de alguma forma?
Ou talvez ela simplesmente ame um conjunto combinando de joias.
Finalmente, a Madre Sacerdotisa se vira e coloca delicadamente a coroa na minha cabeça. Sua voz soa firme, e o brilho fanático em seu olhar nunca vacila.
"Com a bênção todo-poderosa da Deusa Sem Rosto, proclamo você Rainha Meryn Sturmfrost, a legítima soberana de Nocturna e protetora do vínculo."
Com um estrondo violento e ecoante, as portas da sala do trono se escancaram.

16



MERYN

A Todos os Vinculados pulam de pé tão rápido, armas em punho, que demoro um momento para perceber o que está acontecendo.

São os lobos gigantes. Eles entram em massa na sala do trono. Devem ser pelo menos cinquenta deles, garras batendo alto no mármore brilhante. A presença deles paira sobre todos enquanto eles preenchem a sala—cabeças erguidas, olhos brilhando, músculos ondulando com seus movimentos graciosos.

Os nobres recuam assustados. Suspiros e sussurros percorrem a multidão enquanto eles se viram, esticando a mão para observar a procissão que ultrapassa as bordas da sala.

Um pouco da minha crueldade lupina retorna, observando o poder mudar. Tenho uma centelha de satisfação com o desconforto deles. Bom, eu acho. Deixe que eles sejam os vulneráveis pela primeira vez.

Até mesmo nobres que participavam dos Julgamentos estavam sentados longe dos lobos gigantes, assistindo aos acontecimentos de longe. Esse é o mais próximo que a maioria deles chegou dos lobos, e certamente de tantos assim. Tenho orgulho de ver que as pessoas comuns moderam suas reações.

Alguns dos lobos são companheiros dos Vinculados na cerimônia. Mas sei que outros ainda não aceitaram cavaleiros. Saltando brincando entre eles estão quatro filhotes de lobo gigante, um de cada cor de matilha.

Saela ofega de alegria. "Fofo," ela grita.

"O que é isso?" Pergunto rapidamente para Anassa.

Demora um pouco para ela responder, mas ela me envia suas emoções. Ela está impressionada, humilde. Profundamente tocado. "Eles vieram mostrar respeito e lealdade a nós como dupla real."

Lágrimas brotam aos meus olhos, e entrelaço os dedos em seu pelo áspero.

Quando o último lobo entra, mal contido dentro dos limites do salão, Anassa se posiciona diante do trono. Ela levanta sua enorme cabeça prateada-branca, os músculos se contraem, e inclina o focinho para trás em um uivo assombroso.

O som são os fantasmas de todas as nossas perdas, o eco das Rainhas do Sturmfrost, e se move pela sala do trono como uma onda. Acorda a voz dos outros lobos. Eles respondem da mesma forma, uivando em união. A canção deles ecoa sobre o teto abobadado e me abala profundamente.

Os nobres observam, sem palavras, enquanto os lobos se calam e começam a se mover como um só. Os lobos gigantes se curvam profundamente, primeiro para Anassa, depois para mim. Então, tão rápida e surpreendentemente quanto entraram, os lobos saem da sala do trono.
A Mãe Sacerdotisa pigarreia, redirecionando a atenção da multidão para mim. "Viva a rainha!" ela chama.
A assembleia se levanta, nobres, Ligados e povo comum chamando em uníssono muito mais bagunçado que os dos lobos.
"Viva a rainha!"
As palavras soam vazias.



O dia da coroação é interminável, se misturando à noite em um longo borrão.
Quando entrei pela primeira vez no salão central, seguido por Anassa, Saela, Siegrid e o restante do meu séquito, a luz das milhares de velas tremeluzentes e lustres cintilantes me impressionou com sua beleza.
Agora, horas depois, as luzes dançantes são como mil pequenos pontos nos meus olhos, acentuando a dor de cabeça que continua latejando surda nas minhas têmporas.
Anassa saiu com o resto dos lobos gigantes horas atrás, o instinto a chamando para caçar. Ela me disse que queria criar uma nova tradição de coroação para os lobos, já que todas as tradições da era Sturmfrost haviam sido esquecidas.
De vez em quando tenho um lampejo de consciência dela enquanto eles saltam pela neve, contornando o Monte Wolfsbane para as florestas mais profundas — e caças maiores — além.
Sortuda.
Infelizmente, as tradições recentes de coroação dos Valtieres não foram esquecidas. As mesas do salão central circulam em torno de uma área desocupada, onde sete dançarinos da cidade participam de uma "apresentação especial".
Foi assim que a Matrona Alienor chamou quando insistiu que precisávamos disso, que os nobres esperariam isso.
A "performance especial" é uma espécie de striptease erótico.
Os dançarinos são todos incrivelmente belos e talentosos. Fico impressionado com a fisicalidade deles. Mas...
"Isso é apropriado para uma refeição de coroação?" Izabel diz, vindo atrás de mim onde eu me sento na mesa principal. A mesa foi coberta de prato após prato de comida. Estamos comendo há horas, uma coisa requintada, absurda e rica atrás da outra.
Assistimos juntos enquanto uma das dançarinas se inclina, envolve as pernas ao redor da própria cabeça e expõe sua virilha — felizmente coberta — para uma mesa cheia de nobres praticamente ofegantes.
"Você tirou as palavras da minha boca," murmuro enquanto uma das outras dançarinas fica na ponta dos pés. A mulher ao lado dela pega o vestido da primeira dançarina e a gira. A primeira dançarina gira pela sala, seu vestido se

desfazendo enquanto ela avança até ficar apenas com pasties e buzinas brilhantes. Ela termina seu movimento no split, e vários nobres assobiam.
"Ela é muito flexível", Saela diz inocentemente, com a boca cheia de carne de veado.
Ela pode comer comida normal, outra coisa que aprendemos com a pesquisa de Aldrich, embora apenas sangue lhe forneça sustento. Comida é feita apenas para o prazer. E para alguém raramente exposta a esse tipo de refeição, Saela fica encantada com todas as opções que tenha.
"Me faça um favor", digo para Izabel. "Descubra quanto a Matrona Alienor está pagando para essas mulheres e triplica isso?"
"Pronto", ela diz. "Eu estava vindo avisar que a procissão de boas-vindas está prestes a começar."
Suspiro enquanto uma longa fila de nobres se forma nas escadas para nosso estrado. "Já vou, obrigado."
O trabalho de Siegrid foi uma vitória—os nobres estão se alinhando para me cumprimentar, prestar homenagens à nova rainha. Tudo está indo conforme o planejado. Se ao menos a rainha deles quisesse falar com um único desses chorões idiotas.
Levanto-me e avanço relutantemente, tomando meu lugar no trono que fica logo ao lado da nossa mesa real. Saela vem ficar ao meu lado. Ela está indo muito bem até agora, mas vou precisar mandá-la para a cama depois disso.
"Vossa Alteza", entoa um homem mais velho, a voz um pouco nasal. Ele se move devagar, e juro que ouço seus joelhos rangerem enquanto ele se inclina para jurar lealdade à sua casa.
"Lorde Blumenfall," respondo, agradecido por Siegrid me fazer estudar os nomes, títulos e retratos de cada lorde ou dama. "E a Senhora Herdeira."
A mulher mais jovem à direita de Lorde Blumenfall, também ajoelhada, levanta-se e me oferece uma caixa dourada. "Nossas parabéns, Vossa Alteza. Trouxemos isso como um pequeno sinal de gratidão por termos a rainha legítima de volta para nós."
Encontro seus olhos, procurando sarcasmo, mas seu olhar é firme.
Talvez esses nobres realmente estejam abertos a uma plebeia, uma rainha vinculada? Como única filha do senhor, Lady Herdeira Blumenfall está prestes a herdar sua propriedade e responsabilidades quando ele se for. Ela é sólida e tem olhos duros. Talvez na casa dos cinquenta anos, no máximo.
Ela percebe que eu a avaliei de cima a baixo e arqueia uma sobrancelha, os olhos brilhando. "Estamos ansiosos para conhecê-la melhor, minha rainha."
Quando ela se afasta, procuro o nome do próximo senhor que se aproxima, um homem alto e magro com um bigode fino, mas ele está escapando de mim. Ele também não oferece, e vejo seu olhar ficar calculista quando percebe que não sei quem ele é.
"Parabéns por este dia memorável", ele diz, a voz carregada de insinceridade.
"Obrigado por estar aqui", murmuro, distraído pelo esforço de associar o rosto dele a um dos retratos que estudei.
Ele zomba de Saela atrás de mim e então vai embora sem se despedir. Saela e eu trocamos olhares, mas não há tempo para conversar antes que a linha de recepção continue.

O próximo casal é de alguma forma melhor e pior: um jovem marido e esposa que felizmente lembro como primos reais da linhagem Valtiere, duas vezes afastados ou algo assim.
Apesar de eu ter decapitado recentemente um membro da família deles e roubado o trono de outro, eles estão se esforçando ao máximo para me bajar. O marido se curva tão profundamente que a cabeça toca o chão, e a esposa chora enquanto segura minha mão e a pressiona contra a testa.
É transparentemente falso, a adoração bajuladora, mas acho que não posso culpá-los. Eles estão tentando me convencer a não trancá-los por serem parentes distantes dos governantes anteriores.
Eu me viro e pego meu cálice d'água, dando alguns goles rápidos.
O Conselheiro de Sturmfrost, Gerhold Herzog, se aproxima em seguida. O homem oleoso é uma parte necessária, mas indesejada, do meu Conselho Palast, e passo nossas reuniões semanais tentando desesperadamente não conversar com ele.
Vizinhos do Bairro Leste costumavam fazer piadas sobre como ele dava contratos reais para quem lhe fizesse favores... especialmente mulheres jovens bonitas. Acredito ainda mais nesses boatos agora que tive a infeliz sorte de conhecê-lo.
"Você mudou a cerimônia de coroação", ele diz diretamente como saudação.
"Eu disse," digo, tentando não franzir a testa. "Elementos dela não me combinavam."
Ele faz uma careta de desprezo. "Permita-me discordar, Meryn." Fico irritado com o uso casual do meu primeiro nome — vindo dele, é uma provocação intencional. "Esses elementos teriam ficado bem com você."
Meu rosto queima. Esse porco do caralho.
Minha primeira tarefa, agora que fui oficialmente coroado, será encontrar um substituto adequado para ele, um administrador adequado de Sturmfrost em quem possa ser confiável para administrar bem nossa cidade.
Ele deve ver a raiva mal contida por trás da minha fachada civilizada, porque sorri de lado e abaixa a cabeça, indo embora.
Noemi e seu pai, Lorde Eisenfall, são os próximos. O vestido de Noemi é de um vermelho chamativo, elegante e flamejante, quase combinando com a cor do cabelo dela. Chamar isso de vestido pode ser um exagero. É uma peça feita de alças cruzadas que cobrem apenas partes do corpo dela, deixando muito pouco para a imaginação.
Isso me lembra desconfortavelmente as bolas realizadas durante as Provas de Ligação. Pisco surpreso com isso; Ela me pareceu recatada quando nos conhecemos.
Sua roupa parece sem graça em comparação com a riqueza que cobre Lorde Eisenfall. Seu terno é de veludo chamativo, o cabo da espada está cravejado de rubis, e pedras preciosas brilham nos anéis de cada dedo. Noemi fica um pouco atrás dele, com a cabeça baixa.
"Lorde Eisenfall — você é o pai de Noemi?"
O senhor resmunga. "Eu gerei Noemi, com certeza, mas não reivindicamos bastardos como nossos filhos ou herdeiros, pelo menos não em Eisenfall." O olhar dele passa por mim e minha irmã com desaprovação. "Mas sim, Noemi

pertence a Eisenfall."
Minha cabeça, já latejante, esquenta com as palavras dele, e olho entre Noemi e aquele homem. Um pai que faz parecer que ela é algo que ele possui, e não uma filha.
Lorde Eisenfall brinca com o punho cravejado de joias de sua espada enquanto fala, com tom preguiçoso. "Consideramos um motivo de orgulho, é claro, ter um Vinculado para exibir como um dos nossos."
Que porra é essa?
Olho de volta para Noemi, que desvia o olhar como se estivesse envergonhada.
Preciso causar uma boa impressão nesse babaca junto com todos os outros sanguessugas nojentos deste quarto. Mas minha boca não obedece ao meu cérebro.
"Como sua nova rainha, acho um motivo de orgulho ter tantos nobres hesitantes para exibir como minhas."
Estendo a mão de um jeito que espero ser de uma rainha, mantendo o rosto o mais neutro possível enquanto Lorde Eisenfall me observa, claramente sem saber como aceitar minhas palavras.
Ele se inclina e beija, e eu imediatamente quero ir me lavar.
Depois que finalmente saem, a Mãe Sacerdotisa assume a responsabilidade. Não vi sua forma encolhida atrás da imponente de Lorde Eisenfall, e ela me pega de surpresa. Presumi que ela poderia ter partido depois que as partes cerimoniais da coroação terminaram.
Aquela intensidade zelosa voltou aos olhos dela enquanto ela sobe as escadas até o estrado, se aproximando até ficar desconfortavelmente perto.
"Mãe Sacerdotisa," digo desconfortável. "Obrigado por presidir a cerimônia."
Em vez de me responder, ela se vira para Saela e estende a mão. Minha irmã dá um passo para trás, assustada. Isso imediatamente soa um alarme na minha cabeça.
"Você tem dois?" a Mãe Sacerdotisa sibila, se aproximando.
Ela está focada no colar de opala que Saela usa no pescoço. A outra Deusa Lágrima. Ela avança como se fosse arrancar o peso do pescoço da minha irmã.
"Mãe Sacerdotisa," eu disparo, e a mulher se endireita, com um olhar irritado no rosto. "Você se esquece."
"Não, você se esquece, Alteza." Ela levanta a mão, mostrando o anel de opala. "Você mesmo disse — você não é um verdadeiro crente. Você não é digno de carregar uma Lágrima na sua família, muito menos duas. São símbolos sagrados da deusa. Eles pertencem a mim."
A raiva me inunda, e sombras começam a surgir no canto do meu olho. Porra, porra, porra.
Agora não. Não posso perder o controle.
Respirando fundo, digo: "Tenho a mente aberta sobre a deusa, como te disse. Se você me acha tão indigno, talvez devesse ter recusado supervisionar a cerimônia. E acredito que as relíquias da minha família pertencem à minha família."
Acento para Siegrid, que se aproxima rapidamente.
"Siegrid, a Mãe Sacerdotisa está exausta e precisa se retirar para a noite. Você pode pessoalmente garantir que ela chegue aos seus aposentos?"
Siegrid se curva para mim, então agarra o braço da Mãe Sacerdotisa, levando-a

embora.
"Bem, isso foi estranho," murmura Saela.
"Sério," eu digo. "Falando em exaustão, você está pronto para voltar para o seu quarto?"
Saela acena agradecida, e eu aceno para Helene. Depois que os dois saem, desço as escadas passando pelos outros nobres que me esperam, ignorando os olhares questionadores que se fixam em mim.
Preciso de ar. Esse quarto cavernoso de repente se torna sufocante.
Há uma porta lateral atrás de uma mesa sobrecarregada de chocolates e doces, e eu vou para lá o mais rápido que meu vestido pesado e meus sapatos sociais idiotas permitem. Ela se abre para uma das varandas que tem vista para os terrenos do castelo.
Deixando a porta se fechar atrás de mim, sigo até o corrimão. A pedra fria é deliciosa contra minha pele superaquecida. Um cheiro de neve está no ar.
Demora apenas um ou dois minutos até que minha solidão seja interrompida. A porta se abre com uma rajada de ar quente e úmido vindo de dentro.
Talvez seja o passo dele contra a pedra sólida do chão da varanda.
Ou talvez seja uma mudança sutil no fundo da minha mente, a consciência de Anassa mudando, se misturando à minha, me dando uma intuição quase lupina.
Mas, de alguma forma, não preciso me virar para saber que é Stark.
Engolo em seco, mas mantenho o olhar fixo à frente, observando as árvores do pátio tremerem com o vento gelado. Stark fica quieto enquanto se move para ficar ao meu lado na balaustrada. Não olho para ele, mas sinto seu movimento, sinto o calor vindo dele, o braço dele repousando a poucos centímetros do meu enquanto ele se apoia no corrimão e olha para fora.
Nenhum de nós diz nada por um momento, e o silêncio se instala sobre mim como um cobertor reconfortante. É estranho estar na presença dele e também tão... em paz.
Eventualmente, sinto o olhar dele sobre mim, e me viro para encontrar seus olhos escuros, poças de noite na luz tênue.
Minha respiração falha, aquela tensão entre nós de ontem voltando com força total.
Como seria aceitar essa oferta? Tatuá-lo em algum lugar íntimo e aprender a tocar a pele dele com a língua?
"Escondendo dos seus súditos assustadores?" Sua voz baixa e provocativa interrompe o momento. Mas o olhar dele mantém o meu, e de alguma forma sei que há preocupação por trás da pergunta.
"Só até todos irem dormir?" Eu rio fracamente. Ele apenas me encara, como se estivesse absorvendo cada detalhe da minha aparência. "Você pode me culpar? Um bando de bajuladores que normalmente tratam os Vinculados como lixo, de repente se enrolando para me dizer o quanto estão felizes por mim, o quanto estão felizes por servir à rainha legítima. Sinceramente, prefiro cravar pregos nos olhos."
Isso arranca um riso dele, embora seu olhar nunca desvie. "Bajuladores ou não, você precisa que eles mostrem apoio, mesmo que seja uma farsa total."
"Eu sei," suspiro.
"A riqueza deles, os soldados de seus feudos, sua influência sobre os súditos,

tudo isso—"
"Eu sei," mordo com força, minha irritação transbordando enquanto me viro para encará-lo completamente, inclinando-me. "Posso agir como um idiota na maior parte do tempo, mas não sou um completo imbecil."
As nuvens acima estão se rareando, e a luz do luar contorna seus cabelos, os ângulos das maçãs do rosto, fazendo-o parecer um herói de um dos livros de histórias de Saela — ou um vilão. Ele está diferente hoje à noite, eu acho, embora eu não consiga identificar exatamente o motivo. Algo na postura do rosto dele.
"Você está linda", ele diz baixinho. Talvez eu esteja inventando, mas juro que há um desejo na voz dele.
Será que é só o vínculo de companheiro dos nossos lobos influenciando ele? Ou... Algo mais?
Um anseio que começou a crescer em mim também. Uma que me confunde tanto que corro para desligá-la.
"Que bom que não apareci na minha coroação com uma aparência horrível."
Ele faz uma careta, mas se aproxima, até que seu hálito me esquenta. Até que consigo sentir o cheiro âmbar dele tão profundamente que ele se torce dentro de mim e inflama minhas veias. "Desculpa. Mas quando te vi ontem, parecia que você não dormia há um mês."
A mão dele sobe ao meu rosto, e por um momento, acho que ele vai segurar minha bochecha, inclinar meu rosto em direção ao dele. Em vez disso, as pontas dos dedos dele roçam levemente o ponto sob cada olho, onde eu sei que sob a maquiagem estou com olheiras tão escuras quanto um hematoma.
Quero ser insultado, mas ele está certo. Mal tenho dormido. Tenho medo de, de alguma forma, acabar de volta àquele reino sombrio, preso com Killian, incapaz de escapar dele.
Talvez seja hora de pedir ajuda, de contar a verdade para alguém além de Anassa. Eu sei que posso confiar nele.
Mas quando abro a boca para explicar, a porta atrás de nós se abre de novo, batendo na pedra da parede e recuando.
Nós dois giramos para olhar para o recém-chegado: Siegrid. Ela nos lança um olhar avaliador e sorri.
Eu me afasto de Stark, não querendo que ela interprete demais o que quer que isso seja.
"É hora dos brindes tradicionais", diz Siegrid. "Acho que eles não vão começar até nossa monarca voltar para sua mesa, porém..."
De alguma forma, ela confere à palavra monarca respeito, irritação e cansaço ao mesmo tempo. Quase admiro a forma como ela consegue fazer as palavras soarem como um insulto sem tecnicamente dizer nada negativo sobre mim.
Adeus à minha conversa sincera com o Stark. Sinto uma decepção afundante no peito, mas sei que Siegrid está certo. "Longe de mim impedir os nobres de levar a próxima taça de vinho de brasa", brinco, indo em direção à porta antes de olhar de volta para Stark. "Você vem?"
Siegrid me apressa de volta ao estrado. Um garçom avança rapidamente para me entregar uma taça de vinho espumante de brasa assim que chego ao meu lugar na cabeceira da mesa.

O vidro é feito de cristal brilhante, intricadamente gravado com vinhas torcidas e, em seu centro, o brasão de Sturmfrost. Estudo o copo, imaginando quantos anos ele tem, se algum dos meus ancestrais poderia ter segurado esse mesmo copo em uma coroação própria.
Siegrid inicia os tradicionais brindes de coroação. Consigo ouvir algumas palavras do discurso claramente ensaiado dela; "a verdadeira linha real" e "tradição que abraça a mudança necessária enquanto avançamos com nosso país" e outras frases cuidadosamente formuladas.
“… com o total apoio dos guerreiros Vinculados e de mim, a Soberana Alfa, ao seu lado..."
Se ao menos eu acreditasse que tenho o apoio total dos guerreiros vinculados. Espero que, depois de hoje à noite, as famílias dos meus amigos — e os outros como eles — comecem a se adaptar.
Olho para o mar de rostos, cada mesa em pé com seus copos erguidos, esperando Siegrid terminar suas palavras.
Virando-me de volta para Siegrid, vejo Stark se acomodar ao lado dela, e meu cansaço desaparece por um instante.
"À Rainha Meryn!"
As palavras se repetem e ecoam por todo o salão de baile. Levanto meu próprio copo, sorrindo e assentindo como se tivesse ouvido uma palavra do que foi dito. Sentando-me novamente, coloco cuidadosamente o copo de lado. Não preciso de nada para acalmar meus nervos hoje à noite.
A conversa recomeça pela sala, e os centenas de olhares ardilosos felizmente se desviam de mim. Suspiro de novo, e então uma mão desliza sobre meus olhos.
"Quem é seu companheiro favorito de matilha?", vem a voz de Izabel. Consigo soltar uma risada meio desanimada enquanto ela me solta, pega uma cadeira e se aproxima de mim. Siegrid observa com desaprovação do seu lado da mesa, mas eu não consigo me importar.
Tomison está com Iz e toma a cadeira ao lado dela. "Ótima festa, Queenie."
Eu rio. "Obrigado, Tomtom. Vocês dois estão se divertindo?"
Izabel faz uma careta. "Na verdade, não. Como sua organizadora de eventos, tenho o dever de dizer que tudo correu perfeitamente e que está tudo perfeito."
Tomison ri. "Mas como seus amigos: essa festa é assustadora."
"Ah, você não gostou da exposição dos dez pavões assados? Os bolinhos que pareciam suspeitosamente com seios não eram do seu gosto? Ou será que os nobres usam a embriaguez como desculpa para fazer... Isso?"
Aponto para o salão de baile, onde vários nobres mais velhos e embriagados encurralaram jovens plebeus e se Vincularam, forçando-os a dançar. Tecnicamente, eles estão mantendo as mãos para si, mas é revoltante assistir mesmo assim.
Izabel suspira. "Viu? Como eles conseguiram chegar a esse estado? Você pensaria que minha posição como planejadora me daria alguns benefícios a mais. Nem consigo fazer os garçons trazerem uma taça de vinho de brasa para mim. O que está acontecendo?"
Antes que eu possa responder, ela vê o cálice de cristal no meu prato. "Ótimo, aqui é onde tudo estava escondido. Hora de ficar bem bêbado e ver se isso torna essa ocasião mais tolerável."

Reviro os olhos e me inclino sobre ela em direção a Tomison. "A mulher que você está cortejando é uma influência terrível. Você sabe disso, né?"
Izabel parece ofendida. "Namorando? Ele? Não faço ideia do que você está falando. Na verdade, eu nunca o vi antes. Quem é ele?" Ela toma um gole profundo do vinho de brasa.
"Não era isso que você estava dizendo ontem à noite," Tomison ronrona, a boca perto do ouvido dela. "Você parecia saber muito bem meu nome quando estava gritando—"
Izabel engasga com a bebida.
Levanto a mão. "Pare. Eu imploro. É como se eu estivesse ouvindo meus pais falando sobre sexo."
A risada de Izabel fica presa na garganta. Outro estrangulamento. Seus olhos escuros se arregalam, e ela olha primeiro para Tomison, o pânico tomando conta. Então ela agarra minha mão, ofegante.
Todo o sangue esvai do meu corpo.
Ela se esforça para se levantar, e Tomison e eu pulamos das cadeiras tão rápido que eles caíram.
Ele coloca a mão nas costas dela. "Iz—"
O cálice escorrega dos dedos de Izabel e rola pelo chão, quicando uma vez na escada antes de se despedaçar em milhões de pedaços no próximo impacto.
Ela olha para mim, olhos cheios de terror, enquanto dá um passo para trás. Seus joelhos cedem, e ela desaba no estrado. A boca dela está aberta, gritando sem som.
Um pânico frio me rasga, gelo enchendo minhas veias.
"Izabel!" Grito, caindo no chão ao lado dela, procurando freneticamente algo que eu possa fazer para ajudar. Tomison faz o mesmo, segurando a cabeça dela no colo.
Ela começa a convulsionar violentamente. Espuma espuma em sua boca, vermelha do vinho de brasa. Ou, percebo com horror, de sangue.
"Pegue—chame os lobos—" Estendo a mente, tentando focar, odiando desviar o olhar de Izabel por um segundo, nem que por dentro. Mas se Asteio estiver aqui, ela pode curar Izabel. "Anassa!" Através do vínculo, sinto enquanto ela se vira e corre em nossa direção, mas ela está a léguas de distância.
Vai ser tarde demais, percebo vagamente. O que quer que estivesse na bebida — a bebida destinada a mim — tomou conta do corpo de Izabel.
A festa continua ao nosso redor, brindando taças e risadas educadas.
Ninguém mais vê — como o mundo está acabando diante dos nossos olhos.

17



MERYN

GE o lobo gigante agora!" uma voz ruge. O som ecoa nos meus ouvidos como um sino antes de eu perceber que sou eu. Eu sou quem está gritando por ajuda. "Precisamos de um médico! Chame alguém, qualquer um!"

Stark aparece ao nosso lado em instantes, envolvendo braços fortes nas pernas de Izabel, tentando estabilizá-la.

"Grigore, chame o médico do palácio!" Stark repete, com uma expressão sombria. "Qualquer um com conhecimento médico! Venha aqui, agora!"

Me inclino para trás enquanto Stark e Tomison tentam estabilizar a forma agitada de Izabel. Tudo o que posso fazer é assistir horrorizada enquanto Venna aparece ao nosso lado, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto ela observa a irmã.

Quando olho de volta do rosto da Venna, sei imediatamente que já é tarde demais.

Izabel parou de se mover. Seus lábios são azuis, ainda salpicados daquela espuma vermelha, e seus olhos escuros são vidrados, cegos.

"Não," sussurro, estendendo a mão para ela. Está frio, mole. Rapidamente puxo os dedos para trás, com o estômago arfando.

A pessoa mais vibrante que já conheci, apagada num piscar de olhos sem sentido.

Encontro o olhar de Tomison acima da forma imóvel de Izabel. Ele está pálido, chocado até o transe.

Venna cai de joelhos ao lado do corpo sem vida da irmã, e Stark e eu nos afastamos. Ela envolve os braços ao redor da forma de Izabel, embalando-a suavemente.

O lamento primitivo que sai de sua boca é penetrante. Não parece humano.

Stark me ajuda a ficar de pé. Ondas penetrantes de frio inundam meu corpo. Minha mente está assustadoramente calma, como um lago congelado e gelado.

Esse vinho de brasa era para mim.

Izabel morreu bebendo vinho de brasa especialmente para mim.

Estremeço quando outra onda de frio se instala fundo nos meus ossos.

Só então percebo como as sombras do quarto começaram a se contorcer, pulsando no ritmo do meu coração, se contraindo enquanto meus dedos se

flexionam. Aquele pulso que senti na arena ecoa dentro de mim como um batimento cardíaco escuro, me impulsionando a desistir, a deixá-lo entrar.
Enquanto instintivamente fecho minhas mãos em punhos, fios de sombra se enrolam de todas as direções. Eles se enrolam nos meus dedos, subem pelos meus braços como uma extensão das tatuagens no meu pescoço.
O poder é intenso, abrangente.
Abro a mão direita experimentalmente, e mil tentáculos de sombra disparam, escalando as paredes e se contorcendo ao redor dos lustres, encontrando cada chama e apagando uma a uma, deixando cada vez mais do salão de baile na escuridão.
"Meryn", Siegrid responde de onde estava conosco no estrado.
Sua desaprovação não é registrada.
Meus olhos cortam para Stark, e ele inclina a cabeça. Um aceno, talvez... encorajador.
A escuridão tomou conta. Uma pequena parte de mim percebe que não estou agindo como eu mesma, como a rainha que quero ser, mas...
Eu não me importo.
Não me importo mais se estou fora de controle. Não me importo se estou deixando minhas emoções me consumirem, se estou me deixando vulnerável a algo sinistro.
O poder que se acumula no meu peito é selvagem e assustador e afasta qualquer pensamento, qualquer sentimento além da pura adrenalina de libertá-lo. A escuridão dentro de mim é uma caverna profunda e sem fim.
Siegrid não é forte o suficiente para me parar de qualquer jeito.
Solto a bola de sombra da outra mão. Com satisfação violenta, assisto enquanto todas as portas do quarto se fecham com força. Os nobres estremecem com o som, e eu absorvo seus murmúrios assustados.
Minha voz está mais grave que o normal, calma e mortal. "Quem é o responsável por isso?"
O salão fica em silêncio, o único som é o soluço sufocado de Venna.
"Quem. É. Responsável. Para. Da Izabel. Assassinato." Caminho até a frente do estrado real, braços estendidos em um pedido ao poder que está ao meu redor, reunindo a escuridão como uma armadura.
Fico olhando ao redor do quarto, minha visão aguçada, os sentidos aguçados enquanto mais e mais magia percorre minhas veias, pelo próprio sangue.
Ninguém avança.
Minha mente corre, revivendo os momentos antes do brinde. Um garçom trouxe o cálice para mim. O momento é nítido na minha mente, a lembrança da xícara intrincada, o rosto da mulher — era alguém que eu não reconhecia, alguém de cabelo claro.
Não é um dos meus funcionários regulares.
Deliberadamente, desço do estrado e entro no salão de baile, sombras fluindo atrás de mim como uma capa viva. Minha raiva é brilhante e quente atrás dos meus olhos, o calor branco colidindo com os tentáculos gelados e sombrios que se enrolam nos meus pulsos, no meu pescoço, se enroscando no meu cabelo.
Nobres, Vinculados e servos recuam conforme me aproximo.
Eu levo meu tempo, metódico. Ninguém vai sair desta sala. Só quando eu

mandar.
Finalmente a vejo em um grupo de servos que reconheço. Ela fica atrás deles, tentando se misturar.
Peguem ela.
Como nas outras vezes que usei shadebending, não mando o que fazer. Eu só dou um empurrão de emoção, e as sombras reagem, fazem o que querem.
Uma corda escura de poder se enrola em seus tornozelos, puxando-a para frente pelo chão polido. Nobres chocados se afastam, boquiabertos enquanto a mulher se estende diante de mim. As pessoas pressionam para se afastar de nós, o círculo se alargando ao meu redor.
Vejo Stark pelo canto do olho, note enquanto ele fica perto, se posiciona atrás de mim.
Bom. Ele não vai interferir.
"Quem é você?"
A mulher soluça, se contorcendo contra as amarras sombrias. Eles deslizam pelos tornozelos, prendendo seus braços ao lado do corpo, circundando seu pescoço, deixando-a indefesa.
"Ninguém, eu só—eu não sou ninguém, Alteza!" Sua voz é fina e fina. "Isso era só um trabalho. Eu não sabia o que estava fazendo, juro pela deusa!"
Seu corpo se debate inutilmente no chão, um eco grotesco dos últimos momentos de Izabel.
"Explique-se," rosno. A raiva de Anassa cresce cada vez mais na minha mente enquanto ela corre em direção ao castelo, precisando estar ao meu lado. A presença dela na minha mente renova minha força.
Os gemidos da mulher são altos no salão silencioso. Alguns nobres começam a se aproximar das portas.
Parem eles.
Sombras atravessam cada porta, bloqueando visivelmente as saídas. Soluços começam de mais algumas direções, mas ignoro o som, voltando para minha presa.
Ela chora e chora, implorando para eu soltá-la. "Eu não sabia o que ia acontecer! Ele me disse que eu podia confiar nele, que estava fazendo a coisa certa por Nocturna! Ele só disse que esse era o cálice da rainha, que era importante eu entregar para você e só para você!"
"Mostre-me." Sem minha instrução, as sombras arrastam a mulher para cima e afrouxam um de seus braços. "Quem era esse homem?"
Seu braço treme ao levantá-lo, apontando trêmulo para um homem.
Um homem que conheço bem das reuniões do Conselho.
O Conselheiro de Sturmfrost.
Aquele pedaço de merda nojento cuja supervisão da minha cidade não passa de uma maldição.
Por instinto, lanço as mãos em direção a ele. As sombras interpretam isso como um comando, fluindo em sua direção mais rápido que o próprio pensamento.
Poças de escuridão se entrelaçam em cordas espinhosas, enredando-se nas pernas do Conselheiro Gerhold. As sombras o erguem no ar, puxando-o para cima, para cima, até que ele fique pendurado dos pés acima da mesa da família.
Sua esposa solta um grito arrepiante, se espreguiçando, tentando alcançá-lo.

Seus dois filhos, homens da minha idade, se encolhem de medo com os olhos grudados no pai.
Eu os ignoro. "Você realmente acreditava que poderia matar a rainha legítima? E sair daqui ileso? Você fez isso. Você roubou o mundo de uma verdadeira luz brilhante, e pagará pela morte dela."
O conselheiro está vermelho, as roupas balançando de forma estranha, mas mesmo assim rosna para mim. Seu olhar é tão arrogante quanto os retratos dele pendurados por toda a cidade. "Quem liga para algum Vinculado morrer? Eu só estava fazendo o que os outros eram covardes demais para tentar. Você não é minha rainha."
Sua esposa geme, cobre os olhos.
"Viva o Rei Killian!" grita o conselheiro desafiador, e vários nobres próximos a ele tentam controlar suas expressões.
Meu maxilar se contrai, vingança e fúria se chocando em algo mortal dentro do meu peito. Minha visão escurece.
As sombras respondem, engolindo toda a mesa dos conselheiros, incluindo sua família.
Sua mesa desaparece por um momento. O grito estrangulado do Conselheiro Gerhold ecoa e então é interrompido.
A súbita ausência de som me faz voltar a mim mesmo. Qualquer onda furiosa que eu estava surfando diminui, e eu puxo a respiração em pânico.
Não.
Não.
Eu estava tentando evitar essa demonstração de poder violento; Eu estava tentando provar hoje que não era alguém a se temer—
As sombras recuam, mas a tarefa já está cumprida.
Quatro corpos jazem quebrados no chão. Eu não matei apenas o conselheiro — matei a esposa e os filhos dele também.
Minhas mãos começam a tremer, e eu luto para parar. Não posso deixar ninguém ver o quanto estou abalado com minhas próprias ações.
Eu faria qualquer coisa para proteger as pessoas que importam para mim — e as sombras entendem essa parte mais sombria de mim, a puxam mesmo quando eu não deveria demonstrá-la.
Minha cabeça e meu coração doem e estão vazios enquanto subo o estrado real, virando até ter certeza de que todos os nobres na plateia estão olhando para mim.
"Agora você viu do que sua rainha é capaz." Minha garganta arranha como vidro quebrado, a voz que sai da minha boca estranha e terrível.
Quem eu me tornei?
Siegrid estava certo—eu nunca deveria ter deixado a dobra de sombra tomar conta. Eu deveria ter mantido o controle.
Ainda assim, levanto o queixo. Tenho que parecer forte e imponente diante de todas essas pessoas. De alguma forma, de alguma forma, preciso convencê-los de que não estou louco.
"A traição do ex-Conselheiro de Sturmfrost não poderia ficar impune. Ele tentou assassinar seu soberano. Ele matou um dos meus conselheiros mais próximos. Ele matou meu—"
Não consigo mais falar por causa da tensão na garganta. Felizmente, a presença

de Anassa surge na minha mente, um deslizar quente de pelo contra meu cérebro. E mais—sua aprovação. Posso até me sentir fora de controle, mas meu lobo feroz faria tudo de novo.
Não sei se isso me conforta.
"Traição contra o reino não será tratada levianamente", digo. "E parece que preciso ser claro: aos meus olhos, nobres, Vinculados e o povo comum têm igual posição. A vida de todos tem valor."
E mesmo assim, você tirou vidas tão facilmente, minha consciência zomba. Pressiono os lábios para segurar o pensamento. Vou ter tempo para auto-ódio e arrependimento depois. Agora, preciso colocar essas pessoas na linha.
Soluços abafados agora são ouvidos de quase todas as mesas. Quase consigo sentir o cheiro do medo dos nobres na sala. O povo comum presente também está se encolhendo. Os Vinculados, no entanto, me olham com respeito.
"Não pretendo governar Nocturna com mão de ferro", anuncio. "Mas se eu descobrir mais conspirações contra mim, ou contra o reino, serão tratadas rapidamente e com o devido nível de justiça. Vou proteger você e suas famílias com o mesmo fervor."
Vasculho a sala, encontrando os olhos de alguns dos nobres que conheci antes. Cada um me dá um aceno de reconhecimento enquanto eu os encaro.
A tensão ao meu redor é densa e horrível. Fico ali mais um minuto, até que todas as cabeças da sala se inclinem em submissão.
"Forte."
"Minha rainha," ele diz, avançando em minha direção.
"Veja que os corpos sejam removidos." De longe, percebo seu acordo. Virando-me para Siegrid, digo: "Certifique-se de que ninguém saia dos terrenos do castelo até que eu diga. Precisamos garantir que toda essa conspiração tenha sido... eliminado."
Ela assente, gesticulando para alguns outros Vinculados, compartilhando ordens com eles de forma seca.
Eles se movem até as portas, e as barreiras de sombra que eu de alguma forma criei derretem de volta ao chão. Os Vinculados abrem as saídas, e nobres e plebeus saem, correndo para colocar o máximo de distância possível entre eles e eu.
Ignoro eles, virando-me para olhar onde meus olhos não queriam ir. Lá no corpo imóvel do meu amigo.
Sua cabeça ainda está apoiada no colo de Tomison. Nevah se agacha ao lado dele, acariciando suas costas, sussurrando em seu ouvido. Posso perceber que ela está tentando chegar até ele, tirá-lo do transe sem palavras em que ele estava desde o momento em que o corpo de Izabel parou.
Meu primeiro amigo em tudo isso, agora sem vida no chão.
Por minha causa.
Venna se levanta do lado da irmã, me olhando em silêncio, apelando. Como se houvesse algo que eu pudesse fazer, algo que eu pudesse oferecer. Mas o que posso dizer?
Tudo isso foi culpa minha — por causa da minha decisão de reivindicar este trono, por causa dos inimigos que fiz.
O rosto de Venna muda enquanto eu a encaro impotente, lágrimas escorrendo

sem sentido pelo rosto, expressão alternando entre tristeza e raiva.
Finalmente, enfaço a distância entre nós, a pego nos meus braços. Ela me abraça com força, e algo se abre no meu peito.
Eu choro.
Pode ser que minutos ou horas depois eu sinta a presença de Anassa se aproximando, suas garras arranhando o chão. O lobo de Venna, Skaia, caminha atrás dela.
Venna e eu nos separamos, ambos indo para nossos lobos, agarrando-nos aos seus pelos em busca de algum conforto.
Mas nenhuma magia de lobo gigante pode curar essa dor.

18



MERYN

Tdois dias depois, assisto do meu quarto enquanto os nobres de Nocturna deixam o Castelo de Sturmfrost.

A cena é difusa e onírica através dos vidros ondulados da janela. Uma névoa fria desceu das montanhas esta manhã. Ela cobre tudo o que vejo, umedecendo a paisagem e apagando as cores.

É como se meu luto se tornasse tangível. Um manto de tristeza, pesado, grosso e frio, alcançando dedos gelados na minha carne e ossos. Será que algum dia vou me aquecer de novo?

E tem tanta coisa para fazer.

Preciso falar com Siegrid e Tormun sobre o progresso com Killian, a pulseira no meu pulso é um lembrete constante e dolorido de sua ameaça. Preciso receber uma atualização de status sobre a linha de frente de guerra. Preciso checar minha irmã, que está no quarto desde a coroação, apavorada de ser o próximo alvo.

Mas não consigo me mover da janela, o interior da minha cabeça é um zumbido surdo.

É um desfile interminável de cavalos e carruagens. Carroças cheias de baús cheios de vestidos de baile, pérolas e perfumes. Todos os vestígios de uma coroação real, lentamente esvaziando do castelo e deixando apenas tristeza para trás.

O que aconteceu com as roupas da Izabel? Todos os lindos vestidos de festa dela. Suas roupas de montaria, a nova jaqueta que seus pais fizeram para ela para as Provações ainda mal amaciada.

O pensamento sobe na minha garganta, dificultando a respiração. Encosto o rosto no vidro gelado, fechando os olhos vermelhos com força. O vidro congelante machuca minha pele firme e manchada de lágrimas.

Sugeri meio sem convicção à Matrona Alienor e a Siegrid que eu estivesse presente quando os nobres partiam, para deixar uma última impressão, mas ambos concordaram que a impressão que lhes deixei era "adequada" por enquanto.

Uma impressão de violência, ninguém precisava dizer em voz alta.

De uma retribuição rápida e implacável.

Não me arrependo de ter matado o conselheiro; Ele merecia o que aconteceu

com ele. Mas a família dele? Eu os matei sem pensar. Apenas pura emoção tornada letal pelas minhas sombras.
Será que é esse o tipo de governante que eu vou me tornar?
É isso que é preciso para arrancar este reino das garras de Killian e Alistair Brightbane?
O desfile dos nobres convidados que se afastam continua, mas eu viro o rosto.
Estou olhando sem ver o quarto da minha irmã quando uma batida soa na porta.
Stark, aqui para me acompanhar ao funeral da Izabel. Ele insistiu em me acompanhar como guarda sempre que eu saio dos meus aposentos, pelo menos imediatamente após o envenenamento.
Ele e Anassa estão sempre lá, sempre presentes. É como se eu fosse uma criança frágil que precisa ser cuidada, e isso está começando a me deixar inquieta.
Em algum lugar no fundo da minha mente tem uma mulher que quer responder dizendo que está bem, que é forte. Jogar uma piada rude para eles e escapar da babá cautelosa deles.
Mas estou vazio demais para alcançá-la.
Agora, abro a porta para o corpo robusto dele, coberto de preto de luto. Não que ele costume usar outra cor. A cor combina com ele, esse prenúncio da morte.
Ele parece bonito demais para um funeral, o rosto barbeado. Eu respiro ele e quero me enfurecer, com o conforto irritante que o cheiro me traz. Eu não mereço conforto.
Deixamos Saela para trás e saímos para encontrar nossos lobos gigantes. Anassa está tão rebelde quanto eu hoje. Afago o pelo dela, e ela resmunga para mim.
"Perdemos um bom lobo e um bom cavaleiro", ela diz em minha mente. "Mas seu sofrimento vai vazar por todo o vínculo se você não tomar cuidado. A memória de Izabel viverá dentro de você para sempre. Agora é hora de você liderar."
"Ok," digo baixinho, cavando naquele lugar vazio, procurando a mulher forte e impulsiva que eu já fui.
Com esforço, volto a usar a máscara de quem não deixa as coisas difíceis a quebrarem.
Quantos golpes posso aguentar antes que essa ilusão seja destruída de vez?
Endireitando os ombros, monto Anassa e então aceno para Stark. Nos movemos como um só em nossos lobos gigantes até o local do funeral, uma clareira na borda da Cidade Vinculada.
Quando chegamos, consigo apertar a mão dos pais de Izabel e Venna sem tremer.
"Você nos honra com sua presença, Rainha Meryn", murmura a mãe.
Estendo a mão para as mãos dela novamente, apertando-as de forma desajeitada em sinal de apoio. "Sua filha era muito querida para mim," consigo conseguir, as palavras um fantasma insignificante do que nosso relacionamento significava.
Venna está ao lado deles, rosto pálido e olhos vermelhos. Ela me olha só por um instante, depois acena com a cabeça e desvia o olhar.
Eu entendo. No lugar dela, não sei se conseguiria falar sem desabar.
Stark e eu chegamos à plataforma à esquerda da família, onde o espaço foi reservado para a nova rainha. Olho ao redor. A paisagem é árida, mas ainda assim bela; O solo rochoso, austero, pequenos pinheiros arbustivos se transformando em floresta e depois montanhas, picos até onde a vista alcança.

A névoa está se dissipando, e a luz do meio da manhã atravessa os galhos de pinheiro, iluminando a pira funerária de Izabel.
Já vi muitos Vinculados morrerem, mas este é o primeiro funeral de Vinculados que assisto; tais indulgências não eram permitidas a nós como Rawbonds, pelo menos não sob os reis Valtiere. Agora, porém, as pessoas se reuniram em massa para homenagear Izabel.
Sua família estendida. Jovens amigos da Cidade Vinculada que ainda não tentaram as Provas.
Tomison e Nevah, claro.
Egith, agora o Alfa de Strategos, aqui para prestar homenagem ao nosso companheiro de matilha perdido.
E outros também; Criada de Izabel do castelo, e dois filhos de uma família nobre que ficaram para homenageá-la antes de retornarem ao feudo, aparentemente tendo feito amizade com ela em algum evento real anos atrás. Outros que não reconheço, mas que ainda assim são familiares porque usamos a mesma expressão de luto.
Tento não perceber como todos eles evitam olhar para mim. Stark é uma presença tranquilizadora ao meu lado. Pronta para me defender, como sempre. Se eu sou digno ou não dessa proteção.
A pira é construída alta, de acordo com a tradição dos Bonded. Izabel foi vestida com armaduras cerimoniais. Seu lobo gigante, Asteio, que morreu quando Izabel deu seu último suspiro, está deitado ao seu lado.
Juntos na morte, depois de um tempo muito curto juntos na vida.
Pisco rapidamente, tentando afastar as lágrimas. É hora de você liderar.
Após uma breve música tocada por uma mulher que não reconheço, o pai de Izabel e Venna diz algumas palavras de boas-vindas e então se afasta para que Venna faça o elogio fúnebre.
Ela se move de forma rígida, como se precisasse lembrar as pernas de como andar, o corpo de como se mover, sem a irmã presente. Suas mãos tremem enquanto ela tira um pergaminho da jaqueta e engole em seco.
A mãe deles reprime um soluço, e eu mordo o lábio interno até quase sangrar. Fecho os olhos, depois foco-os em Venna, que começou a falar.
"Antes de ontem, nunca houve um único dia em que eu estivesse longe da minha irmã." Ela para, se recompondo. Uma das garotas nobres atrás de mim começa a chorar baixinho.
"Sempre soubemos, porém, que ser Vinculados significava que provavelmente um dia seríamos separados. Não é incomum que Bonded morra jovem, seja nas Provas ou na linha de frente. A gente costumava discutir sobre isso quando éramos pequenos — qual de nós iria primeiro, e como."
Venna sorri levemente, olhando para a mãe e o pai.
"Sempre previ que Izabel sairia em um grande brilho, fazendo algo corajoso e imprudente. Acho que, se ela pudesse falar conosco agora, diria que ficou feliz por ter saído para festas."
Olho para os pais dela. Seu pai consegue soltar uma risada marejada. Sua mãe apenas balança a cabeça, olhos vidrados.
O tom de Venna fica sombrio. "Quando enfrentamos isso todos os dias, quando conhecemos tantos que já faleceram defendendo nosso país, a morte começa a

parecer comum. Mas a vida da minha irmã não é uma abstração, nem uma estatística. Todo dia, vou me olhar no espelho e me perguntar como esse rosto teria envelhecido na Izabel. Todo dia, vou acordar com metade do meu coração perdido para sempre."
Venna olha para frente, e eu vejo o momento em que ela cruza o olhar com Tomison. Os dois ficam imóveis, apenas se olhando. O tempo desacelera enquanto o luto deles se estende em ondulações, enviando pequenos fios dolorosos por tudo e todos, como milhões de rachaduras em um vidro quebrado.
Finalmente, Venna olha para baixo, segurando o pergaminho à sua frente com um olhar vazio, como se tivesse esquecido o que estava fazendo.
Meu coração aperta. Encolho os ombros com a dor disso.
Se eu tivesse tomado aquela bebida no lugar, Izabel ainda estaria viva. Se eu nunca tivesse entrado na vida deles, Izabel e Venna ainda estariam juntas. Tomison e Izabel ainda teriam um futuro juntos.
A dor é um torno, apertando meu peito, e eu tenho dificuldade para respirar.
"Se controla, garota," Anassa repreende. "Justo ou não, você deve se tornar um lugar para que outros descansem seus corações partidos. Você não pode se perder nela também."
Soltei um suspiro áspero, o calor dele se espalhando pelo ar fresco ao meu redor. Traga mais uma. Repetidas vezes. Respire, até que o conselho de Anassa crie raízes.
Venna se recupera e olha ao redor para todos os rostos reunidos. "Eu sei que Izabel odiaria que a gente se afundéce. Ela teria algum tipo de plano para ajudar todos ao seu redor a se recuperarem e continuaria em frente, fazendo piadas o tempo todo. Seria irritante, e ela provavelmente exageraria, mas no fim todos saríamos melhores com isso."
Sua voz vacila, depois ganha força novamente.
"Então é isso que temos que fazer, pela Izabel. Continue. E saiba que ela ficaria orgulhosa."
Venna desce da plataforma, e seu pai avança, pegando uma tocha de onde ela estava esperando e acendendo a pira. As chamas se movem rápido, subindo até que o rosto de Izabel fica bloqueado.
Anassa se move atrás de mim, então os lobos circulam ao nosso redor — os lobos de todos os Vinculados presentes. Eles formam um círculo e, um a um, começam a uivar, começando pelo lobo de Venna, Skaia. O som é selvagem e assombroso.
O rosto de Venna é uma máscara estoica enquanto ela encara o fogo.
Esperamos enquanto as chamas continuam a queimar, os uivos se apagando para o silêncio, até que tudo o que conseguimos ouvir é o estalo dos troncos. Finalmente, o auge do inferno passa.
Izabel e Asteio são reduzidos a cinzas.
Grupos de enlutados começam a se agitar. Fico imóvel enquanto os enlutados se recompõem, prestando saudações silenciosas à família Brooks ao saírem.
Stark coloca a mão no meu ombro. "É hora de partir, minha rainha." É sempre "minha rainha" quando ele tenta me proteger, percebi.
Estremeço, e um vazio profundo me preenche. É tão definitivo deixá-la aqui. Eu sei que é irracional, mas não quero que o funeral acabe. Ao nos agarrar à

cerimônia, é como se ainda estivéssemos mantendo uma parte dela conosco.
Engolindo em seco, desço da plataforma, seguindo em direção ao caminho de volta para a cidade. Anassa vem atrás de forma sombria, sentindo que dessa vez preciso andar.
As lágrimas que não consigo mais segurar nublam minha visão.
Não vejo Tomison chegando até ele estar bem na minha frente.
Parando de repente, pisco para ele. "Tomison, eu—"
"Você fez isso com ela," ele interrompe, a voz embargada. Seu rosto está magro; Está claro que ele não dormiu. É um olhar que conheço intimamente.
As palavras dele são uma adaga bem-vinda no meu peito—finalmente, alguém disse em voz alta o que eu sei ser verdade.
De muitas formas, é um alívio.
"Eu sei," sussurro. "Eu sei, eu queria—"
Mas ele me interrompe de novo, inclinando-se para mim, balançando levemente. "Aquela xícara era para você. Esse veneno era para você. Izabel não tinha inimigos. Ela ainda estaria aqui se não fosse por você e sua—sua busca pelo poder."
Há ódio no olhar dele.
Eu o encaro, tremendo. Deveríamos estar unidos na dor, mas ele está mirando o dele em mim. Ele dá mais um passo perto, até que estamos a poucos centímetros de distância.
Atrás de mim, Anassa mostra os dentes em sinal de aviso. O lobo de Tomison, Filikos, se aproxima dele, um rosnado baixo se formando em sua garganta.
Há um clarão sombrio quando Cratos aparece, circulando para se colocar entre Filikos e Anassa.
Olho para ver a mão de Stark em sua espada, o rosto duro. Tudo está equilibrado em uma lâmina de lâmina.
"Você tinha que ser rainha", continua Tomison, a voz rouca e quase irreconhecível. "Você não se contentaria com Alpha. E você a matou. Agora você a matou—"
Filikos solta um uivo de dor, ecoando a agonia de Tomison, e então avança rápido — avançando, olhos selvagens, em minha direção.
Eu pulo rapidamente de volta para o pelo de Anassa enquanto o maxilar de Filikos se fecha no ar vazio, mas ele não terminou. Ele avança de novo, presas babando vindo para minha garganta.
"Minha família estava certa sobre você," Tomison grita. "Eu fiquei cego, mas eles te viram pelo que você é!"
Anassa rosna, mas Cratos está em Filikos num instante, uma pata enorme o derrubando no chão. Filikos se debate contra ele, seus olhos castanhos ainda fixos no meu rosto. A morte está em seu olhar. Ele quer me matar.
Tomison fica em silêncio. Não incitando Filikos—pelo menos não de forma audível—mas também não o impedindo.
"Stark," eu imploro. Então, sem pensar, estendo a mão para minha mente. "Não machuque nenhum dos dois."
Stark está em Tomison instantaneamente, um braço grosso ao redor do pescoço de Tomison.
"Chame seu lobo para lá," Stark retruca, com firmeza na voz.

Tomison não diz uma palavra, apenas me encara. O desespero e a dor no rosto dele se enroscam no meu estômago até que eu possa vomitar.
Atrás deles, Filikos se agarra a Cratos, torcendo-se descontroladamente para se libertar. Cratos passa as garras por uma orelha, e Filikos solta um grito, uma nota aguda e dolorosa.
"Tomison, recue." Alpha Egith apareceu ao nosso lado.
Nunca a vi tão imponente. Seu rosto está frio e duro, e seus olhos brilham enquanto ela foca no par. Sinto que me endireita diante do tom autoritário dela. Através do meu vínculo mental com todos os Vinculados, posso sentir as reverberações da ordem dela. Sua vontade de ferro, impondo-se sobre Tomison e Filikos, até Tomison desaba nos braços de Stark.
Filikos para de se mover sob Cratos, submetendo-se ao domínio de Egith.
Stark solta Tomison, e ele cambaleia para frente, ofegante.
Há um mundo inteiro de dor nos olhos dele ao encontrarem os meus. "Rainha Meryn—"
"Você está dispensado, Tomison," consigo dizer. "Estou te afastando de suas funções no Conselho Palast e do serviço ativo em geral." Me ouço como se estivesse ouvindo outra pessoa, alguém capaz de gerenciar esse momento.
Tenho uma dor baixa na cabeça. Hoje estou me despedindo de dois amigos. Meus dedos relaxam, deslizando do casaco de Anassa.
Respiro fundo. "Vá para casa, Tomison. Você precisa de tempo para se curar."
Uma pequena multidão se reuniu ao nosso redor, e eu os encaro com raiva. Os espectadores franzem os lábios e depois se afastam. Pronto para espalhar essa história amplamente, imagino.
Meus ombros caem. Fico onde estou, ao lado de Anassa, enquanto Egith escolta Tomison para longe. Stark e Cratos estão conosco, protegendo suas costas enquanto recuam.
Eu me viro ao puxar minha manga: Venna está ao meu lado, boca apertada em uma linha fina.
"Ele está machucado", ela sinaliza, claramente sem querer que Tomison nos ouça.
Não é só Tomison; Filikos também está com dor. Asteio não era seu companheiro, mas eram amigos próximos que se aproximaram de seus cavaleiros.
O que aconteceu hoje não foi um plano de retaliação planejado contra mim; Eram dois seres reagindo com instintos lupinos à pessoa que culpavam por seu sofrimento.
"Eu sei. Eu sei." Eu puxo o ar. Quantos aliados posso me dar ao luxo de perder? Mas não posso esperar que Venna continue, não sem tempo para se curar também. "Venna, eu entendo se você quiser dar uma pausa nas suas funções no palácio também. Eu valorizo muito sua ajuda, mas acho que você deveria estar com sua família agora."
As sobrancelhas de Venna se franzem. "Não. Meryn, eu não posso ficar parado sem fazer nada. Eu vou sufocar."
Pego a mão dela, apertando forte. "Tem certeza?"
"O pior agora seria eu ficar quieto." Sua expressão é resoluta.
Me inclino e envolvo meus braços em seus ombros, chorando. "Ok. Ok. Desde

que você tenha certeza."
Venna me abraça perto, depois recua.
"Mas tire uma ou duas noites com sua família," eu a incentivo. "Você pode retomar seu posto no castelo pela manhã."
Ela acena com a cabeça e vai ficar com os pais, que estão se despedindo dos outros enlutados. Por um instante, observá-la é como ver o fantasma de Izabel, pálido e sombrio.
Balanço a cabeça para clarear a visão e envolvo meus braços em volta de Anassa, escondendo meus soluços em seu pelo.



Sou o último a chegar para a reunião do Conselho Palast, mas não interrompo nenhuma conversa ao entrar. Siegrid e Nevah estavam no funeral, claro, mas mesmo que Igor e a Matrona do Castelo Alienor não conhecessem Izabel, eles entendem o golpe que isso foi para todos nós.
Os lobos gigantes sentam-se silenciosamente ao longo da parede dos fundos, atentos. Anassa se aproxima deles, trocando alguns breves cheirados de olá antes de se acomodar novamente sobre as calcanhas.
Olhando ao redor para rostos solenes, é impossível não notar as cadeiras vazias: duas para Venna e Izabel, uma das quais ficará vazia; um para Tomison, que talvez nunca retorne; e um para o Conselheiro de Sturmfrost, um cargo que precisará ser preenchido agora que Gerhold está morto.
A tristeza cresce em mim enquanto encaro todos os assentos vazios.
"Rainha Meryn", diz Siegrid, quase suavemente, pelo menos para ela.
Me assusto e então sento.
Uma pilha de papéis está na frente da minha cadeira, e eu a puxo para mim, folheando os primeiros pergaminhos sem processar nada das páginas.
"Temos muito a discutir hoje, é claro", diz Siegrid, retomando sem esforço seu papel de líder de fato do nosso grupo. "A primeira dessas preocupações, porém, é nomear um novo conselheiro."
Suas palavras são seguidas por um silêncio tão completo que quase chega a ser alto. Não preciso dos meus poderes para saber quais imagens passam pela cabeça de todo mundo.
Respiro fundo e depois me levanto novamente.
"Sim. Queria dizer algo para todos vocês sobre isso." Meu cérebro está confuso e lento por causa da emoção do dia, mas não adianta esperar. Isso é importante se eu quiser ser melhor que os Valtières, assumir meus erros e falhas e tentar melhorar.
Siegrid meio que se levanta como se quisesse me interromper, mas eu estendo a mão. Ela se senta novamente, expressão resignada.
"O que eu fiz foi errado." Olho para as pessoas reunidas ao redor da mesa mais uma vez. A Matrona Alienor está focada em suas mãos entrelaçadas, mas Igor, Siegrid, Nevah — todos estão me encarando fixamente agora. Esperando por mais.
Minha boca fica seca de repente. "Eu... A família do conselheiro não deveria ter

sido prejudicada. Levantei as mãos de raiva. Não pensei, e deixei a emoção tomar conta do meu poder. E... esse não é o tipo de rainha que eu quero ser. Não quero governar com medo. E me desculpe." Fico sem palavras e me sento, sentindo-me inadequado.
Mais um momento de silêncio se passa, e então Igor fala. "Você tem razão, Meryn. Foi terrível o que você fez. Naquele momento, eu senti vergonha de quem você estava se tornando."
O olhar dele sobre mim é firme, e ao lado dele, Alienor acena com a cabeça uma vez, decidido. A decepção que irradia do meu querido amigo — da minha família, na verdade — é quase mais do que eu consigo suportar.
Meu estômago se contrai. Ele está certo, claro.
Foi um ato maligno, matar toda aquela família. O que eu achava que poderia dizer para compensar o que fiz? Alguma palavra é suficiente para resistir a um massacre sem sentido? Alguma razão que possa justificar isso?
"Bem." A voz de Siegrid é firme. "Isso pode não ser um consolo, mas você deve saber que os Vinculados discordam da avaliação de Igor. A notícia se espalhou na linha de frente e por toda a Cidade Vinculada. As pessoas ficaram impressionadas com o que você fez e com a rápida vingança que tomou em nome de um dos nossos."
Nevah assente levemente. "Minha família agora está de braços para você."
Siegrid está certo; Não é um consolo. É um lembrete de que aqueles com instintos de matilha valorizarão a crueldade e a lealdade, mesmo correndo o risco de alienar o restante da população.
Os lábios de Igor se apertam em desaprovação, e ele desvia o olhar de mim.
Esse é o destino de uma rainha vinculada? Ser apenas mais um rosto de violência e destruição? Como faço para equilibrar tudo isso?
"Ainda assim," continua Siegrid, "concordo que você deveria ter mantido seu poder sob controle. Mas o que está feito, está feito. Vamos focar na tarefa em vez de perder mais tempo. A vaga de conselheiro?"
"Deveria ser Igor," digo baixinho. Seus olhos se erguem de repente, as testas franzidas.
Igor balança a cabeça firmemente. "Não, Meryn. Não tenho experiência ou conhecimento para fazer justiça ao trabalho."
"Concordo", Siegrid intervém. "O cargo deveria ser ocupado por uma família nobre."
Claro que ela acredita nisso. "Qual você recomenda, então, Siegrid?" Pergunto amargamente.
Ela não responde.
"Não sabemos quais famílias nobres permanecerão leais a nós." Só estou dizendo o que todo mundo aqui está pensando. "Enquanto isso, alguém precisa assumir imediatamente a liderança da cidade. Vamos dedicar tempo para avaliar os candidatos adequados e escolher o substituto do vereador com a devida consideração. Até lá, gostaria que Igor assumisse o cargo temporariamente. Eu sei que posso confiar nele, e isso é tudo que importa neste momento."
O silêncio na sala é rígido, se estendendo indefinidamente.
Eventualmente, Igor suspira, colocando suas mãos carnudas sobre a mesa. "Tá bom, Gato do Beco", ele diz, usando o apelido que me deu quando criança. "Eu

faço, por enquanto, mas começamos a procurar um novo conselheiro permanente imediatamente."
Siegrid dá de ombros. "Então está decidido. Vamos voltar para o esforço de guerra." Ela folheia a pilha de pergaminhos sobre a mesa. "Partirei amanhã para me reunir novamente às nossas forças em Linsfall."
Espero que meu alívio ao pensar em Siegrid voltando para a linha de frente não seja tão óbvio.
Igor e Siegrid entram em uma conversa detalhada sobre o deslocamento de tropas e os cronogramas de treinamento, Igor certificando-se de entender os detalhes do alistamento militar, uma responsabilidade pela qual o Conselheiro de Sturmfrost sempre foi ao menos nominalmente responsável.
Tão bom quanto qualquer outro lugar para Igor começar a assumir um papel mais ativo.
Esfrego as mãos no rosto, meu cansaço e frustração se fundindo em uma névoa turva que faz tudo parecer borrado e um pouco distante.
Estamos no nosso último assunto do dia — alguns compromissos que a Matrona quer marcar na guarda do castelo. Aparentemente, é uma força separada do exército ou dos Vinculados, algo que eu provavelmente deveria saber.
E então o inferno se descontrola.
Siegrid sente primeiro, levantando-se com tanta violência que sua cadeira desliza para trás e tomba com um estrondo.
Genicos, seu lobo, corre até seu lado, rosnando e se eriçando.
Eu busco Anassa mentalmente, e é aí que também sinto: uma ruptura, enorme e assustadora. Como se um machado gigante estivesse alcançando aquele mar mental onde me conecto ao resto dos Vinculados e cortando para baixo, cortando um rio inteiro, tão doloroso quanto cortar um membro.
"O que foi?" Pergunto a Anassa com urgência, em pânico. Não entendendo, minha cabeça latejando e minha visão turva diante da enormidade do que aconteceu.
Anassa também se levanta de um salto, com os pelos arrepiados e o pelo arrepiado.
Nevah também se afasta da mesa, com uma expressão enojada no rosto.
Os não-Ligados à mesa olham ao redor com cautela, incapazes de sentir o que todos nós sentimos.
O que estou apenas começando a entender.
"É—é a matilha Phylax," Siegrid engasga, sendo o primeiro a colocar isso em palavras. "Todos eles..."
Ela engole em seco, olha para mim. O rosto dela está pálido.
"Toda a matilha desertou para Killian."

19



FORTE

O sol está brilhante demais na neve esta tarde, brilhando em raios intensos que fazem meus olhos arderem. A névoa da manhã, apropriada para o funeral, finalmente se dissipou. Mas isso deixou algo úmido e inquieto dentro de mim, algo que preciso tirar do meu corpo com movimento e vento.

Levanto a mão sobre a testa e aperto os olhos para os terraços dos lobos. Noemi finalmente está levando Ephyse até nós. Demorou demais. Noemi está quieta e atordoada desde que se despediu da festa de Eisenfall.

"Ela não é a única", Cratos diz, cutucando meu lado com seu grande focinho preto. Eu empurro ele para longe.

"Você pode me culpar? Esteja preparado para correr com força. Quero meus músculos gritando." O estado de Meryn nos últimos dias tem sido excruciante, especialmente depois do que aconteceu com Tomison esta manhã.

Talvez o trauma dela esteja transparecendo pelo vínculo.

Ou, mais perturbador, talvez eu me importe se ela se sente mal.

Sou culpado, afinal, pela forma como ela perdeu o controle na coroação. Mais uma vez, senti-a à beira de seu poder e, mais uma vez, a levei para o caminho errado—com efeito desastroso.

Preciso manter distância dela. Ela precisa disso.

"Pronto?" Noemi diz impaciente enquanto se aproxima, com a mão na cintura. Como se eu fosse quem estava nos segurando o tempo todo.

Antes que eu possa responder, há uma reviravolta aguda e vertiginosa no meu cérebro.

Cerro os dentes e me encosto em Cratos. A sensação é tão estranha, distrativa e errada que demora um instante até eu perceber.

Noemi desmaiou.

Seu cabelo é uma mancha vermelha contra a neve, como sangue derramado. Ela está encolhida no chão com as duas mãos sobre as orelhas, olhos apertados.

Ela está machucada.

O pânico pulsa nas minhas veias, e corro até o lado dela, estendendo a mão.

Antes que minha mão encoste, Noemi se ergue para me empurrar para longe. Ela se endireita e se levanta. Minha garganta aperta, e dou um passo para trás, desconcertado. Há algo estranho nos movimentos dela enquanto se vira para Ephyse, parecendo se comunicar mentalmente com ele.

Que porra está acontecendo agora? "Noemi?"

"Preciso ir", ela diz secamente. Sua expressão habitual é tensa — dura e

irreconhecível.
Ela rapidamente monta em Ephyse, e eles se viram para mim e para Cratos. Estamos bloqueando o caminho mais rápido para descer a partir dessa parte dos terraços dos lobos; Para sair, eles terão que passar por nós.
O alarme soa em mim.
"Para onde você vai, Noemi?" Ela pode usar o rosto da minha amiga de infância, mas não reconheço a mulher em cima da Ephyse.
"Phylax está se juntando ao Rei Killian." Sua voz é plana e sem cor. Ela e Ephyse se movem para a direita, tentando nos passar.
Em um movimento brusco, cortei o braço. Agarrando Noemi pelo pulso, a puxei para longe de Ephyse e a puxei para o chão. Chegamos ao gelo, e eu uso nosso impulso para nos rolar.
Cratos avança, nos protegendo com seu corpo e rosnando uma ameaça para Ephyse.
"Nem pensar," rosno para Noemi, usando o joelho para imobilizá-la no chão.
Ela se debate para o lado e mira um soco na minha cabeça. Mas ela não tem chance contra o Daemos Alpha. Pego a outra mão e puxo os pulsos dela para baixo, deixando-a incapacitada.
"Você pode lutar contra isso, Noemi," eu digo. Ao fundo, Ephyse morde Cratos, que solta um rosnado de aviso que faz o chão vibrar. "Você pode lutar contra isso. Resista."
Já falhei com ela antes. O conhecimento disso vive enterrado na minha medula, inundando minhas veias de tristeza quando menos espero.
Não vou falhar com ela hoje.
Noemi puxa inutilmente contra meu aperto, olhos selvagens, e não responde.
Foder.
Cratos e Ephyse se afastaram de nós agora, circulando um ao redor do outro e rosnando. Cratos solta um latido de aviso, um som que conheço bem. É o latido que ele faz antes de atacar para mutilar.
"Cratos, Ephyse não sabe o que está fazendo. Não o machuque."
No momento de distração, Noemi tira uma mão do meu aperto com uma força que eu nem sabia que ela tinha, me dando um tapa feroz no rosto.
Agarro a mão ofensiva de novo, puxando-a para perto até que nossos rostos quase se toquem.
"Lembre-se, Mimi," eu disparo, rezando para que o tom duro da minha voz fique claro. "Alistair Brightbane está dentro de Killian agora. Você não pode ir até ele."
Um lampejo de angústia passa pelo rosto de Noemi. Alguma parte dela pode me ouvir.
Rango os dentes de frustração.
É raro, quase impensável, que um membro da matilha resista ao comando do seu Alfa. Ainda assim, eventos recentes mostraram que isso é possível — seja devido à corrupção em nossa magia ou à fragmentação da Lâmina Dire. Essa porcaria do Jonah e seus capangas conseguiram me fechar para fora.
O que poderia chegar até ela? O que poderia fazê-la ouvir?
Pode ser preciso alguém cuja autoridade supere a de Tormun, eu percebo.
Alguém como nossa rainha.

"Venha rápido," digo junto com aquele vínculo que tanto tentei evitar. "E traga Anassa com você."
Há silêncio por um momento, dois. Então, sem perguntas: "Ok."
Suspirando aliviada, volto a focar em segurar Noemi. As mãos dela estão ficando brancas com meu aperto de torno. Estou machucando ela.
Mas deixá-la ir — isso a machucaria mais.
Os minutos se estendem dolorosamente, mas finalmente, Meryn e Anassa saem disparadas do castelo.
Meryn está montada em seu lobo, pulando as escadas para nos alcançar em três grandes saltos. Ela rapidamente desliza para o lado de Anassa. Anassa corre para ajudar Cratos a conter Ephyse.
"Force-a a resistir à ordem", exijo, e então suavizo meu tom diante do choque nos olhos dela. "Por favor. Ajude-a."
Uma tempestade de emoções cruza o rosto de Meryn, mas ela assente. Ela se ajoelha ao nosso lado, segurando as bochechas de Noemi com as duas mãos. Noemi continua lutando contra meu aperto.
"Eu sou sua rainha", diz Meryn com firmeza, com firmeza na voz. "Eu ordeno que resista ao seu Alfa. Você deve permanecer aqui, em Sturmfrost, ao meu lado."
Enquanto Meryn fala, Anassa avança e derruba Ephyse. Ele tenta jogá-la para longe. Anassa aperta a garganta de Ephyse, mas segura, sem morder ainda. Só deixando a ameaça clara.
A luta termina de Ephyse ao mesmo tempo em que Noemi relaxa no meu aperto. Espero mais um minuto para ter certeza de que não é uma finta e então solto os pulsos dela e fico de pé, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.
O olhar de devastação dela ao se levantar é como um soco no estômago.
Pouca coisa pode me assustar. Mas a ideia de Noemi partir, de ser forçada ao lado de Killian, depois de tudo que seu pai a fez passar?
Eu nunca me perdoaria.
Os olhos de Noemi se enchem de lágrimas de angústia, e ela desvia o olhar como se tivesse vergonha. Ela puxa a mão da minha e cambaleia para trás, respirando pesadamente.
"Sinto muito," diz Meryn, indo para o lado de Noemi. "Eu odeio a ideia de forçar uma ordem a alguém. Eu nunca faria isso, em nenhuma outra circunstância. Só fiz isso porque achei que precisava—"
Noemi levanta a mão, interrompendo Meryn. Seu rosto está mais composto, mas sua mão ainda treme com um leve tremor.
"Está tudo bem," ela diz suavemente. "Obrigado."
Noemi parece pálida e quase frágil. Seus anos na linha de frente ajudaram a reconstruir sua confiança e fortaleza. Mas, de repente, ela parece perigosamente próxima da pessoa que era quando saiu das Provações.
"Teremos que levar nossos lobos para essa corrida outra hora, Valstark," ela diz, falando mais com a neve do que comigo. "Acho que preciso deitar um pouco."
Ephyse se aproxima por trás, acariciando seu cabelo, e Noemi se vira e enterra o rosto em seu pelo desgrenhado, enrolando os braços em seu pescoço. A proteção familiar ainda arde no meu peito enquanto observo os dois entrarem no castelo.
Como deve ser ser cortado da sua matilha, do seu Alfa?

"Quase nenhum Phylax da linha de frente resistiu à ordem," rosna Cratos, sua indignação ardente igualando a minha. "Os lobos de nossos Gammas relatam que unidades inteiras de Phylax acabaram de... partiu."
Viro-me para Meryn, que também observa Noemi partir, com uma expressão indecifrável no rosto. "Agradeço sua ajuda," digo a ela com voz áspera. "Noemi... ela é como família para mim."
Os olhos cor de avelã de Meryn encontram os meus. "Só família?"
Há uma questão mais profunda aí. Eu sei como deve parecer para ela. Mas melhor ela acha que Noemi e eu estamos envolvidos. Melhor fechar qualquer porta que possa ser perigosa se deixada aberta.
"Eu a amo", digo a Meryn com sinceridade, sentindo meu coração apertar. Ela faz um pequeno som de reconhecimento no fundo da garganta. "O que aconteceu?"
Ela suspira. Anassa já voltou até lá, e Meryn se apoia nela. "Não sei. Eu não entendo. Alpha Tormun estava tão confiante de que capturaria Killian. Como Killian e Alistair conseguiram convencê-lo? Arrancar uma matilha inteira de nós?"
Meus dedos coçam para estender a mão até ela, para aliviar a preocupação em sua testa. Que vontade irritante.
Em vez disso, agarro o pulso dela, tocando a pequena faixa de pele que aparece debaixo da jaqueta. Ela se assusta com o contacto. O calor da pele dela queima meus dedos, percorrendo meu corpo até que um calor cresce no fundo do meu estômago.
Eu uso isso para alimentar minha raiva. "Quando finalmente capturarmos Tormun—e vamos," rosno, ficando agitado, "vou decapitá-lo e colocar a cabeça dele em um espinho fora da Cidade Vinculada. Servirá como um aviso para todos os outros Vinculados: você não vai contra a regra da matilha. Respondemos a uma única autoridade: a Rainha Meryn Sturmfrost."
Sua boca se abre surpresa, e então ela solta uma risada leve, as bochechas corando. "Uau. Odeio dizer isso, mas isso meio que me excitou. A Noemi gosta quando você fala assim de picante?"
As palavras dela vão direto para o meu pau, e eu solto o pulso dela, engolindo em seco. Dói pra caramba que ela ache que a Noemi e eu estamos juntos.
Mas precisa continuar assim.
"Stark," Meryn diz, e o som do meu nome em seus lábios se grava na minha mente. Demoro um momento até ouvir o que ela está dizendo. "Sua mãe convocou um conselho de guerra, de todos os Alfas. O... Alfas restantes."
Suspirando, sigo-a de volta ao castelo.
Nos reunimos na sala que Meryn usa para suas reuniões do Palast do Conselho, grande o suficiente para acomodar pelo menos uma dúzia de cavaleiros e seus lobos, conforme necessário. Anassa e Cratos assumem posições de guarda ao redor do perímetro.
Enquanto Siegrid, Egith e Hannelore entram, Meryn encara mapas de Nocturna. Há mapas táticos da linha de frente, mapas mostrando o terreno e mapas que detalham campanhas passadas, tudo espalhado em um quadro complexo sobre a enorme mesa de carvalho.
Sento à esquerda dela, observando enquanto a expressão dela fica cada vez mais

sobrecarregada, alimentando ainda mais minha raiva ardente contra Phylax e o maldito Alfa Tormun.
Egith assume a liderança como o Strategos Alpha. "Bem, como é claro que sabemos, Phylax é a espinha dorsal da nossa defesa. Eles estão—eles estavam—posicionados em todas as vulnerabilidades mais críticas, lugares onde sabemos que os Sifões provavelmente tentarão empurrar nossas forças para trás."
A boca de Egith é uma linha apertada, as sobrancelhas franzidas em pensamento enquanto ela caminha para ficar atrás de Meryn, gesticulando para o mapa bem à sua frente sobre a mesa.
"No entanto, ainda temos a maioria das nossas forças Daemos nessas áreas também, e muitos soldados de infantaria. Em um confronto com Astreona, eles ainda deveriam conseguir se defender. Ultimamente, porém, uma grande concentração da matilha Phylax tem mantido defesas ao redor da vila de Weisenstat, a leste de Grunfall."
As sobrancelhas de Meryn se erguem. "Não é lá que cultivamos a maior parte do trigo de Nocturna?"
Siegrid intervém. "Sim, é uma área agrícola crítica para múltiplas culturas. Se os Sifons tomarem a cidade e destruírem a colheita, o suprimento de grãos para todo o país será dizimado."
A cor desaparece do rosto de Meryn, refletindo a doença que afunda no meu estômago. "E agora não temos ninguém para protegê-la."
"Correto," responde Siegrid, olhos fixos em Meryn. "Por isso você irá para nosso acampamento perto de Weisenstat o mais rápido possível para se juntar ao esforço lá."
"É melhor você não estar falando sério." Minha voz está controlada, mas o rosnado baixo de Cratos trai minha indignação.
A boca da Soberana Alfa se aperta com desprezo enquanto ela se vira, lançando um olhar fulminante para mim.
"Claro que estou falando sério," ela retruca. "Meryn pode erguer escudos Phylax — e sua capacidade é muito maior do que a de um Vinculado comum. Precisamos renovar nossas forças em Weisenstat o quanto antes, mas pode levar semanas para conseguirmos soldados suficientes lá. Meryn e Anassa podem viajar muito mais rápido que um quadrante de tropas a pé."
Me levanto, virando-me para encarar Meryn e resistindo ao impulso de atravessar a curta distância entre nós e segurar seu ombro.
"Minha rainha, você não precisa fazer isso", digo, ignorando o olhar irritado do Alfa Soberano. "Sua segurança é fundamental agora, especialmente após a tentativa de assassinato."
Praticamente consigo imaginar as engrenagens girando na cabeça da Meryn.
"Preciso ouvir o plano completo", ela diz, virando-se para Siegrid e Egith. Quero rosnar de frustração. "Com certeza você não vai simplesmente me mandar para Weisenstat torcendo pelo melhor? Todos sabemos que me deixar na linha de frente para sempre não é uma estratégia real. Astreona é uma ameaça, mas Killian também, e alguém precisa governar."
Siegrid sorri. "Tem a mente do Strategos em ação. Você está certo. Egith?"
O Strategos Alpha puxa um mapa para frente sobre a mesa. "Depois que você reforçar as defesas em Weisenstat e ganhar um pouco de tempo, Strategos e

Daemos vão fazer uma distração perto de Grunfall." Ela circula uma área no mapa com o dedo. "Vamos retirar as forças Astreonan de Weisenstat. Espero que, quando eles se moverem, já teremos colocado reforços perto de você e você possa partir para Sturmfrost."
"Forças Daemos?" Pergunto secamente. "Você precisa do meu comando?"
O Soberano Alfa olha entre Meryn e eu—tão rápido que qualquer um teria notado. "Não, você deveria ficar com a rainha. Você conhece suas ordens, não conhece?" Então ela sorri docemente para mim.
Siegrid nunca fez nada doce comigo na vida dela.
Aquela calculista. Ela espera que Meryn volte dessa operação com mais uma pulseira de noivado no pulso.
"Tá bom," eu rosco, irritado. Eu estrangularia qualquer um que tentasse me tirar do lado da Meryn agora, de qualquer forma. "Vou coordenar com meu Beta e meus Gamas."
"Vou descer para Grunfall amanhã", diz Egith. "A operação funciona para você, Alteza?"
Meryn acena lentamente. "Sim, faz sentido. Não podemos perder todo o nosso suprimento de comida; Já estamos em situação séria o suficiente. Mas vou querer voltar aqui o mais rápido possível para me reagrupar e decidir o que fazer sobre... a situação do Rabenfrost."
"Então está decidido", diz Siegrid. Você teria que conhecê-la tão bem quanto eu para perceber a arrogância no tom dela. "Hannelore e eu partiremos em direção a Weisenstat ao amanhecer. Rainha Meryn, você deve ficar no castelo mais um dia, no máximo dois, para providenciar sua ausência, e depois se juntar a nós o mais rápido possível. Stark vai te acompanhar—" Ela olha para mim. "Traga a Noemi também, eu acho. Ela será útil para ajudar os escudos de Meryn."
A conversa vira para equipamentos e provisões, e eu observo enquanto Meryn foca intensamente na conversa, sem muito a acrescentar, mas claramente ansiosa para absorver o que puder.
Quando a reunião termina, fico parado para conversar com Siegrid a sós. Meryn me lança um olhar ao sair com Anassa, cheio de significado que não consigo decifrar.
Siegrid mal espera a porta se fechar antes de expressar seu desagrado. "Você vai questionar minhas decisões mais a fundo, Alfa Stark? Ou talvez você também queira desertar e abdicar do seu dever?"
Um músculo se forma na minha bochecha enquanto a encaro. "O que você está aprontando, Siegrid? Você está colocando nossa rainha em perigo. Achei que você estava desesperado para fazer família dela antes de se livrar dela."
Siegrid me olha com desdém. "Não seja infantil, Stark. Certamente você não pode acreditar que eu, de todas as pessoas, a colocaria numa situação que ela não consegue lidar."
"Lidar com seus poderes no treinamento é uma coisa." Não consigo evitar que o calor entre nas minhas palavras agora, minha raiva aumentada de preocupação. "Você a viu na coroação. Ela não tem controle e, além disso, teme o que pode fazer."
Minha cabeça lateja. Sinceramente, temo o que eu possa incentivá-la a fazer.
"Ela não tem controle sobre a dobra de sombra", diz Siegrid com altivez. "Que

ela não está sendo pedida para realizar. Posso garantir que ela é mais do que habilidosa em proteger escudos — na verdade, ela tem controle e alcance notáveis sobre o poder."
Rosno irritado. "E quanto ao fato de Weisenstat ser uma zona de guerra ativa? Se ela se machucar—se a perdermos—"
Cratos uiva, seu fúria dolorida espelhando o meu, e Siegrid se assusta. Então ela lança um olhar fulminante para mim.
"Garanto que sei muito mais do que você sobre o que estaria em risco se perdêssemos Meryn Sturmfrost."
Avanço rapidamente contra ela, encostando Siegrid contra uma parede. Ela nem pisca.
"É mesmo?" Eu rosno. "Porque convenientemente não discutimos isso hoje à noite, mas não esqueci que você fez a decisão de mandar Tormun atrás de Killian. Depois que Meryn te disse explicitamente que era uma ideia perigosa. E o que aconteceu lá?"
Ela apenas levanta o queixo.
Enfiei um dedo no peito dela. "Você é responsável por uma matilha inteira desertar. Você é responsável por Weisenstat ficar desprotegido. As pessoas inocentes que vão ser mortas por causa da sua arrogância, porque você não se dignaria a seguir o conselho de uma mulher mais jovem? Isso é sangue nas suas mãos, Siegrid."
O Soberano Alfa me afasta e ainda não diz nada.
"Então, sim," eu sussurra, "vou questionar suas decisões. Porque eu não vou me casar com essa mulher, mas com certeza vou protegê-la de gente como você."
Finalmente, algo brilha no olhar de Siegrid. É desorientador. Parece quase que... orgulho.
Mas tudo o que ela diz é: "Você está dispensado, Alfa Stark."

20



MERYN

Tà noite eu luto contra o sono, como toda noite, mas o cansaço vence. Depois de tudo que aconteceu nos últimos dias—a coroação, Izabel, a traição de Phylax—meu corpo chegou a um ponto de ruptura.

Mal fechei os olhos antes de abri-los naquele lugar borrado e sombrio, o espaço onde a magia de Killian e a minha parecem entrelaçadas.

Virando-me com medo, já sei que ele estará lá. Ele está deitado no que parece ser um trono feito inteiramente de sombra. Cachos intrincados e nós de magia das sombras se movem lenta, preguiçosamente, criando uma impressão de revirar o estômago de que o trono está vivo de alguma forma.

Os olhos de Killian brilham, e quando ele sorri para mim, revela um leve traço de presa.

Mesmo agora, com tudo o que aconteceu, a visão está tão errada. Minha pele arrepia. Fecho os olhos com força, tentando me forçar a sair desse lugar e voltar para a cama.

Eu não consigo lidar com ele agora. Ou nunca.

"Ah, agora, Meryn, não seja assim." A voz dele, tão familiar, me deixa quente e frio por todo o corpo. "Venha falar comigo. Sinto muito pela Izabel; Eu sei que ela era importante para você."

Cerro os dentes, ainda me recusando a olhar para ele.

"Foi você?" Eu surto. "Você forneceu o veneno?"

Killian suspira. "Não fui claro, gatinha?" O apelido antigo me espeta como uma faca, e meus olhos saltam para os dele, estreitando-se. "Eu não quero te matar, Meryn. Eu te amo. Vamos lá. Poderíamos evitar todo esse problema se você me deixasse te amar do jeito que merece."

Um canto da boca dele se curva em um sorriso enquanto seu olhar me percorre. Estremeço, odiando os flashes de memória que passam involuntariamente pela minha mente: ele lavando minhas costas, seus lábios no meu ouvido, no meu pescoço.

As mãos dele, me tocando e me desfazendo.

"E Phylax?" Sombras se acumulam e giram ao redor dos meus pés como uma névoa espessa e escura enquanto me aproximo de onde ele está sentado. Paro a poucos metros, encarando-o, recusando-me a me intimidar por essa cobra

mentirosa.
"Claro que Phylax veio até mim; eles sempre foram os leais", diz Killian suavemente, levantando-se. "Eles sabem que não devem abandonar seu rei legítimo. Alpha Tormun viu a verdade. Phylax são as guardiãs, as protetoras. E agora, eles acham que o dever deles é proteger o povo de você."
"Eu—eu não acredito em você," eu gaguejo. Os Vinculados ficaram encantados com o que fiz na coroação. Não faz sentido que uma matilha inteira se vire e me abandone voluntariamente. Killian deve ter... Fiz alguma coisa.
Alistair Brightbane é o Sifão mais poderoso da história, até onde sabemos. Se alguém conseguia enganar um Alfa Vinculado, seriam ele e Killian.
"Não?" Os olhos de Killian me perfuram enquanto ele se aproxima, a voz quase um sussurro. "Os nobres viram por si mesmos agora. Eles sabem que você não tem controle sobre seus poderes. Eles correram de volta para seus feudos com medo, Mer. Sabe como estão te chamando? A Vadia Louca de Sturmfrost."
Lágrimas ardem nos meus olhos, a vergonha crescendo fundo dentro de mim. Eu não acredito nele; E ainda assim, há verdade no que ele está dizendo.
Ele dá mais um passo em minha direção. "Você está arriscando todo o nosso reino em risco. O que vai acontecer com todo mundo agora que as linhas de frente estão tão enfraquecidas?"
A escuridão é densa, esmagadora. Puxo a respiração, sentindo como se estivesse me afogando. Killian se aproxima ainda mais, uma mão elegante sobe para acariciar minha bochecha, o polegar acariciando suavemente minha pele.
"Ainda não é tarde para nós." Sua voz é sedutora, seu toque tão familiar. Por um momento, me inclino para a mão dele, meu corpo me traindo. "Deixe-me te perdoar, gatinha. Deixe-me te levar de volta. Podemos governar juntos se você se submeter a mim. Juntos, vamos encontrar um jeito de nos livrar de Alistair. Posso ser o rei que este país sempre mereceu."
Ele faz uma pausa e examina meu rosto antes de continuar. "Você realmente vai entregar nossa nação a Astreona, tudo por seu ego e arrogância? Levar a nós para uma guerra civil, só para escolher uma coroa em vez do homem que te ama?"
Ao ouvir a palavra homem, meu instinto de autopreservação finalmente aparece, e eu recuo, meio pulando para trás e fora do alcance dele. Meu rosto arde, ainda sentindo o carinho dele.
"Você não é homem," rosno. "Prefiro morrer a governar ao lado de um parasita monstruoso e sugador de sangue, possuído por um idiota que rouba corpos. Sou a rainha legítima de sangue. Eu sou aquele a quem a coroa chamou."
O rosto de Killian se contorce de raiva, sua máscara cai. As sombras ficam violentas, assobiando ao nosso redor como um tornado.
Ele avança, agarrando meu pulso, a mão apertando dolorosamente aquela maldita pulseira de noivado, pressionando-a fundo na minha pele.
"Você é minha, Meryn. Eu não vou esquecer disso, mesmo que você esteja fingindo. Como está sua irmã, aliás?"
Ao ouvir essas palavras, minha fúria se acende e algo se quebra. Uma luz brilha na minha mente, e sinto as bordas desse reino, e além delas, de alguma forma. Parece que tudo é uma película grossa que pode ser descolada e afastada se eu conseguir focar.

Eu me viro de costas para Killian, fecho os olhos com força e coloco toda minha energia para rejeitar esse reino das sombras.
Eu me obrigo a acordar. Em algum lugar do outro lado da parede sombria está Anassa. Quase consigo ouvir a voz dela na minha cabeça.
Sombras me puxam, tentando me envolver apertado, me manter preso, mas eu as arranco. A voz de Killian se torce e se transforma como se ele estivesse falando comigo através da água.
Só — ali, do outro lado dessa escuridão doentia, há algo —
Acordo sobressaltado. Minhas roupas de dormir estão grudadas em mim com uma camada de suor, e eu ofego, chutando os cobertores sufocantes para longe.
Meu pulso dói. Olho para a pulseira, a deslizo um pouco pelo braço e olho para o anel vermelho e irritado que parece quase queimado na minha pele.
Quero tirar isso. Deusa, eu quero me livrar disso com tanta força. Estávamos depositando todas as nossas esperanças na captura de Killian por Tormun e agora...
Quando é que eu vou me livrar disso? Será que vou ficar ligada a ele para sempre por causa disso? Deixar ele corromper a magia da matilha para sempre e sugar a minha?
O cômodo está escuro, exceto por uma lanciana a óleo que falha, mas a escuridão é totalmente diferente da do mundo dos sonhos. É frio e vazio, em vez daquela pressão densa e doentia.
Por um segundo, ainda está pressionando sobre mim, e esfaço as mãos nos olhos, tentando bloquear a sensação, o som das ameaças de Killian.
Permito-me um único grito doloroso de raiva, desespero, tristeza.
Então algo arranha alto no chão, e eu quase pulo da cama.
"Desta vez," vem uma voz baixa e controlada do canto escuro perto da porta, "me diga a verdade sobre o que está acontecendo com você."
Pisco quando Stark emerge da escuridão, sua silhueta maciça se desdobrando da poltrona no canto do meu quarto. Ele tem me observado dormir?
Ele me encara fixamente, e eu sei: Não há chance dele sair dos meus quartos a menos que eu dê algumas respostas.
Minhas mãos ainda tremem pelo encontro no mundo dos sonhos enquanto olho para Stark, um pesadelo por si só. Ele está a apenas um ou dois pés de mim, um braço forte apoiado no poste da cama dessa cama amaldiçoada pela deusa, expressão inflexível. Seus olhos escuros ardem com uma emoção que não consigo nomear.
Ele é assustador como sempre.
E linda como sempre.
Agora, estou exausto e exausto demais para entrar em uma das nossas pequenas brigas. Me desabafar parece um alívio. "Tudo bem. Eu já estava pensando em te contar."
Desviando dele, aumento a lanterna ao lado da cama, uma coisa ornamentada e multifacetada.
Na mesa de estar do meu quarto há uma jarra de água e dois copos delicados; Sirvo-me de um copo e o bebo de um só gole, antes de encher o copo novamente.
A água acalma minha garganta, me refresca o suficiente para organizar meus

pensamentos.
"Não consigo dormir há... bem, já faz semanas, eu acho. Quando durmo, às vezes são coisas normais, sem sonhos ou pedaços bobos de sonho. Mas às vezes me vejo nessa... lugar. É como um reino inteiro feito de magia das sombras, o mesmo que eu tenho..."
Stark me observa em silêncio.
“… e que Killian também tem, por causa dessa maldita pulseira." Engolo em seco, tomo outro gole de água. "É real. Não é apenas um sonho comum. Não sei como explicar. É como se minha magia tivesse sido manipulada para criar um lugar onde possamos conversar e interagir, mesmo ele estando a léguas de distância. Ele disse que não sobreviveu, mas eu não acredito nele. Também havia... Houve uma voz uma vez."
Os olhos de Stark se estreitam com isso. "Uma voz?"
Coloquei o copo na mesa. "Uma voz masculina profunda."
"Alistair?" Stark pergunta.
Eu balanço a cabeça. "Não, Killian disse que Alistair não pode acessar este espaço. Ouvi a voz antes do Killian começar a aparecer. I…”
Não sei o que pensar disso. Ainda assim, estou preocupado com a possibilidade de minha saúde mental piorar. De delírios se instalando. Do meu poder me levando ao limite, e da possibilidade de atravessar para um lugar do qual não posso voltar.
Minha mãe ouviu vozes. E talvez fosse por causa da magia reprimida e de seu direito de nascimento não reivindicado, mas... talvez fosse algo mais.
"Talvez essa parte realmente tenha sido um sonho", acabo dizendo.
Volto ao pé da cama e me sento lá, confortado e desconfiado da presença irritada de Stark.
"Essa é só a segunda vez que isso acontece," continuo, olhando para ele. "Não consigo dormir. Tenho vivido com medo de que, se fechar os olhos, acabar lá de novo. Ele era horrível."
Estou torcendo minha pulseira de noivado violentamente no pulso. O rubi que antes era tão bonito para mim agora parece uma mancha de sangue furiosa coagulada de escuridão contra minha pele. Eu me obrigo a parar.
"Ele foi horrível," repito baixinho. "As coisas que ele disse... Ele nunca vai me deixar ir. Ele pode entrar na minha cabeça. Literalmente entra nos meus sonhos. Ele tem meus poderes."
Stark me olha intensamente, a boca apertada.
"E eu não consigo tirar essa maldita pulseira!" Minha última palavra sai como um lamento, e percebo que estou girando a pulseira de novo, repetidas vezes, como se isso fosse fazer diferença.
As palavras do contato de Venna ecoam na minha mente até agora — poderia me matar se eu tentasse removê-las.
Stark estende a mão, parando minha mão com a dele. Ele está tremendo, e eu olho surpreso para olhar seu rosto. Seus traços estão tensos de raiva, e ela emana dele em ondas, como se sua magia e seu poder físico estivessem se reunindo para atacar.
Ele respira fundo e solta minha mão, sentando-se ao meu lado na cama. "Você não precisa que eu diga que é forte."

"Não quero," concordo, e consigo um sorriso fraco. "Talvez Killian esteja certo. Talvez eu seja arrogante. Mas eu sei que sou forte. Sou mais forte do que aquele babaca mimado que foi criado acreditando que tudo que ele vê é dele para ser tomado. E eu vou mostrar isso pra ele."
Stark assente, e eu me viro para olhar diretamente para ele de novo, nossos rostos tão próximos no quarto escuro.
"E eu sei que você não precisa que eu diga que eu o mataria neste mundo e depois o perseguiria direto até a morte e o mataria em qualquer outro." Sua voz é violência contida.
"Não, não sei," concordo, olhando nos olhos dele, deixando a violência penetrar na minha pele, saboreando. "Porque nós dois sabemos que nunca vou descansar tranquilo até que o sangue dele esteja nas minhas mãos."
Os olhos dele buscam os meus. Ele acena novamente, e estou perto o suficiente para ver os músculos do pescoço dele se moverem com o movimento, tatuagens parecendo dançar à luz da lanterna. "Então me diga o que você precisa, Meryn."
Solto um suspiro apertado, minha mente girando. A presença dele me deixa nervoso, dificulta pensar direito. Mas tem uma pergunta que preciso fazer.
"Por que você se importa, Stark?"
Minha curiosidade tem crescido. Metade do tempo, percebo que ele odeia estar perto de mim. A outra metade, bem... Não sei o que pensar disso.
Ele olha para baixo, o cabelo escuro caindo no rosto. Tento não pensar na textura sedosa entre meus dedos.
"Sério," continuo. "Você cumpriu seu dever. Reivindicei minha coroa. Eu não—eu não preciso de alguém ao meu lado que se sinta obrigado a estar aqui. Eu sei que você não escolheu isso para si mesma. Então saiba que, pelo que me diz respeito, você não me deve nada."
Stark cruza as mãos grandes, as tatuagens e cicatrizes nelas se entrelaçando. "Eu não vou a lugar nenhum." Ele ainda não olha para mim.
"É Anassa e Cratos?" Eu pressiono. "Eu sei—eu sei que o vínculo de companheiro pode ser tão confuso. Mas bloqueie isso. É o que eu faço."
Finalmente, ele levanta a cabeça rapidamente. O olhar dele está ardendo — é um inferno, e se eu chegar muito perto dele, ele vai me consumir por completo.
Respiro fundo nervosamente, e ele ouve, o olhar descendo para meus lábios, demorando-se ali.
"Não é o vínculo de companheiro, Meryn", ele finalmente diz, puxando o olhar de volta para o meu. A voz dele é um ronco baixo que faz meu pulso disparar. "E não é por algum nobre e equivocado senso de dever."
"Então por quê?" As palavras saem tão baixas.
"A vida toda, estive cercado de pessoas que querem poder só por isso. Que querem provar sua dominância e forçar a subserviência. Eu não sabia que havia outro caminho. E então eu te conheci."
Acho que parei de respirar completamente.
"Eu te vejo, Meryn Sturmfrost. Eu vejo quem você é e quem pode se tornar. Trata-se da esperança que você me dá para um futuro melhor para nosso país, e do meu desejo egoísta de realizá-lo. Eu escolho servir ao seu lado porque quero isso. Então me diga o que você precisa, porque já é muito tarde da noite e estou ficando sem paciência."

Engulo em seco. Meu pulso está acelerado, minha pele quente.
"Eu preciso..." Outro arrepio me sacude, e de repente estou tão cansado, mais cansado do que nunca. "Preciso dormir. Quero ser útil quando formos para Weisenstat e não sei como vou conseguir se não conseguir dormir nada."
Fecho os olhos de novo, frustrado.
"E Izabel... Não consigo parar de pensar nela. Fui eu quem pediu para ela ficar para trás, não ir para a frente com o resto dos companheiros de matilha. Eu sou o motivo dela estar aqui. Ela bebeu aquele vinho de brasa, e era para mim."
Meu estômago revira, o luto e o cansaço me contorcendo, e meu coração começa a disparar de novo, fora de controle.
"Ei," Stark diz com urgência, a mão subindo para segurar meu antebraço com força. Meus olhos se abrem lentamente, e olho para ele novamente. "Para onde quer que você esteja indo agora, não," ele diz suavemente. "Respire fundo e depois volte para a cama."
Não sei o que mais fazer, então sigo as instruções dele. A primeira respiração é quase dolorosa, mas na segunda ou terceira, meu coração se acalma, o cansaço me puxando de volta para baixo. Eu me levanto, aliso os lençóis que se emaranham com meus movimentos enquanto dormia.
A cama esfriou, e os lençóis não apertam tanto quando volto para a cama. Apago a lanterna novamente, então observo enquanto Stark também se levanta, tirando as botas e indo para o outro lado da minha cama.
"O que você está fazendo?" Estou tão cansada que minha mente não consegue entender as coisas.
"Você disse que precisa dormir. Então durma." Ele se acomoda graciosamente sobre as cobertas, seus ombros largos fazendo a cama enorme parecer pequena. "Eu vou ficar de vigia. Eu senti que algo estava errado, antes. Talvez pelo vínculo de companheiro dos lobos. Agora que eu sei... se eu sentir de novo, que você está sendo puxado para esse mundo dos sonhos, eu vou te acordar."
Fico olhando para o escuro do teto. "Ok."
Isso é estranho. Mas também é, de alguma forma... calmantes. O calor do corpo dele está tão perto do meu que eu poderia estender a mão e tocá-lo. Mas eu não tenho.
Eu me viro de lado, de costas para ele, mas sentindo ele atrás de mim. Cuidando das minhas costas.
No momento em que fecho os olhos, porém, meu coração começa a disparar de novo. Minha respiração fica superficial, e o rosto de Killian sobe na escuridão, derretendo em Izabel, seu rosto enquanto bebe do meu cálice, contorcendo-se enquanto engasga.
Meus olhos se abrem de repente, mas ainda está lá, gravado na minha visão, e não consigo evitar—começo a chorar.
Stark envolve um de seus braços fortes ao meu redor, pressionando suavemente meu estômago por baixo das cobertas. Giro o pescoço para olhar para ele, surpreso.
"Está tudo bem?" Sua voz grave é incomumente incerta.
"Está tudo bem." Meu corpo esquenta de dentro para fora, começando no lugar onde ele me toca. Eu viro de costas para ele, e o braço dele se acomoda mais firmemente ao meu redor, o corpo pressionando suavemente minhas costas.

Seu calor e o peso sólido dele são reconfortantes. Acalma minha respiração, me ajudando a lembrar de respirar fundo e depois mais uma.
Fecho os olhos novamente, cautelosamente, focando na sensação da força dele ao meu redor, e não vêm mais visões.
Fico sem sentido do momento em que deslizo do despertar para o sono, profundo e sem sonhos.
A primeira que tive em semanas.



Stark dorme comigo na noite seguinte também—e, de novo, tenho uma noite perfeita, sem sonhos. Quando pergunto sobre isso, ele diz que sente as sombras descendo. Ele me toca quando sente, e isso nos tira dos dois do transe.
Com o sono, finalmente estou começando a voltar a ser eu mesmo.
Ainda traumatizada, ainda de coração partido.
Mas finalmente confiante de que consigo me impor com força — minha especialidade.
E então é hora de partirmos para Weisenstat. No fim, Venna decide se juntar a nós. Tentei convencê-la a ficar para ficar perto da família, mas ela recusou. Ela precisa de um senso de propósito, para se manter em frente.
Nevah fica em Sturmfrost, porém. Ela vai atuar como minha ligação no castelo — e também cuidar de Tomison para todos nós. Suas palavras e ações ainda apodrecem como uma ferida, mas ele é meu amigo. Preciso saber que ele está bem.
Decido levar os fragmentos da Lâmina Direta comigo, por deus sabe qual motivo.
Não é como se eles fossem ser muito úteis em batalha do jeito que são. Simplesmente parecia errado deixá-los para trás, e talvez encontremos alguém fora de Sturmfrost com uma noção melhor de como poderiam ser reforjados.
Agora os pedaços estão embrulhados em tecido e reunidos em uma bolsa amarrada firmemente às costas de Anassa. Só mais uma coisa quebrada que ela carrega consigo.
Cavalgamos forte na direção da frente—Stark, Noemi, Venna, eu... e Saela.
Minha irmã agora se ajeita na minha frente, nas costas firmes da Anassa. Percebo que os soluços que ela tinha de soluçar finalmente pararam.
"O filhote vai ficar bem", diz Anassa firmemente, ouvindo meus pensamentos. "Ela pertence a nós, à família dela."
Saela e eu tivemos uma briga feia. Tentei convencê-la a ficar no castelo, onde Aldrich, Helene e Grigore poderiam cuidar dela, mantê-la segura. A linha de frente de guerra não é lugar para uma criança — especialmente para alguém em sua condição.
Ela chorou por dois dias seguidos, implorando para eu levá-la conosco. Eventualmente, cedi, com o incentivo de Anassa.
Incentivo pode não ser a palavra certa.
Ela deixou claro que me morderia se eu não obedecesse ao comando.
"Se você diz," respondo, ressentindo de irritação. Como discutir com um lobo

gigante inflexível e uma boca cheia de presas?
Felizmente, minha cabeça não está mais doendo de tanto reforçar aquela barreira contra Killian. Não consigo mais senti-lo; ele desapareceu dos laços de comunicação junto com Phylax.
O sol se abaixa, o céu ficando roxo e rosa. O ar está fresco. As árvores que ladeiam a estrada são densas e banhadas de neve açucarada. Nos movemos pela floresta como se fôssemos parte dela, garras afundando na lama, caudas chicoteando, pelo ondulando.
Estamos chegando a Linsfall agora, segundo Stark, onde vamos parar para passar a noite.
Mas não estamos perto o suficiente.
Saela fica cada vez mais inquieta, inquieta e arranhando os braços. Em um momento, ela se inclina para cheirar o pelo de Anassa como se quisesse se ancorar.
Sua fome de sangue está aumentando.
"Devemos parar brevemente antes de chegar à cidade para que eu possa caçá-la", me diz Anassa. Faz sentido a Saela beber antes de estarmos em uma área cheia. Quero deixar as coisas mais fáceis para ela.
Dou um tapinha no lado de Anassa para confirmar, e ela diminui o passo imediatamente. Sinalizo para os outros pelos laços que faremos uma parada rápida — Saela precisa de ir ao banheiro, digo a eles, para explicar a privacidade que precisamos — e guio Anassa para as profundezas da floresta.
Quando estamos longe o suficiente da estrada, eu me afasto das costas de Anassa em uma pequena clareira.
Ela espera pacientemente que eu ajude Saela e desabotoe algumas das sacolas que ela carrega. Quero a luz dela para que ela possa pegar algo rápido. Anassa escapa entre as árvores, e Saela se move bruscamente para se apoiar em um pinheiro alto.
Ela está claramente rígida, seu corpo sacudido pela necessidade de sangue.
Ficamos em silêncio por um bom tempo. A luz dourada ainda brilha através dos galhos. Em algum lugar, uma pomba-cinzenta solta pios rítmicos. Eu esperava que o tratamento silencioso continuasse, mas a voz de Saela se junta aos sons da floresta, rouca como se sua garganta estivesse seca demais.
"Essa vai ser minha vida a partir de agora," ela murmura. "Escondendo para sempre o que sou."
Eu balanço a cabeça. "Eu juro para você, Sae. Aldrich e eu estamos fazendo tudo o que podemos. Vamos encontrar uma cura para você."
Suas bochechas coram. "Se existe cura, Meryn. Se."
"Sae—"
"Só pare, por favor. Você não deveria prometer coisas assim. E se você não encontrar uma cura, Mer? E se eu for um Sifão para sempre? Você já pensou nisso? Porque isso está sempre na minha cabeça."
As palavras dela me atingiram como um soco no estômago. Não quero que ela perca a esperança. Ela vira os olhos para mim, e eles brilham com lágrimas.
"O que você vai fazer comigo quando falhar? Você pode me prender em algum lugar? Me banir? Me deixar para trás, como tentou fazer hoje?"
Eu me viro, magoado, com medo. Quero dizer a ela que nada é mais importante

para mim do que ela, mas—
Um galho se quebra atrás de Saela. Me viro rapidamente para procurar Anassa voltando com a presa.
Mas há um homem ali, alto e uniforme, rosto distorcido de ódio. E ele tem uma faca na garganta da minha irmã.
"Te peguei, usurpador," ele rosna para mim.

21

FORTE

Cratos e os outros lobos gigantes mal tiveram tempo de descansar quando uma onda pulsante de medo invade meu vínculo com Meryn, seguida imediatamente pela voz dela na minha mente—e na de Venna e Noemi, a julgar pelo jeito como ambas ficam imóveis.

"Venha rápido. Soldado desertor, ele tem Saela. Não ataquem, vou tentar acalmá-lo, mas por favor, estejam prontos."

Um rosnado escapa da minha garganta. Como ele ousa?

Se ela não tiver feito progresso até chegarmos, vou arrancar os intestinos desse cara pela boca.

Nós três montamos em tempo recorde. Nossos lobos gigantes se movem rápida e silenciosamente pela floresta para alcançar Meryn e Saela na clareira. A luz do sol poente através das folhas da floresta deixa tudo salpicado de sombra.

Deslizamos para fora dos nossos lobos para nos aproximar, mas ficamos fora de vista.

Meryn e Saela estão do lado oposto da clareira em relação a nós. O soldado está desleixado e vestido com um uniforme noturno, seus olhos selvagens enquanto pressiona uma faca brilhante na garganta de Saela. Sua pele está descolorida, lábios pressionados em uma linha fina e trêmula.

"Você é um dos meus soldados?" A voz de Meryn ecoa pela clareira.

O rosto do homem se contorce em desprezo. "Seus soldados? De jeito nenhum."

A raiva dentro de mim cresce, tão perto da superfície agora.

A floresta ao redor do homem farfalha. Então figuras emergem das longas sombras projetadas pelo sol que se debate. Seus rostos entram e saem da luz azulada pálida enquanto se aproximam.

Mais soldados. Talvez trinta, todos usando o mesmo uniforme.

Foder.

"Vocês duas fiquem aqui", digo para Noemi e Venna, com a voz baixa. "Vou desarmá-lo. Estejam prontos para atacar e certifiquem-se de que Skaia e Ephyse estejam preparadas."

Venna responde com sinal—minhas palavras devem ter sido suaves demais para ela. "Por favor, repita?"

Tento repetir a mensagem em linguagem de sinais. Venho estudando por conta própria desde que descobri que um dos aliados mais próximos da Meryn era com dificuldades auditivas. Ela assente, então devo ter feito sentido suficiente.

"A Anassa está quase chegando?" Pergunto a Cratos.

"Sim, quase," ele responde. "Atacaremos ao seu sinal."
Assentindo para ele, começo a me mover silenciosamente ao redor do círculo da clareira.
"Somos soldados do Rei Killian!" grita o atacante. Sua voz é ousada e ecoa pela floresta devoradora.
O pedaço de merda está orgulhoso.
Não importa como isso termine, o chão ficará encharcado de sangue.
O soldado continua suas declarações altas e beligerantes enquanto me aproximo. "Quem diabos você pensa que é? Os Valtieres reinaram sobre Nocturna por séculos! Você não pode acabar com nossa lealdade com uma ordem repentina."
Saela está muito imóvel. Estou surpreso que ela não esteja tremendo. Ela deve ter aquele aço de Sturmfrost dentro dela também.
"Saímos da frente e estamos viajando para Rabenfrost para apoiar nosso rei. Encontrar você foi uma coincidência afortunada." Ele sorri de lado.
Killian deve ter mais apoio militar do que esperávamos. Esses idiotas do caralho. Eles estão se permitindo ser enganados e enganados.
"Estou quase em cima dele", digo para Meryn. "Mantenha ele distraído."
Ela se endireita um pouco ao ouvir minha voz em sua mente. Seus cabelos prateados parecem quase azuis na luz fraca da clareira. "Não os mate. Por favor. Eles também são meus cidadãos."
"Você está brincando, princesa?"
"Por favor," ela implora. Vejo seus olhos vasculhando a floresta, me procurando, implorando.
Balanço a cabeça, mas continuo andando. Não prometo nada. Estou chegando perto do soldado agora, e Meryn está à vista.
"Me dê alguns minutos para mudar de ideia." Meryn olha de volta para o soldado, a voz firme. "Eu entendo por que você não confia em mim e por que ainda não quer lutar por mim. Mas eu sou a rainha legítima. Se você deixar minha irmã ir, se tirar um tempo para conversar comigo, acredito que posso te convencer a apoiar minha causa. Ninguém precisa se machucar aqui hoje."
Ele apenas ri de forma rancorosa. "Não vamos nos curvar para nenhuma louca."
Há murmúrios de concordância sussurrando da floresta ao nosso redor.
Ah, então é isso que é. A oposição deles não é apenas lealdade a Killian, e eles não estão apenas rejeitando a afirmação de Meryn.
Eles estão rejeitando a própria ideia de uma mulher governar, expondo a misoginia que se espalha neste reino.
O olhar de Meryn endurece, e a sombra na clareira de repente se expande de um jeito que não tem nada a ver com o sol poente. Esse filho da puta pode não saber o que isso significa, mas eu sei.
Finalmente, nossa rainha está realmente irritada.
A raiva dela acende um fogo no meu estômago.
"Ceda a isso", digo sem pensar. "Use a dobra de sombra e acabe com eles."
Ela pisca, os lábios se apertando. "Eu não posso. Eu não posso! Posso machucar todos vocês também. E eu não quero que a Saela me veja assim."
Outro homem fala do lado dos soldados. Não consigo entendê-lo, mas a voz dele está rouca. "Não importa o quão poderoso você se ache que é, sua psicopata. Vocês estão em menor número."

É isso. Ninguém fala com ela desse jeito.
Mas antes que eu possa me mover, a floresta em si escurece completamente, como se alguém tivesse arrancado o sol do céu.
O olhar nos olhos de Meryn se tornou mortal. Ela não busca mais paz. Agora há um tom feroz e faminto nela que faz meu sangue esquentar.
Ela é tão linda quando está brava.
"Acho que você quis dizer, Sua Alteza Psicopata." A dureza em sua voz podia cortar até a pele mais grossa.
"Terminamos aqui?" Perguntei a ela.
"Acabe com eles", ela responde. "Eu vou proteger a Saela."
Não preciso ouvir duas vezes.
Saio da floresta, uma raiva desenfreada fervendo dentro de mim. Antes que alguém possa piscar, minha lâmina está na garganta do soldado, espelhando sua ameaça contra Saela.
"Má escolha, rapazes," rosno, sentindo o gosto do derramamento de sangue no ar. Meu corpo largo ofusca o homem fraco à minha frente. "Ela pode estar inclinada a mostrar misericórdia como sua rainha. Mas eu não sou real."
Algum idiota tem coragem de perguntar: "Ah, sim, quem é você, então?"
Cruzando o olhar com Meryn, meu interior se acende. "Eu sou a criatura dos seus pesadelos que eles empunham como uma arma. Suas vidas não significam nada para mim."
Abro a garganta do homem em um movimento suave. O sangue irrompe, escorrendo pela nuca e pelo cabelo de Saela.
Ela grita e corre até Meryn, cambaleando.
Os braços de Meryn a envolvem instantaneamente, e ela ergue um escudo defensivo ao redor das duas usando magia Phylax. Aceno para Noemi do outro lado da clareira. Ela avança rapidamente, colocando-se na frente de Meryn e Saela e envolvendo-as dentro de um segundo escudo defensivo.
Pelo menos quando Saela está por perto, Meryn aceita a proteção adequada.
Pelos se espalham entre as árvores enquanto os lobos gigantes chegam em uma tempestade de dentes e garras.
Anassa lança um soldado no ar, que cai em cima de outro com um grito. Ela corre para ficar ao lado de Saela e Meryn, protegendo-as junto com Noemi. Venna e Skaia emergem das árvores com uma velocidade assustadora.
Mesmo que os soldados sejam mais numerosos, de repente parecem muito menos confiantes.
Eles finalmente percebem que não deveriam ter ameaçado uma rainha.
Os lobos entram em ação. Os gritos começam e não param.
Levanto a mão enquanto três soldados tentam avançar contra mim e disparar um disparo de impulsão sem restrições. O poder vem mais forte e mais facilmente do que nunca, como desde que Meryn recuperou sua coroa.
Há um estalo audível quando a força brutal do meu poder quebra suas costelas, jogando-as para trás.
Vários soldados mais me cercam, embora todos pareçam hesitantes em ser os primeiros a enfrentar. Sacando minhas lâminas gêmeas das costas, avanço contra dois deles ao mesmo tempo, cortando suas gargantas com um único golpe.
Os homens atrás de mim tentam fugir, mas Cratos pega um na boca, mordendo.

O outro ele prendeu sob uma pata enorme, estendendo as garras no peito do homem enquanto ele grita.
Avanço rapidamente para silenciá-lo com minha lâmina.
Noemi permanece próxima a Meryn, mantendo seu escudo enquanto mantém os soldados afastados com sua espada. Ephyse oferece outra camada de defesa. Ele arranca uma perna de um dos soldados com um torção feroz do maxilar.
Girando rapidamente, procuro por soldados que possamos ter perdido. O número deles está diminuindo rapidamente.
Enquanto Skaia salta para aí para pegar presas, Venna tem se escorregado pelas sombras, eliminando lutadores antes que percebam o que os atingiu. Agora, ela avança novamente, eliminando um soldado que tenta fugir com uma faca eficiente no estômago.
Anassa circula ao redor de Saela e Meryn, repreendendo quem se aproxima demais.
É um alívio ser libertado, depois de semanas — meses, na verdade — de estar em um comportamento razoavelmente bom.
Essa sou eu no meu melhor. No meu pior momento.
Eu mesmo.
Sangue percorre meu rosto em um respingo escuro enquanto giro para eviscerar outro agressor.
Meryn pulsa um aviso em minha direção, mas eu já senti o próximo à minha esquerda. Coloco minha lâmina no lugar entre o peito e o queixo do homem.
Por um breve momento, meus olhos encontram os de Meryn, mesmo quando mais dois vêm atrás de mim. Preciso ver que ela está exatamente onde eu quero que ela esteja.
Seguro. Atrás de mim. Protegido.
A batalha dura apenas alguns minutos. O último soldado cai diante de Cratos, cujas mandíbulas se fecham ao redor de todo o seu crânio. Os gritos do homem param abruptamente quando Cratos morde.
Então, tudo fica em silêncio. Os pássaros se foram.
Devagar, a floresta começa a sussurrar e ranger como se estivesse soltando um suspiro.
Noemi relaxa seu escudo, assim como Meryn. As sombras que ela invocou se abrem, e o sol volta a aparecer. Ela afrouxa o aperto protetor em Saela.
Ela está atrás da irmã, então não consegue ver o que acontece—mas eu vejo.
Os olhos de Saela se dilatam enormemente, engolindo suas íris. Seu olhar — inegavelmente faminto — está fixo no chão ensanguentado, nos corpos.
Meryn não é rápida o suficiente para apertar o aperto. Saela se solta dela e se move com uma velocidade sobre-humana.
"Não!" Meryn grita. Como se pudesse impedir.
A garotinha cai sobre o cadáver mais próximo. Ela se agarra e rasga com as mãos. Tenho um estômago de ferro para gore neste momento, mas até eu fico um pouco enjoado quando os sons começam. Sons de ofego, sugação, engolir em seco.
Saela parece um animal faminto devorando presas.
Meryn e eu trocamos olhares com os outros ao mesmo tempo. Venna e Noemi ficam olhando em choque, suas expressões uma mistura de repulsa e descrença.

A mão de Venna sobe para cobrir a boca. A traição passa pelo rosto de Noemi. Foder.

22



MERYN

Venna e Noemi têm a graça de não gritar. Em poucos instantes, percebo que ambos fizeram um cálculo rápido — não estou chocado nem assustado, nem Stark — e voltaram a expressões neutras.

Estou sobrecarregado com tudo isso. Meu medo pela minha irmã, o derramamento cruel de sangue, a terrível verdade finalmente revelada aos meus amigos. Meu corpo e minha mente estão esgotados.

E estou sofrendo com a rejeição. Soldados, que deveriam ter sido meus soldados, dos quais eu sentia o dever de cuidar — me rejeitando completamente. Quantos como eles existem por aí? Quantos mais desertaram?

Quantas pessoas se recusam a reconhecer minha regra porque sou mulher? E como posso conquistar a lealdade deles se eles estão negando isso à parte mais central e imutável de mim?

"Devemos fazer algo sobre os corpos," digo atordoado, como se minha irmã não estivesse se banqueteando com um bem na nossa frente. "Não é certo simplesmente... Deixe-os aqui."

Anassa intervém: "Nós, lobos, podemos cavar uma cova rasa e enterrá-los. Isso deve ser suficiente."

Concordo com isso, embora uma parte de mim se sinta inteligente. Apesar de como esses homens se comportavam, eram pessoas com família ou amigos — assim como meu pai. Que eles não voltarão para casa — que ninguém jamais saberá o que aconteceu com eles — vão machucar alguém, em algum lugar.

Os quatro lobos começam a cavar e enterrar. Enquanto isso, Saela termina seu... lanche... E parece que ela está em um estado de desorientação por causa da refeição.

É a primeira vez que prova sangue humano desde o dia em que se transformou. Fico pensando se isso está fazendo algo diferente com ela.

Ela se afasta do corpo e rasteja de volta para mim. Ela parece um pesadelo— mãos, queixo e roupas encharcadas de sangue escarlate, olhar desfocado, cabelo embaraçado e escorregadio de sangue. O rosto de Venna se contorce de um jeito complicado demais para ler.

Corro em direção à minha irmã e a ajudo a se levantar, carregando-a principalmente de volta para a beira da clareira. Então a sento encostada em uma

árvore, onde ela imediatamente adormece.
Depois de ter certeza de que ela está segura, dou alguns passos rápidos até Noemi e Venna.
"Teria sido útil saber que tínhamos um Sifão viajando conosco antes de partirmos do castelo," Noemi fala arrastada, os braços cruzados firmemente sobre o peito. Seu rosto lindo está levemente contraído de irritação, e ela olha para o horizonte onde Stark supervisiona o trabalho dos lobos.
O olhar de Venna me corta profundamente. Seus olhos são duros, duros. "Quanto tempo?"
Enjoo revira meu estômago. "Ven—"
"Quanto tempo, Meryn?"
"Desde que você a libertou", digo, resignado. "Killian a transformou, em algum momento entre quando a encontramos nas masmorras e quando você e Stark chegaram lá. Ela não se lembra de ter acontecido. Ele alterou a memória dela."
O rosto de Venna se desanima. "Pobre garota."
"Me desculpe," digo, a garganta apertada pelas palavras. "Eu não queria esconder isso de você, mas... Eu só não sabia o que mais fazer."
"Não sei o que você quer que eu diga, Meryn", ela diz. "Estou tão puta com você agora. Sifões são nossos inimigos. Eles são perigosos. E você teve um morando debaixo do nosso nariz o tempo todo. Você me deixou passar tempo sozinho com ela, dando aulas particulares, sem me contar o perigo em que estava."
Agarro o braço dela, mas Venna me afasta.
"Ven, eu confio em você, eu juro," imploro. "Mas quanto menos pessoas soubessem, melhor. Ela é minha irmã. Minha única família viva. Você sabe que eu faria qualquer coisa por ela."
Ela vira a cabeça, observando Saela enquanto ela dorme encostada na árvore. Espero ver a mesma coisa que eu: uma criança pequena, inocente e machucada.
Alguém para proteger, não temer.
"Temos alimentado ela com sangue animal," continuo. "Ela esteve sob vigilância próxima o tempo todo—sim, mesmo quando você estava ensinando linguagem de sinais para ela. Você não se perguntava por que Helene e Grigore estavam sempre de guarda? Além das presas, ela não tem sido uma ameaça para ninguém. E estou tentando descobrir como reverter isso. Eu vou salvá-la."
Os lábios de Venna se achatam em uma linha apertada, seus olhos escuros ficando vidrados. "Eu entendo", ela diz finalmente. "Não há nada mais importante do que uma irmã."
As palavras torcem meu interior em um nó apertado e doloroso. Estendo a mão de novo, mas ela levanta a mão, me parando.
"Preciso de um tempo para pensar nisso, Alteza", diz ela, com voz distante.
Meu coração afunda. "Por favor, Ven."
O vento sopra seus fios curtos de cabelo preto brilhante ao redor do rosto, ainda virado para longe. "Eu entendo de irmã para irmã, mas de amigo para amigo, eu só... preciso de espaço, Meryn."
Noemi finalmente intervém. "Por que a Venna e eu não vamos até Linsfall? Vamos passar a noite com os nobres lá, como planejado, e contar que você e Stark tiveram que continuar andando."
Meu olhar vai de um para o outro. Venna ainda não olha para mim.

"Provavelmente faz sentido," digo devagar. "Deus sabe que não podemos levar a Saela para a cidade agora. Stark e eu vamos montar acampamento em algum lugar próximo, e você pode nos encontrar de novo pela manhã."
Assumindo que ambos não decidam voltar para Sturmfrost. Também não posso dizer que os culparia por isso.
Ephyse e Skaia se aproximam, com o focinho ensanguentado e as patas cobertas de terra pela tarefa horrível. Stark o segue, puxando Noemi para o lado e falando em tom baixo. Seus corpos estão tão colados um ao outro, e eu desvio o olhar, sentindo que estou invadindo algo. Quando se separam, Venna e Noemi montam. Noemi acena para mim, então os dois se viram e seguem em direção à escuridão que se aproxima.
Stark se aproxima de mim com Cratos e Anassa. "Parece que vamos acampar hoje à noite", eu digo a ele.
Ele grunhe. "Tenho algumas mochilas para isso. Jogamos eles de Cratos na floresta quando percebemos o que estava acontecendo com vocês dois. Vamos pegá-los e encontrar uma clareira que não cheire a morte."
Stark me ajuda a levantar o corpo apático da Saela nas costas da Anassa, e então nós dois montamos nossos lobos. Em menos de uma hora, encontramos um acampamento adequado um pouco mais perto de Linsfall e montamos uma fogueira para nos manter aquecidos no ar fresco da noite.
Eu puxo as sombras ao nosso redor, uma forma amplificada do poder de rifte Kryptos. Isso esconde totalmente nossa localização. A facilidade e força dos poderes da matilha nunca deixarão de me intrigar, mas sei que Anassa está me ajudando a canalizá-los.
De nós dois, pelo menos um é sábio e habilidoso nos caminhos dos Vinculados.
Meu lobo gigante está deitado do lado oposto do fogo. Saela está encolhida ao lado de Anassa, continuando a dormir. Pego um cobertor de lã áspero de um dos pacotes da Stark e o cobro dela. Não sei quanto tempo ela vai ficar desacordada, mas entre o calor da Anassa, o fogo e o cobertor, ela deve ficar confortável durante a noite.
Finalmente, paro de me ocupar e me deitei em um grande tronco caído que colocamos em frente ao fogo. Então coloquei a cabeça nas mãos, me ancorando no calor das minhas próprias palmas.
Se eu pensar demais no olhar que a Venna me lançou quando percebeu o que estava acontecendo... Posso simplesmente desmoronar.
Stark joga outro tronco na lareira, e eu olho surpreso com o som. Ele parece exatamente com sua reputação agora: sua camisa e jaqueta estão cobertas de sangue e violência. Há um corte rubi dele na bochecha dele, e eu sei que não é dele.
Já vi Stark lutar antes, fiquei impressionado com sua força de batalha na linha de frente. Mas hoje...
Venna e Noemi ajudaram, mas Stark matou pelo menos vinte desses homens ele mesmo. Sem pensar duas vezes. Nunca vacilando, nunca vacilando. Sua propulsão especializada foi arrepiante de assistir, até para mim.
É impressionante que qualquer Ligado possa ter tanto poder sem fazer algum tipo de pacto corrupto.
Ele sente que eu o observo e se vira para encontrar meu olhar, depois olha para si

mesmo. "Provavelmente deveria sair disso, né? Esse é um conjunto de roupas estragado. Tanto sangue não sai quando está fixado."
Falado por experiência própria.
Uma pessoa com um pingo de instinto de autopreservação estaria tremendo de medo agora.
Em vez disso, engolo em seco, um calor que nada tem a ver com a fogueira crescendo no meu centro. "Sim, acho que deveria."
Primeiro tira a jaqueta, que ele joga nas chamas. Então ele estende a mão por cima da cabeça e agarra a parte de trás da camisa, arrancando-a de um só golpe.
E então Stark Therion está sem camisa na frente da lareira, e meu cérebro carente quer uivar ao ver aquilo.
Achei que sabia o que gostava no corpo de um homem.
Mas, afinal, nunca vi um homem assim antes.
Seu torso é tão largo quanto o resto do corpo, estreitando levemente na cintura. Há um leve fio de pelos no peito dele, e por baixo... músculos. Tantos músculos. O corpo humano tem tantos músculos assim?
Aparentemente sim, e Stark aperfeiçoou todos eles. Noemi é uma mulher de sorte.
Seus peitorais são robustos e firmes, descendo até o que só pode ser descrito como abdômen por dias. Ele parece que tem um pack de quarenta, pronunciado o suficiente para provavelmente cortar vidro.
Embaixo delas há uma linha em V, tão perfeitamente definida que minha boca idiota literalmente começa a salivar. Estou desesperado para tocá-la, para descobrir onde ela leva.
É obsceno.
A visão do torso sem camisa dele é lasciva; Não há outra forma de explicar.
E então, claro, há as tatuagens de morte — no estilo rúnico, aplicadas por mãos diferentes. Eles cobrem seu corpo em uma dança sombria e perigosa que só serve para enfatizar o quão mortal ele é. Quase cada centímetro dele está tatuado. Estou tão ocupada olhando para ele que quase não percebo... até que eu não faço isso. As tatuagens não conseguem esconder direito.
Cicatrizes.
Por toda parte.
Por toda a frente. Ele está coberto por linhas profundas e cruzadas. Eles captam a luz do fogo como teias de aranha.
E eu sei, com um nó doentio no estômago—eu sei.
Essas são de antes de ele ser vinculado.
Os lobos curam feridas rápido demais. Mesmo cortes profundos deixam apenas uma cicatriz leve. Mas ele se conectou quando tinha apenas dezoito anos...
Respiro fundo, e ele olha rapidamente para mim, encontrando meus olhos.
Uma sombra passa pelo seu olhar, e ele se vira, indo até sua mochila.
"Stark," eu digo. Precisamos conversar sobre isso. Tantas cicatrizes...
Ele pega uma camisa nova e a veste bruscamente. "Deixa pra lá, Meryn."
"Não!" Minha voz sai aguda. "Stark—"
Ele avança rapidamente até mim, fogo nos olhos.
"Eu disse, deixa pra lá." Ele está imponente sobre mim agora, ameaçador. Às vezes esqueço o quanto ele é mais alto que eu. Tenho que esticar o pescoço para

manter o olhar dele.
"Ou o quê?" Digo entre dentes cerrados, sem me impressionar com a tentativa de intimidação dele. "Você vai perder o controle comigo? Eu adoraria ver."
"Eu te garanto, princesa, que você não faria isso." Suas palavras trazem promessas sombrias que não fazem nada para acalmar o inferno que arde dentro de mim.
Respirando com dificuldade, ele tenta se afastar de mim.
Foder. Isso.
Ele me fez encarar coisas difíceis de frente. Ele não tem o mesmo tempo de ignorar.
Agarro um punhado da camisa preta dele, depois a puxo pelo torso, expondo as cicatrizes novamente à luz do fogo.
Eles são ainda mais brutais tão perto. A tinta escura faz um bom trabalho em mascarar tudo à distância, mas agora vejo que a pele por todo o torso dele está horrivelmente franzida.
Isso não foi acidente. Cada um desses cortes parece intencional.
A raiva começa a crescer, sombras dançando na borda da minha visão.
"Isso te assusta?" A voz dele sai como uma carícia viscosa, e eu estremeço. "Esse lembrete da violência gravado no meu corpo?"
Por baixo do tom brusco dele, consigo ouvir outra coisa. Não sei se são instintos de lupin ou os laços que temos nos unindo, mas entendo a verdadeira pergunta que ele está fazendo.
Isso te enoja?
Meus olhos ardem. Como ele pôde pensar isso? Como ele poderia se ver assim?
Coloco a palma da mão plana sobre o torso dele, o calor dele e os caroços das cicatrizes sob minha pele. Ele sibila. Mas eu não mexo a mão, e ele não se encolhe.
"Quem fez isso com você?" Eu exijo.
Stark solta uma risada baixa, me empurrando para longe dele. Ele se vira rapidamente, tentando se afastar novamente. Mas eu prendo o pulso dele, puxando-o de volta.
Ele acha que é um vingador durão e violento.
Bem, adivinha, amigo? Somos dois.
Me aproximo dele até que ele seja forçado a me encarar, para ver o quão séria eu estou, para ler isso na dor nos meus olhos. Então respiro fundo, seu almíscar âmbar enchendo meus sentidos e me dando força.
Quando falo, é com toda a profundidade da escuridão que floresce nas minhas veias.
"Me dê um nome, e eu o apagarei da terra."
As narinas de Stark se dilatam com emoção contida. Percebo cada movimento no maxilar dele, decoro cada cílio enquanto ele pisca diante da minha raiva.
"Já disse, princesa", diz ele, com a voz baixa. "Você pode se acalmar."
"Quem?" Exijo novamente.
Ele solta um suspiro irritado e sacude minha mão do pulso dele. Sinto a perda do contato intensamente. "Meu treinador de armas quando criança. Ele me achou insuficiente."
O horror ferve dentro de mim, frio e implacável. "O Siegrid sabia? Por que ela

não parou?"
"Ela o contratou por um motivo. Ela não estava por perto, de qualquer forma. A Soberana Alfa estava na linha de frente, e eu fui entregue a professores que poderiam me tornar, nas palavras dela, forte o suficiente para sobreviver ao fim do mundo."
As palavras me atingiram como um soco. Ela fez isso com ele. Sua mãe—
As sombras estão se acumulando agora, começando a subir como sanguessugas pelos meus braços e pernas.
Ele inclina o maxilar para mim, e eu vejo claramente, a cicatriz que sempre me perguntei. "Na verdade, ela mesma fez essa quando eu tinha doze anos. Você ainda não aprendeu isso sobre o Soberano Alfa? Ela só se importa com seus próprios objetivos. Ela precisava que eu fosse mais forte do que eu era e não se importava com o que fosse necessário para me levar até lá."
"Eu vou acabar com ela." Um vento se levanta enquanto as sombras começam a girar ao nosso redor, a escuridão se espalhando pelo acampamento em um turbilhão. Está dentro de mim também, cobrindo minhas veias até que tudo o que sinto é uma necessidade pulsante de rasgar algo.
Stark aproxima o rosto do meu, algo duro e assustador no olhar. "Nem todo mundo tem uma família amorosa, Meryn. Alguns pais veem seu filho apenas como um meio para um fim. É assim que se faz um monstro."
Então ele pisca, notando o vórtice sombrio que eu virei ao nosso redor sem nem mesmo comandar. Como sempre, está fora do meu controle. Não sei como comecei, nem como vai terminar.
Oh deusa, eu não consigo fazer isso parar.
"Meryn", ele diz, firme e autoritário. A assertividade em sua voz faz meu sangue pulsar, e as sombras respondem da mesma forma. "Para com isso."
Não posso. Não posso. Mas... Talvez consiga.
Tenho a sensação mais estranha de que, se eu apenas estender a mão para ele, ele pode canalizar esse sentimento para longe.
Se ele é tão monstro assim, bem, talvez—
Só um monstro pode me tirar da escuridão.
Eu estendo a mão e alcanço, mas nada.
"Não está funcionando," digo em um suspiro, lágrimas começando a escorrer pelo meu rosto. "Estou furioso, Stark. Minha raiva está me consumindo por dentro."
Anassa escolhe esse momento para finalmente encostar sua consciência contra a minha. "Meryn. Respire. Controlar as sombras. Siegrid não está aqui para direcionar sua raiva. Mesmo que ela estivesse — você precisa dela, por enquanto. Quando chegar a hora certa, buscaremos vingança."
As palavras dela me acalmam, e as sombras deslizam de volta para o chão, afundam na terra.
Stark levanta a mão, limpa bruscamente uma lágrima do meu rosto com o polegar calejado. Quero levar a palma dele à boca, saborear o calor da palma dele contra meu rosto.
"Não desperdice suas lágrimas comigo, princesa," ele murmura. "Fico feliz que ela tenha feito isso comigo."
Me assusto com as palavras duras ditas tão diretamente. "Você é?" Como alguém

poderia ficar feliz por algo tão horrível, tão antinatural?
"Sim," ele rosna. "Não perco tempo com sentimentalismo agora. Eu ajo. E isso faz as pessoas me temerem."
Ainda não entendi. "Por que você iria querer isso?" É o oposto do que venho tentando provocar nas pessoas, com sucesso discutível.
Ele pressiona a boca na concha da minha orelha. O calor da respiração dele causa um zumbido tão elétrico que tenho certeza de que nunca me senti vivo assim antes. "O medo deles é um bálsamo. Vou ser o vilão de todos para assustá-los de você."
Ele se afasta, encontrando meu olhar com seu olhar escuro e ardente, e há uma avalanche da minha cabeça aos pés.
O rosto dele está tão perto do meu. Consigo ver toda a barba por fazer dele à luz do fogo, todas as cores das íris. Percebo pela primeira vez que não são marrons sólidos. Elas são cercadas de preto e salpicadas de ouro no centro, tão sutilmente que é fácil não perceber. Meu estômago revira.
Seria fácil diminuir a distância entre nós.
No máximo dois centímetros.
Será que ele beija como luta, com força letal e habilidade incrível? Ou ele seria gentil comigo, levaria o tempo dele para explorar?
Saela tosse. Nós dois nos assustamos com o som, e ele se afasta. A perda do cio dele é instantânea e aguda, como se algo precioso tivesse sido arrancado das minhas mãos gananciosas.
O que poderia ter acontecido se eu tivesse levado Stark ao limite? Finalmente descobriu o que significa para ele realmente perder o controle?
Não sei se algum dia vou me recuperar disso.
E quanto à Noemi, que Stark diz amar? Talvez eu tenha imaginado a faísca entre nós. Talvez ele não tenha interesse em mim desse jeito.
Mesmo que ele tivesse, eu nunca agiria até ter certeza de que não há nada acontecendo ali. Se eles estiverem juntos... Eu não podia cruzar essa linha. Eu nunca faria isso com outra pessoa.
"Devemos dormir um pouco", Stark diz baixinho. "Temos uma longa jornada amanhã."
Preparamos os colchões em silêncio. Entrem juntos em silêncio. Fechar os olhos, fingindo dormir em silêncio. Pelo menos, estou fingindo.
Porque a noite toda eu queimo e queimo e queimo.



A manhã demora uma eternidade para chegar.
O fogo virou carvão, e o céu mal está clareando quando ouço passos se aproximando. As orelhas de Anassa giram. Ela levanta a cabeça para inspirar. Mas não preciso do nariz dela para me dizer que os passos pesados são lobos gigantes. Eu fico parado no som.
Respirando fundo, deixei a máscara da fenda se dissipar, revelando o resto do acampamento para uma Venna cansada e uma Noemi irritantemente bela. A mulher parece não ter deixado passar uma piscarada. Tento não assistir enquanto

ela e Stark se abraçam.
Venna se aproxima de mim, sem dizer nada. Quando os braços dela me envolvem, emoções dolorosas invadem meu peito. É culpa por não ter contado a verdade para ela. Mas também é um doce alívio tingido de luto.
Não temos mais a Iz, mas temos uma à outra. Graças à deusa, temos um ao outro.
Quando nos separamos, as mãos dela demoram nos meus braços. "Estamos bem?" Pergunto, deixando a esperança e o medo transparecerem no meu rosto.
Sua expressão é solene.
"Eu sei que você é a rainha agora, Meryn, e nem sempre vou ter acesso às suas decisões. Mas suas escolhas aqui me machucaram. Você pode prometer que vai me contar tudo o que puder, especialmente se isso possa envolver minha segurança?"
"Eu juro," digo instantaneamente. "Eu vou melhorar."
Venna assente uma vez. "Então vamos ficar bem", ela diz com certeza que provavelmente não mereço.
Acho que ela entende que foi o medo que me moveu, mas ainda me ressinto por isso. Eu já fiquei furioso com a Anassa por esconder a verdade. Virar e fazer a mesma coisa com um amigo próximo? Isso me faz me odiar um pouco, mesmo que eu tivesse um bom motivo.
Quando Venna se afasta, Noemi toma seu lugar. "Estamos bem?" ela pergunta suavemente.
"Ah... sim," eu digo. "Quer dizer... estamos?"
Ainda há muito que não entendo sobre Noemi — especialmente o relacionamento de Stark com ela. O que eles são um para o outro? Ela também o ama?
E posso parar de ficar obcecado com isso toda vez que minha mente tem um momento de silêncio?
Noemi dá de ombros elegantes e passa seus longos cabelos ruivos sobre ele. "Não deixe ela me morder, e vamos ficar bem."
Parece a reação mais positiva que posso esperar a uma revelação do tipo "ah, aliás, minha irmã é uma Siphon", então lanço um sorriso contido para ela e começo a desmontar o acampamento.
Eventualmente, acordo Saela de onde ainda dorme encostada ao lado de Anassa. Ela olha para as roupas manchadas de sangue, depois para Venna e Noemi e começa a chorar.
"Está tudo bem", digo enquanto a levo para a floresta se trocar.
É preciso um pouco de convencimento para convencê-la a voltar para o acampamento. Saela fica mortificada e envergonhada do que é. Mas quando emergimos das árvores, Venna estende o braço e Saela vai até ela. Eles se agarram silenciosamente um ao outro por um longo momento.
Então é hora de voltar para a estrada. Cavalgamos forte, mas Saela parece mais forte. Ou pelo menos mais alerta e menos retraída do que tem sido desde sua transformação.
Ela ainda fica perto da Anassa quando fazemos pausas para ela esticar as pernas, mas uma pequena centelha de esperança secreta surge no meu peito.
Sombras se estendem pelo chão frio enquanto cavalgamos em direção a

Weisenstat. A aurora vira meio-dia e vira noite. A paisagem começa a mudar. A floresta dá lugar a terreno aberto, grandes trechos divididos em fazendas.
O primeiro sinal de que estamos chegando à frente é a fumaça. Vemos isso a léguas de distância. Não me lembro da névoa de engasgo da última vez que vim à zona de guerra ativa com Stark.
Não é um bom sinal.
Eu me conecto ao mar de comunicação na minha mente, o mais levemente possível. A força da ansiedade que percorre todos os que estão aqui quase me derruba da Anassa. Ele se fortalece à medida que nos aproximamos cada vez mais.
Chegamos ao topo de uma colina e observamos toda a extensão da desordem.
Ao longe, as nuvens de fumaça se elevam além da linha defensiva, marcando incursões bem-sucedidas de Astreona em nossas preciosas terras agrícolas, território que antes era seguro. É um presságio que engole o céu.
Uma onda de horror no ar que só vai se aproximar cada vez mais.
Devagar, mas com certeza, os Sifões estão nos alcançando.
Um arrepio percorre minha espinha, e viro a cabeça. Stark já está me olhando. Eu sei que ele também está pensando nisso.
A situação está pior do que esperávamos. Seja o que for que nos espere dentro daquele acampamento, estamos entrando em uma crise que talvez já esteja além de ser salvação.
"O que estamos aguardando?" Pergunto à Anassa sobre nosso vínculo.
Ela não tem resposta. Ela apenas avança, descendo em direção ao caos das linhas de frente.

23



MERYN

Olhando para a morte estendida e nos esperando, uma coisa é certa: não posso levar a Saela lá sem um plano. Tenho certeza que é psicológico, mas juro que consigo sentir o cheiro do sangue daqui.

"Não, esse é o cheiro de sangue," confirma Anassa.

Ótimo. Prestativa como sempre, Anassa.

Ela resmunga e balança a cabeça.

Sinalizo para nosso grupo parar. O lobo de Venna, Skaia, se mexe, desconfortável, ao ver o que temos diante de nós. Anassa solta um ronco baixo que é ao mesmo tempo ameaçador e reconfortante.

Minha irmã precisa estar em algum lugar seguro — tanto para protegê-la de testemunhar os horrores que nos aguardam na linha de frente quanto para mantê-la longe de qualquer coisa que possa desencadear sua sede de sangue.

Respiro fundo e tento buscar calma. "Saela," digo simplesmente.

Stark me entende. "Há algumas tendas semipermanentes no perímetro externo da base, onde soldados e Bonded podem se revezar para períodos de descanso. Muitos deles deveriam estar vazios agora, considerando," ele acrescenta com gravidade. Cratos se mexe sob ele, e o corpo de Stark se tensiona para se ajustar ao deslocamento de seu peso. "Ela terá privacidade e segurança em uma das tendas da seção dos Vinculados. Vai ser confortável."

"Eu posso acompanhá-la. Fiquem de guarda," Venna oferece imediatamente. "Podemos pedir para os lobos arranjarem animais se Saela precisar se alimentar."

Um arrepio de gratidão percorre rapidamente minha espinha. Quando chega ao meu peito, pega no meu coração e infiltra força no meu sangue. Significa muito que a Venna esteja lidando com a condição da Saela na boa.

"Obrigada", eu digo, saindo das costas de Anassa para ajudar Saela a descer.

Ela me deixa guiá-la, mas quando os pés dela estão no chão, não me solta. As mãos dela amassam o tecido da minha camisa. Reconheço o jeito como ela está, encolhida sobre si mesma. Aquele pequeno abaixinho de cabeça sempre foi um sinal de nervosismo ou medo.

"Eu não deveria ter vindo aqui", ela sussurra. "Isso foi um erro. Desculpa, Mer."

Ela também está dando voz à minha insegurança. Deixei-me convencer de que o lugar mais seguro para minha irmã era comigo. Mas vendo isso, entendendo o

que significa estar em uma zona de guerra ativa onde meu próprio lado está perdendo terreno rapidamente... Cometi um erro grave?
Não posso me dar ao luxo de demonstrar dúvidas. Ela precisa da minha garantia, não das minhas inseguranças.
Ajoelhado diante dela, levanto a mão para segurar suavemente seus pulsos.
"Independentemente de como chegamos aqui, estamos aqui. E você é uma princesa de Nocturna com responsabilidades para com seu povo." Os olhos de Saela se arregalam levemente. "Você precisa ser corajoso por eles. Venna vai te proteger. Vou ficar lá esta noite quando terminar no comando central."
Ela se aproximou e me abraçou. Tenho que fazer um esforço enorme para não desaboar em lágrimas. Eu a envolvo nos meus braços e a abraço forte.
O abraço é muito mais curto do que eu gostaria, e então ela se afasta de mim. Venna a ajuda a subir nas costas de Skaia, e então as duas partem na direção das tendas.
Saela olha para trás, porém, com uma expressão que faz meu coração doer.
Fiquei ali por um momento, olhando para ela. Eu encaro até as pontas dos dedos de Stark roçarem o topo do meu ombro. Os dedos desse braço se mexem como se quisessem retribuir o toque. Mas quando olho para ele, não sei se ele está me confortando ou dizendo que precisamos seguir em frente.
Então não digo nada e continuo em direção ao centro de comando no coração do acampamento.
À medida que descemos, o cheiro de corpos e morte demais se torna inegável.
O acampamento é uma mistura estranha de triagem tumultuada e vazio estranho. Forças Phylax têm sido estacionadas aqui de forma intermitente por décadas. Agora eles se foram, e os reforços ainda estão a dias de distância.
As tendas vazias fazem o lugar parecer uma cidade fantasma. O que não é exatamente reconfortante.
Seguimos pela área de triagem médica, os pés apertando na lama profunda.
Não entendo muito de cuidados médicos, mas até eu vejo que os trabalhadores aqui estão com falta de pessoal.
Os poucos médicos correm de um lado para o outro sem parar para descansar. E à nossa esquerda, uma carroça que carrega vários corpos bem aí... deitado ali.
Tenho certeza de que alguém vai voltar para buscá-los, garantir que voltem para casa com suas famílias para que possam viver o luto adequadamente. Ainda assim, vê-los esperando é perturbador.
Olho de novo enquanto passamos mais perto dos mortos, e minha respiração falha. Reconheço um deles.
Roddert. Ele era Estratego. Do meu grupo de treinamento.
Ele tomou café da manhã conosco. Lembro dele olhando para Izabel como se ela fosse feita de diamantes. Lembro dele lutando com a Nevah. Ela disse que ele tinha um domínio incrivelmente bom de aparar.
Acho que não era estranho o bastante.
Percebi. Na verdade, ela passa sobre mim como uma tempestade de neve. Estou me afogando e queimando ao mesmo tempo. Porque eles não são apenas vítimas anônimas. Estar aqui, ver, sentir. Sabendo disso.
É impossível colocar distância entre mim e as vidas que estão perdendo.
Quantos rostos conhecidos nunca mais vou ver?

O nome de Izabel ecoa nos meus ouvidos.
"Meryn."
Levanto a cabeça e vejo que chegamos à tenda central de comando. Stark segura a aba da porta aberta, esperando eu entrar primeiro.
Exalo fundo e me abaixo para dentro. O interior é escuro, exceto por alguns raios de luz vindos de fendas na lona da tenda, um punhado de lanternas e um único braseiro soltando fumaça em um canal de ventilação.
Várias pessoas estão reunidas ao redor de uma mesa. Cálices estão espalhados pela superfície, assim como mapas e figuras destinados a representar a situação estratégica atual. Uma adaga sai da madeira da mesa, como se tivesse sido cravada ali no meio de uma discussão e esquecida.
Como sempre, Siegrid tem uma figura imponente. Ela está curvada sobre os mapas, a expressão sombria ao receber relatórios de soldados. Seus braços estão abertos, marcados por cicatrizes e tatuados. A cabeça dela está baixa. Ela os escuta como se cada palavra que dizem fosse a última, dependendo do humor dela.
Stark e Noemi entram na tenda atrás de mim, e nós três esperamos uma pausa no briefing. Um tumultuoso percorre a tenda quando as pessoas percebem que cheguei, e Siegrid levanta a cabeça.
Quando ela me vê, a postura dela não muda. Ela permanece com as mãos firmes, os ombros largos à mostra, os bíceps se contraindo.
E então, em vez de me dirigir, ela olha além de mim e diz: "Noemi, é tão bom ter você conosco."
Virando-se para o restante dos líderes da matilha reunidos, ela explica: "Noemi resistiu à deserção de Phylax e se recusou a seguir sua matilha quando declararam apoio a Killian."
Os olhos de Noemi se transformam em nuvens de tempestade. Seu corpo está tenso como uma corda de arco.
Um Kryptos Gamma lança a Noemi um olhar francamente avaliador. Algo no jeito que ele a encara me faz ficar arrepiada.
Não tenho tempo de pensar mais nisso antes que Siegrid dispense seus oficiais com uma ordem severa.
Eu me viro para ela enquanto os outros homens e mulheres saem. Alguns olham para mim ou para Noemi antes de desviarem rapidamente o olhar. Nenhum deles olha para Stark.
Então somos só nós quatro na tenda do comandante. E de repente eu me lembro de tudo que Stark me contou sobre Siegrid. A mulher que ela é. Meu sangue esquenta de raiva, sombras começam a se agitar, e tenho uma vontade ridícula de me colocar entre ela e Stark.
Proteja-o. Proteja a garganta dele. Talvez dar um soco no dela.
A garganta dela é tão que dá pra socar agora.
"A situação aqui nunca foi tão grave", diz Siegrid de forma simples, me tirando dos meus devaneios violentos.
Certo. Situação crítica na linha de frente de guerra. Talvez não dê um soco no seu comandante-chefe... Ainda.
Siegrid entrelaça as mãos atrás das costas e contorna a mesa para ficar diante de nós.

"Os Sifões fizeram várias incursões profundas nas terras agrícolas, como você provavelmente percebeu pela sua aproximação. Nosso perímetro original, mantido pela matilha Phylax, simplesmente desapareceu."
Ela respira fundo, mostrando um raro momento de inquietação. Me abala vê-la tão inquieta.
"Vossa Alteza, como sabe, nosso plano era usar sua força como último recurso para reforçar nossa segunda linha de defesa. Mas as coisas mudaram." Ela se recompõe visivelmente, alisando o rosto de volta à sua habitual impassibilidade enquanto transmite o pior das notícias.
"Por enquanto, a cidade de Weisenstat e a maior de nossas áreas agrícolas permanecem intactas. Mas recebemos informações ontem à noite de que Astreona enviou reforços — um general Sifão muito poderoso, com uma série de novas forças. Isso não é mais apenas uma missão defensiva. Os Sifões perceberam nossa fraqueza aqui, e antecipamos um grande ataque."
Ela não pronuncia a conclusão óbvia, mas posso dizer que todos pensamos isso: vai ser um banho de sangue.
Ironia do destino, a notícia de que estamos em desvantagem me dá uma espécie de calma estranha. É como a sensação de empolgação que eu teria antes de uma luta difícil nos ringues clandestinos, eu percebo. Enfrentar alguém maior e mais perigoso que eu. Sabendo que talvez seja o fim, a vez em que finalmente estou em desvantagem.
Agora, assim como naquela época, minha determinação se fortalece em algo de aço, carregado de antecipação.
Eu vivo para probabilidades perigosas.
Me aproximando da mesa, estudo os diagramas de batalha. "Quais são seus planos até agora? Ainda vai funcionar para aproveitar meu poder de escudo até conseguirmos colocar reforços?"
"Não," Siegrid responde secamente. "Há área demais para cobrir, e com as forças que enfrentamos agora, é provável que os Sifões ataquem em vários lugares. Mas estaremos muito dispersos se tentarmos antecipar todos os alvos potenciais. Além disso, os fazendeiros estão se recusando a abandonar suas terras e buscar refúgio em outro lugar—mesmo que tivéssemos tropas extras para ajudá-los a sair, eles não iriam."
Ela passa a mão no rosto. "Tem mais uma coisa. Rainha Meryn, a corrupção na magia dos Vinculados parece estar piorando."
Meu estômago despenca. Estávamos de olho nisso desde que foi notado pela primeira vez. Mas Siegrid estava tão confiante de que isso melhoraria assim que Tormun pegasse Killian. Uma vez essa maldita pulseira saiu do meu pulso.
Adeus a isso.
Já ouvi mais menções de cavaleiros Daemos sofrendo reação quando impulsionam, como aconteceu com aquele garoto na arena, embora Stark não tenha passado por isso. Noemi comentou casualmente durante a viagem até aqui que seus próprios escudos ficaram fortes demais às vezes, bloqueando Bonded de fora.
Não que ainda tenhamos muitos Phylax para nos preocupar.
"A força extra da magia ajuda em algo?" Pergunto. Desde que coloquei a coroa, a magia de todo mundo aumentou.

Siegrid franze a boca. "Não. As tropas não tiveram tempo de aprender a dimensão das mudanças ou ajustar nossas manobras de batalha para compensar as diferenças."
Estamos todos quietos, considerando isso.
Meus instintos estão tentando me dizer algo. O que eu teria feito no ringue de luta quando as chances estavam tão claramente contra mim?
Eu quase sempre conseguia ganhar. Não importa o quão formidável seja o oponente.
Era porque eu podia surpreendê-los. Eles olharam para mim e acharam que me conheciam. Achava que eu era uma menininha fraca que desistia facilmente, mal resistia.
Que surpresas temos na manga agora?
"Devo ser previsível", murmuro, ficando mais confiante nas palavras ao dizê-las. "Não precisamos aceitar a derrota antes que ela aconteça. Nada é inevitável. Talvez eu tenha um vislumbre de um caminho para o sucesso."
Siegrid acena lentamente. "Vale a pena tentar, Alteza. Você tem forças para tentar agora? Prevemos que o ataque deles ocorra amanhã ou, no máximo, no dia seguinte."
Engulo em seco. Estou exausto da viagem e de lutar contra os desertores que atacaram Saela. Mas que outra escolha eu tenho?
"Eu faço."
Stark me encontra na cadeira mais confortável da tenda, e Noemi se posiciona na entrada como guarda. Siegrid se senta à minha frente, recolhendo tinta e pergaminho para estar pronta para anotar tudo o que eu transmitir.
Puxo a coroa da mochila na cintura e a coloco na minha cabeça. A descarga de poder que isso me dá é intensa, perigosa. É antinatural, cobrindo meu cansaço de forma fina. Eu poderia me meter em encrenca por depender demais dessa força.
Fechando os olhos, afundo em mim mesmo. Mesmo nos melhores momentos, é difícil desencadear a previsão. Mas eu foco na sensação que tenho ao vislumbrar o que está à frente — como a imagem enevoada na parte de trás das suas pálpebras quando você acidentalmente olha para o sol.
A magia me puxa para baixo.
Campo de batalha. Sifões por toda parte, corpos, sangue. Fumaça subindo ao longe—de fazendas pegando fogo, percebo. Anassa e eu ainda estamos de pé, mantendo um escudo Phylax com o resto de nossa energia — mas não é suficiente. O alcance do escudo está falhando, e consigo ver muitos dos nossos melhores guerreiros já mortos no chão. Os rostos me encaram, vazios.
Noemi. Belos cabelos ruivos flamejando ao seu redor, olhos sem ver.
Venna. Tão parecido com a irmã dela na morte. Rosto lindo, congelado como gelo.
Siegrid, desmembrado. Seu temível lobo gigante, Genicos, se curvava ao seu redor, como se a protegesse mesmo agora.
Forte. Forte.
Meus olhos tremulam, e me afasto desse fio, o coração disparado. Estendo a mão de novo, sigo um caminho diferente adiante.
Morte.
Fogo.

Destruição.
Cada caminho termina igual.
Até...
Sombras. Anassa e eu, e sombras por toda parte. Os Sifons em retirada.
Ofego, me afasto das visões.
"Preciso sair e enfrentar os Sifões de frente. Libere meu domínio de sombra sobre eles," digo, com a voz trêmula. "É o único futuro em que conseguimos derrotá-los."
A resposta de Siegrid é instantânea. "Não."
Eu me irrito. Não dê um soco na garganta dela. Não dê um soco na garganta dela. Não—
"Se você se lembrar", ela diz com desdém, "assuntos militares estão sob minha autoridade como Alfa Soberano. Não posso permitir que a rainha se arrisque em combate direto, especialmente quando você não tem experiência em campo de batalha além do ambiente controlado das Provas. Você não tem controle sobre a dobra de sombra, mesmo assim. Você pode morrer — e pode matar nosso povo também."
Enereio a coluna, levanto a cabeça e cruzo o olhar com Siegrid. "Você e eu sabemos que previsão é imprecisa, mas repetidas vezes, tudo o que vi foi morte e destruição. Essa é a única solução possível que me foi oferecida."
Tiro a coroa da cabeça e estudo a opala, brilhando à luz do fogo. O pesadelo das minhas visões pressiona novamente, e eu fecho os olhos com força enquanto uma onda de cansaço invade meu corpo.
Silêncio, enquanto o grupo absorve isso.
"Vou sozinho," ofereço baixinho. "Assim, ninguém mais vai se machucar se meus poderes estiverem fora de controle."
"Meryn", Noemi diz com um suspiro suave. "Não."
"De jeito nenhum," Stark retruca. "Você não pode estar falando sério. Você é a rainha. Sozinhos no campo de batalha, enfrentando nosso inimigo?"
Olho para ele implorante. "Stark—se perdermos toda essa área, nossa nação vai morrer de fome. O que é uma mulher comparada à fome de milhares?"
"Você vai com ela, Stark", diz Siegrid secamente.
Nós dois nos viramos para encará-la. "O quê?!"
"Você sabe que o Soberano Alfa também tem a habilidade de manipular sombras", diz Siegrid. "Por causa dos poderes da nossa família, Stark será protegido. Ele não pode ser ameaçado pela sua força."
Um olhar sombrio surge no rosto de Stark. "Como você sabe disso com certeza?"
"Eu simplesmente quero", diz Siegrid com um tom cortante.
Outra coisa terrível sobre Siegrid: ela deliberadamente esconde informações de Stark. Já tive o suficiente de segredos e informações mantidas por cem mil vidas.
"Enquanto Meryn empunha sua dobra de sombra," continua Siegrid, "você vai ficar de olho nos movimentos do Sifão. Se sentir que a rainha está em desvantagem, protege-a e a traga de volta ao nosso acampamento imediatamente."
"Claro que ela vai ser superada," ele late para ela. "Uma mulher contra um regimento inteiro de Sifões e seu general imensamente poderoso?"

Levanto a mão, parando-o.
Embora as visões de premonição sejam difíceis de entender, eu sei o que vi. E sei que mal pus um dedo no fundo e espiralado poço de escuridão que vive dentro de mim. Está implorando para ser liberado, sussurrando para eu me abrir e deixar que tome o controle.
"Eu consigo", digo baixinho.
Seu maxilar se contrai. "Ou você morre."
"Ou eu morro," concordo. "Talvez nós dois tenhamos isso. Mas se eu não tentar, nossas mortes são certezas."
"Nesse caso," diz Siegrid, agora totalmente convencido do meu lado do argumento. "Vamos discutir detalhes?"



Stark me acorda antes do amanhecer, exatamente como planejado. A tenda é escura e fria; O fogo no braseiro queimou até ficar apenas em brasas. Ele sai para garantir que Cratos e Anassa tenham tudo o que precisam, e eu me visto às pressas, vestindo camadas para afastar o frio.
Eu entro no outro cômodo da barraca, alimentando o fogo com lenha extra, e então me viro para acordar Saela.
Não posso ir para a batalha sem me despedir.
E tem mais algo que eu preciso também.
"Saela," sussurro, tocando levemente seu ombro. "Acorda, mana."
Seus olhos se abrem de repente, e ela boceja, sentando-se. "Meryn?"
"Quero um abraço antes de ir", digo, mantendo o tom leve e me recusando a deixar o medo ou o nervosismo sobre a batalha que se aproxima parecerem. Não para ela. "Tenho que ir lutar. Eu volto logo, prometo."
Venna e eu tivemos uma longa conversa ontem à noite, e ela prometeu cuidar da Saela, de qualquer forma que pudesse, caso o pior aconteça.
Saela assente, e na luz fraca, não consigo distinguir a expressão dela.
Pauso antes da próxima pergunta, desejando não precisar perguntar.
"Saela, posso pegar emprestado o colar da mãe? Como com a coroa, já senti que ela amplificava meus poderes antes. Acho que seria útil hoje."
Saela assente e tira a gema em forma de lágrima debaixo da camisa. Ela envolve a mão ao redor dele uma vez, como se dê sorte, antes de desabotoar e me entregar.
Enquanto ela se acomoda no meu pescoço, minhas mãos se contraem com uma explosão elétrica de energia. As sombras surgem em minhas veias, prontas para serem direcionadas. Com o colar e a coroa juntos, serei uma força a ser reconhecida.
Saela sai do ninho de cobertores no sofá e fica de pé. Então ela se move rapidamente até nossa pilha de sacos e remexe neles, jogando coisas para os lados.
"Saela?" Pergunto, franzindo a testa. "O que você está fazendo?"
Ela não para, apenas diz em voz monótona: "Preciso ir até ele."
"Ir?" Um arrepio percorre minha espinha. Cruzo até ela em dois passos grandes.

"Ir para quem, Saela?"
Ela se levanta, jogando uma mochila atrás de si. "Killian. Ele me liga."
Congelo de choque e então avanço para segurar a mão dela. Ela está tentando sair da aba da barraca e entrar no frio.
"Que—do que você está falando?!" Eu sibilo.
Meu coração dispara na garganta. Não agora, não depois de todo esse tempo. Não quando ele finalmente ficou em silêncio na minha própria mente.
Saela puxa contra mim, lutando sem pensar. Meus braços apertam mais ao redor dela, e eu quero gritar.
O vínculo de sire. Deve ser o vínculo de sire que Aldrich mencionou finalmente afetando ela. Por causa de...
O colar.
Eu colocava nela quase imediatamente depois que ela se transformava, esperando que a protegesse. E pareceu que aconteceu — de um jeito que eu nunca tinha previsto.
Arranco o colar do meu pescoço e o coloco sobre a cabeça de Saela.
No momento em que a opala toca sua pele, ela desaba no meu abraço e então se vira para mim, confusa. "Meryn? O que aconteceu?"
"Eu—" Horror abafa minhas palavras.
Killian. Aquele desgraçado.
Minha respiração volta ao normal enquanto a expressão de Saela permanece inconfundivelmente ela.
"Saela, escute com atenção. Preciso que você mantenha esse colar o tempo todo, tudo bem?"
Seus olhos se arregalam de medo, e ela engole em seco.
Respirando fundo, me inclino para que nossos olhos fiquem nivelados. Depois coloco o cabelo dela atrás da orelha e beijo sua bochecha.
"Só me promete, tá bom? Vou explicar tudo depois, mas eu estava errado sobre pegar o colar. Você precisa disso. Não tire enquanto eu estiver fora."
Ela acena em silêncio.
Depois de mais um abraço apertado, me forço a ir embora. Enquanto avanço, entro em contato mentalmente com Venna, avisando sobre o colar para que ela possa ficar de olho.
Depois alcanço Stark, que está esperando com nossos lobos. Anassa me recebe com os dentes à mostra — ela está nervosa, agitada e desesperada para sair para o campo.
Stark está montado em Cratos, vestido com roupas de batalha completas. As camadas de couro e o acolchoamento destacam seus braços e ombros musculosos, a largura do peito. Os dois juntos formam uma silhueta negra contra a luz que nasce. Uma visão de força e poder.
"Você está pronto?" Pergunto tanto a ele quanto à Anassa.
Stark apenas me encarou com cara feia. Eu sei que ele ainda está furioso porque eu ganhei a discussão, por estarmos partindo para essa missão possivelmente imprudente.
Mas também sei que ele não vai deixar nada acontecer comigo—não enquanto estiver de pé.
"Vamos lançar a morte sobre eles", rosna Anassa.

24



MERYN

Stark e eu cavalgamos em direção ao acampamento do Sifão sem alarde. Obviamente, o objetivo é surpreender as forças do Sifão, então não faz sentido fazer uma grande cena com isso.

Ainda assim, é um pouco anticlimático.

Fico estendendo a mão para tocar a opala na coroa do lobo em busca de segurança. O poder amplificado que ele proporciona está contorcendo-se e vivo nas minhas veias. Fico feliz pela força dela, embora não goste de depender tanto dela.

Nossa rota nos leva passando por alguns campos e fazendas que lutamos para proteger. É lindo na luz fraca: colinas suavemente onduladas, névoa pairando sobre elas no ar frio da manhã. Fileiras de pinheiros e carvalhos separando as divisas da propriedade.

Até as casas de fazenda precárias parecem românticas a essa hora do dia, com padrões de sombra.

Então o vento muda, soprando a fumaça dos campos de batalha de volta para nós e quebrando minhas ilusões de um campo idílico noturno.

"Vamos feder a lenha queimada", reclama Anassa. Sorrio no pescoço dela, segurando firme enquanto aceleramos em direção à linha de frente.

"Parece uma melhora em relação ao cachorro sujo," retorto.

Anassa resmunga, ofendida. "Como um ser com um olfato muito superior, posso garantir que você tem sorte de meu cheiro mascarar o seu."

O vai e vem leve diminui à medida que desaceleramos e nos movemos com mais calma e cautela. O risco de avisarmos nossos planos para qualquer batedor Sifão aumenta conforme nos aproximamos.

Passamos por labirintos de valas e fileiras de espinhos, posicionadas para ajudar a desacelerar o avanço dos Sifons.

Meu coração se parte ao ver o quão frágeis são nossas defesas. Não há nem perto de tantos lutadores aqui quanto deveriam, tanto Bonded quanto soldados de infantaria.

Um grupo esparso de cavaleiros Daemos e lobos está em patrulha, e cada um saúda respeitosamente ao ver seu Alfa e sua rainha passar. Aqui e ali, grupos de soldados a pé se abrigam, armas próximas em caso de outro ataque.

Viajamos com calma pela linha, deixando silenciosamente soldados e Vinculados nos verem, nos reconhecerem.
Mesmo que demore um pouco mais, ser visível faz parte do ponto, independentemente de Stark e eu termos sucesso hoje ou não.
Aconteça o que acontecer, precisamos mostrar às nossas forças que sua rainha e seus líderes estavam dispostos a arriscar suas vidas por eles. Eles nunca receberam isso de seus governantes anteriores.
O moral está baixo demais para perder essa chance. Só posso torcer para que faça diferença.
E que vivemos tempo suficiente para ver se ajudou, de qualquer forma.
Quando finalmente viramos para cruzar nossas linhas defensivas e entrar em território dos Sifões, invoco o rifting que venho praticando, canalizando-o pela coroa.
Posso esconder nossa presença neste crepúsculo sombrio. Stark e eu nos misturamos entre as sombras, nos aproximando cada vez mais das fileiras dos Sifons.
"É melhor eu poder invocar meu poder quando chegar a hora", digo preocupado para Anassa.
Se eu não conseguir ativar a dobra de sombra hoje, isso é basicamente uma missão suicida.
"Você vai," ela responde calmamente.
Estamos cruzando a terra de ninguém entre nossas linhas agora. A terra aqui está queimada, seca. Árvores estão queimadas ou quebradas, e não há onde se esconder.
Concentrei todo meu foco em rifting, lutando com luz e sombra para nos manter o mais visíveis possível. Enquanto isso, Stark se aproxima sorrateiramente do primeiro sentinela Sifão que encontramos, circulando silenciosamente. Morte encarnada.
Com um único golpe suave, ele remove a cabeça do Sifão.
A luz fraca fica um pouco mais clara conforme nos movemos, e eu cutuco Anassa mais rápido. O nariz dela nos alerta de outro Sifão logo à nossa frente. Eu contorno um bosque de árvores queimadas, chegando ao Sifão por trás.
Algo a alerta da nossa presença, e ela se vira rapidamente, sacando a espada.
Uma doçura aguda atinge o ar enquanto ela tenta chamar sua magia de Sifão.
Mas eu sou mais rápido. Uma faca arremessável na garganta a silencia, protegendo nosso segredo. Então Anassa e eu avançamos para tirar a cabeça dela.
Seguimos em frente por ali, eliminando quem pudesse dar um aviso.
Energia corre nas minhas veias. Anassa e eu murmuramos com satisfação sombria. Cavalgando ao lado de Stark e Cratos, entregando a morte aos nossos inimigos?
É uma sensação boa.
Finalmente, o nascer do sol está quase chegando, o céu ficando roxo e amarelo.
"É hora", digo pelo vínculo.
Então eu solto o controle da magia, expondo a gente.
Anassa e Cratos decolam, avançando a toda velocidade em direção às linhas dos Sifons. Devemos parecer listras brancas e pretas contra o terreno, estamos indo

tão rápido.
Já estamos no meio do acampamento deles quando um grito de alguém que nos vê. Gritos percorrem o acampamento, e trompetas soam. Sifões saem apressadamente das tendas, pegando armas e vestindo armaduras em uma pressa. Mas eles chegaram tarde demais.
A velocidade sobrenatural deles os ajuda, mas não é suficiente para impedir a morte que causamos. Stark e eu nos movemos em sintonia, cortando gargantas enquanto um Sifão se aproxima, depois outro. Minhas facas têm vida própria, direcionando meus braços em uma dança mortal.
Chegamos a uma clareira nas tendas que parece ser mais ou menos no meio do acampamento, e eu toco mentes com Stark: "Este lugar é perfeito. Me cobre?"
"O prazer é meu."
Ele e Cratos se viram rapidamente para derrubar o próximo atacante. Então mais quatro Sifões se aproximam, e os dois se tornam um turbilhão de lâminas e dentes, movimentos rápidos e vertiginosos demais para acompanhar.
Anassa ajuda, batendo com sua pata enorme um Sifão que chega perto demais de mim. Ela o decapita com uma mordida feroz.
Enquanto isso, busco para dentro, naquele lugar no meu coração onde habitam as sombras, rezando para que isso funcione. Eu mergulho profundamente no foco como Siegrid e eu temos praticado.
Eu me vi na visão de previsão.
Eu sei que consigo. Eu vi.
Por um momento, nada acontece enquanto tento bloquear os sons e as imagens das brigas ao meu redor.
O local onde a magia vive é como um hematoma psíquico profundo dentro de mim, terno e potente. Meu corpo lembra das sombras ativando, dançando à minha vontade.
Ainda assim... Nada aconteceu, e soltei um rosnado frustrado.
É isso?
Será que nos condenei à morte, tudo porque a inútil Rainha do Sturmfrost não consegue fazer seus poderes funcionarem quando precisa?
O pico de irritação e raiva envia um pequeno tentáculo de sombra para fora daquele lugar secreto e trancado dentro de mim.
É só um sussurro menor, mas ainda assim...
"Use-a," ouço Anassa através do meu foco. "Você não é Siegrid. Você é Meryn Sturmfrost, Rainha de Nocturna. Você é meu cavaleiro. E você e eu fazemos as coisas do nosso jeito. Não sufaça sua raiva porque alguém disse que não foi educado ou adequado. A raiva pode mudar o mundo quando usada corretamente."
Cerro os dentes. Anassa está certa.
Foda-se o Siegrid e a calma estúpida dela.
Isso é o que funciona para mim.
Canalizo cada pedaço de mim que arde de raiva. A chama da minha fúria está trancada bem fundo, eterna e dolorida.
Mas está aqui, sempre comigo.
Sou eu.
Imagens piscam nas minhas pálpebras.

Saela atrás das grades, então encharcada de sangue, rosto pálido como um fantasma.
Os olhos vidrados de Izabel, seu corpo a traindo. Convulsionando no chão.
Minha mãe, perdida no domínio de visões que nunca teve a chance de entender.
Anassa, sozinha por séculos, órfã dos Sifões, esperando incessantemente por um vínculo que talvez nunca chegasse.
Os olhos azuis amaldiçoados de Alistair Brightbane no rosto lindo e mentiroso de Killian.
Algo cavernoso se abre dentro de mim, uma profundidade muito além do que percebi antes. Consigo sentir, nas bordas, a influência de Killian. Se não fosse por essa pulseira no meu pulso, eu poderia partir o mundo ao meio.
Ainda assim, é uma quantidade esmagadora e assustadora de poder.
E então... É como se o nascer do sol começasse a se inverter.
Por todo o acampamento, sombras se torcem, giram e dançam enquanto se encontram, se combinam e se transformam em rios de escuridão. O poder negro vem de todos os lados, correndo e rugindo sobre as fazendas e campos de batalha marcados e entrando no acampamento dos Sifons.
Estendo os braços, deixando a magia me preencher. O poder é uma fogueira gelada dentro do meu peito. Chamas frias se espalham pelos meus braços, pelas minhas mãos, até cada ponta dos dedos.
Agora é tão fácil, agora que não estou resistindo. Fácil demais. Ouço uma risada meio maluca e percebo que sou eu fazendo o som.
"Agora, Meryn!" Anassa me puxa de volta à minha tarefa.
Flexiono as mãos, cordas de escuridão se enrolando ao redor do meu corpo.
De repente, é demais.
Um poço negro e aberto se abre atrás dos meus olhos, e minha visão fica turva. Meu controle começa a vacilar à medida que mais e mais sombras se juntam a mim, escorrendo pelo chão, pelas tendas e pelos Sifões ao nosso redor como água, e eu não consigo —
"Estou aqui com você, Meryn!" Desta vez é Stark, na minha cabeça. A voz de Stark, a força de Stark me segurando.
Perdida na escuridão, olho em direção ao som da voz dele, estendendo cada pedaço de mim em direção a ele. Assim como eu estendi a mão para ele no acampamento.
Só que desta vez, um vínculo sombrio começa a se formar entre nós.
Finalmente, um pedaço da minha alma suspira.
É lindo.
Uma ponte de escuridão brilhante se arqueia entre nós, feita de cordas cintilantes de sombra. Eles se trançam e torcem ao alcançá-lo.
E... Conecte-nos.
Não sei o que está acontecendo ou como. Tudo o que sei é que de repente estamos ligados — as sombras nos unem, envolvendo nossas almas e puxando firme. Tão unidos que talvez nunca nos separemos.
A raiva dele vira a minha raiva. Minha fúria vira dele. Cada respiração nos aproxima em nossas mentes.
O rio da nossa conexão mental se contraiu. Não há água rio abaixo. Simplesmente existe. Stark e eu, intimamente conectados de uma forma que não

deveria ser possível.
"Anassa, o que é isso?" Eu grito com ela. "Esse é seu vínculo de companheiro?"
"Não," ela responde, com tom confuso. "Não entendo essa conexão."
Eu respiro fundo, e é o sopro dele na minha boca. Meus olhos se abrem lentamente, e vejo em dobro: minha visão e a de Stark se misturam.
É estranho e avassalador, mas também está tão certo.
"Não mergulhe sozinho na sua escuridão", ele diz ou pensa—ou eu digo, ou eu penso. Não consigo mais dizer onde um de nós começa e o outro termina.
Mas eu entendo o que ele quer dizer. Eu também sinto: Ele pode carregar meu poder. Ele pode usá-la, se eu deixar que ele tenha.
Posso fazer essa escolha, abrir mão de uma parte de mim? Posso realmente confiar nele para isso?
Sim, minha alma grita em resposta.
"Fique com ela", eu acho.
A boca dele é a minha enquanto ele respira nas sombras. Estou intensamente consciente do atrito dos dedos dele; É como um toque leve como uma pena na minha própria mão. O toque dos cílios longos dele na bochecha é como um beijo na minha pele.
Eu ofego. Meu corpo está em chamas de calor e prazer.
E a dele também. Estou em cada centímetro dele. Seus músculos se contraíam, o movimento da mão na espada. O desejo quente que arde tão forte que é ofuscante.
Ele está em mim também. Sentindo como meu corpo responde. A tempestade de necessidade que gira por mim, perigosa como uma tempestade de gelo.
Nosso link se completa, nosso total de sobreposição.
Um poder sombrio irrompe entre nós.
O poder flui através de mim, para dentro dele e de volta para mim.
Não precisamos mais de palavras para nos comunicar—estamos tão próximos que os pensamentos dele são meus pensamentos, os desejos dele meus desejos.
Eu agarro e alinho minha mente com a dele.
Juntos, nós EMPURRAMOS.
O mundo perde todo o som e cor. O tempo se suspende.
E então, com um rugido retumbante, a escuridão se espalha de nós em todas as direções.
As sombras se espalham e então pressionam, descem, em uma pressão esmagadora. Todo sifão num raio de cem pés de nós de repente grita forte, seus corpos jogados na terra.
A magia avança, se estendendo cada vez mais. Alcançando cada vez mais inimigos.
A pressão implacável me pressiona, e Stark, nossas mentes entrelaçadas. Cerro os dentes, fecho as mãos e empurrando mais. Ao meu redor giram os sons de armaduras quebrando, crânios se quebrando e gritos cortando de repente.
Grito de prazer e dor, o poder e a conexão avassalando.
A voz de Stark se funde com a minha.
E então, juntos como um só, deixamos ir.
O poder se dissipa.
A luz retorna ao mundo.

Pisco os olhos, a visão lentamente voltando ao normal enquanto nossas mentes se desligam e voltamos a nós mesmos.
Tudo perto de nós ficou em silêncio. Imóvel como a morte.
Eu desmaio nas costas de Anassa quando a última energia me abandona e o cansaço me invade.
"O que foi isso?" Falo mentalmente com Stark, as barreiras entre nós quatro ainda estão tênues. "Que porra foi essa, por amor de verdade?"
Seu rosto está confuso, curioso. "Eu... Não sei. Essa conexão era... Não sei." Nós nos encaramos. "E então, com seu poder, ele veio através de mim, e juntos, podíamos controlá-lo, domá-lo."
Minhas bochechas coram com isso. Há um eco da nossa conexão, a pele dele queimando, o passar da língua pelos lábios. Eu estremeço.
Anassa intervém: "Nunca ouvi falar disso antes. Mas talvez seja conhecimento perdido para as Rainhas do Sturmfrost de antigas e para os companheiros de seus lobos?"
Guardo isso para pensar mais depois, quando não estivermos no meio de uma frente de guerra.
Tudo ao nosso redor está calmo em seu horror: corpos mutilados. Poças de sangue e cabeças quebradas. Armadura metálica se abriu e achatou. Barras quebradas, tecidos rasgados e armas espalhadas deixadas cair por mãos destruídas.
"Acho que nossa teoria estava certa", observa Stark. "Esmagar completamente os crânios deles funciona tão bem quanto decapitar."
Soltei uma risada sufocada, a irrealidade de tudo aquilo avassaladora.
Alguns sobreviventes de uma parte distante do acampamento dos Siphons estão se movendo agora, se reunindo. Eles estão longe, e eu aperto os olhos para tentar entender o que está acontecendo.
"Eles estão se reagrupando", digo a Stark. "Tem uma força à esquerda se formando, mais organizada desta vez—"
"Eu os vejo," ele me interrompe. "Você acha que pode invocar as sombras novamente quando elas se aproximarem? Você acha que podemos fazer — isso — de novo?"
Minha mente ainda está entorpecida pelo esforço, mas faço o queixo e foco para dentro, encontrando aquela raiva no meu âmago e puxando as sombras novamente.
Tudo dentro de mim se esforça. É como se eles estivessem relutantes, ou talvez meu chamado não fosse tão forte no meu cansaço.
Finalmente, aquela piscina de escuridão desperta. As sombras começam a se reunir, fluindo lentamente, e eu rango os dentes, usando tudo dentro de mim para focar meu controle—
"Meryn," a voz de Anassa interrompe meu foco, e as sombras caem, dispersando-se de volta à paisagem ao nosso redor.
"O que foi?"
"Eles estão recuando."
Stark e eu assistimos confusos enquanto o grupo que avistamos se afasta de nós.
Fico muito feliz: meu corpo é um pano esgotado. Invocar esse poder novamente me fez sentir como se eu fosse virar cinzas.

Mas não faz sentido. Sim, eliminamos dezenas de inimigos, talvez até centenas. Mas a força de combate aqui era de pelo menos milhares de homens, pelo que nossa inteligência recolheu. Eles não desistiriam assim, vão?
"Algo não está certo", digo para Anassa. Ela concorda.
Mais Sifões surgem de outras partes distantes do acampamento, mas nenhum se aproxima de nós. Em vez disso, eles se afastam do grupo maior, se afastando de nós.
Sei que não devo ver fraqueza onde não há. É meu truque.
Há um silêncio estranho. Ela espreita na fumaça da batalha, pesada e intrusiva. Franzo o lábio e encaro a linha que se afasta, tentando entender o que estão fazendo, o que está acontecendo.
Então eles se separam, fluindo como água.
E eu o vejo piscando ali, viajando por uma larga fileira entre tendas distantes de acampamento.
Uma bandeira branca tremula contra o nascer do sol rosa-acinzentado e o acampamento banhado de carmesim.
Uma bandeira da paz.
Imediatamente, meu interior se contorce e se distorce de raiva. Cratos e Stark se aproximam, e percebo distraidamente que o pelo de Cratos está molhado de sangue. Stark é tão imundo quanto seu lobo. Há um derramamento de sangue pelo pescoço, como se ele tivesse sofrido um corte profundo perto da orelha que Cratos curou rapidamente.
"Isso pode ser uma armadilha. Você não pode confiar nisso", ele diz severamente.
Meus lábios se curvam para cima. "Eu sei disso."
Ele parece surpreso, depois aliviado, depois divertido. Tudo isso em pequenos tiques que de alguma forma consigo ler.
Ele está certo, de qualquer forma. Provavelmente é uma armadilha—cada parte machucada e cansada de mim grita que é—mas estamos prontos para enfrentar juntos. E se isso me der um tempo crucial para recuperar minha energia, me preparar para outra explosão de magia, melhor ainda.
A bandeira tremulante e seu portador se aproximam de nós. Ficamos esperando, sem querer abrir mão da nossa posição. Com tudo ao nosso redor achatado, temos linha de visão clara caso alguém tente atacar de repente.
Os primeiros raios do sol atingem a armadura reluzente da figura, reluzindo e surpreendentemente limpos em contraste com a lama e o sangue que nos cobrem e ao nosso redor.
Uma mulher, eu percebo. Seus cabelos escuros estão presos bem apertados, exibindo um rosto etéreo e belo. Ela está quase chegando a nós, e eu encaro suas maçãs do rosto proeminentes, mandíbula delicada, pescoço esguio. Sua pele castanha rica reflete os tons laranja do nascer do sol.
Tanta beleza enrolada em algo tão mortal.
Ela é mais que uma simples soldado, percebo imediatamente. Ela segura os ombros para trás do mesmo jeito que Siegrid faz, como se fosse dona do chão que pisa apenas pelo toque do pé.
Esse deve ser o general Sifão de quem ouvimos falar.
Ela vem direto até nós e não se assusta quando Anassa estala os dentes. Ela nos

encara, depois estica a cabeça para nos encarar. Ela planta a bandeira branca no chão aos seus pés, e suas mãos se cruzam atrás das costas.
Esse movimento sutil parece um insulto para ela, como se ela estivesse dizendo que mesmo que decidíssemos atacá-la agora, ela não precisaria das mãos prontas para nos destruir.
Uma gota de suor escorre pela minha espinha. Suas narinas se contraem como se ela pudesse sentir o cheiro. Mas, em vez de mostrar as presas, ela inclina a cabeça. Não é sinal de deferência.
É quase um reconhecimento.
"Sou a General Ruby Navarro, representando o Rei Lucien Brightbane de Astreona como seu embaixador", diz ela com uma voz sedosa e sedutora. "Você é a rainha, não é? O Rei Lucien tem uma proposta de cessar-fogo para a Rainha Meryn Sturmfrost."
Um choque percorre meu corpo, quase me derrubando de Anassa.
"Você está brincando," solto, meus olhos deslizando para Stark. A confusão também brilha em seu olhar.
Quinhentos anos de guerra pausados com seu primeiro cessar-fogo? Quando os Sifons tiverem a capacidade de ganhar mais terreno em Nocturna do que nunca?
Me recupero rapidamente e coloco um pouco de metal na minha voz. "Qual é o significado disso?"
Ruby arqueia uma sobrancelha elegante. "Nossa batalha não é contra vocês, Alteza, nem com seu povo", ela nos diz claramente. "É hora de Astreona e Nocturna se unirem contra nosso inimigo comum."
Ela inclina a cabeça para que seus olhos escurecam de malícia.
E ela sussurra o nome dele como se fosse uma maldição. "Alistair Brightbane."

25



MERYN

Lord e Lady Grunfall têm uma casa de campo há muito abandonada bem perto da fronteira entre Nocturna e Astreona. Foi devastada pela guerra sem fim. Mas está longe o suficiente das atuais grandes zonas de conflito para parecer uma zona segura.

Por... Negociações de paz.

Felizmente, nos deram um dia para pensar no próximo passo. Não que eu tenha usado esse tempo para pensar — em vez disso, dormi como um morto graças aos efeitos da magia intensa que Stark e eu usamos.

Também não tive tempo de pensar nisso ainda.

Stark e Siegrid concordaram em me acompanhar na reunião, e nós três seguimos em direção à mansão. Foco na respiração ofegante de Anassa sob mim e, de vez em quando, lanço olhares furtivos para Stark e Cratos quando sei que Siegrid não vai notar.

Essas coisas me mantêm com os pés no chão. O canto dos pássaros também.

Stark e eu não conversamos mais sobre o que aconteceu no campo de batalha. Isso... conexão entre nós. Não consigo parar de pensar nisso. Mas todos nós fortalecemos nossas barreiras mentais agora que a ameaça imediata desapareceu, então não sei se ainda está na cabeça dele.

A mansão arruinada de Grunfall aparece à vista, e percebo que está em uma leve elevação com linhas de visão em todas as direções. Seria difícil para qualquer um se aproximar sem ser detectado, seja Vinculado ou Sifon.

Se isso for uma emboscada, não vai nos pegar de surpresa.

Insisti em nos encontrar do lado de fora, claro. Se tudo isso acabar sendo uma armadilha elaborada, recuso-me a ser encurralado dentro das paredes desmoronadas desta ruína decadente.

Atualmente, estou apostando setenta e trinta a favor de terminar em sangue.

Se a Ruby me irritar, porém, está disparando, cem a zero.

Nós nos acomodamos sob a sombra da torre da mansão. Siegrid desmonta primeiro, Genicos seguindo o passo atrás dela.

Olho para Stark novamente. Ele está me esperando. Quando desmonto, ele me segue. Então ele está ao meu lado, a mão apoiada na adaga no quadril.

Um pátio elaborado se estende diante de nós. Claramente já foi belo — uma

colunata estendida, um gazebo murcho. Um mergulho seco no terreno sugere o que provavelmente foi um pequeno lago.
Agora, está todo tomado pelo mato e desarrumado. As ervas daninhas estrangulam as plantas que permanecem. Hera seca como um estalo gruda nas colunas. Há um banco de pedra perto do lago vazio que está de costas, com os pés no ar.
No centro de tudo há uma enorme mesa de pedra. Foi limpo dos detritos e arrancado das vinhas. E sentada nela está uma mulher estranhamente linda que reconheço.
Ruby está empoleirada em uma cadeira de pedra, as pernas cruzadas nos tornozelos, o queixo erguido. Seu cabelo preto está solto sobre os ombros, e as ondas sutis complementam as linhas mais marcantes do rosto. Ela está sem armadura, e suas roupas coloridas são perfeitamente ajustadas. Ela usa dois argolas douradas em cada orelha.
Atrás dela estão dois atendentes, tão duros quanto a mesa à sua frente. Eles estão mais humildes e não nos olham quando entramos no pátio — um feito, considerando o tamanho dos nossos lobos que nos seguem.
Ruby se levanta para nos cumprimentar. Trocamos acenos curtos antes de assumir nossas posições. Sento-me em frente a ela, enquanto Stark e Siegrid permanecem exatamente atrás de mim, de cada lado.
Faço uma postura calma enquanto me viro para olhar Ruby diretamente nos olhos. "Seus termos?"
Ruby não pisca com minha brevidade. "O verdadeiro inimigo de Astreona nunca foi Nocturna ou seu povo, mas especificamente Alistair Brightbane. Ele usou seu trono para desafiar o governo do Rei Lucien por cinco séculos. Agora que uma nova Rainha Sturmfrost está no trono, o Rei Lucien vê uma oportunidade de reconstruir uma aliança outrora florescente e focar em nosso inimigo comum. Podemos tornar o cessar-fogo permanente."
Mantenho cuidadosamente minha máscara diplomática. Mas por dentro, solto um gemido longo e desorientado. É quase impossível acreditar nela.
Os Sifões são literalmente monstros sugadores de sangue que se alimentam de humanos para sobreviver. Por séculos, eles tentaram tomar nosso país para se alimentar dos Nocturnans.
Presas frescas, é só isso que somos para eles. E agora ela está tentando dizer que de alguma forma poderíamos ser aliados?
Mas, então, os últimos seis meses me ensinaram que a história é escrita pelas pessoas que mandam, e que o resto de nós precisa ler entre as mentiras.
Então... Vou continuar ouvindo.
Aperto os lábios e pergunto: "Depois de anos nos aterrorizando, por que Astreona de repente ofereceria paz? O que você realmente quer em troca?"
Um pequeno sorriso cúmplice brinca nos lábios de Ruby. Parece que passei em um teste. "Em troca de um cessar-fogo imediato em todas as fronteiras, você deve concordar em viajar comigo até a cidade de Brightbane para se encontrar com o Rei Lucien e formalizar a aliança."
Stark explode, batendo o braço na mesa à nossa frente, ao mesmo tempo protetor e ameaçador.
Há um rosnado baixo na voz dele enquanto ele solta um seco "Vai se foder."

Estou dividido entre uma satisfação intensa e o conhecimento de que ele provavelmente não deveria ameaçar um embaixador.
O olhar de Ruby se volta para ele e depois volta para mim preguiçosamente. "Sugiro que você retire seus músculos e considere a posição precária do seu reino."
Anassa rosna ameaçadoramente, e Ruby se encolhe, só que levemente. O lobo gigante termina o rosnado com um latido zombeteiro.
Eu sorrio de lado. "Você deve saber que Anassa é a força forte aqui, e ela não gosta de ser testada. Ela considera a língua de Sifão uma iguaria que está morrendo de vontade de experimentar."
"Rainha Sturmfrost," Ruby continuou, se recompondo, "é vital que você entenda a posição em que se encontra." Ela espalha seus dedos longos e perfeitos sobre a pedra áspera. "Você perdeu toda a matilha Phylax para Alistair, que deixou sua garganta desprotegida. Por isso, nossas presas permanecem perigosamente próximas. Nenhuma tática inteligente — nem mesmo o poder dos seus lobos gigantes — tornará sua situação militar atual sustentável. E esquecendo as fronteiras que compartilhamos, sabemos que uma guerra civil iminente se aproxima dentro do seu próprio reino."
Me inclino para frente, prendendo-a com meu próprio olhar intenso. "No entanto, é você quem quer algo de mim. Você pretende ganhar minha cooperação com ameaças, General Navarro?"
"Não", ela diz. "Espero convencê-lo lembrando da realidade. Se você quer um cessar-fogo e dar alívio aos seus cidadãos, viajará até a cidade de Brightbane para discutir a aliança com nosso rei. Se não tiver, assumiremos que você não tem interesse em nossa parceria. Entraremos em Nocturna de qualquer forma e caçaremos Alistair por métodos de nossos próprios projetos, começando por limpar a vila de Weisenstat para garantir que não esteja abrigando o traidor ou qualquer um que lhe seja leal. Você cultiva grãos nesta área, não é? Seu povo consegue sobreviver sem isso?"
"Hã, isso parece bem uma ameaça," respondo friamente.
Ela pressiona os lábios cheios. "Garanto que não é para ser assim. Não queremos entrar em sua nação soberana sem sua permissão. Mas se não conseguirmos chegar a um acordo, chegaremos."
"Me dê um bom motivo para não cortar a cabeça dessa vadia agora," sussurro para Anassa através das amarras. "Sério, preciso que você seja a voz da razão porque estou prestes a perder a cabeça."
Stark também está ardendo de raiva atrás de mim, e ela está me alcançando e intensificando a minha.
"As táticas dela são descortês, mas sinto sinceridade nela", diz Anassa. "A oferta parece genuína."
"Então, o quê, viajamos para os extremos mais distantes da nossa nação inimiga à ordem do rei deles, deixando nosso país sem líder? Tudo na esperança de que o que nos espera seja melhor do que arriscar a ira deles?" Paro, refletindo sobre isso. "Acho que devo usar a previsão."
"Isso pode ser sensato", diz Anassa. "Desde que você lembre que as visões não estão completas."
Fechando os olhos, me deixei entrar totalmente em nosso vínculo, acessando o

poder do meu Stratego. Dessa vez está mais fácil, depois de usar tão recentemente. Como um caminho que já percorri antes. Mas as visões vêm rápido... E brutalmente.
Se eu não concordar em ir com a Ruby...
Campos em chamas. A vila em ruínas.
Crianças vagando cobertas de fuligem, descalças, entre os escombros. Chorando pelos pais. Chorando por comida.
Destruição e miséria imediatas.
E se eu concordar em ir...
O sol escaldante. Uma coroa dourada, não a minha. Sangue, escorrendo lentamente pelo pescoço de alguém.
Também não parece ótimo, mas é bem menos sinistro.
Minha garganta aperta enquanto meus olhos se abrem de repente.
A miséria do meu povo pode ser evitada.
"Posso fazer uma escolha que adie esse futuro", digo a Anassa. "Mas como eu sei que isso não vai resultar em algo pior acontecendo no futuro? Mais longe do que posso ver?"
Anassa fica em silêncio por um momento. Eventualmente, ela diz: "Você não tem, e nunca vai saber. Essas são as decisões que você deve tomar como líder do seu país. Tudo o que você pode fazer é tomar a melhor decisão no momento com toda a informação que tem, e então viver com as consequências."
Quero gemer. "Ótimo. Como alguém conhecida por tomar decisões totalmente sem impulsos, sou muito qualificada para este trabalho."
Anassa resmunga ao meu lado. "É por isso que vocês, humanos, precisam de lobos gigantes. Não somos tão irracionais."
"Sim, fico muito feliz de poder receber conselhos de alguém que fareja bunda."
Ela morde meu tornozelo, e finalmente olho de volta para Ruby. "Sua posição está clara. Vou precisar consultar meus conselheiros antes de tomar uma decisão tão importante."
Ruby inclina a cabeça em um leve reconhecimento. Se ela está frustrada, não revela. Ela soa indiferente ao dizer: "A oferta expira em vinte e quatro horas, após as quais as hostilidades recomeçarão com força total."
Levanto do meu assento. "Vinte e quatro horas", reconheço.
Inesperadamente, a expressão de Ruby muda para quase... diversão. Sinal de alerta imediato. Quando ela se levanta, fico um pouco tenso.
"Para ajudar a rainha a considerar nossa proposta, tenho um gesto de boa vontade para apresentar", diz Ruby. Ela acena para um de seus atendentes, que desaparece pela lateral da mansão. Minhas mãos estão em punhos quando ele retorna momentos depois, com outra figura atrás dele.
Meu mundo inteiro desloca.
Por um segundo, parece que a mansão em ruínas finalmente cedeu ao próprio peso e desabou. Sinto que sim, como se as pedras tivessem esmagado todo o ar dos meus pulmões.
Não consigo manter a compostura. Um pequeno som escapa de mim. Ferido. Perdido.
O som de uma garotinha de coração partido.
Diante de mim está meu pai, que sei que está morto há onze anos.

Ele foi transformado em um Sifão.

26



MERYN

Taqui nunca houve um corpo. Nunca houve corpo. Nunca houve um corpo.
É tudo que eu consigo ouvir. Tudo o que consigo pensar. Eu acreditava que ele estava morto, e agora ele está diante de mim como um Sifão.
Ele parece exatamente o mesmo. Exceto que não.
Seus traços estão mais nítidos. Ele não envelheceu um dia nos anos desde a última vez que o vi. O mesmo cabelo escuro, o mesmo nariz aquilino, o mesmo queixo teimoso. É o queixo da Saela. Mas seus olhos parecem um pouco maiores. Há algo mais bonito nele depois de todo esse tempo.
Eu não aguento. Não posso.
Minha magia reage à tempestade de emoções dentro de mim. Começa a me rasgar por dentro, vazando pelos poros e circulando lentamente ao redor dos meus dedos. O jardim escurece.
É preciso tudo o que restou em mim—tudo o que a morte dele deixou para trás—para manter o controle.
Anassa percebe minha turbulência. A voz explode nela, transbordando pelo nosso vínculo, e ela imediatamente solta um rosnado profundo de advertência destinado ao homem diante de nós. Ela se aproxima, mostrando os dentes, orelhas para trás, enquanto se posiciona protetora ao meu lado.
Seus olhos—olhos iguais aos meus—se arregalam diante dos tentáculos escuros de magia que o alcançam, das sombras ansiosas para estrangular sua vida. O homem que conheci levanta a mão em um gesto apaziguador, como se dissesse que não vai me machucar.
Mas não importa, porque só de ver isso me dói mais do que qualquer lâmina poderia.
No momento em que ele levanta as mãos e mantém as palmas planas, eu vejo, e uma memória cristalina volta para mim.
Mãe, grávida de Saela, sentada na nossa cozinhinha minúscula. Ela está chorando por causa de uma caixinha. Pedi para ver dentro, e ela recusou. Eu era jovem, e não entendia o que era tão importante na caixa. Ainda não.
Demoraria meses até eu finalmente entender que não havia corpo para enterrar. Que a única parte dele que restava no mundo—a única coisa que restava—estava contida naquela caixinha.

Um único dedo, como se isso pudesse ser suficiente. Como se algo pudesse ser suficiente.
Olhando para ele agora, vejo aquele dedo faltando na mão esquerda dele, e quero gritar.
Eu agarro o pelo da Anassa para controlar. Sombras chiam ao meu redor.
"Todos, nos deixem", ordeno, com a voz rouca.
Não consigo fazer isso com todos eles assistindo. Com Ruby olhando maliciosamente, aproveitando o caos que criou. Com Siegrid franzindo a testa, desaprovando minha demonstração de emoção.
Isso precisa acontecer sem testemunhas.
Siegrid e Stark não fazem nenhum movimento para sair até que eu abra nossas conexões mentais e explique que o homem à minha frente supostamente é meu pai morto. Siegrid se tensa. Stark imediatamente dá um passo mais perto, as narinas dilatadas.
Dá pra perceber que ele não quer me deixar com minha dor. Mas ele também confia em mim para me proteger. Mesmo assim, ele não sai sem perfurar a parte de trás do meu crânio com seu olhar.
"Estarei logo além do muro da mansão, se precisar de mim," ele promete.
Siegrid inclina a cabeça em minha direção. "Vou voltar para a base. Retome as funções lá."
"Rainha Sturmfrost", Ruby alerta, "por favor, lembre-se de que você tem até amanhã à noite para decidir ou a batalha retoma com força total."
Então ela e seus acompanhantes se retiram. Os passos pesados de Cratos e Genicos ecoam sobre pedras antigas.
E Anassa e eu estamos sozinhos com ele.
O homem que se parece com meu pai.
No instante em que ficamos a sós, saco minha adaga e avanço, sombras me envolvendo.
"Quem é você?" Eu surto. Minha voz treme com uma ira mal contida. "Meu pai morreu há onze anos em batalha."
"Meryn—"
"Não diga meu nome!" Eu grito. "Você é tipo o Killi—" Paro de repente, magoada. "Você é como o Alistair? Você é um Sifão aí dentro que tomou o corpo do meu pai?"
As linhas estão se borrando. Algo quebrou quando vi os olhos do Killian revirarem. Quando eu o vi se transformar em outra pessoa. A rachadura se aprofundou quando percebi o quão fantasmagórica Saela havia se tornado. É difícil para mim, agora, acreditar que as pessoas que amo — que um dia amei — são sequer reais.
Minha adaga está pressionada contra o peito dele, ponta apontada ao coração. E Anassa paira atrás de nós, rosnando tão profundamente que isso vibra em mim mesmo sem estarmos nos tocando.
Mas ele fala calmamente. "Eu sou seu pai."
Eu balanço a cabeça. "Experimente."
"Como?"
"Me diga algo que só meu pai verdadeiro saberia," exijo.
Ele não hesita. Imediatamente, como se despertasse a memória da superfície da

alma, ele diz: "No seu nono aniversário, te levei para caçar na floresta ao sul de Sturmfrost."
Meu maxilar se contrai até meus dentes rangerem.
Ele continua. "Você aprendeu tão rápido. Sem medo, mesmo que eu estivesse preocupado que quebrar um alce te assustasse. Eu disse que ele nos alimentaria, sua mãe, os vizinhos. E você entendeu, mesmo tendo apenas nove anos. Você estava tão determinada a ajudar."
Meus olhos estão ardendo. Não quero chorar. Não quero me sentir assim.
"Então, no dia seguinte, você pegou um coelhinho minúsculo na sua armadilha. Mas você não conseguiu se forçar a matá-lo. Você implorou para eu soltar a criaturinha. Disse que você não via sentido em machucar algo tão bonito e jovem."
A lembrança queima em mim como um fogo no meu peito. Deusa, eu tinha esquecido essa parte até agora. Bloqueei toda a verdade daquele momento quando pensei nele.
Queria lembrar apenas das partes boas, do pai que passava um tempo especial sozinho comigo e garantia que eu fosse alimentado.
"Você me disse que eu precisava ficar mais forte," eu murmuro. "Para se tornar realista sobre o mundo. Você quebrou o pescoço dele."
Ele sorri levemente com isso. "Comemos ensopado de coelho, e sua mãe transformou a pele dele em um chapéu quente para você."
Um arrepio me percorre. Minhas memórias dele tinham se tornado brilhantes, higienizadas. Com uma mãe tão doente quanto a minha, os bons momentos com o pai cresceram e floresceram até bloquearem os ruins. Ele se tornou um herói na minha mente.
Aperto mais a lâmina e me recuso a largá-la. Mas agora falo fria e calmamente, não mais desesperada para despedaçá-lo. Mais focado em obter respostas.
"A história é verdadeira, mas a garota misericordiosa e inocente que você lembra morreu quando o pai dela morreu."
Ele suspira, passando a mão pelo cabelo.
"Aquela criança foi substituída por alguém que teve que crescer duro para sobreviver. Então, de certa forma, você conseguiu o que queria." Olho para minha adaga de forma significativa, como se dissesse: mataria o coelho agora. Eu vou te matar agora. "Você pode não gostar de quem me tornei."
Então eu me afasto e deixo minha raiva correr livremente. Minhas sombras avançam com força. Eles agarram seus membros e o forçam a recuar, parecendo ler minha intenção. Ele não resiste enquanto os tentáculos escuros o empurram contra a cadeira de pedra atrás dele e o prendem com tentáculos de escuridão.
Bom. Ele vai estar sob meu controle se quiser conversar. Anassa resmunga aprovando, avançando para ficar ao meu lado.
"Se você esteve vivo esse tempo todo, onde esteve nos últimos onze anos? Por que você nunca voltou para nós?" Minha adaga ainda está na minha mão. Não consigo me livrar disso. Mas deixei minha outra mão subir para passar pelos fios do pelo de Anassa.
"Meu batalhão foi emboscado, e eu fui gravemente ferido. Eles me deixaram morrer no campo de batalha. Mas—" ele olha para minha magia, engole em seco, depois encontra meus olhos "—Ruby me encontrou. Ela me ofereceu

transformação em vez de morte. E eu estava com tanta dor e muito medo. Eu sei que pais não deveriam admitir, mas eu estava com medo. E eu aceitei."
Um pai desaparecido. Um homem apavorado. Um sifão indesejado. Nada parece real.
"Acreditei que estava protegendo vocês ao ficar longe, que voltar para Nocturna como um Sifão colocaria um alvo nas costas de vocês. E, para ser sincero, achei a ideia de deixar meu pai ser... indesejado."
Eu zombou. Ele nos abandonou porque não queria deixar para trás o belo general Sifão que o transformou?
"Eu sabia que você e sua mãe eram fortes o suficiente para se virar sem mim," ele diz com uma confiança não merecida. "Que você ficaria bem."
"Tudo bem?!" Eu grito.
A raiva voltou, e vejo as sombras se apertarem sobre ele. Aproveite o olhar de medo dele. Tenho tanta dor dentro de mim. Tanta dor. E ele está aqui, e é como se eu finalmente tivesse um lugar para tudo isso ir. Quero que ele sofra.
"A mãe estava grávida quando você 'morreu'!"
Seus olhos se arregalam. "O quê?" Tenho a sensação de que, pela primeira vez nessa conversa, o surpreendi. O que significa que ele nem se deu ao trabalho de encontrar um jeito de nos checar, nem uma vez nos últimos onze anos.
"Seu desaparecimento destruiu a estabilidade mental dela. Tive que me tornar tanto irmã quanto mãe. Eu precisava pensar nas coisas, fazer coisas que nenhuma criança deveria ter que pensar ou fazer. A vida da minha irmã estava nos meus ombros. Você se importa? Você se importa que sua esposa esteja morta agora?"
Seus lábios se franzem, e ele desvia o olhar. Quando ele olha de volta para mim, algo parecido com arrependimento está nos olhos dele.
"Meryn, do jeito que eu estive morto para você esse tempo todo, senti o mesmo para mim. Você e sua mãe faziam parte de uma vida à qual eu não podia voltar, por mais que eu preferisse estar com você. Tive que aceitar isso. Eu precisava seguir em frente."
A raiva borbulha em mim de novo. "Seguir em frente? Tipo, com outra mulher?"
Seu olhar se volta até o prédio, onde Ruby saiu com os atendentes. "Ruby e eu, nós—"
"Pare," digo, levantando a mão, a náusea subindo.
"Foi assim que descobrimos quem você era. Ruby recebeu informações sobre a nova rainha de Nocturna, que ela vivia como uma plebeia chamada Meryn Cooper. Não poderia haver mais de uma Meryn Cooper em Sturmfrost. Eu disse a ela imediatamente que você era minha filha."
"Ela não é um pouco jovem demais para você?" Eu surto, mesquinha. "Essa mulher não pode ter mais de três anos a mais que eu."
Suas mãos apertam os apoios de braço da cadeira. "Ela tem quatrocentos anos. Na verdade, é meio o contrário."
Nojento. Eu me viro para ele e começo a andar de um lado para o outro, minha mente um turbilhão de raiva e confusão. Anassa me cutuca com o focinho, depois se vira para encarar meu pai com raiva.
"Sinto muito pelo que aconteceu com Nathalia—tanto sua morte quanto sua saúde mental. Sinto muito pelo peso que minha ausência colocou sobre você. E

eu sou—"
A voz dele falha, e eu me viro de volta para ele. Tenho a sensação de que ele pode estar segurando as lágrimas, mas ele as engole.
Gostaria de sentir satisfação ao vê-lo quase chorar. Que meu desabafo fez o que eu esperava. Que eu tinha parado de sofrer. Mas tudo o que sinto é um entorpecimento ecoante misturado com uma raiva contida.
"Gostaria de saber mais sobre sua irmã", ele termina baixinho. "Qual o nome dela?"
Paro de andar de um lado para o outro, voltando para o lado de Anassa. Nós o observamos em silêncio. Não digo nada para ele.
"Você me odeia?"
Mesmo assim, não digo nada. Anassa e eu somos estátuas imóveis, encarando-o.
Ele fecha os olhos e cerra o maxilar. Se isso também machucar ele, ótimo. Então ele respira fundo e diz: "Por favor, não deixe o que você sente por mim te afastar da oferta da Ruby."
Estalo a língua e me afasto dele novamente, frustrado. Começo a virar minha adaga na mão para expelir um pouco do excesso de energia.
"Astreona não tem nada a ver com o que os noturnos aprenderam", ele implora, implorando que eu acredite nele. "Os humanos vivem lá pacificamente ao lado dos Sifons, não como presas, mas como cidadãos. Se você viesse ver por si mesmo, entenderia como a realidade é diferente da propaganda com a qual foi criado."
Realidade. Propaganda. Quem é esse homem? A existência dele é uma mentira. Como ele pode falar a verdade?
"Você pode confiar neles. Astreona e o Rei Lucien serão bons aliados", ele me diz.
Pego o punho da adaga e o aperto com força, lançando um olhar fulminante para ele. "Como posso confiar em você se nem te conheço? Você esteve ausente por metade da minha vida. Que direito você tem de me aconselhar sobre alianças e governo depois de abandonar sua própria família?"
Minha raiva parece estar afetando-o — suas mãos apertam os apoios de braço novamente, e o olhar vidrado voltou aos seus olhos. "Eu sei... Não tenho direito à sua confiança, mas peço — imploro — uma chance de conquistá-la. Para te conhecer de novo. E conhecer a filha que eu nem soube que existia."
A voz de Anassa corta o caos que fervilha dentro de mim. "Levar Saela para Astreona pode até nos beneficiar. Se algum reino saberia como ajudar uma recém-transformada Sifão a controlar sua fome ou talvez até reverter a transformação, essa é Astreona."
Paro nisso. A possibilidade de ajudar Saela pesa muito sobre mim. Minha mente se afasta do meu pai e se volta para minha irmã.
Ele me observa enquanto penso, mas eu só o deixo me encarar. Deixe-o ficar na dor. Deixe-o esperar e torcer inutilmente como eu fiz antes, antes da caixinha chegar.
Fica claro para mim rapidamente que não vou encontrar respostas significativas nesse estado. Preciso pensar tudo isso a fundo.
Respiro fundo, acalmando meu ritmo cardíaco. Minhas sombras ainda se contorcem ao redor do meu pai, prendendo-o no lugar.

A cada respiração profunda que faço, eles afrouxam o aperto, até que finalmente se dissolvem e caem.
"Muito bem", diz Anassa, notando meu maior controle sobre meus poderes.
Não estou em posição de valorizar a conquista. "Sai da minha vista antes que eu acabe com você de verdade dessa vez," eu digo. Minha voz está muito calma por causa de tudo que estou forçando a engolir.
Suas sobrancelhas se franzem. Vejo que ele acredita em mim. Que ele se sente como um coelho lutando em uma armadilha. Talvez eu o tivesse poupado hoje, mas minha misericórdia tem limites.
Ele se levanta lentamente da cadeira, a expressão carregada de arrependimento. Não me importo. Não dá pena dele. Ele deixou o peso de uma família inteira nos ombros de uma criança.
Será que ele achava que seria algum reencontro emocionante e agradecido quando viesse aqui?
Depois de tudo que passei por causa dele?
Gostaria que ele realmente tivesse morrido naquele campo de batalha.
Ele me dá um último olhar demorado. Ele está decorando meu rosto. Deixei ele olhar. Deixe-o ver como o amor que eu tinha por ele está morto agora. Então ele se vira e caminha em direção à mansão, onde sua amante monstruosa, Ruby, e seus atendentes sugadores de sangue o esperam.
Só quando ele se vai é que deixo minha dor aparecer no meu rosto, quando não há ameaça de que ele confunda minha agonia com desejo de menina. Minha compostura quebra, e minha magia se liberta novamente. As sombras ao meu redor se agitam e se contorcem.
Eles estão procurando por ele. Pela origem da minha dor. Eles querem acabar com ele.
Raiva, luto e uma vida inteira de solidão ameaçam me dominar.
Agora quero chorar. Grite.
Mas as lágrimas não vêm. Minha voz não funciona. Minhas unhas cravam nas palmas das mãos, e nenhuma emoção se move. Está tudo preso na minha garganta, me sufocando até a morte.
Vai explodir e me arruinar se eu não encontrar um escape.
Caminho de volta para onde Stark me espera, Anassa seguindo atrás. Stark se afasta dos escombros ao me ver chegando, a expressão séria. Meu corpo inteiro está tenso com uma emoção dolorosa e quase contida.
"Preciso machucar alguma coisa", eu digo a ele.
"Posso ajudar com isso," Stark diz imediatamente, já se virando para me afastar da mansão e dos olhares curiosos, com Cratos logo atrás.
E eu o sigo, sombras e fantasmas me seguindo atrás.

27

FORTE

Meryn parte contra Anassa como uma flecha de besta.
Eu salto para as costas de Cratos, e nós seguimos atrás, acelerando enquanto Anassa se esforça cada vez mais rápido. O vínculo deles é um ciclo, enviando um tumulto de raiva sem fim.
Não sei exatamente o que aconteceu naquele pátio destruído do castelo, mas as emoções de Meryn são fortes demais para serem contidas. Elas estão vazando pelo vínculo de companheiro — um coquetel potente que faz meus músculos se tensionarem, ansiosos para agir e eliminar a ameaça.
Passamos rapidamente por florestas e terras agrícolas, subindo e descendo morros.
Os sentimentos emaranhados e bagunçados de Meryn começam a se manifestar fisicamente: tentáculos escuros de sombra se enrolando ao redor dela, torcendo e se enrolando.
"A raiva de Anassa é avassaladora", compartilha Cratos. "Ela está aguentando o que pode da Meryn, mas as duas estão perto do limite. Precisamos intervir."
Mando um assentimento silencioso, e ele acelera o passo até corrermos ao lado de Anassa e Meryn, o vento soprando por nós.
No campo de batalha, eu podia sentir que ela era puxada para baixo pelo seu poder. Não entendo o que aconteceu depois. Mas a porta que ela abriu em sua magia de alguma forma também se abriu para mim.
Se eu não tivesse ajudado ela a levantar o ombro, talvez ela não tivesse se recuperado da beira.
Não quis pensar em tudo que veio junto: a conexão avassaladora entre nós e o desejo insistente e excruciante que percorreu meu corpo como uma doença.
E agora ela está à beira daquele penhasco mais uma vez.
Meryn vira a cabeça para mim, seus olhos cor de avelã angustiados.
"Estou aqui", eu digo a ela. "Não carregue sozinho."
Mas ela não está se abrindo comigo. Quando testo os limites entre nós, a mente dela está fechada, um jardim murado.
Cratos nos guia para florestas densas, deixando para trás os caminhos de terra e as colinas onduladas. Anassa ainda está irritada, rosnando enquanto desaceleramos para caminhar.
Chegamos a uma clareira, e eu deslizo das costas de Cratos, virando-me para assistir enquanto Meryn desmonta. Ela cambaleia em minha direção, então de repente para, olhos arregalados.

E solta um grito rouco de frustração.
O som rasga a floresta, quebrando a paz desse local selvagem como o golpe de um martelo. Pássaros sobem das árvores ao nosso redor e alçam voo, e a magia das sombras de Meryn gira e faísca atrás deles, como um eco do descontentamento deles.
Atrás de nós, Anassa está igualmente agitada, com os pelos arrepiados. Ela retruca Cratos, que retribui com mordida. Os dois circulam um ao redor do outro e depois saem correndo, descarregando a agressividade do seu próprio jeito.
"Deixa sair," ordeno, lançando um olhar para Meryn. Eu sei que tem mais aí, furiosa. Eu sei porque consigo sentir dentro dela, quase presa.
O próximo som que sai de sua garganta é um rosnado, quase animalesco. E então as sombras ao redor dela surgem, disparando em todas as direções.
A escuridão atravessa a floresta como uma onda. Ao nosso redor, troncos de árvores rangem, alguns caindo no chão em um eco estridente do grito dolorido de Meryn.
A escuridão passa por cima e por cima de mim, mas sussurra contra minha pele. Alguns tentáculos permanecem enquanto o resto de sua magia se expande e pulsa. Ela murmura nos meus ouvidos, remexendo no meu cabelo, coçando minha pele como raiva incorporada.
E ainda assim, isso cresce dentro dela, não totalmente liberado.
Tenho me esforçado muito para me comportar bem.
Me mantive calmo, controlado—por ela. Para ajudá-la, ser a voz silenciosa para ela, o refúgio nessa tempestade.
Mas talvez não seja isso que ela precisa.
Talvez ela não precise de uma âncora firme e silenciosa para se amarrar.
Talvez ela precise ser recebida onde está, violência com violência. Talvez ela precise de alguém que tenha força para surfar a onda de sua ferocidade com ela.
"Me bate," eu exijo.
Ela se aproxima de mim, o pescoço se esticando para olhar para cima, olhos buscando em sua selvageria. Sua respiração falha, o peito arfando. "O quê?"
Abaixo meu rosto em direção ao dela. O que quer que ela veja quase a faz estremecer.
Minha mão envolve seu pescoço, gentil, mas ainda assim um aviso. Tento não acariciar as tatuagens que marquei tão cuidadosamente em sua pele delicada.
"Não gosto de me repetir, princesa. Não sou um homem muito paciente. Para de guardar seus sentimentos pra caramba. Você precisa de ajuda para tirá-los daqui? Vou te dizer uma última vez: Me manda. Me machucar. Eu aguento."
Na verdade, estou com vontade. O poder dela sobre mim, o punho dela no meu rosto — a dor seria uma grande distração do tormento da presença dela.
Ela inclina o queixo, sempre tão teimosa. "Ou o quê, Alfa?"
Coloco minha boca no ouvido dela para que ela não perca uma palavra sequer, e ela para com o movimento. "Ou vou te levar sobre o meu joelho e te dar uma palmada como o pirralho teimoso que você é."
Meryn me empurra forte e se afasta rapidamente, seus lábios rosados e carnudos se abrindo de surpresa. É preciso um esforço enorme para não enfiar um dedo na boca dela e ver como ela reagiria, se fecharia o calor úmido ao redor ou me morderia com força.

Várias emoções óbvias cruzam seu rosto em rápida sucessão: insulto, indignação e depois ira.
Mas suas bochechas estão coradas, os olhos vidrados de excitação clara.
Interessante.
Antes que eu possa provocá-la mais só com palavras, ela finalmente age. Rosnando, ela mostra a mão na minha direção, liberando um disparo de impulsão.
Eu desvio, mas o golpe ainda acerta meu ombro. Minha selvajaria surge para responder, meu próprio poder se enrolando como um predador dentro de mim. Dou alguns passos para trás e levanto os braços, dando a ela um momento para se preparar antes que minha magia a atinga.
A magia dela se eleva para encontrar a minha. As sombras do poder de dobra de sombra dela formam uma parede à sua frente — agindo sozinhas em resposta à sua fúria, suspeito. Nosso poder colide, duas ondas de força se atingindo e esmagando tudo entre elas.
Suas sombras explodem para fora, chiando em direção às copas das árvores e riscando o chão verdejante da floresta.
Os lábios de Meryn se curvam em um sorriso ameaçador que me incendia. As sombras se juntam para outro golpe, e sem hesitar, eu reagi repetidas vezes.
O segundo golpe é mais forte. A terceira, ainda mais difícil.
Vibrações sacodem as árvores ao nosso redor, folhas e agulhas de pinheiro caindo em uma chuva de verde.
Circulamos um ao outro, pés se movendo, posturas sempre mudando. Atacamos de ângulos diferentes, captando o poder um do outro e revidando. A canção que dançamos é o tamborilar dos nossos batimentos cardíacos furiosos, ressoando em nossos ouvidos.
O pulso está aumentando, acelerando cada vez mais a cada choque até virar um ataque implacável da minha magia se espalhando, a dela a encontrando golpe por golpe.
Há uma mudança no rosto dela no momento antes de puxar uma adaga, correndo em minha direção.
Ela pisca e desaparece enquanto se aproxima, se abrindo como um Kryptos. Solto meu poder e puxo minha própria faca, esperando que ela se aproxime.
Meryn se abaixa sob minha última onda de impulso e avança rapidamente. O golpe dela chega perto de mim, mas eu já estou girando para o lado. Meu corpo se ilumina com uma satisfação maligna.
Nós dois assumimos posturas de luta, assim como em nossas horas e horas de treinamento no meu escritório. Mesmo enquanto eu aproveito a luta, uma parte de mim cataloga a postura dela, seus ângulos. Anotando para depois o que ainda precisa trabalhar, como guiá-la e torná-la melhor.
Ela corta para frente, e eu encosto minha faca na dela. Metal range contra metal, brilhando na luz manchada da floresta.
Meu corpo, minha mente, está sintonizado com ela. Ela está tão ocupada que está abaixando suas barreiras, e a conexão de laço de companheiro dos nossos lobos está transparecendo. Sinto a necessidade dela de mais, e venho contra ela com uma enxurrada de golpes.
Ela responde com um sorriso ameaçador. Essa mulher linda e selvagem será ou o

meu fim ou o começo de um começo que eu não sei como encarar.
Nossos membros se encontram, nossas adagas cortam. Eu não me contenho. Ela não quer que eu me contenha. A sensação é elétrica.
Lutamos até ficarmos encharcados de suor e lutando contra os golpes. Eu a desarmo, adaga girando da mão dela, mas no mesmo fôlego ela tira outra faca do quadril e me ataca novamente.
Sibilo quando a lâmina desliza pelo meu lado, traçando uma linha de sangue.
Ela hesita, se perguntando se me machucou. Aproveitando isso, me viro rapidamente de volta para ela.
Trocamos golpe por golpe, cada um acertando um ou dois, desviando e bloqueando o restante.
Eventualmente, eu a coloquei na desvantagem e entro dentro da proteção. Desarmo-a novamente e avanço, mirando outro golpe. Mas não estou esperando as jogadas sujas dela.
Ela me acerta com um golpe de empurrão pelas costas. Isso me bate nas canelas, e eu tropeço.
Meryn aproveita a vantagem em meio suspiro, me derrubando e me prendendo. A mão dela pressiona minha garganta, aplicando pressão suficiente para declarar vitória. Engolo em seco, os dedos dela no meu pescoço. Os olhos dela seguem o movimento de balanço, depois voltam para os meus.
Seu corpo está colado perto, quente, o peito arfando enquanto ela ofega. Uma gota de suor escorre pelo queixo dela e cai no meu peito. Quero me inclinar e lamber as outras gotas da pele dela.
Ela tem um gosto tão doce quanto cheira?
Paro de me esforçar contra o aperto dela, deixando cair minha adaga. Então eu solto minhas mãos do aperto dela e agarro sua cintura, puxando-a para mais perto. Puxando ela para mim.
Esse é um jogo perigoso que eu estou jogando.
Os olhos de Meryn se fixam nos meus, e a eletricidade surge entre nós. "O que foi isso ontem, Stark?" A voz dela é baixa, mas intensa. "O que aconteceu entre nós, com meu poder?"
Preciso de toda minha força para desviar o olhar dos lábios dela, que se aproxima tanto dos meus.
"Não sei", admito.
Cratos também não sabia — a única coisa em que concordávamos era que isso existia separadamente do vínculo de companheiro dele com Anassa. É algo que parece feito sob medida para mim e para a Meryn. E nas últimas vinte e quatro horas, tenho me esforçado muito para não me fixar nisso.
No caminho, parecia estar unido em nossas mentes e no que isso desencadeava em nós dois.
"Devemos tentar de novo?" ela pergunta timidamente, e eu quase a derrubo de mim.
Não sei o que vou fazer se essa conexão voltar de repente. Se isso mais uma vez vier à tona minha fascinação por ela, a atração que tentei enterrar desde o momento em que a vi lutar pela primeira vez. Quando vi o fogo indomado em seus olhos e ansiei para libertá-lo. Queria me deleitar com sua queima, apenas com a sorte de estar em seu calor.

Eu sinto falta dela, e a odeio por isso.
Eu me odeio por não ser bom o suficiente para ela, por trazer o pior dela.
Eu absolutamente detesto o Alfa Soberano por emitir uma exigência contra a qual preciso me opor. Por me colocar numa posição em que cumprir meu dever —proteger Meryn—significa negar a mim mesma aquilo que mais quero.
E apesar de tudo isso, abro a boca, e o que fala é meu anseio. "Sim."
Ela está mais calma agora, e ainda assim não precisa da raiva dela para desencadear isso. Ela deve sentir onde está o vínculo entre nós dois, porque eu percebo no momento em que ela baixa suas defesas.
Essa conexão sombria entre nós se reforma. O poder dela invade, minha mente se abre para recebê-lo.
Para recebê-la.
É intoxicante.
Estou dentro de cada centímetro dela, ainda distante, observando-a pelos meus próprios olhos. Sinto como o calor das minhas mãos na cintura dela está afetando ela. Sinto a respiração presa enquanto ela estuda minha boca, depois levanta os olhos de volta para os meus.
Sensação, em todo lugar. Poder também. Nossas mentes estão entrelaçadas de forma rígida.
E não consigo mais esconder o desejo que corre por mim.
Observo enquanto ela percebe a profundidade disso. Seu coração começa a disparar por outro motivo, os mamilos endurecendo.
Eu sei no momento em que ela começa a ficar molhada por mim.
Cerrando os dentes, resisto.
A única maneira de protegê-la de Siegrid—e de mim—é resistir a esse chamado.
Porra, por que eu me deixei levar por isso? Sentir minha necessidade de tocá-la, de ouvir seus gemidos e saber que eu sou a causa?
Ela se contorce contra meu abraço, tão sobrecarregada quanto eu estou. A bunda dela arrasta pela minha virilha sem querer, e quando fico meio excitado, sinto que ela percebe. O sangue desce para o meu pau, e ela sente isso também.
Com um gemido atordoado no fundo da garganta, ela se esfrega em mim de novo—intencionalmente dessa vez.
E de novo.
O rosto dela fica vermelho de novo. Consigo sentir a respiração quente dela enquanto ofega, o peito submersendo. A excitação dela e a minha se misturam até atingirem o auge.
Devagar, Meryn abaixa o rosto para o meu, então pausa. Segurando-se, não cruzando os limites. Quase consigo sentir o desejo dela, quente e selvagem.
Sua boca se abre.
Que se dane.
Cansei de me negar.
Eu me levanto rapidamente, virando a gente para que ela fique embaixo de mim, e trago minha boca até a dela.

28



MERYN

Stark beija como se o mundo estivesse acabando e eu pudesse ser sua salvadora.

É uma adoração com um toque de perigo.

A boca dele é áspera na minha, carente. Consigo sentir o gosto do desespero dele —ou talvez seja o meu próprio. Já nem consigo mais perceber.

Achei que se isso finalmente acontecesse, eu ficaria satisfeito, saciado. Mas o oposto está acontecendo. O batimento furioso do meu coração não se acalma. Fica mais alto, como se ele tivesse acabado de jogar combustível na fogueira.

A língua dele está na minha boca, e eu só preciso de mais dela. Mais.

Eu o puxo para mim, boca, peito e quadris. Os dedos dele cravam na minha pele, e eu estremeço.

Arqueando levemente, mordo seu lábio em um pedido delirante. Ele solta o mesmo chiado de dor que ouvi antes e me morde de volta com força suficiente para sangrar.

O gosto de ferro escorrega pela nossa língua, estranhamente eufórico.

A última camada frágil da minha raiva, dor e vergonha se quebra, se despedaçando em milhões de pedaços, deixando para trás apenas a queimação do desejo e da vontade.

"Não consigo sentir," ofego, me afastando de Stark, sabendo que não estou fazendo sentido. Minha mente está tão confusa entre a dele e a minha. Não sei mais onde ele para e eu começo.

Ele se esfrega contra meu centro, tão rígido que eu ofego. "Isso? Você não consegue sentir isso?"

Ele faz de novo, e eu jogo a cabeça para trás contra o chão com tanta força que dói, meu corpo inteiro se ilumina com uma sensação requintada e torturante.

"P-para," gaguejo, e ele para em cima de mim, congelado.

Através da nossa conexão, sinto o desânimo ecoando nele. Rejeição. Levanto a mão rapidamente, colocando minha mão na bochecha por fazer dele.

"Não consigo desvendar minhas próprias emoções agora," digo baixinho. "Quero te sentir. Totalmente. Como eu mesmo. Vou fechar a conexão primeiro. Isso é... Tudo bem?"

Ouço minha voz pelos ouvidos dele, como ela tem um pouco de medo — minha

própria cautela com a rejeição. Será que ele ainda vai me querer sem que minha própria fome o incite?
"Faça isso", ele diz, e então se esfrega em mim de novo para que eu sinta o quanto o faço duro, com ou sem o jeito que nossas mentes estão entrelaçadas. "Rápido."
Com um empurrão mental forte, eu o afasto da minha mente. Então estou totalmente de volta ao meu próprio corpo.
Sozinho com minha própria necessidade dolorida e pulsante.
E preciso perguntar uma coisa para ele. "Noemi. Ela está...?"
"Como minha irmã", ele diz, com voz rouca. "Nada mais."
Graças à maldita deusa.
Stark se inclina de novo, o rosto tão perto do meu. Eu catalogo sua aparência: seus longos cílios escuros emoldurando olhos cheios de uma necessidade que espelha a minha. A barba áspera ao redor dos lábios cheios dele, lábios que já provei, lábios que desejo em cada parte do meu corpo.
"Me diga o que você quer, Meryn", ele rosna.
O som da voz dele ecoa pelo meu corpo trêmulo, me quebrando e me refazendo. Meu centro se contrai com força.
Já me perguntaram isso? Alguma vez na vida?
Lágrimas brotam nos meus olhos, e desvio o olhar dele, incapaz de lidar com o quanto isso significa que alguém se importa.
Stark segura minhas bochechas com suas mãos grandes e tatuadas, me forçando a encarar seu olhar exigente. "Me diga."
O que eu quero? Ele, claro, mas não é isso que ele quer dizer.
Neste único momento da minha vida, eu quero me render. Ser seguro fazer isso sem o risco de me perder completamente. Quero me entregar à paixão sem possuir. Ser totalmente alguém sem sentir que sou só deles.
"Eu quero—eu quero que você esteja no controle", digo, trabalhando lentamente nos meus próprios desejos.
Stark emite um murmúrio baixo de aprovação, seus olhos se semicerrando de satisfação sombria. "Estou mais do que feliz em mandar em você, princesa."
Ele se inclina mais perto, a respiração quente no meu ouvido. A sensação dele pairando sobre mim é tão deliciosa que é preciso de tudo para não arquear contra ele de novo.
"Mas certamente você sabe que está no controle aqui," ele rosna.
Um som de choramingo e frenético escapa de mim. "Diga de novo," imploro, o calor correndo por mim.
"Você está sempre no controle, Meryn. Agora abra suas pernas, porra."
Faço o que ele exige, ficando esperto ao comando. Ele recaptura minha boca com a dele.
O jeito que ele me beija é insano. Solto e cru. Ele pega meu lábio inferior entre os dentes e morde ali, fazendo o rosto pelo meu corpo inteiro.
Uma das mãos dele vai até meu cabelo, torcendo mechas prateadas e puxando suavemente, firme. Testando. Garantir que é isso que eu quero.
"Mais", eu digo, e ele puxa com mais força.
Foder. Me pressiono contra o peito dele, gemendo em sua boca.
A outra mão dele desce pelo meu corpo até encontrar meus seios, segurando-os

por cima das roupas. Eu gemo, e ele se abaixa para arrancar minha camisa de onde estava enfiada na calça. Então a mão calejada dele desliza pelo meu torso.
Stark puxa minha amarra dos seios e rola meu mamilo entre o dedo e o polegar. Eu ofego, gemendo.
"Mais," imploro de novo, e ele empurra minha camisa até cima, expondo meus seios ao ar frio. Depois ele continua brincando com um mamilo enquanto suga o outro na boca, com os dentes. A combinação de dor e prazer arranca outro gemido de mim, mais alto desta vez.
Ele se afasta, o olhar inflexível e pesado de desejo. "Despe-se", ele ordena.
E ainda assim, sei que isso não é como com o Killian. Se eu quisesse outra coisa, Stark aceitaria.
Porra, está tão quente.
Faço o que ele manda, tiro a jaqueta e depois tiro a camisa pela cabeça. A enfaixa dos seios é a próxima. Então tiro minha calça de couro até que só me resta a cueca.
Eu hesito, mesmo com a dor no meu centro. Será que estamos mesmo fazendo isso?
"Despe-se", ele diz severamente, o tom inflexível da voz se enrolando deliciosamente no meu estômago. Faço o que ele manda.
E então fico completamente exposta a ele, espalhada pelo chão da floresta como uma oferenda.
Nem me sinto inseguro com isso. Tudo neste momento está certo.
Ele se recosta para me olhar, e meu corpo inteiro cora com o calor primitivo em seu olhar.
Stark passa um momento apenas olhando, e eu percebo que ele está catalogando tudo. Meus seios pesados e arfantes. A mancha de pelos escuros entre minhas coxas, que está espalhada para ele. A umidade brilhante entre eles.
Então ele se aproxima de mim novamente, capturando meus lábios em um beijo forte e suplicante. Eu gemo contra a boca dele enquanto ele se aproxima, enquanto a rigidez do pau dele pressiona perto do meu centro.
"Use-me." Minhas palavras saem choramingas. Estou tão agitado que quase fico incoerente.
Ele ri sombriamente, se afastando de mim. "Não é essa a minha fala, princesa? E eu achava que eu estava no comando aqui. Fique de joelhos."
Um arrepio percorre meu corpo, e faço o que ele diz, a terra e a grama mordendo meus joelhos. A expectativa cresce enquanto espero ouvir a calça dele descer, esperar ele deslizar para dentro de mim.
Em vez disso, quase pulo quando a mão quente dele acaricia minhas costas. Ele empurra firme, forçando meu torso a descer na grama. Encosto o rosto no chão, estico os braços acima da cabeça.
O que quer que esteja acontecendo aqui é literalmente imundo, e nunca fiquei tão excitado na vida.
Stark envolve meus braços fortes nas minhas coxas, e eu ofego quando ele me puxa para trás... para seu rosto que o esperava.
O calor queima em mim enquanto sua língua firme e quente desliza por toda a minha fenda.
"Stark," eu gemo.

Começa devagar, como se ele estivesse aprendendo meu gosto. A barba por fazer dele é lindamente áspera contra o ápice das minhas coxas. Enquanto ele me acaricia, suas mãos sobem e agarram minhas pernas, afastando-as mais, me abrindo ainda mais para ele.
E então Stark levanta a mão e me toca o clitóris enquanto mergulha a língua fundo em mim.
"Ah, merda," quase grito.
Ele solta um gemido de resposta, o ronco contra meu centro quase me levando ao limite. Ele começa a dedilhar ritmicamente meu ponto mais sensível com seus dedos longos e habilidosos enquanto enfia a língua dentro e fora de mim.
Balanço os quadris para trás contra o rosto dele. "Por favor, por favor," eu imploro. Ele já está me dando tudo o que eu poderia precisar, me levando ao orgasmo mais rápido do que eu já senti. "Eu vou—"
Stark desvia o rosto de mim rapidamente, e eu quase começo a chorar de frustração. "Por quê—?"
Segurando meus quadris, ele me vira de costas, o arranhar da grama áspera contra minha pele e só aumenta meu desejo. Seu rosto está corado enquanto seu olhar escuro percorre meu corpo. Os lábios dele brilham com a minha necessidade.
Então ele rosna, "Sonhei com esse momento por tempo demais, princesa. Preciso ver sua cara quando você chegar. Puxe os joelhos para cima."
Atordoado, faço o que ele diz, segurando os joelhos firmemente nos ombros, me expondo completamente a ele mais uma vez.
Os dedos longos e ásperos de Stark começam a provocar minha entrada. Grito o nome dele e não consigo parar meus quadris de balançarem ao toque dele.
"Por favor."
Ele levanta o rosto para me sorrir maliciosamente e então, sem aviso, enfia dois dedos grandes fundo, acariciando e torcendo. Quase levito do chão, sobrecarregado pela sensação e querendo mais, mais.
A boca do Stark vai até meu clitóris, e ele suga forte. Ele deixa os dentes roçarem em mim antes de fazer carícias rápidas e suaves com a língua, me provocando. Me deixando louca enquanto me fode com os dedos. Eu o penetro sem pensar, e ele leva a outra mão para brincar com meus mamilos de novo.
Estou choramingando, implorando. Não penso em nada além das mãos e da língua dele e da sensação intensa que me atravessa, me despedaçando.
"Stark," eu gemo. Abaixo a mão e agarro os dedos em seu cabelo enquanto a onda que cresce começa a me envolver.
"Stark. Stark. Stark." Seu nome, repetidas vezes, uma oração na minha língua.
Os músculos começam a se contrair. Não consigo parar. Não consigo impedir nada disso. Não quero. Minhas coxas queimam, e meu coração bate tão forte que sai dos meus lábios num pequeno e desesperado, "Por favor, por favor, por favor. Stark."
Trocamos olhares enquanto gozo, o prazer crescendo do fundo de mim e tomando conta de todo o meu corpo. Sua língua não para, provocando e lambendo. O mundo se divide em luz fragmentada, a sensação me despedaçando em mil pedaços e depois me reconstruindo.
Aperto em volta dos dedos grossos dele, tremendo e tremendo, meu corpo inteiro

pulsando com onda após onda de prazer enquanto se recusa a me soltar.
Acho que apaguei por um momento com tanta intensidade. Quando meus sentidos voltam, Stark me segura apertado em seus braços, seu corpo envolvido em mim onde estou deitado no chão da floresta.
O canto dos pássaros começa novamente, e o vento sussurra os galhos acima de nós, fazendo manchas de sol dançarem em nossa pele.
Eu me viro para olhar Stark, ainda atordoado. Ele me observa atentamente, como se estivesse determinando o que eu preciso e decidindo o que fazer a seguir.
Quero despir ele, fazer por ele o que ele fez por mim, mas ele afasta minhas mãos quando tento.
"Só deite-se", ele diz, sua voz dominante de Alfa voltando. Dou um meio sorriso enquanto me ajo preguiçosamente contra as folhas.
Ficamos deitados ali e assistimos o sol salpicar a floresta, a mão de Stark acariciando meu cabelo e descendo pelo meu lado.
Eventualmente, sinto que Anassa está voltando. Stark e eu nos levantamos e rapidamente vesti minhas roupas de novo. Ele ficou quieto, contemplativo.
Taciturno.
Há uma distância meio estranha entre nós dois, e não consigo entender o que está causando isso. Mas não temos tempo para uma grande conversa sobre sentimentos.
Astreona está esperando pela resposta deles.

29



MERYN

Back at Weisenstat, a tenda de guerra é pouco iluminada por um braseiro. A iluminação brilhante projeta sombras sobre a tela que tremem e vacilam.

Mas estou firme enquanto fico acima da mesa de guerra e encaro vários mapas da região fronteiriça.

Todos estão marcados com as posições atuais tanto das forças Nocturnan quanto dos Siphon, e nada disso é bom.

Siegrid não se enrola nas palavras. "A oferta dos Astreonan parece uma armadilha. Um cessar-fogo em troca do simples ato de entregar nossa rainha a eles?"

Stark se mexe ao meu lado e apoia a mão na mesa, os olhos percorrendo os mapas. A Alfa Kryptos Hannelore nos observa em silêncio, sua atenção saltando de Siegrid para mim e Stark e de volta novamente.

"Concordo que é claramente suspeito", admito, "mas vamos reconhecer a realidade aqui." Pontuo a frase com um gesto para os mapas sombrios diante de nós. "Que alternativa temos?"

O rosto de Siegrid está pétreo. Hannelore assente, a testa franzida.

Endireita e balanço a cabeça. "Esse cessar-fogo é necessário agora sem Phylax para ajudar a conter Astreona. Eles têm a vantagem total. E se decidirem direcionar mais forças para cá e tomar Weisenstat, toda Nocturna sofrerá."

"Avaliação final?" Siegrid insiste.

"Estamos em menor número e em manobra," explico, "especialmente com a deserção dos Phylax. Podemos escolher cair lutando, e depois? Haveria mais mortes de Nocturnanos, e eles ainda entrariam em nosso país. Queremos a cabeça do Killian. Eles também, aparentemente. Por que deixá-los alcançar isso ao custo da vida do nosso povo, quando temos a possibilidade de fazer juntos?"

Para minha extrema surpresa, Siegrid apenas cruza os braços e diz: "Concordo."

"Sério?" Eu solto de repente.

"Quero sim", ela diz. "Não vejo outra opção. Mas precisamos apresentar nossos próprios termos. Você não vai cruzar a fronteira sem um refém de alto nível do lado deles. Precisamos que alguém importante para eles fique sob nossa vigilância para garantir sua segurança."

É infantil. Eu sei que é infantil. Ela é a escolha certa por motivos políticos, mas

meus motivos são totalmente pessoais. "Leve a própria General Navarro. Só aceitaremos se ela concordar."
Siegrid concorda com a cabeça. "Então amanhã, avisaremos e você viajará para Astreona." Seus olhos se voltam para o filho. "Stark vai com você. Posso dirigir as forças Daemos em seu lugar com a ajuda do seu Beta."
Stark não diz nada, o rosto preso naquela carranca típica e indecifrável. Não consigo imaginar que ele ficaria parado enquanto eu viajava sozinha para uma nação inimiga, mas... Nenhuma reação?
Deixando isso de lado por enquanto, digo: "Minha irmã também."
Hannelore começa. "Certamente a princesa estaria mais segura aqui."
Siegrid me lança um olhar pesado—como uma das poucas pessoas aqui que sabe da condição de Saela, ela sabe que minha irmã não pode ficar aqui sem mim.
"Está tudo bem", diz o Alfa Soberano. Uma sombra calculista passa por seus olhos, e ela inclina a cabeça como se ouvisse alguém — provavelmente conselhos de Genicos. "Leve Venna e Noemi com você também. Venna é leal e talentosa; Ela será útil. Noemi é, digamos, mais diplomática do que você. Ela pode ser útil na corte Astreonan."
Outra surpresa de Siegrid, mas não vou discutir.
Eu não podia deixar Venna para trás, não com a morte de Izabel ainda tão recente. E embora eu ainda não conheça bem a Noemi, não posso negar que ela é diplomática e elegante, qualidades que podem ajudar.
Embora—será por isso que Stark de repente está se afastando de mim? Por causa dela?
Entro em contato com Anassa com urgência e pergunto: "Qual é a história com Stark e Noemi? Stark disse que ela era como uma irmã para ele, mas agora ele ficou todo em silêncio comigo. Cratos deve ter te contado alguma coisa, né?"
Sinto o desgosto de Anassa antes mesmo de ouvir na voz dela. "Ele me disse, sim."
"Anassa," eu imploro. "Prometemos ser honestos um com o outro."
Anassa resmunga. "Estou sendo honesto com você, mas há uma diferença entre honestidade e fofoca. Lobos gigantes não fofocam. É uma característica humana ociosa e preguiçosa. Se você tem curiosidade sobre o relacionamento deles, pode agir como a rainha que é e simplesmente perguntar a eles."
Malditos lobos. Sacudindo-me para sair do ciúme mesquinho, como Anassa chamaria, refoco na conversa em questão.
"Suponho que você vai se virar no meu lugar?" Pergunto a Siegrid, com um tom mais afiado do que eu pretendia.
Ela assente. "Com comunicação constante com você, minha rainha. Não tomarei nenhuma decisão sem suas instruções diretas."
Que alívio, embora parte de mim saiba que ela aceitaria o poder para si mesma.
Com tudo decidido, os Alfas se curvam e saem. Por um breve momento, Stark e eu ficamos sozinhos na tenda.
O olhar escuro dele está pesado sobre mim.
Estou preso por ele, incapaz de falar, incapaz de desviar o olhar. Meu coração acelera, e eu esqueço o que deveria estar fazendo, para onde deveria ir. Porra, é assim que vai ser toda vez que ele olhar pra mim agora?
E então ele se vira abruptamente e vai embora.

Qual é a dele?
Irritação acende, junto com uma dor no peito. Foi tolice me abrir para ele assim? Apoiando a conexão entre nós, abraçando-a? Na hora parecia a escolha certa, mas agora estou atordoado.
Mas estou exausta demais para correr atrás dele.
Volto para os aposentos, onde Saela já está dormindo. Meu estômago se revira enquanto sento ao lado dela. É injusto que eu esteja prestes a mudar a vida dela mais uma vez. Ela está tão envolvida nessa confusão quanto eu, só que ela não tem ninguém além de mim para ajudá-la a superar.
Só espero não estar vacilando.
Respirando fundo, a acordo suavemente. Ela olha para mim, com os olhos sonolentos, e murmura meu nome.
"Tenho algumas novidades", digo.



O movimento frenético que percorreu o acampamento na manhã seguinte combina com meu interior. Há uma sensação de repouso de que algo está errado.
Foi minha decisão ir, mas a realidade da nossa iminente jornada para Astreona, uma terra que por séculos é território inimigo, é difícil de enfrentar.
Mas não deixo minha dúvida transparecer na minha cara. Muitos olhos estão em mim. A notícia claramente se espalhou pelo acampamento.
"Tudo bem, Sae," digo para minha irmã, entrelaçando os dedos. Ela já sabe a rotina e apoia o pé nas minhas mãos. Ao mesmo tempo, ela se agarra ao pelo de Anassa e me deixa lançá-la nas costas da minha lobo gigante.
Então dou um tapinha no lado da Anassa e olho para minha irmã. Seus ombros estão curvados, e suas mãos se preocupam com o pelo de Anassa. Desde que contei a ela sobre nosso pai estar vivo e a inevitabilidade de encontrá-lo, ela não falou muito.
Ou de jeito mesmo, na verdade.
Tentei garantir que ela não devia nada a ele e que eu a manteria segura. É difícil dizer se ela realmente me ouviu quando não levantou os olhos mais alto que suas próprias botas desde esta manhã.
Distração nem funcionou. Tentei envolvê-la numa conversa sobre as Lágrimas da Deusa. Depois do que aconteceu quando tirei o colar dela, estou mais ansiosa do que nunca para saber mais sobre eles.
A Mãe Sacerdotisa disse que achava que as Lágrimas haviam sido perdidas para os Sifons. Então... isso significa que talvez finalmente encontremos nossas respostas em Astreona? Talvez os Astreonanos também saibam mais sobre o metal que compõe a agora quebrada Lâmina Dire.
Ou mesmo... Minha pulseira.
Mas mesmo esses mistérios normalmente emocionantes não a atraíam.
Levantando a mão, ajusto delicadamente uma alça da mochila de viagem de Saela. "Você está bem?"
Ela dá de ombros e encara o horizonte.
Todos os outros se reúnem e montam seus lobos gigantes—Venna e Noemi.

Siegrid. Hannelore, que está chegando à troca como força extra. E, claro, Stark. Que ainda assim não olha na minha direção.
Aparentemente, sou um parceiro muito arrependido. A dor da rejeição diminuiu, e agora seu rosto lindo e taciturno já provoca irritação sozinha.
Eu estaria queimando de humilhação se minha irmã não estivesse tremendo como uma folha na minha frente.
Uma hora depois, encontramos a delegação do Sifão do lado de fora do ponto de encontro combinado nas ruínas de Grunfall.
Os Sifões estão agrupados ao redor da forma alta e graciosa de Ruby. Com desânimo, percebo que estão montados em cavalos. Sifões podem se mover em velocidades impossíveis, embora seja lógico que eles não possam correr longas distâncias e precisem de algum meio de transporte.
Mas os cavalos são tão lentos.
Já estou irritado de nervosismo enquanto o sol do meio-dia aquece minhas roupas de couro, e incentivo Anassa a ir até a metade Sifão do nosso fofo pequeno grupo abominável.
"Seja o que for que você faça, não coma nenhum deles", digo em voz alta enquanto nos aproximamos.
Anassa envia uma corrente de diversão irritada de volta para mim.
Venna resmunga enquanto se aproxima de nós. "Você está lembrando a Anassa ou a si mesmo?"
Eu rio. "Nós dois, obviamente."
Quando estamos perto o suficiente, Ruby se curva sem muita vontade e estica o pescoço para olhar para mim.
"Rainha Sturmfrost, este é Elias." Ela aponta para um homem Sifão que sai do grupo de atendentes de Ruby. Ele é alto, pele bronzeada e tem aquela beleza reconhecível de Sifão. Seu cabelo é escuro e brilhante, cortado curto até o pescoço e expondo o brilho pendurado de um brinco na orelha esquerda. "Ele será seu guia por Astreona."
"Prazer em conhecê-lo," digo. Mal consigo dizer as palavras sem tropeçar porque outra figura surge para ficar diante dos nossos lobos.
É meu tal pai, e eu estou bravo de novo.
Saela o reconhece instantaneamente. Como não saber? Ela deve se ver nele — em seus olhos cor de avelã, em seus cabelos escuros, em seu nariz forte. E ela está tremendo levemente.
Por um momento tenso, ninguém diz nada.
A presença do meu pai se instala sobre nós, sufocante e indesejada. Ele dá um meio passo hesitante em direção enquanto seus olhos percorrem Saela.
Rapidamente repouso a mão no ombro dela, e ela se inclina levemente para o toque. Seus dedos estão profundamente no pelo de Anassa, arranhando-o como se ela fosse encontrar o que procura enterrado em algum lugar dentro.
"Eu..." Ele cerra o maxilar e seus lábios se apertam. Ele parece estar tendo dificuldades com isso, mas felizmente se controla e tenta um sorriso aproximado. "Eu sou Fredrich, seu pai."
Saela faz um pequeno som, entre uma confirmação e um guincho de confusão. Anassa e eu imediatamente nos contraímos com um instinto protetor, e eu aperto o ombro da minha irmã para dizer que ainda a tenho.

"Oi," ela diz. Então ela abaixa a cabeça um pouco timidamente e foca no pelo de Anassa.
Ela está sobrecarregada agora. Puxo sua trança suavemente com carinho, depois volto meu olhar para o meu pai. Ele inclina a cabeça, recuando de nós.
Ruby se aproxima. A atenção dela se volta entre Saela e eu. E então, com uma franqueza alarmante, ela diz: "É interessante que você tenha um Sifão no seu grupo."
Faço de tudo para não me enrijecer e me virar para o Vinculado. Para manter meu sangue no rosto, onde ele deve estar. Mas rapidamente faço uma revisão mental dos vínculos para garantir que Hannelore não ouvisse aquele comentário.
"Quem é seu pai? Quem a transformou?" Ruby pergunta.
O interrogatório dela me pega de surpresa. Isso confirma que os astreonanos conseguem de alguma forma sentir o que Saela é, apesar de sua aparência humana externamente. Minhas costas começam a suar.
Rapidamente peso os riscos de dizer a verdade — que minha irmã foi gerada por nosso inimigo comum — versus mentir. O que seria mais seguro para Saela?
"Ela não se lembra de ter sido transformada." Verdadeiro — mais ou menos.
"Hmm. Bem, isso vale a pena considerar. Laços de criação podem ser fortes. Lucien pode te ajudar a lidar com isso", ela responde. "Existem maneiras de bloquear isso."
"Não precisa", eu digo a ela. "Temos um colar que parece proteger Saela dele."
A confusão passa pelo rosto de Ruby, e então ela diz: "Faça o Rei Lucien saber disso também."
Então Ruby se vira e caminha até meu pai. Ela envolve os braços dele com agilidade, e os dois começam a fazer uma das demonstrações públicas de afeto mais excitantes que já presenciei. O pai parece que está tentando amordaçar ela com a língua. Ruby passa as mãos pelas costas dele e aperta sua bunda.
Na frente das filhas?!
Saela solta um som engasgado e se vira.
Já estou verde quando finalmente eles se separam.
Com os preparativos finais feitos, Ruby parte com Hannelore e Siegrid em direção ao acampamento dos Nocturnanos. Ela deixa Elias e seu grupo — principalmente acompanhantes e guardas, além do meu pai e seus cavalos lentos — para liderar meu grupo através da fronteira para Astreona.
Os Sifões montam, e seus companheiros equinos se assustam levemente e começam a bramar enquanto nossos lobos se aproximam. Não posso culpá-los. Eles são animais de presa, e os lobos gigantes são os predadores mais fortes que existem.
Se não é um sinal de incompatibilidade, não sei o que é.
A gravidade do que estamos prestes a fazer volta a me envolver. A inquietação de antes sobe pelos meus braços enquanto esfrego as costas da Saela. Esta será a primeira delegacia diplomática noturna a entrar em Astreona em cinco séculos.
Isso importa de um jeito que dificulta a respiração.
Venna e Noemi se espalham atrás de mim em seus lobos. Stark cavalga ao meu lado, sua presença como uma sombra silenciosa e se espalhando. Aperto meus braços ao redor da minha irmãzinha e aceno para Elias.
Estamos prontos para começar nossa jornada rumo ao desconhecido.

30



MERYN

HOrses são confusos. Eles são lentos, não conseguem falar e não param de fazer cocô em todo lugar. No meio da caminhada, eles estão cagando. Por quê?

Anassa rosna em concordância enquanto contorna outra pilha fedorenta. Estamos ambos tensos, e nosso progresso lento está piorando tudo. Mesmo quando Elias incentiva os cavalos a um ritmo mais rápido, nada se compara à velocidade natural de um lobo gigante.

Já estou desconfortável o suficiente, mas também preciso continuar contendo o impulso da Anassa de correr à frente ou matar e comer alguns cavalos só para puni-los por não serem lobos.

É um ciclo meio que um ciclo na minha cabeça, minha frustração desencadeando a Anassa e voltando a aparecer. Não ajuda que meus sentidos continuem gritando que estamos cercados por nossos inimigos.

Minha mão coça para tirar minha espada da bainha e decapitar Elias. Podemos seguir para o sul sozinhos.

Saela se move na minha frente, e lembro que espero manter as relações relativamente civilizadas. Pelo menos até ouvirmos o rei deles e descobrir tudo o que pudermos sobre a condição dela.

Respiro fundo algumas vezes. Não adianta nada. Vou saltar da minha pele.

Nas primeiras horas da nossa jornada, a paisagem permanece sombria e desolada enquanto viajamos pelo deserto que separa nossos dois reinos. Meu cérebro está sempre dizendo que preciso estar preparado para emboscadas de Siphon, mesmo estando literalmente cavalgando com alguns deles à frente.

Mas não encontramos resistência, mesmo ao nos aprofundarmos em Astreona. Principalmente porque não há mais nada para resistir a nós, de verdade.

Séculos de guerra marcaram a terra aqui. Só há árvores secas e fantasmagóricas se retorcendo da terra árida e os relitos queimados de prédios de vez em quando.

Combina com tudo o que me ensinaram sobre esta nação. Um reino vazio e inóspito de morte e escuridão onde Sifões espreitam. Não é à toa que eles estão desesperados para fugir daqui e pegar o que temos.

É estranho estar aqui. Passei meses esperando cruzar a fronteira para Astreona enquanto estava nas Provas, e agora que aconteceu, nada na jornada está

acontecendo como eu esperava. A irrealidade desorientadora se instala sobre mim.
A atmosfera de viagem permanece tensa. Ninguém fala.
Eventualmente, chegamos a um pequeno círculo de prédios em ruínas. Parecem pequenas casas. Embalado no semicírculo de seus restos está um pequeno lago.
Elias controla seu cavalo. O rabo da criatura se move em direção ao nariz de Anassa, que mostra os dentes e resmunga. Elias olha para ela, depois para mim.
"Os cavalos precisam de água. Seus lobos precisam do mesmo?"
"Prefiro comer o cavalo e economizar tempo", resmunga Anassa.
Eu resmungo, o que claramente deixa Elias perplexo, mas não quero agradar à confusão dele. "Avise quando estivermos nos movendo novamente", digo, e guio Anassa para longe dele.
Acabamos nos enfrentando do outro lado do pequeno oásis lamacento que Elias encontrou. Venna observa os Sifões como um caçador.
Stark permanece perto de mim, ainda em silêncio, ainda evitando meu olhar. Já tentei cutucá-lo mentalmente algumas vezes, mas ele ergueu uma parede contra mim, o idiota.
Ele tem sorte de estarmos cercados de companhia, porque no momento em que estivermos a sós, vou estrangular ele.
Vejo meu pai olhando para nós enquanto acaricia o nariz do cavalo, mas ele desvia o olhar rapidamente.
Quando voltamos a andar, começo a me preocupar com uma ameaça totalmente nova: morrer de tédio.
Então o nariz de Anassa se contrai.
"O que foi?" Pergunto.
Ela para e abaixa a cabeça, fungando. Me inclino para frente nas costas dela, me inclinando ao redor de Saela para ver o que Anassa está investigando. É... Um pequeno brotinho verde. Um tufo de grama luta para subir por uma fissura entre duas pedras escarpadas.
É assim que começa.
Logo, está ao meu redor. O ar fica limpo, fresco. O frescor dá lugar a uma suave pressão de calor na minha pele.
Calor. Nunca senti nada parecido antes.
Ele se acumula conforme as nuvens se abrem, abrindo espaço para o sol, e começo a suar de roupa de couro.
O chão fica mais verde. No começo, são só pedaços de grama. Depois arbustos. Mudas. A vida se estende para fora das ruínas e em direção à luz cada vez mais quente do sol.
Passamos por outra ruína, mas esta está coberta de cipós, uma árvore crescendo até o telhado desabouado. A natureza está de repente por toda parte, o cheiro da vida pairando no ar úmido. Meus lábios se entreabrem em admiração enquanto um riacho brilha no horizonte, e Elias age como se nada fosse nada enquanto guia seu cavalo para se desfazer pelas águas rasas e cintilantes.
Subimos uma inclinação, e uma brisa quente sobe de baixo. Meus cabelos prateados giram nos meus olhos enquanto o vale abaixo de nós emerge.
Há colinas verdes onduladas e vegetação exuberante até onde a vista alcança. Continuando pela estrada sinuosa de terra, fica claro que não é só natureza

selvagem. Os campos são cultivados, com fileiras distintas de culturas e planaltos nivelados em algum tipo de sistema de irrigação.
Ao longe, há pequenos assentamentos. Cidades. Pessoas, provavelmente, vivendo de toda essa vegetação, cuidando da terra, respirando toda essa natureza. Isso não é Astreona. Não é. Não pode ser. É para ser um deserto. Desolada. Horrível. Inóspitos para os humanos.
Espiões de Kryptos infiltraram-se neste país, avançando muito além da nossa fronteira para coletar informações vitais. Eles nunca relataram nada assim.
Mas estou vendo com meus próprios olhos: Este lugar se abre com potencial acolhedor. A terra é vasta e verdejante. É um maldito cenário pastoral de sonhos. Próspera e bonita.
Não sou o único desorientado. O maxilar de Stark está cerrado com força, seus olhos percorrem a paisagem. Saela continua soltando pequenos suspiros enquanto observa novas paisagens. Noemi está literalmente boquiaberta.
Venna é a única que não está olhando ao redor, maravilhada. Incentivo Anassa a avançar até estarmos ao lado dela e de Skaia.
"Não impressionado?"
Ela se vira para me olhar, arqueando uma sobrancelha. "Como é?"
"Não impressionado?" Eu mudo para a comunicação mental, me culpando por esquecer que isso é mais fácil para ela quando possível.
Venna parece surpresa. "Impressionado? Pelo deserto árido povoado por nossos inimigos? Ou você quer dizer pelo sol escaldante?"
O quê?
"Mas o... a vegetação... você não..." Algo está errado, e eu percebo quando a Venna percebe também. Um sussurro de doçura atinge meu nariz.
Esses filhos da puta estão usando sua magia.
À nossa frente, dois dos assistentes do Sifão de Elias sussurram de um lado para o outro. Um deles gargalha, o som da risada dele irritando meus nervos.
Silencio minha expressão e cavalgo com Saela até estarmos entre os Siphons.
"Seja lá o que você estiver fazendo, pare imediatamente." Não tenho tempo para jogos, e não acho engraçado o que está acontecendo.
Um que já ouvi chamado Davide olha para o rosto confuso de Venna, e seus lábios se contraem em um sorriso de desdém.
"Achamos que você gostaria de uma pequena, ah, demonstração." Ele gesticula ao nosso redor. "Aquela garota é uma das suas pequenas espiãs, não é?"
"Se ele não parar com essa besteira condescendente, essa vai ser a missão diplomática mais curta já tentada", digo para Anassa. Não me digno a responder em voz alta, só levanto as sobrancelhas.
Ele suspira. "Perdoe nossa piada. É que Hanlen aqui," ele indica um dos outros atendentes de Elias, "tem o hábito de mostrar um certo lado da nossa terra para seus espiões que acham que estão se escondendo de nós. Enganar os lobos deles é um desafio particularmente interessante, já que nossos poderes se estendem apenas à visão e não aos cheiros."
Hanlen assente, e então sua expressão fica focada.
Atrás de mim, Venna grita e apunhala o nada com uma adaga. Ela e Skaia giram como se estivessem defendendo inimigos invisíveis.
Agora todo o grupo de Sifões está rindo.

"Magia de ilusão", Anassa me lembra com um tom sombrio. "Deve ser por isso que mantiveram essa terra verdejante em segredo dos Nocturnans esse tempo todo."
Eu me viro para Hanlen com raiva, mas Cratos está um passo à minha frente.
Ele e Stark avançam em direção aos Sifões e seus cavalos. A próxima coisa que sei, Hanlen estava no chão. O cavalo dele galopa para longe do nosso grupo apavorado, a boca espumando.
O ombro direito de Hanlen jorra sangue onde antes estava seu braço. Ele brada de dor, convulsionando.
Cratos lança o braço mutilado ao céu antes de devorá-lo em um único engolir nauseante.
Mais rápido do que meus olhos conseguem acompanhar, o resto do grupo dos Sifões desmontou, armas em punho. Stark grita quando um deles avança contra ele e Noemi, e Noemi lança uma rajada de magia de proteção Phylax à frente deles.
O Sifão ricocheteia na barreira invisível, então gira procurando uma saída.
Venna e Skaia se livraram rapidamente da confusão, vindo fazer guarda na minha frente e na Anassa.
As orelhas da Anassa voltaram, e ela está pronta para fugir, caso precisemos proteger minha irmã.
Skaia rosna para o punhado de Sifões que nos encaram.
Eu envolvo Saela com os braços firmemente, observando a localização dos Sifões. Pensando em como mantê-la segura nessa confusão. As sombras se mexem, e eu as alcanço, sua escuridão serpenteante vindo envolver meus braços.
"Paz!" meu pai grita. Ele avança em direção a mim e à Venna, braços abertos. "Isso é uma trégua, lembra?"
O ar está tenso enquanto cada um de nós olha para o outro lado para ver quem vai se mover primeiro.
Então Elias monta novamente, embainho propositalmente sua espada. Sua autoridade limita os Sifões, que recuam, armas voltando para bainhas, embora nenhum deles pareça feliz com isso.
Meu pai se ajoelha, cuidando de Hanlen, que geme de dor no chão.
"Para de reclamar, todos sabemos que um membro perdido não vai te matar," Venna retruca.
Aquele chamado Davide ferve de raiva ao lado de Hanlen, olhando para Stark e Cratos com óbvio desdém.
"Considere isso uma demonstração," sugiro, a voz pingando ácido. "De como gostamos de lidar com espiões em Nocturna. E Elias?" Ele encontra meu olhar. "Se Hanlen quiser manter seus outros três membros, é melhor instrui-lo e os outros sugadores de sangue a guardarem a magia deles para eles pelo resto da viagem."
Elias me olha sem expressão, rosto assustadoramente inexpressivo, olhos calculistas. Então ele me dá um sorriso largo, com as presas à mostra.
"Assim será, Vossa Alteza", diz ele.
Descansamos em dois grupos separados, mantendo deliberadamente distância enquanto os Sifons terminam de cuidar do ferimento de Hanlen.
Cratos lambe as costelas sempre que vê um Sifão olhando para nós. Não posso

culpá-lo, mas não é exatamente deixar os ânimos se acalmarem.
"Ele não consegue se controlar", diz Anassa com carinho. "Destruir Sifões é para isso que ele foi feito."
Não foi o começo mais auspicioso para nossa jornada.
O sol desce no céu, ficando gordo e dourado como mel no horizonte. A luz do final da tarde pinta o vale com tons suaves e sombras suaves. A paisagem bela contrasta fortemente com a raiva latente entre nosso partido dividido.
Finalmente, todos nós montamos novamente, estabelecendo uma trégua instável. Viajamos em silêncio pedregoso.
Elias nos guia para o vale. Ele me informa que vamos descansar durante a noite em um posto militar — uma estação de passagem projetada especificamente para viajantes militares, com acomodação para cavalos.
"Vamos evitar entrar diretamente na cidade próxima porque a aparição de lobos gigantes provavelmente assustaria os moradores. Nosso objetivo em toda essa jornada é que eles não sejam vistos, se possível", Elias me diz. Seus olhos encontram os meus, e ele acrescenta: "Há muitas histórias em Astreona sobre a selvajaria de suas feras."
Me irrito com a forma como ele se expressa, mas interrompo minha resposta. Diplomacia.
Quando a notícia do que aconteceu com Hanlen se espalhar, haverá mais uma história circulando.
Não consigo me arrepender de nada.
O posto avançado é pequeno. Há um grande prédio de madeira que parece feito para armazenamento; um longo estábulo ao ar livre; um conjunto de estruturas de pedra com aparência de correntes de ar; e um poço coberto no centro de tudo. O local está quase vazio, provavelmente habitado apenas pelas pessoas necessárias para mantê-lo funcionando.
Ao chegarmos, alguns tratadores de cavalariça se aproximam nervosamente para receber os cavalos, olhando com medo para nossos lobos antes de fugir. Alguns outros circulam pelo complexo aberto, parecendo a caminho de realizar trabalhos. Há o cheiro distinto e ardente de um ferreiro, assim como carne cozinhando.
Mantenho os olhos em Elias enquanto ajudo a descarregar os suprimentos dos lobos e montar nosso acampamento. Ele fala apressadamente com alguns de seus atendentes, que correm para completar tarefas misteriosas. Depois que Anassa está livre das nossas malas de viagem, olho para Elias e vejo que uma das pessoas que ele enviou está voltando com um par de cavalos frescos.
Minha curiosidade se acende.
Me aproximo dele com os braços cruzados sobre o peito. "Vai a algum lugar?"
"Davide e eu vamos até a cidade buscar comida e suprimentos adicionais", responde Elias.
"Que truques de Sifão eles estão fazendo agora?" Pergunto para Anassa.
Ela me dá o equivalente mental de um dar de ombros.
"Tenho certeza de que você entende por que a confiança é fraca entre meu grupo atualmente," eu lhe digo. "Então eu gostaria de acompanhá-lo." Meu tom deixa claro que não é realmente um pedido.
"Não sozinha, você não vai," Stark rosna. A presença dele está atrás de mim, e

eu me viro para franzir a testa para ele.
Então, acontece que ele consegue falar. Comer minha buceta não deixou a língua dele inútil, afinal.
Mas ele apenas me lança um olhar que diz: Se você acha que estou deixando você vagar por um ninho de Sifões sem proteção, você está perigosamente afastado da realidade.
Elias inclina a cabeça novamente e diz: "Você está convidado a se juntar a nós." Seus olhos vagueiam brevemente por cima do meu ombro, fixando-se em Anassa e nos outros lobos. "Mas os lobos terão que ficar."
"Que se dane," digo furioso para Anassa.
"Concordo", ela responde. "Prefiro ir com você. Mas também entendo que isso pode não ser possível se você visitar uma cidade Sifão relativamente despercebida."
Eu assinto. Eu faço. Mas eu não gosto disso.
Davide avança, alisando sua mão elegante pelo flanco do cavalo enquanto se junta a nós. Seus olhos estão pálidos, seu olhar intenso. "Vou mandar buscar montarias adicionais."
Minha irmã escolhe ficar no posto avançado com Venna, Noemi e... Nosso pai. Estou dividido sobre se é mais seguro para ela ficar com eles ou vir comigo e com o Stark.
"Eu vou cuidar dela", Anassa me assegura.
Acontece que não há muitos cavalos disponíveis além dos exaustos que os Siphons montaram aqui. Eles conseguem encontrar apenas mais uma montaria para nós.
Acabo tendo que dividir a sela com Stark.
Ele me oferece a mão em silêncio depois de montar, e eu solto o mais rápido que posso depois de me asentar nas costas do cavalo. As mãos dele repousam brevemente nos meus quadris antes de me soltar para segurar as rédeas.
Até esse toque momentâneo faz o calor se espalhar pelo meu corpo.
Que irritante.
Apesar da tensão e do drama do dia que tivemos — que deveria me deixar em alerta máximo — tenho dificuldade em me concentrar na nossa jornada até a cidade. Meu corpo continua registrando a pressão de Stark atrás de mim, seus braços de cada lado.
Tenho feito o possível para não analisar demais o que aconteceu entre nós, especialmente depois do tratamento de silêncio mal-humorado dele. Se ele vai ignorar o que aconteceu, tudo bem, dois podem jogar esse jogo.
Mas o contato entre nossos corpos continua ressurgindo memórias. Meus quadris pressionam repetidamente contra os dele, aumentando a temperatura do meu corpo.
Seus lábios. Suas mãos. A boca dele, pelo amor de Deus.
Mantenho o olhar fixo à minha frente, sem querer mostrar fraqueza para Elias e Davide.
Fraqueza como as faíscas que atravessam meu corpo toda vez que o movimento do cavalo nos sacude, empurrando o corpo de Stark contra o meu.
Não ajuda que toda vez que eu pulo para trás, percebo que estou tendo o mesmo efeito nele.

Adeus proteção contra os perigos na cidade do Sifão à frente. Não sei se vou sobreviver mais cinco minutos sem beijar ou matar o homem atrás de mim.

31

FORTE

Estou cercado por inimigos que não posso matar, montando uma criatura silenciosa muito inferior a Cratos, e mesmo assim a mulher sentada à minha frente vai ser o motivo de eu enlouquecer.

Agora, devo estar observando cuidadosamente a paisagem por onde pedalamos. Cada momento que passo em Astreona é uma chance de coleta de inteligência que pode fazer ou quebrar nossa posição nesta guerra.

Em vez disso, estou lutando contra o impulso de apertar Meryn ainda mais perto de mim de propósito. Pressionar sua bunda bem formada contra meu pau endurecido através do tecido fino da calça toda vez que o cavalo nos balança para cima e para baixo.

Isso é a última coisa que eu preciso—Meryn em perto, me empurrando cada vez mais perto de um limite perigoso que estou tentando evitar.

Ontem foi um erro, simples assim. Essa conexão mental nos levou a um lugar frenético, alimentando-nos das sensações um do outro e provocando um ao outro. Estávamos fora do juízo.

Quando acabou, tudo o que senti foi arrependimento.

Arrependimento de ter forçado ela a algo rápido demais, cedo demais.

Que talvez ela não pudesse confiar em mim depois.

Que deixei meu controle escapar e a coloquei em perigo, aproximando-a da armadilha do que quer que Siegrid esteja planejando.

Que agora conheço o gosto doce e ácido do calor escorregadio dela, e sei que nunca mais poderei tê-lo.

Para proteger a Meryn, preciso ficar bem longe.

A bunda dela bate de volta contra meu pau naquele momento, como se zombasse da minha determinação. O desejo me atravessa, e eu bato a cabeça para trás, reprimindo um gemido.

É por isso que as pessoas gostam tanto de cavalos?

"O que você disse?" Cratos intervém de trás no posto avançado. A curiosidade selvagem dele me inunda. "Vamos comer os cavalos?"

"Não existe 'nós' em comer cavalos, e por favor, deixe-os em paz", eu murmuro. "Um braço de Sifão é carne proibida suficiente por um dia. Pare de fantasiar com lanches e fique de olho na Saela."

Cratos resmunga enquanto corta nossa conexão.

Saímos dos campos. A estrada de terra vira cascalho e depois pedras de pavimento ao entrarmos na vila.

A cidade está situada na encosta de uma colina verde, com estradas estreitas de paralelepípedo serpenteando por toda a região. A fumaça sai preguiçosamente das chaminés. As casas são robustas e bem cuidadas. Tudo aqui é estranhamente idílico.
Há hortas transbordando entre as casas. Mesmo na Cidade Vinculada, você não via coisas assim; nosso clima é muito inóspito para isso. Aqui, parece que os cidadãos cultivam o que querem.
O contraste entre este lugar e as cidades de Nocturna é surpreendente.
As pessoas que vemos nas ruas parecem diferentes dos plebeus de Sturmfrost, e demoro um pouco para perceber a diferença: parecem bem alimentadas.
Eu pensei que a Astreona era para ser o buraco, não o contrário.
Ainda assim, meus dentes permanecem na ponta, músculos tensos e prontos para o movimento.
Meryn olha ao redor, notando o mesmo. "Davide", ela chama baixinho, e ele segura o cavalo até ficar ao nosso lado.
Quero dar um soco no sorriso satisfeito dele. Está claro que ele vê o efeito que essa cidade bem cuidada está tendo sobre nós.
O homem se vira, sobrancelhas arqueadas. "Sim?"
"Quem mora nesta cidade? Sifões ou humanos?"
Ele balança a cabeça. "Como em toda Astreona, a população é mista. Mas essa cidade em particular é predominantemente humana."
Meryn se enrijece nos meus braços, e o choque me percorre. Ouvimos do pai dela que humanos e Sifões vivem juntos em Astreona—uma verdadeira confusão mental depois de acreditar eternamente que todos tinham sido exterminados aqui.
Mas a população é mista? Eles vivem entre si? Eles são menos segregados que Nocturna.
Ou...
Minha boca se contorce em desgosto. Ou os Sifons simplesmente gostam de manter suas refeições próximas, como gado bem cuidado. Até a hora do massacre.
Os mesmos pensamentos claramente passam pela cabeça de Meryn. "Então os humanos aqui estão à mercê dos Sifões?"
As pessoas que vemos andando pelas ruas parecem notavelmente calmas, considerando que seus predadores vivem entre elas. Um homem que parece humano e uma mulher com óbvia beleza de Sifão atravessam a rua à nossa frente. A Sifão inclina a cabeça para ouvir algo que a humana está dizendo.
Quase como se fossem... amigos.
O tom de Davide é entediado, mas suas palavras permanecem educadas. "Não exatamente. Embora todos os Sifones bebam sangue animal como sustento básico, o sangue humano é superior e preferido. Mas encontramos soluções que funcionam para todas as partes. Você vai ver. Logo à frente..."
Depois de alguns momentos, nossos cavalos fazem uma curva e entram em uma via mais larga que sobe a encosta de uma colina.
Davide levanta a mão e aponta para um grande edifício estruturado quase como um templo, com janelas altas e um grande arco dominando sua fachada. Pendurada no topo do arco está uma lanterna vermelha brilhante que pinta um

longo trecho da rua com suas cores.
"Esse é um estabelecimento onde os humanos podem vender voluntariamente seu sangue e são generosamente compensados por seus serviços."
Meus pelos ficam em alerta. Então essa é a fina camada de civilidade que eles pintaram sobre a verdade brutal. Eles têm esses humanos se prostituindo como sacos de sangue.
E o que impede os Sifões de tomarem o que querem a qualquer momento? Esses humanos com aparência complacente seriam alvos fáciles.
Davide tem a audácia de parecer divertido com meu desgosto. "Sangue também está disponível para compra na maioria dos mercados", ele observa, "embora fresco seja sempre o melhor."
Algo tem me incomodado. "E quanto aos Nocturnanos relutantes? Como crianças? Sabemos que o sangue deles é poderoso para você, considerado valioso."
Elias diminuiu o passo para ouvir nossa conversa e franze a testa. "Beber de uma criança é um crime, tanto legal quanto moral."
Meryn e eu trocamos olhares. Sabemos que os Nabbers em Sturmfrost estavam agindo a mando do rei, mas ainda assim...
"Stark e eu participamos de uma operação em Astreona há alguns meses. Havia um templo antigo na fronteira. Estava quase abandonado quando chegamos, mas era claro que crianças haviam sido mantidas lá."
Uma linha se forma na testa de Elias. "Um templo... Oh! Sim, resgatamos órfãos Nocturnanos."
O rosto de Meryn cora, e minha mão aperta a adaga no meu quadril.
"Com licença?" ela diz, voz baixa e tensa. "Você o quê?"
Davide cruza os braços. "Exatamente como ele disse. Olhe ao seu redor. Você sabe como é seu próprio país. Quando encontramos órfãos nocturnanos na frente, os realocamos com famílias em Astreona. É melhor para eles."
A raiva me invade. Que descaramento.
Meryn, para seu crédito, não os esfaqueia imediatamente. Sua boca se achata em uma linha fina. "Certo. Seu rei e eu vamos discutir isso, então. Meus cidadãos pertencem ao meu país."
"Cada palavra disso pode ser mentira", alerto Meryn.
"Obviamente," ela diz, a resposta irritada. Será que ela também está cheia de arrependimento pelo que aconteceu entre nós. "Mas ainda assim é útil entender as mentiras que eles querem contar."
Meryn é muito familiarizada com Sifões mentirosos, claro. Não preciso lembrar ela de ser desconfiada.
"Como os Sifões se controlam?" ela pergunta. "Quero dizer, especificamente, evitar transformar todos os doadores humanos em Sifões também."
Ele ri. "Você faz parecer..." O sorriso divertido de Davide desaparece. "Ah. Desculpe. Você realmente sabe muito pouco."
"Eu conheço alguns", diz Meryn. Sua voz permanece leve, mas seu corpo se tensiona, a violência apenas reprimida. "Mas eu apostaria que nenhum de nós sabe muito sobre a cultura do outro. Então talvez você possa guardar suas opiniões sobre meu conhecimento para si."
Davide fica em silêncio, e Elias interrompe suavemente. "Por favor, aceite

minhas desculpas em nome de Davide, Alteza. Vamos nos esforçar para responder suas perguntas sem mais comentários."
Ou o quê, eu me pergunto? Como Davide seria punido por azedar as negociações entre Meryn e seu rei antes de começarem?
Eu me entretenho imaginando várias opções letais.
Davide parece ter sentido um cheiro ruim, mas responde mesmo assim. "Transformar humanos em Sifões é, na verdade, bastante raro e rigorosamente regulamentado. Não haveria lógica em converter nossa principal fonte de alimento, e manter o equilíbrio populacional adequado é considerado essencial para a estabilidade de Astreonan."
Meryn resmunga. "Palavras grandes de um exército que transforma nossos soldados noturnos em sugadores de sangue à vontade." Sei que ela está imaginando o rosto do pai e lembrando das histórias que contei sobre nossos próprios soldados se voltando contra nós na linha de frente, despedaçando meus companheiros com os dentes.
"Às vezes transformamos soldados Nocturnanos gravemente feridos como seu pai, mas, fora isso, tornar-se um Sifão exige aplicação formal e aprovação por protocolos estabelecidos. E transformações de campo são avaliadas e documentadas para registros populacionais. Claro, acidentes acontecem, especialmente no calor da batalha," diz Davide, rígido.
Meryn e eu ficamos quietos enquanto assimilamos isso.
Tudo o que aprendemos sobre Astreona foi desinformação deliberada cuidadosamente construída e mantida por gerações de governantes noturnos. Governantes que eram na verdade Sifons, todos controlados por Alistair.
E tudo isso com o objetivo de reunir os Nocturnanos contra Astreona.
Há tanta coisa que não sabemos. Como poderíamos manter um equilíbrio de coisas em qualquer negociação entre nossos reinos?
Enquanto meus pensamentos giram, chegamos ao mercado de que Davide falava, e cada um desmonta do cavalo. Elias entrega uma moeda a um menino que espera na entrada da praça, e ele conduz nossos cavalos embora.
"Sinta-se à vontade para passear, Alteza", diz Elias suavemente. "Nossas ruas são seguras para você, embora eu recomende que fique por perto para não se perder. A gente se encontra aqui em breve."
"Devemos nos preocupar que eles vão sair sozinhos?" Pergunto à Meryn.
"Não, dane-se eles. Quero explorar."
Elias e Davide entram no mercado, indo para um toldo marcado a vermelho. Enquanto começam a pechinchar, suas palavras se misturando aos sons de outros frequentadores do mercado, me viro para Meryn — apenas para vê-la se afastando por uma viela lateral.
Mulher enlouquecedora. E agora?
Com vários passos longos, quase a alcanço. Ela vira em outro beco e fica brevemente fora da minha vista.
Quando viro a esquina, não estou pronto para o ataque dela.
Meryn me empurra bruscamente contra a parede do prédio atrás de mim. Há um rápido flash prateado, e então aço frio pressiona minha garganta.
Ela sacou uma adaga em mim.
Eu a encaro, me mantendo imóvel. Deixando ela segurar a lâmina para mim. Por

enquanto.
Cílios de calor nas minhas veias. Isso me excita muito mais do que deveria — o beijo do aço no meu pescoço, brandido por uma mulher que eu já provei.
"Qual é o seu problema?" ela sibila.
Levanto uma sobrancelha. "Agora, meu problema é que a pessoa que devo proteger está apontando uma faca para minha garganta," digo friamente.
Ela faz uma careta. "Você sabe que não é isso que quero dizer." Meryn empurra a outra mão com força contra meu peito, me segurando firme contra a parede de tijolos.
É o único ponto de contato entre nossos corpos, mas o calor dela está a poucos centímetros de mim.
O sangue corre para o meu pau, apertando minha calça. Não consigo me mexer para ajustar a pressão, não sem a faca da Meryn cortando minha pele.
Droga, queria não ter respondido assim para ela.
"Você vai mesmo fazer isso?" ela pergunta com desdém. "Só fingir que o que aconteceu entre nós na floresta nunca aconteceu?" Sua raiva faz seu rosto corar.
Tento suprimir as memórias, mas as palavras dela as trazem de volta. As pernas dela se abrindo para mim. O gosto dela nos meus lábios, úmido e desejoso. O jeito que ela se contorcia quando eu a trabalhava com a boca, provocava com língua e dentes.
O jeito que ela implorava para eu mandar nela e o jeito que eu amava isso.
A mulher submissa da floresta foi substituída por alguém feroz, e eu sou tão duro quanto isso. Ainda assim, digo com firmeza: "É para o melhor. Devemos fingir que nunca aconteceu, minha rainha."
Meryn rosna de raiva. "Tive muitos pensamentos cruéis sobre você nos últimos seis meses, Stark Therion. Mas eu nunca te imaginei covarde!"
A dor na voz dela me atravessa. Ela está certa, claro.
Estou sendo covarde, e isso não é do meu feitio. Mas a presença dela faz algo na minha cabeça que me faz não pensar direito.
Com uma mão rápida, afasto a adaga dela da minha garganta. Então eu a giro, invertendo nossas posições enquanto a jogo contra a parede de tijolos. Minhas mãos vão para os pulsos dela, prendendo-os acima da cabeça.
Por uma longa respiração, me deixei encostar nela. Meu pau está duro como uma pedra, o atrito e o calor deliciosos enquanto pressiono a barriga inferior dela. O gemido dela é pequeno e desesperado.
"Você está certo." Minha voz é baixa e rouca. "Eu deveria ter te contado logo de cara que foi um erro. Queria poder fingir que não aconteceu, princesa. Você não vê como está me torturando?"
Empurro meus quadris contra ela, e ela geme de novo.
"A ideia de você, nua para mim na floresta, fazendo tudo que eu te mandei gostar de uma garota tão boa? Isso está me deixando louco."
Solto um pulso e agarro o queixo dela, inclinando os olhos dela para os meus. Sua boca se abre, seu olhar um pouco vidrado.
"Você tem sido uma fixação pouco saudável desde o momento em que te vi," continuo, com a voz baixa. "E agora provei você e descobri meu sabor favorito. Você me assombra. Você me consome. E é pura agonia, porque seja lá o que foi, não pode acontecer de novo."

O rosto dela escurece, e ela tenta puxar o pulso da minha mão. Eu não a deixo ir. Não podemos sair daqui até que ela entenda.
Quando ela olha de volta para mim, está implorando. "Por que não, Stark? Se é assim que você se sente, por que não? Eu realmente não tenho espaço para ser bagunçado por outro homem. E se não ficou absolutamente claro, eu quero você. Tenho lutado contra isso, preocupado que fosse o vínculo de companheiro dos nossos lobos, mas cansei de mentir para mim mesmo. Então fale."
Abro a boca para contar sobre Siegrid—como o Soberano Alfa quer que a gente se case para poder governar o trono por procuração. De repente, porém, parece tão bobo. Meryn nunca deixaria ninguém mandar o que ela deveria fazer.
Quem se importa com o que o Siegrid quer?
E isso revela a verdadeira razão pela qual venho lutando contra essa atração.
"Eu não sou para você," eu digo a ela diretamente. Soltei os pulsos dela, recuando alguns centímetros. "Meryn, você... você poderia ser a maior rainha que Nocturna já viu. Você precisa estar com alguém que cultive as melhores partes de você. Não alguém que te puxa para o escuro e aproveita cada momento."
Ela abre a boca para discutir, então levanto a mão.
"Não. Estou falando sério. Pense no governante que você quer ser. Pense em quem vai governar ao seu lado. Você acha que o povo comum ou os nobres algum dia me aceitariam? Um açougueiro depravado cujo nome é sussurrado de medo? Uma pessoa que te vê lutando com seu poder e te incentiva a agarrá-lo, foda-se as consequências?"
Vejo as emoções passarem pelo rosto dela, como nuvens no céu, e avançar.
"Você precisa estar com um igual. Não alguém que é considerado um monstro. É melhor pararmos com isso agora, enquanto ainda podemos. Porque eu posso perceber, Meryn—eu sei como é ser arruinado. E te beijar tem gosto de pular em direção à destruição. Se continuarmos assim, nenhum de nós vai sobreviver às consequências."
Meryn vira o rosto de mim então, e eu dói com a perda do olhar quente dela. Sua mandíbula se contrai, e há um brilho onde lágrimas se formam em seus olhos.
É como se um lobo gigante estivesse arrancando meu coração ainda batendo.
Odeio ser a pessoa que a faz chorar quando cada parte de mim grita que eu deveria protegê-la, enxugar suas lágrimas. Mas essa é a única forma de protegê-la a longo prazo.
Para nos proteger ambos.
Porque ela vai se arrepender de mim, e eu não sei se algum dia conseguiria deixá-la ir.
Ela se vira de volta para mim e encontra meu olhar de novo, lágrimas brilhantes e brilhantes.
"Me destrói que você não saiba seu próprio valor, Stark", ela rosna. "Queria poder voltar no tempo e cortar as mãos de cada pessoa que já te machucou. Todos que te fizeram acreditar que você tinha apenas um propósito, um tipo de valor. Você é um milhão de vezes mais do que te disseram."
Meryn respira fundo, trêmula, e percebo que estava segurando a minha, hipnotizada pelas palavras dela.
"Além disso, se você é um monstro, o que eu sou? Se você é depravado, eu

também sou, seu filho da puta. Você não pode reivindicar minhas piores ações como suas. Eu faço minhas próprias escolhas. E essa coisa entre a gente?"
Ela se aproxima, levando as mãos ao meu rosto. E com seu toque vem a conexão — ela se abre mentalmente, e desta vez é mais rápido do que nunca, deslizando para aquele lugar em nossas mentes.
Nossos dois batimentos cardíacos são um, alimentando urgência, paixão e alguma outra emoção que dói ao olhar de perto, como a luz ofuscante do sol.
"O que é isso, Stark?" vem a voz dela na minha cabeça, seus olhos brilhando de tristeza e admiração. "Isso não é só o vínculo de companheiro entre nossos lobos, e você sabe disso. Só você é capaz de se unir a mim assim e compartilhar meu poder. O que você é senão meu igual?"
O sopro da Meryn é o meu fôlego, e eu estou me afogando nela, puxado para baixo em um mar que não consigo nomear.
E então somos interrompidos por um grito áspero.
Meryn se assusta. É uma mulher em perigo — nós dois sabemos isso instintivamente.
Nossas mentes se separam, e voltamos a nós mesmos enquanto ambos partimos em silêncio em direção ao barulho.
Descemos o beco e, ao virar a esquina, ambos já temos as lâminas desembainhadas.
A origem do grito é óbvia.
Uma mulher loira está prostrada sobre um lance de degraus de pedra em frente a uma casa. Dois Sifões estão acima dela, ambos com presas à mostra—um de pele pálida e fino, o outro mais grosso com um sorriso malévolo. A porta da casa fica aberta, e eu vejo um olhar assustado enquanto um garotinho espreita e depois recua.
A pálida está a centímetros de rasgar a carne da mulher quando a voz de Meryn soa alta e imperiosa. "Pare! O que você está fazendo?!"
Ele olha para nós, e Meryn empalidece ao ver a expressão de frieza indiferente no rosto dele.
"Estamos cobrando aluguel do nosso inquilino." Ele balança a cabeça como se estivesse irritado com a interrupção. "Ela está atrasada no pagamento, então estamos assumindo nossos atrasos."
Seu amigo grosso observa preguiçosamente enquanto o Sifão fino se inclina para dar uma mordida. A mulher está soluçando, tremendo de medo. Tudo nisso está errado.
"Nem pensar!" Minhas adagas se movem antes que minha boca termine as palavras.
E eu liberto a cabeça pálida do Sifão dos ombros dele. Ela bate nas pedras do pavimento e quica uma vez antes de rolar para a sarjeta.
A mulher grita novamente enquanto é encharcada de sangue — um lamento longo e agudo.
O Sifão grosso olha para mim e para Meryn com choque ofendido. "Quem diabos você pensa que é?"
Em velocidade relâmpago, ele agarra Meryn, as mãos envolvendo seu crânio em um aviso claro. Pronta para quebrar o pescoço dela se eu fizer o menor movimento.

Eu congelo, avaliando o que fazer a seguir para não desencadear a violência dele.
Nesse momento, Elias e Davide correm pelo beco vindos do outro lado. "Solte ela imediatamente," Davide retruca.
Os Sifões ficam à frente, os três com as presas à mostra.
"Considere isso uma ordem do seu rei", diz Elias friamente. Ele enfia a mão no bolso da túnica e tira um broche dourado, um sol com raios ondulados.
Ninguém se move por um momento tenso. Então o homem Sifão recua a contragosto, soltando Meryn e a empurrando para longe. Claramente, o broche devia significar algo — o símbolo de Lucien Brightbane, talvez.
"Nossos amigos são novos na cidade," Davide interrompe, conciliador. Ele entrega dois dos sacos em seu braço para o Sifão irritado. "Eles não sabem melhor. Por favor, leve isso com nossas desculpas pelo seu incômodo."
Elias agarra o braço de Meryn e a arrasta para longe da cena enquanto eu sigo. "Inacreditável," ele murmura baixinho. "Matar um civil no minuto em que eu solto vocês dois fora da minha vista."
Ele finalmente a solta quando estamos a algumas ruas de distância.
"Que porra é essa, Elias," Meryn rosna.
Elias e Davide trocam um olhar.
"Aqui em Astreona, se os humanos não podem pagar em moedas, os Sifões têm todo o direito de receber pagamento de sangue em vez disso. Aquele senhorio não estava infringindo nenhuma lei." O rosto de Elias é impassível enquanto ele explica essa barbárie.
Fecho os punhos. Adeus a este país ser melhor que Nocturna.
Meryn treme de raiva. "Então você está dizendo que acabamos de deixar aquela mulher com um Sifão que vai se alimentar dela sem o consentimento dela! E é permitido."
Elias cruza os braços. "É um pagamento. O que não é permitido é exercer seu próprio senso de justiça sem qualquer consideração pelas leis do país que você está visitando. Além disso, alguém está morto, e aquela mulher humana que você achava que estava ajudando será responsabilizada por isso."
O rosto de Meryn fica vermelho. "O que isso significa?"
Quando não recebe resposta, ela se afasta furiosa.
Todos nós montamos novamente em nossos cavalos em silêncio. Meryn se senta o mais à frente possível na sela e consegue evitar me tocar o caminho todo de volta.
Quando chegamos aos estábulos, a fúria irradia dela. É surpresa que ela não tenha invocado suas sombras. Eu deslizo do cavalo primeiro e ofereço a mão, mas ela dá um tapa, descendo sozinha.
Ela se vira para ir embora, mas então para e avança até mim, o rosto uma máscara indecifrável.
"Você é um homem quebrado", ela diz secamente, dizendo apenas a verdade. "Os pedaços despedaçados de mim reconhecem os pedaços despedaçados de você, e é por isso que estou te dizendo: vou te dar tempo."
Quero dizer não para ela de novo. Mas ela já esgotou meu controle tanto, e talvez veja isso no meu rosto, porque ela segue em frente.
"Vou te dar tempo, mas não será para sempre. Então pense no que eu disse. Dê o

salto, Stark. Talvez termine em destruição. Ou talvez termine com duas pessoas destruídas encontrando um jeito de construir algo novo nos escombros."
Ela se afasta, me deixando no estábulo cheio de cocô de cavalo e cheio de feno. A égua que montamos relincha para mim.
"Do lado dela?"
Não diz nada, é claro. Fera inútil.
Será que Meryn estava certa? Se cada parte de mim gritar para diminuir a distância entre nós mais uma vez, será que seria tão errado ceder?

32



MERYN

DAys passo. Dividimos as refeições. Paramos para comprar água e suprimentos. Vamos dormir noite após noite em camas desconfortáveis. O clima fica mais quente quanto mais ao sul vamos, e eventualmente Elias precisa se aventurar na cidade de Dawnspire para comprar roupas mais leves para todos nós. É um alívio bem-vindo, mas ainda assim não é suficiente.

Nunca senti calor assim antes, e a forma como meu corpo está respondendo é simplesmente... Rude.

Suor. Constantemente. Sem nenhum esforço envolvido.

Durante tudo isso, mantenho o pulso coberto, mesmo com roupas mais leves. Não preciso que os Sifões saibam da pulseira de noivado — pelo menos ainda não. Talvez eu consiga respostas para a remoção aqui. Mas quero que essa conversa seja nos meus termos.

De vez em quando, porém, juro que aperta. E meu cérebro recorre involuntariamente ao Killian. Nas minhas verificações diárias com o Siegrid, ela me diz que não tivemos notícias dele desde a deserção da Phylax, e eu estou sempre em alerta.

A paisagem ao longo de nossa jornada continua a se transformar ao nosso redor, tornando-se cada vez mais árida. A exuberância cede, substituída por longos trechos de caminho empoeirado e arbustos murchados. A flora também muda, tornando-se mais vibrante—pétalas afiadas e explodindo em tons de vermelho, laranja e amarelo como chamas resistentes.

As pequenas cidades por onde passamos são cada vez mais elaboradas e ornamentais em sua arquitetura. O material de construção muda, passando a ser argilas vermelhas, tijolos e telhados de telha.

Stark e eu nos evitamos completamente, exceto quando dormimos. Tem sido extremamente desconfortável, e todo mundo percebeu. Venna fica ao meu lado, e Noemi vai a todo lugar com Stark.

Fico pensando se ela está adorando a atenção dele inteiramente nela, e aí eu me dou um chute no próprio traseiro por me importar tanto. E eu me pergunto o que ela acha de nós dois dormirmos juntos. Ela se importa?

Venna me pega olhando para eles juntos e diz: "Poxa, o que a Noemi fez com você? Você está olhando para ela como se ela tivesse mutilado a Anassa."

"Ela nunca chegaria perto o suficiente," Anassa resmunga. "Não me arraste para seu drama humano irracional."
Arrumo uma desculpa—areia no olho, nada a ver com Noemi—e tento reforçar as defesas ao redor do meu coração.
Mas, claro, não consigo deixar de me importar. Não agora que já tive um vislumbre de tudo que poderíamos ser juntos.
Teimoso do caralho. Controlador obsesivo.
Pensar em Stark e no controle faz meu interior se revirar de novo, o calor crescendo dentro de mim pior que o ataque constante do sol.
Em uma parada, encontro Saela sentada com nosso pai em um canto tranquilo do pátio do posto avançado. Eles estão encolhidos lado a lado em uma barreira baixa de pedra que separa o pátio do prédio ao lado dele. Eles estão profundamente envolvidos, inclinados um para o outro.
Observo a interação, imóvel.
Saela fala abertamente com ele, as mãos tremulando enquanto fala. Nosso pai escuta atentamente, assentindo de vez em quando. Saela parece quase como antes.
Ou, pelo menos, tão perto quanto a vi desde Killian.
Tento entender a composição exata da horrível onda de emoção dentro de mim. Ainda estou furiosa com nosso pai. Mas há algo mais por trás disso, observando-os juntos.
Brilha como neve fresca. Há potencial. Tem peso. Tem beleza. Tem silêncio.
Saela nunca realmente experimentou a atenção e o interesse exclusivos de um dos pais. A doença mental da nossa mãe impediu Saela de formar o tipo de vínculo materno que eu compartilhava com minha mãe quando era jovem, antes de tudo mudar. Ela nunca pôde confiar na nossa mãe e aos poucos aprendeu a parar de procurá-la para quase nada.
E eu tentei, mas...
É só bom ver isso. Ela está feliz, e é meu trabalho proteger isso, mesmo que isso também faça meu coração pesar um pouco.
Há um barulho de passos, e olho para ver Noemi passando. Ela observa o que estou observando e diz secamente: "Pais, estou certo?"
Soltei uma risada contida.
Ela morde o lábio hesitante e então diz: "Olha, a gente não se conhece bem. Mas de uma filha ferida para outra, posso perceber que seu pai está tentando. Não perdoe ele se não puder, mas só... Tenha isso em mente."
O conselho dela solta algo dentro de mim.
Quando Noemi se afasta, Saela percebe que eu os observo, e sua expressão se fecha instantaneamente. Seus ombros se levantam, ela abaixa a cabeça e se afasta de Fredrich como se tivesse sido pega fazendo algo proibido.
Dói. Não quero que ela se sinta culpada por encontrar felicidade, independentemente do meu relacionamento complicado com ele. Não é sobre mim.
"Vou ver se os lobos querem ser escovados", Saela diz para o chão.
Eles realmente, realmente não têm. Mas, surpreendentemente, tanto Anassa quanto Cratos cederam aos carinhos adoradores de Saela. Saela passou a escová-los diariamente com ferramentas de cuidado de cavalos que pegou em um dos

postos avançados, e até agora nenhum dos dois arrancou sua mão.
"Hora de se arrumar", aviso Anassa, e ela rosna na minha cabeça.
"Vou avisar Cratos para sair para correr. Sua paciência para isso desapareceu. Ela tentou amarrar uma fita nele ontem."
Enquanto Saela parte para encontrar Anassa, eu me afasto rapidamente em direção ao meu pai. "Vou te fazer uma pergunta, e você vai responder honestamente."
"Claro que vou," Fredrich diz com uma suavidade que me irrita ainda mais.
Passo os dedos pelo cabelo e encaro minhas botas. "Existe alguma possibilidade, algum procedimento ou magia, que possa reverter o que aconteceu com ela? Será que Saela poderia voltar a ser humana?"
Mesmo enquanto faço a pergunta, eu sei a resposta. Mas uma parte de mim só precisa ouvir.
Que as vibrações das palavras ditas quebrassem a resistência em minha alma.
"Eu pensei que... talvez em Astreona, onde os Sifões se originaram, possa haver alguma cura desconhecida", digo.
Ele está em silêncio. Eu sei o que vou ver, mas levanto os olhos mesmo assim. E ao vê-lo, meu último fio frágil de esperança se rompe. É uma tristeza genuína e sem restrições em seus olhos.
"Não", ele diz. Ele balança a cabeça. "Não, não há como reverter a transformação. Uma vez que você é transformado, é permanente e completo. I… revistaram."
Fechei os olhos e deixei isso me matar um pouco por dentro. Só por algumas respirações.
E então, porque quero cravar uma faca nele, digo: "Talvez você não tenha procurado com força suficiente."
Quando me afasto, o batimento do meu coração nos ouvidos quase abafa a dor no peito.



No dia seguinte, finalmente chegamos à cidade de Brightbane.
Chegamos ao topo da última colina, e imediatamente nosso grupo para de andar, parando em admiração atônita.
Brightbane se ergue do fundo do vale como algo saído de um sonho, construído principalmente de uma pedra rosa-branca distinta que parece brilhar sob a luz do sol.
Diferente dos prédios práticos e escuros de Sturmfrost, feitos para proteger o frio e se agarrar à pouca luz solar que recebemos, esta cidade apresenta arcos amplos, torres delicadas e fachadas ornamentadas.
São todos espaços amplos feitos para captar e canalizar brisas. Há tão pouca chuva aqui que há prédios com telhados abertos. Vastos espaços verdes são protegidos dentro da cidade, cercados por muros protetores — árvores para dar sombra e alívio do calor pedregoso.
Pelo centro passa um canal onde as pessoas deslizam em pequenos barcos de lazer, a água brilhando sob a luz do sol. As torres espalhadas pela cidade se

partiam sob o peso da neve em casa ou se quebravam em nossas nevascas.
Aqui, eles se estendem com ousadia e delicados e costuram fios de nuvens no céu azul.
Dominando a paisagem urbana está o castelo real, construído na mesma pedra branco-rosada do restante da vasta glória diante de nós. Está empoleirada no topo do ponto mais alto, uma estrada sinuosa que circunda a colina que usa como trono.
A magnífica estrutura é cercada por jardins em terraços. Suas paredes apresentam inúmeras janelas arqueadas e varandas ao ar livre. Um fosso envolve a base do castelo, alimentado pelo canal. Três pontes estreitas conectam o complexo do castelo ao restante da cidade.
À medida que nos aproximamos dos arredores da cidade, Venna solta: "Isso é insano."
"Isso é... uma coisa boa?" Davide pergunta, com uma sobrancelha erguida.
"Não faço ideia," respondo, levantando as sobrancelhas para minha amiga. Ela dá de ombros.
"Você está pensando o que eu estou pensando?" Pergunto mentalmente para Venna.
"Que Izabel teria adorado isso?" Há uma nota nostálgica em sua voz, e seus lábios se franzem, olhos brilhando. "Cidades não têm direito a serem tão bonitas. Acho que se ela tivesse visto Brightbane, teria insistido em se mudar para cá permanentemente, que se danem os sugadores de sangue."
"É bom pensar nisso pelos olhos dela", respondo. "Isso me faz sentir menos como um refém caminhando rumo à morte quase certa e mais como alguém em uma aventura romântica."
Venna concorda, e eu queria que pudéssemos ficar nessa colina para sempre. Este é o primeiro momento que conseguimos relembrar de forma agridoce desde a morte de Izabel. A primeira vez que compartilhamos um pensamento sobre ela juntos e não apenas magoamos com nossa perda.
"Se me permite sugerir," Elias interrompe, quebrando nossa paz, "talvez seja uma boa ideia deixar seus lobos gigantes no deserto além das muralhas da cidade e seguir a pé. Enquanto os cidadãos de Brightbane estão acostumados a muitas visões incomuns, lobos gigantes podem causar pânico desnecessário entre a população."
Me irrito imediatamente. Há uma diferença entre se separar de Anassa em uma vila pequena. Este é o assento do poder do Rei Lucien. Eu preciso do meu maldito lobo.
A violência respondendo aumenta em Anassa.
Mas Stark fala antes que eu possa. Com força. "De forma alguma vamos nos desfazer dos nossos lobos."
Elias dá de ombros. "Muito bem, então."
Seguimos pelos portões imponentes da cidade e entramos nas ruas sinuosas. Assim que entra, o ar esfria. A estrutura da cidade ajuda a aliviar o calor — a pedra ao nosso redor, os canais de vento, as árvores frutíferas plantadas para sombra e a água cintilante.
Ao nosso lado, Cratos solta um longo e pesado suspiro de alívio. O pelo preto dele provavelmente é pior que o de Anassa.

Detalhes se revelam que eu não conseguia distinguir de cima. Fontes esculpidas em cada esquina, borbulhando com água fresca. Torres de sino que não parecem marcar a hora, mas sim tilintam com um som constante e tilintante. Azulejos pontilham muitos dos prédios e estradas, suas cores vivas dispostas em padrões geométricos.
No começo, fico distraído com as paisagens, mas logo percebo que estamos recebendo muita atenção. Os cidadãos ofegam de medo ao nos verem chegando. As mães puxam seus filhos para trás e apressam-se para longe. Os lojistas fecham as portas apressadamente.
Sinto como se eu fosse um pesadelo ambulante, de volta a ser uma história assustadora na mente de outra pessoa.
Ignoro o máximo que posso.
Ajuda o fato de que Anassa nem se importa um pouco que essas pessoas tenham medo dela. Ela mostra os dentes para eles enquanto caminhamos, me lembrando que não importa o que eles pensem. Eles são o inimigo.
Após uma procissão extremamente lenta, finalmente chegamos à entrada principal do castelo. Elias para seu cavalo antes do início da ponte. A água do fosso escorre suavemente, peixes passando perto da superfície.
"Eu vou te conduzir pelos portões, e então nos separaremos por enquanto", diz Elias. "Não foi tão horrível quanto esperava, viajar com você."
A boca de Stark se contorce, e Noemi apenas o encara. Suspiro, desejando que tivéssemos terminado a jornada em alta.
"Pronta, Sae?" Pergunto, acariciando o braço dela para me distrair do constrangimento.
"Sim," ela diz, inclinando-se para frente para poder olhar para as águas cintilantes enquanto Anassa segue atrás dos nossos guias.
Os portões altos se erguem sobre nós. Estão cobertos de padrões dourados ondulantes e pedras preciosas reluzentes. Há um símbolo acima deles — aquele sol com raios ondulados novamente.
Nos esperando no centro dos portões abertos está uma reunião de pessoas. Provavelmente sifones, pelo quão bonitos são.
Um deles é esse Rei Lucien? Observo a multidão, mas ninguém parece mais elegante do que os outros.
Um homem avança com as mãos entrelaçadas cuidadosamente à sua frente. Ele é alto, impecavelmente vestido com um longo manto esvoaçante com flores cor cerejeira. Tem até uma fita amarrada em seu pescoço.
Na verdade, muitos deles têm fitas. Astreona alta moda, talvez.
O cabelo preto como breu do homem brilha à luz. Ele arruma o rosto em um sorriso educado, depois inclina apenas a cabeça. Superficial. "Eu sou Felippe, o Camareiro Real do Castelo Brightbane."
Camareiro Real. O Rei Lucien enviou o camareiro para me cumprimentar em vez de me cumprimentar pessoalmente. Um grupo de políticos e empregados nos encara como se não soubessem o quão insultante isso é.
Eu franzo a testa. "E onde está seu rei?"
Felippe aperta os lábios como se estivesse segurando um sorriso, e sua voz se contorce com algo próximo da diversão. "O rei não receberia pessoalmente visitantes na porta. Você o verá quando ele chamar você para sua presença."

A escolha de palavras dele, especialmente invocações, imediatamente me deixa nervoso. Anassa rosna silenciosamente sobre nosso vínculo.
Não consigo entender se eles estão me ofendendo de propósito.
Elias solta um assobio agudo. Isso assusta Felippe, que franze a testa para Elias.
Nosso guia gira o dedo em círculo. "Nosso trabalho está feito."
Então Elias se vira para me olhar e, pela primeira vez desde que o conheço, ele se curva completamente pela cintura. Baixo e profundo. Quando ele se levanta, seus olhos demoram em mim. Então ele e os outros marcham com seus cavalos pelos portões e entram no pátio do castelo além.
Felippe parece desorientado. O que quer que tenha acabado de acontecer — seja lá o que Elias acabou de fazer — significou mais do que eu entendo completamente.
"Ele demonstrou respeito onde merecia. Quando você precisou", Anassa me diz.
Sorrio devagar. A confusão de Felippe faz mais sentido. Elias me elevou quando Felippe estava me fechando em uma caixa. Meu sorriso desaparece quando percebo que meu pai ainda está aqui, permanecendo no fundo do grupo.
Talvez eles também não saibam o que fazer com ele.
Stark avança em direção a Cratos. Algumas pessoas se afastam correndo do alcance dos dentes. "Precisamos de acomodação para nossos lobos gigantes. Existem suítes com terraços conectados ou um espaço semelhante onde nossos lobos possam ficar perto com fácil acesso externo?"
Uma das mulheres do séquito de Felippe dá risadinhas. "Não mantemos animais de estimação dentro de casa aqui."
Cratos se inclina para frente, estalando os dentes. Sua presa prende a borda da fita do pescoço da mulher, infelizmente tingida de um vermelho profundo. Quando a fita desce com força, parece quase sangue.
A mulher não é a única que grita, e percebo que Stark demora para acalmar Cratos e incentivá-lo a recuar um passo.
Sua expressão escurece enquanto ele diz friamente: "Lobos gigantes não são animais de estimação. A falta de consideração de acomodações adequadas para os lobos demonstra desrespeito não só para com eles, mas especialmente com a Rainha Meryn e Anassa, que viajaram até aqui a pedido de Astreona."
A voz de Stark carrega uma ameaça. Respeito ou decapitação. Sua escolha.
Diante da severidade do tom de Stark e das reações dos lobos, Felippe rapidamente se curva em desculpas — muito mais profundamente do que antes. Isso me faz pensar que ele nunca teve a intenção de me insultar.
Ele pode ser ignorante, o que é mais fácil para mim perdoar.
"Há um jardim nos fundos ao lado do castelo que leva às montanhas além. Vamos prepará-la imediatamente como acomodação adequada para os lobos gigantes, com acesso direto aos aposentos dos Nocturnanos", diz Felippe apressadamente.
Noemi então intervém, desmontando de Ephyse. Ela exibe seu sorriso perolado e lindo e diz, no tom que agora reconheço como persuasivo: "Obrigada pela sua solução, camareiro. Se puderem ser tão gentis, meus amigos e eu agradeceríamos ser levados aos nossos quartos. Estamos viajando há muitos dias e gostaríamos de nos refrescar."
Felippe se endireita e acena com a cabeça. "Sim, claro." Ele levanta a mão e

estala alto.
Um dos homens atrás de Felippe avança hesitante. "Eu posso... Te levar até lá. Para os jardins", ele diz. "Os lobos, quero dizer." Ele está claramente apavorado.
Venna salta das costas da loba antes de ajudar Saela a descer. Stark balança de Cratos com a mesma graça de sempre, mas mesmo isso pouco me distrai. Eu me afasto das costas de Anassa e compartilho meu desconforto.
Ela vira a cabeça e encosta o nariz no meu peito. "Estarei a poucos momentos, caso precise de mim. Sempre."
Meu maxilar fica tenso enquanto a observo ir embora. Cratos a alcança e se encosta em seu lado, e suas caudas se tocam com os passos. Pelo menos eles vão se ter.
E quanto a mim? Stark já está ao meu lado, braços cruzados sobre o peito, olhando para o grupo de Astreonanos como se desafiasse um deles a tentar me dar um soco.
Ele ainda quer me proteger—mesmo que não me queira. Suspiro.
Felippe nos conduz pelos elaborados pátios e corredores, e não consigo me livrar da sensação de que, apesar de termos vindo aqui voluntariamente, somos essencialmente reféns.
Não importa o quão bonito tudo seja.
Não importa que haja uma cachoeira dentro ou que a arquitetura projete sombras delicadas e se refleta na água.
Prisões podem ser bonitas.
As atitudes dos Astreonanos sugerem que eles nos veem como curiosidades bárbaras. Não consigo imaginar o que eles pensariam se tivéssemos aparecido de peles. Momentos depois que tenho esse pensamento, Felippe confirma minhas preocupações em um tom notavelmente condescendente, como se estivesse falando com crianças.
"Fizemos o possível para organizar os quartos do seu jeito, mas tenho certeza de que as coisas aqui são um pouco diferentes do que você está acostumado em Nocturna. Aqui, dormimos em camas, não na floresta com nossos animais."
Soltei um riso bufante. Quando olho para Stark, ele parece tão incrédulo quanto.
Que histórias de merda eles ouviram sobre a gente?
Considero corrigi-lo, mas decido que não vale a pena o esforço no momento. Estou acostumado a ignorar a condescendência, então faço o que sempre faço. Absorvo o golpe e guardo para depois, caso eu precise desse pequeno toque de dor para dar um pouco mais de força ao meu próprio golpe.
Chegamos a uma suíte espaçosa de quartos destinados ao nosso grupo. Há uma grande área comum ricamente mobiliada, cercada por quartos individuais adjacentes. Uma enorme claraboia retangular ilumina tapetes trançados.
Uma poça rasa de água parada foi esculpida no chão de pedra. O arco que leva a uma varanda reflete perfeitamente na superfície da piscina. Há até um trabalho delicado de azulejos na pia.
"Os arranjos para dormir serão os seguintes", nos diz Felippe, desenrolando um pergaminho. "O primeiro quarto abrigará Venna. A segunda, Noemi." Ele pronuncia o nome dela completamente errado—Nummy. "Terceiro, er, Stark. E os dois últimos pertencerão à Rainha Meryn Sturmfrost e à Princesa Saela, respectivamente."

Felippe se volta para meu pai, que permanece em silêncio desde que chegamos ao castelo. E ele responde de forma desdenhosa: "Agora você pode voltar para sua casa na cidade."
Meu pai se curva profundamente, e Saela solta um chocado: "Oh!"
Ela me olha, olhos arregalados e suplicantes. Suas mãos sobem ao peito, apertando logo sobre o coração.
Nunca fui bom em negar algo que ela quer para minha irmã. E para minha grande irritação, percebo que nem consigo negar isso a ela.
"Espere", digo a contragosto. Meu pai se assusta ao me olhar. "Você... Você pode ficar? Você está livre para ficar?"
Sua boca se abre e fecha como um peixe procurando ar. Eventualmente, ele diz: "Não tenho outras obrigações no momento."
Aff. Acho que está decidido. Olho para Felippe e digo: "Meu pai permanecerá no castelo como emissário oficial entre nossos reinos."
Não posso vê-lo ir embora. Não posso deixar isso acontecer com a Saela, sabendo intimamente como isso é.
"Vou providenciar acomodação para ele também, então," diz Felippe. "Você será convocado para o jantar mais tarde." Ele vai até a porta e para ali antes de se virar. "Quase esqueci de perguntar. Você come sua carne crua como seus animais?"
Confirmou que ele é só um ignorante de merda, então.
As mãos de Stark se fecham em punhos, mas antes que ele possa reagir como Cratos, Noemi avança para acalmar a situação. O sorriso dela não chega aos olhos enquanto explica: "Comemos nossa comida como qualquer outro humano."
Ela enfatiza a palavra humanos, destacando intencionalmente a distinção entre nós e os Sifons. A implicação é clara — eles deveriam nos servir como servem a qualquer um de seus convidados que não sugam sangue.
Isso, assumindo que algum dia tenham humanos aqui como convidados, em vez de apenas funcionários subservientes ou sacos de sangue dispostos.
Felippe nos informa que os criados chegarão dentro de uma hora para nos ajudar a preparar o jantar, e então finalmente se despede.
No instante em que a porta se fecha atrás dele, a máscara educada de Venna cai. Ela se vira para mim com um brilho nos olhos.
"Posso, por favor, espionar esses idiotas?"

33



MERYN

I A felicidade de T não estar coberta de suor e sujeira pela primeira vez em muito tempo.

As câmaras de banho são tão luxuosas quanto o restante do castelo, assim como as roupas que nos fornecem. As roupas ainda são muito diferentes das nossas roupas habituais—roupas Astreonan de qualidade tão fina que não consigo me mover com medo de rasgar o tecido delicado ou puxar uma das pérolas costuradas.

As mulheres do nosso grupo receberam vestidos leves com cadarços intrincados nas costas, mangas longas e decote alto. Deve ser moda na corte, embora pareça impraticável nesse tempo.

Acho que se você tem o luxo de viver em um castelo enorme projetado para canalizar brisas e pode pagar por servos para te abanar, não precisa se preocupar em enfrentar o calor.

Estudando meu reflexo no espelho dourado do meu quarto, termino de fazer o melhor que posso com meu cabelo. O vermelho vivo do vestido é uma cor mais vibrante do que estou acostumada a usar. O tecido me faz parecer que fui esfolada.

Delicadamente esfolado.

Saindo do meu quarto, observo o resto do grupo.

Stark vestindo roupas Astreonan me para de repente. Ele está de calça larga e uma túnica feita de um tecido leve semelhante, tudo em tons de azul. A calça é de um azul marinho mais escuro, mas a camisa é de um azul claro brilhante, como um céu claro em um dia ensolarado. O contraste entre a cor vibrante e a escuridão profunda dos olhos dele me faz engolir em seco, com força.

Sua túnica tem mangas longas e gola alta, que cobrem a maioria das tatuagens, de modo que só as das mãos e do topo do pescoço ficam à mostra.

Minha mente preenche as lacunas sem minha permissão. Quero mapear o curso dessas tatuagens enquanto descem até o peito, se espalham pelo abdômen e descem...

Virei abruptamente e fui para o quarto da Venna para ver se ela precisava de ajuda.

Venna se veste às pressas para compensar o tempo perdido. Ela estava ocupada

explorando o castelo enquanto o resto de nós se preparava.
Os sifões na linha de frente podem saber identificar nossos espiões e enxergar suas habilidades, mas é evidente que as coisas estão muito mais relaxadas tão longe de Nocturna. Suas habilidades Kryptos a tornavam rápida e indetectável enquanto ela mapeava possíveis rotas de fuga.
Segundo o relatório dela, ninguém a viu.
"E parece um castelo", diz Venna.
"Sim. Já pensei nisso antes," eu resmungo, lembrando do que encontramos escondido sob os ossos do nosso próprio castelo. Se houvesse segredos escondidos pela magia do Sifão, Venna conseguiria contar? Algum de nós gostaria?
Alarmantemente, parece que todos nós já nos acostumamos com o toque de doçura no ar vindo da magia deles. Eu nem percebo mais isso.
"Mas há guardas em todas as saídas — supostamente para segurança. Embora pareça mais contenção. Aqui, Meryn."
Venna toca minha coxa, levanto a perna e puxo a saia até o quadril. Ela se dobra e amarra uma bainha na minha perna, depois crava uma adaga nela.
Faço o mesmo com a Venna, deslizando o couro no lugar contra a pele dela.
É fácil esconder lâminas sob saias esvoaçantes, o que é bom porque definitivamente não vamos entrar nessa situação completamente desarmados. A confiança em nossos anfitriões é justificadamente inexistente.
Eu sempre poderia usar dobra de sombra se as coisas ficarem de cabeça para baixo... mas confio em mim mesmo quase mais com facas do que com minha magia.
Voltamos para a sala principal quando uma batida soa nas portas, alta e insistente. Suspiro. De alguma forma, até as batidas deles soam rudes.
"Pronto?" Verifico com o resto do grupo.
"O mais que nunca seremos", responde Noemi.
"Sei que sou tão provável quanto qualquer um de vocês de ser o que comete um erro aqui, mas devemos tentar ao máximo não atrapalhar as negociações antes de sabermos o que está em jogo," digo a contragosto. "Não importa o quanto queiramos jogar a cautela ao vento e deixar nossos lobos soltos."
Encostei minha mente na da Anassa com isso, e ela me enviou uma onda de apoio. "Boa sorte. Mas se precisar que eu corra solto, minhas presas estão ansiosas para destruir nossos inimigos."
Minha boca se contorce. Olho ao redor — está claro que todo mundo está conversando com seus lobos gigantes também. Gostaria que todos pudessem nos acompanhar esta noite.
Saela me dá um abraço apertado. Ela vai jantar na nossa suíte; Negociações políticas não são lugar para uma criança, especialmente aquelas que podem acabar em violência.
Fredrich—ainda não consigo pensar nele como pai—ofereceu-se para ficar com ela. Tentei não machucar o fato de Saela parecer animada com isso.
Me afastando da minha irmã, abro a porta e revelo um Felippe perfeitamente composto. Se ele está irritado por termos feito ele esperar, ele não demonstra. Ele está tão ereto que me pergunto brevemente se há uma haste de metal implantada cirurgicamente na coluna.

"Boa noite. Você foi convocado para sua audiência de jantar com o Rei Lucien."
Invocado. Uma onda de irritação percorre nosso grupo.
Felippe, por sua vez, nos observa, percebendo nossa transformação de cansado de viagem para pronto para jantar. Fica claro pela expressão de desprezo que ele nos acha insuficientes.
Acompanhamos seu passo rápido pelos gloriosos corredores do castelo. Venna encara as costas de Felippe como se estivesse imaginando arrancar a haste e enfiá-la na órbita do olho dele.
Ele nos conduz por uma série de corredores cada vez mais ornamentados — cortiços de seda pintados esvoaçando na brisa quente, trabalhos de azulejos brilhando em dezenas de poças límpidas, estátuas de pássaros de penas longas voando nas alcovas de pedra — até chegarmos ao salão de jantar real.
Felippe apenas inclina a cabeça enquanto dois servos empurram as altas portas de madeira em perfeita sincronia.
O espaço que eles revelam é deslumbrante.
Os tetos são altos e arqueados, cobertos por mosaicos intrincados. Parece que estamos caminhando sob um céu noturno banhado de estrelas, as constelações um redemoinho de folhas de ouro brilhantes e pedras preciosas reluzentes. Ao longo da parede oposta, enormes janelas oferecem vistas panorâmicas da cidade abaixo e do deserto desolado, porém belo, além.
Vários membros da corte do Sifão já estão sentados à longa mesa de madeira escura e polida, carregada de louças e taças de vinho brilhantes, incluindo Elias, que me dá um sorriso falso ao entrarmos na sala. Todos brilham com joias e detalhes bordados. Lindo, como todos os Sifons.
E na cabeceira da mesa...
Rei Lucien Brightbane.
Eu sei que é ele na hora, mesmo que ele não seja nada do que eu esperava. Sua pele é lisa e pálida. Impecável. Sei que ele é antigo, mas não estava preparado para o quão jovem ele parece fisicamente.
Ele não parece mais velho que Stark. Talvez no final dos vinte anos.
Seu cabelo é loiro-branco e na altura dos ombros, preso atrás das orelhas carregado de brincos dourados. As travas de luz emolduram um rosto de simetria tão perfeita que parece quase irreal. Impossível, como se um mestre escultor o tivesse moldado em marfim, alisando seus traços com ambas as mãos em carícias cuidadosas—maçãs do rosto afiadas e altas, lábios cheios, queixo forte.
Ele é bonito a um ponto quase doloroso.
Lucien repousa com elegância casual em uma cadeira ricamente entalhada, as costas curvadas ao redor dos ombros. Uma coroa dourada está pousada no topo da cabeça dele. É formado por espinhos de metal torcidos que parecem ao mesmo tempo belos e letais. Eles emolduram seu rosto como raios de sol.
Prendo a respiração. É a coroa que vi na minha visão de previsão, quando tentava decidir se deveríamos aceitar a oferta da Ruby.
Embora sentado, a altura de Lucien é evidente. Um braço longo está apoiado sobre a mesa à sua frente, seus dedos fortemente anelados brincando com o haste do copo de cristal. Seus ombros largos são vestidos com tecido preto meia-noite adornado com sutis bordados dourados.
Preto. Escolha ousada para uma terra de sol aparentemente eterno.

Ele claramente prestou atenção cuidadosa à própria aparência. O tecido preto complementa sua pele pálida. Suas joias douradas destacam os fios loiros de seu cabelo quase branco. Os anéis em seus dedos são pesados, mas variam em design para não sobrecarregar o formato dos dedos longos. Mas nenhum desses detalhes chega perto dos olhos dele.
O brilho familiar deles envia uma corrente gelada por mim. São de um azul profundo e penetrante, e apesar da diferença de tom, olhar para eles me empurra de volta para os braços de Killian.
Pelo menos os olhos de Lucien não fingem inocência, percebo. À primeira vista, é fácil perceber que ele é cínico e astuto.
Espero que ele não estica mais do que o necessário. Não estou com vontade de jogar.
O olhar do Rei Lucien está em mim enquanto ele inclina a cabeça para trás e fala de seu assento. "Bem-vindo. Faz vários anos desde que conheci uma Rainha Sturmfrost."
A referência casual à Rainha Chiara, junto com aquele tom de diversão na voz, me faz arrepiar novamente. Ele a conhecia. Pessoalmente, muito provavelmente.
O que para mim é história antiga é mera memória para ele.
Me tranquilizo focando na pressão sutil da adaga contra minha coxa.
Antes que eu possa responder, Stark se coloca na minha frente, inclinando o corpo como se estivesse se preparando para bloquear um golpe de arma.
"Então levante-se e cumprimente-a direito." O tom dele é cortante.
A atenção de Lucien se volta preguiçosamente para Stark, um sorriso afiado se espalhando pelo rosto. "Ahh, sim, e como sempre, a rainha trouxe um protetor."
Há uma breve pausa durante a qual ele gira a ponta do dedo na borda do copo. Então ele se levanta.
A forma como ele desdobra sua silhueta alta e se move com o arco é deliberada. É praticado. Cuidado. Mas também é lento e superficial.
Mais uma vez, não sei se estou sendo desrespeitado.
Ao se erguer em sua altura total, algo brilha em sua coroa. Estreitando os olhos.
No centro está uma opala semelhante à do colar da minha mãe e da minha própria coroa, e no anel da Sacerdotisa.
Outra Lágrima da Deusa?
Meu coração começa a bater forte nos ouvidos. O que significa que outra Lágrima está aqui em Astreona?
O sorriso de Lucien não alcança os olhos. Ou mesmo de todos os seus lábios. Seus traços não são muito flexíveis. "Por que você não vem sentar ao meu lado para que possamos conversar direito?"
"Fique na outra ponta da mesa", Stark aconselha pelo nosso vínculo. "Marque-se claramente como igual a ele."
Eu poderia. Mas então, estou aqui para descobrir o que Lucien quer. Ouça o que ele tem a dizer.
Já vai ser difícil o suficiente trocar palavras privadas com ele, pelo jeito que o som ecoa dos tetos abobadados. Não quero ter que gritar com ele sobre como nossos reinos tentam se matar há séculos e, por favor, não pode parar com isso?
Toco minha mão no braço de Stark, então me sento ao lado de Lucien. Lucien parece satisfeito.

Seus muitos brincos brilham enquanto ele se senta, e suas vestes se abrem ao redor de seu corpo esguio. Stark imediatamente se joga um pouco desajeitadamente na cadeira do meu outro lado, colocando-se entre mim e o resto da corte dos Sifones.
Assim que Venna e Noemi estão distribuídas pela mesa, Lucien sinaliza sutilmente para seus servos, e eles abrem uma porta no final do corredor, permitindo a entrada de duas figuras armadas.
Starks salta da cadeira, pronto para me proteger.
"Só um pouco de entretenimento leve antes do jantar", Lucien diz para nós, seu tom de alguma forma ao mesmo tempo zombeteiro e reconfortante. "Uma tradição aqui na minha corte. Não se assuste."
A armadura deles realmente parece mais cerimonial do que prática. Couraças douradas, mangas de malha prateadas tilintando que terminam no cotovelo, elmos brilhantes. Os guerreiros — ambas as mulheres — sacam suas espadas para saudar seu rei, que aplaude educadamente. O resto da corte faz o mesmo, então junto as mãos uma vez antes de deixá-las cair no colo.
Nenhuma das mulheres está usando capacete. Meus olhos se estreitam enquanto estudo o mais baixo.
Eu ofego. É o humano da cidade do Sifão, aquele que tentamos salvar. Ela me pega olhando e cora, abaixando a cabeça.
"O que você está aprontando?" Eu resmungo para Lucien, gesticulando para ela.
Ele pisca devagar para mim. "Um Sifão morreu. A culpa era dela. Ela deixou de fazer o pagamento e depois resistiu quando o senhorio veio cobrar. O sangue dele está nas mãos dela."
Stark bate o punho na mesa de jantar, e um copo delicado tomba, batendo contra um prato. "O sangue dele está nas minhas mãos. Fui eu quem o matou."
Lucien dá de ombros levemente. "Infelizmente, você é um representante diplomático de uma nação estrangeira. Ela é uma das minhas cidadãs, que foi criada com nossas leis. Se ela não os tivesse quebrado repetidamente, faz sentido que o Sifão ainda estaria vivo."
Minha boca tem gosto de cinza. Se não tivéssemos intervindo, ela não estaria aqui. Mas... Como podíamos ver o que estava acontecendo com ela e não tentar impedir?
"Então você vai fazer com que, o quê, lutem até a morte para aguçar nosso apetite?"
Lucien revira os olhos. "Não seja tão dramática, Rainha Meryn. Como eu disse, é só entretenimento. Ninguém precisa morrer aqui esta noite." Não consigo deixar de ler o subtexto ali. "Ela tinha uma escolha entre isso ou prisão, e escolheu lutar. Agora, se não se importar, gostaria que o show começasse."
As duas mulheres se enfrentam enquanto os criados entram carregando travessas de comida.
Os pratos são elaborados e apresentados de forma colorida, diferentes de qualquer comida que já vi, mesmo como um Rawbond no castelo.
O aroma é tentador e desconhecido. A ardência intensa das especiarias preenche o ar—em grãos, carnes e peixes—junto com a doçura suave das frutas estrangeiras, que foram fatiadas e arranjadas para parecerem flores. Há roxos profundos e vermelhos deliciosos. Amarelos pálidos e verdes intensos.

Mas meus olhos continuam voltando para o humano que condenamos a essa humilhação.
Os servos colocam a comida à nossa frente enquanto a batalha simulada começa. Eles claramente estão acostumados a esse tipo de entretenimento de jantar; As mãos deles são firmes enquanto servem sopas frias e despejam um líquido dourado espesso que tem um cheiro alcoólico revigorante. Eles ignoram completamente os grunhidos dos lutadores e os altos clangores das espadas se chocam.
A mulher humana sai surpreendentemente forte, cortando rapidamente e colocando sua oponente na defensiva.
É difícil de assistir: já vi lutadoras como ela antes, pessoas com azar e fora de sua capacidade. Sua velocidade parece desesperada.
Ela avança, aproveitando uma abertura, e quase roça a mulher Sifão, mas o Sifão dança de volta a tempo. Sua espada prende um canto da manga do Sifão e corta o tecido sem esforço. O pedaço leve de material desliza lentamente até o chão.
Observo enquanto o Sifão avança, primeiro encontrando golpe por golpe e depois acelerando cada vez mais.
"Os competidores de sifão são obrigados a dar aos humanos uma vantagem de dois minutos antes de usar qualquer poder, para equilibrar as chances", diz Lucien de forma descontraída. "Sintar é um dos meus lutadores favoritos."
Sintar não se contém mais. Observo seu avanço com velocidade impossível, seus movimentos um borrão na minha visão. Ela está forçando o humano a voltar para nossa mesa. Alguns dos Siphons no final da mesa puxam cadeiras para trás enquanto a dupla se aproxima dos limites de giz, a poucos metros dos clientes.
Meu estômago boceja de medo ao ver o quão desparelhados os lutadores realmente são.
Isso é para ser divertido? Não há competição aqui.
Essa pobre mulher. O rosto do filho dela surge na minha mente, assustado e preocupado na porta da casa deles. Quem cuida dele enquanto sua mãe está aqui servindo de diversão do rei?
Violência por esporte. É tudo muito familiar.
O humano cai de joelhos após uma manobra do Sifão rápida demais para acompanhar. Estremeço quando Sintar sangra, dois cortes em rápida sucessão. Um corte na bochecha direita do humano e depois na esquerda.
Até onde eles planejam levar isso? Pego minha adaga, pronta para sacar.
Mas assim que me preparo para me levantar, a luta para quando Sintar tira o terceiro sangue, um corte fino no dorso de uma das mãos da humana que a faz soltar a espada.
A humana ergue as palmas em um claro sinal de submissão.
Os cortesãos Sifão aplaudem novamente, alguns deles elogiando o vencedor. Lucien parece satisfeito.
Meu estômago se revira de náusea.
"Uma boa luta", ele diz. "Esse humano durou mais do que a maioria contra meu campeão."
Enquanto fala, outra procissão sai das portas dos servos, mas desta vez as mãos deles estão vazias.
Meia dúzia de homens e mulheres lindos, todos vestidos com roupas escassas

que pouco deixam para a imaginação, entram em filas duplas de cada lado da mesa.
Uma das mulheres, uma morena curvilínea de olhos pesados, se aproxima de Lucien e se acomoda graciosamente em seu colo. A mão dele com anel passa pela coxa dela até o quadril. Assisto à cena com perplexidade, me perguntando se isso é alguma coisa estranha de sexo Astreonan.
Talvez seja normal aqui as pessoas fazerem uma ou duas orgias antes do jantar começar, só para abrir o apetite?
Me viro para ver que o lutador vitorioso, Sintar, recebeu uma cadeira à nossa mesa.
Estranhamente, seu oponente derrotado está acomodado no colo de Sintar, suas pesadas couraças removidas e jogadas para um lado. Sintar ri e conversa com o Sifão à sua direita, torcendo os dedos distraidamente nos cabelos loiros da mulher humana em seu colo. Os olhos da mulher estão vazios.
É preciso toda minha força para não correr até o lado dela, tirá-la do colo de Sintar e levá-la para fora deste castelo.
Lucien sorri para seu campeão do outro lado da longa mesa. Ela olha para ele, e ele lhe faz um aceno e ergue o copo para ela.
"Assuma seu direito como vencedor", ele proclama. "Muito bem, Sintar."
A mulher humana fecha os olhos, mantendo-se imóvel. Sangue pinga do queixo, ainda vazando dos cortes gêmeos no rosto.
E há outro vislumbre da minha visão de previdência—sangue escorrendo pelo pescoço.
Assisto, horrorizado, enquanto Sintar levanta a mão ferida da mulher e lambe o rastro de sangue com uma única lambida longa.
"Aproveite sua refeição," Lucien me diz então, seus olhos azuis profundos fixando os meus em um desafio. Ele inclina a cabeça em direção à mulher linda em seu próprio colo.
E então crava as presas no pescoço dela.

34



MERYN

Não consigo desviar o olhar. Junto com meu horror instintivo, há uma curiosidade brutal e mórbida. A cabeça da mulher se inclina para trás. Ela suspira com aparente prazer, sua expressão se transformando em êxtase enquanto Lucien bebe profundamente, seu olhar divertido ainda fixo no meu.

Ao redor da mesa, os outros Sifões também começam a se alimentar dos humanos que se juntaram a eles, tratando a atividade com a mesma naturalidade que consideraríamos cortar um bife.

Sintar levanta a cabeça depois de se banquetear no pescoço de sua humana. Ela passa os dedos pela bochecha ensanguentada da mulher, depois lambe cada dedo preguiçosamente. O humano agora está lânguido, estendido no colo de Sintar.

O destino do qual achávamos que estávamos salvando ela, acontecendo de uma forma muito mais depreciativa e pública.

Não é surpreendente, teoricamente—claro que sabemos que eles bebem sangue.

E Elias afirmou, na estrada, que muitos humanos são... participantes dispostos. Até a mulher da cidade tecnicamente consentiu com isso em vez de outras punições.

Ainda assim, minhas bochechas esquentam de raiva e desânimo.

Tem algo nisso que é tão rude.

Meus amigos concordam. A cadeira de Stark range levemente, como se ele fosse se levantar e agir, mas mal conseguiu se conter, lembrando da nossa missão aqui. A mão de Venna se move até onde sua arma está escondida, embora seu rosto permaneça cuidadosamente neutro.

O rosto de Noemi perdeu completamente a cor. Ela encara Lucien com ódio e repulsa. É óbvio o suficiente que o Sifão ao lado dela está encarando-a com raiva.

Não posso culpá-la. A mulher no colo de Lucien afunda cada vez mais em sua entrega eufórica — tanto que ela solta um gemido suave. É uma cena lasciva e assustadoramente parecida com assistir o Rei Cirilo brincando com seu "companheiro" no colo.

O ar fica mais quente. Os sons da alimentação são... Distraidamente molhado. E enquanto os humanos cedem ao que quer que esteja acontecendo, todos começam a suspirar ou soltar pequenos gemidos.

É difícil imaginar que minha irmã um dia possa mamar da mesma forma.
Na verdade, ela e nosso pai podem estar alimentando do mesmo jeito neste exato momento. Eu reprimo um arrepio.
A mulher no colo de Lucien ofega levemente quando ele retira as presas. Ele leva a mão e pressiona a ponta do polegar nos lábios, depois a passa pela boca ensanguentada, lambendo levemente como se não desperdiçasse uma gota.
Então aqueles olhos azuis descem rapidamente para o meu prato de comida intocado. "Não gosta das ofertas do seu anfitrião?"
Ele está insinuando que estou sendo rude, mas ele acabou de chupar a garganta de uma mulher na minha frente por trinta segundos seguidos, então quem é ele para falar?
"Não," eu digo friamente. "Eu não confio na comida."
Lucien ri. "Você realmente acha que eu mandaria o Elias te trazer até aqui só para te envenenar?"
Ele não espera minha resposta antes de passar a mão ao redor da mulher extasiada em seu colo e pegar um pedaço de carne do meu prato. Ele se recosta na cadeira e encosta a carne nos lábios da mulher, que os abre e morde.
Faço uma careta enquanto ela mastiga. Lucien olha para trás, vê minha expressão de nojo e mostra os dentes num sorriso como se fosse engraçado.
"Viu? A comida está boa."
Me inclino para frente e estreitando os olhos. "Você já terminou de fazer um espetáculo? Estou pronta para falar sobre por que você me trouxe aqui."
Lucien suspira e murmura algo baixinho. Então ele passa uma mão suave pelo braço da mulher e diz: "Pode ir, docinho."
Ela sorri para ele, abaixa a cabeça e se levanta para sair, balançando levemente. E quando ela faz, os outros humanos também o fazem, todos em pé e se arrastando para fora ao mesmo tempo—alguns em linhas menos que retas—em direção às saídas.
A mulher humana se levanta no final da mesa. Ela pega sua couraça e espada, movimentos lentos e incertos. Meu estômago se revira.
"O que vai acontecer com ela?" Pergunto baixinho.
Lucien acena com a mão. "Ah, ela está bem. Ela vai dormir para se recuperar e depois será devolvida para onde mora."
Meus olhos ardem, e começo a odiá-lo de verdade.
Lucien se inclina para mim. Ele não está mais sorrindo. Seus olhos são sérios e claros.
"Alistair Brightbane é meu irmão mais velho, mas eu herdei o trono no lugar dele. Toda essa guerra foi sua vingança. Ele quer conquistar Astreona e recuperar o que acredita ser seu direito de nascença."
Eu o encaro, boquiaberto, o enjoo crescendo no estômago.
Cinco séculos de guerra, ele está tentando me dizer—incontáveis vidas perdidas, horas intermináveis de lágrimas de luto, um conflito que moldou toda a história e cultura de Nocturna—tudo decorre de uma disputa familiar pela sucessão?
Uma briga entre irmãos.
Todo o sacrifício e sofrimento que meu povo suportou, o sistema de exploração e opressão que nossos falsos reis construíram em torno do esforço de guerra...
Será que isso é verdade? Que nada disso era realmente sobre proteger Nocturna

de monstros sedentos por sangue?
Se Lucien for honesto, todos nós éramos apenas soldados de brinquedo descartáveis. Peões em uma luta de poder entre irmãos imortais que não se importavam com quantos viviam e morriam à vontade.
O choque passa pelo vínculo de comunicação. Todos ouviram as palavras de Lucien ecoando dos tetos abobadados. Todos estão lidando com a mesma perda e raiva.
"Me diga que ouvi errado", Venna implora. "Certamente, certamente, toda essa guerra não foi tão sem sentido." Sua voz silencia as conversas silenciosas compartilhadas pelos outros Sifons.
Lucien olha para baixo da mesa, algo em seu olhar esquentando enquanto a avalia. Será que ele vai repreendê-la por falar fora de hora? Minha mão se aproxima da adaga novamente, mas eventualmente ele diz: "O que é guerra senão uma batalha sem sentido de egos?"
"Como ousa?" Eu surto. "Isso pode ter parecido sem sentido para você, mas perdemos tantas vidas. Pessoas com entes queridos que acreditavam que estavam se sacrificando por um bem maior."
Não consigo pensar no meu pai. Não posso.
"E como você espera que eu acredite nisso?" Pergunto. "Você está nos dizendo que toda a nossa história, tudo o que nosso país sabe, é uma mentira. Não só uma parte. Tudo isso. Mas são vocês que têm poderes de controle mental, não nós."
Lucien apoia o cotovelo na mesa e o rosto na palma da mão, me olhando com um pouco de tédio, como se eu estivesse sendo burro. "Sim, isso é verdade, eu suponho. Mas o Sifão no seu trono também tinha poderes de controle mental, não tinha? Por que também usaríamos eles contra você?"
Pressiono meus lábios. Sim—Alistair usou magia de sangue e controle mental para apagar a história da minha linhagem.
"Para que fim você está nos acusando de usar nossos poderes contra você?" ele continua. "Você acha que fomos nós que mentimos para você ao longo da história? Ou acha que estou tentando te enganar agora?"
Antes que eu possa dizer uma palavra, ele continua, a voz arrastada.
"Assim como com suas acusações de que envenenei sua comida, acho que você vai perceber que mexer na sua mente iria contra meus propósitos. Por que eu teria trazido vocês até aqui para convencê-los a trabalharem juntos, se eu pudesse ter feito meus porta-estandartes mudarem suas mentes na fronteira? Além disso, você parece ter um completo mal-entendido de como o poder funciona. Esqueci o quão pouco vocês Nocturnans sabem de tudo."
Seria considerado falta de educação se eu esfaqueasse um desses belos garfos na mão dele?
"Ilumine-nos", digo entre dentes cerrados.
Lucien pausa. Eu espero. Se ele quer conquistar nossa confiança, precisa estar disposto a compartilhar informações conosco. Informação real.
Soltando um suspiro dramático, ele finalmente responde. "O tipo de poder que você está pensando, como o que Alistair realizou, exige força mágica incrível e reposição constante. A maioria dos Sifões só é capaz de criar ilusões, tão desaparecendo quanto fumaça. Sim, alguns de nós têm um nível de controle mental, mas só sobre aqueles que estão sob domínio ou aqueles de quem

bebemos recentemente."
Thrall. A palavra se insinua em mim como um parasita, penetra na minha pele.
Seus olhos brilham com uma diversão confiante. "Os espiões que cruzaram nossa fronteira ao longo dos anos, por exemplo. Nós os capturamos, bebemos deles, alteramos suas memórias e os enviamos felizes de volta ao seu país."
"O que você disse—sob domínio?"
"Uma conexão única entre Sifão e humano que exige uma troca de sangue de ambas as partes. Mas chega de teoria mágica. Eu entendo por que você não quer acreditar em mim, então por que não me deixa te mostrar?" Lucien diz. "Deixe-me te convencer de que estamos do mesmo lado, Meryn Sturmfrost."
Stark se inclina em minha direção protetora enquanto Lucien levanta a mão e levanta a coroa de raios solares do cabelo. Ele brilha quando ele o traz para frente.
"Vista", diz Lucien.
Eu olho na Lágrima na coroa. Parece idêntico aos dois que eu tenho—o da minha coroa, o que está no pescoço da Saela. "O que é isso?"
"Certamente você sabe que essas joias têm poder?" Lucien diz com um pequeno sorriso.
Essa é uma das poucas coisas que conseguimos deduzir até agora. A coroa parece me dar mais força mágica quando a uso, assim como o colar da Saela. As Lágrimas claramente têm algumas propriedades mágicas.
Mas Saela não conseguiu nenhuma outra informação sobre eles.
"Sim, eu sei." Quero perguntar mais, descobrir se ele tem informações sobre as Lágrimas que nós não temos. Mas não é hora de mostrar fraqueza ao Lucien. "Estou te perguntando o que você está fazendo."
"E eu já te disse," ele responde, mantendo a oferta no ar, "estou te mostrando o que você quer saber."
Ainda não confio nele. A magia nas pedras é antiga, e ele também. Lucien talvez saiba como usar sua Lágrima contra mim de alguma forma. Mas seus olhos são atentos. Ele viu o quanto eu quero respostas, e sabe que vou aceitar.
Então eu parei de lutar contra isso. Estendendo a mão, desembaraço minha própria coroa do cabelo e a passo para Stark guardá-la. Depois, eu pego o do Lucien.
No momento em que o metal assenta sobre minha cabeça, eu despenco. É igual à primeira vez que coloquei a coroa, só que um pouco menos violenta, um pouco mais borrada.
Não consigo distinguir nem de longe tantos detalhes quanto quando vi a Rainha Chiara, mas a julgar pela pedra clara e pelos móveis régios, estou em um quarto do castelo Astreonan.
Cambaleando levemente, flutuo para fora da minha pele e depois me acomodo de volta aos meus ossos.
Assim que me recompor, ouço um gemido suave atrás de mim. Eu me viro, pensando que alguém está ferido ou morrendo. Me preparando para a dor de tragédias há muito passadas.
Mas não é dor que ouvi.
Minha boca se abre e minha mão voa para bloquear a cena diante de mim. Estou em um quarto ricamente decorado, a luz das velas baixa e tremeluzente.

E Lucien está em flagrante com mais três pessoas em uma cama enorme.
Há uma mulher à sua esquerda, um homem à sua direita e outra mulher entre suas pernas. Eles estão todos nus, e é só pele, corpos e suor.
Sério? Quero gritar. O desgraçado me levou para uma visão de uma orgia.
O que há de errado com esse cara?
Eu sabia que estava certo sobre ele. Ele está brincando comigo. Claro que está.
Ele tem centenas de anos e provavelmente está entediado.
Eu me viro de novo, cobrindo minhas bochechas quentes com as mãos e tentando não ver e não ouvir tudo.
No momento em que me viro, a porta à minha frente bate contra a parede com tanta força que ela quica e treme. Uma mulher de cabelos escuros e aparência mais velha está na porta.
"Seu pa—" Ela ofega e cambaleia para trás como se tivesse levado um tapa. Então ela levanta a mão para se proteger do ataque visual do mesmo jeito que eu fiz. "Lucien! Pelo amor de Deus!"
Lucien ri da cama enquanto o homem beija seu pescoço, claramente indiferente à presença repentina daquela mulher.
Ela mantém os olhos no céu e suspira profundamente. Tenho a súbita suspeita de que isso é algo comum.
"O rei convocou uma reunião de emergência do conselho. Você precisa vir imediatamente."
"Todo mundo ouviu ela?" Lucien responde com um sorriso, deixando a cabeça cair para trás brevemente antes de levantá-la novamente. "Está na hora de vir."
"Já vou," uma das mulheres ri. A outra mulher abaixa a boca entre as pernas de Lucien novamente, seguindo as ordens com entusiasmo.
A mulher mais velha desiste e lança um olhar fulminante em Lucien. Suas mãos se fecham em punhos, e seus cabelos delicadamente arrumados tremem contra suas bochechas.
"Lucien. Não tenho tempo para suas frivolidades. Seu pai precisa de você, agora. É sobre Alistair."
Lucien imediatamente se senta. O sorriso dele desapareceu. Seus colegas reclamam, se afastando dele. Seu peito sobe e desce algumas vezes enquanto ele encara a mulher na porta, depois se ajeita para ficar de pé.
Xingo baixinho e desvio o olhar enquanto ele rapidamente veste seu corpo, admitidamente esculpido. Seus parceiros já recomeçaram, aparentemente indiferentes à ausência dele.
Sou grato por deixá-los para trás enquanto Lucien acompanha o passo apressado da mulher pelos corredores. Eles não trocam uma palavra até o que parece ser uma sala formal de audiências com um trono em uma das extremidades do espaço.
Não consigo distinguir muitos detalhes além do borrão de longas bandeiras balançando na brisa de uma varanda ampla que se estende por toda a sala.
Um homem está sentado no trono, ladeado por guardas e acompanhantes. Ele está muito mais claro que o ambiente, com cabelos loiro-brancos como os de Lucien e a mesma coroa de raios solares que me trouxe a essa visão. Ele parece mais velho que Lucien, talvez na casa dos cinquenta se não fosse um Sifão, e não compartilha nada do charme felino e brincalhão de Lucien.

Esse regente é sério. Irritado, talvez, embora seja difícil dizer se as linhas profundas entre as sobrancelhas estão sempre lá, independentemente do humor.
O rei — pai de Lucien — não cumprimenta seu filho quando ele chega. Ele observa Lucien enquanto ele se aproxima do trono para sentar-se mais baixo ao seu lado.
Sigo Lucien, estudando a expressão tensa em seu rosto. É o mesmo olhar que ele teve quando me contou sobre a vingança do Alistair.
Sério, claro, penetrante. Ele se parece mais com seu pai severo quando encara para frente assim.
As portas se abriram de repente. Guardas aparecem vestidos com armaduras de meia-placa, mas simples, elegantes, arrastando consigo um homem de aparência desorientada.
O prisioneiro deles se parece tanto com Killian que quase recuo. Ele tem exatamente os mesmos olhos doces e enganadores, o mesmo tom de cabelo loiro escuro, as mesmas feições pontiagudas. Meu estômago se revolta.
Os guardas o jogam no chão de pedra rosa pálida. Ele grita ao impactar e permanece ajoelhado enquanto levanta a cabeça.
Fique de quatro, cachorro, rosno por dentro.
"Houve uma acusação muito séria contra você, Alistair", diz o rei, olhando para o filho com frieza. Eu congelaria completamente se esse olhar fosse para mim. "Dizem que você tem criado pulseiras de thrall."
Essa palavra de novo. Thrall.
Alistair olha para o pai com um choque evidente no rosto. "Eu... Pai, eu nunca faria uma coisa tão abominável!"
Sua voz falha. Seus olhos bem. Ele parece tão vulnerável e assustado. Sincero. Ele parece que não está mentindo.
O rei acena para os guardas. Pela minha visão, eles se movem em um borrão, reaparecendo momentos depois com mais pessoas. Vários homens e mulheres estão ao redor de Alistair, com expressões todas graves.
Os guardas avançam e puxam as mangas dos homens e mulheres, expondo pulseiras em todos eles—ouro, com joias vermelhas de sangue no centro.
Meu estômago despenca. Meu horror transborda a visão em uma onda, manchando tudo com seu medo drenado pela cor.
Pulseiras de servo.
Idêntico à pulseira de noivado presa ao meu pulso.
A cena continua apesar do meu terror. Lucien se recosta como se quisesse criar espaço entre ele e o que está acontecendo. O lábio superior dele se curva, e juro que ele está compartilhando da minha repulsa. Ainda não sei o que tudo isso significa, mas o olhar que Lucien usa é um aviso.
O rosto de Alistair cai. Seu ato trêmulo e apavorado desaparece tão rápido quanto a bondade de Killian. Ele se endireita e balança a cabeça.
"Tudo bem. Você me pegou. Mas é pelo bem do nosso reino, Pai."
O rei levanta a mão abruptamente. "Não tenho desejo de ouvir suas mentiras. Você quebrou uma das leis fundamentais de Astreona e, ao fazer isso, provou de uma vez por todas o quão indigno é do seu nome real. Você será exilado, e seu irmão, Lucien, será nomeado herdeiro do meu trono."
Lucien se vira para o pai, os olhos arregalados de claro pânico. "O-o quê?!"

"Você não pode fazer isso comigo!" Alistair brama. "Eu sou seu herdeiro! Seu primogênito! Isso é—"
"Silêncio!" grita o rei. Sua voz se move como violência. Rápido, rápido, e então um impacto forte que se instala no quarto e começa a deixar hematomas. "É assim que vai ser. Alistair, não quero mais te ver perto de Brightbane."
As mãos de Alistair se fecham em armas.
"Sinto muito que tenha chegado a esse ponto, pai," ele entoa, os olhos azuis brilhando por um instante antes de fechá-los.
Pisco, e então as pessoas que usam as pulseiras thrall estão vidradas, tremendo, convulsionando. Em questão de um instante, eles explodem em movimento frenético, atacando todos próximos.
Presas brilham. Há gritos. Guardas viram armas contra seus prisioneiros.
Lucien se levanta de repente, observando a cena com olhos selvagens, e então corre para proteger seu pai, o rei.
Mas ele chegou tarde demais. Os atendentes de seu pai já se voltaram contra ele, pulseiras de thrall piscando em seus pulsos. Um deles repele os guardas leais. Outro saca uma longa adaga e rapidamente decapita o rei, com o rosto estranhamente impassível.
Lucien alcança seu pai exatamente quando acontece, segurando o corpo enquanto ele desaba sobre o trono, derramando sangue. Ele uiva de raiva. Então ele saca suas armas e derruba o atendente que, pelo que entendi, não agiu por vontade própria.
Em um movimento suave, Lucien arranca a coroa de Astreonan de onde caiu no chão, colocando-a em sua cabeça.
De repente, há uma dúzia de Luciens, cada um avançando, espada em punho, em perseguição a Alistair. Nunca vi magia de Sifão assim, ilusões tão reais e vívidas, visíveis para todos ao mesmo tempo.
Deve ser a coroa amplificando o poder de Lucien, percebo, e estremeço.
Não sou o único surpreso; os guardas e atendentes sob o controle de Alistair se dispersam e gritam, confusos com a imagem convincente do príncipe atacando de todos os lados. Alistair dá ordens para eles, veias inchadas no rosto enquanto luta para manter o controle de seu exército relutante.
Aqui e ali, vejo o verdadeiro Lucien enquanto ele massacra mais escravos de Alistair. A velocidade de Lucien parece ter sido impulsionada pelos poderes da coroa também. Ele se move tão rápido que mal consigo vê-lo. Ele rasga as defesas deles com facilidade, cortando grito após grito. Sangue escorre espesso pelo chão de mármore.
Alistair convoca freneticamente mais de seus escravos para ficarem entre ele e a linha de Luciens que avançava.
"Você não quer isso, irmão", diz Alistair quase gentilmente, recuando em direção à porta. "Você e eu sabemos que é muita responsabilidade para você."
Ele voltou a agir de forma humilde e incompreendida. Como ele passa rapidamente de personalidade em personalidade.
"Você nasceu para uma vida de prazer e luxo", continua Alistair. "Dê-me a coroa, que seja meu fardo."
Lucien encara diretamente o irmão, olhos como gelo enquanto abate mais dois guerreiros escravos. "Nem pensar, seu sádico idiota."

O rosto de Alistair se contorce em um rosnado. "Você vai se arrepender disso, Lucien. Prometo que vou retomar meu trono. Não importa o custo."
E antes que Lucien possa alcançá-lo, Alistair se afasta rapidamente, desaparecendo pela porta.

35

FORTE

IT acontece num piscar de olhos. Num momento, Meryn está acomodando a coroa dourada de Lucien sobre seus cabelos prateados.

No seguinte, ela está desmoronada, seu rosto deslumbrante relaxado.

Meu estômago despenca.

Eu pulo da cadeira justamente quando ela cai e seguro seu corpo caído. A cabeça dela bate no meu colo—mas quase bateu no chão de pedra.

Foder. Um pânico quente aperta meu peito.

Há um rangido de cadeiras quando Venna e Noemi saltam, lâminas em punho. Todos os astreonanos nos olham no ataque.

Minhas mãos apertam com força os braços moles de Meryn.

Ela está morta, meu cérebro grita comigo. Ela está morta, e a culpa é sua. Você não podia protegê-la, assim como não podia proteger Noemi.

Você deixou ela morrer achando que era covarde.

Mas—seu corpo ainda está quente. E seu peito sobe e desce em respirações lentas e constantes.

"Cratos," estendo a mão. "Anassa está bem?"

Ele confirma que os dois estão bem, e meus músculos tensos relaxam um pouco. Foi exatamente isso que aconteceu quando ela colocou a coroa de Sturmfrost pela primeira vez.

Começo a respirar de novo. Graças a Deus. Ainda tenho tempo.

As palavras dela, quando cruzamos a fronteira, ficaram repetidas na minha cabeça.

Eu sei o que sou. Eu sei do que sou capaz. Nunca fui da minha reputação porque tenho orgulho dela. Foi conquistado através da destruição laboriosa de todas as partes mais sensíveis de mim mesmo.

E essas palavras—O que você é senão meu igual?—desmontaram tudo.

A ideia de manchar seu governo, de corromper sua capacidade de liderar com justiça, me assombra. Mas... E se sua escuridão não precisar ser rejeitada, mas domá?

E se eu puder ajudá-la a domá-la?

Lucien Brightbane sorri para nós. O terror que isso me causou... o divertia. Meus punhos se fecham enquanto penso em expulsar aquela expressão do reino dele.

"É bom que ela não tenha nem um hematoma no corpo," eu sussinto. "Ou haverá consequências."

Ele nem se mexe. "Consequências, hmm? Sim, tenho certeza que você está

acostumado a distribuir esses lugares. Você também é famoso aqui, sabia, Alfa Stark. Deveria haver consequências para todas as tatuagens que você usa? Todas as minhas pessoas cujas vidas você tirou? Aquela que você acabou de tirar depois de cruzar minha fronteira, ou que tal as baixas em massa que você e a rainha causaram antes do nosso cessar-fogo?"
Faço uma careta e ele ousa rir.
"Suponho que possamos chamar isso de tudo em questão de justiça à guerra", ele fala arrastado. "Mas eu não tenho medo de você, se é isso que você espera."
"Não," digo, "Imagino que não esteja. Mas você deveria ter medo dela." Inclino a cabeça em direção a Meryn. O vermelho do vestido dela parece tanto com o derramamento horrendo de sangue. "Você não faz ideia do que ela é capaz, e espero por seu bem que nunca descubra."
Isso é mentira. Eu adoraria ver ela explodir a cabeça dele.
Os lábios de Lucien se apertam em uma linha fina e calculista enquanto ele olha mais de perto para Meryn—que escolhe esse momento para se mexer.
"Stark." Ela engole em seco e tenta se sentar, mas eu a seguro firme.
"Você desmaiou no momento em que colocou a coroa do Lucien." As palavras saem de forma mecânica, um soldado prestando contas ao seu comandante. Mas por dentro, estou queimando. "Seu corpo ficou rígido antes de desabar no chão. Eu te peguei antes que seu crânio batesse na pedra, mas você está sem resposta há vários minutos."
"Estou bem", ela me diz apressada. Ela agarra meu braço e aperta forte. Tão forte que dói. "Stark, estou bem."
Minha mão passa pelos cabelos dela, se fechando brevemente em punho, puxando um pouco. Soube que ela estava bem quase imediatamente, e mesmo assim — um alívio me invade como uma onda.
"Me levanta", resmunga Meryn. "Aqui embaixo estou parecendo um idiota."
Guiando-a para ficar ereta, envolvo minha mão calejada na dela e a trago comigo enquanto me levanto. As pernas dela estão um pouco trêmulas.
A mão dela permanece na minha enquanto a conduzo de volta ao assento. Noemi e Venna nos observam de perto. Observando os Astreonanos. A tensão ainda paira pesada no ar.
Os dedos de Meryn tremem levemente enquanto ela levanta a mão e puxa a coroa de Lucien da cabeça. Ela se vira para Lucien e então bate a coroa dele sobre a mesa.
Ele apenas sorri de canto em resposta.
Mais um gesto convencido da boca dele e eu vou cortar os lábios dele. Ele pode não ter medo de mim, mas aposto que esse vaidoso tem medo de ser horrível.
Lucien coloca a coroa de volta sobre sua perfeita cabeleira loiro-branca. Ele suspira enquanto faz isso, como se fosse pesado.
"O que era aquela pulseira na visão?" Meryn pergunta. "Aquele que Alistair estava usando com aquelas pessoas."
Eu fico tenso. "Pulseira?"
"Igual à minha," ela responde com severidade.
Lucien leva a mão e esfrega a coroa com dois dedos, logo acima da orelha. Então deixa o braço cair mole no colo.
"Meu irmão sempre foi o Sifão mais poderoso que já encontrei. Mas," ele diz

com um suspiro cansado, "para explicar, você precisa primeiro entender que todos os Sifões possuem magia de sangue que nos permite criar servos, como mencionei antes. Não é apenas uma troca de sangue; Ela une os humanos a nós."
Meu estômago se revira. Eu sabia que eles podiam transformar humanos, mas isso? Prender pessoas a elas?
Doentes do caraças.
"Uma troca," Meryn repete calmamente. "Então duas formas?"
"Sim, a bebida recíproca está envolvida—o Sifão do sangue humano, e o humano do Sifão. Só um pouco, não o suficiente para virá-los."
Estou cerrando o maxilar tão forte que meus dentes começam a doer.
Lucien continua. "O vínculo dá ao Sifão um grau de controle sobre o humano. Isso é diferente de criar uma ilusão mental. Permite que o humano faça coisas. Mas naturalmente tem limites. A conexão com o thrall requer renovação regular por meio de trocas de sangue fresco e enfraquece significativamente com a distância."
Ele se inclina mais perto de Meryn. A linguagem corporal dele é relaxada, mas os olhos intensos. Se chegar mais perto, vou empurrar toda essa maldita mesa de jantar para o lado dele.
"O mais importante", ele diz, "a criação de um servo tradicionalmente requer consentimento de ambas as partes."
Os olhos de Meryn se estreitam. "Parece um ótimo negócio para Sifões. O que os humanos ganham com essa suposta troca consensual?"
Estou me perguntando a mesma coisa.
"Sentidos aguçados", respondeu. "Não exatamente no nível dos poderes do Sifão. Mas eles conseguem se mover mais rápido, enxergar mais longe. Prove, cheirar e ouvir melhor. O toque é particularmente intenso, o que tem usos particulares para os humanos."
Seu sorriso ganha um tom afiado, e seu significado é muito claro.
Meus olhos atravessam a mesa até a Noemi. Ela ficou pálida, a repulsa estampada no rosto. Ela está segurando a faca de jantar com tanta força que os nós dos dedos estão ficando brancos. Ela está tão repugnada quanto eu, e eu queria, pela primeira vez, que estivéssemos na mesma matilha para poder checar como ela está.
"Entendido," diz Meryn de forma rígida.
Lucien se recosta novamente, os olhos ficando um pouco distantes. "Alistair descobriu, por meio de experimentos, que podia criar uma joia que funcionava como um vínculo de thrall, mas sem os limites naturais. Essas 'pulseiras de servo' mantinham seu poder indefinidamente e permitiam controle total sobre a mente do humano, independentemente da distância. E os humanos não receberam nenhum benefício disso."
O rosto de Meryn empalidece instantaneamente, e meu sangue gela. Nós dois sabemos o que isso significa.
"A joia no centro de cada pulseira é criada misturando o sangue de um humano com o de um Sifão, mas como o humano não precisa beber ativamente o sangue do Sifão para estabelecer a conexão, isso permite laços não consensuais—desde que o Sifão possa adquirir o sangue do humano, por qualquer meio, ele pode criar uma pulseira."

Meryn parece tonta.
"Ele tinha seu sangue?" Eu exijo, a violência começando a vibrar nas minhas veias.
"Muito mesmo," ela responde fracamente. "Ele sempre foi... cuidando de mim. Limpando meu sangue depois de lutas ou treinamentos. Cuidando dos meus ferimentos."
Tenho que me controlar totalmente para não correr de volta para Cratos e voltar para Nocturna para caçá-lo.
Vamos inventar novas formas de Killian Valtiere morrer.
Sombras começam a se agitar nas bordas da sala. Os olhos de Lucien deslizam até eles e se estreitam, avaliando.
"Agora não é hora, princesa", digo a Meryn, tentando tirá-la do transe. Seu poder é emocionante, mas a pessoa que ela quer machucar não está aqui.
Ela respira fundo e as sombras diminuem, mas ela parece destruída. "Foi desde o começo", ela sussurra pelo vínculo. "Desde o começo do nosso relacionamento."
Lucien alcança seu copo. Depois de um longo gole, ele continua, girando o líquido dourado.
"Claro, tal magia foi imediatamente proibida em toda Astreona como uma abominação — uma violação fundamental da autonomia. Mas isso não importava para Alistair. Ele continuou a criar pulseiras de thrall em segredo, o que eventualmente levou ao seu exílio do reino."
Meryn parece completamente incapaz de falar.
"Você sabe como tirá-los?" Pergunto de forma tensa. "É possível?"
Lucien balança a cabeça. "Só o criador pode removê-los. Se quem a usa conseguir tirar sozinho, de qualquer forma, ela morre. É uma das muitas razões pelas quais eles são proibidos."
A corrupção na nossa magia. A forma como ele usa as sombras de Meryn. Tudo vai ficar até ele morrer.
Foder.
Pelo menos ele não parece ter nenhum poder de compulsão sobre ela. Se tivesse feito, certamente já teria forçado Meryn a ir até ele.
Os olhos de Meryn vão para o pulso dela e permanecem ali.
Não sou o único que vê isso.
Lucien segura sua mão, o rosto cheio de desconfiança. Em um movimento rápido, ele puxa a manga dela, expondo a pulseira para toda a mesa.
Uma onda de choque imediata atravessa a sala.
Os Astreonanos recuam, desviando o olhar e desviando como se Meryn fosse uma vítima da peste e não quisessem respirar seu ar. A única exceção na corte é Elias, que encara a pulseira em seu pulso.
Noemi, Venna e eu nos aproximamos dela.
Segue-se um momento tenso de silêncio, seguido por um borrão branco.
E então há uma lâmina na garganta de Meryn.
Num batimento acelerado do meu coração, ele estava sentado na cadeira, no seguinte, Lucien está sobre Meryn com uma adaga apontada para sua jugular, presas à mostra, olhos ardendo de malícia.
Estou de pé quase tão rápido quanto Lucien, sacando uma lâmina oculta.
"Rápido!" Envio um pulso para Cratos.

Lucien parece predatório.
Ele faz um bom trabalho fingindo ser despreocupado, mas eu estava esperando a criatura selvagem dentro dele sair. Finalmente, eu vejo. O verdadeiro perigo escondido por trás de sua fachada entediada e brincalhona.
"Solte ela imediatamente," eu disparo. "Meu lobo gigante está a caminho, e os reis têm um gosto tão bom para ele quanto para qualquer outro."
Noemi e Venna também estão com suas armas totalmente desembainhadas, mas Lucien não parece incomodado com as várias lâminas apontadas para ele ou com a ameaça de um lobo gigante adulto e experiente se aproximando.
Seu aperto em Meryn se intensifica, prendendo-a à cadeira. "Se a rainha está aqui sob o controle de Alistair, ela é um perigo para todos nós, inclusive para você. As pulseiras de thrall dão ao meu irmão domínio completo sobre a mente de quem a usa."
Isso não faz sentido. A pulseira da Meryn não parece funcionar assim.
Enquanto Lucien fala, Meryn curva o pulso, inclinando lentamente sua própria lâmina. Lucien se tensiona quando a água pressiona firmemente contra seu lado, bem entre suas costelas, onde um simples empurrão a afundaria em órgãos vitais. Seus olhos se arregalam; Ele não esperava que ela revidasse.
"Esse é um exemplo realmente ruim de diplomacia," ela diz, franzindo o lábio. "Eu não sou um servo. Eu estaria ciente se não tivesse controle sobre minha própria mente. Seja lá o que Alistair fez com aquelas pulseiras, a minha funciona diferente."
Lucien resmunga. "Você saberia?"
"Ela está dizendo a verdade", eu digo.
"Killian tem influência sobre meus poderes, não minha mente," Meryn responde friamente. "Ele pode tirar alguns deles de mim e acessar os laços da matilha."
Lucien pausa, a testa relaxando um pouco. E então ele recua com fluidez.
A adaga sai da garganta de Meryn, e eu deixo cair a minha no mesmo momento. De longe, sinto o ritmo de Cratos desacelerar.
Lucien se senta, e os astreonanos seguem. Mas não sem olhar para o resto de nós como se fôssemos os agressores. Meryn levanta a mão e a abaixa, e Venna e Noemi voltam para seus lugares assim como os Sifons.
Eu não me mexo. Fico parado bem ao lado dela, a raiva ainda correndo em mim.
Quando Lucien se senta, ele a encara por alguns segundos.
Então ele diz calmamente, como se não tivesse acabado de ameaçar a vida de Meryn, "Nunca vi uma pulseira funcionar assim antes." Ele a estuda de novo. Reconsiderando. "Vou precisar consultar nossos bibliotecários sobre isso."
"Tenho outra pergunta", diz Meryn, finalmente se sentando, assim como eu. "Seu pai, nessa memória, parecia ter uns cinquenta e poucos anos. O rei Cirilo — todos os reis antes dele, na verdade, que abrigaram Alistair — também parecia de meia-idade. Mas você tem centenas de anos e parece jovem. Como funciona?"
"Na verdade, eu tenho mil anos", ele diz com sarcasmo. Ele aponta para os anéis em seus ouvidos. "Usamos um a cada cem anos." Agora vejo — cinco anéis em cada orelha, dez no total.
Elias usa um, então deve ter cem anos. Ruby usava quatro; Quatrocentos anos.
"Obrigado pela aula de moda, mas o envelhecimento?" Meryn diz.

Lucien se recosta na cadeira. "O processo de envelhecimento do Sifão é diferente do humano, sim. Envelhecemos no mesmo ritmo que os humanos até estarmos no início dos vinte anos, e então isso desacelera bastante. No entanto, nossa aparência depende da qualidade do sangue que bebemos. Com sangue humano, você pode permanecer jovem e bonito para sempre."
Ele acena com a mão para o próprio rosto extremamente suspeito de soco.
"Discutível," Venna murmura para a comida, e ele lhe lança um olhar fulminante. Bom saber: insultar a vaidade dele mexe com ele.
"E se você não beber sangue humano?" Meryn insiste.
Lucien finalmente tira os olhos de Venna. "Se você beber sangue animal exclusivamente, sim, vai envelhecer. Sua expectativa de vida ainda é maior que a de um humano comum, mas você será fraco. Meu pai era um asceta cujo único modo de prazer era a autonegação. Nunca concordamos lá. Suspeito que os reis noturnos fizeram o mesmo para enganar o público."
Meryn respira fundo. "Temos muito a aprender sobre poderes de Sifão."
Outro olhar divertido e sedutor surge sobre Lucien. "Se tiver perguntas, meus aposentos pessoais estão sempre abertos para você, Rainha Meryn."
Algo territorial e furioso explode no meu estômago.
O olhar provocador de Lucien se lança para mim, seu sorriso se alargando.
Espero que seus aposentos pessoais também estejam abertos para mim — porque vou arrancar os olhos dele enquanto ele dorme. Ele ainda estará vivo, mas nunca mais poderá olhar para ela daquele jeito.
Meryn ignora suas insinuações. "Ok, então você me mostrou a verdade. O que você está propondo?"
Lucien se inclina para frente, sério novamente. "Nocturna e Astreona não precisam ser inimigas. Nosso verdadeiro inimigo é Alistair Brightbane e sua nave Killian. Proponho um cessar-fogo permanente e que nossas nações se tornem aliadas formais na luta contra ele."
Meryn pisca, sem se impressionar.
Bati o punho na mesa de novo, fazendo barulhar todos os talheres dourados de forma estupida, e Lucien levanta as sobrancelhas. "Você tinha algo que queria intervir, Alfa?" ele diz preguiçosamente.
"É só isso? Um cessar-fogo e nos tornamos aliados? Isso é basicamente a mesma coisa que seu general nos disse na fronteira. Por que diabos você arrastou a gente até aqui?"
"Stark," Meryn avisa. "Precisamos ouvi-lo."
Lucien toma um gole de seu licor dourado. "Você teve que experimentar Astreona se quisesse acreditar que foi alimentado com mentiras por centenas de anos. Além disso, eu precisava ver sua rainha com meus próprios olhos e julgá-la, claro."
Ele demora demais na palavra ver. Que cara de pau.
Nós nos encaramos com raiva.
"Alpha Stark tem um bom ponto," Meryn diz friamente. "Sou atraído pela ideia de um cessar-fogo e de nos tornarmos aliados, mas esperava mais de você. Você tem um plano de como lidar com seu irmão e seu hospedeiro atual?"
Lucien apoia a cabeça na palma da mão, com uma expressão felina no rosto. "Rainha Meryn, se quiser mais de mim, prometo que sou muito generosa."

Antes que eu possa me levantar e dar um golpe nele, Meryn estende a mão e agarra meu joelho, apertando forte. O toque dela em mim depois de tanto tempo desperta uma necessidade impossível e turbulenta. "Ignore-o. Ele só está brincando com você."
"Ele está brincando com você, e isso eu não suporto."
Meryn relaxa o aperto no meu joelho, e eu quero agarrá-lo, segurá-la mais forte contra mim.
"O Rei Lucien está testando limites como uma criança rude. Se você deixar ele te irritar, ele só vai piorar. Calma a cabeça, Daemos, antes que você comece um incidente diplomático."
"É fofo como você faz isso", diz Lucien, um sorriso convencido voltando ao rosto. "Você está falando, não está? Dá pra perceber pelo jeito que vocês continuam se olhando. Não tão sutil quanto você pensa."
Os olhos de Meryn cortam de volta para ele, aguçando-se. "Você está certo. Não sou sutil. O que eu sou está cada vez mais irritado."
As sombras do quarto começam a balançar novamente. Adeus a não deixar ele nos irritar.
"Então, você tem um plano ou realmente só nos trouxe aqui para me julgar?" ela continua. "Porque meu país está à beira de se destruir, e eu realmente prefiro estar lá, me virando nessa coisa toda de liderança, do que aqui, vendo você fazer shows de esgrima para seu próprio divertimento e tendo visões repulsivas das suas orgias!" Sua voz falha na última palavra, aguda.
A sala inteira fica em silêncio.
Lucien se recosta na cadeira, deixando as pontas das presas mostrarem enquanto sorri amplamente. "Sinto muito que você não tenha gostado. Você é meu plano, Rainha Meryn. Sou um governante amado há centenas de anos porque sei delegar."
Minhas sobrancelhas se franzem. O que ele está tentando dizer?
"Seja direto," Meryn exige.
Lucien se endireita e diz: "Se concordarem em trabalhar juntos, darei controle total das forças Astreonanas. Eles são seus para comandar."

36



MERYN

controle total das forças astreonanas.

Ele está brincando, né? Ele só pode estar brincando.

Ou ele não está brincando. Ele quer dizer o que disse. E é só parte de uma trama que não consigo ver ou entender direito.

Depois da declaração absolutamente absurda de Lucien, digo que preciso de um tempo para pensar sobre isso. Que eu gostaria de dar uma caminhada para clarear a cabeça.

Mas não sou o único que precisa de um pouco de ar. As emoções sombrias de Stark estão fervilhando na superfície da minha mente desde o momento em que acordei daquela visão. Eu preciso me mudar, e preciso que ele também se mude. A nervosidade dele está me invadindo pelo nosso vínculo, me irritando.

Saímos pelo portão sul do castelo, passando por jardins e depois cruzando uma das pontes que nos afastam do complexo do castelo.

Não conversamos enquanto nos movemos. A frustração corre quente entre nós, passando por mim, até ele e de volta para mim. Isso alimenta nosso movimento, e aceleramos cada vez mais pela periferia da cidade até que nossa caminhada quase vira uma corrida.

Assim que deixamos as ruas de paralelepípedos de Brightbane para trás, respiro fundo e falo.

"Stark." Ele olha para mim, mas nenhum de nós diminui o passo. "Deixe sua raiva de lado, se puder. O que você acha que eu deveria fazer aqui?"

A voz de Stark está cheia de uma tensão mal disfarçada quando ele responde. "Eu não confio no rei deles. Isso ainda pode ser uma armadilha elaborada. Não vejo como poderíamos acreditar nele."

Saímos da cidade enquanto caminhamos, entrando na natureza selvagem, um deserto áspero e pedregoso que separa Brightbane do deserto escaldante além. O sol começa a se pôr, e os raios pintam a paisagem em vermelhos, laranjas e amarelos. Parece outro mundo.

Contornamos uma grande saliência rochosa, e eu desço para a esquerda até ficar atrás de nós, protegendo a cidade da vista. Afundo até as campas. Bem aqui, tudo o que vemos são pedras e arbustos e os últimos raios do sol, sem nenhuma torre de cidade à vista.

A cidade de Brightbane poderia ser quase um conto de um conto de fadas. Quase.
Mordo o lábio, pensando nas palavras de Stark. "Concordo. Mas estou tentando pensar melhor. Uma armadilha? Por quê? Está claro que Lucien odeia Alistair. Quer ele morto, de uma vez por todas. Estamos unidos nesse objetivo, pelo menos."
Stark se aproxima para ficar ao meu lado e se encosta na superfície rochosa atrás dele. "E depois que Alistair estiver morto? Quando todas as forças Astreonan estiverem dentro de nossas terras? E se o objetivo final dele for tomar Nocturna para si? Como você vai conseguir repelir os exércitos dele nesse ponto?"
Justo. Olho para o horizonte, olhos sem ver. "Mas ele te parece tão ambicioso assim?"
Isso surpreende Stark rindo. O som me aquece, mesmo com a ansiedade ainda girando no meu estômago.
"Não, acho que não tem," Stark concede. "Parece que ele mal quer ser rei do próprio país." Ele suspira. "Ainda assim, não o conhecemos de jeito nenhum. Estamos baseando isso em impressões de uma única reunião. Não sabemos a verdade sobre sua personalidade ou seus verdadeiros desejos."
Assinto e olho para Stark, que paira acima de mim. "Você está certo. Acho que... Acho melhor segurarmos ele, então. Pelo menos por alguns dias. Assim posso passar um tempo conhecendo ele, descobrindo suas verdadeiras intenções, antes de nos comprometermos com qualquer ação."
O rosto de Stark escurece.
"O quê?" Por que ele parece que vai matar algo?
E por que essa ideia faz o calor florescer instantaneamente entre minhas pernas?
Stark resmunga. "A ideia de você conhecê-lo..."
Pelo amor de Deus. "Seja real, Stark," eu disparo, levantando-me para encará-lo diretamente. "Deixei perfeitamente claro como me sinto por você. Você é quem está segurando. Você não tem absolutamente nenhum direito de sentir ciúmes de ninguém, especialmente por algo tão absurdo assim."
Stark apenas me olha, rosto impassível. Homem frustrante e estoico. De repente, ele é a última pessoa com quem eu quero falar.
"Foda-se isso," murmuro. Tiro a roupa e me viro para ir. "Obrigado pelo conselho. Te vejo depois."
Começo a sair, mas meu progresso é interrompido pela mão dele que envolve meu pulso. Os dedos de Stark se fecham firme no meu braço, e eu sou puxada de volta para ele.
Soltei um pequeno som surpreso. O calor dele na minha pele está fazendo coisas estranhas com meu coração. Eu colidi brevemente com o peito dele enquanto ele me puxa para trás, e os lugares onde nos tocamos são ardentes, marcados.
Quando olho para o rosto dele, seus olhos estão escuros, intensos, ofendidos. Minha boca fica seca.
"Meryn," ele começa, com a voz rouca. "Por um breve segundo esta noite, achei que tínhamos perdido você. Eu estava preocupado que você tivesse ido embora e que eu não tivesse tido chance de te contar—você é tudo."
Meu coração dispara, o sangue correndo pelas minhas veias. O calor se acumula, baixo e perigoso na minha barriga.

"Você é tenaz, teimosa e tão poderosa que só de pensar nisso já fico meio excitado." A voz dele é rouca, e os olhos me prendem no lugar. Não consigo desviar o olhar. "E que você compartilha esse poder? Que você se abra para mim e me incentive a usá-lo com você?"
Ele engole em seco, e sou atraída pelo movimento do pescoço dele, tão perto dos meus lábios. Quero lamber a barba por fazer que aparece ali, traçar as tatuagens dele com a língua. Cerro o maxilar e encontro seus olhos mais uma vez.
"Nunca conheci alguém como você, Meryn Sturmfrost. Passei tanto tempo te odiando e ressentindo sua existência — todo o tempo que perdi sendo maldoso com você com a desculpa de tentar te tornar mais forte. E nunca te destruiu."
Diante disso, não consigo ficar em silêncio. "Eu nunca deixaria você me quebrar, Stark Therion."
A risada baixa dele vai direto para o meu centro. "Não. Você não faria isso, né? Você cravou suas arestas afiadas em mim. Você me quebrou, princesa—mas do melhor jeito. Você pegou a visão que tenho de mim mesmo e a destruiu diante dos meus olhos. Se eu sou um homem mau — você me faz querer fazer coisas ruins pelos motivos certos. Você é minha razão certa."
As palavras dele alimentam o calor dentro de mim até eu estar queimando com ele. Eu faria qualquer coisa, dane-se o mundo e todo mundo nele, só para colocar a boca dele na minha.
Ainda existe uma distância entre nós, porém. Quase consigo sentir o gosto, o jeito que ele se segura, à distância.
"E ainda assim?" Pergunto, mal conseguindo pronunciar as palavras sobre meu desejo.
Um breve instante de autoconsciência passa pelo rosto dele e meu pulso acelera. Ele está me mostrando um lado que ninguém mais pode ver.
"Tem certeza?" As palavras saem baixas, lentas, e me fazem doer.
Meu coração se aperta por esse homem lindo, brutal, cruel e atencioso — que raramente alguém o escolheu por ele.
Me aproximando mais dele, saboreio o calor do corpo dele, o aperto firme dos dedos dele no meu braço. Sua respiração se torna áspera à medida que me aproximo, e minha pele está iluminada com a sensação de sua proximidade.
Não aguento mais um minuto sem a pele dele sob meus lábios.
"Deixe-me mostrar o quanto tenho certeza, Alfa Stark." Minha voz é quase um sussurro, mas consigo ver o efeito instantâneo que isso tem nele, vejo seus olhos escurecendo de desejo. "Talvez você acredite em mim então."
E sem esperar resposta, levanto a mão livre e rasgo a camisa dele, o tecido frágil de Astreonan rasgando sob minhas mãos.
Então, finalmente, minha boca e meus dentes estão nele. Estou morrendo de fome. Seu pescoço, sua barba por fazer. Os redemoinhos e linhas irregulares de cada tatuagem. Uso a mão livre para traçar cada uma, lambendo e mordiscando cada forma enquanto desco.
Stark geme, e o som desesperado me deixa instantaneamente molhada.
Os músculos do peito dele endurecem com minha atenção, seus mamilos se tornam dois picos afiados. Traço a linha dos peitorais dele com meus lábios, perdida na sensação da pele dura sob minha boca.
E suas cicatrizes. Aquelas cicatrizes que cobrem quase todas as partes dele. Dou

atenção especial a cada um, me deleitando enquanto seus músculos se tensionam e relaxam sob meus cuidados.
Seus abdominais são um país das maravilhas de tatuagens, pele marcada e músculos sólidos como pedra. Arrasto os dentes para baixo, sobre as saliências duras, e sou recompensado com um suspiro acima de mim.
Sorrindo contra a pele dele, finalmente puxo a outra mão do aperto dele. Mergulho os dedos de uma mão sob a cintura dele, usando a outra para desabotoar os fechos que a prendem fechada. Cada fecho revela mais músculos perfeitos. Caindo de joelhos, beijando o V dos músculos dele que desce direto até o pau, quase perco a cabeça de antecipação.
E ainda assim nada poderia me preparar para vê-lo quando finalmente o libertei das calças. Duro, enorme e aveludado, em pé direito entre nós.
Ele é lindo.
Envolvo a mão na base, com os dedos quase sem se tocar, e faço um puxão experimental.
Stark xinga e me penetra, só levemente. Mordo o lábio inferior e olho para ele. Ele está me encarando, os olhos nos meus, a boca levemente entreaberta em admiração.
Estou de joelhos por ele, mas nunca me senti tão poderosa na vida.
Meu interior se contrai forte ao imaginar sendo preenchida por esse homem glorioso e primitivo.
Devagar, aproveitando cada momento, baixo meus lábios até a cabeça do pau dele. Uma, duas vezes, giro a língua ao redor dele, depois lambo a gota de umidade na ponta. Minhas coxas se apertam com o gosto dele, salgadas, quentes e masculinas. Stark solta outro gemido.
Eu o provoco com a parte plana da língua, lambendo seu eixo e subindo de novo. E então não consigo mais me fazer esperar. Com fome, o tomo na boca, a grossura dele quase me dominando.
A mão dele desce para agarrar meu cabelo, os dedos entrelaçando-se nos fios prateados. Ele aperta o punho para puxar minha cabeça para cima e depois relaxa de novo, e minha boca desce mais um centímetro.
Foder.
Eu gemo ao redor do pau dele, meus olhos se fechando de prazer e saciedade. Ele enche minha boca, e eu abro mais, deixando a cabeça encostar a parte de trás da minha garganta. Eu levanto e depois desço de novo, rápido, quase engasgando enquanto o levo mais fundo.
Os quadris dele se arqueiam só um pouco, empurrando a parte de trás da minha garganta de novo, me enchendo mais completamente. Vejo estrelas. Gemo de novo, profundo e sem sentido. Depois puxo para cima, sugando forte, só para afundar a cabeça de novo e de novo.
"Levante-se."
Sua ordem é dura, mas controlada.
O quê? Ele não gosta disso? Eu puxo a boca dele, levantando-me devagar, incerta.
Seu rosto está corado, olhos escuros de promessa.
"Vire-se", ele diz então, e meu corpo lembra de ter recebido a instrução dele na floresta. Minha pele derrete. Obedeço, tremendo de necessidade.

Há o sussurro característico de uma adaga saindo da bainha, e eu nem tenho um momento para processar minha confusão. Um milésimo de segundo depois, os cadarços da minha coluna estão todos afrouxando ao mesmo tempo.
Sua adaga bate contra a pedra arenosa aos nossos pés.
Ele simplesmente me cortou do vestido, cortando as amarras com um movimento suave. Engolo outro gemido ao ver a imagem, ansiando para me virar mas esperando o próximo comando dele.
"Eu preciso estar dentro de você", Stark diz então, sua respiração roçando meu pescoço. Seus dedos calejados deslizam para dentro da minha calcinha e a puxam para baixo até meus pés. Luto para ficar em pé enquanto meus joelhos flaquecem com suas palavras. "Você tem tomado a poção, né?"
"Sim, sim," digo apressadamente. Nosso grupo fez questão de trazer o suficiente da poção contraceptiva que todos tomamos quando partimos para essa jornada. Só por precaução. "Então você acredita em mim? Tenho certeza?"
Ele lambe a nuca e um gemido escapa de mim. "Vou acreditar quando você me mostrar o quanto está molhada. Abaixe-se, princesa."
A ordem brusca dele me incendia. Obedeci devagar, segurando meus tornozelos e corando ao imaginar a visão dele. Meu traseiro nu, apresentado para o prazer dele. Meu centro sentindo saudades dele.
"Mostre que você está pronto para mim." As mãos dele deslizam pelo interior das minhas coxas e depois param pouco antes da minha necessidade dolorosa, torturante. Pelas pernas, vejo enquanto ele se ajoelha atrás de mim. O prazer me percorre enquanto ele pressiona a boca na minha fenda e me lambe de frente a trás, lambendo minha umidade.
Arqueio e grito, já meio sem sentido.
"Você está pingando", ele murmura, e o movimento dos lábios dele e o zumbido baixo da voz me fazem tremer. Ele pressiona a boca no meu clitóris, e eu gemo, depois de novo quando a língua dele me envolve, me provocando com intensidade.
"E-espera," gaguejo, e ele para embaixo de mim, a respiração ainda quente nos meus lábios carentes. "Preciso ouvir você dizer que acredita que não vai me arruinar. Que você não vai sair dessa de novo."
Ele pressiona um beijo profundo na minha fenda, e eu luto um gemido. "Eu não vou a lugar nenhum."
Então ele se levanta, e eu quase choro com a perda do calor dele no centro das minhas coxas. Ele agarra meu braço superior, seu abraço deliciosamente firme, e me puxa para ficar de pé também.
Stark coloca a boca perto do meu ouvido, o calor da respiração dele enviando arrepios da minha cabeça até os pés. O corpo enorme dele está enrolado nas minhas costas, e o pau pulsante e insistente pressiona minha lombar.
"Mas eu vou absolutamente te arruinar, princesa, a partir de agora." Fico sem fôlego, sem ossos. "Vire-se."
Obedeci mais rápido do que pensei, girando para encará-lo, pele nua contra pele nua. Ele me gira até minhas costas encostarem na saliência rochosa, e voltamos juntos até minha pele corada bater na pedra fria.
"Não vou conseguir me segurar com você, Meryn", Stark me avisa. Seus olhos buscam os meus na escuridão crescente. Levanto a mão e trago a boca dele até a

minha em resposta, pressionando meus lábios contra os dele. Ele se afasta, e eu ofego.
Sua mão áspera sobe para acariciar meu seio, os dedos mexendo em um mamilo, me fazendo me contorcer contra ele.
"Droga. Você me solta, Meryn. Você me faz perder o controle."
"Bom," respondo, minha voz ofegante de desejo. "Quero quebrar seu controle. Me mostre como fica quando você é solto."
O som que ele faz então é primal, puro desejo expresso. Eu me arqueio para ele só de ouvir isso. Eu quero ele. Deusa, eu o quero. Minhas mãos sobem até os ombros nus dele, e me agarro a ele enquanto ele traz a boca de volta para a minha.
Nos devoramos, e eu gemo na boca dele enquanto suas mãos se movem para segurar minha bunda, me puxando para cima e para dentro dele. O pau dele roça minhas dobras úmidas, e eu grito, o som desaparecendo na boca dele.
Ele se esfrega através das minhas dobras repetidas vezes até eu começar a choramingar.
Então ele me manobra até que a cabeça grossa do pau dele provoque minha entrada. Estremeço e aperto, desejando por ele.
"Deusa, Stark, por favor," eu grito em seus lábios, sem sentido. "Por favor, por favor, eu preciso de você dentro de mim."
Algo dentro dele se quebra enquanto eu imploro. As mãos grandes dele me puxam para baixo, o pau deslizando para dentro de mim, rápido, me enchendo, me deixando completo. O tamanho dele faz meus olhos lacrimejar. Ofego, me afasto para olhar para ele, enrolando minhas pernas nas costas dele.
O olhar de Stark está vidrado, quente. Ele olha para baixo entre nós, observando onde nos encontramos, e desliza lentamente para dentro e para fora de mim. "Você é tão apertado, mas me leva tão bem," ele murmura, hipnotizado, continuando a empurrar e puxar devagar, me fodendo levemente.
Meu peito arfa contra o dele, meus mamilos duros arranhando a pele dele. "Fui feito para você." As palavras saem choramingando, carentes.
Os olhos dele se fixam nos meus. "Não, princesa. Fomos feitos um para o outro. Agora segure firme."
Faço o que ele manda, e ele me pega nas mãos. Então ele me puxa para cima e depois para baixo de novo, se enterrando mais fundo em mim a cada estocada até ficar enterrado até o punho.
Agora estou fazendo barulhos, soluços, gemidos e súplicas incoerentes. O pau do Stark está me enchendo de um jeito que eu nem sabia que precisava, tão fundo que está em todo lugar.
Ele impõe um ritmo punitivo, apagando todo pensamento da minha mente até que tudo o que eu seja seja isso, aqui, nós.
Jogo a cabeça para trás e percebo de repente que ele colocou a mão atrás da minha cabeça para proteger meu crânio da pedra atrás de nós. O cuidado atencioso comigo — mesmo enquanto ele me fode de forma rude e desesperada — me leva cada vez mais perto do limite.
Stark se esfrega no meu pescoço e depois mordisca até minha clavícula, me fodendo até perder o tempo todo. O céu noturno gira acima de mim, estrelas formando trilhas de luz contra a escuridão. Fecho os olhos e me entrego à

sensação.
O ritmo de Stark acelera, e eu encosto meu rosto em seu pescoço, se juntando e apertando enquanto o mundo se reduz só a nós. O puxão dele dentro de mim, o empurrão enquanto ele me preenche cada vez mais fundo—
Mais uma estocada e eu estou perdido, meu orgasmo explodindo em mim como uma tempestade de neve.
Ele me segura enquanto eu estremeço, se mantendo profundamente dentro de mim enquanto eu aperto o pau dele repetidas vezes.
Só quando começo a descer é que Stark volta a pegar esse ritmo, penetrando em mim enquanto me puxa para baixo. Incrivelmente, ele fica ainda mais duro dentro de mim. Eu gemo no ouvido dele, repetindo seu nome, inconsciente, enquanto ele acelera em direção ao próprio clímax.
Então ele grita enquanto goza dentro de mim, me enchendo de calor úmido pulsante.
Ofegamos e nos agarramos um ao outro, pegajosos de suor, as brisas frescas do deserto ao nosso redor só começando a se registrar.
"Stark," murmuro, e ele se afasta para olhar meu rosto. A profundidade da emoção que vejo lá me assusta e me acalma de uma vez só.
Fecho os olhos e deixo minha bochecha repousar no ombro dele, cantarolando de contentamento. Stark me segura perto dele enquanto sua respiração desacelera, depois se afasta devagar, encontrando o que resta das nossas roupas. Afasto as mãos dele enquanto ele me oferece o tecido, e ele entende o que preciso sem que eu pergunte.
Stark coloca as camadas de roupa na parte mais lisa do chão e então me puxa para perto dele.
Logo, estou embalado por ele de novo, pele com pele nua. Quente. Seguro. Sacio. Inspiro, e cheira a ele—profundo, almiscarado e âmbar. Eu solto o ar, e ele estremece com o carinho. O toque constante de seus calos sobre meu quadril me faz dormir tranquilamente.
Não dura muito.
Não posso ter dormido nem dez minutos quando sensações rasgam meus laços mentais — pânico, medo e dor excruciante. Nada disso é meu.
Acordei de repente, gritando.
As mãos de Stark estão em mim, me puxando para perto como se fosse me proteger disso.
"Meryn, foque", Stark me lembra.
Pisco rapidamente e fecho os olhos com força. Minha consciência corre pelos laços, buscando a fonte do sofrimento.
"É... Noemi," eu engasgo.
Ela está machucada. A dor e o terror dela gritam tão alto na nossa conexão que parece que eu ouve seus gritos daqui, ricocheteando nas pedras escarpadas ao nosso redor.
Estou de pé e pegando minhas roupas enquanto chamo Anassa. Ela tenta me acalmar, mas não terei paz até saber que Noemi está segura.
Os lobos gigantes rapidamente percorrem a distância que Stark e eu percorremos a pé. Já estamos vestidos, meu vestido preso de qualquer jeito pelo que restou das gravatas, Stark pegando sua adaga da areia, enquanto nossos lobos correm

para a clareira.
"De volta ao castelo", digo a Anassa, trêmula.
Ela rosna, canalizando meu medo e raiva. "Sobe."

37



MERYN

We pedala forte. Minha preocupação com a Noemi é uma grande distração da dor entre minhas pernas.

A viagem de meia hora que Stark e eu fizemos da cidade dura talvez cinco minutos no caminho de volta — e custa à cidade de Brightbane várias estruturas baixas e um cercado de porcos que foi solto enquanto atravessávamos tudo no nosso caminho.

Quando passamos pelos portões e os guardas acenam para entrar, Anassa está ofegante e seus músculos tremem pela longa corrida intensa. Pulo das costas dela, checando como ela está enquanto corro pelos degraus de pedra pálida do palácio.

"Só vá até a garota", ela diz.

Stark passa correndo por mim e escancara as portas. Passo por ali, sem fôlego e com a mão no punho da adaga, os olhos vasculhando o salão à minha frente. Meu pai se vira de repente, assustado com nossa entrada repentina.

Os olhos de Fredrich se arregalam ao me ver, e ele corre em nossa direção.

"Onde está—?"

"Saela está segura em seus aposentos." Minha surpresa por ele saber a pergunta antes de eu fazer me deixa em silêncio, e deixei que ele pegasse meu braço e me guiasse pelo corredor em um ritmo acelerado. "Voltarei para ela assim que te levar até eles."

A agonia de Noemi ainda rasga o vínculo, mas agora é acompanhada pelo alarme e pela raiva de Venna. Gritos ecoam pelos salões altos à medida que nos aproximamos. O medo afunda nos meus ossos.

"Para onde vamos?"

"Os aposentos pessoais do rei", responde meu pai.

Xingo por dentro e procuro Stark em busca de alguma calma. A mente dele encontra a minha, e ele me acalma o melhor que pode, sentindo-se meio assassino também. Mesmo assim, as emoções de Noemi são devastadoramente violentas, cravando fundo nos ossos dentro do meu crânio.

Há um grito à frente, e eu me abro em uma corrida de novo. Então vem o que parece ser móveis caindo e armaduras raspando na pedra.

Viro a esquina e paro de repente.

Pensar que saí com Stark justamente para evitar causar uma crise diplomática.
É um caos. Guardas reais estão contendo Noemi, que luta contra eles. Ela tem um arranhão profundo na testa que escorre sangue pelo rosto pálido.
Venna está rifteando, desaparecendo e reaparecendo em diferentes lugares da sala. Cada vez que ela sai da escuridão, os guardas se assustam e giram, seus rostos tensos de concentração enquanto tentam acompanhar seus movimentos.
No centro de tudo está Lucien. Ele está encostado casualmente e preguiçosamente contra a entrada ricamente entalhada de seus aposentos. Ele parece posar para um retrato, não como se estivesse vendo as relações diplomáticas se desmoronarem diante de seus olhos.
E ele está sangrando. Por toda parte.
Toda a frente de seu manto de seda — aberta de forma exagerada no peito — está tingida de escarlate com ela. Há uma ferida profunda no ombro, já cicatrizando, mas claramente séria.
Sua expressão ao ver Noemi lutar é estranha. A metade superior do rosto dele parece divertida, como um gato brincando com um rato. A metade inferior está distorcida com o que parece ser uma raiva fria.
Imediatamente envio uma ordem ensurdecedora pelo vínculo. "Abaixe as armas."
Noemi e Venna congelam no lugar, corpos travados, mas rostos ainda comunicando raiva óbvia. Haverá tempo para conversar sobre tudo isso — depois.
Eu avanço. Os guardas de Lucien se abrem antes de mim. O rei observa enquanto Stark e eu nos aproximamos. Ele claramente percebe o estado arruinado do meu vestido e o jeito que a camisa do Stark fica aberta de onde eu a arranquei.
"Desculpe se interrompemos algo," ele fala arrastado.
"Me conte o que aconteceu," exijo, ignorando-o.
Várias vozes começam a falar ao mesmo tempo. Lucien levanta a mão, e eles ficam em silêncio estrangulado.
"Parece que este" — ele aponta para Noemi — "de alguma forma rastreou meus movimentos e conseguiu acesso aos meus aposentos privados, depois passou a aguardar com uma adaga coberta de veneno."
Ele faz uma pausa para mal curvar o lábio superior para ela antes de seu olhar voltar para mim.
"Quando entrei no meu quarto, ela me emboscou e conseguiu me ferir profundamente antes que meus guardas reagissem à confusão. Presumo que então você informou que"—ele gesticula para Venna—"que uma das suas estava em grave perigo, porque ela veio correndo para apontar mais armas para mim. E assim, o impasse que você vê diante de você."
Meu olhar se volta para Venna, que assente.
Noemi, ainda contida mas sem mais lutar, cospe palavras como se fossem venenosas. "Você merece morrer."
Estou chocado com o quanto ela parece selvagem. Desde o momento em que fomos apresentados, Noemi sempre transmitiu uma sensação de elegância calma e intencional. Quem quer que fosse aquela mulher, ela se foi, substituída por qualquer coisa que tenha vivido silenciosamente sob a superfície esse tempo

todo.
"Recuso-me a ficar parada vendo ele desfilar mulheres como gado!" ela grita, se esvaindo no aperto dos guardas. "Alimentando-se deles como se fossem apenas carne!"
O olhar dela se dirige a mim e depois ao Stark. Ele se move com propósito em sua direção, mãos para cima como se estivesse encarando um lobo gigante selvagem.
Noemi puxa o ar rapidamente, e não usa o ar para gritar de novo. Mas o suspiro apressado de suas palavras carrega tanta emoção que ela poderia muito bem estar gritando.
"Como você pode considerar seriamente uma aliança com bestas malignas e pervertidas que tratam humanos assim?"
Uma risada fria escapa dos lábios de Lucien. Ele passa a ponta do dedo pelo próprio sangue, onde está secando na pele, um sorriso suave surgindo.
"Você achou que poderia me matar? Um rei Sifão de mil anos que sobreviveu a cinco séculos de tentativas de assassinato por oponentes muito mais formidáveis, incluindo meu próprio irmão?" Ele resmunga e examina o sangue nos dedos, esfregando com o polegar. "É loucura. Você tem muita sorte de eu achar seu ataque mais divertido do que ameaçador, ou você já estaria morto."
Uma onda de raiva explode de Noemi, e a fúria de Stark é branca e quente na minha mente. Eu bloqueio isso da minha consciência, levantando minhas barreiras mentais pela primeira vez esta noite. Preciso de toda minha atenção no Lucien. Agora, há raiva genuína por trás da diversão.
Ou não consegue esconder totalmente ou não sente necessidade de isso.
"O que ela está aprontando?" Pergunto a Stark pelo vínculo. "Você a conhece melhor. Me explique, sério — por que ela está colocando em risco todo o motivo de estarmos aqui?"
"Você precisa perguntar a ela pessoalmente," ele responde, os olhos encontrando os meus de onde está, ainda perto de Noemi, mas sem provocar nada com os guardas que a irangem.
A mente dele, roçando a minha, está cheia de arrependimento e culpa.
"Só... confie que ela tem seus motivos para agir assim," ele continua. "Isso não desculpa. Eu me culpo por isso; Eu deveria ter considerado a situação em que estávamos a colocá-la ao trazê-la aqui."
O que isso significa?!
Quando os olhos de Lucien voltam a me fixar, ele se endireita e fica em sua altura total pela primeira vez desde que cheguei. Seu tom se aguça, perdendo completamente a qualidade rolante e suspirante. "Não é assim que os convidados tratam seu anfitrião, especialmente quando ele está considerando uma aliança histórica que pode acabar com séculos de guerra."
Considerando. É uma ameaça velada. Um aviso de que ele ainda é poderoso o suficiente para arrancar a paz e lançar seu exército contra nós sem um Phylax à vista para proteger nossas linhas de frente.
Bem, acho que tem uma Phylax à vista. Assumindo que ela sobreviva pelos próximos dez minutos.
Venna, Stark e eu trocamos olhares, cada um olhando para o outro para ver se alguém tem algum plano.

Antes que eu tenha tempo de abrir uma comunicação mental para nós três, Lucien faz um gesto com a mão, e seus guardas começam a se mover. Dois começam a marchar com Noemi, e o restante se dispersa para tomar posições ao longo do corredor.
"Lucien," eu disparo.
Ele levanta uma sobrancelha irritada para mim.
"Deixe-me falar com ela em particular," digo. Depois de um longo momento, eu acrescento: "Por favor."
Não costumo implorar por cortesias básicas, mas gostaria de evitar que Noemi perdesse a vida nesta viagem.
"Tudo bem," ele diz com um suspiro. Ele aponta para uma pequena sala ao lado da entrada de seus aposentos. "Você pode ficar com meu escritório. Os guardas vão esperar do lado de fora."
Noemi se solta do aperto em seus braços, seus olhos verdes ainda ardendo enquanto ela entra pisando forte no escritório, como se não fosse a errada. Eu a sigo, olhando para trás para Stark. Sua preocupação está estampada em seu rosto. Ele também não quer que ela se machuque, mas sabe que ela realmente vacilou.
Noemi imediatamente vai para uma poltrona de couro larga e se joga nela, depois enterra o rosto nas mãos. Seus cabelos ruivos cintilantes caem ao redor dela em ondas protetoras. Ela começa a chorar.
Fecho a porta silenciosamente atrás de nós e me aproximo dela... Mas não muito perto, caso ela decida que não esfaqueou monarcas suficientes esta noite.
"O que está acontecendo?" Pergunto gentilmente.
Ela olha para cima, o rosto manchado e marcado por lágrimas. "Desculpa, Meryn—me desculpa mesmo. Eu o vi com aquela mulher hoje à noite, e talvez ela tenha concordado em estar lá, não sei, mas algo nisso parecia tão não consensual. Eu perdi a paciência."
Eu assento para encorajá-la a continuar, mas também sei o que ela quer dizer.
Os humanos deste país parecem não ter muita escolha. Os responsáveis fazem as leis, e essas leis são passíveis de Sifones, sem muita consideração para como um humano pode se sentir. Se um Sifão pode beber seu sangue como pagamento de dívidas ou como prêmio após vencer uma luta injusta... Quão livres essas pessoas são, realmente?
Claro, parece que os humanos gostam da sensação de... Sendo alimentado, por mais que o pensamento me deixe enjoado. Mas eu sei muito bem que prazer e coerção podem andar juntos.
Olhos azuis brilhantes passam pela minha mente ao pensar nisso, e eu estremeço. As bochechas de Noemi coram um pouco — o que, claro, só a deixa mais bonita — e ela entrelaça as mãos firmemente no colo. "Você precisa saber de uma coisa. Durante meu tempo nas Provas de Ligação, fui o companheiro escolhido do Rei Cyril." A palavra sai amarga, cheia de nojo.
Não. Meu estômago despenca até os pés.
"Como você deve saber, ser companheiro dele pode ser uma espécie de competição entre algumas das mulheres. Havia um certo nível de status envolvido em ser escolhido. No entanto, não me deram escolha."
Ela desvia o olhar de mim agora, os olhos ficando vidrados de novo. Noemi

morde o lábio inferior por um longo momento antes de continuar.
"Meu pai, Lorde Eisenfall, organizou minha escolha com o rei — anos antes dos meus Julgamentos, na verdade. Cyril me viu pessoalmente uma vez, quando eu tinha doze anos, e disse ao meu pai que seria benéfico para seu feudo se eu fosse... encorajado... para disputar sua atenção durante os Julgamentos quando eu já tinha idade de idade." Ela olha para trás para mim, e o aço voltou. "Não houve nenhuma conversa sobre sentimentos ou consentimento. Entrei nas Provas, recém-completada com dezoito anos e aceitando meu destino. Se eu não correspondesse às expectativas de Cyril, meu pai ficaria descontente."
Meu estômago está um caos retorto e contorcendo, e agora também quero chorar — pela garota que ela era, que teve que suportar aquilo.
Para a mulher que ela é agora, que ainda vive com isso.
"Meu pai controla um feudo inteiro, Meryn. Um grande. Você sabe tão bem quanto eu que todo o poder que temos por sermos Vinculados não significa nada quando um nobre senhor estala os dedos. E eu—"
Ela se interrompe, olha para os pés e engole em seco. Então ela olha para cima, o rosto angustiado. "Ele é horrível, eu sei, mas é meu pai. Uma parte ferrada de mim só quer fazê-lo feliz."
Estendo a mão para ela, seguro a mão dela. Ficamos sentados em silêncio por um momento.
A expressão de Noemi endurece, como se estivesse se tornando um escudo. Ela lentamente solta a mão da minha e a fecha em punho. "Não quero que nenhuma outra mulher passe pelo que eu passei."
"Eu sei," eu digo. "Eu sinto o mesmo."
Minha mente volta a pensar em Killian, no que aconteceu entre nós. Isso não se compara ao cuidado e ao estupro que Noemi sofreu.
Afinal, eu achava que estava consentindo na época.
Mas foi coerção. Todo o nosso relacionamento — um relacionamento construído sobre mentiras e manipulação — violou minha autonomia. Pela primeira vez, finalmente estou admitindo isso para mim mesmo. Meus olhos ardem, e eu engolo o calor.
Nosso abusador é a mesma pessoa agora. Alistair estava em Cyril, e agora está em Killian.
"Vamos pegá-lo, Noemi", eu digo, minha voz afiada como uma adaga. Ela assente, e eu percebo que ela sabe que não estamos falando do Lucien. "Vamos fazê-lo pagar. Vamos fazer a pessoa certa pagar pelo que fez. Mas não vamos conseguir fazer isso sem o apoio do Lucien."
Seus lábios se apertam em uma linha fina, e então ela diz: "Eu sei. O que eu faço? Eu estraguei tudo feio."
"Você precisa se desculpar. Atenciosamente," eu digo, e ela solta um som de aflição. "Eu sei, ele é insuportável. Ele vai prolongar isso o máximo possível. Mas é o único jeito."
Ela assente. "Ok. Obrigado."
Eu me viro para sair, para levá-la de volta para ele, e ela diz: "Meryn?"
Há um pequeno sorriso nos lábios dela quando me viro de novo. "Você e Stark. Fico feliz."
Me assusto. "Eu—o quê? Você é? Como você—"

"Por favor," ela funga. "Conheço ele desde menino. Ele não consegue esconder nada de mim."
Paro, hesitante. Sei que Stark não tem interesse romântico na Noemi, mas ainda não sei qual é a posição dela. "E você... Tem certeza que está tudo bem? Quer dizer, você não estava, você nunca, hum..."
Ela interpreta minha gagueira desajeitada e acena com a mão, rindo. "Eca, não. Não é assim entre nós. Nos beijamos uma vez quando éramos adolescentes e ambos ficamos completamente repelidos por isso. Era como lamber um sapato. Na verdade, eu gosto de mulheres."
Uau.
Ficar obcecado com o relacionamento deles ocupou muito espaço mental, e eu poderia simplesmente ter perguntado para ela.
"Acho que você estava certa," admito a contragosto para Anassa.
"Você aprendeu sabedoria sobre algumas coisas e não sobre outras", responde Anassa de forma prestativa.
"E suponho que você absolutamente não poderia ter me dito em nenhum momento que eles não estavam interessados um no outro? Fofoca humana demais para você?"
Anassa me deixa sentir sua diversão. "Ah, não, eu só gostei de te ver ruminando em círculos. Era encantadoramente irracional."
Vadia sarnenta.
Ofereço minha mão para Noemi, e ambos deixamos os sorrisos caídos, lembrando que há um rei Sifão do lado de fora daquela porta que provavelmente quer a cabeça de Noemi pelo que fez.
Como se em resposta aos nossos pensamentos, há batidas na porta.
"Acabou o tempo", vem a voz de Lucien, cantada mas de alguma forma também mortal.
Espero que ele esteja aberto a uma solução. Porque não vou deixar a Noemi ser morta pelo que fez, não importa o quão grave tenha sido o erro.
Se Lucien quer Noemi morta, ele vai ter que passar por mim primeiro.

38



MERYN

É preciso implorar e um pouco de humilhação para todos nós para fazer Lucien aceitar o pedido de desculpas de Noemi. Eventualmente, ele cede e manda todos nós para a cama. Dá pra ver que ele vai usar essa contra mim, no entanto.

Ele parece o tipo de pessoa que gosta de ter vantagem.

Stark e eu desabamos na cama do meu quarto, e espero que o sono me leve rápido depois de todos os acontecimentos do dia.

Mas não faz. Tenho muita coisa na cabeça.

A pulseira thrall e tudo que aprendi sobre os Siphons. A possível aliança com Astreona, e o que Lucien poderia ganhar com isso. As lágrimas.

Meus pensamentos continuam voltando para as Lágrimas da Deusa. Como Lucien e eu acabamos com joias combinando em nossas coroas? Tem algo nela que parece muito proposital.

E então de volta para Killian.

Vou precisar de todo o poder que puder se for enfrentá-lo, se Alistair for tão forte quanto Lucien afirma.

O que me faz voltar ao ponto de partida das Lágrimas, e daquela que está pendurada no pescoço da minha irmã.

Em algum momento, o sol nasce e eu ainda mal dormi. Um dedo traça meu maxilar.

"Algo está te incomodando", diz Stark.

Há quanto tempo ele está me cuidando enquanto eu me revirava? Eu me enrosco mais perto dele.

"Acho que preciso da Lágrima que Saela está usando," sussurro. Queria poder engarrafar a paz deste momento, vulnerável, mas seguro em seus braços. "O Rasgo na minha coroa me tornou muito mais poderoso no campo de batalha, e quando coloquei o colar por aquele breve momento no acampamento de guerra, senti que isso amplificava meu poder também. Mas..."

"Está protegendo Saela", acrescenta Stark.

Eu mexo no botão da camisa dele. "Não posso deixar a influência de Killian alcançá-la, mas preciso desse poder se quisermos derrotá-lo. Antes de sairmos da frente, Ruby disse que havia maneiras de bloquear o vínculo de sire."

A testa de Stark se franze levemente. "Tem uma pessoa aqui que talvez tenha algumas respostas para você."
Eu me viro de costas com um gemido. "Eu sei, eu estava pensando o mesmo. Mas não sei o quanto ele vai querer nos ajudar esta manhã depois de tentarmos assassiná-lo ontem à noite."
Ambos refletimos sobre o absurdo dessa afirmação por um momento.
"Ele deixou Noemi viver", Stark aponta. "Ele fez você rastejar por isso, o desgraçado, mas mesmo assim. Essa não é a ação de um monarca disposto a abandonar essa negociação de paz."
Eu penso nisso. "Você está certo," admito. "Ele tem sido insuportável e insultuoso, mas até agora tem sido bastante cooperativo. Aff, eu realmente esperava passar mais algumas horas sem ver a cara idiota dele."
Stark sai da cama, e eu o sigo relutantemente, vestindo um conjunto de roupas limpas.
Preciso falar com a Saela. Ela deveria ser a primeira a saber o que estou pensando, já que o colar está em sua posse — e a protege.
Meus olhos estão turvos de tanto não dormir quando empurro a porta da nossa sala de estar e paro de repente.
Saela e Venna sentam no sofá, falando devagar, mas com conversa, em linguagem de sinais. Saela parece tão confortável — ou pelo menos parecia até eu chegar.
Eu não sabia que ela aprendeu tanta linguagem de sinais, e tão rápido. Por outro lado, ela sempre aprendeu rápido.
"Bom dia, vocês dois." Tento lembrar dos sinais que vi antes de interromperem a conversa, mas havia muitas palavras que eu não reconhecia.
Saela olha para mim, corando.
Ela claramente está escondendo algo, mas por nada do mundo eu faço ideia do que é. Sobre o que ela e Venna estavam conversando?
Venna se levanta. "Vou deixar vocês dois se prepararem para o dia," ela diz, se preparando para sair.
"Espera. Venna, podemos conversar primeiro?" Eu digo. "Quer andar comigo?"
Ela acena com a cabeça e me segue para longe dos ouvidos curiosos da minha irmã, para o corredor do palácio. Eu viro a gente à esquerda sem rumo.
"O que foi isso? Saela está bem?" Eu solto de repente. "Parecia que ela estava escondendo algo de mim agora há pouco." Olho de lado para o rosto da Venna enquanto caminhamos.
Venna aperta os lábios, inspirando profundamente. "Isso é entre vocês dois, Meryn", ela diz. "Não quero me meter nisso."
Eu paro de repente. Então, afinal, estou deixando passar algo aqui. "Se ela tem algo para conversar, que fale comigo. Eu sou irmã dela! Ela não deveria andar escondida, escondendo segredos usando uma língua que mal entendo."
Venna suspira com irritação óbvia e se vira para mim, sobrancelhas erguidas. "Bem, Meryn, de quem é a culpa por você ainda não ter passado dos sinais básicos?"
Mordo o lábio e me viro para olhar pela janela atrás de mim, estudando o pátio logo adiante. Meu corpo arde de vergonha. Eu sei que ela está certa. Não é algo que eu tenha priorizado o suficiente, não como deveria.

"Olhe", diz Venna atrás de mim, com a voz mais gentil do que eu mereço. "Saela está passando por algumas coisas que sente que só eu vou entender."
Meus olhos se enchem de lágrimas inesperadamente, e pisco rapidamente para limpá-las. "Que coisas?! Ela deveria saber que sempre pode falar comigo sobre qualquer coisa!"
"Ela pode? Seja honesta consigo mesma, Meryn." Venna coloca a mão no meu ombro, e eu me viro para encontrar seu olhar. O olhar que ela me lança é penetrante, mas não cruel. "Você sabe como é ser marcado pela diferença? Ser feito sentir que uma parte essencial de você é indesejada? Você consegue se colocar nessa perspectiva?"
Engolo em seco o nó na garganta.
Venna deixa a mão cair do meu ombro, dando um passo para trás. Quando ela fala novamente, sua voz está cansada.
"Saela está animada por estar em um lugar onde ela se encaixa, onde não é vista como um problema, mas como algo comum. E ela não sabe como você reagiria a isso."
Dói. Eu sou um idiota do caralho.
Tenho me apegado tão firmemente à ideia do futuro que imaginei para nós, um em que envelhecemos juntos. Um em que passamos por todos os momentos importantes da vida lado a lado.
É tudo o que eu busquei com as Provações. Encontrar minha irmã e devolver nossas vidas à normalidade.
Mas o normal da Saela mudou. E em vez de aceitar isso, rejeitei sua nova existência. De novo e de novo.
Venna se vira de volta para nossos quartos, depois olha por cima do ombro para ver se eu vou. "Eu sempre fico feliz em conversar, Meryn. Mas se quiser ouvir mais da sua irmã, precisa ter essa conversa com ela e ser aberto com ela. Veja ela pelo que ela é, não por quem você quer que ela seja."
Deusa, espero conseguir curar nosso relacionamento. Que ela vai me perdoar e aprender a confiar em mim novamente.
"Entendido," digo.
Venna para de repente e gira de volta para mim. "Espera, antes de estarmos diante de ouvidos inocentes... você e Stark? Eu sei que você não se cortou do vestido ontem à noite."
Meu rosto esquenta. Não contei para a Venna o que aconteceu entre Stark e eu fora de Grunfall, nem tudo que veio depois. Parecia que fofocar sobre isso o trairia, pelo menos até ele decidir de um jeito ou de outro.
Bem, a decisão dele está tomada.
"Sim," eu digo. "Isso está acontecendo."
Venna sorri de lado. "Boa."
Dou um tapinha nas costas dela. "Obrigado, isso significa muito vindo do Assassino de Kryptos."



Venna e Saela querem vir comigo para perguntar ao Lucien como bloquear o

vínculo de sire da Saela. Não me surpreende: eles são parecidos em muitos aspectos, inclusive no desejo de aprender tudo o que puderem.
Provavelmente eu poderia me beneficiar de ser mais parecido com eles.
Stark está dividido entre se juntar a nós e ficar com Noemi, que ainda está se recuperando das aventuras da noite anterior. Asseguro que estaremos seguros sem ele e que vou ligar mentalmente se sentirmos o menor problema.
Fico feliz quando ele cede. Algo me diz que vamos tirar mais proveito do Rei Lucien sem ele lá.
O interesse de Saela se transforma em uma empolgação total quando ouvimos onde o rei está passando a manhã: a Biblioteca Real de Astreonan. Sorrio, vendo ela se iluminar com a notícia, mas não consigo me livrar da culpa e tristeza também.
Quando se trata da Saela, tudo que tenho feito ultimamente é cometer erro atrás de erro. Como seria acertar isso?
Felippe nos mostra o caminho para a biblioteca e abre as enormes portas de madeira com uma pomposidade exagerada.
Minha diversão é interrompida, porém, quando vejo o quarto além das portas.
Chamar isso de biblioteca parece pouco. É um maldito templo para livros. Saela ofega ao meu lado enquanto se inclina para trás para absorver.
Há várias histórias de livros e pergaminhos — conectados entre si por altas e estreitas escadas em espiral — todas amontoadas em prateleiras esculpidas diretamente na pedra pálida do castelo. O espaço imenso é engenhosamente iluminado, com janelas altas acima dos livros. Depois, mais abaixo, onde a exposição ao sol mancharia as páginas, foi montado um sistema de espelhos para refletir uns nos outros, refletindo a luz pelo espaço de uma forma que protege os livros, mas ainda assim inunda os cômodos com luz solar.
Os brincos de Lucien brilham nessa luz enquanto ele se inclina sobre a grande mesa de madeira polida no centro da sala. Livros e pergaminhos antigos estão dispostos diante dele.
"Eu não pensei que você fosse do tipo estudioso," comento enquanto nos aproximamos o suficiente para que a proximidade dele comece a drenar minha alegria.
O sorriso dele permanece firme. "Normalmente, não sou. Afinal, o que mais há para aprender depois de um milênio?" Ele suspira e desliza um livro para mim. Saela se inclina comigo para estudar a caligrafia ampla enquanto Venna apenas o observa, franzindo a testa.
"Estes são documentos sobre a criação de pulseiras de thrall. Tenho tentado entender por que o seu funciona tão diferente."
"E?" Pergunto.
Ele acaricia levemente uma página. "A resposta ainda me escapa. Suspeito que possa ter a ver com o vínculo de lobo gigante de vocês. Esses testes só foram testados em humanos. Ou talvez ele tenha projetado de alguma forma que eu não entendo, com a intenção de mirar nos seus poderes."
"Então tem algo que você não sabe," Venna diz levemente.
"Ha," ele diz, lançando um olhar para ela antes de voltar seu olhar intenso para mim e minha irmã.
Envolvo um braço nos ombros de Saela, puxando-a para perto. "Falando em

conexões desconfortáveis com Killian e Alistair, há algo que você precisa saber. Minha irmã tem um vínculo de sire com Killian. Ele foi quem a transformou."
O lábio superior de Lucien se curva, e seus dedos apertam o manuscrito. "E você escolheu esconder essa informação de mim?" Há uma ira mal disfarçada em sua voz. Venna se aproxima de mim e de Saela, pairando protetora.
O olhar azul afiado de Lucien se volta para minha irmã. "Você consegue ouvi-lo?"
Saela balança a cabeça enquanto eu puxo a Lágrima do abrigo da blusa dela. "Este colar parece ter algum tipo de poder protetor", ela explica. "Bloqueia a conexão."
Lucien e Venna estudam o colar. Uma faísca de reconhecimento ilumina os olhos de Lucien.
"Interessante," ele murmura. "Eu não teria pensado... Mas então, como você pode ter certeza?"
"Temos sim," eu interrompo. Saela não parece nervosa quando olho para ela. "Ela ficou sem sua proteção por pouco tempo. Já foi testado." Consigo perceber que ele está tentando decidir se deve acreditar em mim, mas eu não tenho paciência. "O que você sabe sobre as Lágrimas, Lucien?"
Lucien fecha os olhos e passa a ponta do dedo pela testa como se alisasse um fio de dor. Então ele alcança por baixo das próprias roupas e levanta a corrente ao redor do pescoço com o mesmo dedo.
No final dele balança outro pingente de Lágrimas, brilhando de poder. É um reflexo da Saela, assim como nossas coroas se espelham.
Um som incrédulo escapa de mim. "Acho que não fui o único a esconder informações. Você não quis revelar isso no jantar de ontem à noite, quando estava se gabando de como as joias têm poder?"
O sorriso dele fica afiado, e eu sei que vou odiar o que sair da boca dele a seguir. "Eu só gosto de te mostrar o meu quando você me mostra o seu."
Venna revira os olhos.
Filho da infantil. Como ele conseguiu passar mil anos sem que alguém ficasse irritado o suficiente a ponto de cortar sua cabeça?
Ignorando a provocação, pergunto: "Você fica mais poderoso quando o usa? Isso aprimora sua magia de Sifão?"
Ele passa o polegar sobre a bola e abaixa a cabeça em um aceno de cabeça. Então ele fala baixinho. "Eu me pergunto..."
Inesperadamente, ele segura a pedra, a levanta sobre a cabeça e a estende para mim.
Com hesitação, eu entendo.
No momento em que a joia pousa na minha palma, meu poder se eleva em uma resposta contorcida ao chamado silencioso da pedra, assim como aconteceu quando experimentei o outro colar no acampamento de guerra.
"Sua expressão embriagada me diz que funciona para você", diz Lucien. A cabeça dele está inclinada para um lado, como se estivesse tentando encontrar o ângulo certo para me enxergar.
Saela, de olhos arregalados, está ocupada demais digerindo essa nova informação para notar o brilho interessado nos olhos de Lucien. A Venna percebe, porém. Faço uma anotação mental para discutir isso com ela depois.

"Então suas coroas ajudam a controlar seus respectivos poderes, os colares dão proteção, e ambas as Lágrimas fortalecem sua magia", recita Saela. "Fico imaginando quão forte seria uma pessoa se tivesse todas as Lágrimas de uma vez só."
Mas tem outra Deusa Tear. Aquele que a Mãe Sacerdotisa usa. Provavelmente valia a pena manter isso em segredo de Lucien—pelo menos por enquanto.
Estendo o colar de Lucien de volta para ele, relutante. "Vou precisar da Lágrima da Saela se... se vamos enfrentar Killian e Alistair."
Ainda não discutimos o cessar-fogo proposto dele. Ele não sabe que vou aceitar, embora certamente deva supor que sim, dado o quão favoráveis são os termos para mim. De qualquer forma, quando encontrarmos Killian em um campo de batalha, sei que vamos precisar de toda a força possível.
Lucien sorri enquanto coloca sua Lágrima de volta. "Se ao menos você tivesse um milênio de experiência para resolver esse pequeno problema para você."
Venna revira os olhos novamente, e Lucien percebe dessa vez, olhando para ela com curiosidade. Tenho a sensação clara de que ele não está acostumado com as pessoas não se impressionarem com ele.
"Sifões tendem a ser exigentes com consentimento", Lucien continua eventualmente. "Ao longo dos anos, desenvolvemos itens capazes de bloquear o poder de um criador. Na verdade, mais comumente feita como joias. Saela pode simplesmente trocar o que está no pescoço."
"Outro colar?" Venna parece duvidoso. "Que prova temos de que isso fará o que você diz?"
"Sem contar que não sei se me sinto confortável em entregar à minha irmã joias de Sifão encantadas que talvez ela nunca consiga tirar", acrescento, levantando meu pulso amarrado para demonstração.
Lucien dá de ombros. "Consulte seu pai se precisar de garantias. São bem comuns." Ele apoia o quadril na mesa, e o sorriso de canto volta. "Parece que essa é a única forma de você recuperar sua Lágrima."
"É isso que seus dez séculos estão te dizendo?" Venna diz secamente.
"Alto e claro," ele confirma, e se afasta de nós, pegando outro manuscrito.
Mas nada sobre as motivações de Lucien está claro.
No mesmo fôlego em que penso isso, a dor se acumula nas minhas têmporas.
É uma dor de cabeça normal, no começo.
Então Lucien diz algo, e eu não consigo ouvi-lo, mesmo estando do outro lado da mesa em frente a mim.
Saela diz meu nome, acho, e Venna corre em minha direção. Mas ambos parecem distantes.
Vem dos laços mentais — um grito que vai ficando cada vez mais alto a cada segundo até minha visão escurecer e o barulho e a dor me desconectarem completamente do meu corpo.
De repente, estou vendo o mundo pelos olhos do Siegrid. Estou na cabeça dela de alguma forma. Há um turbilhão de fúria e confusão. Desespero. Ódio. Que ódio ardente. Ela está no topo do seu enorme lobo. E ela está com dores intensas. Uma lança perfura seu lado, o cabo dela profundamente dentro do corpo. Ela está lutando para se manter montada em Genicos. Ele tenta curá-la, mas o ferimento não pode cicatrizar enquanto a arma ainda estiver alojada em seu

corpo.
Siegrid solta outro grito de angústia e raiva. Ao nosso redor, forças noturnas estão engajadas em uma luta desesperada. Ninguém pode parar para ajudá-la.
Ela odeia a dor que nublava sua mente.
Ela odeia sua própria fraqueza, deixando-se cair em tanto perigo.
Mas, mais do que tudo, ela se odeia por não ter previsto isso. Ele.
Isso não é um ataque de Sifão. No mar de corpos agitados, lutando e morrendo, vejo que nossas forças estão lutando contra... Phylax. Eles também têm muitos soldados plebeus do lado deles.
Siegrid range os dentes diante da agonia e ordena que suas tropas se reagrupem. Se a linha defensiva cair...
Bem, eles vão perder toda a frente.
Eles perderão o reino para ele.
O vento aumenta, soprando fumaça no rosto de Siegrid. Ela observa através dele, observando uma figura emergir enquanto a fumaça se dissipa com o vento.
Tormun, o Alfa de Phylax. Ele é enorme em seu lobo, ondulando, erguendo uma enorme maça que não deveria ser possível empunhar em um lobo. Seu braço se esforça sob o peso da arma enquanto a levanta, seu olhar estranhamente opaco fixo em Siegrid.
Seu lobo esmaga um lobo Strategos sob seu peso. Aquela maça desce sobre o crânio do oponente, matando-o instantaneamente, o cavaleiro do lobo gritando sob o corpo da própria montaria. Tormun vai romper a área, e Siegrid não permitirá que isso aconteça.
Com um grito, ela arranca a lança do seu lado, a dor invadindo como fogo. Genicos uiva com a dor compartilhada, mesmo enquanto se esforça para curar seu cavaleiro.
Ele foi treinado para isso. Ele a curou mil vezes, e vai curá-la de novo, ela sabe disso.
Tormun está quase sobre eles. E tem uma praga ao lado dele.
Maldito Jonah.
Tudo afunda no borrão da batalha montada. O lobo de Siegrid colide com o de Tormun, mordendo e atacando. Sua lâmina desvia o primeiro golpe dele, e a onda de choque sobe pelo braço dela, sacudindo o ferimento em seu lado e fazendo-a gritar.
Ela pode não ser fisicamente mais forte que Tormun, mas é muito mais habilidosa. E agora, a magia de Genicos está agindo nela; sua carne se entrelaça, sua força retornando.
Siegrid ataca ferozmente, marcando uma longa ferida na coxa maciça de Tormun. Ele cai para trás com um grito. Seu lobo está ofegante e sangrando.
Aproveitando sua vantagem, ela reúne sua magia Daemos e a lança em direção a Tormun com um grito. Mas a corrupção na magia da matilha a atinge então — posso sentir sua dor e confusão enquanto a explosão impulsionante volta sobre ela, rebotando e fazendo até Genicos poderosos recuarem.
Siegrid luta para se endireitar nas costas de Genicos, mantendo os olhos fixos em Tormun, que se aproxima novamente.
Mas então. Jonah. Ela não prestava atenção nele; Ela o descartou como insignificante.

Ele segue o movimento poderoso do corpo de seu lobo e traz sua espada consigo. Ela se encaixa sob a armadura de Siegrid, e uma agonia branca e incandescente explode quando o aço perfura órgãos vitais.
Eu sinto tudo.
O sangue de Siegrid inunda sua boca. Ela se pergunta, num momento de silêncio bizarro quando todos os gritos e uivos ao redor desaparecem, se seu filho ensinou o garoto a inclinar a lâmina exatamente assim.
Genicos tenta curá-la, mas sua força está esgotada por curar o ferimento anterior, e a lâmina ainda está profundamente dentro dela.
A ferida é mortal. Ela vai morrer.
Ela também sabe disso. Em seus momentos finais, ela se pergunta se ensinou Stark o suficiente sobre tudo o que vem a seguir para ele. Se ele está preparado para se tornar o Alfa Soberano e para quê—quem—vem com esse papel.
Siegrid olha para a lâmina. Ela segura o cabo fracamente, como se quisesse sacar e usá-lo. Mas ela não consegue encontrar mais força. Ela gastou tudo.
Ela se arrepende, do relacionamento deles.
Ela achava que, se o mantivesse à distância, poderia protegê-lo disso de alguma forma.
Ela espera tê-lo feito forte o suficiente.
Siegrid desliza das costas de sua loba e cai na lama ensanguentada ao seu lado, a espada ainda cravada nela. Seu lobo uiva de angústia. O som ecoa pelo campo de batalha, e a devastação ecoa de volta pelos vínculos. Sua consciência que se apaga registra uma última visão destrutiva.
O posto de comando central está em chamas, cinzas desaparecendo no céu.
Tudo fica preto.
Nunca estive tão perto da morte antes. Nunca.
Eu ofego. O ar bate dolorosamente nos meus pulmões. Minha mão se ergue, procurando a lâmina que claramente senti entrar no meu corpo, mas não há nada ali. Não tem nada.
Meus olhos se mexem ao redor. Estou procurando o lobo de Siegrid, Genicos, onde ele caiu ao lado dela, sua vida se apagando.
Tudo o que vejo são os documentos espalhados pela mesa da biblioteca. Um soluço escapa de mim, e então estou no chão. Meu corpo inteiro treme com os tremores da morte de Siegrid, como se eu estivesse vivendo o tremor de morte dela por ela.
Saela se ajoelha ao meu lado, segurando minha mão, o rosto pálido de medo.
"Meryn, fala conosco," vem a voz de Venna, como se venha de longe.
"O que aconteceu?" Lucien diz, tom urgente. "O que aconteceu?"
Entre as lágrimas, tenho dificuldade para formar palavras. Minha voz falha de forma patética enquanto finalmente consigo sair de forma forçada.
"Nocturna caiu."

39

FORTE

Noemi está olhando fixamente para uma pilha de bolos e doces de café da manhã quando a encontro na área comum. Ela está horrível; Imagino que ela mal dormiu ontem à noite, dadas as circunstâncias.

Não acho que ela vai perder a paciência de novo. Mas eu disse para a Meryn que ficaria de olho, só para garantir.

"Não está com fome?" Me aproximo por trás de Noemi e coloquei a mão levemente no ombro dela, tentando não assustá-la.

Noemi se vira e me dá um sorriso fraco. "Só procurando algo que reconheço."

Viro para a bandeja. Torções de massa glaceada são entrelaçadas com pastas pegajosas e xaropes de várias cores. Alguns dos petiscos são salpicados de frutas ou sementes desconhecidas.

Eu escolho um aleatoriamente e entrego para ela. "Aqui. Não pode ser pior que os experimentos de cozinha da Gertie. Venha caminhar comigo."

A parte de trás do Castelo Brightbane é um gigantesco labirinto de pátios e jardins. Saímos, e o sol cai sobre nós como uma fornalha enquanto passamos pelos arcos de pedra, mesmo que ainda seja cedo.

A intensa luz do sul faz as cores parecerem meio irreais: tantos tons de verde, rosa e laranja das plantas e flores desconhecidas ao nosso redor. Uma fonte complicada borbulha no centro do pátio, revestida com um mosaico vibrante que retrata peixes multicoloridos.

Até a alvenaria é delicada. Arcos e paredes são esculpidos com padrões e formas intrincados que devem ter levado uma vida inteira aos canteiros para serem criados.

Acho que, se você é um Sifão, não se importa de esperar um ou dois séculos para seu projeto de construção estar concluído.

É tudo um pouco exagerado — mas, afinal, o rei dos idiotas deles também é.

Noemi acompanha meu ritmo, mas está estranhamente quieta, puxando pedaços do doce devagar e colocando-os na boca.

Passamos por baixo de outro arco e entramos em um pátio menor, sem flores, apenas gramíneas e árvores verde-escuras, densas e exuberantes. A alvenaria aqui é toda pintada em tons de azul e verde, dando a impressão de estar debaixo d'água. As árvores lançam um pouco mais de sombra, mantendo o ar mais fresco e aumentando o efeito.

Olho para a esquerda para Noemi novamente. A expressão exausta e cansada dela me dá vontade de socar alguma coisa.

Meu maior arrependimento é não ter conseguido protegê-la do que aconteceu durante as Provações dela. Eu já servia na linha de frente — já era Alfa, aliás.
O instrutor do Daemos naquele ano era um dos meus Gammas. Eu disse para ele ficar de olho nela, para cuidar dela, mesmo que ela não fizesse parte da nossa matilha. Eu deixei claro para ele, ou pelo menos achei que deixei, que ela era minha família.
Talvez fosse algo muito enraizado nele, a forma como o rei escolhia um companheiro. Talvez ele tenha olhado para aquela garota assustada de dezoito anos e de alguma forma visto uma mulher ansiosa para agradar seu regente.
Não posso pedir a ele o motivo. Depois que descobri o que aconteceu, divorciei entusiasmadamente o cérebro quase infuncional dele do resto do corpo.
Mas não conseguiu desfazer o dano que Noemi sofreu.
"Mimi," pergunto agora, esperando que minha preocupação não a afaste ainda mais. "Você está bem?"
Noemi inclina o rosto para mim. Seus olhos estão vermelhos e inchados, as olheiras por baixo escuras e ameaçadoras.
Ela parou de andar, e eu também paro, ficando em silêncio para dar espaço para ela responder.
"Achei que estava bem", ela diz finalmente. "Eu fiz um bom trabalho, só que... Sem pensar em nada disso. Você sabe como é na linha de frente. Sempre há alguma nova crise, alguma batalha ou estratégia defensiva, que exige toda a sua atenção. Eu poderia bloquear e não lidar."
Ela abaixa a cabeça e olha para o caminho com padrão sob nossos pés.
"Mesmo quando estávamos em casa com minha família," ela continua, "sofrendo o desrespeito deles, ouvindo aquela música horrível e misógina sobre as lágrimas das mulheres, sendo incomodada pelo meu primo... Parecia que estava fora de mim de alguma forma. Como algo que aconteceu em outra vida, com outra pessoa. Uma versão de mim que eu costumava ser."
Noemi olha ao redor e então encontra um assento em um banco sombreado a poucos metros de distância. A árvore acima dela tem galhos esguios cobertos por folhas verde-prateadas que caem como uma cachoeira.
Ela brinca com seu doce, comendo um pouco, mas deixando a maioria dos flocos cair no chão.
"Eu sei que Lucien não é... não é ele," ela continua. "Talvez ele seja tão ruim quanto, ou talvez seja um excelente governante, vai saber. Mas vê-lo com aquela mulher—de repente eu estava de volta ao colo de Cyril, na frente de todos, tendo que sorrir diante do que estava acontecendo comigo porque, se não fizesse isso, eu morreria."
Meu maxilar se contrai com força, mãos se fechando em punhos. Ela mal quis falar sobre isso desde que aconteceu, e quem poderia culpá-la?
"Tudo isso voltou de repente. Tão forte quanto era naquela época. Acontece que eu não tinha seguido em frente. Eu não tinha deixado esses sentimentos para trás. Eles viveram dentro de mim esse tempo todo, apodrecendo e apodrecendo."
A voz dela falha em apodrecer, e eu coloco meu braço em volta dos ombros dela. Queria poder tornar a dor e o trauma dela físicos para poder enfrentá-los, derrotá-los por ela. Ela apoia a cabeça no meu ombro e suspira.
"Queria ser forte como a Meryn. Que meu ódio e raiva poderiam me alimentar e

me levar à vingança. Mas, na maior parte do tempo, estou exausto. Estou cansado, Valstark. Estou tão cansada."
Pego a mão dela, apertando-a entre as minhas. "Sobreviver é uma força por si só, Mimi. Você conseguiu sair. Você está aqui. Já chega."
O corpo dela relaxa um pouco ao lado do meu. Sentamos juntos no banco, olhando para um pequeno pássaro azul e branco que voa pelas samambaias à nossa frente, as asas se movendo tão rápido que mal conseguimos vê-las.
"Você sabe o que a tia-avó Gertie diria, né?" Pergunto, esperando fazê-la sorrir.
"O quê? ' Não deixar crescer uma barba grisalha'?" ela supõe, e eu rio. O rosto de Noemi se ilumina um pouco.
"Eu nunca entendi essa, e você?" Pergunto. Alguns ditados da Gertie eram cheios de sabedoria, depois que você os entendia. Outros simplesmente permaneceriam um enigma.
Ela reflete, "Barba grisalha... Não sei. Parece um pouco mais útil para homens do que para mulheres."
"Ela tinha os ditados mais estranhos. Não, eu estava pensando em 'não deixe ninguém levar a manteiga—'"
'"—da sua fatia de pão,'" nós dois respondemos em coro, e Noemi até consegue soltar uma risadinha suave.
Ela segura os restos do doce diante do rosto, examinando-os. "Tenho quase certeza que essa coisa está cheia de manteiga. Então talvez eu esteja bem."
Noemi me encara, e as linhas de dor no rosto dela diminuíram, pelo menos um pouco. Algo aperta no meu peito ao ver isso.
"Sabe, os doces aqui não são nada ruins," ela admite.
Eu me levanto, oferecendo a mão para ela. Quando ela fecha os dedos nos meus, uma dor lancinante e lancinante destrói minha visão.
Eu me dobro e caio no chão com força.
De longe, sinto a palma da mão da Noemi nas minhas costas, consigo ouvir vagamente ela chamando meu nome. É como se eu a ouvisse através de camadas de neve ou de longe, ecoando e distorcido.
Minha visão escurece completamente.
Quando volta, demoro um pouco para perceber que voltou.
Estou totalmente cercado pela sombra.
Algum tipo de magia inimiga? Killian usando a magia de Meryn de alguma forma?
Ignorando a dor latejante na cabeça, levanto as duas mãos para recolher uma explosão impulsiva, pronto para afastar as sombras e identificar a ameaça. Mas... Algo está errado.
Estou acessando meu poder, puxando aquela energia que vive dentro de mim, mas é estranha, desconhecida.
O poço de poder está mais profundo, muito mais profundo, do que nunca. É forte e intenso, me tentando a recorrer a isso, me encher dele e dane-se as consequências.
É quase como estar no campo de batalha com Meryn, quando ela canalizava seus poderes avassaladores através de mim. E ainda assim totalmente diferente, porque embora esse poder parecesse Meryn na minha cabeça, era completamente e inegavelmente dela...

Esse poder é meu.
Sempre fui forte, claro, habilidoso em canalizar os poderes da matilha Daemos. Mas agora está praticamente explodindo de mim. E é algo mais.
Então, do nada e de todo lugar: vozes.
Eu giro, semicerrando os olhos pela paisagem sombria, tentando entender de onde vêm, mas é estranho; Eles não parecem ter nenhuma fonte específica. Eles estão apenas ali na escuridão torcida ao meu redor, fragmentos de sussurro, pedaços de som.
Flutuando como fios de vento ou névoa.
Ouve-se alguém chorando, soluçando. Outro grito — depois um grito de dor. Os sons se misturam em sons de campo de batalha, gritos, berros, lamentos e o choque de armas.
E uma frase clara e completa: "O Soberano Alfa está morto!"
Meus joelhos fraquejam.
Morto? Siegrid é... mortos?
Luto para permanecer parado nesse lugar sombrio enquanto percebo o que aconteceu—os intensos vínculos mentais com as mentes de outros ciclistas, de todos os grupos e não apenas de Daemos. O novo poder, fortalecia a magia Daemos, mas também algo completamente diferente, algo que mal entendo ainda.
Siegrid está morto. Agora sou o Alfa Soberano.
Fechando os olhos, foco e afasto tudo.
A luz do jardim é quase ofuscante depois daquela escuridão; depois de um momento, meus olhos se ajustam e vejo Noemi agachada ao meu lado, o rosto pálido e marcado pela preocupação.
Ela tem as duas mãos nos meus ombros e repete meu nome: "—tudo bem? Valstark, você me ouve, está tudo bem? O que aconteceu?"
Mesmo com a luz do dia de volta, aquele poder furioso ainda gira em mim, agitando meu sangue, pedindo para ser usado.
Os rios dos laços de matilha também estão lá, ao alcance. Estou acostumado com um único afluente sombrio na minha matilha, um riacho ramificado para cada indivíduo. Mas agora quatro caminhos distintos se aproximam enquanto os examino internamente, com inúmeras pessoas conectadas.
É tão amplo que eles se juntam, como um mar em vez de um rio, e o mar está agitado, violento. Como se tivesse sido lançado na escuridão repentina por uma tempestade mortal.
Noemi recupera o fôlego ao perceber o que aconteceu também. De uma parte distante do castelo, os lobos gigantes começam a uivar.
Eu procuro Cratos e encontro sua dor e determinação:
"Sim. O Soberano Alfa está morto. Você é o Alfa Soberano."
Confirmando o que eu já sei no fundo dos meus ossos, naquele lugar sombrio que agora vive dentro de mim.
"Siegrid está morto", digo em voz alta, minha voz calma, estranha para mim.
O tumulto de escuridão dentro de si continua. É como se houvesse apenas uma camada fina entre aquele lugar e o mundo brilhante do dia lá fora de mim. Minha visão interna e visual estão divididas pela menor barreira que poderia facilmente se romper.

Então Cratos está comigo na minha mente, me apoiando, me dando força.
Eu flexiono e tensiono meus músculos e então, um a um, relaxo-os. Endireita-me devagar.
Noemi e eu nos acomodamos pesadamente no banco atrás de nós. Agora é a vez de Noemi me olhar com preocupação cuidadosa. Mais do que ninguém, ela sabe: Siegrid e eu nunca tivemos uma relação familiar, não de verdade.
Não sei o que sentir.
Eu sabia que esse dia chegaria, é claro. Mas Siegrid sempre parecia intocável, quase divina em seu poder e controle. Nunca acreditei que ela pudesse realmente ser derrubada, percebo. Certamente não tão cedo.
Pode não ter havido grande amor entre mim e Siegrid, mas ela era uma comandante poderosa, uma instituição entre os Vinculados. Sua perda é como um desequilíbrio do universo, um desequilíbrio. Vou lamentá-la, percebo com um sussurro de surpresa.
Como um soldado lamenta um comandante respeitado.
"Estou bem", asseguro a Noemi. "A transição foi... inesperado."
A dúvida ainda permanece em seus olhos, mas ela assente e coloca uma mão reconfortante no meu braço.
Estudo as linhas do rosto dela, pensando—Siegrid pode estar morto, mas isso não significa que eu não tenha família. Eu tenho a Noemi, por exemplo. Cratos, claro.
E Meryn. Acima de tudo, Meryn.
Meryn... Se minha magia reagiu tão fortemente à morte de Siegrid, o que a dela poderia ter feito?

40



MERYN

Ele choca o silêncio na biblioteca faz meus ouvidos zumbirem.

Então vem um uivo lamentoso à distância. São Anassa, Cratos, Skaia e Ephyse. Eles estão bem ao ar livre, mas seus lamentos de dor são altos o suficiente para suspeitar que todos na cidade de Brightbane possam ouvi-los.

Me levanto de joelhos, tremendo, me apoiando na mesa, e então afundo em uma cadeira. A voz da Anassa vem instantaneamente na minha mente.

"Estou consultando os lobos e informarei mais informações assim que tiver." O coração partido dela vem através do vínculo, feroz e dolorido, um miserável espelho do meu.

"Eles realmente se foram?" Pergunto, mesmo sabendo a resposta. Isso era horrivelmente vibrante demais para ter sido outra coisa que não real.

"Eles se foram, Meryn."

Me encosto pesadamente nos apoios de braço da cadeira e trago mais algumas vezes para me fortalecer.

"Como assim Nocturna caiu?" Lucien pergunta baixinho, sua voz séria e mortal.

"Killian rompeu nossas defesas. Ele tomou nosso acampamento. Meu Soberano Alfa, o líder do nosso exército, está morto. Ele tem o controle da frente do nosso lado."

Venna solta um som de dor. Ela tropeça, perdendo o equilíbrio, e acaba sentada no chão com a cabeça nas mãos.

Lucien se afunda lentamente na própria cadeira enquanto Saela envolve os braços ao redor do meu pescoço, abraçando o rosto no meu ombro. Ela se encosta no meu colo, e eu a abraço forte contra mim.

Minha camisa fica molhada, e percebo que ela está chorando. Eu também estou chorando? Minha mão vai até o rosto e encontra lágrimas ali.

Fiquei tão abalado que nem percebi.

"Meryn—" Lucien começa, mas eu levanto a mão para interrompê-lo.

Preciso entrar em contato com os Alfas na linha de frente. Preciso saber o que está acontecendo. Que ainda está vivo.

Deusa, por que eu não vi isso chegando? Por que eu não estava usando a premonição constantemente para proteger nossas tropas? Por que me deixei distrair tanto com a Astreona a ponto de perder o foco?

Fechando os olhos, procuro a assinatura mental única de Egith, reduzindo meus pensamentos até ficar apenas nela. Os laços estão em caos após a morte do Alfa Soberano, e eu preciso superar mentalmente a turbulência.
Quando meus pensamentos finalmente tocam os dela, há uma tensão em sua mente, a crise ainda se desenrolando ao seu redor.
"Minha rainha", diz Egith, seus pensamentos tensos, distraídos e carregados de dor.
"Você está seguro?"
"Estou," confirma Egith. Ela compartilha vislumbres da cena ao seu redor—companheiros de matilha correndo à frente por florestas e árvores, vários carregando soldados feridos em seus lobos. "A batalha está perdida. Estou em retirada com um grupo de sobreviventes, mas a situação aqui ainda é delicada, Alteza. Vou entrar em contato em breve assim que tiver mais informações para relatar."
Antes que eu possa responder, nossa conexão é cortada. Espero que seja apenas resultado do estresse extraordinário que Egith está sofrendo, e não algo novo dando errado.
De qualquer forma, preciso deixá-la focar no ambiente, não devo distraí-la mais até que ela esteja em um lugar seguro.
Abro os olhos. Lucien me encara por cima da cabeça da minha irmã, sua expressão indecifrável.
Venna levanta o olhar do chão. "Eles estão bem?"
"Não." Mexendo Saela no meu colo—ela está realmente grande demais para estar aqui ultimamente—digo: "Parece que não tenho mais um país para te oferecer em nossa aliança, Lucien. Minhas tropas restantes estão em retirada. Se quiserem trabalhar juntos, preciso da sua ajuda mais do que nunca, mas a Astreona terá que ser a força motriz."
Lucien se levanta da cadeira para andar de um lado para o outro atrás da mesa. "O que ele está aprontando? Por que tirar a fronteira de você? Já foram séculos de guerra, e meu irmão bastardo não conseguiu conquistar nenhum território significativo em Astreona, e isso com um exército completo à disposição. Certamente ele não vai tentar fazer isso agora, não com ainda menos Vinculados ao seu lado."
"Suspeito que isso seja mais obra do Killian do que do Alistair," eu lhe digo. "Não acho que ele vá pressionar Astreona. Ele quer me fazer sentir culpado pela perda de vidas para que eu volte para ele."
"Está funcionando?" Venna pergunta, com um tom cortante na voz.
Agora, é difícil sentir algo além da tristeza. Mas me recuso a deixar o sangue que Killian causou manchar minhas mãos.
Levanto o queixo. "Não. Lucien, você está do nosso lado ou não está?" Espero que o desespero não colore minha voz, mas sem o apoio dele, não haverá recuperação.
Lucien estuda meu rosto cuidadosamente antes de falar. Há algo nos olhos astutos dele que eu não gosto.
Em. Todos.
"Podemos manter nossa aliança", ele diz.
A pausa que vem depois se arrasta por uma eternidade. Há condições ligadas a

essa afirmação, mas ele não está pulando para defini-las.
"Se?" Finalmente cedo.
O sorriso dele me arrepia. "Se você se casar comigo."
Eu me levanto tão rápido que Saela não tem tempo de se endireitar, e ela cai no chão com um guincho. "Mer!"
"Desculpa," murmuro para ela, e então me viro para ele. "Droga. Desliga."
Venna resmunga. "Insano."
O sorriso felino de Lucien só aumenta. Ele claramente não se deixa intimidar pela minha reação.
Mais uma vez, mais um jogo. E desta vez, a vida do meu povo está em jogo.
Não posso. Eu simplesmente não consigo.
Ele está falando sério, não está? Mais um homem tentando me controlar—e controlar meu reino—reivindicando a propriedade.
Stark pode estar certo; talvez tomar o controle de Nocturna assim que Alistair estivesse fora do caminho fosse seu plano desde o início.
A biblioteca escurece. Meus dedos se fecham em punhos, e as sombras mais escuras nas bordas do quarto começam a se distorcer e a alcançar ele. Os olhos de Lucien percorrem o negro que se espalha. Ele avalia por um momento.
Então ele sai do caminho de um deles como se fosse uma poça suja.
"Você não gosta da minha proposta," ele fala arrastado.
Um grito se forma na minha garganta. Ele está a três segundos de ser despedaçado pela magia das sombras, e não sente nem um pouco de medo. Nada do que esse homem faz faz sentido.
"Talvez eu deva elaborar. Faça meu caso", ele diz, se afastando de outra sombra que rastejava. "Tenho algo que você precisa—meu exército. Você tem algo que eu quero—suas Lágrimas."
A mão de Saela voa para o colar. "Você não pode ficar com eles!"
Bravo. "O que ela disse," respondo friamente.
"Você entendeu errado. Quero a garantia de que as quatro Lágrimas serão sempre mantidas de forma equilibrada entre nossos dois países. Se estamos unidos em casamento, você não pode conspirar para tirar o meu de mim. Nem eu conseguiria tomar a sua."
Há um leve sinal de ameaça ali.
"Além disso, se formos vinculados, o povo comum em ambos os nossos países estará mais disposto a aceitar e entender esse cessar-fogo. Governaríamos ambos os países juntos", ele acrescenta, como se isso tornasse sua proposta mais palatável.
Meu estômago se revira só de pensar nisso. Eu nunca poderia aceitá-lo.
Ele deve ler o desgosto no meu rosto, porque continua: "Eu aconselharia você a considerar seriamente essa oportunidade. Pese suas opções. Pense em como você realmente está ansiosa pela minha ajuda." Ele sorri de canto para mim do outro lado da mesa. "Além disso, eu sou realmente tão ruim assim de se ver?"
"Sim," Venna e eu dizemos ao mesmo tempo.
Lucien ri. "Duro."
Filho da puta.
Por mais que eu queira envolvê-lo em sombras e jogá-lo pela janela da biblioteca, não posso correr o risco de ofender Lucien de verdade ao recusar

imediatamente.
"Vou considerar sua oferta," digo com firmeza.
No meu coração, porém, sei que nunca conseguiria aceitá-lo. Não quando cada parte de mim grita por Stark.
Forte.
Porra, eu preciso encontrá-lo, preciso contar pra ele sobre o Siegrid. Será que ele já sabe? Será que os poderes do Soberano Alfa passaram para ele?
Abaixo a cabeça para Lucien e então faço um gesto para Saela e Venna que é hora de partir. "Vamos discutir isso mais tarde", digo a Lucien. "Preciso encontrar meu povo."
Minha pessoa.
Meus pensamentos estão tão embaraçados: Tem a proposta do Lucien, que parecia um ultimato demais. O fato assustador de que Nocturna está de volta ao controle de Alistair Brightbane. A perda do meu principal general...
Que eu admito que odiava pra caramba.
Ainda assim, Siegrid foi um dos meus comandantes mais experientes e confiáveis.
Abro uma conexão com Stark, mas mantenho as coisas simples, não querendo que pensamentos extras escapem e não confiando em mim mesmo nesse estado turbulento, para ser exato. "Onde você está?"
"Estou a caminho."
Quase imediatamente, sinto a presença de Stark avançando em minha direção pelos corredores do castelo. Apressadamente, reforço as barreiras entre minha mente e Anassa, Cratos e Stark, não querendo que a notícia da proposta de Lucien passe antes que eu esteja pronta.
Não é surpresa que as coisas estejam vazando pelo vínculo de companheiro novamente; nós dois, e nossos lobos, estamos abalado com a morte de Siegrid.
Mesmo que o relacionamento de Stark com sua mãe fosse tenso, carregado de anos de dor e abuso, isso deve ser um choque terrível para ele.
Saela, Venna e eu estávamos no meio do caminho de volta para nossos quartos de hóspedes quando ele nos alcança. Nossos corpos se atraem como ímãs, cada um buscando o outro. Venna me lança um olhar cúmplice e mantém Saela se dirigindo para a suíte de hóspedes.
"Você está bem?" Stark se afasta e segura meus ombros, estudando meu rosto. "Você ainda é nova em seus poderes como rainha, e isso é um grande distúrbio."
Intrigado, agarro sua mão e o puxo para o lado do salão, onde um pequeno nicho com janelas e assento em meia-volta dá vista para os telhados da ala oeste do castelo.
Uma perturbação? Quem diabos chama a morte da mãe de perturbação?
"Stark," digo, procurando seus olhos. "Como você está? O que eu posso fazer? Sinto muito."
Ele se enrijece quase imperceptivelmente, e sua voz é controlada ao responder. "Não se preocupe com isso, princesa. Estamos ligados. Uma morte violenta é nosso fim inevitável."
Quase me afasto dele. Ele parece tão distante. Mas talvez seja assim que ele precisa lidar com isso. Se ele conseguir fazer o luto pelo Siegrid... Tenho que pensar que está embaraçado com muitas outras emoções complicadas que ele

talvez não esteja pronto para enfrentar.
"Você é o Alfa Soberano agora," digo levemente. "Isso é... Você está pronto para isso? Você sabe usar seus poderes?"
O olhar de Stark escurece. "Vou dominá-los rápido o suficiente."
Ele encara além de mim, como se fascinado pelos telhados lá fora. Isso já é estranho o suficiente para eu saber que ele não é tão estoico quanto está fingindo. Isso definitivamente está incomodando ele.
Mas quando ele olha de volta para mim, há aço em seu olhar. "Você viu o que aconteceu, imagino? Precisamos voltar para Nocturna imediatamente. Cada momento que desperdiçamos aqui é um momento em que aquele desgraçado está consolidando seu poder. Vamos voltar lá, encará-lo, quebrá-lo antes que ele esteja completo."
Típico Daemos, sempre pronto para entrar em batalha. Mas isso não parece uma solução razoável.
"Me dê um momento", digo a Stark. "Preciso checar minha previsão, caso ela nos dê pistas sobre o que fazer."
Ele assente, e eu fecho os olhos, mergulhando na profunda reserva de poder que vive dentro de mim.
O que aconteceria se voltássemos para Nocturna imediatamente?
Imagens nadam diante das minhas pálpebras. Flashes de batalha: lobo gigante derrubando lobo gigante enquanto Bonded mata Bonded. Noemi, atravessada por uma flecha, deitada na terra. Venna, sangrando de múltiplos ferimentos, se arrastando até mim. Magia das sombras colidindo, rebotando. Incontáveis mortos.
Stark caindo. Cratos, uivando uma nota longa—e então interrompido. Killian voltando o olhar para mim.
Me afasto da visão, a náusea borbulhando dentro de mim diante da cena horrível.
E... e se eu aceitasse a ajuda do Lucien? E o pedido de casamento dele junto com isso?
Me vejo com um vestido de noiva, adornado com joias e ouro. As presas de Lucien brilham enquanto ele sorri, pegando minha mão. Lindos Sifões se aproximam de mim com sorrisos falsos, me parabenizando, beijando minha mão, minha bochecha.
O sangue encharca minha visão. Sangue escorrendo da boca de Lucien enquanto uma espada prateada o atravessava por trás, perfurando seu pescoço. Sua coroa cai no chão, onde rios de sangue fluem dos Sifões moribundos ao nosso redor. Sangue cobrindo o rosto de Stark—ele jaz imóvel aos meus pés, olhos sem ver. Killian, mãos encharcadas de vermelho, rindo enquanto se vira para mim, espada erguida.
NÃO.
Eu puxo minha magia, esticando e forçando. O que mais? Tem que haver outro caminho. Eu ultrapasso as visões de morte, esforçando-me para o que está além.
Água salgada enche meu nariz, minha boca. Pisco e estremo. Meus olhos se abrem e a água desaparece: uma linha costeira rochosa toma seu lugar — e uma torre, escura e ameaçadora, se estendendo cada vez mais. Um flash e estou dentro da torre, paredes se aproximando, esmagando, esmagando.
Um corpo feminino—de quem? Meu, da Noemi? Não consigo dizer, mas está

imóvel.
Stark se inclinou sobre ela, gritando. Depois: uma câmara vazia, com uma joia brilhante cintilando no centro de um mosaico em espiral.
A visão termina, e eu ofego de volta para dentro do meu corpo. As mãos de Stark estão em mim ao mesmo tempo, me ancorando, me ajudando a voltar a ser eu. Minha garganta está seca, minha cabeça latejando.
Encostando minha testa no peito dele, respiro seu cheiro profundo e masculino.
"Preciso te contar uma coisa," eu murmuro. "Lucien me pediu em casamento em troca do apoio dele contra Killian. Ele diz que está preocupado que eu tente tirar suas Lágrimas dele por poder e quer garantir que haja equilíbrio."
Stark fica tenso embaixo de mim.
O olhar dele se fecha e se fecha, e um nó instantâneo na minha garganta.
Ele vai me dizer que eu deveria fazer isso?

41



MERYN

Wmas você o aceita?" Sua voz calma cobre uma tempestade escura por dentro.

Eu me encosto com a força limitada que tenho. "Não!"

Sua mandíbula se contrai sob a barba escura.

"Se eu estivesse pensando como o Soberano Alfa—" Sua voz falha, e penso novamente que aquela emoção está fervendo sob a superfície para ele, pensamentos sobre a morte de Siegrid que ele ainda não sabe como expressar. "Se eu fosse um Alfa Soberano melhor, diria que você deveria fazer isso. Você deveria se casar com alguém politicamente significativo, especialmente se isso salvar nosso país."

Os olhos de Stark encontram os meus, e agora sou eu quem não consegue respirar porque há muito escrito no olhar dele.

O peso das palavras da noite passada paira entre nós. Ele quis isso para mim em um momento — estar com alguém que ele achasse que se encaixava melhor na imagem de uma rainha. Achei que já tínhamos superado isso.

Será que ele vai me rejeitar de novo?

"Mas?" A palavra sai de mim em um sussurro.

"Eu condenaria cada alma para ficar ao seu lado, Meryn."

Minhas bochechas esquentam, e algo no meu peito se abre de par em par. Levo a mão até o rosto dele, passo um dedo pelo maxilar e depois o beijo suavemente. Ele responde com fome, a língua lambendo minha boca como se precisasse provar cada parte de mim.

Eventualmente, me afasto, encostando minha testa na dele. "Bem, felizmente para os cidadãos de Nocturna, você não precisa tomar essa decisão. Eu não consigo. Mesmo que eu quisesse, o que não quero. A previsão me mostrou que, se nos casarmos, ainda assim terminaria da mesma forma: Killian vence e todos que amo estão mortos."

A postura de Stark muda, só um pouco, ao perceber o quão sério eu sou.

"Você descobriu o caminho a seguir?" ele pergunta com voz rouca.

Balanço a cabeça, confuso. "Tive três visões, mas só uma parecia viável... E eu não conseguia entender. Você, Noemi, Venna e eu estávamos em uma torre antiga perto de um mar com nossos lobos gigantes. Isso faz sentido para você?"

Não menciono o corpo que vi. Pode ser que isso não aconteça...
Stark aperta os olhos escuros pensativo. "Uma torre? Não."
"Eu também não. Mas acho que Lucien está certo em uma coisa," continuo. "Seja lá o que Killian está fazendo agora, é algo diferente de antes. Ele não pode estar pensando em invadir Astreona, não com suas forças esgotadas. Deve haver algo mais acontecendo."
Stark assente, acariciando meu lado. O gesto confortável e possessivo acende um fogo no meu estômago que luto para ignorar.
"Stark... Preciso que você fique fora da minha cama esta noite." O alarme acendeu nos olhos dele enquanto continuo. "Preciso entrar nesse mundo dos sonhos e confrontá-lo. É o único jeito."
Ele abaixa a cabeça, respira fundo e com raiva. "Odeio a ideia de te deixar sozinha com ele."
"Eu sei," digo baixinho. Isso não deve ser fácil para meu feroz protetor. "Mas precisamos saber o que ele está planejando, e se ele me der uma dica, vale o desconforto. Não me acorde, mesmo que eu pareça angustiada."
A mandíbula de Stark se contrai. "Você não pode me pedir isso."
"Tudo bem." Solto o ar, frustrado mas grato. "Confio no seu julgamento. Só me dê tempo suficiente para ver o que consigo tirar dele. Deixe-me fazer o risco valer a pena."
Ele acabou concordando, e a noite chegou rápido demais, meu medo de essa noite fazendo as horas passarem rápido. Depois de me lavar e dar boa noite para Saela, vou devagar para o meu quarto, meus pés arrastando, cada parte de mim protestando contra o que estou prestes a fazer.
Stark se posicionou em uma cadeira perto da janela, a um fio de cabelo da posição de Anassa no chão. Não que ela esteja dormindo; ela é tão alerta quanto Stark.
Dois predadores perigosos, prontos para atacar.
Meus guardiões, unidos em minha defesa.
É a primeira vez que vou dormir sem Stark ao alcance do braço desde que ele começou a me ajudar com esses sonhos. Mesmo quando mal conversávamos na estrada, ele ficou ao meu lado.
O vazio da cama ecoa o medo na minha mente enquanto me deslizo entre os lençóis leves, tudo o que é necessário neste país estranho e quente.
Através da escuridão do quarto, sinto os olhos de Stark sobre mim intensamente, como o calor de uma chama. Sua postura é alerta, pronta, apesar da hora avançada.
Alisando os lençóis sobre mim, fecho os olhos, deixando-me relaxar nos travesseiros. Eu não tinha certeza se conseguiria me permitir dormir, sabendo o que estava prestes a enfrentar. No fim das contas, não é uma questão de força de vontade; depois de dois dias inteiros de vigília e o trauma de testemunhar a morte de Siegrid por trás dos olhos, estou completamente exausto.
Eu caio na escuridão.
Então fico envolto naquela paisagem de sombras mais uma vez. A escuridão parece mais substancial, de alguma forma, do que da última vez que estive aqui.
Uma risada sombria é o único aviso que recebo antes de Killian emergir das sombras retorcidas.

O rosto e o corpo dele estão tão bonitos quanto sempre, mas agora a visão só me faz querer vomitar.
"Meu gatinho finalmente saiu para brincar?" Sua voz é gentil, seu olhar é uma carícia terna de amante. "Onde você esteve, amado?"
Fico parada, traçando estratégias rapidamente. Entrei aqui pronto para um confronto intenso. Mas Killian imediatamente voltou a esse papel de manipulador triste.
Ele está tentando me enganar. Ou talvez ele esteja comprando ingressos para o próprio show. É difícil dizer com ele.
Uma coisa é certa, porém: se eu atacar ele balançando, ele vai responder da mesma forma. Então, por mais que isso me revire o estômago, preciso lidar com isso de forma diferente do que planejei.
"Tenho tentado te alcançar," minto, as palavras deixando minha boca amarga. "Por semanas. Stark estava fazendo algo. Ele tem nos separado. Mas ele está tão ocupado agora, com tudo que aconteceu na fronteira—ele não conseguiu me impedir hoje à noite. Você está bem?"
Minha voz é urgente e preocupada, mas ele não confia muito nela.
"Posso acreditar que você estava sentado, preocupado comigo?" ele ronrona.
Dou um passo em direção a ele, forçando minha fachada a algo suplicante e fraco. "Claro que eu estava preocupado. Você estava certo, Killian. Sobre tudo. Estou perdido, não sei como liderar, e agora estou preso em Astreona, como refém. Você e Alistair são muito mais poderosos — a escaramuça na fronteira provou isso. Eu preciso de você. Por favor. Por favor, me perdoe. E-eu estou com medo."
Lágrimas brotam nos meus olhos, e sei que ele vai ler o que quiser delas. É como estourar uma bolha, dizer essas coisas para ele.
Killian também se aproxima, com um otimismo cauteloso estampado em seu rosto bonito e ardiloso.
"O que aconteceu?" Pergunto. "Por que você atacou as tropas Vinculadas e tomou a fronteira?"
Ele estende a mão em direção ao meu rosto. Me preparo para o toque dele, esperando que, ao mimar intimidade, eu possa fazê-lo revelar mais do que pretende. Acompanho o movimento da mão dele com o olhar, como se estivesse vendo uma cobra se enrolar para atacar.
Quando ele estende a mão para mim, algo brilha, reluzindo mesmo nessa escuridão consumidora. Estreitando os olhos, tentando entender, e então perco o foco ao registrar as próximas palavras dele.
"Isso foi tudo Alistair," ele diz baixinho, acariciando minha bochecha. Eu quero desesperadamente me virar e morder a mão dele como Anassa faria. "Pessoalmente, não acho que haja tanta necessidade de derramamento de sangue. Mas ele queria punir aqueles que eram leais a você. E ele queria mandar uma mensagem para o irmão."
"Uma mensagem?"
"Ele quer que Lucien saiba que nunca será derrotado. E ele quer manter vocês dois fora de Nocturna enquanto ele... buscas."
Pisco. Isso é novo. "Para quê?"
Killian ignora minha pergunta, o braço deslizando do meu rosto para envolver

minha cintura. Estremeço, mas depois me encosto nele, esperando que pareça um arrepio de paixão, de amor.
"Você está vendo agora, gatinha? Eu não sou o problema. Alistair e Lucien são os que estão destruindo nosso mundo. Mas juntos, você e eu podemos derrotá-los. Você pode me ajudar a me livrar de Alistair e do irmão dele, e então posso governar as duas nações com você ao meu lado."
Idiota egocêntrico.
Em vez de dizer o que realmente penso, eu digo: "Como? Alistair é tão poderoso. Lucien também. Como poderíamos esperar derrotá-los?"
Ele tira a mão da minha cintura, e eu quase suspiro de alívio. Mas então ele levanta a bola em direção ao meu rosto, e eu parei de respirar completamente.
Ele está usando o anel de sinete da Mãe Sacerdotisa.
Killian tem uma Lágrima de Deusa.
"O que é isso?" Pergunto sem jeito, embora eu saiba, eu sei.
Ele se endireita orgulhoso, seu sorriso crescendo. "É da Deusa Sem Rosto. E tem poderes incríveis."
Minha cabeça está girando. Saela estava certa. "Que tipo de poderes?"
Killian recua com um lampejo de desconfiança. "Não sei se devo te contar isso, querida. Você tem sido difícil de alcançar por tanto tempo. Vou te mostrar os poderes quando te ver pessoalmente de novo."
Cálculos rápidos passam pela minha cabeça. Ele tem razão em desconfiar, é claro. Então preciso dar algo para ele. Se ele pegou aquele anel da Mãe Sacerdotisa, ela certamente já contou a ele que meu colar é outra Lágrima. Mas ele pode não saber...
"Lucien também tem um."
"Eu sei", diz Killian, desinteressado. "Sua coroa."
"Não," digo com mais urgência. "Ele tem um colar, assim como eu. Se ele tem magia como o seu anel, talvez eu consiga descobrir o que ele faz. Traga para você."
Finalmente, a suspeita diminui, e um pequeno sorriso se espalha por seu rosto. "Tá bom, gatinha. Essa provoca adoração, assim como um deus faria. Foi assim que Alistair e eu trouxemos tantos para o nosso lado — seus poderes vão além do controle mental do Sifão, sem as limitações usuais da magia do sangue. Ele acha que há mais por aí. Ele quer encontrá-los para finalmente ter vantagem sobre o irmão."
"E o que você quer fazer?" Pergunto, ofegante.
"Quero encontrá-los e usá-los contra Alistair e Lucien. Acho que é o único jeito. O que é mais forte que um Sifão antigo? O poder de um deus."
Ele está certo.
E ele tem uma vantagem.
Foder.
"Me diga o que fazer", digo com negrudência. "Como posso ajudar?"
Ele acaricia minha bochecha de novo, se aproximando. Aff, reconheço o olhar suavizante nos olhos dele. Ele vai tentar me beijar logo.
"Você sempre gostou quando eu te dizia como se comportar, não foi, minha boa menina?"
Falta.

Esse tipo de palavra soa tão certa saindo da boca do Stark, quando eu sei que estamos em uma troca de poder justa. Quando sou um participante voluntário da dinâmica.
Killian só quer que eu não tenha qualquer agência ou escolha — em todas as áreas da minha vida.
Sem conseguir dizer nada, apenas assinto.
É melhor ele se apressar, porra. As sombras começam a se agitar nas bordas deste reino, e não sei por quanto tempo mais vou conseguir fingir.
"Fique onde está, por mais horrível que seja. Tente convencer Lucien de que você está do lado dele, e quando chegar a hora certa e eu encontrar mais Lágrimas, vou te invocar. Ainda não sei quantos mais restam. Você vai precisar trazer a coroa e o colar dele, claro."
"Claro," murmuro. Então, inspirada, levanto meu pulso e a pulseira de noivado sobre ele. "E isso? Lucien me falou sobre isso. Pulseiras de servo. Você está... Eu sou... Um servo? Você consegue me obrigar?"
Killian respira fundo. "Não, Meryn. Não, claro que não. Quero que você tenha autonomia. Quero que você me escolha. Depois que descobri sobre as pulseiras thrall, trabalhei de perto com Alistair para desenvolver uma nova para você direcionar seus poderes, não sua mente."
A forma como seu cérebro funciona é chocante, simples assim.
Queria que eu tivesse autonomia. Será que ele realmente acredita em si mesmo?
O assustador é que acho que ele tem.
"Por quê?" Pergunto, um pouco do meu tom de aresta. "Por que usar uma pulseira de thrall?"
"Para que possamos ser iguais, gatinha." A voz dele é um ronronar lento enquanto ele se aproxima ainda mais, o peito junto ao meu. Meu corpo arrepia com o estranho que isso acontece. "Como poderíamos estar juntos se não compartilhássemos seu poder?"
E mais uma vez, estou pensando no Stark. A quem eu tenho que implorar para usar meu poder. Que me ajuda a usar a escuridão dentro de mim em vez de puxá-la para si. Que nunca tira de mim.
Meu verdadeiro igual em todos os sentidos.
Killian inclina a cabeça em minha direção, finalmente chegando para aquele beijo horrível que eu tanto temia, mas dou um passo para trás.
"Stark está vindo agora. Eu sinto isso," eu minto. "Espero poder voltar aqui logo."
Então deixei de lado toda a raiva e dor que essa conversa provocou em mim. As sombras começam a girar violentamente. Os tentáculos escuros estão quase vivos, acariciando meu rosto, meu pescoço, se curvando como dedos. Estremeço e fecho os olhos.
Mas não há fuga imediata. Nunca é fácil sair daqui. É como se eu estivesse me afogando nas sombras, sendo consumido por elas.
Levantando as mãos, preparo minha mente, dando um empurrão forte.
Por favor, por favor, me deixe sair daqui.
Algo na escuridão parece ouvir meus apelos, porque sou lançado em um vórtice e então há silêncio.
Abro os olhos com um suspiro.

Aparentemente, horas se passaram; É de manhã, a luz entra pelas janelas altas e arqueadas e pinta o quarto de um dourado chocante. Stark me vê acordar e corre para o meu lado.
"Você está bem?" ele pergunta. "O que aconteceu?"
"Ele tem a quinta Lágrima da Deusa, aquela que a Mãe Sacerdotisa usava," digo a Stark, com a voz trêmula. "E ele está procurando outros. Há mais deles."

42



MERYN

Stark e eu nos vestimos rápido e acordamos os outros. Em trinta minutos, Saela, Venna e Noemi estão reunidas conosco no espaço comum da nossa suíte. Meu pai ouviu a confusão e veio se juntar a nós. Eu não tive coragem de mandar ele ir embora.

Ainda estou trêmula com a intensidade do meu encontro com Killian e tento me estabilizar. O quarto é berrantemente diferente de tudo em casa, cheio de cores, trabalhos de azulejos e tecidos suntuosos, mas os rostos familiares dos meus companheiros mais próximos me ajudam a me ancorar.

"Eu sei que não compartilhei esses detalhes com todos vocês, mas consegui contatar o Killian através dos meus sonhos." Preencho o mais rápido que posso, respondendo às perguntas antes de resumir o que aprendi ontem à noite.

"Ele está procurando mais Lágrimas."

Ao contrário da expressão pétrea de Stark, o alarme de Venna fica claro. "Quantos mais poderiam ser?"

Eu balanço a cabeça. "Não faço ideia, e ele também não. O que sei com certeza é que, quando consultei minha previsão ontem, o único caminho viável mostrou que íamos até uma torre. Acho que vi a gente encontrando um Tear lá. Então pode haver pelo menos mais um lá fora, naquela torre—onde quer que seja."

Não me permito pensar no corpo da mulher na minha visão, nem nos gritos agonizantes do Stark. Como todas as minhas visões terminavam com a morte — e essa era apenas a menos sangrenta.

"A única Lágrima que ele já tem lhe deu poder suficiente para conquistar um reino inteiro. Se ele conseguir mais..." Noemi deixa a voz se apagar. A implicação é clara.

Com poder suficiente, talvez não consigamos detê-lo, aliança com Astreona ou não.

O pânico começa a esmagar as bordas do meu coração, meu peito apertando. Mas então, os olhos de Saela brilham de alegria — ela parece exatamente a mesma quando resolveu um problema difícil de matemática. "Espere um minuto."

"Estou esperando." A empolgação simples dela afasta um pouco do meu pânico. Sorrio, respirando com mais facilidade.

Ela pula para cima. "Acho que tem algo..." Ela atravessa a sala em alta velocidade, desaparecendo para a próxima câmara.
"Sae?" Eu chamo por ela.
"Tem alguma coisa! Eu vi!" ela grita de volta. Venna solta um som pequeno e divertido.
Quando minha irmã reaparece, ela segura um dos diários esfarrapados da nossa mãe nas mãos. Ela se joga de volta no sofá e o abre com intenção, folheando rapidamente as páginas. Nosso pai se inclina para ler ao lado dela, depois se afasta, com um olhar surpreso nos olhos.
Ele deve ter reconhecido a letra da nossa mãe.
"E então?" Noemi pergunta.
"Dê um minuto para ela", digo, ajoelhando-me diante da minha irmã. Olho para ela, contente em vê-la em ação.
Finalmente, ela bate a mão em uma página e faz um som animado, chutando os pés. Ela vira o livro e segura as páginas abertas para mim. "Viu? Olha, olha."
Estendo a mão e passo os dedos sobre a imagem ali.
Há divagações rabiscadas ao redor da imagem, mas não é isso que Saela quer que eu veja. No centro da página direita há algo que parece uma estrela de seis pontas ou uma flor geométrica, mas cada uma das pontas tem o formato de uma lágrima. No centro dela há outra forma de lágrima.
Saela está sem fôlego. Ela se inclina para olhar a imagem novamente, depois lança um olhar esperançoso para mim. "Você acha que...?"
Que essas são as Lágrimas da Deusa? Meus olhos ardem. Mais uma forma de nossa mãe não ser louca, talvez. Ela sabia.
"Talvez," digo para minha irmãzinha. Ela claramente quer muito acreditar na força da nossa mãe. Eu também quero isso. "É possível. Sete."
"Sete no total. O que significa que ele não pode sair por aí juntando dezenas, pelo menos", diz Saela.
Noemi levanta a cabeça, e seus olhos brilham. "Sete lágrimas e uma torre." Ela agarra o braço de Stark e o puxa insistentemente. "Stark. A música."
Parece um absurdo até a expressão de Stark mudar com reconhecimento.
"Isso é alguma coisa de Vinculados que eu nunca soube?" Pergunto.
Noemi se aproxima de mim, cabelos brilhantes brilhando sob a luz do sol da manhã. "Meu pai, Lorde Eisenfall, adora essa canção horrível sobre a esposa infiel de um homem. Ela o trai com o irmão dele, e quando ele descobre, a arrasta e a tranca em uma torre inescapável onde ela chora sete lágrimas! Sete exatamente."
"Seria exagero chamar isso de coincidência. Mas também é só uma música", Venna insiste, claramente preocupada que estejamos criando expectativas.
"A menos que não seja", eu digo.
"Você acha que é baseado na verdade?" Venna pergunta.
"Acho que tudo é possível. Sim. E se... e se a Deusa Sem Rosto fosse a esposa? E se ela estivesse trancada nesta torre?"
Stark resmunga, cruzando os braços. "Então, de repente você é um crente?"
Minha mente está acelerada. Estou procurando conexões onde não existem? Ou finalmente estamos juntando as peças?
"Não. Não sei. Seja lá quais forem essas joias, elas claramente detêm uma

riqueza de poder. Mas se isso significa que a Deusa era—é—real... Vai saber. Por enquanto, nosso principal problema é encontrar essa torre pelas minhas visões. Não encontraremos respostas a menos que consigamos rastreá-lo de alguma forma—e descobrir se há um Rasgo dentro."
Stark cruza os braços grossos sobre o peito e suspira profundamente, os olhos se erguendo para o teto.
"Sim," eu digo. "Você sabe quem temos que perguntar."
Vinte minutos depois, estou sozinho em frente aos aposentos de Lucien tentando descobrir quais palavras poderiam enganá-lo para ser relativamente honesto. Empurro as portas sem bater, e os guardas dele nem tentam me impedir.
Queria que tivessem feito isso.
A porta se abre e revela Lucien com um olhar embriagado e faminto nos olhos e lábios pintados de vermelho de sangue. Ele se senta em uma cadeira decadente de sala de jantar, mas em vez de uma mesa à sua frente, há uma mulher voluptuosa e pouco vestida estendida em seu colo.
Uma das mãos dele está envolta em sua cintura, impedindo-a de cair. Sua cabeça está jogada para trás, expressão de êxtase, dando a Lucien total acesso para se alimentar por sua garganta.
Lucien olha para cima quando as portas se escancaram. Os olhos dele se fixam em mim enquanto ele abaixa a cabeça para cravar os dentes de volta nela. A mulher geme enquanto ele bebe profundamente. Meu estômago se aperta numa combinação desconfortável de nojo e fascínio.
É mais fácil esquecer que estou lidando com meu inimigo quando não estou olhando para ele devorar sua presa.
Ignoro a sensação, me aproximo dele, recusando-me a me intimidar.
"Lucien. Precisamos conversar."
Relutantemente, Lucien se afasta da refeição, e os olhos da mulher piscam enquanto ela volta a si, claramente atordoada. Com um movimento de cabeça, Lucien sinaliza para um servo, que se aproxima para pegar a mão da mulher e ajudá-la gentilmente a levantar e sair do quarto.
"Sim?" Lucien pergunta, mas seus olhos ainda estão grudados no generoso traseiro da mulher enquanto ela se afasta lentamente, o tecido brilhante do vestido não escondendo nada.
Suspiro. "Olhos aqui, Lucien."
Ele encontra meu olhar com um sorriso divertido e um movimento da língua sobre os lábios manchados. "Sabe, é considerado muito rude em Astreona interromper a refeição de alguém. Se você vai se meter, pelo menos pode oferecer seu próprio pescoço."
"Prefiro comer vidro," retruco irritado. "Encontramos algo importante sobre as Lágrimas da Deusa."
Ele suspira e se senta como se eu estivesse entediando ele. "Algo sério," ele zomba com uma falsa empolgação. "Vamos ouvir essa revelação, então. Me impressione."
O ego dele monopoliza toda a sala, mas ele diminui lentamente quanto mais eu falo. Ele até parece intrigado. Preocupantemente intrigado. A fome nos olhos dele é mais aguda e mais focada do que o que vi com as presas dele bem enterradas no pescoço daquela mulher.

As palavras venenosas de Killian — sobre o quão poderoso Lucien é e como ele também deve ser detido — rastejam de volta para o meu cérebro. Será que estou confiando em mais uma linda realeza que está fadada a me trair?
"Bem," diz Lucien, recostando-se na cadeira. Ele apoia o polegar sob o queixo e desliza um dedo pelo maxilar. "Considere-me impressionado."
"Você sabe algo sobre uma torre misteriosa perto da água?" Pergunto.
Ele inclina a cabeça. "O que você vai me dar?"
Reviro os olhos. "Lucien."
Ele ri e se levanta. "É principalmente lenda. Há uma ilha no mar que pode conter a torre que sua visão mostrou, mas nunca conseguimos chegar até ela. Traga Elias aqui", ele instrui um servo. "E diga para ele trazer os mapas do Mar Bloodthorn."
"Traga o resto do meu grupo também", acrescento.
Em pouco tempo, todos estamos reunidos nos aposentos de Lucien, uma pilha de mapas espalhada sobre a grande mesa de madeira polida à nossa frente. Lucien evita Noemi. O brinco de Elias brilha à luz enquanto ele se inclina sobre a mesa. Ele está cuidadosamente organizando documento após documento.
Saela está praticamente vibrando, ansiosa para ver os olhos. Stark, Venna e Noemi observam em silêncio de aço. Pelo menos meu pai não foi convidado para esse encontro.
"É esse", diz Lucien, guiando Elias gentilmente para o lado com a mão no ombro do homem.
É um mapa grande, com vários pés de diâmetro, e é incrivelmente detalhado. A ponta do dedo de Lucien traça brevemente a linha entre nossos reinos. Ele suspira. Então sua mão desliza pelo mapa e se pousa em uma área no Mar Bloodthorn.
Apoio uma mão na mesa e aperto os olhos enquanto Lucien toca o ponto duas vezes.
Percebo que há ilhas lá. Três deles se agrupavam juntos na costa de Blumenfall. Estudei muitos mapas de Nocturna e Astreona desde que me tornei rainha. Eu queria entender a terra que eu governava.
Mas acho que nunca vi essas ilhas registradas antes.
"Uma dessas ilhas é onde acreditamos que a torre fica", explica Lucien. Ele se endireita e apoia a mão no quadril.
"O que significa essa nota?" Pergunto, apontando para o símbolo ao lado das ilhas.
"Significa que é inexplorado. Ou..." Saela pensa em suas palavras por um momento. "Sem mapear, basicamente. A pessoa que desenhou isso está nos dizendo que a forma que desenhou aqui pode estar incorreta."
"É isso mesmo, na verdade," diz Elias, soando impressionado — e surpreso. Idiota condescendente. Mas Saela não percebe o tom dele, apenas se anima diante do elogio.
"E permanece desconhecido porque a ilha está envolta em uma névoa impenetrável", nos conta Lucien.
"Névoa," repete o Irmão, cético.
Os olhos de Lucien se fixam nela. "Névoa. Névoa. Especialmente nuvens baixas. Como você quiser chamar", ele diz, e lhe dá um sorriso. Então ele se vira de

volta para a mesa em geral. "Pessoas tentaram pousar lá inúmeras vezes ao longo dos séculos. Por quê?" Lucien faz um gesto para Elias.
"Porque seria uma ótima posição para se aproximar de Nocturna pelo mar", responde Elias.
"Exatamente." Lucien acena para Elias. "Ainda assim, toda expedição terminou em desastre total. Desastre trágico", ele diz como se não se incomodasse muito com essas tragédias.
"O que... tipo desastre?" Venna pergunta hesitante.
A visão daquela mulher morta na torre pressiona minhas pálpebras. Qual de nós foi? Pisco para afastar.
"O tipo de desastre que inspira lendas de espectros de marinheiros saindo da névoa imóvel para arrastar pessoas para a morte aquática", diz Elias, com voz entediada em contraste com sua declaração sensacionalista.
"Lendas, claro." Lucien ri. "Embora, a névoa seja estranha. Pode haver vento suficiente para encher completamente as velas, mas a névoa nem sequer vai se mexer. Simplesmente... fica ali."
"Então. Magia?" Stark diz.
"Quem sabe?" Lucien suspira. "Provavelmente."
"Mas alguém navegou perto o suficiente para ver as ilhas", Stark aponta.
"De fato. E aqueles que conseguiram navegar perto o suficiente relataram vislumbres de uma torre enorme através de breves intervalos na névoa," responde Lucien. "Elias."
Elias se afasta da mesa e tira outro enorme fólio de couro. Ele volta para a mesa e começa a extrair cuidadosamente vários esboços amarelados, cada um mais delicado que o anterior.
Os esboços são todos desenhos grosseiros, parecendo feitos por mãos diferentes, de uma alta torre de pedra erguendo-se de rochas irregulares.
Quando me inclino para estudar os desenhos mais de perto, consigo distinguir o detalhe no topo da torre. Parece quase outra formação rochosa natural, como se tivesse sido esculpida no topo da ilha e pelo vento juntos.
Exceto que na ponta do local, há símbolos.
Estão rabiscados de forma desajeitada e não são perfeitamente precisos — quem os gravou deve tê-los visto por apenas um segundo. Mas mesmo assim, eles são claramente reconhecíveis para mim. A qualquer Vinculado.
Contenho um suspiro e passo a mão acima do esboço mais detalhado, traçando os quatro símbolos com os olhos.
"O quê? O que foi?" Elias pergunta.
"Putz," diz Noemi.
"Estes são os símbolos das quatro matilhas de lobos gigantes," eu lhes digo, e então aponto para cada um no tempo. "Strategos, Daemos, Kryptos e Phylax."
Elias pega o papel e o estuda. Os Vinculados entram em uma conversa tensa. Eles estão claramente confusos e preocupados.
"Anassa," estendo a mão. "Os lobos sabem algo sobre essa torre?"
Há uma pausa, e percebo que Anassa está pensando. Depois, "Não, não está em nossas histórias. Mas claramente pertence à nossa terra. Ou com os Vinculados."
Inclino a cabeça, pensando.
"O que foi?" Venna pergunta. Compartilho o comentário da Anassa com o grupo.

"Talvez..." Saela traça a torre com o dedo, parando em cada símbolo da matilha. "Talvez seja preciso a magia dos seus quatro grupos para romper a névoa."
Olho ao redor do grupo, minha pele formigando de antecipação. "Você tem razão, Sae. Pode ser que seja necessário. E... olhe para nós."
Um Estratego, um Daemos, um Kryptos, um Phylax.
Noemi começa a rir. "Bem, então, Killian e Alistair estão ferrados. Se for verdade, eles não conseguirão alcançá-lo. Eles não têm nenhum Strategos ou Kryptos do lado deles."
Até que ele use seus novos poderes de persuasão contra membros dessas matilhas.
Fiz uma rápida verificação com Egith esta manhã. Ela e as forças restantes estão indo para Blumenfall, e têm Ruby com eles — o que é benéfico para nós, já que ela é importante para Lucien.
No entanto, ainda existem os Bonded aposentados e aqueles que não estão em serviço ativo. Também me conectei com Aldrich, que me disse que as forças de Killian são conhecidas por estarem a caminho de Sturmfrost. Quanto tempo até que a cidade, e a Cidade Vinculada, estejam todas sob seu controle?
"Devemos tentar a viagem imediatamente", digo. "Parece estranhamente fortuito, e talvez tenhamos pouco tempo antes de Killian descobrir." Viro para Lucien, que está com sua expressão ardilosa, cabeça inclinada para trás, olhos semicerrados, braços cruzados sobre o peito. "Você tem algum barco que possamos usar para chegar lá? E assumindo que a resposta seja sim, é rápido?"
Lucien apenas me encara por um longo momento, aquele olhar ardiloso continuando, e eu realmente, realmente não gosto disso.
Então ele levanta um dedo e diz: "Sim, mas tenho uma condição."
Claro que tem.
"O que foi?" Pergunto cautelosamente.
"Você vai precisar de alguém para comandar aquele barco, e eu sou um excelente marinheiro. Então Elias e eu iremos pessoalmente acompanhá-los nesta expedição."
Ele me encara sem piscar, e pela primeira vez consigo ler seus pensamentos claramente.
Agora, cada um de nós tem duas das Lágrimas.
Se eu encontrar outro na torre, e ele não estiver comigo, o equilíbrio de poder entre nós vai pender a meu favor. Podemos estar em uma trégua, e podemos ter um inimigo em comum.
Mas o fato básico é que nossos países estão em guerra há séculos.
Nenhum de nós confia no outro.
Nenhum de nós quer que o outro seja mais poderoso.
As mãos de Stark se fecham em punhos apertados, tatuagens se curvando ao redor dos nós dos dedos. Mas deslizo minha mão sobre a dele debaixo da mesa. Seus punhos não se soltam, mas também não esmagam violentamente o nariz de Lucien.
Pequenas vitórias.
"E depois da torre? Se descobrirmos uma Lágrima lá, e então?"
Lucien inclina a cabeça. "Bem, acho que isso seria ainda mais motivo para formalizar nossa aliança, não acha?"

Meu sangue gela. Ele quer dizer casamento. Isso será só mais uma moeda de troca contra mim, para me forçar a agir.
Engolo em seco para não cuspir na cara dele. Precisamos dos recursos do Lucien e possivelmente do conhecimento dele. E definitivamente vamos precisar das Lágrimas dele se enfrentarmos Killian e Alistair — sem falar no exército dele.
Então respiro fundo, resignado. "Coloque o dedo no chão. Você parece idiota. Mas tudo bem. Vamos juntos."
Depois de algumas conversas apressadas sobre logística de viagem, todos saem dos quartos do Lucien para começar a arrumar as coisas para a viagem.
Ainda não compartilho com o grupo aquele último detalhe da minha visão: o corpo da mulher que vi na torre, o rosto oculto.
Talvez não tenha sido um de nós. Ou talvez eu estivesse errado e a mulher tenha sobrevivido.
Tento me convencer, mas por trás dos meus pensamentos se esconde uma verdade mais sombria: Um dos nossos morremos nessa busca.

43



MERYN

Meryn?"
Minha irmã espiou o rosto no meu quarto hesitante enquanto eu terminava de enfiar roupas nas mochilas.
Meu coração trava na garganta ao ver a expressão no rosto dela: vulnerável. Com medo, até.
Eu entendo o que Venna estava dizendo, como é importante enxergar além das mudanças de Saela e aceitá-la como uma pessoa inteira—alguém que tem um lugar neste mundo. Como eu não tenho facilitado para a Saela confiar em mim sobre o que está passando.
Mas isso não torna menos doloroso ver a hesitação no rosto dela quando entra para falar comigo.
"Venha sentar", digo, pulando até o pé da cama e batendo no colchão ao meu lado. Ela aparece, e eu a puxo para perto, bagunçando seu cabelo.
"Você é meu herói, sabia?" Minha voz saiu embargada pela emoção, e eu engoli. "Você é brilhante, do jeito que monta as coisas. Estaríamos perdidos sem sua ajuda."
Saela está quieta. Eu me afasto para olhar para ela. Eu teria pensado que ela ficaria animada para juntar as peças do quebra-cabeça, descobrir o que temos que fazer a seguir para garantir que o resto das Lágrimas fique fora das mãos do Killian.
"O que foi, Saela?"
"Eu sei que você sempre quer o melhor para mim, e sempre quer me proteger", ela diz, e começo a me preparar. Ela fala rápido. "Mas estive pensando nisso, e sei que você pode não gostar disso, mas acho que devo ficar aqui. I… quero ficar aqui em Astreona, pelo menos por um tempo." Ela está olhando para os próprios pés agora. "Quero aprender o que significa ser um Sifão."
Respiro fundo, trêmulo. Quero encontrar uma forma de racionalizar isso, de distorcer a realidade o suficiente para que faça sentido a Saela vir conosco.
Mas eu sei—eu sei—que levá-la colocaria ela em perigo, e devo algo melhor a ela. Já a coloquei em risco tantas vezes. Levá-la para a frente conosco, e depois para o que eu achava ser território inimigo.
Posso escolher deixar Saela ficar aqui, longe do conflito, na companhia de outros

Sifões.
Na companhia do nosso pai. Seja qual for o que eu sinto por ele, está claro que ele tem um afeto genuíno pela Saela, e ela também quer conhecê-lo.
Eu levanto o rosto da Saela. Os olhos dela estão tão marejados quanto os meus, e não consigo conter o abraço sufocante que vem em seguida.
"Eu não quero te deixar," sussurro para ela. Saela solta um choro de soluços e se esconde em mim. Minha camisa rapidamente molha com as lágrimas dela. Aliso minha mão no cabelo dela e falo para me tranquilizar tanto quanto minha irmã, "Não vai ser para sempre. Prometo que voltarei para você."
Saela assente contra mim e diz: "Eu posso literalmente esperar por você para sempre, então tente não morrer. Tá bom?"
Minha risada começa a aliviar o peso esmagador da emoção. "Vou fazer o meu melhor."
Saela se afasta só o suficiente para olhar nos meus olhos. "E Meryn? Faça Killian pagar."
Cerro os dentes, seguro a bochecha da minha irmã e digo: "Vou fazer o meu melhor nisso também."



No início da tarde, nosso grupo se reúne em um pátio de jardim sob a sombra de árvores de folhas largas. O ar é ameno, com uma leve brisa que agita as plantas coloridas. Uma fonte com uma mulher de rabo de peixe escorre para longe, brilhando com luz turquesa. A cena idílica contrasta fortemente com a mistura de relutância e urgência que se retorce no meu estômago.
Cratos, Anassa e Ephyse saem da água enquanto esperam por todos antes de partirmos para Bloomfang.
Saela e nosso pai se juntaram a nós para se despedir. Deixo Saela bajulhar Anassa, que está sofrendo com essa despedida quase tanto quanto eu, e encarar meu pai com um olhar fulminante.
Seus lábios finam, e então ele acena para uma parte isolada do jardim. Eu passo por ele, e ele me segue até lá.
Quando tenho certeza de que estamos fora do alcance de todos os outros, me viro para ele, minha voz um sussurro furioso. "É bom que você seja o melhor pai que alguém já teve para ela. Você tem onze anos para compensar, e ela vai realmente precisar de você agora."
É agonizante deixá-la aqui com ele — o pai que esteve vivo e bem o tempo todo, o pai que escolheu não voltar para nós.
As linhas no rosto dele se aprofundam. "Eu sei que você e eu talvez nunca... Recupere. Mas levo a sério conhecer minha outra filha. Vou garantir que o tempo que temos conte."
"Você me promete?" Eu digo para ele. "Porque se eu tiver ao menos um mínimo de que você a negligenciou enquanto eu estive fora, você estará realmente morto e vai desejar que tenha sido tão rápido quanto seria em batalha."
"Eu prometo, Meryn. Ela vai estar segura e feliz aqui."
E mesmo sabendo que uma parte de mim sempre vai guardar ressentimento dele,

eu acredito nele neste momento. Eu não dou um abraço de despedida nele. Eu nem falo mais uma palavra. Só assinto e me viro nos calcanhares.
Mas então ele agarra meu pulso. Seus dedos tremem levemente.
"Por favor," ele solta o ar apressado. Ele luta para se recompor. "Eu sei que você vai voltar para Nocturna para enfrentá-lo. Por favor, tente garantir que Ruby fique segura. Na medida do possível. Por favor."
Eu encaro onde ele está me segurando, e ele me solta apressadamente.
"Ela realmente importa para você, não é?" A pergunta dói para ser feita.
Ele faz uma careta. É estranhamente reconfortante ver meu próprio desconforto refletido nele.
"Ruby tem sido a pessoa mais importante da minha vida nos últimos doze anos. O que temos... Não é só o vínculo de sire." Ele para e desvia o olhar.
Ele está olhando diretamente para o passado, e isso claramente o machuca.
"O amor que eu tinha pela sua mãe era significativo para mim, e era real. Espero que você acredite nisso. E não quero dizer que o que compartilhamos tenha empalirecido de forma alguma por causa do que tenho agora. Mas minha conexão com a Ruby é diferente. Está escrito na minha alma. É um tipo de amor que eu nem sabia que era possível até ela."
É difícil ouvir essas palavras saindo da boca dele. Para mim, Ruby ainda é o Sifão sugador de sangue que roubou meu pai de nós numa época em que mais precisávamos dele. É quase impossível para mim imaginar ela de outra forma.
A emoção na voz dele é genuína, porém. Olho para o rosto do meu pai, vendo pela primeira vez uma pessoa separada de mim, que amava a mim e à minha mãe e que cometeu seus próprios erros.
Esse homem e eu talvez nunca mais sejamos próximos. Mas pelo bem da Saela, farei o que puder por ele. Eu solto o ar, e parte do meu ressentimento me deixa.
Ele pode ter sido um pai ruim. Mas ele não merece sofrer por causa disso.
Eu cruzo o olhar dele. "Vou garantir que nossas forças a mantenham bem protegida."
Quando volto para os lobos gigantes, Saela empurra o colar de Lágrimas na minha mão e me lança um olhar brilhantemente esperançoso. Coloco e tenho que perguntar: "Ainda sem conexão com o sire?"
Ela balança a cabeça. "O bloqueador que o Lucien me deu está funcionando." Ela toca a delicada corrente dourada na garganta, como se quisesse ter certeza de que ainda está ali.
Fico aliviado em saber que, mesmo que eu não possa estar aqui para proteger Saela, pelo menos Killian ainda não consegue alcançá-la.
Saela se vira, abre a bolsa e tira o livro sobre as Rainhas do Sturmfrost e os diários da nossa mãe para mim. E ela sussurra: "Caso precise da mãe com você."
Pego os livros e quase começo a chorar, mas o momento é interrompido por Lucien, que desce as escadas desando com um desfiladeiro.
"Cheguei, de nada!"
Olhando para cima, faço uma careta ao ver o que ele está vestindo.
É uma túnica de gola alta feita de material escuro—preta, mas com toques de cor quando capta a luz, como penas de corvo—e costuras brilhantes, os ombros curvados para cima como lâminas. O visual geral torna sua altura e porte magro ainda mais marcantes.

Provavelmente é a peça de roupa menos pronta para combate que eu poderia imaginar. A única coisa que falta são mangas volumosas para atrapalhar ainda mais.
Elias está melhor preparado, embora sua armadura de couro apertada ainda seja feita para afastar o calor de Astreonan. Ou seja, tem lacunas em pontos vitais. Mesmo assim, ele ainda está usando uma camisa azul escura por baixo. Com mangas volumosas.
Os astreonanos realmente gostam de usar coisas que esvoaçam ao vento.
"O que ele está vestindo?" Saela sussurra para mim.
Eu sorrio de lado. "Ele parece pronto para dançar com nossos inimigos, não para lutar contra eles."
Saela ri, mas Anassa diz: "Não subestime as capacidades dele."
"Sim, sim," resmunga. "Pelo menos você tem roupas mais quentes nas bolsas?"
Perguntei para os dois. "Se formos ficar ao norte, perto de Nocturna, você vai precisar de muitas camadas."
"Sim, mãe, não se preocupe; não vamos pegar um resfriado", diz Lucien, me olhando fixamente. Ele se aproxima de nós com passos largos. Ele claramente espera ir comigo, então.
Anassa retruca com ele, emitindo um rosnado grave e um latido alto. Lucien recua um pouco e franze a testa para ela.
"Anassa se recusa a te sentar", digo, tentando não soar divertido. "Não é negociável."
A carranca de Lucien se aprofunda. "Tudo bem."
Seus olhos azuis vasculham o pátio. Assim que ele se vira, Venna chega para se juntar a nós, movendo-se suavemente com Skaia. Os lábios de Lucien se curvam nos cantos, e ele desliza a ponta do dedo sobre eles levemente.
"Eu vou com ela."
Meus dedos cravam no pelo de Anassa enquanto ele se aproxima de Venna. Ela olha para ele e levanta uma sobrancelha. Ele a encara como se quisesse a garganta dela sob as presas, e isso faz os pelos da nuca arrepiarem a nuca.
Venna não se importa, porém. Ela o deixa montar, suspirando como se tivesse concordado com alguma tarefa levemente desagradável.
Elias olha para Stark, lê corretamente a carranca que responde e vai cavalgar com Noemi. "Prometo que não vou te esfaquear", ela diz docemente.
Saela e eu compartilhamos um último abraço esmagador, e então monto Anassa. Ao nos virarmos para sair dos terrenos do castelo, olho para trás, para minha irmã, ficando cada vez menor à distância.
Todos os meus instintos gritam para eu me virar, segurá-la e não deixá-la sair da minha vista.
"A matilha dela vai cuidar dela", diz Anassa, e as palavras penetram como adagas.
"Mas nós somos a matilha dela", protesto, o coração apertado.
"Estamos", concorda Anassa. "Mas ela também tem uma matilha aqui. E para onde estamos indo, não podemos mantê-la segura."
Antes de atravessarmos o portão para a cidade além, vejo meu pai cruzar os braços em volta de Saela. Ela se recosta no abraço dele.
Viro para frente novamente, fazendo de tudo para ignorar a voz que se repete na

minha cabeça:
Ela está feliz sem você. Ela está feliz sem você.



Levamos dois dias de cavalgada pesada em velocidade máxima de lobo gigante para chegar a Bloomfang.
Lucien, apesar de constantemente projetar a aparência de um rei mimado, viaja bem. Ele não reclama da falta de uma cama de penas e de alguém para preenchê-la. Ele bebe do sangue em frascos que Elias compra com apenas uma leve careta. Seus comentários egocêntricos ficam cansativos, mas sua presença mantém Elias sob controle. E, para minha surpresa, a companhia é mais agradável do que tivemos durante nosso trajeto até Astreona.
Stark e eu estamos dormindo mal, porém. Minha ansiedade sobre o que estamos fazendo — e a corrida para vencer Killian — mantém minha mente trabalhando o tempo todo. Stark passa as noites se revirando ao meu lado, mas quando insisto sobre isso, ele ignora. Tenho a sensação persistente de que ele ainda está lidando com a morte de Siegrid.
A paisagem ao nosso redor se torna borrada enquanto nos movemos. É tudo deserto murcho e terra rachada. E então, quase de repente, o ar fica mais pesado com a umidade.
A vida começa a voltar para a terra, tornando-se mais densa e vibrante.
Quando a Bloomfang se revela para nós, tudo está novamente exuberante e vibrante. Anassa desacelera, e minha respiração falha.
A cidade é linda, com prédios altos e pálidos que, de longe, parecem conchas esculpidas. Está aninhada em uma enseada verdejante, com muitas estradas serpenteando ao redor da modesta montanha contra a qual está encostada.
Mas é o mar que me para no meio do caminho.
O mar.
Nunca vi o mar antes. Não tem fim. Eu sabia disso, em teoria, mas é diferente ver isso de alguma forma. É uma vasta extensão azul de liberdade.
O sol do fim da tarde dança sobre sua superfície, como mil moedas de ouro presas em uma rede azul-preta.
Nunca vi nada tão bonito.
"Minha rainha," Stark diz suavemente.
Olho para ele e percebo que há lágrimas nos meus olhos.
Sua mandíbula se contrai. Seu cabelo se envolve com a brisa—uma brisa fresca vinda da água, revigorante depois dos longos dias de cavalgada ao sol. Até o vento em si cheira diferente aqui.
Percebo que ele está me perguntando se estou bem, então sorrio e dei uma dica do que estou sentindo pelo nosso vínculo.
Os olhos dele imediatamente sorriram de volta para mim. Nenhum outro rosto dele percebe, mas eu vejo mesmo assim.
Vamos descendo pela cidade como um só. Imediatamente, assim que nos aproximamos, os cidadãos se afastam e se encolhem diante dos nossos lobos.
Outros devem reconhecer seu rei viajando conosco, porque se reúnem ao redor e

olham maravilhados. Aparentemente, a presença de Lucien faz com que se sintam seguros o suficiente para ficarem na presença de lobos gigantes.
À medida que nos aproximamos do porto, o som das aves marinhas chorando preenche o ar. As pessoas gritam e seguem suas tarefas carregando e descarregando carga. Sinos escondidos nas torres tocam as chegadas e partidas dos navios. Franzo o nariz.
"Que cheiro é esse?" Pergunto.
"Peixe", responde Elias, também fazendo uma careta.
"E o mar, Meryn", acrescenta Noemi. "A própria água salgada tem cheiro. Algas. Peixe. Mas também só a salmoura da água." Ela saberia; Eisenfall também fica no mar.
"E trabalhadores suados," Lucien acrescenta sem ajudar, claramente olhando para um desses trabalhadores enquanto Venna passa.
Ela se vira para mim e me lança um olhar sério para esse cara, o que me faz sorrir.
"Chegamos", diz Lucien. Ele então abre o braço como se estivesse me dando um grande presente, e eu sigo o braço até o cais mais distante do porto.
Há um navio magnífico flutuando ali, com uma multidão reunida ao redor, olhando e apontando.
Não é tão grande quanto alguns dos navios cargueiros, mas tem velas afiadas como navalhas, um casco estreito mas longo com proa curvada, e suas tábuas são pintadas em ondas de azul cerúleo, azul-marinho e flashes de prata para imitar o brilho da luz do sol no topo de uma onda.
É grande o suficiente para acomodar todo o nosso grupo, incluindo nossos lobos gigantes. No entanto, para meu olhar não treinado, também parece que foi feito para velocidade.
Noemi se vira, absorvendo todas as paisagens. Ela sacode Elias em sua empolgação, que cambaleia e quase cai, só conseguindo agarrar o pelo no último segundo.
Ao embarcarmos no navio, algo se instala em mim que tem se agitado em águas bravas desde que saímos de Brightbane. Ou talvez até antes disso.
Estamos na estrada estreita que leva à derrota de Killian. O caminho estreito que nos leva até a torre e para a próxima Lágrima.
Isso é verdade. Eu sei que é.
Custe o que custar.



A proa do nosso barco corta a água, e eu estou completamente curvado sobre o corrimão, cabelo grudado na minha pele úmida, o interior revoltado.
Fecho os olhos com força enquanto a náusea volta a crescer, mas tento respirar para aguentar e resistir.
Não funciona. Meu estômago revira.
Lá vai mais uma onda de bile para fora da borda da nave.
Sombras acariciam meu rosto, puxando meu cabelo para trás para que eu não pique nos fios.

Gemendo, cuspo e levanto a cabeça.
"Você está tentando me fazer sentir pior?" Eu gemo para Stark. "É irritante como você é bom nisso."
Stark apenas sorri de lado. Ele é o Alfa Soberano há apenas cerca de uma semana, e ainda assim rapidamente dominou a dobra de sombra—algo que ainda não consigo fazer com consistência. É como se ele tivesse conseguido algum tipo de tutor nefasto enquanto eu ficava descontrolada.
Por outro lado, ele sempre foi um mestre do controle. O pensamento sussurra um pouco de calor de volta para mim, e o enjoo começa a diminuir.
"Mar estúpido do caralho," resmunga. "Vai se foder, waves. Vai se foder, barco."
"Você não acha o mar tão bonito agora?" Stark pergunta.
Enxuguei a boca e me endireito. "Nunca mais vou pisar em outro navio enquanto viver", resmunga. Ele ri. Eu franzo a testa para ele e fungo, "Eu estou deslumbrante, né?"
Stark me avalia por um momento. "Jurei que não mentiria para você."
"Minta agora."
"Você nem está um pouco verde. Muito bonito. O mar vai se acalmar em breve", Stark me assegura.
Suspiro e assinto, cambaleando para longe do corrimão.
Quando me viro, meus olhos naturalmente se fixam em Lucien, e imediatamente fico enjoado novamente. Ele está estendido lindamente no leme do navio, uma mão no leme. Mais uma vez, ele está usando roupas esvoaçantes que ondulam na mesma brisa que enche nossas velas. Olhando para ele, todos poderíamos estar em um cruzeiro de lazer.
"Não," eu o aviso.
Seus olhos brilham de diversão. Ele não escuta. "A poderosa rainha de Nocturna derrubada por simples ondas."
Eu o encaro com raiva através da minha miséria. Stark passa por mim, o olhar carrancudo fixo em Lucien, e eu preciso alcançá-lo. "Stark," eu digo fracamente.
Ele pausa. Sua raiva parece divertir ainda mais Lucien.
"Eu disse para não, Lucien," lembro a ele. "Quero deixar ele te matar. E acho que vomitei o órgão que produziu toda minha contenção, então minhas reservas estão acabando."
Lucien ri. "Você é divertido."
Eu me sento no convés, e Stark me segue, se ajeitando ao meu lado. "Precisamos da cooperação dele. Nenhum dos Nocturnanos sabe como dirigir essa maldita coisa. Você terá que se contentar em imaginar a evisceração dele", digo a Stark pelo nosso vínculo.
Ele se vira para encarar Lucien. Então, um segundo depois, sinto as bordas de seus pensamentos. Pensamentos imensamente violentos. E lentamente, ainda olhando para Lucien, ele começa a sorrir de um jeito assustador que não alcança os olhos.
O sorriso de Lucien também sume, e ele se afasta o máximo que pode de nós mantendo a mão no elmo, olhando para Stark como se temesse que ele fosse atacar.
"Sturmfrost, faça ele parar com isso."
"Não." Encosto a cabeça no ombro de Stark.

Nesse momento, Anassa completa uma de suas rodadas de andar de um lado para o outro no baralho. Ela para diante de mim, farejando, e toca o nariz na minha bochecha.
"Ainda estou bem", eu digo a ela. "E antes que você reclame mais, eu sei que você odeia isso."
Ela sopra ar quente para mim, me cutuca com o nariz e depois começa a andar mais um pouco. Ela não se acalmou nenhuma vez desde que estamos no navio, exceto talvez quando precisa deitar para descansar. E mesmo assim, ela só consegue fazer isso encolhida contra Cratos.
Somos realmente mais parecidos do que eu jamais imaginei.
Cratos, para seu crédito, é muito mais composto do que ela. Ele está deitado perto dos mastros, onde o balanço das ondas é menos agudo, seus olhos verdes vasculhando as ondas como se esperasse que uma serpente marinha pulasse no convés para um lanche fácil.
Tentei convencer Anassa de que estar no meio da nave ajudaria a aliviar a instabilidade e deixaria ela relaxar, mas ela rosnou para mim, para Stark, e depois ralhou com Cratos.
É meio da tarde e estou pensando em sentar com a Venna e a Noemi para mais uma aula de língua de sinais. Passei todo o meu tempo sem vomitar no barco concentrado em estudar e melhorar, e a Venna tem sido uma professora paciente. Noemi também pediu para participar.
Mas antes que eu possa ir procurá-los, Lucien chama de sua posição no leme. "Estamos nos aproximando das coordenadas!"
Eu grunhido e me sento. Stark me ajuda a me levantar, e eu seguro a mão dele por um momento enquanto encaro o azul infinito.
Só que não é mais tão interminável.
Os outros se reúnem no corrimão. Protegemos nossos olhos contra o brilho do sol na água. E é só que... Pronto.
Um denso banco de neblina paira sobre o mar. O céu ao redor é cristalino até certo ponto, e então escurece significativamente.
Há um vento forte. Nossas velas tremulam, e o cordame chicotea enquanto somos levados para perto da névoa. E ainda assim aquela névoa densa não se move.
É como se alguém tivesse puxado uma nuvem do céu e a amarrado às ondas. Não, para a ilha.
Um arrepio percorre minha espinha, e meu aperto na mão de Stark se intensifica.
"Assombrado", diz Venna ao pisar no convés, expressando o que todos pensamos.
Aquela parede branca se estende infinitamente pelo nosso caminho, e estamos prestes a ser engolidos. Juro que ouço sussurros no vento. A umidade se acumula na minha pele, fria e grudada.
"Você... sente isso?" Pergunto a Stark.
É estranho. O enjoo que me acompanhava desde que saímos do porto desapareceu. Ele alivia no momento em que as primeiras gotinhas tocam minha pele.
Agora, tenho uma sensação crescente de consciência. Alerta. É como um instinto que eu nem sabia que tinha, apontando meus olhos na direção da névoa, me

obrigando a ouvir o vento.
"Sim," confirma Stark.
Algo tira meus olhos dele. Encosto o corrimão, olhando, esperando.
Do branco infinito surge a torre. Estamos nos aproximando da borda da névoa agora, perto o suficiente para que o sol se perca atrás de sua parede imponente e nossa nave esteja encharcada em sombras.
Mesmo assim, consigo ver a ilha. É uma massa sombria nos esperando, a saliência da torre inconfundível — assim como os símbolos da matilha gravados em seu rosto.
Elias olha maravilhado com a cena. Acho que é a primeira vez que vejo a expressão dele sem nenhuma artificialidade.
"É como uma lenda trazida à vida," ele murmura para si mesmo.
Todos nós encaramos a torre ameaçadora à nossa frente enquanto as névoas ao redor do topo começam a se dissipar. A forma preta cresce cada vez mais, até parecer impossivelmente alta, como algo saído de uma história fantástica.
"Ah, merda!" Lucien grita. Um ar frio repentino passa ao nosso redor. Eu ofego e me giro. Ele puxa o volante com toda força, girando-a tão rápido que os raios borram.
"PREPAREM-SE!" ele grita.

44



MERYN

Olhos arregalados para a ilha.

De repente, do nada, enormes pedras espinhosas saem do mar. Devem ter ficado escondidos pela névoa, mas agora estamos nela, a nave voando em direção a eles.

Águas brancas respingam em nossa direção enquanto o casco geme sob o peso da curva repentina.

"Droga!" Grito, cambaleando para trás.

A mão de Stark se fecha em volta do meu braço, me puxando. "Cratos!" ele brada, correndo comigo.

Meu equilíbrio fica abalado pela inclinação do convés do navio, e Stark precisa me segurar e me arrastar de volta para cima. Cratos está de pé, presas à mostra, rosnando.

Chegamos a Cratos bem na hora em que o casco do navio atinge as pedras.

Grito enquanto sou jogado no chão, mas Cratos está acima de mim. Ele se prepara para seu corpo enorme, usando seu peso e força para nos ancorar nos três. Ele crava os dentes nas cordas penduradas no mastro do navio.

Stark me segura com um braço e com o outro se agarra ao pelo de Cratos. Há um som horrível de rangido e arranhão enquanto o navio se choca nas pedras.

Um borrão branco passa pelos meus olhos. Grito ao perceber que é Anassa se contorcendo, seu corpo voando pelo convés, suas garras arranhando a madeira enquanto ela tenta resistir à força da gravidade.

O corpo dela bate no corrimão, e ela grita, fazendo Cratos rosnar e gemer, embora ele nem solte o aperto naquele momento. Quase imediatamente, porém, o navio começa a se recompor.

Instantaneamente, Cratos nos abandona, correndo para o lado de Anassa.

Ofego, vendo ele se preocupar com ela, o medo cristalizando nas minhas veias. Ele literalmente a morde como se precisasse segurá-la.

Então ela retruca e rosna, levantando-se. Não preciso ouvir as palavras deles para entender que ela está dizendo que está bem e para parar de ser tão dramática. Ele morde a orelha dela, e ela a joga para ele, os olhos me procurando.

Me firmei e corro até ela. Diferente do Cratos, ela me deixa segurá-la. "Me

assustou pra caramba."
"Eu odeio navios."
"Você e eu também."
Levanto a cabeça. Stark se apoia no corrimão, olhando para as pedras irregulares. O aparelho range e chia. Lucien gira uma alavanca que puxa as cordas, arrastando e dobrando as velas.
Há um som metálico alto e metálico enquanto a âncora se desloca de seu lugar de descanso.
"Não podemos passar por isso", diz Lucien como explicação. "Não há caminho claro."
Coço o rosto de Anassa por um momento e depois me junto a ele.
Ele está certo. As pedras que atingimos não são as únicas — o mar está coberto delas. "Nenhum caminho claro?" Pergunto.
"Nada que eu possa ver", Venna me diz. "Vê a sombra naquela parte aberta? Provavelmente há mais pedras logo abaixo da superfície da água."
Faço uma careta. A ilha é tão tentadoramente próxima, mas ainda há uma vasta faixa de água coberta de cabeceira branca entre nós e sua margem. Mesmo que houvesse áreas amplas à nossa frente, se tentássemos navegar mais perto, mais formações rochosas poderiam surgir repentinamente da névoa.
Não podemos confiar nos nossos olhos aqui.
"Ela está certa", confirma Lucien, descendo os degraus do leme com um grande passo. "Navegar mais perto colocaria a nave em risco. Já estamos em águas perigosas."
"Você está bem?" Pergunto. Há sangue pingando do braço dele.
Ele acena com a mão de forma desdenhosa. "A montagem me mordeu no caminho. Já está quase cicatrizado. Como você vai abordar?"
O debate começa imediatamente, mas a voz de Anassa interrompe. "Só há uma solução para essa abordagem. É óbvio, não é?"
"O que isso significa?" Pergunto.
"Nós nadamos."
Eu engasgo e olho para ela. "Com licença?!"
"O quê?" Venna pergunta. "O que ela disse?"
"Anassa disse que deveríamos nadar. O que é ridículo. E imprudente. A água parece gelada, a distância é grande demais e, lembro que nunca nadei na vida!" Grito, o pânico me dominando.
Crescer em um Sturmfrost perpetuamente congelado e sem litoral não oferecia muitas oportunidades para aulas de natação. E morrer por afogamento parece uma maneira terrível de morrer.
Mas Anassa apenas levanta a cabeça e planta os pés. É o olhar dela de 'eu estou certo, você está errado', e está claramente convencido de Cratos, que cutuca o braço de Stark até que ele seja jogado sobre o nariz dele. Quer dizer, sobe aqui.
"Lobos gigantes conseguem nadar com todo esse pelo?" Eu exijo.
"Eles... pode," Stark admite, coçando a orelha de Cratos. A hesitação dele implica alguma experiência negativa anterior. Ótimo.
"Isso não significa que devam!" Eu protesto.
"Não é?" Noemi pergunta. "Precisamos chegar à ilha."
O debate recomeça. Eu sempre fico do lado do 'ei, melhor não vamos pular no

mar e nos afogarmos'. Eu realmente preferia viver um pouco mais, por favor?
Mas aparentemente, estou em menor votação.
"Você não pode me superar em votos", eu disparo, só meio brincando. "Eu sou sua rainha."
"Acho que acabamos de fazer isso," diz Venna.
"Podemos levar nossos cavaleiros em segurança até a margem. Se a ilha for acessível apenas para Bonded, essa pode ser nossa única entrada", insiste Anassa.
Passo a mão pelo rosto. "Vou matar todos vocês."
"Não se o mar nos pegar primeiro", Venna diz muito deliberadamente para me irritar. Eu dou um tapa nela quando ela passa por mim, e ela ri.
Lucien está parado ao lado, e eu lanço um olhar para ele. "Se você navegar com este barco enquanto estivermos na ilha..."
Ele coloca a mão no quadril. "Isso meio que anularia o sentido de te mandar lá buscar outra Lágrima se eu simplesmente te deixasse aqui para morrer, não?"
Estreitando os olhos. "E minha coroa?"
Lucien se encosta no corrimão. "Acho que você não deveria usá-la para nadar, né? Aproveite a água; Deve ser revigorante depois de tanto vômito."
Zombando, me viro para Anassa. Ela tem uma expressão convencida, os olhos piscando preguiçosamente como se tivesse acabado de matar o maior cervo do grupo. Ela adora conseguir o que quer.
"Hum-hum," resmunguo, e começo a tirar minhas camadas externas. Quanto menos roupas, menos peso de água terei que lutar para continuar montado.
O ar frio levanta os pelos por todo o meu corpo, e a névoa imediatamente suga meu calor enquanto eu escalo rigidamente pelo lado de Anassa.
"Eu odeio isso", digo a Anassa enquanto ela se aproxima do corrimão. Os outros montam e se reúnem na beirada do convés agora. "Eu odeio isso, e te culpo", eu digo a ela. "Acho que você só quer sair dessa maldita nave."
Ela ri de mim.
Stark e Cratos se aproximam. Seus olhos encontram os meus, e sua intenção se espalha pelo vínculo. Não são exatamente palavras, mas parece que estou com você.
"É melhor você não me deixar cair," sussurro no ouvido de Anassa. "Pretendo morrer de uma forma muito mais heroica."
Ela solta um suspiro divertido, e então estamos saltando por cima do corrimão. Há um breve momento em que estamos ambos voando pelo ar. Aperto ainda mais o pelo dela. Chegamos à água, e um gelo gelado grita sobre meus nervos.
O ar sai dos meus pulmões, e estou convencido de que vou desmaiar.
Então o sal arde nos meus olhos, e minha boca se enche com o gosto horrível e avassalador disso. Estou engasgando e ofegando de volta para mim mesmo.
Me inclino para Anassa, me apoiando em onda após onda, minhas mãos travando em seu pelo. Seus músculos poderosos se movem pela água.
Não consigo saber a velocidade com que estamos ou não nos movendo. Assim que uma onda passa, deixando meus olhos ardendo e meus pulmões pedindo ar, outra me atinge como um golpe sufocante. Não há alívio diante do ataque.
Minha mente fica tão dormente quanto meu corpo, desacelerando a cada segundo.

Tento acompanhar os outros no meio do caos giradino, mas eles estão invisíveis atrás das ondas e da névoa. A água gelada e estranha me tira do foco quando tento encontrá-los através dos vínculos.
Rochas continuam surgindo da névoa como dentes enormes, e eu sinto o mar abaixo de mim, bocejando para nos engolir.
As ondas começam a vir em outro ângulo, e a corrente nos puxa para o lado, lutando contra nosso progresso ao nos puxar na direção errada. A única coisa que me mantém são é a força da Anassa. Ela se move, cortando o mar como uma lâmina de prata.
Eu confio nela. Tudo que preciso fazer é aguentar. Agarre-se a ela. Deixe ela me carregar para um lugar seguro.
Um uivo agudo preenche o ar, e eu fico instantaneamente em alerta, tentando vislumbrar sua causa através da névoa.
A loba gigante de Noemi, Ephyse, nada para trás, movendo-se com as ondas em vez de contra elas. E Noemi está na água, ofegante e tentando gritar.
Eles estão separados.
A cabeça de Noemi mergulha, depois volta à superfície.
Meu alarme faz tumulto através dos títulos. Corta a névoa mental e o medo, e minha necessidade avassaladora e consumidora de proteger Noemi se espalha por todos nós. Anassa começa a se virar, seus músculos tremendo ao responder ao meu impulso.
Ephyse uiva novamente.
Não consigo mais ver a Noemi. Eu a perdi. Anassa também se apercebeu, a julgar pelo jeito que ela fica à gala, balançando a cabeça, tentando usar o nariz mesmo enquanto o cheiro de água salgada esconde tudo e a névoa nos cega.
Então eu sinto. O medo. A escuridão. O suspiro que puxa água salgada e ardente para seus pulmões.
Afogamento. Morrendo.
O corpo da mulher da minha visão original surge na minha mente. Foi a Noemi? Estamos condenados a perdê-la?
Solto o grito de que ela não consegue. Minha voz chega clara sobre as ondas. Meus sentidos se confundem com os dela por um momento, e minhas mãos começam a afrouxar no pelo de Anassa, ondas me batendo, ameaçando me arrastar junto com Noemi.
E então vem uma dor incapacitante no meu braço. Luz. Noemi está desaparecendo, sangue está escorrendo para a água, mas ela está sendo levantada.
"MERYN!"
A voz de Anassa me joga de volta contra meu corpo. Eu estava escapando.
Eu engasgo e aperto mais forte nela de novo. "Noemi. Ela—"
"Ela está segura."
Ofego, viro, piscando rapidamente contra a ardência nos olhos. O corpo massivo de Cratos atravessa as ondas em uma velocidade que deveria ser impossível. Stark está deitado, segurando com uma única mão forte, inclinando-se para alcançar Noemi. Ela está completamente mole, com um braço preso nos dentes de Cratos.
Ela está sangrando, mas ainda está viva.

Ephyse solta um gemido desesperado, nadando perto de Cratos para tentar empurrar o corpo mole de Noemi para cima em direção a Stark.
Anassa implora para eu focar. Ela não pode aguentar para sempre. Me jogo à mercê do meu lobo gigante, deixando a confiança tomar conta.
O medo nunca desaparece completamente, mas posso perceber que a costa está se aproximando.
A natação inteira deveria ter levado minutos, mas com a corrente nos enfrentando e o fogo frio do terror me queimando por dentro, parece que leva horas. Na verdade, muitos anos fora da minha vida.
Rompemos uma faixa particularmente densa de neblina, e de repente a costa da ilha aparece bem diante de nós, muito mais perto do que eu imaginava.
O alívio me inunda. Mesmo que eu caísse da Anassa agora, ela poderia me resgatar.
Começo a me encostar nas costas dela enquanto ela faz um último esforço para a ilha. Quando chegamos às águas rasas, ela encontra o equilíbrio no fundo rochoso e se levanta. O peso do pelo encharcado deve ser punitivo, mas ela se levanta mesmo assim e cambaleia em direção à praia.
Agarrado fracamente ao pescoço dela, tento encorajá-la, agradecer, comunicar o quanto estou impressionado com ela.
Ela ronca e desaba na margem de pedras. Eu escorrego das costas dela e caio nas pedras soltas, arredondadas e escuras, deitado ali como um cadáver encharcado e saboreando a doce, doce solidez do chão.
Estou ofegante, e meu corpo inteiro treme, mas sem as ondas me atacando, consigo focar o suficiente para organizar os laços de comunicação na minha cabeça. Nós quatro estamos vivos.
Exausto, mas vivo.
Com olhos ardidos de sal, vejo os outros lutando para chegar à margem. O lobo de Venna mal nada, mas Cratos está lá, emprestando sua força, empurrando-o adiante. Stark já está em terra. Ele segura Noemi debaixo do braço.
Ela ainda está sangrando, mas está consciente novamente, vomitando água do mar nas pedras. Ephyse finalmente a alcança, se abaixando para focar em curar seu braço.
"Chegue mais perto", Anassa insiste, preocupado.
Ela me cutuca com o nariz e me lambe, e eu entendo por que ela tem medo. Meu corpo está ficando azul, e não consigo parar de tremer violentamente. Tenho quase certeza de que estou à beira da hipotermia.
Tosso e gemo enquanto tento rastejar mais perto de Anassa, esperando que o corpo dela me traga um pouco de calor. Ela tenta me puxar com a pata e se mexe para me alcançar melhor. Mas eu simplesmente desabava na pedra, puxada para baixo pelo peso das minhas roupas encharcadas, o rosto enterrado no pelo salgado dela.
Quando ela lambe a língua na minha cabeça de novo, um calor se instala em mim como se ela tivesse acabado de me cobrir com um cobertor.
Abro os olhos, surpreso. Imediatamente, a mordida no ar ao meu redor diminui. O calor inunda meu sangue. As pedras sob minhas mãos aquecem como se tivessem ficado horas ao sol apesar da névoa densa.
A água que me arrasta para baixo evapora, chiando e flutuando da minha pele

em vapor. Em poucos instantes, estou completamente seco, como se nunca tivesse estado na água.
Olho ao redor, confuso. A mesma coisa está acontecendo com os outros. Suas roupas e cabelos secam em segundos.
Os lobos se sacodem ao se retirar do mar, espalhando água por toda parte, mas quando ficam imóveis, seu pelo fica claro e fofo. Seco.
Stark encontra meus olhos, tão confuso quanto eu. Ele alisa a mão pelas roupas secas e balança a cabeça.
Não deveria ser possível. Coisas assim não acontecem do nada. É uma magia como nunca vi.
Levamos vários minutos para nos recuperar do choque da natação e da recuperação mágica subsequente. Claramente, estamos no lugar certo. A ilha parece estar nos testando, e quando passamos no teste, ela nos recompensa. Isso é claro.
Mas, enquanto estou na praia olhando para a torre, uma sensação de perigo que parte o estômago me invade.
Esta ilha é antiga, e está viva o suficiente para nos reconhecer como Vinculados, para nos reagir, para nos secar como um pai bagunçando uma toalha sobre seus filhos.
Os outros se reúnem ao meu redor. Levo a mão para segurar o pescoço de Stark.
"Obrigada", eu digo. Ele pousa a mão sobre a minha brevemente, e eu o solto para me virar para os outros. "Movam-se com cuidado", eu lhes digo. "Não tem como isso ser tudo o que esta ilha tem reservado para nós. Acho que está só começando."
A ilha é menor do que parecia do navio, mas não menos ameaçadora. É dominada por uma colina central rochosa sobre a qual está a torre. De perto, parece menos uma formação natural e mais como se tivesse sido intencionalmente esculpida em pedra cinza por uma mão magistral. Escadas íngremes cortavam a colina rochosa que levava a uma porta.
A torre em si está desgastada pelo tempo, com manchas viscosas grudadas onde o spray do mar encontra suas paredes expostas. Ainda assim, sua superfície está notavelmente intacta, apesar de sua óbvia idade. Ela se eleva pelo menos vinte andares, como um farol sem luz, perdido na névoa.
Solitária.
É isso que isso é, afundando fundo nos meus ossos. Solidão.
Um eco antigo da deusa, talvez, se nossas teorias malucas estiverem certas e ela realmente esteve aqui há muito tempo.
Enquanto subimos os degraus escorregadios em direção à entrada, meus olhos começam a pregar mais peças em mim. Tem movimento.
Não é como minhas sombras, que são fáceis de rastrear quando se sabe onde procurá-las. Aqui, minha mente continua registrando movimento, mas quando me viro para olhar, tudo está completamente parado.
Percebo, gradualmente, que as próprias pedras estão se deslocando. Não consigo captar o movimento com os olhos. Não sou rápido o suficiente. Mas quando não estou olhando diretamente para a torre, os padrões na pedra deslizam e mudam na minha visão periférica.
Isso me deixa tonta e me faz sentir como se estivessemos sendo observados.

Seguiu.
"Continue andando", aconselho os outros, e eles obedecem. Nossos lobos se movem com cuidado, seus passos enormes silenciosos.
A névoa se dissipa, e podemos ver claramente a entrada da torre. É uma porta enorme feita de uma única laje enorme de pedra. Retangular, com superfície irregular. Esculpidas na face natural da rocha, porém, há palavras.
"O que é isso?" Noemi pergunta.
Me aproximo da porta de pedra e estico o pescoço para ler a inscrição. Um poema.

OS PRIMEIROS CAMINHOS QUE A LUZ NÃO PODE TRAÇAR,
ATRAVÉS DE SEGREDOS ENVOLTOS NA GRAÇA DAS SOMBRAS.
ELES VEEM AS RACHADURAS EM CADA MENTIRA,
E ATACAR ANTES QUE OS OBSERVADORES ESPIEM.
O PRÓXIMO IRROMPE ONDE O CAOS SANGRA,
SUA FÚRIA, A FORÇA QUE A BATALHA SE ALIMENTA.
ELES QUEBRAM AS LINHAS, ACENDEM A CHAMA,
ASSIM, OUTROS VIVEM — E FALAM SEU NOME.
O TERCEIRO MOVIMENTO COMO UMA MARÉ ÚNICA,
COM ESCUDO A ESCUDO E PASSO A PASSO.
ELES MANTÊM A LINHA QUANDO OUTROS CAEM,
UMA PAREDE VIVA, UMA CHAMADA ATENDIDA.
O ÚLTIMO CARREGA O PESO QUE NENHUMA ALMA ESCOLHERIA,
CONTAR O CUSTO, ARRISCAR E PERDER.
ELES DESENHAM O MAPA ONDE AS VIDAS SE ENTRELAÇAM,
E MOLDAR O CAMPO POR UM GRANDE DESIGN.
QUATRO COMO UM SÓ, SEUS CAMINHOS SE ALINHAM,
UMA FORÇA ENTRELAÇADA, UM DESTINO DIVINO.

"É sobre nós", diz Venna. Ela me olha. "As matilhas. Certo?"
"Não tenho certeza", respondo. "Parece que sim? Mas de qualquer forma, temos que continuar andando."
Respiro fundo e estendo a mão. Quando coloco a palma da mão contra a pedra fria da porta e empurro, toda a laje começa a se mover. Ele faz um som miserável de rangido e ronco enquanto balança para dentro.
E ainda assim... Sem resistência. Mais magia, então.
Avanço e olho para o espaço revelado.
Para baixo, não para cima. Que confusão. Que tipo de torre cai?
Há uma escada em espiral, iluminada por uma luz azulada estranha que parece vir da própria pedra. O brilho muda ao nosso redor, intensificando-se e diminuindo como se a torre estivesse respirando.
"Vamos entrar," sussurro. E dou o primeiro passo nas profundezas da torre.

45



MERYN

Tele tinge o pelo de Anassa de azul claro, como se estivéssemos afundando em uma poça de luar. Fica mais brilhante quanto mais fundo vamos. E quanto mais descemos, mais denso o ar fica. É sufocante.

Enfio os dedos no pelo de Anassa.

"Eu não gosto disso." Um vazio de ansiedade cresce no meu estômago.

"Não importa se você gosta ou não", vem a resposta de Anassa. "Foque em passar por isso."

Preciso, então vou — mais uma vez. O lema da minha vida.

Estranhamente, isso me conforta mais do que palavras gentis jamais poderiam.

Mesmo que este lugar seja obviamente antigo, as escadas em espiral são largas o suficiente para acomodar nossos lobos confortavelmente, o que só prova mais que este lugar é feito para os Vinculados.

As escadas descem cada vez mais, impossivelmente profundas. Estamos nos movendo há uma eternidade — acompanhados apenas pelo som da respiração e das garras dos nossos lobos batendo na pedra — quando finalmente chegamos a um patamar.

Revela um cômodo mais amplo, esculpido na pedra da ilha, pulsando com a mesma luz azul. Ephyse rosna baixinho enquanto ele e Noemi caminham em direção à parede, encarando o olhar para frente.

Tem uma porta. É circular e, assim como a porta acima, parece feita de um único pedaço sólido de pedra. Em vez de um poema, porém, um símbolo está gravado nele.

O símbolo de Kryptos, tão familiar quanto se estivesse pendurado acima da sala comunal de Kryptos em Sturmfrost.

"A gente—?" Eu começo a começar, mas quase instantaneamente, o símbolo acende. Ele pega fogo azul sem calor, que dói um pouco ao olhar diretamente.

Então esse é outro teste. Kryptos. A Venna vai ter que passar sozinha? Ou será que todos podemos fazer juntos?

Então vem um apagão na minha mente, como se alguém tivesse jogado um cobertor sobre meus poderes e o tivesse enrolado bem.

"Stark," digo, checando se ele sente isso.

Mas não consigo alcançá-lo. Não consigo falar com ele.

"Anassa?!"
"Estou aqui." Ela esbarra o ombro no meu.
Engolo uma bolha de pânico. "É... "Alguém..."
"Está acontecendo algo estranho," confirma Stark imediatamente. "Eu me pergunto..." Observo enquanto ele foca em algo, os dedos se mexendo. "Não. Não consigo usar meu poder de dobra de sombra. Eu também tentaria impulsionar, se não estivéssemos em algum lugar profundo no subsolo onde um desabafo poderia ser fatal. Mas suspeito que seria igual."
Noemi acena com a cabeça. "Ainda consigo alcançar a Ephyse, mas é só isso."
Venna, por sua vez, encara cada um de nós, confusa. "Não sinto nada diferente."
Olho novamente para o símbolo iluminado de Kryptos.
"Venna..." Eu aponto para ele. "Se seus poderes ainda estão intactos, eu me pergunto... talvez você seja o único que pode nos ajudar a passar?"
Venna e seu lobo gigante avançam devagar. As orelhas de Skaia estão puxadas para trás com cautela, mas Venna tem uma expressão teimosa.
No momento em que se aproximam o suficiente, a porta treme e rola para o lado. O fogo azul frio explode novamente, fazendo o resto de nós ofegar e recuar. O fogo percorre o interior da sala iluminando uma grande câmara antes de escurecer novamente.
Formas estranhas e sombrias estão mais para dentro, mas à medida que a luz azul desaparece, não consigo mais ver nada além de sombras.
Anassa e eu nos aproximamos da porta, mas Venna lança um braço para me impedir. Ela desmonta e olha ao redor, e eu a observo, sem saber o que está fazendo. Com um puxão, ela desfaz um dos pequenos botões que prendem o punho da manga.
Girando o pulso, ela joga o botão para dentro do quarto.
Ela voa pelo ar, a luz tênue deste lugar brilhando no cobre.
Nada acontece.
Então o botão pousa na pedra com um tilintar distinto.
Instantaneamente, quatro pedaços irregulares de pedra se soltam das paredes e correm em sua direção, colidindo uns com os outros e no botão em um estrondo estrondoso.
Cada um dos fragmentos parece ter o comprimento do meu antebraço e é mortalmente afiado.
"Bem, isso é divertido," eu digo trêmula. Ninguém ri.
Venna olha de volta para mim, a boca se torcendo. "Vamos ter que ficar quietos, eu acho. Eu me perguntei... bem, eu presumi que seria isso ou rifting. De certa forma, o rifting seria mais fácil. Eu vou primeiro—me observe, e faça o que eu faço. E quando estivermos dentro..."
Ela hesita, e eu entendo o que quis dizer. "Não vamos conseguir falar em voz alta lá dentro, vamos? Você acha que a sala ataca em resposta ao barulho?"
Ela assente.
Engulo em seco. Ótimo. Quando nossa comunicação mental teria sido mais útil, ficamos sem ela.
É sorte que Noemi assistiu às minhas aulas de língua de sinais no barco, percebo. Ela aprendeu algumas coisas básicas e, no típico estilo Stark, ele já aprendeu o idioma e é muito melhor do que eu.

Ainda assim, Venna revisa rapidamente algumas frases-chave conosco, para garantir que estamos prontos para qualquer instrução que ela precise transmitir. Todos nós, por sua vez, podemos comunicar mentalmente qualquer instrução aos nossos lobos.
Venna inclina a cabeça mais para dentro do quarto, apoiando os braços no batente da porta, mas então puxa a cabeça para fora e dá um passo para trás, franzindo a testa. "Está escuro demais para ver muito além de onde o botão caiu. Acho que a gente tem que... Siga em frente."
Desmontamos. Venna nos mostra o jeito lento e silencioso com que ela anda quando tenta não fazer barulho.
"Não há realmente pedrinhas soltas ou pedaços de cascalho aqui embaixo, pelo que posso ver," ela instrui. "Então é só colocar cada pé devagar, rolando até o chão, e ir devagar. Eu vou primeiro e posso te avisar se o terreno mudar."
Sortudo que a magia da ilha achou adequado secar todos nós. Todos nós fazíamos sons molhados de barulho por dias com a quantidade de água que nossas botas de couro absorveam.
Anassa, Cratos e Ephyse se afastaram e claramente estão aprendendo furtividade com Skaia. As garras deles, eu percebo. Eles terão que pisar de forma diferente para evitar que estalem no chão.
Ou arriscar perder uma pata. Engulo em seco.
A pedido de Venna, todos verificamos nossas roupas e mochilas para garantir que nada em nós possa tilintar ou tilintar enquanto nos movemos. Todos nós removemos tudo que era desnecessário antes de mergulhar nas águas geladas do mar, o que ajuda.
Apertamos tiras e fivelas ao redor das armas, um dos poucos itens que todos priorizávamos, nadar no mar ou não.
Venna e Skaia se aproximam da porta. Venna deixa Skaia ir primeiro; mais fácil nos devolver sem o peso do lobo dela atrapalhar, eu acho.
Skaia se move silenciosamente como uma sombra. Como uma loba Kryptos, ela nasceu para isso.
Todos prendem a respiração. Mas a dupla Kryptos é mestre em sua arte. Venna e Skaia avançam mais para dentro da sala sem um sussurro de som.
Antes que desapareçam na penumbra, Venna vira a cabeça para mim, depois passa a mão para baixo e para o outro lado, dizendo: "Siga-me."
Anassa e eu nos aproximamos sorrateiramente, depois sinalizamos de volta para Noemi e Ephyse. Stark e Cratos fecham a retaguarda.
Venna e seu lobo se movem em um ritmo agonizantemente lento. Eu nunca poderia ter sido Kryptos, penso com ironia. Sou muito mais preparado para correr de cabeça para os problemas do que para ir devagar e com cuidado.
Provavelmente algo que eu poderia melhorar.
Venna e Skaia olham em todas as direções enquanto se movem, de alguma forma conseguindo identificar o melhor terreno na luz fraca que fica cada vez mais escura.
Tenho um flashback da Ascensão, Venna nos ajudando a navegar por trechos complicados de gelo. A lembrança é agridoce, a determinação feroz de Izabel brilha na minha memória.
Venna nos ajudou a passar por esse tempo. Ela vai nos ajudar agora.

Percebo que estou prendendo a respiração e solto devagar e silenciosamente. A luz vai diminuindo cada vez mais, mas felizmente ainda consigo ver Venna parando à minha frente.
Meu coração bate forte nos meus ouvidos naquele espaço estranhamente silencioso.
Venna se vira e sinaliza: "Algo à frente."
Minha pele arrepia e esforço os olhos tentando enxergar o espaço à nossa frente. Mas a tristeza ao nosso redor está quase completa; o brilho azul diminuiu, e até Venna e Skaia estão apenas formas sombrias à minha frente na escuridão.
"Skaia ainda vai conseguir ver", Anassa me tranquiliza. "Guerreiros de Kryptos treinam para isso — seus lobos frequentemente têm visão noturna mais aguçada do que a das outras matilhas, e aprendem a agir como olhos e ouvidos de seus cavaleiros."
Tudo muito bom para eles. Mas e quanto ao resto de nós?
Todos esperamos em silêncio, imóveis, que Venna e Skaia sigam em frente. Venna finalmente sinaliza para mim, com movimentos exagerados para que eu possa entender, "Para cima e para a esquerda está livre."
Eu repasso a mensagem para Noemi. Venna e Skaia começam a avançar, e Anassa e eu seguimos. Anassa faz o possível para compartilhar sua visão superior comigo também, embora não sejamos muito experientes nessa habilidade.
Logo, porém, o espaço fica escuro demais até para ela. Paramos, e eu espero Venna perceber que paramos, já que não posso gritar para frente.
E se ela não perceber? E se ela nos deixar aqui e ficarmos presos para sempre nessa escuridão?
Eu sei que não é lógico, que Venna nunca nos abandonaria. Mas ainda assim, meu peito aperta naquele lugar familiar onde vive meu pânico. Como uma mão gigante agarrando o topo dos meus pulmões e apertando. Tenho dificuldade em manter a respiração calma e regular.
O espaço ao nosso redor é tão escuro. Infinitamente negro. Tão parecido com aquele reino de pesadelo onde Killian me atormenta. Ao pensar nisso, quase consigo ver o rosto dele, nadando até mim para fora da escuridão.
Sua boca em um olhar confiante. Os olhos dele, daquele azul assustador, me encarando...
"Devagar", pensa Anassa para mim, se abrindo até que o ritmo da própria respiração dela me envolva. Firme, até. Eu tento igualar. Meu pânico diminui, só um pouco.
Então, lá à frente, perto de Venna, começo a ver um brilho azul fraco.
Que diabos...?
O rosto de Venna fica visível, e vejo sua expressão de intensa concentração. Então ela está fazendo isso. De algum jeito.
Ela envia a luz para trás e para frente para iluminar Skaia.
Não é muito, mas é suficiente. Começamos de novo.
O caminho que ela ilumina para nós é sinuoso, e várias vezes só vejo formações rochosas enormes quando elas já estão bem ao meu lado. Como enormes navios navegando bem perto de nós na escuridão. Um passo em falso e um de nós vai bater na rocha.

Alguns dos obstáculos são translúcidos e brilhantes, como paredes de pedras preciosas pretas. Outros são cravejados de espinhos tão afiados quanto uma presa de lobo gigante e cinco vezes mais longos.
Na luz estranha, parece que os espinhos estão tentando nos alcançar. Estremeço e pauso até a sensação passar, sem confiar em mim mesmo para me mover silenciosamente até recuperar o foco.
Durante todo o tempo, os passos de Venna são firmes e equilibrados. Foco no progresso lento dela, na forma cuidadosa como ela posiciona os pés e imito.
Duas vezes, Venna para e diz em linguagem de sinais: "Abaixe-se."
Na primeira vez, os lobos gigantes só precisam se abaixar para não perturbar uma série frágil de estalactites acima de nós. É desconfortável vê-los abaixando a cabeça, mas conseguimos passar por isso ilesos.
Então, um minuto depois, Venna dá o sinal novamente, junto com outra palavra que não entendo. Me esforço para lembrar a placa que ela está fazendo e então lembro quando vejo o que está à frente: um túnel.
Foder.
Dou um sinal cuidadoso atrás de mim, certificando-me de que Noemi, Stark e seus lobos estejam preparados.
Anassa chega bem perto antes de perceber que não está baixa o suficiente para o chão. Meu corpo está tenso como um arco enquanto a observo se mover cuidadosamente para trás novamente para que ela possa se posicionar.
Ela se agacha tanto que o pelo da barriga roça o chão enquanto ela se move. Deixei ela ir primeiro para que ela pudesse se mover no ritmo dela lá dentro.
Engolindo em seco, decido que será mais fácil engatinhar também. Eu me ajoelho cuidadosamente, muito cuidadosamente, de quatro, e então avanço devagarinho. Meu coração está na garganta o tempo todo.
Se houver qualquer distúrbio, se algum dos lobos esquecer e levantar a cabeça...
Meus ouvidos pregam peças comigo, criando sons quando não há nenhum. A fraca luz azul fica difusa na minha visão.
Minhas mãos tremem e mantenho todo o foco nos meus movimentos. Devagar, devagar. Um centímetro de cada vez.
Finalmente, o túnel termina e conseguimos endireitar.
Olhando para cima e além de Venna, acho que consigo ver uma porta—sim, é uma porta aberta, e agora Venna está passando, agora Skaia—
Terminamos alguns momentos depois, respirando pesado e nos sacudindo. Depois do silêncio da sala atrás de nós, nossa respiração aliviada soa alta e selvagem.
"Venna?" Eu procuro de forma experimental, e sim, dessa vez a conexão mental se forma. Deve ser porque a tarefa está concluída?
Ela me olha, e só quando estou ao lado dela percebo que ela está tremendo. Estendo a mão e pego a dela. "Obrigado."
Ela solta um suspiro e acena com a cabeça. "Quase vomitei."
Abraço o braço dela contra o peito brevemente. "Você nos ajudou a superar isso. Você foi incrível."
Seus olhos suavizam um pouco.
"O que era aquela luz azul?"
Ela hesita. "É... algo que venho experimentando, agora que nossos poderes

ficaram um pouco loucos. Ainda dobro a sombra, como quando estou riftejando, mas em vez de chamá-la para mim, estou a afastando, para que qualquer luz ambiente próxima entre rapidamente."
Eu balanço a cabeça. "Isso é genial. Você já ouviu falar de algum Kryptos fazendo isso antes?"
Antes que ela possa responder, a sala em que estamos explode com uma luz vermelha ardente. Eu me assusto e me agarro ao braço da Venna. Quando olho para frente, o símbolo Daemos está queimando com um fogo vermelho anormalmente na porta.
E assim, nosso elo mental se rompe. Minha magia está diminuindo mais uma vez.
Cratos avança, uma silhueta negra contra a luz sangrenta. Stark olha de volta para nós. "Pronto?"
"Parece uma pergunta que você precisa responder," respondo.
Seu maxilar se contrai, e ele se vira sem hesitar, aproximando-se da porta. Ela se abre do mesmo jeito, fazendo meus ossos tremerem. A câmara que revela é igualmente vazia, longa e estreita, mas desta vez, podemos ver o lado oposto. A parede do fundo tem outra pesada porta de pedra no centro. E está fechada.
"Parece que vamos ter que descobrir como abrir isso," sussurra Noemi.
"Magia de Daemos", diz Venna, seguindo Stark. "Talvez você tenha que derrubá-lo."
"Sem derrubar a torre inteira sobre nós?" Exclamo.
"Má ideia", confirma Anassa.
"Silêncio", diz Stark. Ele já chegou ao centro da sala. Ele monta em Cratos, e os dois deram uma volta pelo quarto juntos. O fogo vermelho tremeluzia ao nosso redor, recusando-se a nos dar qualquer calor. Estremeço e olho ao redor da sala, confuso.
"Você não sente nada?" Venna pergunta.
"Não", responde Stark.
"Espere," digo, e me viro. Abraço os olhos para o espaço acima do corredor de onde acabamos de chegar. "Tem uma inscrição acima da porta."
No momento em que eu digo, a porta por onde passamos se fecha com barulho atrás de nós. Meu ritmo cardíaco acelera de novo.
Estamos completamente fechados agora, presos nos dois lados. Os lobos rosnam e se mexem nervosamente, caudas balançando e olhos brilhando. Eles são feitos para espaços amplos, não para cômodos pequenos e apertados.
Venna lê as palavras em voz alta. "Força é fogo, e lealdade leve — ambas fazem a mão que vence a luta."
Instantaneamente, o fogo vermelho brilha intensamente e sobe pela pedra nua. Não deveria ser possível. Não há combustível para queimar. Mas, então, nada disso deveria ser possível.
Assisto com um certo assusto enquanto o fogo começa a gravar dezenas de símbolos ao longo das paredes.
São todos os trabalhadores em várias posições.
Um punho derrubando, esmagando um capacete quebrado.
Uma palma aberta voltada para fora, como se implorasse por paz.
Uma mão segurando um pequeno espelho redondo.

Uma mão envolta em fogo, subindo alto.
Duas mãos entrelaçadas firmemente, acorrentadas nos pulsos.
Uma delas é segurar uma coroa com força suficiente para sangrar.
"Acho que teremos que escolher um", digo.
Há um som tremendo vindo de além das paredes, no fundo da pedra. Ao meu lado, Anassa se tenciona e se vira. As paredes em chamas se aproximam, arrastando e arranhando em nossa direção em velocidade constante.
"Forte!" Eu grito.
"Temos que escolher rápido!" Venna grita.
Mas ele já está atuando. Um pulso de sua magia se despedaça pela sala. Seus punhos se estendem de cada lado, e sua força bate contra a pedra. Eles gemem e estremecem, mas o poder de Stark se mantém forte. Eles estão apenas se aproximando um pouco.
"Anassa, ajude-o!" Eu imploro.
Anassa se move primeiro, depois todos os nossos lobos se jogam contra as paredes para ajudar a desacelerar a pressão esmagadora da pedra ao nosso redor. O resto de nós imediatamente começa a escanear os símbolos.
Stark solta um rosnado, olhando para frente, já ofegante. A presença de tanta da magia dele em um espaço fechado faz meus ouvidos estalarem e arder. Sua força impulsionante canaliza uma corrente mortal acima da minha cabeça.
"São as mãos entrelaçadas. Certo? Lealdade!" Noemi grita.
"O quê?!" Venna se vira para olhar o rosto de Noemi.
Noemi aponta para o símbolo que ela quer dizer. "Eu toco nela?"
"Espera, não! A corrente faz parecer relutante", diz Venna apressadamente.
Meus olhos percorrem os símbolos, tentando encontrar um que faça sentido. Força. Lealdade.
Precisamos de um símbolo que represente ambos. Mas são tantas, e meu coração está batendo forte demais para eu pensar. Não consigo me concentrar em nada além dos sons de dor que Stark está fazendo.
"Meryn, essa aqui?" Venna grita, a mão pairando sobre um símbolo que eu nem consigo distinguir.
Meus olhos estão em Stark. Ele não pode aguentar para sempre. Preciso agir. Preciso ajudá-lo.
"Trabalhe mais rápido," Stark rosna. Seus braços começam a tremer com o esforço. Ele é o Daemos mais forte vivo, mas até ele tem limites.
As paredes começam a vencer a luta contra Stark. Ele grita de dor e se curva. Sua magia percorre o quarto, transformando meu interior em pasta. Choro, o pânico me dominando de verdade.
E então percebo. Stark está me encarando. Seus olhos escuros estão sobre mim, queimando como se eu fosse a fonte de toda essa força. Ele está encharcado de suor. Suas feições estão marcadas em uma careta furiosa. Mas os olhos dele são todos meus.
Lealdade.
"É..." Cambaleio para trás. "É uma coroa. Encontre uma coroa!" Venna corre para a de uma mão apertando uma coroa com força. E eu grito: "Não é essa!"
Não é diferente dos pulsos amarrados. Não, Stark nunca me abraçaria tão forte a ponto de eu não conseguir respirar.

Um verdadeiro Daemos ainda é membro de sua matilha, sujeito ao seu Alfa, leal ao líder mesmo quando sua força brilha mais forte que a dos outros. Stark é...
Há outra coroa posicionada acima de uma mão aberta, palma para cima, dedos abertos. Uma oferta.
Meus dedos escorregam para o fogo dele, uma sensação estranha de formigamento onde ele me toca sem calor. Instantaneamente, as paredes ficam em silêncio e param seu avanço ameaçador. Há um breve momento de suspense, então eles começam a recuar para suas posições originais.
E com eles, a porta oposta à entrada cede.
Todo o fogo se dissipa, substituído pelo brilho vermelho suave.
Enxugo trêmulo as lágrimas do rosto e corro para o lado de Cratos. Stark está tombado sobre as costas, respirando com dificuldade, braços tremendo.
"Ei. Ei," eu imploro, e toco na perna dele.
Ele se deixa escorregar de Cratos e tropeça para cair de pé. Eu grunhido ao segurá-lo, lutando contra o peso dele. Mas eu não me importo. Eu o abraço e o seguro.
"Estou bem," ele ofega. "Devemos nos mover."
"Dois segundos", eu digo. "Vamos chamar de ordem, leais Daemos."
Ele solta um suspiro fraco, e seus dedos tremem na nuca.
Relutantemente, me separo dele. Passo as mãos pelos braços dele para me tranquilizar, depois me viro para os outros.
"Desculpa," digo sem jeito.
Noemi sorri. "Está tudo bem."
"Você não queimou comigo depois do meu julgamento", Venna provoca, e eu a dou um tapa enquanto passo por ela para montar Anassa.
Cratos se abaixa um pouco para Stark, e ouço ele xingar consigo mesmo quando seus braços não o levam totalmente para cima na primeira tentativa. Quando ele monta, ele me encarou com cara por eu estar de olho nele para garantir que ele estava bem. Reviro os olhos para ele enquanto Anassa e eu passamos.
Passamos juntos pela porta. Há ainda outra câmara, esta com mais escadas em espiral descendo. Giro a cabeça nos ombros e incentivo Anassa a ir mais fundo nas profundezas.
Depois de alguns minutos girando escadas, descemos em um patamar circular. Esta parece mais uma formação natural de caverna, talvez por causa da profundidade que chegamos. A luz aqui é um pouco diferente.
O símbolo na porta se destaca com chamas douradas. Phylax.
Noemi e seu lobo avançam lentamente, mas ela não pula quando a porta começa a se abrir para ela. A câmara que ela revela é muito diferente das outras duas.
Eu a sigo até uma saliência. "Ah, droga," solto o ar ao ver a câmara. Como isso é possível?

46



MERYN

Aqui está um enorme abismo diante de nós. O fundo desaparece em uma escuridão absoluta. Logo antes das paredes de pedra desaparecerem, consigo distinguir uma camada densa de névoa. Também sinto o gosto no ar.

Minha mente rejeita isso brevemente. Onde diabos estamos? Debaixo do mar? Quem poderia ter construído esse lugar impossível?

Do outro lado da câmara há uma saliência semelhante à que estamos em pé. E entre os dois há uma faixa estreita e arqueada de pedra sólida, larga o suficiente para que um lobo atravesse por vez.

"Devagar", aconselha Venna.

Noemi acena com a cabeça, e seu lobo gigante estende uma pata em direção à ponte. A pedra suporta bem o peso deles, e outra pata avança.

Mais um passo de pata.

Nada.

Mais uma.

De repente, linhas gêmeas de chamas douradas traçam ambos os lados da ponte. A pedra faz um som nauseante de estalo.

Minha respiração prende na garganta enquanto vejo Ephyse parar, apavorada que o lobo vá cair.

"Porra, está instável," Noemi diz miseravelmente.

Entendi imediatamente a ansiedade dela e qual será a tarefa dela. A ponte não vai suportar nosso peso — não sem a ajuda dela.

Os guerreiros Phylax mais habilidosos na linha de frente conseguem realizar feitos insanos com sua magia de escudo. Flechas de precisão bloqueando do inimigo enquanto deixamos passar as nossas, por exemplo. Reforçando os escudos físicos dos nossos soldados para que sejam impenetráveis — mesmo enquanto os soldados que os carregam estão em movimento.

Esse tipo de habilidade ainda está muito além do meu alcance, apesar da força bruta da minha própria magia.

"Posso reforçar a ponte, mas vou precisar focar", diz Noemi baixinho, com um leve tremor na voz. "Acho que consigo fazer isso, mas..."

Eu aceno com a cabeça em encorajamento para ela.

Noemi endireita a coluna e fecha os olhos, o rosto tenso. Quando Ephyse avança

agora, a ponte não faz barulho. Eles se movem rápido, saltando pela ponte com passos leves. E quando Noemi chega do outro lado, ela desaba aliviada.
"Funcionou," sua voz ecoa.
Mas então ela se vira para olhar para nós, e o sorriso dela desaparece. Ela já está suando, percebo. Deve estar ficando difícil perceber quanta energia vai precisar para nos levar ao outro lado.
"Você consegue, Noemi", eu digo a ela. Gostaria de conseguir me comunicar mentalmente com ela. Faço o possível para mostrar meu apoio na minha cara, pensando: Você já sobreviveu a coisas piores que isso e mais.
O rosto de Noemi endurece. "Stark é o próximo, enquanto eu estiver forte," ela diz com certa firmeza.
Stark se mexe em Cratos, claramente desconfortável em me deixar para lá. Mas ele não pode discordar da lógica de Noemi. Ele e Cratos pesam muito mais do que o resto de nós. Ele espera Noemi assentir, então guia Cratos para frente. Eles se movem rápido, mas com firmeza, mantendo os corpos alinhados. Ele consegue atravessar, e eu solto um suspiro de alívio.
Noemi parece cansada. Ela está se apoiando fortemente em Ephyse, ofegante. Venna avança.
"Nós não pesamos nada comparado àqueles dois!" Venna liga. "Leve como uma pena."
Noemi ri, e as rugas do rosto dela diminuem um pouco. "Pronto?"
"Meryn é a próxima," Stark retruca. "O julgamento do Estratego ainda está pela frente."
O que ele quer dizer é que, se Noemi não for forte o suficiente para atravessar Venna por último, ainda conseguiremos alcançar a Lágrima.
Pisco aquela imagem do corpo da mulher, quebrado, da minha visão. É esse o momento? Foi Venna que eu vi?
Mas não. Que se dane isso.
"Vai," ordeno a Venna quando ela hesita.
"Meryn," Stark rosna. Mas balanço a cabeça para ele.
Eu não poderia deixar Venna por último. Não se isso significar que há chance de ela não sobreviver. Não depois de tudo que aconteceu com Izabel. Preciso vê-la em segurança antes de ir também—de outra forma, nunca conseguiria viver comigo mesmo.
Venna avança. Noemi grunhe e começa a chorar silenciosamente sob o esforço.
Venna e seu lobo são surpreendentemente rápidos. Mesmo assim, quando chegam na metade, Noemi cai de joelhos.
Minha respiração prende na garganta. Venna e Skaia congelam quando a ponte faz outro som agudo e depois balança levemente para a esquerda.
Foder.
Foder.
A ponte balança para trás para a direita. Skaia luta para manter o equilíbrio, Venna inclinando-se perigosamente de suas costas. O rosto de Noemi fica pálido de tanto esforço.
Não consigo me mexer. Meu sangue está em pânico quente.
O momento se estende indefinidamente.
Noemi enfia as palmas das mãos no chão e cambaleia de volta para ficar de pé.

Um olhar decidido surge sobre ela, e com um rosnado, ela libera mais poder.
A ponte se endireita, e no momento em que isso acontece, Skaia salta sobre o resto dela.
Finalmente, posso respirar de novo. Venna enterra o rosto no pelo cinza de Skaia, e Noemi se senta pesadamente no chão.
"Faça uma pausa, Noemi," ordeno.
Anassa anda de um lado para o outro ao longo da saliência. A ansiedade dela dispara, mas eu não deixo isso me afetar. Eu tenho fé na Noemi. Ela é mais forte do que ela mesma imagina.
"Eu estou... Estou te fazendo atravessar, Meryn", rosna Noemi. Ela respira fundo, trêmula, e seus olhos brilham. "Eu juro."
Sorrio para ela. "Eu sei."
Porque confio que ela vai me manter seguro. Confio que ela vai oferecer a mesma proteção que nunca teve. É toda a dor que ela suportou que a torna uma Phylax tão poderosa. Ela sabe o que é ser vulnerável.
Ela não me deixa cair.
Noemi acena para nós quando está pronta, voltando para se levantar. Anassa sai para a ponte. Avançamos com firmeza. A ponte range e estala, e Noemi solta um soluço raivoso. Mantenho os olhos em Noemi o tempo todo, me forçando a me aproximar cada vez mais.
No meio do caminho, ela começa a vacilar de novo, assim como aconteceu com Venna.
Anassa e eu ainda assim. A ponte não se move muito, mas o leve tremor faz meu estômago revirar.
Onde termina esse buraco?
Se caíssemos, nossa morte seria rápida? Ou estaríamos feridos, mas vivos, condenados a morrer de fome lentamente nessa caverna onde ninguém poderia nos resgatar?
Será que Anassa se voltaria contra mim se eu fosse a única coisa que restasse para comer?
"Me controle," Anassa ressalva, ouvindo seu nome na minha mente. "Os lobos podem sentir sua perturbação, e isso está deixando todos fracos."
Ela está certa. Endireitando-me, olho para Noemi, tentando mostrar confiança. "Você consegue."
Ela assente, o rosto suado ficando vermelho. Com um grito agonizante, ela inunda a ponte com poder uma última vez.
Corremos rapidamente.
E então de repente estou na beirada oposta, e a mão de Stark se estende com um aperto que deixa roxos. Ele está respirando quase tão forte quanto Noemi. Os dentes de Cratos estão no pelo de Anassa.
Estendo a mão para a de Noemi e a seguro, ainda deixando Stark segurar em mim.
"Isso foi incrível", eu digo a ela. O peso de quatro pessoas, claro. Mas também quatro lobos gigantes, dois dos quais são enormes.
Noemi está chorando. "Eu estou... Desculpa. Eu—eu sinto muito."
"Está tudo bem, Noemi", eu digo.
Não sei pelo que ela está pedindo desculpas. Tudo com Lucien, talvez. Mas não

importa. Ela é uma de nós. "Você acabou. Sente-se e assista ao show agora."
Ela ri trêmula e acena com a cabeça, me seguindo enquanto me sigo em direção aos degraus que me esperam.
A sala final também não é como as outras. É escuro e completamente vazio, exceto por um simples altar de pedra no centro.
Olho ao redor. Nenhuma inscrição no teto. Sem emendas para placas de pressão. Sem buracos nas paredes para espinhos saírem.
Só uma adaga.
Ela brilha no altar, que já está cercado por uma chama prateada que tremela sutilmente. Desmonto de Anassa e me aproximo.
Esse quarto parece estranhamente familiar. Como algo lembrado de um sonho.
Minhas visões passam diante dos meus olhos novamente, aquelas que vi usando a previsão—a torre. As ondas. O corpo no chão...
Há uma escrita antiga na pedra, tão profundamente esculpida que as palavras quase parecem gravadas na superfície. Elas estão escritas em espiral ao longo da borda arredondada do altar, e começo a lê-las em voz alta, circulando a pedra enquanto avanço.

OS FILHOS DE NOCTURN PODEM ANDAR QUANDO O CARMESIM COROAR A PEDRA.
DEIXE O ESTRATEGO FAZER A ESCOLHA, ONDE O AÇO ENCONTRA O OSSO.
UM TODO VITAL DEVE RESPONDER AO SEU CHAMADO.
HESITE, E A MORTE LEVA TUDO.

Um sacrifício. Uma adaga. Pedra de coroação carmesim.
O significado parece bem claro. A visão que tive dessa torre, o corpo deitado de bruços, Stark inclinado sobre ela: É aqui.
O teste em que um de nós deve morrer, um de nós, filhos de Nocturna.
Uma parte da minha mente se desliga com esse pensamento, girando como se assistisse a isso de cima. Um de nós deve morrer.
Morra. Um de nós deve...
Apropriado. Um sacrifício final para provar nossa dignidade a qualquer pessoa doente que tenha colocado essa série de testes mortais.
Há um som de clique, e um chiado baixo preenche o ar, interrompendo meus pensamentos em espiral.
Pequenos jatos de fumaça saem das frestas onde as paredes encontram o chão. Um cheiro ardente preenche meu nariz, como o spray de gambá.
Tosso e cubro o nariz, olhos ardem. "O que é isso?!"
"Gás. Meryn, eu acho... alguém tem que morrer," diz Venna, juntando o enigma também. Ela avança e aponta para a adaga, rosto pálido.
"Hesitar, e a morte leva tudo." A voz de Noemi está cheia de medo.
O horror me sufoca. A faca. É pra mim. Este quarto exige sangue.
Não posso simplesmente cortar a mão e sangrar um pouco. Dizia sangue inteiro.
A vida inteira de alguém precisa ser drenada para a pedra. E se eu não escolher alguém para ir, todos nós vamos morrer engasgados com vapores nocivos.
Quanto tempo eu tenho? Segundos?
"Me leve", Venna diz rapidamente, engasgando com o gás.
"Por quê?" Eu estou, meus olhos ardendo de tanto fumaça. "Então você pode ficar com sua irmã?" Ela se assusta. Provavelmente acha que estou sendo cruel. Mas não consigo parar para poupar os sentimentos dela. Ela precisa ouvir.

"Certo! Porque a Iz queria você morta, Venna. Você está falando sério?"
"Meryn!"
"De jeito nenhum!" Eu grito e pego a adaga. Só há uma escolha que posso fazer. Todos estão lutando contra os vapores agora; Eles nem me veem fazendo isso.
"Meryn, não," Anassa grita em minha mente, lendo minhas intenções. "Deve haver outro caminho. Nocturna precisa de você." Sua mente se abre para mim: visões de sua mãe, pai, mortos pelo trono.
Seus anos solitários nas montanhas. Amigos se afastando, um a um.
Até que nada restou além de sua crença na linhagem Sturmfrost.
A fé dela em mim. O desejo dela por mim.
Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto me afasto mentalmente dela. Se eu quiser ter coragem de fazer isso, preciso ser rápido. Trago fundo e engasgo com a fumaça, me curvando em dobração.
Na minha mente, novamente, mais clara do que nunca: minha visão. Aquele corpo no chão. Stark, gritando de raiva e dor enquanto se inclinava sobre ele, escondendo o rosto do corpo.
Acho que soube assim que vi.
"Tem que ser eu."
Anassa fica em silêncio.
"Não posso pedir para nenhum deles fazer isso por mim, Anassa."
Mostro a ela o que guardei: a visão, o corpo. Aquele vislumbre do futuro eu guardava em segredo até para ela.
Ela fica imóvel.
A tristeza floresce dentro dela, cantando em sua mente e na minha. É puro e verdadeiro, me inundando até eu ofegar de tanta intensidade.
"Você não me contou", ela diz suavemente.
"Me desculpe," eu digo a ela. "Foi o privilégio da minha vida estar ligado a você."
Ela concorda, então. Sacrificar-se, ao meu lado. Para salvar Cratos. Para salvar todos eles.
Meu lobo gigante. Meu coração.
Meu coração...
Minha próxima respiração não enche totalmente meus pulmões por causa do gás, mas isso não importa. Levanto a cabeça e olho para Stark novamente, absorvendo suas feições tensas. Ele está com o nariz e a boca cobertos, tossindo. Lágrimas voltam a me cegar.
Estou fazendo isso por ele. Assim, ele pode viver. Todos podem.
"Pegue a Lágrima", eu lhe digo, com a voz sufocada. "Leve para Lucien e derrube Killian. E—Saela. Proteja-a. Por favor."
Os olhos de Stark se arregalam até que tudo o que consigo ver são os brancos deles. Ele percebe o que estou prestes a fazer tarde demais. Ele avança para cima de mim, mas pela primeira vez desde que começamos a treinar, eu sou mais rápido.
Enfio a adaga no meu próprio peito.
Direto no meu coração.





47



FORTE

Não sou rápido o suficiente para pará-la. Mal rápido o suficiente para alcançá-la.

A adaga está cravada profundamente no peito de Meryn. Seu rosto instantaneamente perde cor. Enquanto ela cambaleia para trás, meus braços envolvem sua forma. Estou gritando, minha voz rouca, incoerente.

Tudo o que quero é protegê-la—dela mesma, dos outros, de coisas que mal entendemos—e ainda assim—

A sala inclina.

Há uma sensação como se todos estivéssemos caindo para cima. Não consigo tirar os olhos do corpo amassado de Meryn em meus braços, meu mundo inteiro reduzido ao ponto onde a adaga encontra sua carne, mas Noemi e Venna ofegam, e ambas caem espalhadas na minha visão periférica.

O quarto se endireita, e Meryn e eu batemos com força no chão. A adaga em seu peito esquenta e se acende, e então... desaparece.

Sangue jorra ferozmente do ferimento, criando um oceano vermelho que vai me afogar. Minhas mãos cobrem instantaneamente, como se eu pudesse de alguma forma estancar o ferimento, mas eu sei.

Eu sei. A Morte e eu nos conhecemos bem.

Ela se foi. O corpo dela está frio. Seus olhos cor de avelã estão arregalados e sem ver.

A agonia rasga meu vínculo com Cratos enquanto ele solta um uivo lamentoso, caindo para a forma prostrada de seu companheiro. Minha visão escorrega, fica turva. Um gemido surdo começa na minha cabeça, subindo nos meus ouvidos até ser tudo o que consigo ouvir.

Levemente, percebo a boca de Noemi se mexendo enquanto ela diz algo—as mãos dela no meu braço, consolando.

Eu a sacodo bruscamente. Eu não preciso do maldito consolo dela.

O calor queima atrás dos meus olhos, e eu me deito ao lado de Meryn, o vermelho violento cobrindo nós dois. Minhas mãos e braços estão escorregadios com ele. Ela floresce pela frente dela, se acumula sob ela, se espalha em um trecho escuro.

A sala está tremendo. Não. Estou tremendo.

Meryn.

O que você fez?

48



MERYN

DArkness. Não estou me movendo, não caindo mais.
Mas estou separado de mim mesmo, como se Meryn Sturmfrost fosse uma estranha. Um que eu não invejo.
E então eu o ouço. Ele sussurra palavras que não consigo entender, a respiração irregular na minha bochecha. Os braços dele estão ao meu redor, tremendo. O corpo inteiro, tremendo.
Forte. Forte.
Estou vivo. Eu estou viva, e ele também.
Recupero a consciência total de repente.
Há uma sensação desorientadora de giro por um momento e uma dor agonizante no peito. Enrolo os dedos, testando-os. Tem um líquido quente debaixo da minha mão. Meu sangue, eu percebo. Finalmente, consegui colocar meus pulmões em funcionamento.
Quando abro os olhos, meu entorno fica borrado.
Pisco rapidamente. Devagar, Stark entra em foco. Ele ainda está me segurando, rosto perto. E a angústia em suas feições me faz sentir como se eu estivesse morrendo de novo.
"Oi," digo fraco.
Ele se afasta como se tivesse levado um tapa, olhando pelo meu rosto com puro choque. A dor de momentos atrás se transforma em algo incrédulo. Sua boca se abre de surpresa.
As mãos de Stark, pegajosas com meu sangue, vêm até minhas bochechas—tão gentis, como se eu fosse desaparecer se ele me tocar com muita força. "Você está aqui?" Sua voz é curiosa.
"Estou aqui", digo, estendendo a mão para tocar sua própria bochecha por fazer.
Ele arranca o rosto do meu toque, a raiva brilhando em sua expressão.
O fato de suas emoções serem tão claras é um pouco ameaçador, na verdade—quando alguém normalmente tão firme desmorona, você realmente vacilou.
"O que foi isso?!" ele ruge.
Eu faço uma careta, e o aperto dele em mim suaviza instantaneamente. Mas sua voz não. O contraste entre os dois me deixa tonto de novo.
"Você estava morta, Meryn! Como você pôde fazer isso comigo—com a gente?

Todos nós vimos. Até Anassa—ela caiu. Ela—" A voz dele falha.
Consigo virar a cabeça para o lado, e vejo Cratos parado sobre Anassa protetoramente, olhos selvagens, lábios curvados para trás em um rosnado.
Stark fica tão irritado que para de falar completamente. As mãos dele ainda tremem enquanto me ajuda a sentar.
Eu estava morto.
Ou pelo menos eu achava que estava.
Ou, devo ter sido para a magia aceitar meu sacrifício?
O que aconteceu naquele reino das sombras? O que me trouxe de volta?
Stark me solta e se afasta, andando até seu lobo. Ele coloca a mão no focinho de Cratos, murmura algo para ele. As orelhas de Cratos se aproximam, só um pouco.
Os dois me encaram, a emoção nua ainda girando nos olhos escuros.
Eu fujo disso, desorientado demais para me envolver.
Eu procuro meus amigos. Venna e Noemi estão por perto com seus lobos. Ambos ficam longe o suficiente para que suas botas não toquem a poça do meu sangue. E nós não estamos...
Não estamos mais na câmara com o altar.
Nem estamos no subsolo, eu percebo. A luz entra pelas janelas altas e finas bem acima de nós.
Ainda assim, meu sangue mancha o chão, tão... foi aqui que eu caí. De algum jeito.
"Onde... estamos?"
Quando Venna avança, minha atenção está inteiramente nela. "É só isso?" Seus olhos furiosos estão vermelhos, as mãos em punhos.
"O quê?" Eu morro.
"O que você fez foi uma merda, Meryn!" ela grita. "Achamos que tínhamos perdido você!"
Estremeço e pressiono a mão sobre o peito. O ferimento cicatrizou completamente, mas ainda há um rasgo na minha camisa e toda a minha frente está manchada de sangue e úmida.
"Eu..." Eu começo, mas não sei o que dizer. Fiz o que precisava fazer. Era o que a câmara exigia, e pelo que nos rodeava, era o certo.
"Funcionou, hein?" Minha voz cai sem graça.
"Não, você..." Venna balança a cabeça. Sua voz falha e fica dolorida. Vulnerável. "Todos pensávamos que você estava morto." Ela enxuga uma lágrima antes que ela caia. "Morto. De novo. Eu não consigo... N-não..."
Izabel. Ela está pensando na Izabel. Claro que está. Ela só me viu morrer. Quer dizer, eu não morri. Ou pelo menos, não por muito tempo?
Mas isso não torna seu luto menos turbilhão. Ela está envolvida nisso, e a culpa é minha. Eu trouxe de volta, fresco como a primeira hora da morte de Izabel.
Consigo ver isso estampado no rosto dela.
"Desculpa," consigo dizer, mesmo que fosse repetir.
Eu faria isso. Para salvar suas vidas. Para destruir Killian.
Anassa se levanta lentamente e se sacode. Ela vai até onde eu ainda estou sentado no meu sangue. O focinho dela se aproxima, e eu a levo para segurá-la. As patas brancas enormes dela estão manchadas de vermelho com todo o sangue

que saiu de mim.
Ela também morreu? Ela viu o que eu fiz?
Vou perguntar para ela depois, quando... Quando isso acabar.
Enterro meu rosto no pelo de Anassa e encontro consolo no calor e cheiro familiares. O toque dela me tranquiliza. Isso me lembra das convicções que impulsionaram minhas ações.
As ações dela também. Ela ficou comigo até o fim. Pronta para morrer por mim, pelos nossos amigos.
"Me ajude", eu digo, as palavras carregadas de significados em camadas.
Ela enfia o nariz sob meu braço e me ancora enquanto eu me levanto trêmula. Meus dedos ainda estão um pouco dormentes, mas consigo ficar em pé se me apoiar nela. Stark dá meio passo à frente como se fosse ajudar e então para, olhando para o meu sangue.
Respiro fundo e falo. "Eu sei que você acha que eu estava sendo imprudente ou egoísta. Mas eu sabia que esse era o único caminho. Para Strategos, era pedir que eu demonstrasse minha capacidade de agir como líder e sacrificar pelos outros quando necessário. Caso contrário, todos teríamos perecido."
Stark olha abruptamente para cima. "Você não poderia ter falado com a gente? Vamos resolver isso juntos? Droga, Meryn!"
"Eu deveria ter deixado você se asfixiar, respirando gases enquanto eu explicava?" Eu surto, na defensiva.
Cratos resmunga, e Anassa mostra os dentes para ele.
"Stark," digo, tentando me acalmar. E eu olho diretamente nos olhos dele. "Se eu tivesse aproveitado aquele momento para discutir, se todos tivéssemos conversado. Você teria me deixado cravar uma adaga em mim mesmo?"
Ele fecha os olhos, mandíbula tensa.
Olho para os outros. "Algum de vocês gostaria?"
A resposta fica não dita entre nós. Claro que não teriam feito.
Fiz o que precisava fazer.
"Só..." Suspiro. "Me conte como chegamos aqui? O que aconteceu?"
Todos ficam em silêncio por um longo momento, então Noemi finalmente fala. "Quando você caiu, foi como se tivéssemos caído com você. Era estranho... Como se estivéssemos... caindo. E quando caí no chão, estávamos nessa sala. Estávamos aqui, e você estava sangrando—"
Sua voz se corta abruptamente.
Esfrego meu peito curado. "Vamos dar uma olhada. Encontre a Lágrima. Terminem isso e saiam daqui," digo, avançando.
Estou ansioso para deixar isso para trás. A emoção nesta sala é sufocante, e eu não os culpo por isso. Provavelmente eu sentiria o mesmo na posição deles. Mas isso está me deixando enjoado.
"Agora estamos no topo da torre", acrescenta Stark, voz plana como se estivesse colocando um relatório na tenda de comando. "Você pode ver o céu."
Eu percebi isso. As fileiras de janelas horizontais bem acima de nós circulam a sala redonda, deixando entrar um brilho tênue de luz solar. O ar aqui também é fresco. Não estamos mais sendo pressionados pela pedra, como naquele pesadelo subterrâneo.
"Precisamos revistar esta sala", digo, olhando pelo espaço.

Não tem ninguém aqui além de nós quatro e nossos lobos.
Algo afunda no meu peito ao perceber isso. Provavelmente é delirante, mas uma parte de mim esperava que pudéssemos encontrar a deusa no fim de tudo isso, aqui para nos guiar e ajudar. Idealmente, esperando no topo de um santuário com sua Lágrima embalada na mão estendida.
Mas tudo o que vejo são partículas de poeira girando no ar.
Será que ela chegou a estar aqui? Ou será que eu interpretei demais essa música?
Meu olhar cai para o chão, e minha testa se franze. Na visão... Eu vi a Lágrima. Era em uma sala circular, como aquela, mas havia azulejo no chão. Um belo mosaico.
Eu caminho até uma parte do chão que não está encharcada de sangue e esfrego com a manga.
Lentamente, poeira e sujeira começam a se soltar, revelando um padrão de azulejos giratório igual ao que vejo.
Então é aqui. Ou pelo menos estou onde a visão me mostrou. Mas onde está a Lágrima?
"Eu vi algo assim quando usei minha previsão", digo, as palavras hesitando. "Havia um cômodo com belos azulejos trabalhados. E a Deusa Lágrima estava no centro disso, esperando."
Mas isso não parece a visão. O chão está tão sujo. E o sangue. Tem tanto sangue, mais do que eu achava que meu corpo poderia aguentar.
Meu estômago revira ao sentir um pequeno gosto do que deve ter sido para Stark e os outros me verem morrer e sangrar até morrer.
Eu bloqueei essa imagem.
Stark, Venna e Noemi estão de olho em mim, como se eu soubesse o que fazer a seguir.
"A Lágrima deveria estar aqui. Deveria ser..."
Caminho até o centro da sala, onde meu sangue coagulando ainda obscurece o chão abaixo.
Rasgando uma longa tira de tecido da parte de baixo da túnica, limpo o sangue, procurando. Onde diabos está?
Olho para todos, ainda agachados no chão.
"Eu não entendo..."
Noemi me olha impotente. As feições de Venna estão fechadas, distantes. Stark apenas me encara.
Esperando. Esperando eu fazer algo. Mas o que mais eu posso fazer?!
Eu morri por essa Lágrima, pelo amor de Deus!
Sento e depois deito, sem me importar que estou sujando sangue no cabelo e nas roupas de novo.
Olho para o teto lá em cima, o coração disparado.
Foi tudo em vão? Ou... será que Killian chegou primeiro, de alguma forma? Ele tem?
Estou exausto. Não consigo pensar. Nem consigo me mexer.
As palavras de Stark voltam à minha mente então:
Como você pôde fazer isso comigo?
Antes que eu possa me controlar, começo a chorar. No começo, são apenas algumas lágrimas pressionando atrás dos meus olhos, mas então, com um

suspiro, começo a soluçar.
Não sei o que estou fazendo. Nunca soube o que estava fazendo. Eu apenas agi confiante e esperava que o mundo se encaixasse de acordo.
E agora eu os trouxe para cá, bem longe de todos que precisam de nós.
Por quê? Falhamos.
Os sons dos meus soluços ecoam no espaço redondo, patéticos e constrangedores. Lágrimas escorrem pelo meu rosto.
Meus olhos estão apertados, então não percebo isso acontecendo de imediato. Venna prende a respiração. "Meryn..."
Abrindo os olhos, pisco para afastar as lágrimas, lutando para recuperar o fôlego, e me levanto em um assento.
No começo, eu não sei o que estou vendo. É como se o quarto estivesse girando diante dos meus olhos, vermelhos profundos e roxos desaparecendo e novas cores girando juntas. Estou prestes a desmaiar?
Então a imagem se resolve na minha mente.
O sangue ao meu redor está se dissipando. Cada vez que uma lágrima a atinge, mais azulejos se desfaçam, girando ao meu redor e transformando o chão em um arco-íris brilhante de um mosaico colorido.
Puxo o ar e me levanto de um jeito.
Mais magia?
Outra lágrima escorre do meu queixo, descendo até o chão.
Maravilhada, observo enquanto o último sangue limpa, e as telhas ao meu redor giram para trás, como uma flor se abrindo. Ali, bem no centro do mosaico. Assim como na minha visão.
A opala.
Meus dedos pairam sobre ele. Ao longe, ouço os outros dizendo algo. Mas meus sentidos estão presos, olhando para a superfície da Lágrima.
Abaixando a mão, hesitei, lembrando das visões que acompanharam ambas as Lágrimas nas coroas. Não tenho forças para presenciar uma dessas agora.
Talvez depois de dormir por uns dois dias.
Resignado, arranquei outra tira da minha roupa. Depois uso para cobrir meus dedos enquanto os fecho ao redor do Tear.
Me preparo para uma visão, mas ela não vem.
Então. Ou não vai acontecer com essa, ou eu estava certo, minha pele precisa entrar em contato com a gema.
Eu me viro para encarar meus amigos, Lágrima na mão, e a levanto para que eles vejam.
"Está na hora de sair daqui", eu digo a eles.
A reação é contida. Noemi parece um pouco encorajada. Venna só me encara. Stark se vira, monta em Cratos e começa a se dirigir para a única porta do quarto.
Saímos em silêncio. Até os ombros de Anassa estão caídos, suas patas ensanguentadas arrastando-se.
A descida pela torre é confusamente mundana. Lutamos tanto para chegar ao topo—por qualquer magia estranha que nos elevasse para aquela câmara. Eu esperava que a descida fosse igualmente mística.
Mas, no fim das contas, tudo o que realmente precisamos fazer é andar. Há até

janelas com fendas verticais na pedra, colocadas periodicamente ao longo da espiral descendente para que não sejamos mergulhados de volta na escuridão.
Quando finalmente emergimos para a costa rochosa da ilha, tudo é diferente. A névoa que envolvia a ilha quase se dissipou, e o navio de Lucien está ancorado em águas calmas logo ao largo da costa. Seu casco está completamente intacto, exceto pelo longo arranhão na lateral causado pelo nosso primeiro encontro com as pedras.
Parece que acabou de navegar por mares perfeitamente parados.
Elias se inclina sobre o corrimão do convés mais alto, acenando. "Achamos que vocês deviam ter encontrado algo! Cerca de dez minutos atrás, tudo simplesmente se resolveu. A névoa havia desaparecido, e as pedras se tornaram navegáveis. Conseguimos passar sem nenhum problema."
Olhando para Noemi, lembro como as ondas quase a levaram e me sinto um pouco amarga. Sei que os desafios que acabamos de enfrentar foram feitos especificamente para que pessoas como Killian não pudessem alcançar a Lágrima, mas odeio que meu povo tenha sofrido tanto por isso.
Sei que minhas ações também contribuíram para o sofrimento deles. Eu engolo minha culpa.
Lucien aparece no corrimão, se apoiando nele como um grande gato tomando sol. "Como foi a expedição?"
Noemi resmunga. "Bem, Meryn morreu, mas fora isso tudo bem."
Cerro a mandíbula brevemente antes de levantar a Lágrima da Deusa para todos verem, minha mão ainda envolta em pano para não tocar minha pele.
A gema capta a luz do sol e faz arco-íris dançarem sobre a água.
"Um sucesso", eu digo.
Enquanto caminhamos sobre nossos lobos gigantes na onda e começamos nossa nado igualmente agradável de volta ao navio, meus olhos se erguem e encontram os de Lucien. Ele não diz nada, apenas me observa, com a expressão plácida.
Mas consigo sentir o cálculo do Rei Sifão por trás do olhar e no leve toque do dedo no corrimão.
Com essa Lágrima adicional em minha posse, estou consciente de que o equilíbrio de poder entre nós mudou. Agora tenho três das sete Lágrimas, e ele tem apenas duas.
Ele vai deixar esse desequilíbrio permanecer?

49



MERYN

O Assim que estamos de volta no navio, nos reunimos para considerar nosso próximo passo. Tentei consultar a previsão, mas as únicas visões que tive foram redemoinhos confusos de sombra.

Nada útil. Nada direcional. Talvez eu esteja cansada demais depois do que acabamos de passar.

Todos nós sentamos no convés em vários estágios de exaustão, nossos lobos gigantes desabados em poças de pelo sob o sol agora escaldante. Lucien dá a Elias o controle do leme para que ele possa se juntar a nós no convés para conversar.

"Não é óbvio para onde vamos agora?" Noemi pergunta.

Ela não parece mais irritada, o que é um alívio bem-vindo de Stark e Venna. Ambos ainda mal olham na minha direção.

Venna concorda, mordendo o lábio inferior. "Estamos perto de Blumenfall, para onde o resto dos Vinculados foi. O último feudo ainda leal a Meryn. Podemos nos juntar a eles lá e usar a Lágrima para derrubar Killian?"

Há uma dor na voz dela — ela quer estar de volta com nossos amigos e companheiros Vinculados, ajudando-os na hora de necessidade. Não a culpo.

Talvez seja hora de tomar uma posição agora que temos outra Lágrima. Como posso me chamar de rainha deles se não voltar para ajudá-los?

Só resta uma Lágrima não reclamada. Certamente, a combinação dos cinco que temos aqui pode ser suficiente para derrubar Alistair—e Killian—?

"Não vamos para lá", diz Lucien atrás de mim.

Eu me viro para olhar para ele. Sua boca se curva diante do meu olhar, divertido com minha raiva. Irritante.

"E isso seria porque...?"

"Esta é minha nave, e o que eu disser vale", ele diz.

"Você soa cada vez mais como um príncipe mimado a cada dia," respondo, afundando nos cotovelos e fechando os olhos por um momento.

"Na verdade, sou um rei mimado." Ele se afasta do corrimão para se aproximar do resto de nós onde estamos sentados. "Blumenfall está fora."

"Por quê?" Stark pergunta, voz fria, levantando-se para encarar Lucien. "Quanto mais demorarmos, maior a chance de o usurpador Sifão descarregar toda a força

de seu poder sobre nossos últimos aliados restantes. Killian contou a Meryn que Alistair os atacou inicialmente para puni-la. Com certeza, ele quer ver isso até o fim. Devemos agir enquanto ainda temos forças para isso. Ou esse foi seu plano desde o início, adiar nosso retorno indefinidamente até que não reste mais força em Nocturna?"
Lucien se vira para encará-lo, os olhos brilhando. "Calma, garoto-lobo. Estou aqui ajudando sua rainha a encontrar o poder que precisa para aniquilar seus inimigos e recuperar seu trono, não estou? Posso lembrar novamente que você está no convés do meu navio?"
Nossos lobos se interessaram pela conversa agora que o conflito está começando, embora todos ainda estejam recuperando o ritmo do mar após nosso alívio das ondas agitadas. Cratos cuidadosamente se apoia em quatro patas, caminhando para ficar ao lado de Stark. Dois pares de olhos maliciosos lançam olhares fulminantes para o Rei Siphon.
Eu deveria intervir, mas minha mente exausta está travando até parar. Tenho dificuldade para encontrar energia até para ficar de pé e acabar com a briga deles.
Para minha surpresa, Venna interrompe, se colocando entre Lucien e Stark.
"Para com isso", ela diz calmamente, e sua repreensão casual baixa a temperatura alguns graus. "Podemos todos fingir ser adultos por um segundo? O que você propõe que façamos a seguir, Lucien?"
Lucien caminha em minha direção, agacha-se ao meu lado e pousa a mão no meu ombro. O toque é desnecessário. Ele claramente ainda está tentando provocar Stark.
"O domínio de Alistair sobre magia de Sifão foi suficiente para derrubar a Rainha Chiara Sturmfrost no auge de seu reinado. Ele teve quinhentos anos para aperfeiçoar sua magia corrupta, acesso ao próprio poder de Meryn, sem falar em uma dessas Lágrimas da Deusa também. Uma joia que induz subserviência, dobra a vontade de seus inimigos até que adorem a seus pés, se acreditarmos em Killian."
"Certo," digo secamente. "Mas temos cinco das Lágrimas, mais sua magia e a minha. Se você tem medo de confrontar seu irmão, Lucien, fico mais do que feliz em pegar seus dois e cuidar dele eu mesma. Com esse tipo de poder de fogo, eu poderia eliminar o Killian da face da terra."
O rosto de Lucien fica selvagem, suas presas se estendendo. A máscara brincalhona e descontente que ele costuma usar vai para o lado. "Não. Isso não está em cogitação."
Suspiro. Claro que não. "Você não quer que isso acabe?"
"A confiança entre nós só vai até certo ponto", retruca Lucien. "Você ouviu seu amiguinho soldado aqui"—ele aponta para Stark, cujo rosto fica pétreo—"ele estava pronto para se voltar contra mim há segundos. E agora espera que eu entregue minha coroa e meu colar de opala, dois dos objetos mágicos mais poderosos de toda a história de Astreona? Não. Devemos voltar para o meu reino."
Jogo as mãos para o ar. "Por quê?!"
"Porque podemos reunir minhas tropas antes de entrar em Nocturna. Alistair pode ainda estar procurando a Lágrima final, mas não sabemos o que ela faz.

Melhor entrar com um exército inteiro atrás de nós." Ele pausa, sorri. "Depois que nos casarmos, é claro."
Gaguejo indignada. "De jeito nenhum, Lucien. Peço desculpas se não fui claro o suficiente sobre isso, mas não vamos nos casar. Nunca. Prefiro enfrentar o Killian sozinho e falhar do que me condenar a uma vida ao seu lado."
Ele suspira e arrasta os olhos para Stark. "Isso é sobre ele? Certamente você deve ver que isso faz sentido politicamente de outra forma. Eu não me importaria se você tivesse um amante. Na verdade, sou um oportunista igualitário. Eu receberia vocês dois na minha cama, se quiserem."
A raiva cresce dentro de mim. Ele está fazendo piada de tudo, mas eu sou quem tem amigos morrendo nessa guerra.
Sem perceber, enfiei a mão na bolsa no quadril e estava apertando o Lágrima da torre na palma da mão. O tecido que enrolei nela escorregou, e a ponta da opala morde dolorosamente minha pele.
O calor do ópala cresce... e começa a queimar.
Eu ofego, puxando a mão da bolsa e encarando a gema na minha palma. Enquanto faço isso, uma banda que estava bem tensa dentro de mim se rompe e se quebra.
Sombras voam da minha palma na direção para onde minha mão apontava.
Em direção à torre.
No meio da água, as sombras começam a se distorcer e mudar. A cena é, de alguma forma, ao mesmo tempo bonita e nauseante. É como olhar para a poça do meu sangue na torre quando evaporou e deixou o mosaico deslumbrante para trás.
O que está acontecendo?
A escuridão suga a magia até que não sejam mais ondas de luz multicolorida, fractais de cores, correndo de cabeça para a ilha.
Meu queixo cai.
Os feixes de energia — seja lá o que forem — atingem a torre, e há um som alto como o tilintar de um sino. Mesmo a essa distância, na água, o som é tão alto que faz meus tímpanos doerem.
Os lobos gigantes esfregam as orelhas, choramingando. Elias desce correndo para o convés, os olhos arregalados.
Por um momento, nada mais acontece.
Então a ilha começa a mudar.
Onde só havia pedra e musgo teimoso, plantas aparecem, se enroscando e se perseguindo como se estivessem correndo para chegar primeiro à torre. Enormes cordas de hera e algumas trepadeiras com enormes flores vermelhas giram pelas laterais da torre, como o vermelho de um palitinho de hortelã-pimenta.
Em poucos momentos, a ilha rochosa e desolada se torna um paraíso tropical e exuberante. Árvores que deveriam levar décadas para crescer altas brotam e brotam, dando frutos instantaneamente. Podemos até ouvir os chamados animados do canto dos pássaros ecoando pelas ondas.
"Que porra é essa," sussurra Noemi.
Lucien agarra meu pulso, puxa a Lágrima da minha palma e a segura contra a luz. "Esse era um poder que você já tinha? Ou foi isso que causou isso?"
Engolo em seco, tentando entender o que estou vendo. "Eu... não sei o que

aconteceu."
Esse definitivamente não era um poder que eu já tivesse. Eu simplesmente criei algo do nada.
Criar...
Respiro fundo, os olhos voando para Venna, Stark e Noemi. "A coroação," consigo dizer em meio ao choque.
Os três apenas piscam para mim, confusos. Começo a andar de um lado para o outro, a certeza crescendo dentro de mim. "Durante minha cerimônia de coroação, tive que realizar esses ritos com a Mãe Sacerdotisa. Ela me repetiu repetidas vezes. Nunca vou esquecer as palavras."
Aponto para a testa. "Com meu poder, governarei por todos. Duas vezes." Aponto para a testa de Lucien. "Duas coroas." Meu dedo vai até os lábios. "Com persuasão, falarei a todos."
Os olhos de Lucien brilham. Ele está entendendo, mesmo que os outros três ainda pareçam perdidos.
Levanto minha mão direita em direção a ele, a que ainda segura a Lágrima. "Vou colocar meu povo em primeiro lugar enquanto crio." Então levanto a mão esquerda. "E destruir."
"Porra," Stark diz em um rosnado baixo.
Aponto para o esterno em seguida. "Meu coração buscará proteger, não ferir. Duas vezes. Dois colares." E aponto para o esterno do Lucien.
Lucien começa a rir. Venna se aproxima rapidamente, segurando minha palma direita enquanto inspeciona a Lágrima. "Você realmente acha...?"
"Sim," digo, com a boca seca. "Acho que foi um mapa o tempo todo. O que significa que a Lágrima Final tem o poder de—"
"Destruição," Lucien termina. Há uma ansiedade faminta no rosto dele que me alarma.
"Destruição", concordo. "Então você está certo, Lucien. Não podemos ir para Blumenfall. Mas também não podemos voltar para Astreona. Se Killian e Alistair ainda estão procurando essa Lágrima final, precisamos encontrá-la antes deles, ou estamos todos condenados."



Após essa descoberta sombria, todos nós vamos para nossos aposentos para descansar. Stark ainda mal olha na minha direção, e eu observo suas costas se afastando enquanto ele vai para seu quarto de dormitório sem mim.
Sinto uma pontada no peito. "Será que ele algum dia vai me perdoar pela torre?" Pergunto para Anassa.
"Dê tempo a ele", diz Anassa sonolenta de onde está acomodada com Cratos no convés superior. "Descanse um pouco."
Meu pequeno quarto de madeira está silencioso, exceto pelos rangidos e gemidos do navio ao meu redor. Eu me enfio na minha cama. Cada músculo do meu corpo inteiro está exausto. E ainda assim meu cérebro se recusa a se acalmar, girando e girando em torno do significado das Lágrimas.
Passos soam do lado de fora da minha porta, abafados pela madeira escura. Eu

me reviro na cama e fecho os olhos, me forçando a adormecer. Mas então minha porta se abre, sem bater.
Stark entra na sala, sua presença engolindo o que resta da luz.
"Você está aqui," eu digo meio tolo.
Ele fica no batente da porta, examinando o conteúdo do meu quarto. Desde que estamos no barco, dormimos no alojamento dele em vez do meu. Ele não precisou pisar aqui, e percebo na hora que ele não gosta do que vê.
Todo o conteúdo da bolsa que trouxe foi virado para o chão — que não é mais visível. Em minha defesa, nem tinha muito chão para começar. A poltrona pequena do quarto está cheia dos diários da minha mãe e do livro sobre as Rainhas do Sturmfrost. E a cômoda slim tem várias peças penduradas por cima, tapando as gavetas.
O rosto já carrancudo de Stark escurece.
"Ok, sabe de uma coisa, eu não te convidei aqui, então poupe-me do julgamento," digo com um tom salgado.
Ele cruza os braços sobre o peito largo. "Eu não disse nada."
"Você não precisava. Consigo ouvir seus pensamentos, e nem estamos mentalmente conectados agora."
Em três grandes passos — evitando cuidadosamente pilhas de roupas — ele chega ao meu lado da cama. "Dá um passo para o lado."
Stark tira a camisa e então, para meu choque, a deixa cair na minha bagunça. Ele mal faz uma careta ao fazer isso. Ele deixa a calça de dormir e me olha com expectativa.
Deslizo até a parede, criando espaço no colchão para ele. "Vamos falar sobre—"
"Não," ele me interrompe, dobrando seu corpo enorme ao meu lado no espaço apertado. "Agora não."
Suspiro, olhando nos olhos escuros dele. Levantando a mão, afasto uma mecha do cabelo dele do rosto e resisto ao impulso de beijá-lo. "Então por que você está aqui?"
"Porque nós dois precisamos dormir, e eu não conseguiria descansar sabendo que você está aqui sozinha, possivelmente acabando naquele reino das sombras com ele."
Ele passa um braço pesado na minha cintura, e não há nada de sexual nisso; Não caberíamos bem nessa cama a menos que estivéssemos próximos.
Minha garganta aperta. Ele está tão bravo comigo que nem quer falar comigo, e mesmo assim, ele está aqui. Mesmo assim, ele está cuidando de mim.
"Ok," digo baixinho, pressionando minha testa contra o peito quente dele, respirando seu cheiro âmbar profundo.
E na minha cabeça, penso: Você é a melhor coisa que já me aconteceu.
E: Você me faz querer me tornar uma pessoa merecedora de tanta devoção.
E: Se eu sou sua razão certa, você também é a minha.
Não sei se vou mandar as palavras na direção dele, mas enquanto entro em um sono perfeito e sem sonhos, tenho certeza de que a mão dele acaricia minhas costas.



Não é exatamente o nascer do sol quando acordo; A luz do lado de fora da vigia é o azul-acinzentado do início da manhã. Exceto que, eu percebo, está cinza porque está chovendo. Em algum momento da noite, Stark e eu mudamos de posição. Ele está completamente debaixo de mim agora, e eu estou dormindo em cima dele como se ele fosse o colchão.
O mar abaixo de nós está um pouco agitado por causa da tempestade. Deve ter sido uma onda que me despertou assustado.
Procuro mentalmente por Anassa, que me sente e responde sem palavras dizendo que está segura. Ela e os outros lobos estão protegidos no convés inferior, fora da chuva.
Outra onda atinge, balançando a sala para frente e para trás.
Me balançando para frente e para trás em cima do Stark.
Foi assim que descobri que ele é muito, muito duro.
O eixo dele desliza entre o ápice das minhas coxas, e mesmo através da calça de dormir, consigo senti-lo completamente. Um pequeno som carente escapa da minha garganta.
Isso está errado. Não vou esfregar um homem dormindo.
Apoiando meu peso nas mãos, me levanto suavemente para poder me afastar dele sem incomodá-lo. Mas eu não vou longe.
Uma das mãos de Stark vai até o meu quadril, pressionando forte meu osso. A outra se enrola no meu pescoço e nas tatuagens que ele colocou ali, apertando suavemente enquanto me puxa de volta para cima dele. Seus olhos ainda estão fechados.
Ele está... Dormindo?
"Forte", sussurro. Nada. "Forte."
O barco balança de novo, e a mão no meu quadril me pressiona forte contra ele.
Eu gemo, impotente.
Ao ouvir isso, seus olhos finalmente se abrem de repente—atordoados pelo sono, mas já aquecidos. Ele me guia pelo comprimento dele de novo, e eu engoli outro gemido.
"Ainda não conversamos," protesto sem muita vontade. "Você está bravo comigo."
"Estou?" Sua voz é rouca e baixa. Stark encaixa os quadris nos meus, e eu gemo de novo enquanto o calor cresce no meu centro. "É isso que você pensa, Meryn? Conecte-se comigo. Deixe-me te mostrar."
A mão no meu pescoço afrouxa enquanto ele acaricia minha pele. Fechando os olhos, busco a conexão mental que existe entre nós, aquela separada dos nossos lobos e do vínculo de companheiros deles.
Estamos só meio acordados, e demoro um pouco, mas eventualmente tudo se encaixa. Estou tanto nele quanto em mim mesma, e consigo sentir suas emoções tão profundamente.
Minha respiração falha na garganta. Não é raiva. É um coração partido.
Ele me empurra uma lembrança. Eu, coberto por um rio de sangue, a adaga no peito. Eu me vejo pelos olhos dele, e é tão horrível.
Estou morto. Estou realmente morto. Minha pele perdeu toda a cor. Não estou respirando.
As mãos de Stark, vermelhas com meu sangue. Ele está tremendo. Ele pensa que

ele me decepcionou — no fim, ele não conseguiu me proteger afinal. Esse tem sido o pior medo dele: que eu escolhesse fazer algo comigo mesmo que ele não conseguisse parar.
E isso aconteceu, mesmo enquanto ele vinha me protegendo de—
Vejo outra memória através dos olhos dele. Eu, vivo e limpo, sentado no convés do barco enquanto tento descobrir para onde ir a seguir. Eu sou tão bonita na mente do Stark. Meu cabelo prateado brilha sob a luz do sol. O coração dele se aperta enquanto a visão percorre meu rosto.
É difícil acreditar que estou aqui, depois do que ele viu há poucas horas. Mesmo agora, ele me olha e tudo o que vê é aquela adaga no meu peito, aquele sangue nas mãos dele.
Ele não está acostumado a sentir medo. Eu o assusto, a vastidão dessa coisa entre nós.
Respiro fundo para me acalmar e então travo o olhar nele. É vertiginoso, nossa visão ainda se dobra. "Você não me decepcionou."
"Sim, eu disse," ele responde imediatamente. "Eu deveria ter sentido o que você estava fazendo; Eu deveria ter te impedido antes—"
"Não," o interrompi. "As escolhas dos outros nunca são suas falhas. É importante que você saiba disso. Tomei uma decisão que considerei certa. Eu faria isso de novo para salvar vocês três. Para dar um futuro ao nosso país. Essa foi minha escolha, e foi um privilégio para mim fazê-la."
"E é um privilégio ser sua protetora, princesa," ele murmura. "Por que você está tão ansiosa para me negar isso?"
Coloquei minhas mãos no rosto dele, a barba por fazer áspera sob minhas palmas. Então me inclino até nossos lábios quase se tocarem. "Eu nunca te negaria nada. Você precisa ver isso."
Ele se aproxima para me beijar, e eu sinto tudo—sentindo nossas bocas juntas. Provando seu hálito e respirando-o. As mãos dele nos meus quadris e a maciez da minha pele do ponto de vista dele enquanto desliza uma palma para cima no meu pijama.
Stark se move rapidamente e nos vira para que eu fique preso embaixo dele. Então ele ajeitou minha camisola até a cintura e puxou minha calcinha para baixo, jogando-a no chão. Ele tira seu corpo grande da cama, ajoelhando-se no chão.
"Não te deixa meio louco não pegar isso?" Eu zoo ele.
Os olhos de Stark encontram os meus, seu olhar quente e faminto. "Vou te mostrar o que me deixa louco."
Ele puxa minhas pernas sobre os ombros e se inclina para o meu centro. Estou nele e em mim mesma; Consigo sentir tanto o peso das minhas coxas quanto dele debaixo de mim.
O hálito quente dele está no meu centro, mas também sou eu quem expira.
Coloquei a mão na testa dele, impedindo-o. "Espera. Isso é muito estranho. Não é?"
"Achei que você tinha dito que nunca me negaria, princesa. Não me negue a chance de te mostrar como você está, como você gosta. Como você se sente comigo."
Soltando uma risada surpresa, digo: "Sabe de uma coisa? Que se dane. Sim, vai

em frente."
As palavras mal saem da minha boca, e a língua do Stark está sobre mim.
Que porra é essa.

50



MERYN

É uma explosão imediata para nós dois.

O prazer é avassalador por si só, mas estar na mente de Stark quando ele entrega isso — é tanto, tanto.

Não consigo pensar. Tudo que posso fazer é sentir.

O calor da língua úmida dele, acariciando suavemente meu clitóris, provocando. Os fogos de artifício da sensação, meu corpo derretendo. E o próprio prazer de Stark em resposta ao meu.

A sensação dele ficando duro, a excitação dele como fogo se movendo por ele, o pau se esforçando enquanto ele prova o quanto eu estou pronta para ele. Eu gemo e fecho os olhos com força. É quase demais.

Ele para com a boca contra mim, e eu sei, sem perguntar, que o tumulto do nosso prazer indo e voltando entre nós também é excessivo para ele. Mas então ele começa a se mexer de novo, começando com pequenos e lentos movimentos da língua.

O cio me invade, pontadas agudas de prazer tão intensas que quase parecem dor. Estou dentro dele e em mim mesma quando a língua dele me acerta do jeito certo e meu corpo inteiro derrete.

Ele adora muito que é ele quem está me deixando tão louca, e esse conhecimento me irrita ainda mais.

Ele pausa, então começa de novo, lambendo lentamente aquele ponto perfeito até eu atingir aquela onda de prazer. Então ele se afasta.

Devagar, gentilmente, dolorosamente. Pausa. E de novo. Pausa. E de novo.

Estou me afogando nisso: a sensação dele me mantendo naquele pico, bem ali, de intensidade, mas mantendo devagar, tão devagar. Para que eu nunca tombasse, só balançasse ali, meu corpo se desfazendo sob a boca dele.

A língua dele é minha enquanto faz isso comigo, e a satisfação embriagante dele é minha. Uma sensação deliciosa percorre meu corpo, crescendo e crescendo sem liberação, ecoando em nós dois.

Ofego com o gosto de mim mesmo sob a boca dele, ácido e doce como os morangos da estufa do castelo misturados com um delicado vinho branco de brasa.

"Meu sabor favorito," a voz dele ressoa na minha mente, e eu gemo, lambendo

meus próprios lábios.
Eu conheço as ações dele antes mesmo de ele fazê-las. Há um instante de expectativa antes que ele mexa a língua de novo, e então me faça esperar, de novo. E então, porra—
No momento em que decide se abaixar e se tocar por baixo da calça, a mão acariciando com força. Deusa, é tão bom, tão bom.
Ele compartilha imagens comigo então, do que fará comigo quando eu gozar, do calor úmido de mim, da sensação que vai sentir quando ele entrar —
Estou chorando, gemendo e me contorcendo, inconsciente de qualquer coisa além de estar na mente do Stark e no que ele está alimentando em mim.
Eu sei o segundo antes dele levantar a outra mão para me tocar. Sentir sua própria excitação enquanto seus dedos passam levemente pelas minhas dobras, girando pela minha boceta pingando, depois circulando minha entrada com as pontas dos dedos.
Vai com calma, aproveitando cada sensação que o toque dele causa no meu corpo. Mergulhar um dedo indicador, sentir meu aperto ao redor dele, sentir a mim mesma como se eu fosse ao mesmo tempo cheia e faminta por mais.
A língua dele se afasta por um momento, e eu grito pela perda dela. Mas então ele empurra um segundo dedo dentro de mim e lentamente curva os dois dedos, só um pouco, depois puxa para fora, pressionando minhas paredes enquanto eu aperto ao redor dele.
Ele está aprendendo a sensação de cada ponto dentro de mim, memorizando o que isso faz comigo, o calor que me invade enquanto ele curva os dedos de novo, um pouco mais desta vez, e arrasta as pontas dos dedos para baixo. Enquanto quase levito com a sensação.
Os dedos dele me deixam, e eu sou insensata demais para formar palavras em voz alta. Mas ele está bem na minha cabeça, sabendo o que eu gostaria de poder dizer. Sua diversão é como uma carícia.
"Tudo bem, princesa?"
"Foda-se tudo, Stark, você sabe exatamente o que está fazendo comigo," consigo dizer.
Stark se masturba, sua excitação e a minha se misturando até eu não conseguir distinguir um do outro.
Ele está ofegante agora, se aproximando para me puxar mais perto, e então rosna e inclina a cabeça de volta até o ápice das minhas pernas, a língua acariciando rápido e perfeitamente naquele ponto ali. Ele enfia os dois dedos de volta em mim, rápido e forte — e então puxa para trás.
"Eu preciso—eu preciso—" Meus pensamentos estão em pedaços, palavras fora de alcance.
"O que você precisa, Meryn?", ele diz em voz alta. Eu estou no movimento da boca dele e odeio que não esteja no meu corpo. Eu chorava, sem sentido, no limite, sentindo a mão dele subir e descer pelo pau, profundamente consciente de como ele é duro para mim.
Não consigo juntar as palavras, só ofego. Mas Stark sabe. Ele sabe exatamente o que fazer para me levar até o pico, e faz isso. Seus dedos, sua boca, o toque suave dos dentes no meu clitóris.
Aquela pressão crescente de prazer, necessidade e o acúmulo até que—

Ele desacelera de novo. Estou chorando agora, lágrimas de prazer, frustração e desejo que escorrem pelas minhas bochechas e caem no colchão.
"Por favor, Stark," imploro em nossas mentes.
"Por favor, o que foi, princesa?" ele responde, a língua de volta no meu clitóris, e lentamente empurra os dedos de volta para dentro de mim enquanto eu soluço e tremo sob ele. "Quero ouvir você dizer."
O prazer é tão intenso que quase parece dor neste ponto, meu corpo inflamado de desejo, à beira da beira há tanto tempo.
"Por favor, me deixe gozar," reclamo, a dignidade sumida.
Em resposta, ele prende a boca ao meu clitóris e suga, ao mesmo tempo adicionando um terceiro dedo para que eu fique esticada ao redor dele, tão cheia.
Eu me desfaço.
Eu me despedaço em um milhão de pedaços, meu corpo uma explosão de prazer que apaga minha visão. A mão de Stark segura firmemente a base do pau dele enquanto ele o cavalga comigo, a boca gemendo contra meu clitóris enquanto meu orgasmo continua sem parar.
"Continue se tocando," eu meio ofego para ele na minha cabeça, e ele faz isso. E meu orgasmo, impossivelmente, continua. Ele está tão perto de explodir, e isso mantém meu próprio prazer no auge infinitamente.
"Stark," digo em sua mente, "Stark, oh, deusa, Stark." Ele ofega, mordendo forte o lábio inferior para não gozar. Tudo isso enquanto ele se dá prazer para mim, me dando seu prazer como se fosse meu, para que eu ainda esteja caindo livremente no meu clímax, com uma sensação sem fim.
Só quando começo a descer ele coloca as duas mãos nos meus quadris, me puxando para a beirada da cama para que minhas pernas fiquem montadas nele. O pau dele encontra aquele ponto de prazer, e o choque que ele dá para nós dois ao mesmo tempo me levanta de volta até eu começar a me debater e gemer de novo.
"Por favor, sim, por favor, por favor, por favor," imploro, e ele está bem ali na minha mente, ciente de quão impossivelmente perto estou do limite de novo.
Ele não pode me negar, não mais. Com uma mão, ele se posiciona contra minha entrada, e então perco a noção da realidade por um momento enquanto ele entra.
Quente, molhado, apertado, ele já está tão perto—
Stark se retira e então penetra novamente. Ele está dentro de mim e eu estou dentro dele, enquanto minhas paredes escorregadias apertam ao redor do pau dolorido dele. O prazer é ofuscante, ele está quase—
Ele acelera o passo; Agarro minhas pernas ao redor dele. Que porra é essa. Eu não sabia que era possível se sentir tão bem—
"Porra, Meryn!" Stark grita, e eu volto ao lado dele, uma tempestade de fogo sacudindo meu corpo.
Ele me bate mais uma vez, duas vezes, e me inunda com sua orgasmo. Estou na mente dele, afogada no êxtase enquanto ele goza mais forte do que nunca. O prazer dele e o meu nos unem cada vez mais até que eu não sinto mais nada.
Ondas brancas e quentes o atingem, nós dois tremendo, lutando por ar diante da intensidade.
Devagar, minha mente volta, ainda unida à dele, e por um segundo nenhum de nós consegue formar palavras. O calor e a felicidade compartilhada do que

acabamos de fazer passam por nós dois em pequenos sustos, e Stark me envolve nos braços e me pega do beliche, tudo isso enquanto nos mantém unidos.
Ele me gira cuidadosamente até conseguir deitar no pequeno colchão do beliche, com eu montado em cima dele. Eu desabo no peito dele e quase perco o controle de novo quando o pau dele se contrai dentro de mim.
"Meryn," ouço Stark dizer suavemente. Minha cabeça está pressionada contra o peito dele, e o batimento cardíaco dele vai desacelerando gradualmente.
Ele levanta uma mão lânguida até meu cabelo, acariciando, deslizando os dedos pelas minhas costas.
"Mm-hmm," respondo, me aninhando ainda mais perto.
"Da próxima vez que sentir vontade de se sacrificar, só lembre do que você estaria abrindo mão", ele diz, e eu resmunga.
"Ninguém pode morrer até termos tido a chance de fazer isso pelo menos mais cem vezes", concordo.
"Cem mil", ele rebate, e eu sorrio contra o peito dele.
Deixamos nossas mentes entrelaçadas enquanto ficamos deitados, dois corações batendo, dois peitos subindo e descendo com a respiração. Eu sei o momento em que ele adormece.



Na manhã seguinte, todos nos reunimos novamente no convés, olhando para a ilha verde e exuberante que antes era árida. A torre agora está quase escondida pelo verde. O foco de todos continua voltando para a explosão da vida, como se, ao olhar para a ilha tempo suficiente, ela fosse revelar seus segredos.
Lucien está no convés superior. Seus braços estão cruzados nos pulsos, apoiados no corrimão. Suas roupas escuras caem de um alfinete dourado no ombro e caem sobre a longa linha do corpo. Seu cabelo e pele pálidos brilham sob o sol da manhã.
Lucien claramente pretende que sua figura seja atraente, mas são seus olhos que roubam minha atenção. Ele encara a imensidão infinita de água através de olhos que combinam com as ondas em tonalidade. Tenho dificuldade em entender o que está escondido atrás do olhar dele.
Ele não parece convencido ou divertido. Ele não parece frustrado ou irritado.
Ele parece... vazio.
"Lucien", digo, subindo as escadas para ficar ao lado dele.
Ele nem vira a cabeça. Eu me junto a ele, encostado no corrimão. O som constante da espuma da água abaixo de nós preenche o ar.
Meu enjoo ainda não voltou. Talvez seja a magia da nova Lágrima. Se for o caso, nunca vou desistir.
Desisti de tentar ler a mente dele. "Então, estamos de acordo sobre o que fazer a seguir?"
Seus olhos cortam para mim. "Bem, já que está bem claro que se casar comigo pela força do meu exército e pelo sentido político que isso faria não está no topo das suas prioridades—"
Levantando a mão, eu digo: "Cala a boca, antes de te jogar desse barco passa

para o topo das minhas prioridades."
"Precisamos encontrar a última Lágrima."
Eu assinto. "Killian e Alistair não conseguem colocar as mãos no poder da destruição. Mas precisamos descobrir onde ele está primeiro. O que é um mistério total para mim. A menos que você esteja guardando alguma informação crucial que está guardando para este momento?"
Ele está em silêncio. Seus cabelos esvoaçam ao vento, fios prendendo nos galhos da coroa.
Acho que isso é um não.
Suspiro. "Você já teve uma visão da Lágrima que usa como colar, como as visões que recebemos de nossas coroas?"
Lucien se endireita, afastando-se um pouco do corrimão. Então ele levanta a mão e mergulha a mão sob o tecido no esterno e prende o dedo na corrente ali. Sua lágrima reflete o sol da manhã, e a luz do arco-íris passa rapidamente pelo rosto dele.
"Não," ele admite. "Nunca por causa dessa."
"É o mesmo com o colar da minha mãe", digo. "Estou usando há mais de uma semana. Sem contar outras vezes que usei, antes da coroação. Sem visões. Sem revelações. Nada."
"Você acha que as visões vão levar à última Lágrima?" A voz de Lucien é contemplativa.
Eu dou de ombros. "Talvez não. Mas vale a tentativa."
Depois de uma pausa, minha mente entra em movimento. Lucien parece notar e levanta uma sobrancelha para mim. "E se trocássemos os colares?" Eu peço em casamento.
"Troquei-os", repete Lucien como se eu tivesse sugerido jogá-los no mar.
"Troquei-os. Talvez os colares precisem ser usados por alguém fora da nossa linhagem para ativar as memórias que eles guardam?"
A sobrancelha permanece levantada, mas ele dá de ombros.
"Estamos ficando sem opções", ele admite.
"Vamos descer para o convés inferior," sugiro enquanto ele levanta a corrente sobre a cabeça. Se eu for desmaiar de novo, como quando coloquei a coroa do Lucien, prefiro que alguém esteja por perto para me segurar.
Alguém além do irritante Rei Sifão.
Ele enrola a corrente do colar no punho duas vezes, como se quisesse segurá-lo. "Sentindo ansiedade de separação do seu leal guardião?"
Uma satisfação calorosa me invade ao olhar para Stark, o rosto dele curvado para cima. Ele observa Lucien atentamente em busca de sinais de traição.
"Claro," digo levemente. Nem mesmo as provocações de Lucien conseguem abalar a profunda satisfação que sinto desde que acordei esta manhã com o braço de Stark apertado ao meu redor.
No andar inferior, Lucien segura firme seu colar, sobrancelha arqueada. "Mostre o seu."
"Pronto", digo, levantando minha opala.
Lucien franze levemente a testa enquanto terminamos a troca, colares se acomodando em cada um de nossos pescoços. Meu coração dispara forte enquanto espero uma visão me levar. Posso perceber que Lucien está se

preparando para o mesmo. Seus olhos estão fechados, sua testa franzida e sua cabeça inclinada para o lado de um jeito justo.
Mas nada acontece. A Lágrima permanece quente, mas silenciosa, na minha mão. Lucien abre os olhos e me encara como se fosse culpa minha que nossas pedras mágicas não estão ouvindo ele.
Penso na cerimônia de coroação, a fonte de tantas das minhas teorias. Para algumas unções, a sacerdotisa me deu apenas um gole de óleo. Se eu estiver certo, e o que está sobre o meu esterno simbolizou esses colares...
Ela me ungiu duas vezes ali, duas passadas firmes de óleo.
Não custa nada tentar. "Isso pode parecer meio bobo, mas e se eu tentar usar os dois colares? Talvez as duas Lágrimas precisem estar juntas? Tipo—talvez como se fossem duas metades de um todo?"
"Boa tentativa", ele diz secamente. "Se quiser me dar os dois colares, eu vou tentar."
Eu resmungo frustrado. "Para onde exatamente você acha que vou levar seu colar? Estamos meio presos nessa nave."
Ele balança a cabeça, sem querer ceder.
"Olha. Que tal a gente tentar juntos?" Eu ofereço. "Acho que as correntes são longas o suficiente para ficar em volta do nosso pescoço. Então nenhum de nós precisa se preocupar com o outro recebendo informações primeiro ou seja lá o que você acha que vai acontecer."
Sei que parece desesperado e estranho. Mas precisamos de mais conhecimento, e as Lágrimas podem estar na chave.
Ele parece desconfiado, mas assente. "Claro, se isso te fizer feliz, querida. Embora, se quiser chegar perto de mim fisicamente, pode simplesmente dizer."
Lucien está certo; Temos que nos aproximar demais para que esse arranjo funcione.
Os olhos de Stark estão em nós enquanto nos curvamos desajeitadamente juntos, esticando o pescoço para aproximar a cabeça sem realmente nos tocar. Lucien precisa se encolher ainda mais, já que é mais alto que eu.
A poucos passos de distância, Venna solta uma risadinha. "Vocês parecem dois pássaros fazendo uma dança estranha de acasalamento."
"Você pode vir aqui e tentar", diz Lucien. Ele consegue lançar um olhar lascivo para ela mesmo nessa posição constrangedora.
Solto um suspiro exasperado. "Pronto?"
Lucien apenas levanta seu colar em resposta, ajeitando-o ao nosso redor. Coloquei o meu por cima, e instantaneamente—
Estou caindo em uma visão.

51



MERYN

Oh eles eram duas metades que precisavam ser unidas. Minha satisfação convencida por estar certo dura apenas um instante antes de toda minha atenção se voltar para os visuais à minha frente.

É diferente dos outros que já vivi. É muito menos claro e muito mais... fragmentado. É como pedaços de memórias, em vez de algo coerente.

A primeira coisa que vejo é uma mulher linda, mas bonita talvez não seja uma palavra forte o suficiente para descrevê-la.

Ela é radiante.

Sua pele é dourada e parece brilhar por dentro. Seu rosto de traços finos é emoldurado por cabelos verde-esmeralda na altura dos ombros. Ela exala uma energia indescritível. Em beleza, sim. Mas ela também tem um ar de paz. A delicadeza roça minha pele enquanto ela embala sua barriga grávida.

Imediatamente sei que ela não é humana.

Parte disso são seus olhos estranhos, que têm a cor da luz do sol nas folhas da primavera e têm pupilas quase pretas que refletem a luz quente ao redor de forma estranha. Mas também é só um instinto.

Há um silêncio no meu peito quando olho para ela que me diz que ela é mais do que eu.

Uma fissura se forma, me afastando dela. Outra cena ganha foco enquanto eu viajo pelo passado.

A mesma mulher — ser? — está em pé sobre uma criança. O bebê parece totalmente humano, não compartilhando o brilho etéreo da mulher. A mulher desliza as pontas dos dedos sobre a barriga da criança enquanto ela dorme, olhando para o bebê com calor nos olhos.

Um homem se materializa ao lado dela, parecendo que o espaço que ocupa é um espelho que alguém abruptamente inclinou para mim para captar seu reflexo.

Ele é alto e de outro mundo, com cabelos preto-azulados da cor do céu noturno e pele pálida como luar. Seus olhos brilham como os dela, e sombras giram ao seu redor, seguindo a curva do braço enquanto ele o apoia na borda do berço da criança.

A voz dele é grave e instantaneamente me faz arrepiar os cabelos. "Nossa filha pode ser o elo com meus lobos e governar seus humanos, mas você sabe que não pode ficar com a criança. Ela é de nós, mas não de nós."
Há algo familiar em sua voz, algo que treme nos meus ossos.
O rosto da mulher dourada se desfaz de dor.
Ela chora baixinho. Enquanto faz isso, ela levanta as mãos, palmas para cima, e segura o ar à sua frente. Ela segura as lágrimas como se estivesse pegando os pedaços quebrados do seu coração.
Observo fascinado enquanto as lágrimas dela começam a se acumular e a vibrar. Eles cristalizam gradualmente, adquirindo um brilho familiar. Uma opala.
A mulher se inclina para frente e coloca a pedra no peito do bebê com as mãos trêmulas. Entre soluços, ela sussurra promessas de que isso manterá seu filho e seus parentes seguros. Que isso os protegeria ao longo das gerações.
A voz do homem é mais fria que a do Monte Acônito. Seu rosto não se tensa nem um pouco ao vê-la chorar. "Diga adeus agora, Lumina."
Meu ar sai do corpo. Lumina?
A visão muda novamente. Não consigo distinguir nada além de algumas figuras. Acima de todos nós está o mesmo homem de antes, com cabelos escuros e sombras se enrolando ao redor dos dedos. Ele encara com a mesma expressão imóvel.
Abaixo dele está uma mulher Vinculada com um lobo gigante ao seu lado. Ambos se curvam diante do homem de cabelos escuros. A mulher Vinculada segura a criança nos braços, a opala agora enrolada no pescoço da criança.
"Não confio que os humanos não vinculados façam o que é certo por ela. Você vai criá-la e protegê-la", ordena o homem.
A mulher vinculada inclina ainda mais a cabeça, a ponto de tocar o chão. "Como você ordenar", ela diz.
Ofego, voltando à realidade.
Sinto uma sensação repentina de queda, então fico vividamente consciente dos meus pés nas botas e do convés embaixo de mim. Cambaleio levemente e bati no corrimão, resmungando de dor.
As correntes duplas puxam firme no meu pescoço, e eu ofego, dando um passo para trás até estar perto o suficiente para sair do amarramento deles. Puxo o colar que me pertence para cima e sobre o pescoço de Lucien, esperando que ele tenha conseguido o que precisa da visão.
Preciso piscar rapidamente para convencer meus olhos de que sou capaz de enxergar a mais de um metro à minha frente, mas quando tudo se dissipa, me sinto quase normal.
Ou, não é normal.
Há um choque profundo, que faz os ossos estremecer.
Esse nome—Lumina—é o dos delírios da minha mãe.
Aquele que ouvi sussurrado na minha própria mente durante momentos vulneráveis. Ainda me lembro de uma voz sombria chamando o nome na minha primeira noite como Rawbond.
Lumina é o verdadeiro nome da Deusa Sem Rosto?
E aquele bebê, presenteado com uma Lágrima de Deusa para proteção, destinado a servir como elo com os lobos, destinado a governar os humanos...

Se esse foi meu ancestral, o primeiro da linhagem Sturmfrost, então eu não sou apenas de sangue real.
Lucien está olhando para seu próprio colar de opala, rosto indecifrável.
"Você vai me contar o que viu?" Pergunto, estreitando os olhos. Será que ele teria visto a mesma visão que eu? Ou algo completamente diferente?
Ele pressiona os lábios, e então eles se curvam em um sorriso zombeteiro. "E você?"
Ficamos nos olhando por um longo momento.
Enfiando a mão no bolso, tiro a Lágrima da torre.
"Talvez este também tenha algo para nos mostrar?"
Lucien a estuda. "Ela não revelou seus segredos para você?"
"Ainda não," admito. Talvez essa também leve dois de nós, por algum motivo?
Levanto a mão com a Lágrima estendida. Lucien estende a mão para pegá-la, e eu cerro os dedos. "Não vou te dar. Eu só acho... Talvez devêssemos tocar?"
Lucien concorda sem fazer declarações obscenas desta vez. Nós dois respiramos fundo, e então a mão dele se fecha sobre a minha.
Sou puxado do convés do navio para o céu, girando, corpo jogado de cabeça para baixo e depois endireitado novamente. Fico intensamente enjoada por um momento e depois leve e formigando, como se tivesse deixado meu corpo para trás e eu fosse apenas uma lembrança.
Não vejo Lucien, mas sinto sua presença. Estamos juntos, então, testemunhando essa visão como um casal.
A mesma mulher da outra visão — Lumina — se materializa sob a luz ofuscante do sol. No começo, ela anda de um lado para o outro, o vestido esvoaçando atrás dela. Então o cômodo toma forma ao nosso redor, tábua por tábua e pedra por pedra até eu estar de volta ao cômodo da torre que acabávamos de deixar.
Está configurado da mesma forma, exceto que não mostra sinais de idade.
Lumina parece sofrida. Ela se move de um lado para o outro, circulando pela sala como um animal preso. Seus dedos passam repetidamente pelo cabelo verdejante, e seus olhos brilham enquanto ela se vira e se vira novamente.
De repente, o espaço escurece. As sombras se unem e se entrelaçam como cobras se contorcendo. O homem da visão anterior aparece — embora, assim como Lumina, não pareça certo chamá-lo de homem. Eu sei no fundo do meu coração que ele é algo mais. Ele está tão bonito e frio quanto antes.
"Nocturn!" Lumina grita instantaneamente, avançando furiosa em sua direção, saias voando. "O que você fez?! Como você conseguiu isso? Você me enfraqueceu!"
Nocturn. O nome me arrepia. Outro nome que aparece tão frequentemente nos lábios da minha mãe.
Os filhos de Nocturn, escritos no enigma no altar. Eu interpretei como se referindo aos filhos de Nocturna, mas talvez isso estivesse totalmente errado.
Um eco do nome ressoa em mim, como um acorde assombroso.
Eu sei que nunca vi a imagem dele antes.
Mas a voz dele...
Me atinge: a voz naquele reino das sombras. A voz dos meus sonhos que me atormenta desde que me conectei com Anassa e colocou tudo isso em movimento.

Será que foi o Nocturn o tempo todo?
Na visão, os cantos da boca de Nocturn descem. Seus olhos estão desinteressados, porém. Como se ele tivesse acabado de descobrir que tem um incômodo para lidar.
"Você se enfraqueceu. Eu não tive nada a ver com isso."
"Eu mesmo?" Lumina exclama.
"Você sempre foi tão generoso. Não é minha culpa que seu altruísmo tenha te prejudicado", ele diz simplesmente. Sua carranca se aprofunda. "Isso é impróprio da sua parte."
Imprópria. Eu sabia no fundo, mas mesmo assim, essa confirmação me provoca um choque que me atinge os ossos. Começo a tremer.
Deuses. Ambos são deuses.
Os olhos de Lumina brilham. As mãos dela estão em punhos nas saias. Mas ela respira fundo e, um pouco mais calmamente, diz: "Por que você está fazendo isso?"
Nocturn se aproxima o suficiente para que suas botas prendam a barra da saia dela. "Você me pertence e só a mim, e vai ficar aqui até aceitar isso."
Ela aceitou isso? É por isso que ela não está mais na torre, por que não a encontramos lá? Ela se tornou dele, e ele a deixou sair? Ou ela o recusou e lutou para se libertar?
Lumina abre a boca para gritar novamente, mas Nocturn se dissipa na escuridão em questão de um segundo. Ele se dissolve e então se dissipa nos cantos escuros da sala. A escuridão se intensifica enquanto ele se junta às sombras que o esperam, depois se afasta lentamente, deixando a luz voltar a entrar.
Lumina cai de joelhos, chorando, e meu coração se parte por ela. O resto da sala desaparece porque ela é tudo o que importa. Ela e essa dor que reconheço tão intimamente.
Ele pode ser um ancestral distante, mas eu o odeio.
Suas lágrimas se condensam em outra opala, assim como antes. Ela encara a joia onde repousa nos babados de suas saias, e seu horror é uma névoa fria no ar. Tremendo, ela a segura e a levanta para a luz. É lindo e ainda assim difícil de olhar, o poder nele queimando em sua força.
"Me enfraqueci..." Ela sussurra. Seu rosto se contorce de tristeza. "Você não sabe nada do que é ser um deus, Nocturn."
Voltei para o meu corpo e solto um som estrangulado. Caí no chão, e Anassa fica sobre mim protetora. Ela me cutuca com o focinho, e eu foco no toque dela porque isso me convence de que não estou ainda me afogando no sofrimento da Lumina.
Lucien está de joelhos, ao meu lado. "Você viu isso?" ele pergunta, buscando confirmação, me olhando intensamente.
"Sim."
Nocturn. Ele prendeu Lumina naquela torre.
A voz dele é a que tenho ouvido, agora tenho certeza. Nocturn deve ter sido quem armou aquele teste distorcido para nós e quem me trouxe de volta depois que cravou aquela faca no meu peito.
O tempo todo, sempre foi ele—suas sombras assombrando meus sonhos, me fazendo pensar que eu estava enlouquecendo em Sturmfrost.

"Nunca foi loucura," eu solto. "Nem para mim, nem para minha mãe. Sempre foi história. Ela estava nos contando nossa história."
Lucien me olha, sem se abalar.
"Achei que não era nada. Só... rabiscos sem sentido. Mas agora... espere aqui."
Me levanto às pressas e corro até meu beliche abaixo do convés para pegar os diários da minha mãe. Saela, a sábia Saela; ela estava certa ao dizer que eu precisaria deles comigo.
Viro até a página que estava pensando, aquela que mostra esses três nomes repetidas vezes. Lumina, Nocturn, Astreon. A linha une instâncias dos três nomes. Ele passa pelo nome de Lumina, Nocturn, Astreon e de volta. Uma união eterna. Parece caótico porque há tantas recorrências dos nomes deles, mas não é por acaso.
"Mas quem é Astreon?" Digo devagar.
Lucien franze os lábios e olha para o céu. "Tudo bem! Tudo bem, vou te contar sobre a primeira visão que vi. Se você fizer o mesmo."
Reviro os olhos. "Imagino que isso signifique que você viu alguém chamado Astreon na sua?"
"Sim," admite Lucien. "Acho que ele pode ter sido um ancestral. E... possivelmente Lumina também. Mas então"—sua voz cresce em confiança —"sempre soube que tinha a aparência de um deus."
"Deixa de se ver por um minuto e foque," retorto. "Eu também vi um deus na minha visão. Nocturn. Acho que ele pode ter sido meu ancestral. Então Lumina estava em relacionamentos românticos tanto com Nocturn quanto com Astreon. E é por isso que Nocturn a trancou. Por ser infiel?"
Deixo de fora a parte em que Nocturn tem falado comigo nos meus sonhos. Não preciso compartilhar todos os meus segredos.
Voltando para o diário da minha mãe, o examino em busca de outras pistas que possam nos levar à Lágrima final.
Eu pulo páginas e páginas de escrita, Nocturn, Lumina e Astreon escritos repetidamente em uma caligrafia minúscula.
Algumas páginas são ilegíveis, sua caligrafia trêmula demais para decifrar. Algumas estão enrugadas e desbotadas, talvez encharcadas em algum momento para que a tinta escorresse em todas as direções.
Viro para um esboço desbotado que domina a página inteira.
O diário está cheio de esboços dessa mulher sobrenatural: a deusa Lumina, como agora a conheço. Mas algo nesse desenho parece mais específico. Mais real.
"Stark." Chamei ele para vir. "Isso te lembra de alguma coisa?"
Ele olha para a página, depois para mim.
"A estátua da Deusa Sem Rosto em Linsfall."
Exatamente. Aquela que vi quando viajei com Stark, quando uma atração inexplicável me atraiu para a semelhança dela.
Aquele com as mãos misteriosamente quentes. Como se ela estivesse viva e me segurando.
Fecho o livro com um estalo. "Eu sei onde vamos encontrar a última Lágrima."

52



MERYN

IT leva um dia para viajar de volta à costa por mar — durante o qual meu enjoo definitivamente retorna. Chegamos à terra ao sul de Blumenfall, evitando os penhascos que levam ao próprio feudo.

Depois viajamos mais um dia de wolfback, constantemente olhando por cima do ombro. É sombrio pensar que qualquer soldado ou Bonded que encontrarmos quase certamente será leal ao Killian, não a mim. Sou refugiado no meu próprio país.

Enquanto isso, Lucien e Elias estão miseráveis com as muitas camadas de roupas que fizemos eles arrumarem em Astreona, só por precaução.

Venna, Noemi e eu gostamos de provocá-los sobre isso. Temos que aproveitar nosso prazer onde podemos encontrá-lo.

Durante toda a viagem, espero o terror de Egith me acordar à noite caso Killian lance um ataque a Blumenfall. Eu entro em contato com ela constantemente para garantir que ela e o resto dos Vinculados ainda estejam seguros.

E eu rezo, e rezo, e rezo para que Killian não tenha encontrado a Lágrima diante de nós. Que ele é narcisista o suficiente para ter confiado que eu fiquei parada quando ele mandou.

Finalmente, Stark e eu estamos montados em Cratos e Anassa, olhando para Linsfall à distância. Parece pacífico de longe. Pequeno.

Aqui cercado pela natureza e tão longe da civilização, tudo parece muito mais administrável.

Mas sabemos pela inteligência de Egith que toda a cidade caiu para Killian.

Stark e eu vamos seguir sem os outros para dentro da cidade. Nosso plano é passar despercebidos, entrar e sair de fininho. Venna e Noemi resistiram quando expliquei o plano, mas até elas tiveram que admitir que Stark e eu seríamos mais rápidos e menos propensos a sermos notados sozinhos.

Tenho meus próprios motivos para querer deixá-los para trás. Se essa missão de recuperar a Lágrima fracassar — e Stark e eu acabarmos cativos ou até mortos — pelo menos dois Nocturnanos leais ainda poderão continuar a luta ao lado de Lucien.

E sei que Venna vai garantir que Saela esteja segura, mesmo que eu esteja fora.

Do nosso poleiro acima de Linsfall, dou a Stark um aceno tenso. "Vamos."

Cratos e Anassa avançam para a imensidão de terreno escuro. A princípio, seguimos pela borda da floresta para manter a cobertura. Não preciso usar minha magia de Kryptos à sombra dos pinheiros antigos. Não somos os únicos predadores se movendo na escuridão da floresta de Nocturna; Ninguém mais estaria fora a essa hora.
Mas logo, a floresta cede e estamos perto o suficiente dos portões da cidade para desacelerarmos, e eu me abrigo para nos proteger da vista.
Ao nos aproximarmos dos portões de Linsfall, sei que Anassa e eu estamos pensando na primeira vez que viemos aqui. Quanto mudou em tão pouco tempo.
Naquela época, a neve espessa nos cobria enquanto nos aproximávamos da cidade, abafando tudo ao nosso redor e dando às ruas uma qualidade onírica.
Desta vez, estamos igualmente encapuzados, mas em vez do prateado-branco da neve, é o azul-negro profundo do meu poder que nos afunda na obscuridade, nos misturando com os longos dedos de sombra projetados pelos pinheiros e a escuridão de uma fazenda abandonada ocasional.
Prendo a respiração enquanto nos aproximamos das muralhas, os movimentos de Anassa e Cratos mais lentos e cuidadosos a cada passo mais próximo dos portões. Nos acomodamos para esperar, o mais perto possível dos portões, precisando da chegada de outro visitante para esconder nossa entrada na cidade.
O rifting pode nos esconder da vista, mas não nos permite atravessar paredes de pedra. Ainda não tive coragem de tentar isso.
Nós quatro ficamos imóveis como estátuas à medida que os minutos se transformam em uma hora, talvez mais. Stark e eu temos a mente aberta um para o outro, claro, e conversamos de vez em quando para não enlouquecer, mas nenhum de nós quer tirar o foco de ficar escondido e alerta.
Finalmente, uma carroça puxada por cavalos conduzida por duas figuras desce a estrada, aproximando-se lentamente dos portões em passo de caracol.
Ambos são enrolados em capas e peles para se protegerem do frio. Aperto os olhos, tentando distinguir suas feições enquanto passam a menos de trinta centímetros de nós, mas a espessa camada de sombra ao meu redor embaça minha visão e não consigo distingui-las.
Meus dentes rangem enquanto nós quatro esperamos à espreita, ouvindo o motorista conversar com os guardas do portão.
A voz de um homem; Ele lista as mercadorias em sua carroça, mercadorias que trouxeram para negociar nos mercados. Um dos guardas entra por uma porta menor nos portões para examinar as caixas empilhadas no carrinho.
O que quer que ele veja deve satisfazê-lo, porque ele sinaliza para seu companheiro e os portões maiores começam a se abrir com rangido.
O cocheiro balança as colas dos cavalos enquanto os portões se alargam o suficiente para deixá-los passar, e Anassa e Cratos se movem rápido, caminhando silenciosamente até a traseira da carroça para se esgueirar atrás deles.
Minha magia é tão densa que os guardas nem olham para nós enquanto passamos.
Assim que entramos na cidade, viramos por uma rua lateral, saindo rapidamente. Os dois cavalos se assustam enquanto nos movemos, mas as pessoas não parecem notar nada de errado.

Quando eles desaparecem de vista, começo a respirar mais facilmente.
Linsfall em si parece mais silencioso do que eu lembrava. Isso é obra do Killian? O que ele fez com meu país agora que se reintegrou como rei?
"Só a hora tardia," diz Anassa, mas sua voz trai um leve tom de dúvida.
Nossas visitas anteriores foram breves o suficiente para que tudo o que eu lembre sejam flashes de lugares e nomes de ruas.
Reconheço a estalagem onde Stark e eu ficamos, olho brevemente para a janela daquele pequeno quarto que compartilhamos. Meus lábios se contorcem ao lembrar de estar deitada ao lado dele, negando fervorosamente a mim mesma o calor da atração que eu claramente já sentia.
Cratos se mexe e bate um pouco com os pisotes enquanto passamos.
"Você se lembra..."
"Sim," Stark confirma instantaneamente. "Eu deveria ter aproveitado melhor nosso quarto minúsculo e a cama compartilhada. Certamente perdi horas demais pensando nisso, quando deveria estar dormindo."
Não consigo ver o rosto dele por causa da nossa ruptura, mas mesmo assim, sinto os olhos dele sobre mim.
Meu sangue esquenta.
"Agora não," Anassa repreende. "Tempo de sobra para acasalar depois que você pegar a Lágrima e matar o Killian."
"Anassa!" Eu ofego de fingir indignação. "Para de ouvir."
"Pare de transmitir seu desejo tão fortemente que eu não consiga ignorá-lo", ela retruca.
Justo.
Passamos por fachadas fechadas, janelas escuras. Os apartamentos acima deles são iluminados com frequência, velas de madrugada queimando contra a noite envolvente.
A praça da cidade se abre à frente, e Anassa e eu inspiramos fundo, nossos corpos em sincronia enquanto olhamos para a estátua da Deusa Sem Rosto em seu centro.
"É quase como se eu sentisse algo aqui da última vez," penso enquanto me despenco de suas costas, concentrando minha energia para manter a capa sombria ao redor de nós dois agora que não somos mais uma única unidade.
"O Sturmfrost em você sabia," Anassa responde simplesmente, acomodando-se sobre as ancas enquanto dou os últimos passos em direção à estátua. Assim como da última vez, Stark e Cratos ficam para trás, me deixando me aproximar sozinho.
Desta vez, nenhuma neve esconde sua forma, e o brilho dos postes de lanterna espalhados pelo lado de fora da praça ilumina cada pequeno detalhe de suas vestes gravadas, suas mãos delicadas.
Como da última vez, suas mãos maiores que a vida seguram um monte de flores e moedas, oferendas do povo de Linsfall à misteriosa divindade sem rosto.
Levanto a mão, tocando dois dedos nas superfícies lisas do rosto dela.
Agora, consigo imaginar as características que deveriam estar ali, a pele dourada.
Que magia arrancou seu rosto, seu nome, sua história? Por que sua identidade se perdeu com o tempo?

Anassa resmunga. "Talvez as respostas fiquem na Lágrima final," ela sugere, me empurrando suavemente de volta para o que estou aqui.
Meus dedos descem, e coloco minha mão na mão de pedra dela. Mas, como da última vez, a pedra está longe de ser legal. Um calor constante e acolhedor emana de suas mãos em concha, apesar do frio persistente do ar.
"Deve estar aqui, nas mãos dela", digo a Stark. "Mas não consigo ver uma abertura, uma trava... como eu deveria..."
Stark e Cratos se aproximam. "Podemos dar uma olhada se você achar que ajudaria?"
Preciso quebrar a estátua? Está dentro? Parece um insulto à Deusa Sem Rosto — pegar um cinzel nesse monumento lindo que está aqui há sabe-se lá quanto tempo.
E agora que estou aqui, algo está me segurando. Quase como se a própria deusa estivesse me avisando para me afastar.
Luto para identificar o sentimento: Isso é algum tipo de magia que eu não entendo?
E devo ouvir? Ou é apenas um último obstáculo para conseguir essa Lágrima?
Antes que eu possa processar, os sentidos aguçados de Anassa captam algo. "Remonta imediatamente", ela diz. "Alguém está vindo."
Eu me viro, dando dois passos grandes para montar rapidamente Anassa novamente, e então puxo a magia de rifting ainda mais apertada para todas as nossas formas.
Em outro segundo, ouço o que os ouvidos sensíveis de lobo gigante de Anassa ouviram primeiro: o leve som de botas de couro macias contra paralelepípedos.
Uma figura curvada, encapuzada, emerge de outra viela do outro lado da praça, apressando-se diretamente em direção à estátua.
Prendo a respiração enquanto a pessoa se ajoelha, inclinando-se para frente para encostar a testa nos pés de pedra da deusa, e os sussurros das orações nos alcançam, suaves demais até para Anassa entender as palavras.
À medida que a figura se levanta, o capuz do manto desliza levemente, permitindo-nos vislumbrar um rosto enrugado.
Minha boca se abriu. "Isso é—"
"Sim," confirma Stark.
É a Mãe Sacerdotisa.
"Ela quase certamente está sob a influência do Killian," digo automaticamente, com os olhos grudados em sua figura. "Seja por escolha ou por força, usando aquela lágrima desagradável para influenciá-la. Certo?"
Nós dois pausamos. Sabemos o que deve acontecer a seguir, de qualquer forma.
Anassa é quem fala isso. "De qualquer forma, ela provavelmente estará aqui pelo mesmo motivo que nós: para pegar a Lágrima. Não podemos deixar ela fazer isso."
Como se em resposta direta às palavras de Anassa, a sacerdotisa alcança por baixo das vestes e puxa uma ferramenta—um martelo, brilhando à luz do lampião.
O tempo de pensar acabou.
"Mãe Sacerdotisa," chamo, largando a fenda ao nosso redor e pedindo silenciosamente para Anassa avançar. "Eu ordeno que pare agora mesmo."

Ela se vira, a mão que segura o martelo caindo ao lado enquanto me observa, chocada. Seu rosto marcado pelo tempo se enruga de surpresa, os olhos alternando entre mim e Anassa.
"Minha rainha!" Ela se ajoelha, abaixando a cabeça. Sua voz ecoa estranhamente pela praça, o vazio do espaço parecendo refletir o som de volta para nós: rainha, rainha.
As sombras e a luz piscam no rosto da mulher mais velha enquanto ela me observa me aproximar. Stark e Cratos ficam próximos às minhas costas, ainda envoltos em sombras.
"Por que você está aqui? O Killian te mandou? Como ele soube que devia vir aqui?"
A sacerdotisa acena lentamente. "O Rei Killian me enviou aqui." Seus olhos estão desfocados e vagos.
"Se ela está sob influência do Killian, do ringue...", digo para Stark e Anassa, desconfortável. "Você acha que há alguma forma de eu quebrar isso?"
Stark e Cratos se aproximam de nós. "Não devemos arriscar tentar. Ela obviamente está aqui pelo Lágrima também. Ela não está do nosso lado, Meryn. Se ela atrapalhar... teremos que incapacitá-la."
Vejo sentido nas palavras dele, mas uma parte de mim ainda hesita, olhando para essa mulher frágil.
Depois de todas as coisas terríveis que fiz, agora preciso atacar essa velha?
E como o povo de Nocturna reagirá ao me machucar — ou pior — o chefe da ordem sagrada da deusa? Isso dificilmente vai reconquistar as pessoas para o meu lado...
Dou mais um passo em direção a ela, estendendo a mão para tranquilizar. "Mãe Sacerdotisa, sou eu, Meryn. Killian está controlando sua mente. Você precisa acordar. Por favor, eu não quero te machucar."
O rosto da Madre Sacerdotisa parece se iluminar por dentro com minhas palavras, os olhos acendendo com uma intensidade febril. "Criança tola", ela diz, a voz cheia de reverência. "Receio que você me entenda completamente errado."
"Para mim," Anassa rosna urgentemente pelo nosso vínculo, mas eu já estou me movendo, saltando para as costas dela, olhos fixos na sacerdotisa enquanto me move.
O rosto da mulher exala uma alegria extasiada que me deixa na corda. Seus olhos são os de uma verdadeira crente, vidrados e fervorosos.
"O Rei Killian não precisa usar sua magia em mim. Esperamos tanto tempo por isso. Alguém que vem e conhece o poder do que envolvemos em segredo, alguém que estava pronto para fazer o que fosse preciso para reivindicar as Lágrimas e usá-las para refazer nosso mundo."
A voz dela fica mais alta conforme continua, deixando minhas veias geladas.
"Sua Alteza—não, Sua Santidade—reivindicará esse destino. Ele será um deus vivo na terra."
Antes que eu possa reagir, ela gira com agilidade notável de volta para a estátua, levantando o martelo mais uma vez.
Mesmo quando Anassa e eu começamos a avançar, a Mãe Sacerdotisa balança a ferramenta para baixo com força surpreendente.
E as mãos da deusa se estilhaçam, explodindo pela praça.

53



MERYN

Pedaços de rocha voam em todas as direções. Avisto o brilho opalescente distinto da Lágrima e estendo a mão em direção ao seu caminho para baixo.

Anassa se move habilmente sob mim, ambos ignorando os pedaços afiados de pedra que nos atingem enquanto avançamos.

Mas Anassa e eu chegamos tarde demais. A mão da Mãe Sacerdotisa já estava estendida para agarrar a Lágrima enquanto ela caía, e seus dedos se fecharam ao redor da gema.

Os cacos ferozes de pedra caem sobre seu braço, abrindo cortes que escorrem sangue. Mas a dor parece não ser registrada pela sacerdotisa; seu rosto está radiante de vitória.

Em outro momento, Anassa se choca com ela. O peso do meu lobo joga a sacerdotisa sobre os paralelepípedos, ambas as mãos reverentemente em concha ao redor da Lágrima, que ela segura contra o peito.

Anassa e eu rosnamos em sintonia enquanto ela estende uma poderosa pata dianteira para prender a mulher no chão.

Deixei a fenda completamente caída na confusão, e Cratos e Stark ficaram totalmente visíveis. Eles circulam atrás da sacerdotisa para que ela não tenha para onde escapar.

Antes que eu possa desmontar para arrancar o prêmio dela, porém, há um flash violento de suas mãos.

A luz da gema mudou. Não mais suave e quente, mas afiada, penetrando duramente a escuridão da noite — como se o próprio mundo tivesse sido despedaçado em luz e escuridão pelo martelo da sacerdotisa.

Olho para a praça da cidade que de repente se iluminou, os olhos ardendo com o incêndio repentino.

"Meryn", Stark chama com urgência, e eu olho para a velha senhora novamente.

As mãos da Madre Sacerdotisa começaram a fumegar.

Meu estômago revira enquanto encaro a sacerdotisa. Me inclino para frente, tentando entender o que estou vendo.

Algo balança o mundo bem debaixo de nós, e quase sou jogado no chão. Anassa se prepara, e eu contraio as coxas dolorosamente para manter meu assento.

"Que diabos—"

Outro tremor sacode a praça.
Demora um momento até que a alegria extasiada da sacerdotisa desapareça do rosto, substituída por confusão e então algo próximo ao pânico.
"O que está acontecendo?" ela grita, apertando a Lágrima com mais força, mesmo enquanto a pele das mãos começa a fumegar e a vaporizar. "Eu fui portadora de uma Lágrima por tanto tempo! Só os dignos podem tocar a mais sagrada das Lágrimas da Deusa, isso eu sei. Mas quem poderia ser mais digno do que o líder do templo mais devoto da deusa?"
Sua voz sobe a cada palavra até que as últimas surgem mais como um grito do que uma fala.
E então o som de lamento continua e continua.
Stark e eu assistimos horrorizados enquanto as mãos dela começam a derreter, as pontas dos dedos se transformando em tocos de carne mutilada enquanto seus gritos ficam mais altos.
Outro tremor violento quase me derruba, e minhas sombras se erguem em resposta ao meu desespero e pânico. Há um barulho alto de rangido e um estalo agudo!
Por um segundo, meu cérebro desorientado pensa que Stark, eu e nossos lobos estamos subindo para o ar. E então percebo que não, a estátua da deusa — o que restou dela — está afundando em uma escuridão distorcida e turva que apareceu no centro da praça.
A própria sacerdotisa rapidamente se envolve nela, ainda segurando a Lágrima contra si com tocos de dedos, seus gritos distorcidos pela agonia.
Tento focar minhas sombras o suficiente para agarrá-la e impedir que ela caia, mas elas não obedecem, apenas balançam a praça em ondas frenéticas.
"STARK!" Ligo urgentemente pelo nosso vínculo. Ele já está respondendo, tentáculos de seu próprio poder de dobra de sombra envolvendo o torso da mulher e a puxando alto para o alto.
"Desculpe por isso," ouço ele dizer em voz alta para Cratos enquanto puxa a mulher até seu lobo gigante até que ela seja jogada nas suas costas na frente dele.
Incentivo Anassa ao lado de Cratos e estendo a mão para arrancar a Lágrima das mãos da sacerdotisa. A gema brilhante queima quente na minha mão. No breve momento em que a toco, há o puxão da magia através dela, estendendo-se para dentro da praça e causando a tempestade na terra sob nós.
Apressadamente, enrolo o Lágrima na manga antes de abrir minha mochila e colocá-la dentro. Esconder isso não faz diferença, porém.
A terra continua a tremer e se mover, os tremores aumentando a cada respiração.
As patas dianteiras de Anassa continuam escorregando para frente enquanto mais e mais paralelepípedos se soltam de suas fundações, caindo no poço negro e infinito que se forma onde a estátua antes estava.
"Precisamos sair daqui!" Choro para Stark e Anassa.
"Vamos trazer a sacerdotisa conosco?" Stark soa calmo como aço na minha mente, refletindo o foco intenso que ele usa para manter sua dobra de sombra estável.
Posso não estar feliz com ela agora, mas se ela vai nos dar alguma informação, precisa ficar nas costas do Cratos.
"Sim—caso ela saiba dos planos do Killian," eu chamo, me preparando enquanto

nossos lobos se apressam e pulam. Talvez ele tenha percebido que só existem sete até agora, e que eu encontrei um sozinho, ou talvez ele ainda esteja procurando algo que não existe. Se ela puder nos dar algum insight, ajudaria.
Meu coração está na garganta enquanto Anassa luta para não entrar no poço que se abre diante de nós, pedra após pedra caindo sob seus pés.
Somos sacudidos de um lado para o outro, Anassa e Cratos se lançando em direções aleatórias, evitando a destruição que se espalha. Agora ela se move mais rápido, ondulações percorrendo a praça e um vento violento começando a se levantar.
Finalmente conseguindo firme apoio sob suas patas, Anassa salta do chão derretido para um pedaço de paralelepípedo sólido. Cratos está logo atrás de nós. Não perdemos mais um segundo antes de sair correndo da praça.
O caminho da destruição vem atrás de nós.
"Não vai parar", digo com severidade para Stark. "Mesmo que ninguém esteja mais empunhando a Lágrima, de alguma forma a magia ainda está funcionando."
Paramos no meio do próximo quarteirão, rodando para observar a cena de destruição. Quase toda a praça da cidade agora é um poço negro como tinta, e ele só se espalha para fora.
"Precisamos tirar o máximo de pessoas possível daqui", Stark me diz. "Vamos nos separar. Meryn, chamar reforços?"
Abro comunicação com Noemi e Venna. "Temos a Lágrima", digo a eles, "Mas agora temos problemas maiores. A magia fez algo com Linsfall, e está desmoronando ou—não sei, mas algo está destruindo a cidade. Precisamos tirar as pessoas daqui. Você pode nos ajudar?"
A resposta de Venna é rápida. "Já vou!" Sinto que ambos se movimentam. Eles deviam estar esperando minha palavra caso fossem necessários.
E agora? Subo nas costas de Anassa para ver o máximo que posso. As ondas da destruição estão se aproximando rapidamente do nosso local de descanso. Ao lado da praça, uma torre de pedra de um pequeno templo treme e se inclina, depois despenca violentamente contra o chão.
A poeira sobe das pedras, tijolos e madeiras que se esmagam ao nosso redor, e por um momento, é tão densa que não conseguimos ver nada além de cinza.
Eu tossio, e meus olhos saem do ar áspero. "Quando o ar clarear — você vira à esquerda, eu vou à direita?"
Sinto o aceno mental de Stark e depois sua despedida, como um roçar de lábios fantasmagóricos contra minha bochecha. "Cuide-se, minha rainha." Nossas mentes se separam para que possamos focar em nossas tarefas.
Enxugo os olhos na camisa, lágrimas se misturando à areia no rosto, e então aponto para Anassa pela larga avenida. Corremos pela curva à direita, correndo em alta velocidade.
A cidade geme e grita como se fosse um ser vivo. Pedaços de solo são lançados ao ar enquanto prédios e ruas inclinam, racham e afundam em algum esquecimento sombrio.
Meu coração se aperta ao contemplar quantas pessoas podem já ter perdido a vida nessa loucura.
O silêncio da hora foi destruído tão profundamente quanto o coração da cidade. Gritos e soluços irrompem de todos os cantos enquanto os moradores de Linsfall

fogem de suas camas. Alguns correm em direção aos portões enquanto outros ficam na rua, olhando para o horizonte que se curva em horror contido.
De alguma forma, encontro minha voz. "Linsfall! Acordem e evacuem!" O desespero me dá poder, e minhas palavras ecoam sobre o tremor da terra sob nós. Ao longe, ouço o grito estrondoso de Stark enquanto ele faz o mesmo. Me agarro a esse som, mesmo quando o barulho fica alto demais e não consigo mais distinguir a voz dele.
Anassa adiciona um uivo revigorante ao caos, e cada vez mais pessoas saem de casa, tropeçando de pijama, carregando bebês e objetos de valor, piscando, chorando e xingando.
"Para os portões!" Anassa e eu nos apontamos pela rota mais direta até os portões principais. Famílias, guardas, garçonetes e todos no meio correm aterrorizados em direção às saídas estreitas espaçadas ao longo das muralhas externas de Linsfall.
O trânsito de pedestres entupe as ruas como uma garrafa com um batente, empurrões e gritos em pânico criando um verdadeiro pandemônio.
"Continue andando, porra!" Grito, minha voz falhando.
Anassa e eu chegamos aos portões, e desta vez, meu shadebending faz o que preciso, batendo nas portas largas e quebrando-as das dobradiças.
Pessoas correm para o vale além, chorando e gritando.
Mas não é o suficiente — mesmo com os portões escancarados, as pessoas estão congestionando a saída. Eles não estão se movendo rápido o suficiente.
"Stark!" Chamo ajuda.
Uma faixa escura avança do outro lado da multidão, e eu assisto surpreso enquanto Stark e Cratos se aproximam mais rápido do que jamais os vi se mover. É só um instante até chegarem ao portal lotado.
Cratos se reúne sobre as patas traseiras para um salto, e então os dois saltam para longe sobre a multidão, a Mãe Sacerdotisa ainda caída nas costas de Cratos. Eles pousam habilmente ao meu lado.
"Os portões estão criando um gargalo!" Eu grito para Stark. "Precisamos abrir as paredes!"
Agora é instintivo entre nós: esse puxão mental e estalo até que compartilhemos uma única mente. Meu poder se espalha entre nós como uma nuvem negra de relâmpagos.
Minha força bruta e o foco habilidoso de Stark se entrelaçam enquanto sombras correm ao nosso redor. Cada vez mais deles param um ponto nas muralhas sem uma torre de guarda, até que uma seção inteira da muralha de pedra fica completamente envolta em escuridão.
Stark e eu gritamos de esforço enquanto empurramos todo o pedaço de parede para cima.
Não podemos simplesmente abandonar — muitos perderiam a vida. Em vez disso, nosso poder de dobra de sombra a eleva cada vez mais alto, e depois a balança sobre a terra além até termos confiança de que podemos deixá-la ir sem esmagar ninguém.
Após uma pausa atônita, as pessoas começam a fluir pelo buraco, a cidade esvaziando muito mais rápido do que antes.
Fios de suor escorrem pela minha testa e chegam aos olhos, e eu as limpo com as

mãos ásperas.
Noemi e Venna chegam nesse momento, e Stark entrega a Mãe Sacerdotisa para Noemi guardar enquanto voltamos ao trabalho. Os dois vão ficar posicionados nos portões para garantir que as pessoas saiam em segurança.
"E agora?" Stark me olha, e respiro fundo, pensando.
"Fiquem ligados—preciso da sua precisão", digo com decisão. Consigo sentir a inspiração dele, o contração dos músculos enquanto ele assente. "Mas vamos nos separar de novo e salvar o máximo que pudermos. Anassa, enquanto estou vendo o dobro, pode nos guiar?"
Anassa decola.
Desta vez, não há dor de despedida; Nossas mentes estão tão próximas, somos um ao outro — vendo o que o outro vê, sentindo o que sente.
Anassa e eu corremos por ruas laterais em direção à beira da destruição. Cada vez mais pessoas surgem — de tavernas, bordéis, cortiços e uma longa fileira de mansões senhoriais com canteiros sombreados.
Paramos de repente, jogando nosso peso para trás, enquanto as paredes de um pub decadente começam a desabar para fora. Levanto as mãos e, ao pensar nisso, Stark está ali; Juntos, manipulamos as sombras ao meu redor até que elas sustentem o prédio, impedindo-o de cair.
As paredes gemem, mas permanecem de pé. A placa desbotada da taverna sai das dobradiças, estilhaçando-se ao cair na rua. Eu grunho, o peso da parede pressionando nossa magia. Pessoas frenéticas saem pelas portas e correm para longe.
Quando ninguém novo aparece, soltamos, e o prédio desaba na rua com um som ensurdecedor.
A visão de Stark ofusca a minha, e vejo a cena diante dele tão claramente quanto pelos meus próprios olhos: chamas lambendo as casas enquanto as ruas desabando criam uma bagunça de fogueiras de madeira e tochas, fogões e móveis.
Um homem barbudo e olhos vermelhos se inclina em direção a Stark, palavras arrastadas, mas urgentes ao mesmo tempo. "Meu s-s-s-filho, por favor, p-p-por favor, ele está em casa na cama sozinho, e está no terceiro andar da nossa—nossa—nossa casa," ele implora, agarrando o pelo de Cratos.
O braço de Stark desce para agarrar o homem e puxá-lo para cima de Cratos.
"Eu vou ajudá-lo. Você pode ir para o sul, ajudar as pessoas de lá?" Stark diz, apontando para o lado oposto da cidade, onde ficam os outros portões da cidade.
"Já estou cuidando disso."
Anassa e eu corremos em direção aos limites sul da cidade.
Stark estava certo em me mandar para cá—uma massa frenética de pessoas está reunida nos portões menores do sul da cidade, mas uma carroça virada bloqueia as portas para que não se abram mais do que a distância de duas pessoas, lado a lado.
"Abram caminho!" Eu grito, e as cabeças se viram rapidamente para me olhar. A visão de Anassa correndo em direção a eles chama a atenção de todos, e as pessoas saem correndo do meu caminho.
Sem o vínculo mental com Stark, busco Daemos impulsionando em vez das minhas sombras, buscando poder em vez de precisão. Com um grito e um golpe

no braço, afasto o carrinho das portas.
Imediatamente, guardas e cidadãos voltam às portas, puxando-os para que a rota de fuga fique livre.
Parece que se passaram horas até que o tremor finalmente para. Tiramos o máximo de pessoas possível. Minha mente está tão cansada do uso e esforço da magia que mal consigo formar palavras.
Fora da cidade, Anassa sobe uma pequena ladeira, o cansaço evidente em cada movimento, para que possamos ter um ponto de vista na crista de uma colina. Projeto uma imagem da nossa visão para Stark para que ele saiba onde nos encontrar, e então perco nossa conexão novamente, me deixando cair nas costas de Anassa e me deixando meio pular, meio cair no chão.
Anassa se enrola ao meu redor, sua respiração ofegante fazendo seus lados tremerem mesmo enquanto me aquecem contra o frio.
Olho morro abaixo, meio sonolento.
Linsfall está um desastre.
Os prédios desabando são como um amontoado de dentes quebrados, dolorosos e feios. Alguns dos prédios de madeira ainda estão em chamas. Chamas lambem os montes de escombros enquanto contemplamos as ruínas. E ali, no centro da cidade, com pelo menos cinco quarteirões de largura, está o enorme buraco que surgiu onde antes ficava a estátua da deusa.
Até agora, era possível focar apenas no que as pessoas ao meu redor precisavam imediatamente. Sobre ferimentos, resgates e acalmar o pânico.
Quase me deixei esquecer do evento que começou tudo isso.
Pego minha mochila, deslizo a mão para dentro. Para o bem ou para o mal, a nova Lágrima ainda está lá.
A Lágrima pela destruição, penso comigo mesmo e estremeço.
Puta merda.
"A sacerdotisa?" Envio o vínculo para Stark agora.
"Eu a recuperei da Noemi. Estamos indo até você." A resposta dele me invade, e com ela um flash de sua localização: olho para cima e o vejo saindo do que resta dos portões da cidade, a figura frágil da velha ainda à sua frente em Cratos.
Eles atravessam a paisagem até nos alcançarem, e Stark desmonta com muito mais graça do que eu poderia reunir.
A velha desce em seguida, ainda presa por tentáculos da magia das sombras de Stark.
Minha voz está firme enquanto me aproximo para olhar nos olhos dela.
"Mãe Sacerdotisa. Hora de começar a falar, porra."

54



MERYN

O céu noturno carrega um brilho opaco enquanto Linsfall queima. Há gritos de sofrimento e crianças chorando. E a Mãe Sacerdotisa, envolta firmemente em faixas de sombra, sorri para mim com chamas refletidas em seus olhos.
É um sorriso lindo. Um sorriso gentil. E só isso já faz meus ossos virarem gelo.
Então ela diz: "O que mais há a dizer? Os exércitos do Rei Killian estão a caminho. Logo ele terá a Lágrima em sua posse, mesmo que eu tenha falhado com ele."
Minha magia responde imediatamente, chicoteando minhas veias. Eu avanço para ela. "O Killian vem? Aqui?"
Seus olhos são selvagens, seu rosto selvagem. Ela começa a rir, o som maníaco e arrepiante. Stark a segura pelo ombro e balança. "Responda à sua rainha!"
"Você não é minha rainha, usurpadora!" ela exclama. "Você nunca mereceu! Não vou te contar nada!"
Eu olho para ela, e tudo o que consigo ver é a personificação humana de todas as manipulações de Killian. Eu olho para ela e o vejo.
Vejo o jeito que ele sorriu para mim depois de me jogar nas minhas próprias masmorras.
Minha visão fica sombria nos cantos. Eu nem tento impedir. Minha magia surge. Para com isso, é tudo que consigo pensar. Corta ele de fora.
Uma lâmina escura corta seus pulsos.
A magia se move silenciosa e quase rápido demais para enxergar. Ela ofega e olha para os tocos onde suas mãos mutiladas estavam um momento antes. Agora estão no chão, suas formas murchas quase irreconhecíveis como mãos após a queimadura da Lágrima.
Sangue escorre como chuva sobre o chão congelado.
Então seu choque e confusão se transformam em dor pura.
A Madre Sacerdotisa abre a boca para gritar. Ouço a respiração ofegante dela, e então quebro seu pescoço antes que ela tenha chance de expressar seu sofrimento.
Seu corpo desaba e escorrega até o chão. Ele bate forte, suas saias caindo em um monte ao redor dela enquanto o sangue ainda escorre de seus pulsos.
Stark me observa com olhos firmes. Estou muito irritado para questionar minhas

próprias ações ou pesar as consequências.
"Você acha que ela estava dizendo a verdade? Que um exército está a caminho?" Perguntei a ele.
Stark estreita os olhos, olhando para o corpo. "Não sei. Você..." Ele pausa, parecendo estar lutando consigo mesmo, e continua. "Você tem força para usar sua previsão?"
Respiro fundo várias vezes. "Não sei", respondo, mas me movo para ficar ao lado de Anassa para poder me apoiar ao lado dela e tentar. "Deve ser simples ver o que vem nas próximas horas, pelo menos. Isso não é tanto um empurrão."
Fechando os olhos, o cansaço gira em rodopios. Preciso focar na minha magia de premonição por quase um minuto inteiro antes de cair nos fragmentos de visão.
Entendi:
Eu e Stark, nos reunindo com Venna e Noemi, Linsfall queimando atrás de nós.
E então—sim, um esquadrão de Bonded cavalgando com força e chegando a Linsfall. Inimigos? Amigos? Me aprofundo ainda mais na visão e vejo um rosto: Jonas.
Não há como saber exatamente o quão rápido esse futuro vai acontecer. Na visão, porém, ainda é noite total, e as chamas de Linsfall ainda ardem.
Ofegante, me afasto da magia.
Agarro o casaco da Anassa, segurando para não desabar no chão.
"Ela não estava mentindo", digo, a voz embargada pelo cansaço. "Jonah e um esquadrão de Bonded estão a caminho daqui."
"Muitos para lutarmos?" Os olhos de Stark são letais.
Eu hesitei. "Provavelmente podemos enfrentá-los, você e eu. Se estivéssemos frescos. Mas e se alguns deles não forem realmente nossos inimigos? E se eles estiverem sob influência do Killian? Não quero matar mais nenhum dos nossos se não for necessário."
Os olhos de Stark brilham, mas ele monta. "Vamos voltar para nossos companheiros."
Encontramos Noemi e Venna ajudando no acampamento improvisado que foi formado fora dos muros arruinados de Linsfall. Alguns moradores de Linsfall começaram a reentrar cautelosamente na cidade agora que os tremores cessaram, mas a maioria parece preferir esperar mais até ter certeza absoluta de que o perigo passou.
Afastando nossos amigos, explico rapidamente que precisamos nos mexer, que nossos inimigos estão vindo aqui e rápido.
"Mas e essas pessoas?" Noemi responde com um pulso de ansiedade.
"Noemi," Stark repreende por resistir à minha ordem. Ela o encara, mas as orelhas de Ephyse se recolhem quando Cratos se aproxima.
Observo a multidão reunida ao nosso redor. Eles estão assustados, feridos, confusos. A casa deles está em ruínas. Queimando.
Meu interior alterna entre um calor escaldante e um frio nauseante. "Tenho que acreditar que o Ligado do Killian não vai machucá-los", digo, comunicando pelo vínculo com o grupo para evitar a chance de ser ouvido. "A batalha deles não é contra os plebeus de Linsfall. Provavelmente quer eles do lado dele."
Venna hesita. "Você tem a última Lágrima?"
"Quero sim."

"E... causou tudo isso?" Venna gesticula ao redor dela, impotente.
Engulo em seco. "Não sei ao certo. Mas, sim, acredito que sim."
Isso parece decidir tudo para ela. "Não devemos deixar esse poder cair nas mãos do inimigo. Devemos encontrar um lugar seguro para nos reagruparmos."
Sou grato, então, por não ser o único que acha que precisamos ir embora—não importa o quanto essas pessoas precisem. Venna, uma amiga com mais compaixão do que eu, apoia essa decisão.
"Concordo," digo. "Unidos com Lucien, teremos seis Lágrimas do nosso lado. Mesmo com o Killian drenando minha magia e a força do Alistair, deveríamos ter poder para derrubá-lo. Depois podemos voltar aqui e reconstruir. Mas devemos escolher o momento e o lugar dessa luta."
Stark concorda a contragosto. "Precisamos de um plano, não fazer uma última resistência desesperada depois de uma longa noite cansando-nos."
"Vamos. Agora mesmo," ordeno, e o resto de nós monta. Fizemos o que pudemos, mas estamos sem tempo.
Começamos a entrar em formação de movimento, mas antes que possamos nos mover, uma voz trêmula chama da multidão. "Você está nos abandonando, Alteza?"
Minha garganta se fecha, e não consigo nem me virar para procurar a origem da pergunta. O lamento de uma criança grita sobre minha pele, me abrindo.
"Sinto muito por deixar vocês assim," eu digo a eles. Não há como saber se minha voz se espalha pela multidão.
Se algum deles vai sequer ouvir meu pedido de desculpas.
Me forço a olhar para o mar de rostos diante e atrás de mim, fazendo tudo o que posso para não lembrar dos rostos dos perdidos, daqueles que enviei para o desconhecido e daqueles que foram tirados de mim.
"Eu nunca vou te abandonar. Eu prometo. Quer acreditem que sou seu legítimo governante ou que Killian Valtiere seja, jurei minha vida a vocês, povo de Nocturna. Neste momento, estou sendo perseguido, e a coisa mais segura que posso fazer por você é ir embora. Assim que eu tiver tropas sob meu comando, retornaremos a Linsfall para ajudar na reconstrução. Até lá, sei que vocês podem contar uns com os outros." Então eu incentivo Anassa a seguir em frente.
Não há mais perguntas enquanto cavalgamos em direção ao acampamento onde Elias e Lucien esperam.
Nos movemos em velocidade e em perfeita formação. Stark está ao meu lado, liderando comigo. Noemi fica do meu outro lado para se proteger. Venna vem atrás de nós, pronta para nos alertar rapidamente se estivermos sendo seguidos.
Há fumaça nos meus pulmões enquanto batemos na terra congelada. O punho da adaga está frio em minha mão, irradiando dor pelo meu braço.
Estou tão exausto que não sei se conseguiria conjurar um sussurro de magia. Mas minhas adagas nunca me falharam.
Corremos pela floresta e saímos em direção ao nosso acampamento sem incidentes, nossos lobos pressionando com força para nos tirar do perigo o mais rápido possível.
O fogo do nosso acampamento é visível na colina ao lado. E então um arrepio de consciência chama minha atenção para nossos laços. Venna percebeu algo.
Não tenho tempo de perceber tudo antes que um chiado agudo de ar toque um

dos meus ouvidos e depois o outro. Então um baque, um gemido interrompido.
Uma dor ofuscante rompe minha conexão.
Eu engasgo e quase caio da Anassa; a mão com que a estou segurando tem um impulso de se apressar na minha garganta, para estancar o sangramento.
"Pare!" Grito com Anassa, tanto em voz alta quanto ecoando pelo nosso vínculo, e as patas dela arranham sulcos profundos no chão enquanto ela luta contra o impulso.
Eu me viro rapidamente.
O lobo de Venna, Skaia, está no chão. Uma flecha enorme é cravada em sua garganta.
Ela está sangrando muito. Ela está—
Ela está morrendo.
E Venna—
Ela está no chão ao lado de Skaia, de costas, mãos fechadas no pescoço, se contorcendo de dor.
Meu coração dispara, minha visão fica turva. Por um segundo, só consigo encará-la. O rosto dela e o de Izabel se fundem na minha visão, e são as duas na minha frente, se contorcendo de dor. Morrendo. Por minha causa.
Estou congelado no tempo, como se tudo o que acontece fosse passado, uma memória dilacerante. Minha mente se desprende, fragmenta.
Noemi saltou para o chão, correndo em direção a Venna.
"Parem eles, Meryn!" ela grita, a voz sufocada.
"Atrás de nós, Meryn." A voz de Anassa rompe minha angústia. "Na linha das árvores."
Anassa dá a volta. Meus olhos lutam, depois focam na borda da floresta a oeste. Uma parede de Ligados de Killian em costas de lobo espera ali por ordens, seus olhos de lobo brilhando na escuridão entre as árvores.
Jonah saiu das sombras. Ele segura um arco e rapidamente encaixa outra flecha. Consigo ver seu sorriso largo mesmo daqui, seus dentes brancos brilhando como presas.
Outro lampejo me atinge, este nascido de pura raiva.
Não vou deixar que ele tire mais ninguém de mim. Não vou.
Meu poder das sombras se eleva, vingança encarnada. Mas ao mesmo tempo, estou cansada, muito cansada. Meu corpo se esforça como uma corda de arco, apertado o suficiente para quebrar.
"Meryn. É demais." A voz de Anassa rasga minha mente.
Não. Não vou deixar que isso me destrua.
Sem me dar tempo para duvidar da decisão, enfio a mão na mochila ao meu lado, puxando a Lágrima que causa destruição.
No momento em que minha pele faz contato, a energia corre nas minhas veias. Meu cansaço sumiu. Meu poder aumenta alto. Ela me preenche, corre através de mim e entra na Lágrima.
Levanto a gema acima da minha cabeça, e mais uma vez, aquela luz estranha brilha. Como um nascer do sol branco e frio.
Jonah vacila. Sua reverência erguida desce, e o branco de seus olhos brilha. A magia Phylax ilumina o dossel. Os outros Vinculados erguem escudos enormes porque sabem que estou vindo atrás deles.

Não do meu povo. Não é minha.
Magia irrompe do meu peito com força que empurra meu cabelo para trás.
Estou pronto para destruir.
A imagem de Linsfall desabando sobre si mesma surge na minha mente.
Aponto minha mão para a linha de Bonded traidor e grito.
Uma enorme caverna de escuridão se abre, uma fissura na terra entre nós e eles.
Lobos e cavaleiros são engolidos. Gritos ecoam e caem, sem fim. Árvores caem na escuridão, raízes rachando e quebrando. Meu poder cria um turbilhão de vento, e a linha inimiga é destruída pelo chão, muitos deles escorregando para aquele corte de escuridão.
Vejo os inimigos desaparecerem, essa distância se alargando, ampliando.
Então vem o som dos últimos suspiros de Venna.
Venna. Deixei minha mão cair.
Anassa corre para o lado dela. Caindo de costas dela, bati forte no chão. Me seguro com as mãos e as uso para me puxar para frente e encontrar meu equilíbrio. Um grito desesperado escapa da minha garganta.
Os outros já estão reunidos ao redor de Venna. Noemi segura a mão que não está mais segurando a garganta, arranhando a pele até sangrar.
Há um som como um vento assobiando e um risco de cor sobre o chão entre aqui e nosso acampamento—e então Lucien também está aqui, inclinado sobre Venna também. Seu rosto está sério. Elias está ao fundo, com o rosto igualmente severo.
Os olhos de Venna estão vermelhos. Seu rosto está ficando pálido e fantasmagórico. Ela faz barulhos como se estivesse tentando respirar, mas não consegue passar o ar pelo ferimento na garganta do lobo.
Seu lobo está gorgoleando, seus olhos sem ver.
"Skaia está segurando", sussurra Anassa. "Por ela."
Para a despedida dela. A agonia me rasga, cada nervo em dor.
"M—" Venna tenta, os olhos me acompanhando.
Eu desabo ao lado dela, lágrimas queimando nas minhas bochechas enquanto seguro o rosto dela. "Não fale. Tudo bem. Ei. Está tudo bem."
Seus lábios se movem, mas nenhum som sai. Meu corpo fica frio e quente e começo a tremer.
"Não. Venna, não," eu digo, imploro, choro. Você também.
Não tivemos tempo suficiente. Estávamos começando a construir uma amizade profunda só nossa. Venna, que não tem dificuldade em me confrontar. Venna, irônica e inteligente. Venna, que já enfrentou o pior que podia e me surpreendeu com sua coragem para seguir em frente.
Por quê?
Sua mão sai da garganta. Uma lágrima escorre de seu olho. Ela não para de me olhar. Alcançando, percebo. Pego a mão dela e choro.
"Fique conosco", digo pelo vínculo, desesperado. "Não me deixe."
Uma emoção suave flutua através do nosso vínculo que se desgasta. Pequeno, silencioso.
Amor.
"Meryn." A voz de Lucien. Eu a afasto, indo mais fundo no vínculo, procurando a centelha de Venna ali, onde ela está se apagando tão rápido. Segui-lo para a

escuridão.
Não posso deixá-la ir—
Uma mão bate no meu ombro. Caio para trás, perdendo a conexão com Venna. A força surpreendente de Lucien me derruba.
"Deixe-me," sua voz sai urgente.
Observo, chocado, enquanto suas mãos se fecham ao redor do pescoço de Venna. Ele toca o peito dela, então, bem acima do coração.
Então ele leva o pulso à boca e rasga com as presas. Um pedaço de sua carne se solta, e seu sangue jorra do ferimento e respinga no peito dela. Eu observo, me afastando de mim mesmo. Vejo Lucien segurar o pulso ensanguentado na boca dela.
Minha respiração prende na garganta ao perceber o que ele está oferecendo para ela.
"Beba", ele ordena.
Mas ela vira a cabeça para o lado, resistindo com suas últimas forças, o medo nos olhos.
"Venna, por favor," imploro. Mas não sei o que estou pedindo. Para beber? Ou para se manter forte e recusar, mesmo que isso custe a vida dela?
O que eu escolheria se tivesse a chance? A morte? Ou—
Venna vira a cabeça e olha para seu lobo. Ela procura conselhos nela.
Os olhos de Skaia estão fechados, sua respiração diminuindo. Ela não pode ajudar Venna agora.
Os dois vão desaparecer em segundos.
Não. Eu quero muito que ela fique. Venna merece uma vida longa e plena. Mas não é uma escolha minha, e meu pulso começa a disparar atrás dos meus olhos. Escolha, Venna, escolha.
O rosto de Lucien se contorce. Por um momento, ele se recosta, o pulso saindo dos lábios dela. Mas então algo o domina. Algo agudo e selvagem. Algo real. Algo quase humano.
Venna também vê, e eu vejo algo teimoso voltar ao olhar dela. Com suas últimas forças, ela agarra o pulso dele fracamente, levando-o à boca.
Sangue cobre suas bochechas, seus lábios, e ela bebe.
O lobo de Venna solta um último som baixo. Um gemido engolido pela morto. O pé de trás de Skaia se contrai, e ela fica imóvel.
Há uma lacuna enorme dentro de mim.
Não é só o lobo dela que saiu da matilha.
Venna já não entendi.
Ela está bem aqui, viva, a cor voltando às bochechas, mas não consigo senti-la nas amarras.
Meus ouvidos estão zumbindo. Tudo está dormente.
"Meryn." É Stark.
Solto um soluço e me recosto. Não consigo me sustentar, e ele está lá. Eu me encosto na perna dele, bochecha na coxa, agarrada ao tornozelo.
Ela está viva.
Ela é um Sifão.
Mas ela está viva.
As pontas dos dedos de Stark traçam círculos lentos na nuca do meu corpo. "Não

temos tempo, Meryn", sua voz me diz, cortando a névoa. "Pode ser que mais deles estejam chegando. Eles podem encontrar um jeito de atravessar... O que você fez. Precisamos sair daqui, levá-la para um lugar seguro."
Minha visão foca. Engulo em seco. Tenho lágrimas no rosto, mas consigo ver claramente.
"De volta aos seus lobos," eu lati. A ordem para mim tanto quanto para qualquer um deles.
Stark e Noemi se movem rapidamente. Lucien permanece sentado ao lado de Venna, com uma expressão pétrea no rosto, sangue ainda pingando do pulso onde repousa no joelho erguido.
Venna está deitada de costas, olhos fixos no céu esfumaçado. Sangue está espalhado pelo queixo dela.
Eu pego a mão dela. "Levanta. Levante-se. Agora." As palavras saem gentis, suplicantes.
"Meu... Ela..." Venna sussurra rouca. Seus olhos se voltam do céu para Skaia.
Ela solta um grito que vai me assombrar pelo resto da vida e quase escorrego de volta para o chão com ela.
E se fosse Anassa deitada ali? E se ela tivesse sido cortada de mim e eu tivesse sido separado de toda a minha matilha por uma única flecha?
E se eu não estivesse mais vinculado?
Meu instinto de usar a autoridade da matilha para colocá-la de pé é como um chão de sal em uma ferida aberta. Não vai mais funcionar. Não na Venna.
Venna se vira fracamente, alcançando Skaia, mal tocando sua cauda. Minha visão foca em pelos embaraçados de sangue.
É cruel como seu pelo cinza parece vivo, dançando ao vento mas preso a um cadáver.
Pego a mão estendida de Venna e a puxo para longe do lobo. Ela grita como se eu estivesse matando ela. Coloquei o braço sobre meu ombro e usava as pernas para nos puxar para cima.
Meu mundo parece estar desmoronando nas bordas, e mesmo assim, preciso continuar nos movendo.
Ela fez sua escolha. Preciso fazer minha parte e honrar isso garantindo que continuemos vivos.
Stark está lá, puxando comigo. Venna desabafa. As pernas dela estão moles. Ela está resmungando.
Anassa se curva diante de Skaia. Ela encara o corpo do lobo gigante enquanto Stark me ajuda a colocar Venna nas costas de Anassa.
Dou um passo para trás para assinar minhas próximas palavras. "Você nunca estará sozinha, Venna," eu digo, atrapalhando as palavras em linguagem de sinais, mas fazendo o meu melhor. "Eu juro."
Eu pulo atrás da minha amiga, da minha família, e a envolvo com os braços. Ela desaba—dormindo, ou desmaiando. É uma bênção, eu acho; Ela não precisa nos ver cavalgando longe do lobo dela. Ela não precisará carregar essa visão consigo pelo resto da eternidade.
"Saiam. Rápido!" Stark brada, partindo em direção a Cratos, Elias sentado atrás dele.
A cabeça de Lucien se vira rapidamente enquanto ele passa por nós montado no

lobo de Noemi. Ele só olha para frente de novo quando nos encontramos em dia. Cavalgamos, e andamos rápido sob a cobertura da magia.
O lobo de Venna fica para os corvos.

55



MERYN

Os lobos continuam se movendo apesar do nosso desespero e exaustão. Apesar da dolorosa perda em um dos seus.

Longe de Linsfall. Longe de quaisquer traidores de Phylax que sobreviveram, e longe da ferida rasgada que abri na terra, marcando a paisagem. Longe, com a Deusa Lágrima da destruição em minha mochila irradiando calor contra meu peito e o espaço onde o vínculo de Venna um dia tentava e falhava, tentava e falhava em fluir.

E meu coração está partindo, e partindo, e partindo. A dor do passeio exaustivo é a única coisa que me mantém com os pés no chão.

Depois de uma hora inteira com minhas coxas queimando e meus pulmões pegando fogo, grito para Lucien: "Quanto tempo temos até ela se transformar?"

Venna continuou dormindo, mas lembro muito bem como foi com a Saela. Ela estava perfeitamente bem. Ela parecia ela mesma quando a conheci no escritório do Stark em Sturmfrost.

Então, de repente, ela arrancava uma garganta e se contorcia como um animal preso em uma armadilha.

Oh deusa. Venna.

"Lucien," exijo.

Sifões recém-transformados são mais perigosos, me lembro. O desejo é incontrolável. Por um tempo, a Venna nem vai me reconhecer. Ela olha para mim e só vê o mapa das minhas veias sob a pele.

Sei que vai parecer que ela também está morta, ou irrevogavelmente mudada, mesmo que seja só por um tempo. E eu não sei se vou aguentar isso.

"Horas", Lucien responde para mim. "Cerca de seis, mais ou menos."

Assinto e me volto para dentro. Pensamentos batem dentro do meu crânio. Seis horas. Quanto de terreno poderíamos cobrir? Como vamos gerenciar a transformação inicial?

A percepção percorre minha mente e a de Anassa simultaneamente.

"Vamos precisar nos separar", diz Anassa.

Não conseguimos gerenciar a transformação da Venna enquanto nos movemos, mas nem todos podemos parar tudo para ajudá-la a passar por isso.

Isso levaria dias. Dias que não temos com as forças de Killian se aproximando.

Ainda não anunciei minha decisão. Eu mantenho a gente pedalando forte. Os lobos devem sentir a urgência, porque correm até que a cabeça penda, alternando entre explosões poderosas de velocidade e um ritmo mais constante e sustentável. E então eles continuam correndo. Sem reclamar. Sem um único rosnado ou estalo de dentes afiados.
Eles também estão de luto. A queimação nos músculos deles pode ser uma distração tão bem-vinda para eles quanto para mim.
Eventualmente, não podemos continuar. Não tenho certeza de onde estamos, mas sei que Stark e Cratos, que viajaram pela maior parte da nossa nação, vão juntar as peças.
No momento, tenho outras preocupações.
Afrouxo com Anassa, recostando-me com Venna caída inconsciente nos meus braços. Anassa desacelera para um passo e depois para um passo pesado e ofegante. Ela abaixa a cabeça, os lados arfando.
Meus olhos percorrem a paisagem. As árvores rarearam um pouco, mas o dossel ainda é denso o suficiente para abrigo e o sol ainda não nasceu. E embora eu esteja exausto, ainda consigo manter um véu de magia ao nosso redor.
Não tenho ilusões de que isso possa ser suficiente para nos proteger totalmente do perigo, no entanto. Qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Minha sensação de segurança foi destruída — novamente — na ponta de uma flecha.
Mas eu preciso fazer isso, e preciso fazer agora. Preciso reunir toda a informação que puder, caso isso possa nos dar algum tipo de vantagem, alguma solução para tudo isso.
Os outros param ao lado de Anassa. Noemi se inclina totalmente para frente sobre Ephyse e envolve os braços em seu pescoço largo, fechando os olhos, tremendo de esforço. Cratos se aproxima de Anassa e encosta o nariz no dela. Eles ficam ali assim, ambos ainda ofegantes.
Olho para a Venna. Parece que ela está dormindo, mas não é pacífico. Ela está presa a sonhos sombrios, e não há nada que eu possa fazer para protegê-la deles.
"Ven," sussurro, segurando as lágrimas.
Seguro a cabeça dela onde está apoiada no meu ombro e me viro para beijar seu cabelo.
Então guio alguns fios perdidos da testa dela, dando meu coração alguns batimentos rápidos para lamentar, para me deleitar com a raiva ardente de que tudo isso aconteceu.
Quando a deito sobre os ombros de Anassa, meu lobo gigante me manda uma promessa. Ela vai cuidar da Venna enquanto eu faço o que preciso fazer.
Acaricio o lado dela enquanto desmonto, as pernas tremendo levemente pelo longo passeio. Então passo para Stark, segurando seu tornozelo onde repousa contra o lado de Cratos. Ele olha para mim, suor na testa, mão afundada no pelo de Cratos.
Elias cavalga atrás dele; até seu rosto quase perfeito de Sifão parece marcado pelo cansaço.
"Talvez mais quatro horas, antes de..." ele me diz, e olha para Venna.
"Não vou esperar. Preciso de todas as informações que puder conseguir", respondo.

"Espera?" Elias pergunta. Ele desce das costas de Cratos.
"Ela quer dizer a Lágrima", diz Lucien atrás de Noemi. Ele se levanta e desce do wolfback em um esvoaçar de vestes. "Concordo que é sensato aprender o máximo possível sobre esses objetos antes de enfrentar Alistair, pois ele está armado com um deles. Você precisa de mim para isso, imagino?"
Minha resposta é recuperar a Lágrima.
Ainda está manchado com o sangue da Mãe Sacerdotisa.
Levanto para examiná-lo na luz manchada do luar que passa pelas folhas trêmulas acima. À medida que meu suor esfria, o frio chega. Ou talvez seja um choque persistente. Ainda assim, minha mão está quente ao redor da pedra.
A opala é dolorosamente bela. Queria que isso não existisse. O poder que ela detém é terrível. E odeio já ter usado para meus próprios propósitos.
Meus olhos se voltam para Stark. "Cuidar de mim?" Sussurro sobre nosso vínculo.
"Sempre."
Seguro a Lágrima nas palmas das mãos e a estendo para Lucien para que ele possa pressionar as mãos sobre as minhas.
Ser levado para outro tempo já é familiar neste momento. A expectativa cresce em mim. Uma fome de saber.
Estou afundando, na terra, debaixo do solo, caindo na escuridão. E então...
Estou em uma floresta fria e árida. A cena é notavelmente nítida. Tem terra compactada debaixo dos meus sapatos. Consigo distinguir o cheiro forte da grama e os aromas contrastantemente doces de cedro e seiva. O ar é fresco, mas a luz diante de mim é quente.
A luz de Lumina. Ela está à minha frente, andando devagar. Seus pés estão descalços, espreitando por baixo da barra de um vestido fluido feito de linho pálido simples e adornado apenas com uma única linha de tachas em forma de pérola.
Ela brilha por dentro, como antes, mas sua expressão é indecifrável.
Lumina para de andar e se vira para mim. Quase nenhuma luz nos alcança, mas ela desafia as sombras. Ela poderia muito bem estar em um campo verde em um dia de verão, a grama balançando ao seu redor para combinar com o esvoaçar do cabelo.
Observo enquanto ela estende as mãos com as palmas juntas, fecha os olhos e respira fundo.
Ao expirar, ela solta uma onda de poder. É assustador, impressionante, belo, impossível. É como o primeiro choro de um recém-nascido, a dor da mãe ainda presente.
À medida que a onda se move, ela consome a floresta. Não, não consome. Ele se transforma.
Na expressão de Lumina, agora há luto, alívio, alegria. Tudo de uma vez. Ela mantém os olhos fechados enquanto a floresta começa a se transformar.
A terra sob meus pés se transforma em pedra compactada e geométrica, endurecendo a cada segundo que passa. As árvores altas se curvam, galhos crescendo em linhas rígidas, em ângulos retos antinaturais, e depois se petrificam em formas de prédios. Raízes se tornam degraus de pedra. Galhos crescem, se cruzam e se transformam em vidraças.

Eu giro, boca aberta, enquanto a floresta se transforma em uma cidade diante dos meus olhos. Até os cheiros mudam, substituídos por fumaça fresca, como se as lareiras já estivessem queimando. De repente, percebo que reconheço o padrão dessas ruas. Eu já estive aqui. Horas atrás.
É o Linsfall.
Parece um pouco diferente. Os prédios não são tão modernos, todos com telhados de palha e nenhum alcançando mais do que um andar. Mas o traçado das ruas é familiar pelo hábito irritante de estreitar e alargar de forma imprevisível. E os prédios guardam um eco de suas futuras iterações.
Quando me viro para olhar para Lumina, ela está parada bem no centro de uma praça da cidade que reconheço.
Ela está exatamente onde a estátua da Deusa Sem Rosto estava.
Depois de um minuto, o gemido das árvores desaparece. Um minuto depois, o crepitar profundo da pedra se formando também se silencia. Só então Lumina abre os olhos.
Ela observa tudo à sua frente com um sorriso benevolente.
E então ela chora. Ela sorri e chora como se estivesse feliz por finalmente testemunhar esse lugar que guardou dentro de si por tanto tempo, mas como se também sentisse falta de mantê-lo tão impossivelmente perto de si.
Assim como testemunhei em A Lágrima da torre, suas lágrimas escorrem até o queixo pontudo e caem em suas mãos. Eles se juntam e se tornam uma ópala, uma nova luz brilhando sobre as feições da deusa.
Uma porta se abre. Outro. De repente, pessoas estão saindo de todos os prédios ao nosso redor.
Pessoas, quando não havia ninguém em lugar algum antes da magia da deusa varrer o espaço. Meu coração está disparado.
Ela simplesmente... Criou eles?
Eles estão vestidos com roupas simples. Eu poderia confundi-los com plebeus do Linsfall de hoje, embora os estilos sejam um pouco estranhos e volumosos. Todos a encaram com olhos arregalados.
Lumina estende as mãos para eles, acolhedora, a cabeça levemente inclinada para o lado.
Um choque explode da base do meu crânio e desce pela minha coluna quando percebo que é um espelho exato da posição em que a estátua está.
Ficou de pé, suponho.
"Bem-vindos, meus filhos", ela diz. Uma mulher chega primeiro ao lado de Lumina, e a deusa coloca a opala em suas mãos com ternura.
A mulher o encara com reverência e admiração.
"Este é o seu mundo agora", diz Lumina. "Valorize-a. Proteja-a contra aqueles que lhe fariam mal."
"Quem é você?" a mulher pergunta com um sotaque estranho.
"Lumina, deusa da criação. E eu... queria poder te conhecer", ela sussurra. Mas a emoção que a domina por um instante não permanece em sua voz. "Proteja esta Lágrima e que ninguém a tire de você."
Sua voz se torna poderosa, e o povo treme. Eu também tremo ao ouvi-la.
"Eu sempre virei quando você me chamar. Sejam bons uns com os outros e fiquem bem."

Ela se vira, e de repente desaparece. Não sinto falta disso num piscar de olhos. Ela simplesmente não está mais de repente.
As pessoas olham ao redor, confusas, de repente vivas e sozinhas.
E a mulher que segura a Lágrima a mantém para a luz, assim como eu fiz na floresta. "Deusa", ela diz reverentemente.
Então sou jogado de volta para o meu corpo.
Meus dentes rangem, e eu tenho que me esforçar muito para lembrar como respirar. Depois que encontro um ritmo, abro os olhos. Os olhos de Lucien ainda estão fechados, sua respiração também voltando.
Volto para Stark, que desmontou de Cratos e está de braços cruzados e maxilar tenso. Noemi fica atrás dele, também me olhando com perguntas nos olhos.
"Eu vi a deusa," digo devagar. "E o que eu acho que foi criação de Linsfall e desta Lágrima. Não consigo dizer se isso aconteceu antes das coisas que aconteceram na Torre, ou depois."
Paro e penso no que vi, se há algo novo que possamos aprender com essa visão.
Lucien está alerta novamente agora, andando de um lado para o outro com as sobrancelhas franzidas.
"Lucien, você percebeu algo que possa nos ajudar?"
Ele levanta o olhar. "A arquitetura em Nocturna sempre foi mais feia que a de Astreona?"
Suspiro. "Ok, mas que tal qualquer coisa sobre o poder das Lágrimas, ou como derrotamos o Killian?"
Lucien balança a cabeça. "Para ser honesto, não sei o que sabemos agora. A deusa criou uma cidade e algumas pessoas... e depois foi embora? O que isso significa para as Lágrimas? E por que essas pessoas puderam tocar na gema, mas não a Mãe Sacerdotisa?" Stark e eu compartilhamos a história do que aconteceu com as mãos dela durante nossa jornada.
Me abaixo no chão, encostando as costas em um toco de árvore. "Ok, bem, infelizmente o grande e onisciente rei Sifão não captou mais informações do que eu naquela pequena jornada de visão."
"Onde isso nos deixa?" A voz de Noemi é baixa, mas firme. "Mesmo que não os compreendamos totalmente, sabemos que essas Lágrimas concedem grande poder a você e a Killian. Ele conseguiu conquistar o país inteiro para o seu lado. Será que o poder dos novos que encontramos será suficiente para você e Lucien lutarem contra ele?"
Já tivemos essa conversa antes, várias vezes enquanto estávamos na estrada. No fim das contas, continuamos esperando que coletar mais Lágrimas não só nos desse mais poder, mas também nos ajudasse a entender a própria Lágrima de Killian e como usá-la contra ele.
Eu hesitei. Se não fosse pela maldita pulseira de noivado, seria mais fácil dizer a Noemi que sim, com as Lágrimas da criação e destruição, eu poderia enfrentar qualquer um ou qualquer coisa.
Mas será que Killian conseguirá acessar o poder deles através de mim? E se ele puder virar tudo de volta para nos destruir?
Eu contava com Lucien ao meu lado para essa batalha, outro poderoso usuário de magia com Lágrimas amplificando suas habilidades. E, mais importante, alguém que não seja comprometido por um elo inquebrável com nosso inimigo.

Com a Venna prestes a precisar de cuidados constantes, não vejo como todos poderemos seguir em frente.
E sem Lucien e suas duas Lágrimas...
"Acho que já temos poder de fogo suficiente," digo finalmente, tentando soar confiante. "E nós impedimos ele de colocar as mãos na destruição, Tear. Mas Killian pode voltar todo o seu exército contra nós, inclusive pessoas que já foram nossos apoiadores. Não quero matar toda Nocturna só para salvá-la."
Esfrego o pescoço, fazendo uma careta com a dor que todo o corpo percorre o corpo depois da noite que tivemos.
"Ao mesmo tempo, não vejo que possamos adiar as coisas mais. Killian pode ir atrás dos nossos últimos aliados em Blumenfall a qualquer momento. Além disso, não temos um plano melhor além de só pegar as Lágrimas e torcer para que isso seja suficiente..."
Minha mente se volta para o desespero sombrio. Não posso abandonar o resto do meu povo ao domínio de Killian. Mas será que nos serve de alguma coisa me jogar cegamente contra nosso inimigo, sem saber quantos vamos enfrentar?
"Então precisamos de um plano melhor", diz Stark simplesmente. Os olhos dele não me largaram. A fé dele de que eu posso resolver isso acende algo no meu peito. Me sento um pouco mais ereto.
"Você está certo. O que temos que pode nos ajudar? Quais são as fraquezas dele?"
Todos nós ficamos quietos, pensando nisso.
"Sua sede de poder?" Noemi sugere.
Ela não está errada. Se Killian quisesse, poderia ter encontrado uma forma de contornar o legado doentio da família, para evitar se tornar o receptáculo de Alistair. Ele não fez. Ele aceitou, porque queria o poder que isso lhe traria. É sua segunda maior fraqueza. E...
E acho que sei o primeiro.
Agora está claro para mim. Existe um caminho a seguir. Existe uma maneira de recuperar minha paz. Existe uma maneira de transformar essa conexão amaldiçoada entre nós, essa agonia que me assombra, em uma arma que eu possa usar contra ele.
Dói, sim. Vai doer. Mas mulheres com dor dão confiança aos homens.
E basta um erro.
"Meryn!"
Eu me assusto. Stark também tem. Noemi parece confusa e olha entre nós. É a voz de Egith, urgente e ofegante.
"Killian e suas forças estão se aproximando de Blumenfall."
Meu corpo inteiro fica rígido.

56



MERYN

Eca.

"Ele não estava com Jonah e o grupo que nos atacou? Temos certeza?" Pergunto com urgência.

Egith compartilha informações que observou com seus próprios olhos com Stark e comigo através do vínculo. Uma enorme massa de forças, Vinculados e soldados igualmente. E liderar todos — sim, é inconfundivelmente Killian.

Stark balança a cabeça. "O grupo que nos perseguia era apenas um pequeno contingente de suas forças maiores."

"Killian?" Noemi pergunta. Seus olhos escuros são arregalados e arregalados. "Ele vai buscar o resto dos Vinculados?"

"Parece que sim. Egith tem olhos nos movimentos das tropas", digo.

O número de nossos seguidores leais já está baixo. Não posso abandonar o resto deles à mistura de violência e escravidão mágica de Killian e Alistair.

E eles estão dentro de um feudo. A vida dos plebeus estará em risco se Killian atacar os Vinculados lá.

"Ele está indo atrás deles só para eliminá-los? Levar o resto do seu exército?" Noemi especula, com a voz tensa.

"Não," eu digo. "Ou não só isso, embora eu tenha certeza de que isso faz parte do objetivo dele. Alistair está tentando me provocar. E sabe de uma coisa, dane-se. Está funcionando. Fui provocado. E eu cansei de me esconder dele. Cansei de fugir dele."

Os outros me observam com uma mistura de medo e determinação resoluta no rosto.

Minha voz se eleva. "Cansei dele! Ele tem uma Lágrima, e eu tenho quatro. Eles estão me tornando poderoso. Ele pode acessar minha magia de dobra de sombra, mas apostaria que as Lágrimas vivem fora desse poder — e com essa habilidade de criar e destruir, posso derrotá-lo. E eu tenho outra coisa que ele não tem."

"Conhecimento de Lumina?" Noemi diz, parecendo incerta.

"Fúria pura e incandescente," eu a corrijo. Começo a andar de um lado para o outro, olhando para Anassa. "Quanto tempo levaremos para chegar a Blumenfall?"

"Cerca de cinco horas em velocidade máxima", ela responde.
Assinto, calculista.
"Mas precisamos descansar primeiro, Meryn", ela acrescenta severamente. Sua cauda chicoteia. É algo que ela faz principalmente quando demonstra irritação. "Você não dormiu. Ninguém fez. Linsfall foi difícil, emocional e fisicamente. E..."
"E?" Eu surto.
"Você cheira a humano sujo," rosna Anassa. "Coma. Dormir. Lave."
Cerro os dentes. "Ah, eu vou dormir, tudo bem."
Ela mostra os dentes para mim para me repreender por ser teimoso, mas eu apenas mostro as minhas costas antes de voltar meu olhar para Lucien. Ele está parado com sua expressão eternamente calma no rosto, como se estivesse sentado em uma festa vagamente divertida que frequentou só para ter uma desculpa para beber.
Mas quando ele me vê olhando para ele, sua sobrancelha se ergue e seus olhos focam.
"Achei você uma pessoa muito confusa", digo, cansada demais para ser sutil.
Ele sorri. "Obrigado."
"Eu realmente, realmente não quis dizer isso como um elogio. Mas... Acho que posso confiar em você. Eu posso, né?" Pergunto.
Ele respira fundo e se aproxima de mim com passo descontraído. "A única coisa neste mundo que eu realmente quero — a única coisa que permaneceu eternamente fora do meu alcance — é a rápida — ele faz uma pausa — "ou a morte prolongada e horrível, do meu irmão." Sua voz é quase descuidada ao terminar, mas seus olhos contam outra história. "Quero que ele seja apagado da existência. Você não vai atrapalhar esse objetivo, Sturmfrost."
Reviro os olhos. "Foi uma pergunta de sim ou não."
Ele sorri, e isso é ao mesmo tempo reconfortante e predatório. "Sim, você pode confiar em mim."
"Então..." Meu coração dói. Fecho os olhos e digo: "Leve Venna de volta para Astreona. Por favor. Proteja-a."
Venna ainda está inconsciente em cima de Anassa. O braço dela está pendurado sobre o lado do meu lobo. O rosto dela está pálido e começa a suar.
O constante meio sorriso desaparece do rosto de Lucien. "E Alistair?"
Minha cabeça cai e suspiro. "Lucien, eu sei que você não quer que eu vá atrás dele sozinho. Você deixou isso perfeitamente claro. Para ser honesto, também não é minha primeira escolha. Mas a Venna precisa ser mantida segura, e não podemos levá-la conosco para onde vamos. Você sabe disso, né?"
Seus olhos vão de Venna para a bolsa presa em mim, aquela que segura minha coroa, o colar e as outras duas Lágrimas.
Minhas bochechas queimam. "Você não vai arriscar ela porque está preocupado com nosso desequilíbrio de poder agora, vai?"
"Normalmente, adoro um bom desequilíbrio de poder..." ele começa.
"Lucien."
Lucien suspira, parecendo mais cansado do que eu já vi. "Não, acho que não estou. Mas é melhor terminar o trabalho."
"Eu prometo," eu digo. "E vou garantir que você mande lembranças para o

Alistair enquanto eu enfaço a faca, tá bom? Como você vai voltar para o barco?"
"Vamos viajar a pé. Inconveniente não ter um cavalo para as mochilas, mas como você sabe, velocidade está entre o arsenal de um sifão. Vamos encontrar lugares seguros para descansar e nos recuperar entre os trechos da viagem. Vou carregá-la até ela acordar e conseguir se mover sozinha."
Pressiono meus lábios. "Tente facilitar o máximo possível para ela. Por favor. E... Não deixe ela matar ninguém."
Isso a quebraria, fazer algo assim. Assassinato sem sentido. Movidos pelo desespero e uma fome desumana.
Ela não aguenta mais perdas.
Lucien solta um som vagamente ofendido e revira os olhos. "Já ajudei novos Sifões em suas transições muitas vezes. Ela vai ficar bem."
Baixo a voz e me aproximo muito dele. Perto o suficiente para que sua coluna se enereça.
"Não sei se ela vai ficar bem," sussurro.
Ela passou por traumas imensuráveis, sua própria natureza mudou, e ainda por cima perdeu seu lobo. Skaia, a única presença constante e estabilizadora em sua vida. Uma parte dela, assim como Izabel era.
Mesmo que ela tenha escolhido essa transformação, tenho medo de que ela acorde e se arrependa de ainda estar viva.
Que ela vai se convencer de que não resta nada dela mesma que mereça continuar vivendo.
As sobrancelhas pálidas de Lucien se franzem. "Meryn", ele diz seriamente. Meus lábios se entreabrem. Não sei se já ouvi ele usar meu primeiro nome assim. "Eu vou protegê-la."
Engulo em seco. Então eu digo forçadamente, "Ok. Então você deveria ir." E eu me afasto.
Mas ele coloca a mão no meu braço, me impedindo. A expressão dele ainda é intensa. O ar entre nós é pesado. Ele não me solta.
"Se as Lágrimas realmente forem nossa chance de derrubar Alistair... Killian. Bem. Quero que você seja o mais forte possível, absolutamente possível, quando enfrentar aquele pedaço de merda."
Assisto, atônito, enquanto a mão que me segurava levanta o colar de opala do pescoço dele, depois retira a coroa da mochila.
E o Rei Lucien Brightbane está diante de mim com ambas as Lágrimas nas mãos, oferecendo-as a mim. Oferecendo-me sua fé.
Minha voz alcança meu choque. "Tem certeza? Você me disse há poucos dias que não confiava em mim."
O olhar de Lucien é frio. "Se você confiar em mim, posso lhe conceder a mesma cortesia, suponho. Tenho algo precioso para você em minha posse, e agora você tem algo precioso para mim."
Ele espera pacientemente no começo.
Então, impaciente, ele diz: "Confio que você vai devolvê-los."
"Eu vou. Eu juro", eu digo. Ao receber as Lágrimas, o poder adicional se inflama em mim imediatamente, escuro como a meia-noite e ofuscante como o sol do meio-dia. Engulo em seco, esperando o momento vertiginoso passar.
"Então, certo," ele diz.

Ele encara sua coroa em minhas mãos por um momento, então levanta a cabeça e caminha em direção ao lado de Anassa. Em um movimento fluido, ele se lança para cima e se segura no pelo dela. Ele diz algo baixinho que não consigo entender e então afasta Venna do lugar de descanso e a acomoda contra seu peito.
A cabeça dela cai desajeitadamente sobre o ombro dele, no começo, mas ele a ajeita cuidadosamente até que o rosto dela fique escondido em seu pescoço. Ele até apoia o crânio dela com a mão enquanto desmonta de Anassa, impedindo que o impacto com o chão a alcance.
Ele a carrega com reverência. Essa é a única palavra para isso. É como se ele carregasse a responsabilidade de proteger algo valioso e quebrável. Impagável, até.
"Algo precioso para você", ele disse, "e algo precioso para mim." O que significa que, em sua mente, sua coroa é tão importante quanto a segurança de Venna.
"Elias," ordena Lucien. Elias se move rapidamente para o lado dele.
Ambos os Sifões me lançam um último olhar de despedida, e Lucien inclina a cabeça num gesto que, pela primeira vez, interpreto como um sinal de respeito.
E então eles desaparecem, correndo pela floresta em um borrão de velocidade desorientadora de Sifão.
Forcei meus músculos do ombro a relaxarem. Quando faço isso, percebo que minha mandíbula e sobrancelha também estão tensas, mas essas não consigo soltar tão facilmente.
"Descansamos aqui. Noemi, Ephyse é melhor caçando pequenas criaturas. Precisamos comer. Você pode pedir ajuda para ele? Cratos, arruma um riacho para água potável para nós," ordeno.
"E tomar banho", Anassa me lembra, e eu dou um tapa na perna dela.
Mas sou grata. O toque de humor alivia um pouco o nó de tristeza, tensão e exaustão dentro de mim.
Ela sempre sabe do que eu preciso.
Antes de fazermos uma pausa para começar as várias tarefas necessárias para formar um acampamento, tiramos um último momento para nos aproximar. Focar nos laços que ainda fluem entre nós.
Os três lobos formam um círculo protetor ao nosso redor, e eu encosto meu rosto no pelo de Anassa. Concentro minha mente no calor persistente dela. Mesmo no auge do inverno, ela sempre estará lá. Vai sim.
"Estou cometendo um grande erro indo até ele?" Perguntei a ela. "Será que estou dando exatamente o que ele quer, especialmente porque tenho todas as Lágrimas?"
Ela abaixa a cabeça e prende o focinho em mim de forma protetora. "Não, você não está. Killian é poderoso, mas você também é. Ele não sabe qual poder você traz consigo. Ele não estará pronto."
Deixei a certeza na voz dela fortalecer meus nervos. Minha voz é afiada como uma lâmina. "Não vou dar chance para ele se adaptar. Ele estará morto antes de entender o que o atingiu."
"Exatamente. Descanse para que finalmente possa se vingar."
Meu cansaço começa a me dominar. Me aconchego ao lado de Anassa, confortado pelo jeito que sua respiração me levanta e me deita para descansar.

Os olhos de Stark encontram os meus de onde ele começa a fazer fogo. Ele arqueia uma sobrancelha. Sei imediatamente que ele está perguntando se eu quero que ele venha comigo.
Mas eu só balanço a cabeça. É assim que vamos conseguir—como vamos chegar perto o suficiente para matar aquele desgraçado sem precisar abrir caminho entre minhas próprias tropas.
"Preciso falar com ele uma última vez."

57



MERYN

SLEEP — ou será que é?
Abro os olhos para uma escuridão antinatural.
É vasto. Está vivo. Está imediatamente nos meus pulmões e penetrando nos poros. Mas eu conheço esse sentimento. Eu consigo encarar isso. Eu posso dominar.
Killian não sabe o que eu sei sobre este lugar: que meu ancestral-deus Nocturn às vezes fala comigo aqui. Tenho que supor que ele é o responsável pela existência dele.
Não tem nada a ver com Killian — ele é apenas uma praga, uma infestação.
Logo será eliminado.
Eu me viro, escaneando. Meus olhos ardem enquanto me esforço para enxergar dentro do tanque giratório de sombra. Não vejo Killian nem sinto sua presença.
Ele sabe que eu vim? Ele precisa estar dormindo ao mesmo tempo para isso funcionar? Quanto tempo vou ter que esperar? Quanto mais tempo ele não aparece, mais forte fica a paranoia que percorre minha espinha.
Não consigo ver nada, mas isso não significa que ele não esteja aqui, me observando.
Fecho os olhos, a diferença entre fechado e aberto é insignificante, e visualizo armadura ao meu redor. Armadura que ele nunca conseguia atravessar, cheirava e forjava das mesmas sombras ao meu redor.
Minhas sombras.
Quando abro os olhos, um brilho azul estranho me faz estremecer. Killian.
Deixei minha cabeça cair em direção ao peito. Já fiz isso antes. Cem vezes e cem vezes depois disso.
Mulheres sofrendo.
Puxo minha dor à tona. Invoco a emoção que venho resistindo há meses porque teria sido debilitante demais para conviver.
E é curativo, quase, deixar isso sair assim. Para empunhá-la. Ser dono disso, seja.
Ser fraco de uma forma poderosa.
Deixo meus olhos ficarem vidrados de tanto chorar, e então olho para ele e ofego. "Ah, graças à deusa. Killian!"

Ele se aproxima de mim saindo das sombras, a cautela estampada em seu rosto. "Gatinho."
Engolindo meu nojo, me aproximo dele, braços abertos. "Tenho tentado te falar desde a última vez que conversamos. Desculpa ter demorado tanto."
Killian levanta a mão, me parando antes que eu o alcance. Ele levanta uma sobrancelha. "Minhas forças me disseram que você estava em Nocturna. Que você foi a Linsfall e pegou o Tear que encontramos lá. Achei que fui muito claro. Você deveria ter ficado em Astreona até eu te convocar."
Lágrimas escorrem pelo meu rosto. "Eu não queria tomar." Seu filho da horrível. "Depois do que aconteceu na fronteira, Lucien insistiu que viéssemos aqui para caçar você e Alistair. Descobri onde estava a Lágrima e peguei para poder trazer para você! Não devemos confiar isso em mais ninguém."
Suas sobrancelhas se erguem surpreso. "Ah. Mas você atacou minhas tropas."
Eu balanço a cabeça. "Só porque Lucien ainda estava comigo. Eu não podia deixar ele saber o que eu estava planejando."
Killian franze os lábios, se aproximando de mim, colocando as mãos nos meus braços de um jeito que tenho certeza que é para confortar. "E Lucien? Para onde ele foi?"
Torcendo meu rosto numa paródia de ameaça, eu digo: "Eu matei ele, exatamente como você mandou. Cortei a cabeça dele enquanto ele dormia. A coroa dele é sua."
Finalmente, um sorriso nojento surge no rosto de Killian. "Boa garota. Então você tem as duas coroas, a Lágrima de Linsfall e seu colar. A Mãe Sacerdotisa me contou sobre essa última questão."
Puta vadia. Claro que sim. Não vou contar para ele sobre a Lágrima da torre, mas se ele já souber do meu colar... "E o de Lucien. Ele também tinha um colar. Foi fácil removê-lo quando ele não tinha mais pescoço."
"E o que fazem os colares e a Lágrima de Linsfall?" Há um brilho ganancioso em seu olhar agora. "Eles vão nos ajudar a derrotar Alistair?"
Balanço a cabeça, fingindo que não me importo. Com os olhos arregalados, me encosto nele, tentando não recuar ao toque dele. "Não faço ideia. Eles não fazem nada por mim. Mas tenho certeza de que eles vão revelar seus poderes para você."
Ele levanta a mão, colocando meu cabelo atrás da orelha. Eu murmuro com o toque dele para disfarçar o som de engasgo que quase faço.
"E quanto ao companheiro do seu lobo e seu cavaleiro?" A voz de Killian é uma carícia baixa e suja.
Meu estômago se revira com a pergunta. Eu sei o que preciso dizer aqui. Planejamos tudo. E ainda assim minha língua está pesada e relutante.
Mesmo assim, eu sigo em frente. Esse é o único caminho. Fixando o olhar nele, coloquei um tom cruel na minha voz. "Levem-nos. Anassa vai entender. Que precisamos eliminá-los para que você assuma seu governo. Vamos prendê-los com sombras e trazê-los até você. Deixe Tormun cuidar dele."
Finalmente, o sorriso de Killian chega aos seus olhos — é um olhar horrível, sem alma. Ele levanta a mão e leva o polegar aos meus lábios, esfregando-o com força sobre minha boca. Energia se acumula. Caótico. Assustador. Terrível.
Eu sei o que vai acontecer antes que aconteça, e me preparo para isso, cada

músculo do meu corpo gritando pelo que está errado.
Killian me beija. Dói—ele deixou as presas à mostra, e uma delas perfura meu lábio, fazendo sangrar.
Estou preso, afundando em mim mesmo, tentando me cobrir com aquela armadura que imaginei.
É breve, mas dura para sempre. Finalmente, ele se afasta.
O olhar dele é duro enquanto encara nos meus olhos. O hálito dele está no meu lábio sangrando.
"Eu te amo", ele me diz.
"Eu também te amo," minto, a boca azeda. "Mal posso esperar para estar ao seu lado."
"Você vai vir até mim?" ele pergunta. "Estou do lado de fora de Blumenfall."
Assento, com a cabeça pesada e tonta. "Estarei lá de manhã. E então vamos encontrar um jeito de remover Alistair do seu corpo e poderemos começar nossas vidas juntos."
Todas as palavras que ele quer ouvir, fluindo livremente da minha língua, mesmo enquanto cravam uma adaga no meu estômago. Por favor, por favor, por favor, deixe tudo dar certo amanhã.
O sorriso de resposta de Killian faz uma dor muito real acender por todo o meu corpo. Meus nervos disparam como se eu estivesse sendo esfaqueado lentamente.
"Te vejo de manhã, então, gatinha," diz Killian.
As sombras sobem para encobrir minha visão, nos mergulhando em escuridão.
Acordo com a luz do luar e cinzas agarradas ao calor.
O rabo da Anassa está pendurado sobre minhas pernas. A respiração lenta dela me mantém firme, mas não consigo encontrar a minha. Ainda empoleirado contra Anassa, viro a cabeça.
Stark já está acordado e me observando.
Sua expressão é apagada, mas seus olhos estão um pouco arregalados demais, onde a testa está sombreada. Ele não está calmo.
Levanto o braço e estendo a mão para ele. Seu corpo entra em movimento, e ele se levanta e atravessa o acampamento com as mãos cerradas.
Foi... Foi horrível. Doeu. Ainda dói. O ferimento no meu lábio não me seguiu de volta, mas juro que ainda arde.
Mal consigo respirar.
Stark se ajoelha na minha frente e me deixa afundar os dedos no cabelo dele e puxar. Ele abaixa a cabeça enquanto eu a aproximo.
Um único instante de toque nele me faz voltar a mim mesma. A mão dele sobe e fecha meu pulso com força. Ele está perguntando se eu estou bem.
"O que eu disse a ele. Eu não—eu..." Não acredito que disse o que disse. "Você... Eu nunca—"
"Shh." É tão reconfortante. "Eu sei."
Então, de uma só vez, ele me levanta e me joga por cima do ombro.
"Stark, que diabos?" Eu sibilo, olhando ao redor do acampamento escuro. Noemi ainda está encolhida ao lado de Ephyse, dormindo. Anassa e Cratos também estão dormindo.
Em vários passos longos, Stark está nos afastando do fogo e do acampamento.

"Cratos encontrou uma fonte termal mais cedo. Você ouviu as ordens da Anassa. Você fede."
Meu rosto esquenta. Dou um tapinha nas costas dele, mas sei que minhas mãos provavelmente parecem um mosquito irritante para ele, mais do que algo significativo. "Me deixa descer, seu bruto!"
Estamos avançando mais fundo na floresta agora, o braço dele apertado firmemente nas minhas coxas enquanto eu me contorço em seu abraço apertado. "Está na hora do banho. Vou te limpar, sua imundície real."
Ele está certo; Preciso me limpar, mas algo na forma como ele está me mandando me faz querer lutar contra a autoridade dele.
Em poucos minutos, estamos na fonte termal—uma linda piscina de água quente em uma clareira isolada. Tenho que admitir, parece convidativo.
Stark me deixa cair sem cerimônia ao lado dela. "Despe-se", ele exige. Seus olhos escuros estão em chamas, e o calor—totalmente sem relação com as nascentes—sussurra por mim, se enrolando baixo no meu estômago.
De repente, isso parece não ter nada a ver com minha necessidade de lavar — e inteiramente com o fato de que podemos estar enfrentando a morte amanhã.
Temos uma noite, essas poucas horas preciosas, até enfrentarmos a incerteza.
E eu não quero nada mais do que que Stark me leve de forma brusca, me faça esquecer todos os meus medos e afogar todas as minhas inseguranças até que tudo o que eu possa sentir ou sentir seja isso. Ele.
Nós.
Então me aproximo dele, inclinando o queixo em desafio. "E se eu não fizer?" Meu tom é duro, mas sei que ele percebe a paquera por trás.
Seus lábios se curvam. "Você vai levar uma surra."
Dou mais um passo em direção a ele, nossos peitos quase se tocando. "Me faça." Então eu estendo a mão através dos nossos vínculos e envio consentimento para ele. "Quero que você me obrigue. Por favor."
Ele estremece levemente ao alcançar o cabelo, então me encara com desejo aberto. "Só me diga para parar se quiser que isso pare em algum momento."
Stark coloca um pé na pedra ao lado dele. Então ele agarra meu pulso e me puxa com força para perto dele, me dobrando sobre o joelho. Em um movimento rápido, ele puxa para baixo minhas calças e minha calcinha.
Minha bunda e minha buceta nuas ficam expostas ao ar frio, e eu tremo de antecipação.
"Você gosta de ser tratada como uma princesa imunda, não gosta?" ele rosna, a mão descendo para acariciar minhas nádegas.
"Sim, Alfa," eu gemo enquanto sua mão calejada me acaricia. Eu sei. Eu adoro a forma como ele me trata: devassidão e adoração ao mesmo tempo.
O ar muda quando Stark puxa a mão para trás e depois a passa contra meu traseiro com uma dor aguda.
Um gemido escapa de mim. Consigo perceber o quanto ele está sendo cuidadoso com o toque; Conheço Stark em seu pior, no seu mais violento. Esse é um homem forte fingendo ser bruto, e o pensamento faz um calor úmido crescer instantaneamente entre minhas coxas.
Stark acaricia o ponto onde ele bateu na minha bochecha, depois desliza os dedos para baixo, sentindo o quanto estou lubrificado para ele. Enquanto

observo, ele leva os dedos grossos à boca e os lambe até limpar.
"De novo," eu imploro. Ele está ficando duro embaixo de mim, contra meu torso, e eu me contorço contra ele.
Stark levanta a mão e a desce na minha outra nádega. Soltei outro gemido, e ele gemeu em resposta.
"Você está pronta para ser uma boa menina?" ele pergunta tensamente. Ele me olha com cara feia, mas tudo o que sinto é o desejo dele pulsando contra meu estômago.
"Não," eu digo com um tom petulante, e ele dá um tapa na minha bunda de novo. Eu me giro contra o aperto dele, e ele faz de novo.
Então ele me segura no lugar com um braço enquanto usa o outro para puxar minhas botas dos pés, jogando-as no chão. As meias vão em seguida, e ele tira minhas calças e calcinhas completamente, deixando eu completamente nua do torso para baixo. Ele me dá um tapa leve no bumbum mais uma vez, depois mexe no braço que me segura. Ele puxa minha jaqueta, puxa minha camisa firmemente pela cabeça. A última a sair é a amarração dos meus seios, que ele rasga direto.
Quando ele termina de arrancar minhas roupas, eu já estou tremendo de desejo. Quero virar nos braços dele, montar nele, afundar nele e nunca mais soltá-lo.
Mas também quero ver até onde consigo levá-lo.
Ele me pega no colo e se levanta, depois dá vários passos largos até a beira das fontes termais. Então ele me coloca no chão.
"Entra," ele rosna. "Agora."
Antes que ele possa piscar, me viro e corro para longe dele. Meu coração bate forte nos ouvidos enquanto meus pés estalam sobre as folhas caídas congeladas ao nosso redor. Stark xinga alto, e eu o ouço rapidamente arrancando suas próprias roupas. Sorrio para mim mesma e continuo correndo.
Isso é emocionante e exatamente o que eu preciso — a distração perfeita para o que quer que o amanhã reserve. Uma última noite para perder o controle com segurança.
Então vem o som de seu corpo enorme se movendo em perseguição pela floresta escura. A antecipação corre da cabeça aos pés.
Eu sou rápido, mas ele é mais rápido — suas pernas são mais longas, musculosas e robustas. Não demorou para ele me alcançar. Os dedos dele roçam os meus, mas eu continuo me movendo. Consigo ouvi-lo avançar, e sua mão quente envolver meu tornozelo.
Caio de cara no chão. Mesmo assim, ele é mais rápido que eu. De alguma forma, ele me vira e move uma mão atrás da minha cabeça para que eu não a esmague no chão duro da floresta. A gente cai no chão juntos.
Estou presa embaixo dele, o peito tatuado e marcado dele apertado contra o meu, e nós dois ofegantes.
O pau rígido dele lateja contra minha barriga, e a sensação faz meus mamilos se arrepiarem.
"Sua criatura selvagem e suja," ele rosna para mim. Ele estende a mão entre nós e acaricia minhas dobras, depois solta um suspiro áspero ao perceber o quanto eu já estou molhada. "Você adora me desobedecer, não é?"
Tento me esfregar na mão dele, buscar alívio dessa necessidade avassaladora que

me queima por dentro, mas ele não me deixa ter. Em vez disso, ele move a mão para o meu cabelo, puxando o suficiente.
"Diga", ele exige.
"Adoro te desobedecer, Alfa," eu gemo. "Me faça ouvir."
Ele se mexe e, de repente, a cabeça do pau dele pressiona forte contra minha entrada. Eu gemo de novo e mando consentimento mental para ele.
Stark desliza para dentro de mim bruscamente, sentando-se até o punho. Ofego com o alongamento repentino, o preenchimento expansivo dele. Ele sempre parece quase demais, mas é perfeito, apagando todo pensamento coerente que eu possa ter, eliminando qualquer preocupação.
Então nos olhamos, e seu olhar exigente suaviza um pouco. Ele se inclina e me beija, seus lábios macios um belo contraste com a barba por fazer que roça meu rosto. Respondo com fervor, envolvendo meus braços em volta do pescoço dele, puxando-o de alguma forma para mais perto.
Ele tira o pau quase totalmente de mim e bate de volta em mim de vez. Eu choramingo contra a boca dele e ele faz de novo. Então ele se ajeita para trás, me puxando para o colo dele. Meus braços ainda estão ao redor do pescoço dele, e o dele ao redor das minhas costas, me segurando bem perto dele. Enrolo minhas pernas na cintura dele.
E então ele se apoia e se levanta. Viro a cabeça rapidamente, olhando para a floresta. "O que—"
"Olhos em mim", ele ordena. Eu obedeço, e seu olhar severo faz meus dedos dos pés se encolherem. "Você não iria sozinha para aquela fonte termal, princesa. Então estou fazendo você ouvir, exatamente como pediu."
Ele começa a voltar na direção de onde viemos, me carregando como se eu não pesasse nada.
Enquanto nos movemos, ele me fode, entrando e saindo com um nível incrível de controle. Cada passo nos move e nos faz pular de um jeito diferente, e tento não me mexer demais nos braços dele porque, caramba. Isso está me empurrando rapidamente para um auge.
Finalmente, nos aproximamos das fontes termais novamente. Stark se abaixa para pegar um pacote de sabão da roupa, me mantendo pressionada contra ele. Dessa vez ele nem se dá ao trabalho de me colocar no chão; Ele não vai me deixar fugir de novo.
Em vez disso, ele vai direto para as águas termais comigo.
A água fumegante queima minha pele fria. Entre a mordida e o alongamento de Stark dentro de mim, estou ficando excessivamente sensível. Mesmo assim, ele não me deixa ir. Ele nos leva até um afloramento rochoso, me colocando na parte mais plana.
Ele sai de mim devagar, e eu gemo com a sensação indecente disso no calor úmido da água.
"Posso confiar que você não vai fugir?" ele pergunta, a voz grave.
Despertando com o desafio, me afasto dele, pronto para agir.
Stark passa as mãos pelo ar, chamando seu poder de dobra de sombra como Soberano Alfa. As sombras vêm rapidamente até ele, envolvendo meus braços e tornozelos e me prendendo à pedra. Eu luto inutilmente contra ele, mas as sombras não cedem.

É estranho estar do lado receptor desse poder. As sombras têm peso, mas também parecem nada—como se eu estivesse sendo mantido no lugar por algo invisível, mesmo que eu possa ver a escuridão delas.
"Sério, como você é tão bom nisso?" Eu resmunga.
Uma linha se forma entre suas sobrancelhas, e eu me pergunto com sua reação, querendo insistir mais. Mas ele não me dá essa chance. Ele sacode isso e avança com o sabonete.
"Hora de você se limpar, princesa."
Ele se abaixa para fazer espuma com o sabão entre nós, então, sem dizer uma palavra, me dá banho. Apesar da minha posição contida, o toque dele é gentil e faz faíscas dançarem pela minha pele enquanto ele esfrega todo o meu corpo. Ele relaxa as sombras só o suficiente para me ajudar a mergulhar meu cabelo na água morna, e também limpa tudo.
Finalmente, a última espuma foi enxaguada da minha pele. Stark me lança um olhar pesado.
"Amanhã", ele começa.
"Não quero falar sobre amanhã", eu digo, a garganta apertada com as palavras.
A verdade é que eu tenho medo.
Temo que não vamos conseguir, e o que isso significará para Nocturna. Medo de que tenhamos sucesso, mas que o preço possa ser a vida de qualquer um de nós.
"Me foda como temos para sempre," eu imploro.
Stark deixa suas sombras se dissiparem, e eu abro os joelhos devagar, deliberadamente, em convite. Ele se coloca entre eles, se aproximando.
Ele me beija, os lábios duros e inflexíveis no começo, mas suavizando conforme eu me aperto nele. Enquanto ele lambe a língua na minha boca, envolvo meus braços em suas costas largas, puxando-o para mais perto, mais para perto.
Os sons suaves da água ao nosso redor, a brisa nos galhos de pinheiro e os cantos dos pássaros caçando no ar frio da noite se misturam como uma harmonia. Estremeço com o frio da brisa na minha pele molhada e o calor implacável do corpo de Stark contra o meu.
Jogando a cabeça para trás, olho para o céu. Os lábios e dentes de Stark descem pelo meu pescoço, a barba das bochechas e do queixo dele incendiando minha pele sensível.
Nossos corpos se aproximam ainda mais, até que mal sei onde eu termino e Stark começa. O calor duro do pau dele escorrega e desliza contra mim, me provocando sem me dar a sensação que eu desejo.
Eu gemo, um som pequeno e desesperado, e ele enreda os dedos no meu cabelo molhado, inclinando meu rosto para o dele. Ele me olha diretamente nos olhos enquanto finalmente me penetra de novo.
Parece tão certo, tão bom, que quase esqueço de respirar. Quando ele sai e empurra de volta para dentro, começando um ritmo constante, faz isso devagar. Não há mais nada de desesperado ou punitivo nisso. Em vez disso, é reverente.
Saboreio cada toque da pele dele contra a minha, cada segundo de plenitud enquanto ele me preenche de novo e de novo, cada vez mais fundo. A respiração dele fica áspera no meu pescoço enquanto ele se aproxima do ápice, e eu também saboreio isso.
Pouco antes de gozar, Stark estende a mão para dedilhar meu clitóris com os

dedos, e é só isso que eu preciso.
Estou caindo, caindo no meu orgasmo. O ritmo dele aumenta, cada investida me leva a novos patamares, e eu cravo os dedos nos ombros dele para sentir o corpo inteiro dele se contrair e estremecer enquanto ele também atinge o ápice.
Percebo que há um mar de sombras dançando ao nosso redor, meu prazer e emoção transbordando em ondas escuras que crescem para nos acariciar a ambos. À medida que recuperamos o fôlego, agarrados uns aos outros, os tentáculos de poder começam a se dissipar e desaparecer.
Stark me abraça, permanecendo dentro de mim enquanto os últimos choques de prazer rolam por mim como ondas na piscina fumegante ao nosso redor. Seus braços envolvem minhas costas, afastando o frio que ameaça nos pegar agora que nossos movimentos pararam.
Ficamos assim por um longo momento, meu rosto pressionado na curva do pescoço dele, a cabeça enfiada sob o queixo dele.
Finalmente, relutantemente, nos secamos o melhor que podemos e vestimos nossas roupas novamente. Nós dois voltamos para o acampamento em silêncio, deitados juntos em frente ao fogo. O sono vem fácil.
Não sei quanto tempo mais vou descansar, mas quando abro os olhos, o sol está nascendo. Projeta longas sombras pelas árvores e banha tudo com um brilho dourado.
Ainda estou encolhida contra Stark, protegida pela força dele. Ele fica tão lindo sob a luz dela. Seus olhos ainda estão fechados. Ele parece mais jovem quando está dormindo. Como se ele fosse quem era antes de toda a dor chegar. Ou como se ele fosse quem poderia ser, dado tempo para se curar.
Comigo, talvez. Comigo.
"Meryn", diz Anassa suavemente. Há carinho e compreensão na voz dela.
Fechei os olhos, desejando poder negar o sol nascente. Desejando poder invocar sombra suficiente do meu sangue para escurecer o céu novamente e inundá-lo de estrelas.
Mas até eu tenho limites.
"Anassa", respondo.
E ela diz as palavras que eu sabia que viriam.
"É hora."

58



MERYN

A atmosfera no acampamento é pesada, expectante. Até o tempo mudou para refletir nossos sentimentos. O ar está úmido e parado, grudado em fios de cabelo, fazendo as tiras de couro roçar desconfortavelmente na pele e na pelagem. Úmido demais para ser confortável, mas frio demais para tirar camadas: aquele desconforto no meio-termo.

Anassa e eu estamos conversando com Stark e Cratos sobre o plano desde o nascer do sol. Estamos confiantes, mas ainda quero fazer mais uma coisa antes de colocar as coisas em movimento.

Sentando-me perto das brasas que se apagam da nossa fogueira, fecho os olhos e clareio a mente, procurando aquele lugar na minha mente onde reside meu poder de previsão.

Minha mente fica em branco por um longo momento antes que as imagens comecem a aparecer. Imagens minhas montadas em Anassa, indo para o acampamento de Killian. Eu entregando Stark para ele, como prometido. Eu enfrentando Killian, Deusa Lágrimas ardendo, sombras girando... E então as imagens param.

Meus olhos se abrem lentamente, e eu grunhido de frustração e os fecho novamente. Eu busco a previsão. Anassa, comigo nas costas dela. Ao entrar no acampamento de Killian, Stark se amarrou atrás de mim. Killian saindo, nós dois usando meu poder, se enfrentando... e depois voltar.

"O que está acontecendo?" Pergunto para Anassa. "Por que não me mostra o que vem a seguir? Ou algum caminho alternativo?"

Ela funga, "Talvez não existam caminhos alternativos — e ainda assim, o resultado é incerto."

"Ótimo." Suspiro. "Isso não ajuda em nada."

Ouço a diversão da minha lobo gigante em sua resposta. "Algo que você pudesse ter visto faria sua ideia sobre tentar isso?"

"Não, provavelmente não," admito com pesar.

"Aqui está. Por isso só há um caminho à sua frente." Anassa se levanta e boceja, esticando as patas dianteiras enormes e depois as traseiras. "Vamos encontrar nosso inimigo."

Hora de agir.

Chamo Noemi para que ela se aproxime, de onde ela já está acordada e quase pronta, checando as matilhas e guardando tudo no wolfback para a viagem.
"Podemos estar indo direto para encrenca, mas não vamos fazer isso sem um plano", digo com ironia, e vejo concordância no rosto de todos: a boca de Noemi se curva na sombra de um sorriso. Stark me observa firmemente—esperando minha palavra para agir.
"O que você está pensando?" Noemi diz, sentando-se em um assento perto dos restos do fogo. Me mexo e esfrego a lombar, depois me acomodo, encolhendo as pernas sob mim. Stark permanece de pé, alerta e pronto.
"Consegui fazer uma conexão com o Killian ontem à noite, através da nossa magia." Eu bufo, soando assustadoramente como Anassa enquanto falo—os olhos dela brilham de diversão enquanto nos observa.
"Precisamos chegar perto o suficiente para derrubá-lo. Ele acredita que ainda estou indo até ele com entusiasmo, que quero estar com ele e deixá-lo ter as Lágrimas. Mas eu precisava tornar isso convincente."
Acaso para Stark e Cratos, fazendo uma careta interna com o que vou dizer. "Eu disse a ele que vou trazê-lo com o Stark, todo amarrado para ser levado."
Cratos e Anassa rosnam baixo, mas depois se acomodam. Noemi franze a testa, usando um longo graveto para espalhar os restos da fogueira, movendo as últimas brasas da noite até que se apaguem.
"Podemos usar sombras para prender Stark e Cratos e arrastá-los dramaticamente para trás de mim." Eu rio um pouco. "Mal sabe Killian, que o próprio Stark é quem me ajuda a manejar as sombras com precisão. Ele pode desfazer seus próprios laços assim que chegar a hora certa."
Anassa se aproximou de Cratos, e os dois se aconchegam, a conversa privada zumbindo na minha cabeça, além do meu alcance pelo vínculo. Sei que dói para Anassa apoiar esse plano, mesmo que tudo seja uma manobra — ver seu companheiro, uma criatura tão selvagem, humilhada assim, amarrada como presa.
Sinto o mesmo sobre fazer isso com o Stark.
Pressionando os lábios por um momento, foco novamente no nosso plano e sigo em frente.
A ideia é simples: vou esconder Noemi da vista usando minha magia de fenda, e ela vai entrar à nossa frente para encontrar Tormun.
Vamos "entregar" Stark a Tormun, como prometido.
Depois, quando eu chegar perto o suficiente do Killian para atacar, Stark e Noemi podem desistir do estratagema e emboscar Tormun, garantindo que ele e a Phylax Vinculada a ele não interfiram.
Stark intervém. "Tormun pode estar sob influência de Killian, seja pelo anel de Lágrima ou até mesmo por uma pulseira de thrall como a que Meryn usa. Mas, mesmo assim, faremos o que for necessário para neutralizar a ameaça."
Nossos três lobos rosnam em concordância feroz e bavagante, e os pelos dos meus braços se arrepiam. Às vezes esqueço que nossos lobos foram tão traídos por seus companheiros quanto nós.
Levanto-me, preocupado com o punho de uma das minhas facas. "Espero... ou seja, estamos relativamente confiantes de que, com Tormun removido, o restante de Phylax pode ser levado a enxergar a razão. Estamos tentando evitar um banho

de sangue. As forças Vinculadas já estão suficientemente esgotadas."
"E Killian? Alistair?" Noemi consegue sugerir um mundo de violência apenas com essas simples palavras.
Estendo a mão para ela, levantando-a do chão, e mantenho minha mão apertada em seu braço enquanto prometo: "Farei o meu melhor para garantir que você tenha a chance de falar com ele antes de acabarmos com ele. Você merece isso."
Depois disso, não há muito o que dizer. Meu estômago se contrai de nervosismo enquanto aperto as tiras de couro que prendem minhas mochilas a Anassa, mas assim que monto, tudo se acalma.
Aconteça o que acontecer, estamos juntos nessa. Até o fim.



A viagem passa num borrão. Estamos focados demais no nosso objetivo, no que vem a seguir, para prestar atenção a mais nada.
Egith forneceu detalhes específicos sobre a localização do acampamento de Killian, já que ele não tentou esconder a aproximação deles. Nossos lobos estão tão cheios de expectativa para o confronto que temos quanto nós. Pergunto à Anassa pelo vínculo se devemos desacelerar, garantir que estamos economizando energia.
"O filhote não ensina o Alfa a correr," ela retruca para mim. Eu rio e deixo pra lá.
Olho para a esquerda e para a direita; Por um momento, tudo menos admiração pelos meus companheiros desaparece da minha cabeça. Ambos morreram em costas de lobo à sua maneira.
Mas Stark especialmente...
Em Cratos, ele quase não parece humano. É como se os dois fossem heróis lendários. Ou algum deus sombrio da vingança, mirando diretamente na presa.
Eu refleto no meu próprio assento confiante em Anassa. Faz menos de um ano desde que ela e eu nos conhecemos. Agora, estou mais confortável nas costas dela do que em qualquer outro lugar.
Minha mente está centrada de um jeito que não estava há muito tempo. Eu conheço essa sensação: é aquela que eu costumava ter antes de uma luta contra um oponente que já enfrentei no ringue.
Alguém cujos movimentos eu já conhecia. Alguém que eu sabia que podia vencer.
"Isso é certo," Anassa murmura em minha mente, sentindo meu humor. "Isso já durou tempo demais. De um jeito ou de outro, está na hora disso acabar... antes que os Vinculados sejam destruídos. Antes de toda Nocturna."
Eu nos puxo uma boa distância antes de chegarmos ao feudo de Blumenfall, e todos fazemos uma refeição rápida de provisões frias antes de Noemi partir para explorar o acampamento de Killian.
Stark e eu estamos discutindo a melhor forma de amarrar ele e Cratos e fazer parecer realista sem causar nenhum ferimento quando ela voltar com notícias.
"Não foi difícil de encontrar", diz Noemi, com a voz enojada. "Eles não foram sutis em nada, isso é certo. Parece que Tormun se acostumou bastante como

general principal de Killian. Sua tenda é enorme, em cores brilhantes de Phylax."
"Compensando muito?" Eu brinco, e Noemi ri. "Você tem confiança de que pode chegar até ele sem ser notado?"
Ela assente. "Sob a cobertura da sua magia? Não deve ser um problema."
Stark e eu trocamos olhares.
"Então. Acho que estamos prontos."
Uma energia crepitante preenche a pequena clareira onde estamos reunidos enquanto cada um de nós aproveita o momento. Stark e eu montamos, e Cratos e Anassa balançam o rabo e arranham o chão.
Então, com brutal eficiência, Noemi vira Ephyse para o acampamento e diz: "Vamos acabar com isso."
Leva quase nada de tempo no wolfback para chegar ao acampamento de guerra.
Fazemos uma pausa para garantir que o véu de sombra de Noemi esteja completo. Tiro a coroa de lobo da minha matilha e a coloco na minha cabeça para ter mais poder porque vou precisar usar vários tipos de magia ao mesmo tempo.
Foco no canal de poder que protege Noemi e Ephyse da vista, memorizando a sensação para poder mantê-lo à distância.
Quando temos certeza de que ela está o mais invisível possível, Noemi se curva para o lado do perímetro do acampamento, tendo identificado um ponto vulnerável nas defesas onde planeja entrar sorrateiramente. Com minha magia Kryptos envolvendo-a, ela e Ephyse não passam de uma sombra, um jogo de luz.
Sorrio satisfeito. Melhorei muito nisso.
"Você está pronto?" Eu olho para Stark.
Sua mandíbula por fazer está cerrada, olhos em chamas. "Nunca mais."
Deixamos nossas mentes se encontrarem, então. Basta um piscar de olhos, e então ele está comigo e eu estou com ele. Nossos corações batem juntos, nossos pulmões respiram juntos.
Mordo meu lábio inferior, e sei que ele sente a maciez como se fossem os próprios dentes mordendo. Só de pensar já faz meu coração disparar.
Trocamos olhares enquanto invocamos nossas sombras juntos, Stark guiando o poder para cordas sombrias de magia que se enrolam ao redor dele e de Cratos repetidas vezes, até que fiquem firmemente amarrados.
Colocamos os corpos deles no chão da floresta, usando a magia para envolvê-los e levantá-los levemente do chão. Esperamos evitar esmagar todos os obstáculos entre aqui e o acampamento inimigo.
Assim como com Noemi, passo tempo sentado com a magia, olhos fechados. Permanecendo com os fios dele, a trama das sombras enquanto elas se acomodam no lugar. Quando tenho certeza de que tenho o jeito de estar, Stark e eu separamos as mentes mais uma vez, nos separando.
Antes de começarmos, não resisto a deslizar pelo lado de Anassa e ajoelhar-me ao lado do Stark, segurando o rosto dele nas minhas mãos para mais um beijo.
Há uma sombra entre nossas bocas, uma mordaça vistosa feita de magia que Stark e eu cuidadosamente colocamos para ser óbvia, mas não restritiva. Ela vibra e pulsa contra nossos lábios de ambos. Passo a língua pelo lábio inferior de Stark, e ele usa um tentáculo de sua própria magia para aproximar minha cabeça da dele, esmagando nossas bocas uma contra a outra.

Gemo com a sensação da pressão do nosso poder compartilhado e da boca quente dele.
Ele levanta uma sobrancelha, conseguindo parecer indiferente mesmo nessa posição vulnerável. "Acho que você gosta de mim toda amarrada assim."
Eu resmungo. "Não morra, e podemos tentar depois."
Fazemos um espetáculo dramático, eu cavalgando despreocupadamente direto para o acampamento do meu inimigo em meu lobo prateado brilhante. Grossos e selvagens tentáculos de sombra pulsam atrás de mim, ancorados às amarras mágicas ao redor de Stark e Cratos. O preto profundo das sombras cria uma textura desorientadora contra o pelo negro como tinta do pelo de Cratos.
Eu meio que espero um desafio dos soldados humanos de vigia, mas eles apenas ofegam e recuam ao nos verem chegando, deixando bastante espaço para eu marchar com minha carga feroz.
Killian deve ter avisado para me esperarem.
Os caminhos entre as tendas são largos e bem trilhados, já percorridos por lobos e seus cavaleiros. À medida que avançamos pela bagunça de tendas, começamos a avistar os Vinculados e seus lobos gigantes; Eles estão acampados em grupos de dois e três, tendas espaçadas o suficiente para que seus lobos possam dormir ao ar livre ao lado deles.
As orelhas de Anassa se voltam para trás, dentes meio à mostra em um rosnado, enquanto ela passa pelos lobos da matilha Phylax, lobos que ela conhece há décadas e que já passaram mais de um mês apoiando um impostor de Sifão.
Estudo o Phylax Bonded e percebo que muitos não me olham nos olhos. Vergonha do que fizeram? Medo da Louca de Sturmfrost, que pode despedaçá-los com um simples gesto?
Ou será a influência de Killian sobre eles que impede que encontrem meu olhar?
Viro o rosto para frente.
Pelo meu corpo há uma bolsa que prendi bem apertada, sua posição de destaque um sinal óbvio de que trouxe as Lágrimas comigo. Minha coroa está na minha cabeça, e os dois colares de Lágrima estão firmemente ao redor do meu pescoço, escondidos sob minha túnica e meu casaco.
A coroa de Lucien, as Lágrimas da torre e a estátua em Linsfall estão encaixadas no grupo, e o zumbido de energia do poder combinado deles me deixa arrepiado. Estou esperando até que eles sejam necessários para tirá-los, mas minha mão não se afasta muito dos cordões da mochila.
Minha bolsa com os fragmentos da Lâmina Direa também está comigo, principalmente porque eu não sabia o que mais fazer com ela. Talvez eu consiga tirar o cabo inútil e bater na cabeça do Killian com ele, penso sombriamente.
"Noemi," estendo a mão mentalmente, a mente se estendendo pelo caminho familiar. "Você está no lugar?"
Há um estranho vazio na minha mente onde ela deveria estar, e eu engolo em seco, focando em manter meu rosto impassível. "Stark, Noemi não está respondendo."
Seu corpo se tensiona nas amarras sombrias. "Como assim, ela não está respondendo? Ela está ferida?"
"Deixe-me tentar de novo." Regulo a respiração e estendo a mão novamente, desta vez com força. "NOEMI."

Por mais um minuto de espera dolorosa, não há nada, só aquele vazio. E então...
"Meryn, estou aqui", vem a voz familiar dela na minha cabeça, e solto um pequeno suspiro de alívio. "Tudo está indo conforme o planejado", ela confirma, e eu agradeço e passo a mensagem para Stark.
À frente, um homem Phylax em um lobo se afasta para abrir espaço para eu e Anassa passarmos. Fiz contato visual com ele e paro de repente, cansado de alongar isso.
"Onde ele está?" Minha voz é sem emoção, mortal.
O Phylax levanta um dedo trêmulo, apontando-o para a parte de trás do acampamento de guerra, e continua recuando, agora olhando para minha carga.
O infame e brutal Stark Therion, amarrado com seu lobo como um pedaço de carne.
Anassa se inclina para ralhar com seu lobo gigante, e os dois quase pulam de susto para se afastar de nós.
Não precisamos andar muito. Depois que Anassa dá apenas mais alguns passos, uma poça de sombra começa a se formar no caminho à frente.
Nela entra Killian, envolto na minha sombra, no meu poder.
Seus cabelos dourados escuros brilham intensamente, perfeitamente arrumados, como se estivéssemos no meio de um baile, não de um acampamento de guerra. Seu rosto parece saudável, descansado. Aquela beleza antinatural que todo Sifão possui, misturada ao poder sombrio que se acumula ao seu redor, lhe dá um aspecto sobrenatural.
Mas ainda assim, algo no rosto dele está errado. Estreitando os olhos, olho mais de perto. Pequenos espasmos, como se ele estivesse focando em algo ou tensionando os músculos do maxilar.
Eu me pergunto...
Quando o vejo no reino das sombras, Alistair não está lá.
No mundo acordado, eles estão presos em uma luta constante? Guardo isso como algo que posso usar.
Killian sorri radiante, como se nos vissemos todos os dias, e levanta a mão em saudação. "Amado, você conseguiu."
Engulo a bile enquanto consigo esboçar um pequeno sorriso para ele. "Killian."
Já o vi nesse mundo dos sonhos mais vezes do que gostaria, mas é diferente vê-lo pessoalmente. Não faz muito tempo desde nosso último encontro, quando tentei matá-lo e ele desapareceu roubando meu poder.
E ainda assim tudo mudou.
"Vejo que você trouxe para nosso Phylax Alpha o petisco que lhe prometeram." A voz de Killian é preguiçosa, suave como seda. Ele se aproxima de nós com confiança natural, passando por mim para olhar para Stark e Cratos atrás de mim, amarrados e amordaçados no chão.
Resisto à vontade de cuspir na cara dele.
Girando na cadeira, mantenho a voz fria enquanto mexo os dedos, levantando Stark e Cratos mais um pé do chão. "Para onde devo levar isso?"
Killian se inclina e acaricia levemente a bochecha de Stark com a ponta do dedo, sorrindo de lado. Nojo e raiva fervilham no meu estômago. Se ele tentar machucar Stark...
Killian se levanta antes de eu me lançar sobre ele, e eu me recosto, respirando

fundo.
Ele acena em direção a uma enorme tenda, chamativa e ridícula em meio ao visual utilitário do restante do acampamento de guerra. Exatamente como Noemi disse. "Você pode deixar lá. Mas volta logo, gatinha. Temos muito o que colocar em dia."
Ele faz uma pausa, franzindo os lábios. "E vou precisar de prova de que você trouxe o resto das Lágrimas com você, como prometido."
"Ou?" Digo, com expressão vazia enquanto meu coração bate forte no peito em antecipação à violência.
Killian inclina a cabeça e fala arrastado: "Ou saqueamos a cidade imediatamente e matamos todos os Vinculados que se tornaram traidores do meu trono."

59



MERYN

Ma sua capacidade de mentir e fingir está esticada ao máximo enquanto absorvo a ameaça de Killian.

Tenho certeza de que ele consegue ver uma onda de emoções invadindo meu rosto. Tudo o que posso fazer é torcer para que eles estejam alinhados com o que ele esperava. Ele sempre adorou brincar com minhas emoções.

Finalmente controlo minha expressão em uma imitação de medo enquanto respondo, mantendo minha fachada, esperando que ele esteja convencido.

"Claro. Como desejar."

O nojo de Anassa é um rosnado baixo no fundo da minha mente enquanto arrastemos Stark e Cratos até a tenda de Tormun. Dezenas de olhos estão sobre nós enquanto passamos por humanos e lobos.

Um dos pares pelo caminho é distintamente Daemos, seu lobo negro como breu. Eu a observo enquanto passamos, notando seu olhar desviado ao ver sua Alfa tão humilhada.

Traidor do caralho.

Mordo a língua tão forte que sinto gosto de sangue.

Os minutos são como horas enquanto arrasto Stark e Cratos para trás. Quando finalmente chegamos à tenda de Tormun, seus corpos caem dolorosamente na terra em frente às abas da entrada em uma demonstração de crueldade indiferente.

"Me desculpe," digo pelo vínculo.

Stark ri baixinho e rouco. "Isso não é nada. Nem deixa um hematoma. Quer pedir para a Anassa me dar uma ou duas mordidas enquanto você está nisso, realmente deixar uma marca?"

"Cale a boca," respondo carinhosamente. "E não subestime esses idiotas. Se cuida."

"Igualmente, minha rainha," ele pensa para mim.

Endireito, faço questão de torcer a boca de nojo enquanto olho para os corpos presos deles. Então Anassa e eu voltamos para onde Killian espera.

Atrás de mim, ouço Tormun sair da tenda e solto uma risada que me arrepia a pele. Tem algo estranho nisso que me deixa profundamente inquieto.

"Você sempre se considerou muito alto, Stark Therion," ele provoca, e um dos

Vinculados que observa tem a ousadia de rir junto. Fecho os olhos brevemente ao ouvir o som de Tormun cuspindo, presumivelmente no rosto de Stark, depois o baque surdo de um corpo sendo chutado.
Anassa desacelera sob mim, cada centímetro dela coçando para virar e despedaçar Tormun.
"Bem, isso termina hoje," conclui Tormun. Os sons de corpos sendo arrastados são inconfundíveis. Anassa e eu nos forçamos a olhar fixamente para frente, avançando resolutamente, longe de Stark e Tormun.
Esse era o plano.
Siga o plano.
"Agora," penso com urgência para Noemi e Stark. "Tormun está com Stark, e eles estão indo para a tenda dele. Quando ele estiver dentro, espere até achar que as chances são as melhores e então vire o jogo contra ele."
"Deixa comigo. Você pode largar o poder Kryptos agora. Não se preocupe, Meryn", Noemi me assegura. "Nós cuidaremos dele."
Admiro a força de Noemi, enfrentando o Alfa da própria matilha. Mas não há tempo para pensar antes que Anassa e eu nos encontremos de novo na frente do Killian. Me esforço, segurando um fio da minha conexão com Stark e Noemi enquanto volto minha atenção para fora, pronto para receber qualquer mensagem urgente deles.
Killian parece um monarca em todos os sentidos: sua silhueta magra e musculosa, vestida elegantemente, mas de forma simples, com tecidos ricos, mãos e rosto limpos, recém-barbeados. Sua expressão é impassível, e para quem não o conhece melhor, ele pareceria o retrato do controle.
Mas eu o conheço bem demais.
Eu conheço os sinais dele, mesmo depois de todas as noites que passei tentando esquecer tudo sobre ele.
Como o maxilar dele está tenso de irritação—provavelmente direcionado a mim, a minha vantagem sentado alto em Anassa. Como os dedos da mão direita se contraíam, ansiosos e impacientes.
E aquela outra coisa, os espasmos estranhos ao redor dos olhos. Um leve aperto e depois afrouxamento dos cordões do pescoço.
Por mais bravata que tenha, ter Alistair cavalgando em sua cabeça está desgastando-o. Fico imaginando com que frequência ele perde o controle do antigo Sifão, com que frequência Alistair está no comando.
Killian gesticula atrás de si, para as abas de sua própria tenda ostensiva. "Junte-se a mim, querido. Podemos almoçar enquanto discutimos nossos próximos passos."
Eu balanço a cabeça. Não estou ansioso para entrar, pois as paredes da tenda atrapalhariam meu movimento e o da Anassa. À mostra de todos, temos mais opções. "Eu já comi."
O rosto de Killian se contorce. Por um momento, acho que consigo ver Alistair vencendo a batalha pelo controle, mas então suas feições se estabilizam. "E então? As Lágrimas?" ele diz finalmente, e as sombras ao nosso redor se contraem de forma errática — obra dele, não minha.
Stark já removeu suas "amarras" sombrias. Ele e Noemi devem estar se movendo contra Tormun—bom. Deixei meu controle sobre minhas emoções, minha

magia, afrouxar, aquele foco apertado na minha cabeça se soltar.
Hora de fazer as coisas do meu jeito.
Minha raiva e antecipação aumentam, impulsionando minhas próprias sombras a se moverem. Eles constroem e se misturam com os de Killian.
A sensação das sombras dele—minhas sombras roubadas—entrelaçadas com as minhas me deixa enjoada. A magia é ao mesmo tempo familiar e ao mesmo tempo tão errada. Foco no rosto dele para ignorar a dança pulsante de poder ao nosso redor. Ela se expande acima como uma enorme rede, até que estamos em um estranho mundo crepuscular, a luz do sol filtrando-se entre fios de pura escuridão.
Horrível.
Nossas magias se aglomeram e se entrelaçam, formando uma tenda intangível ao nosso redor, bloqueando os espectadores.
"As Lágrimas devem ser só para nós", digo enquanto envio ainda mais sombra para as paredes ao nosso redor, esperando distrair Killian, mantê-lo literalmente no escuro enquanto Stark e Noemi executam a primeira parte do nosso plano. "Eles são poderosos demais. Não quero discutir onde alguém possa nos ver ou ouvir."
"Claro, gatinho," ele diz suavemente. "Não se preocupe, quando você me entregar, eles estarão seguros."
Os músculos de Anassa se tensionam mais do que eu imaginava debaixo de mim. A raiva dela está presa ao nosso vínculo como um laço que conecta o coração dela ao meu. Mando um pulso de tranquilidade por ele.
Depois, puxo lentamente os dois colares debaixo das roupas, exibindo-os na palma da mão enquanto mantenho as correntes enroladas no pescoço.
"Lá estão os dois, transformados em colares," começo. Quero prolongar isso o máximo possível. O objetivo é neutralizar a ameaça de Tormun e voltar a matilha Phylax ao meu comando antes que eu ataque Killian — para controlar o máximo de variáveis possível. "Ambos são relíquias das linhagens reais—meus e dos Astreonanos também."
"A sacerdotisa disse isso", Killian diz impaciente. "Posso ver que você está usando a coroa do lobo, claro. E o resto?"
Tiro a mochila de couro do quadril e lentamente retiro a coroa de Lucien. "A coroa do Rei Sifão. Deve parecer familiar para Alistair?"
Em um piscar de olhos, o rosto de Killian faz essa transformação estranha completamente, enquanto Alistair assume o controle. Seus olhos reviram, o rosto fica totalmente flaque. Então há outra pessoa ali, por trás de suas feições.
Ele caminha em nossa direção, braço estendido. "Me dá," ele sussurra, até a voz um pouco diferente da de Killian. Anassa e eu voltamos com cautela.
"Tragam o Killian de volta", ordeno, a voz trêmula de nojo e um leve medo.
Este é o Sifão que orquestrou a queda da minha família e inventou a algema no meu pulso que dá ao Killian o controle dos meus poderes. Este é o ser antigo que até Killian teme enfrentar sem o poder total das Lágrimas da Deusa em seu arsenal.
Não quero que ele se envolva nessa conversa. Eu sei como lidar com o Killian; Não sei como lidar com ele.
O rosto de Killian é torcido em um sorriso pelo sifão parasita dentro dele.

"Teremos muito tempo para conversar depois, pequena Sturmfrost. Estou ansioso por isso."
Outra transição desconfortável e então Killian volta, respirando pesadamente por um momento antes de se recompor como se nada tivesse acontecido. "Pronto para me mostrar seu último prêmio também?"
Enfio a mão na mochila novamente para retirar a Lágrima da estátua, mas antes que eu a pegue, uma explosão passa pela conexão com Stark na minha cabeça.
Dor. Choque. Mais dor.
Preciso cerrar os dentes para não me curvar.
"O que está acontecendo?" Chamo desesperadamente por ambos, tenso com a atenção que está tomando para manter essa conexão mental enquanto mantém a barreira de sombra ao redor de mim e Killian.
Minha magia se eleva em resposta à minha necessidade, a onda de poder fluindo por mim como um mergulho chocante em água gelada. Abraço o formigamento agudo da coroa na minha cabeça e as Lágrimas no meu pescoço e na coroa de Lucien na minha mão, enquanto servem como condutor para mais e mais.
"Tormun de alguma forma sabia o que estávamos planejando," Stark responde com raiva crescente e sede de sangue, fazendo meu coração bater mais rápido. "Ele tinha um esquadrão de Phylax pronto para me prender com o poder de proteção deles."
Foder. Eu estendo a mão para ele. Nossas mentes se aproximam ainda mais, e eu sinto isso quando ele invoca uma enorme quantidade de poder propulsor, jogando-a contra as paredes que os traidores de Phylax construíram ao seu redor.
"Eles já estão enfraquecendo—subestimam o poder de um Alfa Soberano. Mas acho que vou ficar ocupado aqui por um tempo", ele me diz com seriedade enquanto lança outra rajada de poder que faz os ossos estremecer contra a gaiola mágica ao seu redor.
De longe, consigo ouvir os barulhos ao redor dele—duas dúzias ou mais de cavaleiros Phylax, resmungando enquanto mantêm sua barreira contra sua força.
As provocações de Tormun, promessas de violência por vir.
O som áspero da respiração de Stark enquanto ele reúne seu poder para mais um golpe contra sua prisão mágica.
"Noemi?" Eu chamo por ela. "Você está bem?"
"Estou bem", ela responde, para meu alívio. "Eu escapei antes que emboscassem Valstark. Estou tentando encontrar uma forma de ajudá-lo."
Compartilho a atualização com Stark e então abro os olhos, percebendo que eles se fecharam.
A magia que nos envolve faz o mundo parecer assustadoramente com o reino das sombras dos meus sonhos, e por meio segundo fico desorientado. Engolo em seco. Não sei há quanto tempo minha atenção está longe do Killian.
Meu coração está batendo descontrolado. Isso tudo está saindo do controle.
Pisco de novo, e Killian fica em foco.
Ele está me olhando com conhecimento. Quando ele vê que minha atenção voltou, começa a rir.
O som faz meu sangue gelar, um arrepio que chega até os ossos.
"Conversando com seu Alfa de estimação?" ele murmura, depois ri ainda mais. "Não se preocupe; Vamos mantê-lo vivo. Tormun tem planos para ele."

Rosno, reunindo minha raiva como um cobertor, preparando meus poderes de sombra para um golpe.
"O jogo acabou", Anassa me diz, os músculos tensos para agir.
"Acho que você está certa," respondo. Meus próprios músculos se contraem enquanto puxo cada vez mais força.
"Você acha que Alistair e eu não conseguimos ver através dos seus truques de Kryptos, Meryn? Por favor." Seus olhos ficam com um brilho maníaco. "Assim que vi a pequena prostituta do meu pai rondando meu acampamento, soube que você viria aqui para me trair."
Ele inclina a cabeça. "Estou decepcionado que você achou por bem me alimentar mentira atrás de mentira. Mas não se preocupe, gatinha. Eu sei exatamente o que fazer com uma boca afiada como a sua", ele diz, a voz carregada de um afeto pervertido.
Meu estômago revira. Filho da puta nojento.
"Agora entregue essas Lágrimas antes que eu mande meu povo executar essa patética desculpa de Alfa Soberano."
Minha fúria se acumula no meu corpo, profunda e potente como um lago de chamas negras. Estou pronto para queimar esse filho da puta até o chão.
"Nem pense em tocar nele, seu pedaço de merda!"
As palavras mal saem da minha boca quando meu poder se ergue como um garanhão gigantesco, enrolando e depois caindo sobre a cabeça de Killian.
Suas sombras também voltaram para suas mãos, e ele facilmente afasta meu golpe, criando um escudo para si mesmo com meu poder roubado.
Sombras colidem e ricocheteiam, disparando para fora até que a parede que formamos ao nosso redor se disperse. O povo de Killian grita e foge enquanto as sombras derrubam barracas e derrubam estruturas.
Enfurecido, eu puxo cada vez mais poder. Aperto o punho sobre a coroa Astreonan, e as duas coroas, ambas amplificadoras tão poderosas, dobram e rebotam a magia.
Nunca usei meu shadebending com as duas coroas à disposição. Estou bêbado com o poder, sua onda intensa me preenchendo tão completamente que minha visão escurece.
Com um movimento selvagem da mão, lanço o poder em direção a Killian como um raio mortal.
Mas ele estende os braços, recebendo a lança das sombras como um amante. A enorme lança preta se desfaz ao chegar até ele, fluindo ao redor dos braços, descendo pelo torso. O excesso de poder se derrama no chão aos seus pés.
"Merda. Não importa o quanto eu puxe, só está aumentando o poder dele." As orelhas de Anassa estão para trás, as patas firmemente plantadas. Ela me segura firme enquanto as cordas selvagens das sombras nos açoitam, a magia em choque criando um vento estranho.
"Então faça algo diferente!" ela ordena, e eu faço.
As Lágrimas pela criação e destruição. Eles me assustam, seu poder é tão grande e insondável. Mas se algum dia houve um momento para usar os dois, é agora.
Killian está lançando adagas de sombra em nós, e Anassa desvia habilmente de duas delas antes que eu consiga colocar um escudo Phylax contra nós. O escudo me dá um minuto precioso para decidir meu próximo passo.

Enfio minha mão livre na mochila e seguro firmemente as duas últimas Lágrimas. As pontas afiadas de cada um cravam na minha palma, e deixo a dor me ancorar.
Criação primeiro? A gema esquenta na minha mão enquanto imagino o que pode funcionar, tentando canalizar o poder para Killian.
Aqueles fios brancos e cintilantes de magia irrompem de mim novamente, alcançando onde Killian está e enterrando-se no chão como raízes fluidas.
Ao redor dele, um enorme arbusto espinhoso surge. Ela alcança o céu e se multiplica até eclipsar Killian, que fica completamente preso dentro dela.
Ele ri, o som selvagem. Isso me deixa nervoso.
Em um turbilhão de escuridão, ele desaparece de dentro dos espinhos e reaparece do lado de fora deles.
"Esse poder será uma adição interessante à minha coleção." Ele sorri largo, presas se estendendo. Eles brilham na luz estranha, a luz do dia cortada em fitas pelo poder das sombras que ainda gira ao nosso redor.
"Destruição, então!" Anassa grita na minha mente. Minha magia se eleva para responder.
Com um grito mudo, libero toda a força contra meu inimigo, e o vazio enorme que a Lágrima cria parece explodir em existência. Um abismo negro infernal se abre sob Killian e ele é sugado para dentro, desaparecendo de vista.
Aproveito a pequena pausa na luta para checar Stark, e flashes de sua visão aparecem enquanto lanço minha consciência para a dele:
A muralha de Filax está em frangalhos. Stark e Cratos lutam tanto com lâmina quanto com magia. Cortes de poder de dobra de sombra cortam dois lobos Phylax enquanto Cratos despedaça um cavaleiro. Stark apara ataques de outros três cavaleiros, girando para cravar uma adaga profundamente nas entranhas de um antes de avançar com a espada contra outro. Mas não há sinal de Noemi.
"MERYN!"
Anassa me chama de volta a mim mesmo, e o medo percorre meu corpo.
Do corte negro que se alarga no chão, Killian está se levantando lentamente. Uma nuvem de poder das sombras o eleva, e em suas mãos estão duas espadas de sombra, dobra de sombra tornada física.
Preciso ganhar tempo para descobrir o que pode chegar até ele.
Abro a boca, sem nem saber o que vou dizer até as palavras saírem.
"O que Alistair acha de você depender da minha magia de Sturmfrost, Killian? Como você revidou com magia que roubou de mim em vez de usar seu próprio poder?"
Seu rosto se contorce de raiva, e por um momento, acho que calculei errado enquanto a sombra que o segura no ar avança, puxando Killian para mim em velocidade assustadora.
"Você sabe—" ele grita, mas então seu rosto se contorce e se tensa, e ele cai de joelhos na plataforma escura sob si.
A magia gira loucamente enquanto o observo lutar aquela batalha em sua cabeça, segurando o antigo Sifão dentro dele. Seus punhos se fecham enquanto luta pelo controle.
Agarro firme o Tears de criação e destruição, pronto para atacar novamente enquanto ele está distraído, mas uma voz familiar me interrompe.

"Meryn, ajuda!"
Anassa e eu giramos na direção do som, e Noemi e Ephyse estão lá, os destroços empoeirados de uma tenda ao redor delas. Ephyse está no chão, a perna torcida em um ângulo estranho, e Noemi está curvada sobre ele, gemendo.
Num piscar de olhos, saio de Anassa e estou correndo para lá.
"O que aconteceu? O que eu posso fazer?"
Me lembro do lobo de Venna, Skaia, na floresta, e o desespero surge dentro de mim.
De novo não.
"Anassa, você pode ajudá-los?"
Anassa corre até o outro lado de Ephyse, procurando o ferimento, e eu coloco a mão no ombro de Noemi. "Noemi, fique comigo," imploro.
Ela vira o rosto molhado de lágrimas para mim, e algo estranho brilha em seus olhos. "Meryn", ela diz, e sua voz sai sufocada.
Ela estende a mão em minha direção, e eu me inclino mais perto.
Não percebo o que aconteceu no começo, só que minha magia está menos atenuada.
Olho para Noemi, e ela segura algo nas mãos, algo brilhando com um brilho familiar.
Correntes douradas, duas delas. Cada um com um pingente de pedra opala.
Os colares das lágrimas.
"Noemi, o que—" começo, confusa.
E então meu mundo fica confuso.
De longe, sinto Anassa desabar, a tontura também a atingindo.
Tento respirar fundo, mas meu corpo e minha mente parecem estranhamente desconectados.
Acho que apaguei por um momento.
Abrindo os olhos, o mundo gira ao meu redor antes de entrar em foco.
Fico olhando ao redor, sem expressão. Onde estou?
Barracas—estou em algum tipo de acampamento. Noemi está comigo, e com Killian.
Killian, meu noivo.
Olho para ele sonolento enquanto ele caminha em minha direção.
"Bom trabalho, Noemi", ele diz para a garota ao meu lado, inclinando-se para acariciar a cabeça dela como se fosse um cachorro favorito. Ela o olha com medo e então lentamente levanta o braço em direção a ele, levantando os dois colares que segura.
Seus dedos são brancos, apertados firmemente nas correntes. Killian acaricia sua mão e olha em seus olhos. Devagar, devagar, ela abre o punho para que Killian possa tirar as duas joias brilhantes dela.
"Killian. Onde estamos? O que está acontecendo?" Minha voz soa estranha para mim.
"Meu amado. Agora você está bem. Estou aqui." Killian se vira para mim e sorri suavemente. "Só me entregue a coroa que você está segurando, por favor?"
Coroa? Olho para baixo, e há uma coroa estranha na minha mão. A coroa Astreonan, eu me lembro de repente. Mas por que Killian quer isso?
"Meryn, não!"

A voz de Anassa ecoa na minha cabeça, e eu me viro para meu lobo gigante, confuso. "Anassa?"
Ela está caída no chão, olhos bem fechados, orelhas para trás. Ela balança a cabeça, uma, duas vezes, como se tentasse desalojar um agressor.
"Lute contra isso, Meryn! Você pode lutar contra isso!" Sua voz mental está distorcida, agonizante.
Atrás de mim, Killian se aproxima do meu lobo. Ele levanta o braço. Seus dedos estão enrolados no cabo de uma espada feita de sombra brilhante que pulsa quando olho para ela.
"Seu lobo foi comprometido, Meryn." Ele me lança um olhar de pura tristeza e então, sem aviso, crava a lâmina no lado de Anassa.
Dor.
Explode em mim, como uma explosão de fogo irradiando.
Meu lobo uiva de aflição, e eu caio sobre o lado dela, pressionando minha mão contra o sangue que escapa do corpo dela.
Meu coração está explodindo.
"Killian, o que você está fazendo?" Minha voz está cheia de agonia, a mesma agonia que queima o corpo do meu lobo gigante. Por que ele está prejudicando a Anassa? O que ele quer dizer com que ela foi comprometida?
"Me dê as Lágrimas, Meryn", ele me ordena. Os olhos dele são tão azuis. Ele estende a mão livre. "Me dê as Lágrimas, e eu posso consertá-la."
A vida se esvai de mim enquanto o sangue de Anassa jorra implacavelmente no chão.
Ela não pode morrer. Não sei o que está acontecendo, mas eu sei disso. Ela não pode morrer.
"Ok," eu assinto, tonto. "Aqui está. Ajude-a."
Passo para ele, as duas gemas apertadas firmemente na minha mão. Minha palma está manchada de sangue de onde as pontas deles cravaram em mim.
"Boa menina", ele diz aprovando. "Agora as coroas."
Meu corpo está pesado, dormente. Por que ele está fazendo isso? O que está acontecendo aqui? Sinto o momento em que Anassa desmaia por perda de sangue. É como um soco no estômago. Eu não entendo.
Por que Killian não para com isso?
Mas algo em mim me impulsiona a estender a mão para Killian, entregar-lhe a coroa radiante de Astreona.
Killian coloca reverentemente a coroa de raio de sol em sua própria cabeça, e eu observo confuso enquanto seu rosto—ondula. Como se algo dentro dele estivesse lutando para vir à tona.
Procurei na minha mente. Algo parece errado. Algo está errado, eu sei.
Mas o quê?
E lá na minha mente, além do vazio tonto que me envolve, sinto algo.
É escuridão, sombra. Mas também luz e calor.
Tem outra pessoa lá. Uma ponte de mim para outro. Essa pessoa está logo além do meu alcance, mas sinto que ela está me chamando.
Killian está falando comigo de novo. "Meryn, agora sua coroa. Boa garota. Só me entrega a coroa, e a gente vai arrumar a Anassa."
Incapaz de resistir, levanto a mão em direção à minha cabeça, puxando a coroa

para baixo e oferecendo a ele.
Minha consciência está fixa naquele ponto de escuridão quente na parte de trás da minha cabeça. Tem uma pessoa do outro lado. Não sei quem. Se eu me aproximar daquela ponte, daquele link...
O vazio me aperta apertado, me segurando.
Não.
Não sei o que está acontecendo, mas sei que preciso dessa conexão. Aquela pessoa. Eu me esforço com todas as minhas forças, lutando por essa conexão.
Algo se quebra.
E por um instante, a mente dele corre para a minha.
A mente de Stark.
Quando Killian tira a Lágrima final de mim, tudo se clareia, só por um momento. Stark. As lágrimas. Killian e Alistair. Eu lembro de tudo.
A voz de Stark é aveludada e violenta, uma carícia que me incendeia. "Você é o poder da sombra e da vida combinados. Sua força pode queimar a terra. Não se esqueça de si mesmo. Você é Meryn Sturmfrost, e não vai deixar um fraco vencer."
Tudo dentro de mim se encaixa. A dor, a raiva, a dor. O medo, o sofrimento.
Meu prazer e amor com Stark, e a coerção distorcida e vil do "amor" de Killian.
Meus amigos, minha matilha, meu reino.
Minha loba, seu sangue escorregando dela até agora.
Minha vida inteira, condensada em um ponto brilhante, seu poder tão profundo e potente quanto mil Lágrimas de Deusa.
Ela se junta, apertando, tão apertada. E então eu solto isso.
Com um movimento suave, desenfundo a longa adaga no meu quadril. Então eu cortei a lâmina bem no pulso de Killian, fazendo a mão que carregava o anel da Lágrima da Deusa deslizar para o lado.
Ele grita de dor, olhando para o braço mutilado incrédulo.
À medida que a magia da Lágrima desaparece, as teias de aranha se dissipam da minha mente.
Noemi ofega ao meu lado enquanto sua mente também clareia. Seus olhos endurecem instantaneamente, e ela puxa sua própria adaga.
"Peguem ele", eu digo, minha voz carregada de violência.
Ela não precisa ser chamada duas vezes. "Isso é pelo que Cyril e Alistair fizeram comigo." Ela crava sua adaga direto na virilha dele. Killian desaba no chão, seus gritos aterrorizantes ecoando no acampamento chocado e silencioso.
Noemi se afasta, e eu passo em direção a ele. "Diga a Alistair que Lucien manda lembranças," digo friamente.
Killian abre os olhos, o rosto contraído em uma máscara suplicante. "Gatinho," ele ofega. "Você e eu sabemos que você não é capaz de me matar. Você nunca foi."
"Estou realmente de saco cheio de você me contar quem eu sou, Killian," eu consigo dizer. "Mas eu sei exatamente o que fazer com essa sua boca esperta."
E com um movimento suave, enfio minha longa adaga diretamente na boca dele, observando seus olhos se arregalarem, e ele engasga com o metal frio e o rio de sangue que segue.
Então puxo a adaga para o lado de volta. Toda a fúria e indignação de toda a

minha vida estão contidas no movimento do meu braço enquanto corto a arma no pescoço de Killian.
Decapitá-lo.

60



MERYN

O corpo decapitado de Illian tomba para o lado e desaba no chão. Uma fumaça estranha, azulada, sai de seu pescoço sangrando, e por um momento, vejo aquele brilho de olhos azuis novamente, o olhar estranho de Alistair.

Então ele se foi.

Inspiro fundo e me agarro às minhas sombras com toda a força, contendo o caos, e rapidamente disperso a magia ao nosso redor antes de simplesmente soltar, caindo de joelhos na terra ensanguentada.

Deixei-me afundar no chão, vazio, exausto.

De repente, está tão claro e ensolarado. O céu acima de mim está claro e azul, como se tudo o que acabou de acontecer fosse apenas um sonho.

Eu o encaro, atordoado, e por um longo momento, minha mente está abençoada de dor, do barulho das vozes e do zumbido e do puxão da magia. A cor é tão pura, o azul tão vibrante. É como se estivesse me lavando limpo.

Então a dor volta de repente. Anassa.

Me puxo para o lado dela, examinando-a freneticamente.

Ela está enfraquecida, mas viva. Seu peito sobe e desce com a respiração. Chorando, me jogo ao lado dela. "Você ainda não se livrou de mim," sussurro.

Tiro minha jaqueta e a pressiono contra o ferimento dela, segurando-a, embora felizmente já tenha diminuído para um fio.

Os uivos dos lobos gigantes por todo o acampamento me trazem de volta ao momento. Stark e Cratos retomam seu controle sobre eles, aproveitando o caos causado pela morte de Killian e o fim do poder de Tear.

O pulso que segura minha pulseira de noivado formigava, e eu levanto o braço e observo maravilhado enquanto o metal afrouxa, o rubi clareando do vermelho sombrio para o brilho cru de uma gema normal e sem vida.

Como se estivesse ali o tempo todo, uma emenda no metal aparece, apenas a linha preta mais tênue na alvenaria, com um fecho simples mantendo-a fechada. Sentindo que poderia chorar, toco timidamente o fecho, depois uso a unha para abri-lo, observando enquanto a pulseira se abre. Ela fica balançada no meu pulso para um último suspiro.

E cai na terra ao meu lado.

Um movimento tão pequeno. Um pedaço tão pequeno de metal. Meu corpo

inteiro está mais leve.
O espaço ao meu lado esquenta, e eu estremeço. Ele não precisa falar. Meu corpo o reconhece.
Eu me viro, e Stark se agachou ao meu lado. Eu me jogo nos braços dele, e ele me puxa para perto. Ele me esmaga tão forte que acabo no colo dele, meu rosto escondido no pescoço dele e o pulso dele pulando contra meus lábios.
Cratos foi direto ao lado de Anassa, se inclinando para lavar o rosto dela com a língua. "Stark, será que Cratos pode dizer—"
"Ela vai ficar bem," confirma Stark. "O ferimento é sério, porém. Ela precisa de descanso e tempo para se recuperar."
Solto o ar, mais um peso caindo dos meus ombros.
Os braços dele ao meu redor são uma âncora. Isso é real. Na verdade, finalmente estou livre do Killian de vez.
Nenhum de nós precisa de palavras. Quando vier a seguir... Estou livre.
Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Elas escorrem do meu queixo para o ombro de Stark, e eu aperto os olhos com mais força, bloqueando tudo, exceto a pressão dele contra mim, seu peito tão quente e sólido, seu abraço—seu amor—mais forte do que qualquer coisa que já conheci.
"Meryn", diz Noemi com voz trêmula.
Eu me afasto de Stark e olho para ela. Ela sorri, mas há uma dor persistente em seus olhos. Quando estendo a mão para ela, o alívio a afasta. Eu a puxo para mim e a abraço também, na esperança de que isso lhe dê um pouco da força que Stark acabou de me dar.
"Me desculpe," ela diz com um fungar. Ela segura entre nós o anel que puxou do dedo de Killian.
Eu aceito e o sustento sob esse sol novinho em folha. A opala brilha tão inocentemente. Não deveria ser tão bonito. "Você não precisa se desculpar, Noemi. Ele também me controlava, não era? Nada do que você fez foi culpa sua."
Noemi engole em seco, lágrimas nos olhos, mas acaba assentindo. "O que você vai fazer com o anel? Com tudo isso?" ela pergunta.
Fecho firmemente no punho antes de enfiá-lo na bolsa que guardava as outras Lágrimas. Cansado, me aproximo do corpo de Killian, pegando as Lágrimas que ele tirou de mim de onde caíram ao redor dele.
Balançando a cabeça, digo a ela: "Ninguém deveria ter o poder de comandar adoração. Poder manipular tantos? Dobrar mentes à sua vontade? Não existe ninguém no mundo que deva ter esse poder."
"Mas o resto?" Ela levanta a mão para apontar para o resto das pedras preciosas.
O cansaço me domina enquanto penso no que precisa ser feito. "Preciso devolver as duas Lágrimas do Lucien para ele em Astreona. E os outros... Há uma parte de mim que quer pegar os três que descobrimos e destruí-los ou enterrá-los em algum lugar onde nunca serão encontrados."
Noemi está concordando, mas a expressão de Stark está tensa. Até mesmo sombreado.
"Você não concorda?" Perguntei a ele.
"Concordo com o que você decidir. Você está no comando."
Essa resposta me azeda no estômago, mas não tenho tempo de tirá-lo de trás das

paredes. O acampamento de guerra de Killian está voltando à vida. Aqueles pegos na maré de sua magia piscam de volta para si mesmos, cambaleando para a luz, pedindo respostas.
Enquanto Stark me ajuda a ficar de pé, faço a pergunta mesmo sabendo já a resposta. "Tormun?"
"Ele estava sob o controle de Killian", responde Stark. "Mas, de qualquer forma, ele não ia ser subjugado. Cratos e eu fizemos o que precisava ser feito."
Então ele está morto. A matilha Phylax está sem um Alfa.
Um estrondo abala ainda mais o acampamento de Killian. Eu reconheceria esse som em qualquer lugar. Dezenas de lobos cavalgando juntos, patas pulsando e mentes dos cavaleiros fervendo de esperança.
Os Bonded estão descendo as encostas a partir da direção de Blumenfall. Egith está à frente da marcha, ombros para trás e cabeça erguida. Solto um pequeno grito de vitória e tropeço para frente.
Eles estão diante de nós momentos depois, e eu estendo a mão para o lobo dela, Sofos. "Anassa está ferida", digo, embora as palavras sejam desnecessárias — Sofos já deve ter percebido.
Egith desce das costas do lobo, e Sofos corre para o lado de Anassa.
"Estou tão feliz que você está seguro. Que todos vocês estão seguros", digo a Egith, a voz falhando de cansaço.
"Obrigada por chegar a tempo", ela me diz. "Por impedi-lo." Ela respira fundo. "Blumenfall tem sido firme e leal a você e a todos os Vinculados, mas não havia como conseguirmos conter o ataque dele. Volte para a cidade conosco. Vamos trazer Anassa imediatamente para ser atendida, e podemos te instalar na mansão do Lorde Blumenfall."
Levanto o canto da boca. "Obrigado, Alfa."
Egith inclina a cabeça. Vários dos cavaleiros com ela trabalham com seus lobos para amarrar firmemente a ferida de Anassa. A própria magia de cura de Anassa já está em ação, e sua respiração ofegante começa a aliviar um pouco.
Olhando ao redor, percebo que preciso dizer algo para as pessoas daqui, as do acampamento de Killian. Por mais que eu queira fugir para Blumenfall, cuidar do meu lobo gigante e entrar em coma leve, preciso garantir que essas pessoas saibam que não sou a mesma.
Eu não sou como ele.
Então eu avanço, saindo da confusão de lobos e cavaleiros recém-chegados. Falo alto, e falo claramente.
"Sei que muitos de vocês estavam sob uma influência que não puderam resistir, e eu entendo. Você não será punido, pois não teve livre-arbítrio. Mas teremos muito a reconstruir juntos, e vai levar um tempo para todos nós reconquistarmos a confiança uns dos outros. Eu sei disso."
Os cavaleiros Phylax mais próximos de mim se mexem desconfortavelmente, olhando uns para os outros. Mas eles estão ouvindo.
"Daqui pra frente, seremos mais fortes do que nunca. Se você não acredita que poderia confiar em mim, e não quer fazer parte da matilha que estamos construindo aqui, vá embora agora. Eu não vou atrás de vocês", eu lhes digo.
Quando me viro de volta para Egith, vejo que os lobos e cavaleiros leais fizeram uma maca rústica de tecido de tenda e varas e carregaram Anassa nela. Cratos,

Ephyse e dois lobos que não conheço pelo nome carregam as pontas dos postes nos dentes. A visão deles fortalece minha coragem.
Dou a Egith um sorriso tenso. "Mostre o caminho."



Algumas horas depois, estou parado junto à lareira da enorme suíte de quartos que os nobres acolhedores de Blumenfall deram a mim e a Stark. A gratidão deles parece um lustre brilhante, um guarda-roupa cheio de roupas frescas e uma cama enorme que está me dando ideias.
Eles até forneceram um enorme palete de cobertores e peles para deixar Anassa mais confortável enquanto ela se recupera.
Olho para minha loba gigante com carinho, observando-a dormir. O médico do castelo confirmou que seu ferimento estava limpo e cicatrizando bem. As patas traseiras dela chutam um pouco em sonho. Cratos está esticado ao redor dela, mantendo-a aquecida e segura.
Eu atiço o fogo e vejo as faíscas explodirem da madeira. Algo na simplicidade de trazer esse fogo à vida está me ajudando a me acalmar depois de tudo.
Uma batida na porta me tira do transe, e me levanto para ir atender. Quando eu abro, eu congelo. "Ah."
Ruby está na minha frente. "Estou incomodando—?"
Ela nem consegue fazer a pergunta antes de eu me afastar para deixá-la entrar.
"Fico feliz que você tenha sobrevivido", digo a ela enquanto ela entra. "Acho que tanto Lucien quanto meu pai teriam minha cabeça se você não tivesse, e eu gosto bastante de ter cabeça."
Ruby sorri de forma irônica. Ela claramente não se sente totalmente em seu elemento, estando aqui nos meus aposentos. "Fredrich estava bem quando você o deixou?"
Me aproximo do meu pequeno fogo e cruzo os braços. Ela me observa atentamente. "Ele estava. Ele sente muito sua falta, mas agora está cuidando da minha irmã. Você tem se comunicado com ele?" Acredito que eles conseguem se alcançar mentalmente através do vínculo de sire, e meus ombros se tensionam enquanto espero notícias da minha irmã.
Ela se junta a mim diante das chamas, e elas iluminam seus olhos lindamente.
"Eu já fiz. Ele diz que Saela está se adaptando bem ao tempo em Brightbane. Eles têm viajado pela cidade — ele está tentando alimentar a curiosidade dela o máximo possível. Ele gostaria... bem, ele gostaria de matriculá-la em uma escola, com sua bênção. Pelo menos por enquanto, até você tomar uma decisão definitiva sobre a situação de moradia dela."
Lágrimas ardem nos meus olhos. Uma escola. Achei que esse futuro tinha acabado para a Saela. Em Nocturna, seria; mesmo com a guerra acabada, não vejo uma sala cheia de Nocturnanos recebendo um Sifão em seu meio.
Mas em Astreona...
"Parece ótimo," digo entre a garganta apertada. Não quero pensar na situação permanente dela, ainda não — é doloroso demais para pensar. "Quando você voltar para Astreona, o que vai acontecer?"

Ruby encara a luz das chamas, e a tensão aperta cada vez mais sua testa. Quando fala, soa certa em cada palavra.
"Eu não gostaria de atrapalhar o relacionamento deles. Se eu precisar dar espaço, vou dar. No entanto, se ela quiser me conhecer melhor, eu também gostaria muito."
As palavras dela fazem algo apertar meu peito, e desvio o olhar antes que ela veja o brilho dos meus olhos claramente refletido à luz do fogo.
"Você e meu pai..." Tenho um nó na garganta. Ainda é difícil pensar nele com outra mulher. "Tem sido difícil aceitar que ele está vivo depois de todo esse tempo. Mas fico feliz que ele esteja aqui. Fico feliz que ele e a Saela possam ter um relacionamento. Obrigado por salvá-lo."
Ela se aproxima de mim, abre os braços, e eu levanto a mão. "Posso ser grato, mas você e eu ainda não estamos em um lugar para abraçar."
Ruby ri e inclina a cabeça. "Já?" Um silêncio constrangedor paira entre nós antes que ela tenha pena de mim. "Conversamos mais tarde, tudo bem?"
Assento em concordância, e então ela fecha a porta atrás de si, me deixando em um silêncio suave e crepitante. Com um suspiro, sigo em direção à câmara de banho ao lado. O que encontro lá me espera alivia minha dor de cabeça e alivia o estresse dos meus músculos.
Stark se apoia na borda da enorme banheira com um pequeno sorriso na boca. Ele levanta uma esponja fofinha e seus olhos passam por mim. "Um banho, minha rainha?"
Sorrio e me aproximo dele. "Você mesmo desenhou isso, Alfa?"
Ele se endireita. "Achei que seria bem merecido. Você não vai me fazer correr atrás de você para te limpar dessa vez, vai?"
Guio as mãos dele até meus quadris, e ele se inclina sobre mim. Imediatamente, ele desliza o toque pelas minhas costas, deslizando a mão por baixo da minha camisa e seguindo minha coluna com os dedos. Suspiro e me encosto no peito dele. "Já gastei minha energia de luta por hoje. Sou todo seu, Stark."
A respiração divertida dele faz cócegas no meu pescoço antes de me beijar ali. A esponja acaricia minha lombar, seca, mas macia e cheia de promessas. A barba por fazer de Stark arranha minha palma enquanto guio sua boca até a minha. Os dedos dele começam a desabotoar minhas roupas mesmo enquanto ele me beija em um deslize lento.
Estou exausto, mas estou mais leve do que estive desde que assumi o trono, ou talvez até desde que minha irmã foi levada. Sim, o futuro se abre como um mar. Mas não estou mais ancorado por uma escuridão no meu pulso.
Eu consigo me mexer. Consigo respirar.
Hoje à noite, posso me deixar levar pela sensação dos quadris de Stark encontrando os meus, a mão dele segurando meu seio, os dentes prendendo meu lábio.
Hoje à noite, posso aproveitar a luz e traçar um novo rumo.
Hoje à noite, eu o tenho, e quando ele me levanta sem esforço e entra no banho comigo, nada do resto importa.

61



FORTE

É com um toque rude e angustiante que sou puxado de um sono saciado e tranquilo e levado para um mundo de sombras.

Para o que Meryn conhece como o reino das sombras.

Não contei a ela sobre meu novo acesso a este reino — e tudo que vem junto. Isso tem me destruído.

Mas não tive tempo de descobrir o que, exatamente, precisa permanecer em segredo por causa dos juramentos da nossa família, e do que foi apenas o Siegrid sendo um narcisista reservado e reservado. Eu sei que ela guardava segredos do lobo, Genicos.

Ela me incentivou a ter o mesmo cuidado com Cratos, mesmo antes de saber do vínculo de companheiro de Cratos.

Vou compartilhar o que puder com Meryn, quando for o momento certo. E, enquanto isso, me conforto sabendo que minha lealdade aos juramentos da minha família acaba servindo a ela.

O reino está mais violento do que o normal. Estive aqui apenas algumas vezes desde que herdei meus poderes e responsabilidades. Foi um despertar difícil — perceber a verdadeira extensão do acordo que minha família fez pelo poder todos aqueles anos atrás.

O deus das trevas nunca se mostrou diretamente para Meryn, apenas sussurrou em seu ouvido. Ele nem faz isso desde que Killian começou a usar seus poderes. A pulseira permitiu que Killian tivesse acesso a este reino, então o deus se manteve escondido.

Talvez isso mude agora que Killian se foi.

Talvez Meryn também em breve enfrente o próprio deus dos pesadelos, a fonte de seus poderes cataclísmicos de sombra: seu outro deus-ancestral, Nocturn.

Como se pensar em seu nome o evocasse, o próprio deus sai das sombras. Se ele esteve lá o tempo todo ou se vai e vem, não posso dizer.

Sua pele alabastro e cabelos preto-azulados parecem brilhar com fogo azul. Ele parece mais focado esta noite, de alguma forma. Mais afiado, quase mais real que a própria realidade. Mais forte, o zumbido da aura mágica dele mais agudo do que nunca, deixando meus dentes em alerta.

A mudança me deixa inquieto.

Quando ele se aproxima, travo meus músculos para não recuar. Os sentimentos que retorcem meu estômago são duros em sua desconhecida.

Pavor. Medo.

"Para que até o poderoso Soberano Alfa possa temer algo," vem a voz de Nocturn, o som de lobos rosnando e avalanches sufocantes.
Com esforço, mantenho o rosto calmo, encarando-o, mesmo sabendo que é inútil.
Ele pode enxergar direto na minha mente e pegar o que está escondido à vontade.
Num piscar de olhos, as sombras azul-fogo de Nocturn estão na minha garganta, apertando, sua força me levantando do chão turvo. Meus pés balançam desesperadamente, e eu ofego.
Posso usar minha própria magia aqui, ou será inútil já que vem dele? Será que ele me mataria? E o que aconteceria se eu morresse aqui, neste reino das sombras? Meu corpo permanecerá no mundo real, vivendo, separado da minha mente?
Atacando antes que eu possa pensar, com toda a força do meu corpo, tento afastar suas sombras.
A força furacão do meu poder—um poder tão forte agora que poderia destruir uma pequena fortaleza no mundo desperto—só afrouxa seu aperto por um momento, e isso o enfurece ainda mais.
"Você ousa usar meus dons contra mim?" desliza sua voz. O som vem da minha mente e do mundo ao meu redor, se acumulando na minha cabeça até eu sentir que estou enlouquecendo.
As sombras de Nocturn me envolvem, me envolvendo até que meus braços fiquem presos pelo corpo, depois torcendo até que meus membros fiquem contorcidos e puxados em ângulos estranhos.
Tendões gritam e músculos se rasgam.
Pela garganta apertada, solto um grito sufocado, mas o som é cortado pelas camadas de sombra ao nosso redor, minha voz tão impotente quanto minha magia aqui.
"Eu te dei uma ordem, e você me desobedeceu, miserável!" Nocturn está mais perto agora, e a estranha sombra azul que sai dele é quase cegante, um paradoxo de sombra e luz. "As Lágrimas precisam ser reunidas!"
Sei que não tenho chance de escapar da magia dele até que ele esteja pronto para me deixar ir, mas ainda assim meu corpo luta contra a dor, as limitações—décadas de treinamento enraizadas demais para me deixar me render.
Nocturn ri enquanto me vê lutar e me contorcer. O som é áspero e desconcertante, metal rangendo contra metal.
"Por quê?" Eu solto um suspiro, e Nocturn permite que as sombras na minha garganta se aliviem o suficiente para que eu possa falar com ele. "Por que eu, por que agora? Por que você não se libertou antes disso, em todos esses milênios?"
O laço no meu pescoço aperta novamente, e lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos enquanto luto por fôlego.
Nocturn cresce diante de mim, dobrando de tamanho, triplicando, mais. Ele se agacha sobre mim até eu ficar tão pequena quanto o menor inseto olhando para cima para um gigante enorme acima.
"Você acha que eu não tentei?! Ela me tinha preso tão apertado. Só agora, com suas Lágrimas quase reunidas, posso vir para sua família assim, me mostrar plenamente, e não apenas soltar sussurros miseráveis à noite."

A voz dele cresce até meus tímpanos poderem estourar. "Quanto mais perto as Lágrimas estão, mais perto eu chego da liberdade. Ela me chama, cantando à noite. Você me negaria minha liberdade?!"
Sei que ele consegue ler meus pensamentos, mas não consigo esconder minha reação imediata a isso:
Com certeza, eu impediria esse monstro de ser liberado.
Minha família pode estar em dívida com ele; Ele pode ser a fonte sombria do nosso poder e força. Mas sei que, com todo o meu ser, há uma razão muito boa para Nocturn ter sido afastado do nosso mundo, preso todos esses anos.
Não serei eu quem vai desencadear essa loucura em nosso mundo. No momento em que eu estiver longe deste lugar, vou ajudar Meryn a fazer o que ela disse: separar todas as lágrimas e escondê-las para sempre.
Assim que penso nas palavras, as empurro para longe, de volta para o canto mais distante da minha mente, onde até eu mal as percebo.
Mas não é rápido o suficiente. Ele ouve meus pensamentos. Ouve minha desobediência.
E a raiva de Nocturn multiplica por mil.
Todo o reino ao nosso redor parece tremer e se torcer, o mundo se despedaçando como se os humores de Nocturn pudessem despedaçá-lo como papel. Nocturn oscila entre sua estatura imensa e a forma à qual estou acostumado e algo mais, algo como um vendaval de sombra torcido, um vazio eterno assustador.
"Se você não quiser, eu mesmo faço!" As palavras vêm do nada e de todo lugar.
De repente, as amarras ao meu redor caem. O alívio de estar fora do torno doloroso dura apenas meio momento. Então a estranha piscina de energia negra se transforma em uma onda de sombra e voa direto em minha direção.
A sombra me atinge, atravessa, e eu caio, caindo sem fim pelo nada, poder sombrio ao meu redor, acima de mim e abaixo, e—
Eu acordo.
Meus olhos lutam para focar por um momento, a dor impossível da tortura de Nocturn ainda afetando meus membros.
Consigo ouvir Meryn dormindo ao meu lado, dormindo pacificamente pela primeira vez; Pois esta noite, o mundo das sombras me assombra e não ela.
Tento levantar a mão, estender a mão para acariciar sua bochecha — e percebo que não consigo.
Meu corpo não obedece aos meus comandos.
A força sombria da minha magia dentro de mim se estende e cresce, e com medo, percebo que é muito mais do que os efeitos residuais do mundo dos sonhos, muito mais do que a magia que minha família recebeu.
Eu me movo, observo sem conseguir me conter enquanto saio da cama, caminho até as malas da Meryn.
O próprio Nocturn está me animando.
Consigo sentir sua presença de longe, ouvir sua risada estridente enquanto resisto em vão, tentando retomar meu corpo, meus movimentos. Sem sucesso.
Minhas mãos abrem a bolsa em cima, aquela que segura os cacos da Lâmina Dire. Nocturn encontra primeiro o cabo da lâmina e, ao puxá-la, uma enorme onda de energia invade meu corpo.
As peças se levantam do saco em um turbilhão de sombras enquanto o poder

percorre meu corpo e entra no cabo. Os fragmentos se fundem uns aos outros, reformando e remodelando a espada. Onde há brechas—peças faltando—a sombra mergulha e depois desaparece, revelando novo metal.
O choque me abala até o âmago, me atravessando em uma explosão de calor. O calor aumenta, até perceber que é o poder de Nocturn—me queimando, e para ele, nada mesmo.
As sombras desaparecem, e em minha mão está a Lâmina Terrível reforjada—brilhante e inteira.
Nocturn joga a espada distraidamente no chão, alcançando as bolsas de Meryn e abrindo a próxima. Joias brilham à luz do fogo, e ele estende minha mão, cuidadosamente puxando cada precioso Tear, colocando-os no chão.
Com uma facilidade e força que não consigo compreender, minhas mãos arrancam facilmente as opalas de suas amarras: primeiro as Lágrimas das duas coroas, depois os colares, e finalmente o do anel de Killian.
Cada um deles queima minha pele enquanto o seguro, mas minha casca de corpo não liga, lidando com eles como se fossem apenas pedras.
Eu sei o que está por vir enquanto me vejo arrumar as Lágrimas no chão naquele mesmo padrão de estrelas que vimos no diário da mãe da Meryn: seis apontando para fora em círculo, e uma diretamente no centro.
Eu sei o que estou fazendo, mas sou impotente para fazer qualquer coisa além de assistir.
No momento em que a Lágrima final é colocada, a sombra de Nocturn se esvai de mim, e estendo a mão desesperadamente para espalhar as gemas—
Mas, claro, já é tarde demais.
A realidade parece se fragmentar, deslizando por um momento aterrorizante, revelando camadas de matéria, sombra e luz.
Então o mundo se reúne, e todo o ar em nossos quartos vira relâmpago e fogo, meu hálito queimando minha garganta.
Há um enorme BOOM ecoante em algum lugar a oeste de nós, e da janela eu assisto com pavor enquanto o céu muda de cores que nunca vi antes e não sei nomear, atravessadas no centro por um risco verde tão intenso que deixa de ofuscar.
Então, para o leste, outro BOOM, devastador em seu impacto, tão alto que parece que meus ouvidos estão desabandando. Por um momento nauseante, a terra e o céu se invertem, antes de se recomporem de forma desconfortável.
Coloco minhas mãos sobre meus ouvidos doloridos, mas isso não bloqueia o enorme BOOM final em algum lugar distante, além do horizonte.
Enquanto minha audição e visão se estabilizam, me viro de onde estou agachado no chão ao ouvir a voz de Meryn. "Stark? O que você está fazendo? O que... o que foi isso?"
Ela sai da cama antes que eu possa impedi-la, olhando curiosa para o padrão que as Lágrimas formam no chão.
"Eu não entendo. O que está acontecendo?" A confiança na voz dela parte meu coração e rouba meu fôlego.
"Meryn—" Minha língua está como cinzas na boca. "Minha família. Tem algo que eu não te contei. Eu nunca menti. Juramos protegê-lo. Era nossa missão mais sagrada. Ou pelo menos era o que eu pensava..."

A compreensão que surge em seu rosto é como uma visão da minha própria perdição enquanto eu expulso as palavras finais e venenosas.
"Mas todo esse tempo, éramos apenas brinquedos dos deuses. Meryn..."
A verdade é como uma sentença de morte.
"Minha família não é jurada aos Sturmfrost. Estamos jurados — a Nocturn. O deus das trevas voltou."

Junte-se à Nação NOVL:
theNOVL.com/enewsletter

Reservado a semana toda.
theNOVL.com
Instagram.com/TheNovl
TikTok.com/@TheNovl
X.com/theNOVL
Facebook.com/TheNovl

AGRADECIMENTOS

Obrigado, antes de tudo, a todos os nossos leitores — aqueles que vieram à nossa série recentemente e aqueles que estiveram conosco desde o início, especialmente nossos leitores do Dire Bound ARC. Você foi imensamente paciente enquanto este livro passava para a publicação tradicional, e esperamos que tenha gostado de ler tanto quanto nós gostamos de escrevê-lo para você.

Aos nossos heróis da Requited: Obrigado por serem nossos parceiros editoriais dos sonhos. Ruqayyah Daud, nossa maravilhosa editora — este livro não seria nem metade do que é sem você. Obrigado por nos apoiar em todas as revisões necessárias e por nos dar notas tão cuidadosas, e obrigado ao Dael Ki por se juntar à aventura. Um enorme agradecimento também à Lisa Yoskowitz, Jackie Engel e Megan Tingley! Somos imensamente gratos ao restante da equipe da Little, Brown e Hachette — nossas brilhantes equipes de produção e design: Jen Graham, Marisa Finkelstein, Jonathan Lopes, Sasha Illingworth, Patrick Hulse, Tuesday Hadden e Sasha Vinogradova; nossas equipes de divulgação e marketing dedicadas: Cheryl Lew, Mary McCue, Stef Hoffman, Savannah Kennelly e Emilie Polster; nossa genial equipe de vendas, que fez um trabalho notável colocando nossos livros diante dos leitores: Danielle Cantarella, Mackenzie Bronk, Molly McLaughlin, Stephanie Licciardi, Allison Stegeland, Dan Kosack, Mary Urban, Cristal Sanchez, Agustina Casal, Marissa Baker, Lauren Monaco, Chrissy Heleine e Nicky Devaney; e para a equipe de áudio, que dá vida a uma versão incrível e nova dessa história: Melanie Schmidt, Lara Ziccardi, Avery Caris e Gabriel Michael.

Conseguimos passar nosso tempo escrevendo e não ficando obcecados com negócios graças às mulheres brilhantes que temos ao nosso lado na WME. Caitlin Mahony, agente dos nossos sonhos, obrigada por segurar nossas mãos e estar ao nosso lado — somos muito sortudos por trabalhar com você. Abraços e agradecimentos também a Suzy Ball, Frankie Yackle e Mary Pender.

Este livro foi um enorme trabalho feito com amor e muito mais difícil de escrever do que esperávamos. Nossos incríveis leitores beta viram uma versão anterior, muito mais bagunçada, e nos ajudaram a identificar o que não estava funcionando, resultando em mudanças enormes. Não podemos agradecer o suficiente a todos por nos darem seu tempo e sua inteligência. Sem ordem específica: Sam, Rebecca Williams, Bryn McDaniels, Cambria, Aryana Schneider, Amanda Powell, Taylor Jaye, Amanda Bundren, Michelle Wynne-Feigin, J.B. Lee, Kiyeereads, Gina Sheets, Courtney Pomietto, Jorinde Pels, Rachel Zimmerman, Jade, Ashley Kreib. E um agradecimento extenso à nossa equipe original de leitores beta de Dire Bound.

Ainda temos muita gratidão aos influenciadores que chamaram atenção para

Dire Bound — obrigado por tudo que fazem pela comunidade literária e pelas formas como elevam tanto autores quanto leitores. Esta é uma lista pequena e certamente incompleta, mas um agradecimento especial para Janessa (@meemoreads), Lauren (@bookhuddle), Bailee (@bailees_bookshelf), Amanda (@amandathebookworm), Shaelin (@shaelinslibrary), Kaila (@kaila.books), Jaimee (@thtgrlreads), Emmy (@whatemmyreads), Laura (@_laurareads_), Laura (@elitereading), Nash (@nash.. lê), Emily (@emfunnsbooks), Sue (@suegainz), Tammi (@bookishbytammi), Luke (@lukesxlibrary), Tia (@tias.bookshelf_), Rae (@rae.in_wonderland), V (@bookmarked.byv), Alexandra (@fictionfeedsalex), Nicole (@njoybookstoday) e Katherine, Lindsey e Kelly do podcast Banter & Bookmarks (@banterandbookmarks).

Nos últimos dois anos, tivemos a grande sorte de conhecer tantos autores do universo romantístico, incluindo aqueles do universo crossover/híbrido que está se desenvolvendo entre o indie e o tradicional. Aos nossos amigos autores que nos deram orientação e apoio: obrigado, do fundo do coração. Autores independentes são empresários geniais, e nos sentimos muito sortudos por fazer parte dessa comunidade incrível.

De Eliza: Obrigado novamente aos meus pais, Vicky e Duffy, meu irmão, Ian, minha avó Carole e meu avô Maury, e obrigado também aos meus sogros, Marc e Mary. Sou abençoada por ter uma família tão solidária — mas vamos continuar fingindo que você nunca leu as cenas picantes. Meus amigos têm sido um grande apoio este ano, e sou especialmente grata àqueles que acenaram educadamente com a cabeça para os desabafos descontrolados e se admiraram e admiraram com as atualizações sobre nossos livros. Drew, você é a cola da nossa família (queria ter uma analogia mais sexy do que essa, mas ainda não tomei café suficiente e é verdade) e o MMC dos meus sonhos. Eu não teria sobrevivido ao último ano sem você, de tantas maneiras. Desculpe por ser tão caótica e bagunçada quanto a Meryn e por você ter percebido imediatamente esse self-insert ao ler Fury Bound. C&S: Tudo é para você, sempre.

De Annie: Obrigada à minha família, que tem sido minha torcida e apoio emocional em cada etapa desta jornada. Para minha mãe: Obrigada por ser a melhor revisora e a fã mais barulhenta que existe! Pai, obrigado pelas conversas intermináveis sobre detalhes do negócio e por estar tão empolgado quanto eu com cada novo marco. Sophie, Andy, Peter, Anterra: Vocês são os melhores e eu amo vocês. Jason, obrigado por me dar a mão em cada passo dessa jornada selvagem e louca. Nina, Ellie, Candace, Tara, Joan, Trevor, Rashmi, Amy, Elena, Christine, Hannah Y., Danielle, Hannah R., Zenab, Beth, Tiffany, Denise, Megan, Julianne, Helen, Katharine e todos os outros do nosso maravilhoso grupo de amigos "família encontrada": vocês me mantiveram são, e não tenho palavras para agradecer. Elle e V: Obrigada pelas datas de escrita e pela companhia neste último ano. Estou tão feliz por ter sua amizade! E para quem ainda estiver lendo isso, obrigado. Leitores são as melhores pessoas, e sou muito grata por você ter pegado este livro.

Descubra sua próxima grande leitura

Confira prévias, recomendações de livros e notícias sobre seus autores favoritos.

Clique aqui para saber mais.

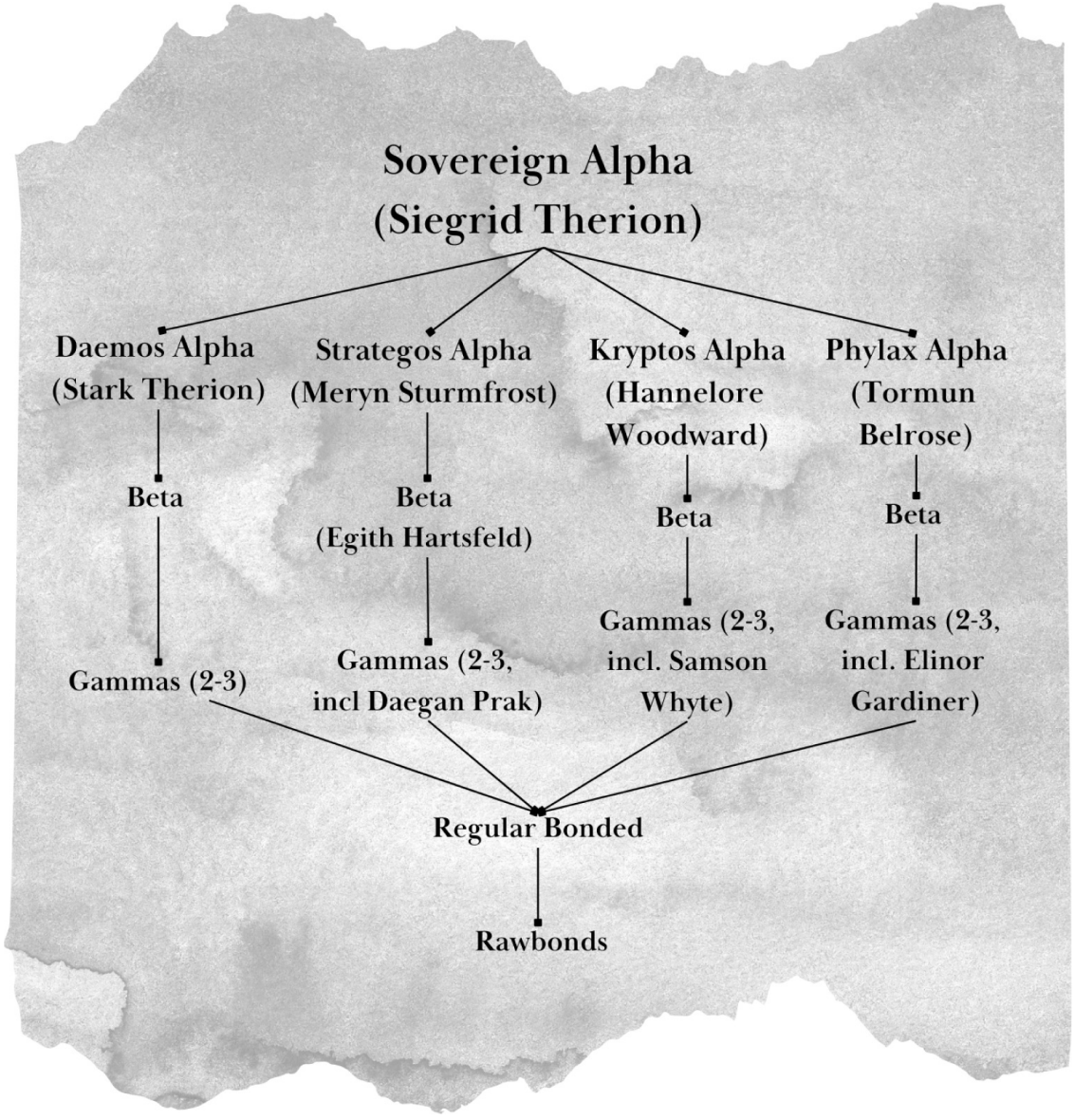


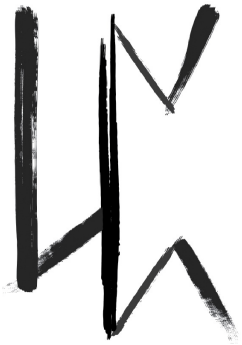
POR SABLE SORENSEN

OS LOBOS DA RUÍNA

Destino Direto
Fúria Ligada

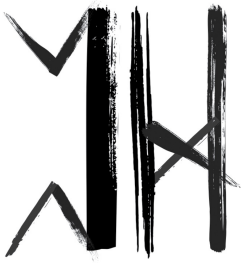
UM GUIA PARA AS MATILHAS VINCULADAS DE NOCTURNA





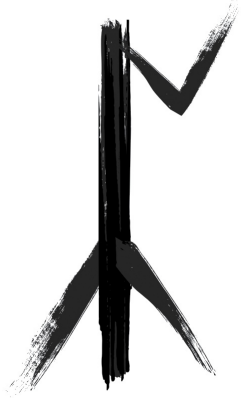
STRATEGOS (stra-TEE-gos)

Os táticos e líderes das matilhas Bonded, mestres da estratégia e do comando no campo de batalha. Sua magia de comunicação é mais forte que a das outras matilhas, permitindo que estrategizem e discutam táticas em batalha; Eles também recebem lampejos de visão mágica, breves vislumbres de futuros imediatos possíveis. Os lobos Strategos têm todos coloração prateada e/ou branca, e seus cavaleiros têm uma mecha prateada no cabelo.



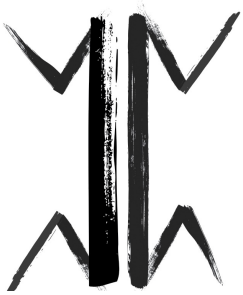
DAEMOS (DAY-MOS)

Os guerreiros das matilhas de Vinculados, conhecidos por sua brutalidade e destreza física em batalha. Sua magia pode torná-los mais fortes, rápidos e mortais em batalha, e pode até ser usada como arma contra inimigos por alguns (isso é conhecido como "impelling"). Todos os lobos de Daemos têm coloração escura; alguns são de um preto profundo, e seus cavaleiros têm uma mecha vermelha sangue no cabelo.



INSTRUÇÕES (KRIP-tos)

Os caminhantes das sombras e espiões das matilhas de Bonded, especializados em furtividade e coleta de informações. Capaz de usar magia de ocultação que dobra luz e sombra para ajudar na furtividade, conhecida como "rifting"; Em certos horários do dia ou em certas condições, Wolf e Rider podem se tornar quase invisíveis. Os lobos Kryptos têm uma pelagem cinza mais escura ou manchada, e seus cavaleiros têm uma mecha azul profunda no cabelo.



FILAX (FY-lax)

Os guardiões das matilhas Vinculadas, focados em defesa e proteção. Capaz de magia defensiva, conhecida como "escudo", que pode variar de pequenas barreiras temporárias a grandes cúpulas protetoras quando a matilha trabalha junta. Lobos em Phylax têm coloração castanha e bege, e seus cavaleiros têm uma mecha castanha no cabelo.

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Alfa: O membro de mais alta patente de cada matilha, escolhido pelos lobos gigantes.

Ascensão: A primeira das Provas de Ligação; uma escalada perigosa ao Monte Acônito, onde potenciais Bonded precisam provar que são dignos de se vincular a um lobo gigante.

Astreona (como-árvore-OH-na): O reino dos Sifões.

Beta: Segundo no comando de uma matilha; cuida das operações diárias.

Vinculado: Um humano que conseguiu se vincular com um lobo gigante, formando uma conexão telepática, e completou seu treinamento.

Cidade Vinculada: A cidade rica e isolada atrás do castelo onde os Vinculados e suas famílias residem.

Provas de Vinculação: O período de quatro meses de treinamento Rawbond, composto por diferentes Provas para testar a conexão de um Rawbond com seu lobo gigante e sua adequação para sua matilha.

Conselho Palast: O conselho consultivo do governante de Nocturna.

Lâmina Dire: A antiga espada empunhada pelos reais noturnos que permite o controle sobre os lobos gigantes.

Emberwine: Um álcool temperado popular em Nocturna, frequentemente servido quente.

A Deusa Sem Rosto: Antiga divindade cujo verdadeiro nome e aparência se perderam com o tempo.

Previsão: Vislumbres do futuro imediato, geralmente acessíveis apenas quando mentalmente conectados a um grupo de membros da matilha Strategos. A Rainha Meryn pode acessar a previsão por conta própria e enxergar mais longe no futuro, embora as visões se tornem muitas quando o futuro é incerto.

Forja: Os dois primeiros meses das Provas de Ligação focaram na unidade da matilha.

Gama: Terceiro em hierarquia de uma matilha; normalmente dois ou três escolhidos em cada baralha.

Impulsor: Uma explosão mágica de força que pode empurrar inimigos para trás como o vendaval de um furacão. Esse poder é detido apenas pela matilha

Daemos e pela Rainha Sturmfrost.

Companheiro: O parceiro destinado de um lobo gigante; cada vez mais raro de encontrar.

Monte Wolfsbane: Pico mais alto da cadeia de montanhas ao norte de Sturmfrost, onde os lobos gigantes e os Bonded formam seus laços.

Sagitadores: Como os plebeus chamam os sequestradores que levam crianças das ruas, presumivelmente serem Sifões ou aliados aos Sifões.

Nocturna (nok-TUR-na): O reino onde Dire Bound se passa.

Provando: Os dois dois meses dos Testes de Vinculação, focados na coordenação entre matelas.

Rawbond: Um aprendiz recém-vinculado que ainda não completou o treinamento.

Rifting: Manipular magicamente as sombras e a luz já ao seu redor para que não sejam vistas. Esse poder é detido apenas pela matilha Kryptos e pela Rainha Sturmfrost.

Dobra de Sombra: Usar magia das sombras para manipular o mundo físico ao seu redor. Esse poder é detido apenas pelo Alfa Soberano e pela Rainha Sturmfrost.

Escudo: Criar uma barreira mágica para afastar golpes, ou para reforçar ou apoiar algo ou alguém. Esse poder é detido apenas pela matilha Phylax e pela Rainha Sturmfrost.

Sifões: Seres imortais semelhantes a vampiros que se alimentam da força vital humana e manejam magia de sangue.

Alfa Soberano: O mais alto escalão de todos os Vinculados, que pode se comunicar com todos os lobos de matilha.

Sturmfrost (STURM-gelo): A cidade real de Nocturna e lar de Meryn.

Rainhas Sturmfrost: A linhagem histórica dos governantes matriarcais em Nocturna, coletivamente referidas por esse termo.

GUIA DE PERSONAGENS

Alistair Brightbane (AL-iss-tare)
Sifão do usurpador de quem descende a linhagem Valtiere; habita as mentes primeiro de Cyril e depois de Killian Valtiere

Agmatta (ag-MA-ta)
A loba gigante fêmea se vinculou a Nevah Rivenson

Anassa (ah-NAS-sa)
A loba gigante fêmea se vinculou a Meryn Sturmfrost

Asteio (Ah-FICA-oh)
A loba gigante fêmea se vinculou a Izabel Brooks

Cratos (KRAY-tos)
O lobo gigante macho se vinculou a Stark Therion

Cyril Valtiere (SEE-roll, VAL-tee-air)
Ex-Rei de Nocturna; Pai de Killian

Egith Hartsfeld (EE-gith)
Beta do pacote Strategos

Ephyse (EFF-iss)
O lobo gigante macho se ligou a Noemi

Filikos (FIL-ee-kos)
O lobo gigante macho se ligou a Tomison Thorne

Hannelore Woodword (HAN-nuh-lore)
Alfa da matilha Kryptos

Henrey Smythe (HEN-ree SMITH)
Ex-Rawbond na matilha Phylax; único outro Rawbond que não veio de uma família Vinculada no ano de Meryn

Genicos (JEN-eh-kos)
O lobo gigante macho se vinculou ao Soberano Alfa Siegrid Therion

Igor (EE-gor)
Vizinho de Meryn e treinador de lutas de fosso

Isabel Brooks (IZ-ah-bell)
O amigo mais próximo de Meryn entre os Vinculados; um membro da matilha Strategos

Jonah (JOE-nuh)
Membro da matilha Daemos; inimigo de Meryn

Killian Valtiere (KILL-ee-an VAL-tee-air)
Ex-Príncipe Herdeiro de Nocturna e ex-noivo de Meryn Sturmfrost

Lucien Brightbane (LOO-shen BRYTE-bane)
Rei sifão de Astreona

Matrona Alienor (AH-lee-nor)
Matrona do castelo de Sturmfrost, responsável pelas instalações, equipe e mais

Meryn Sturmfrost, anteriormente Cooper (MARE-in)
Lutadora de rua, filha, irmã — e recruta relutante dos Bonded que virou rainha de Nocturna e Alfa da Matilha Strategos

Madre Sacerdotisa
O chefe da religião que adora a Deusa Sem Rosto

Nevah Rivenson (NEH-vuh)
Um dos companheiros de Meryn da matilha de Strategos

Noemi (Não-EH-eu)
Membro da matilha Phylax e filha de Lorde Eisenfall; Proximidade com Stark

Ruby Navarro (ROO-bee)
General do exército do Sifão

Saela Sturmfrost, anteriormente Cooper (SAY-la)
Irmã mais nova de Meryn

Siegrid Therion (SEE-grid THAY-ree-un)
Alfa Soberano de Nocturna e mãe de Stark Therion

Skaia (SKY-uh)
A loba gigante fêmea se vinculou a Venna Brooks

Stark (Valstark) Therion (Stark THAY-ree-un)
Matilha Alfa de Daemos

Tomison Thorne (TOME-iss-un)
Um dos companheiros de Meryn da matilha de Strategos

Tormun Belrose (TOR-mun)
Alfa da matilha Phylax

Venna Brooks (VEN-na)
irmã gêmea de Izabel; um membro da matilha Kryptos

PLAYLIST DE
LIGADA A FÚRIA

"Ansiedade"—Doechii

"vampiro"—Olivia Rodrigo

"Como os Vilões São Feitos"—Madalen Duke

"te consertar"—Christina Perri

"Castelo"—Halsey

"Olha o que você me fez fazer" — Taylor Swift

"ASSASSINO PSICOPATA"—PROCURADOR, Raye Zaragoza

"Poder é Poder"—SZA, The Weeknd, Travis Scott

"Torne-se a Fera"—Karliene

"Sem vergonha"—Camila Cabello

"Marcas de Mordida"—TEYA, Música de League of Legends

"Todo mundo quer dominar o mundo"—Lorde

"Mulher Perigosa" — Ariana Grande

"Torre das Memórias"—Ivri

"Encontre-me na Floresta" — Lorde Huron

"Não me culpe" — Taylor Swift

"Poder & Controle"—MARINA

"Sete Demónios"—Florence + A Máquina

DESCUBRA O QUE VEM A SEGUIR EM RUIN BOUND

EM BREVE

RAISING READERS

Books Build Bright Futures

Thank you for reading this book and for being a reader of books in general. We are so grateful to share being part of a community of readers with you, and we hope you will join us in passing our love of books on to the next generation of readers.

Did you know that reading for enjoyment is the single biggest predictor of a child's future happiness and success?

More than family circumstances, parents' educational background, or income, reading impacts a child's future academic performance, emotional well-being, communication skills, economic security, ambition, and happiness.

Studies show that kids reading for enjoyment in the US is in rapid decline:

- In 2012, 53% of 9-year-olds read almost every day. Just 10 years later, in 2022, the number had fallen to 39%.
- In 2012, 27% of 13-year-olds read for fun daily. By 2023, that number was just 14%.

Together, we can commit to **Raising Readers** and change this trend. How?

- Read to children in your life daily.
- Model reading as a fun activity.
- Reduce screen time.
- Start a family, school, or community book club.
- Visit bookstores and libraries regularly.
- Listen to audiobooks.
- Read the book before you see the movie.
- Encourage your child to read aloud to a pet or stuffed animal.
- Give books as gifts.
- Donate books to families and communities in need.

BOB1217

Books build bright futures, and **Raising Readers** is our shared responsibility.

For more information, visit **JoinRaisingReaders.com**

Sources: National Endowment for the Arts, National Assessment of Educational Progress, WorldBookDay.com, Nielsen BookData's 2023 "Understanding the Children's Book Consumer"